

# Pandemia e produção de sentidos: relatos, diálogos e discursos



Organizadores: Aline Weschenfelder, Antônio Fausto Neto, Antônio Heberlê,  
Inesita Soares de Araújo, Laura Guimarães Corrêa, Pedro Russi



**Universidade Estadual da Paraíba**

Prof<sup>a</sup>. Célia Regina Diniz | *Reitora*

Prof<sup>a</sup>. Ivonildes da Silva Fonseca | *Vice-Reitora*



**Editora da Universidade Estadual da Paraíba**

Cidoval Morais de Sousa (UEPB)

*Diretor*

### **Conselho Editorial**

Alessandra Ximenes da Silva (UEPB)

Alberto Soares de Melo (UEPB)

Antonio Roberto Faustino da Costa (UEPB)

José Etham de Lucena Barbosa (UEPB)

José Luciano Albino Barbosa (UEPB)

José Tavares de Sousa (UEPB)

Melânia Nóbrega Pereira de Farias (UEPB)

Patrícia Cristina de Aragão (UEPB)

### **Conselho Científico**

Afrânio Silva Jardim (UERJ) Jonas Eduardo Gonzalez Lemos (IFRN)

Anne Augusta Alencar Leite (UFPB) Jorge Eduardo Douglas Price (UNCOMAHUE/ARG)

Carlos Henrique Salvino Gadêlha Meneses (UEPB) Flávio Romero Guimarães (UEPB)

Carlos Wagner Dias Ferreira (UFRN) Juliana Magalhães Neuwander (UFRJ)

Celso Fernandes Campilongo (USP/ PUC-SP) Maria Creusa de Araújo Borges (UFPB)

Diego Duquelsky (UBA) Pierre Souto Maior Coutinho Amorim (ASCES)

Dimitre Braga Soares de Carvalho (UFRN) Raffaele de Giorgi (UNISALENTO/IT)

Eduardo Ramalho Rabenhorst (UFPB) Rodrigo Costa Ferreira (UEPB)

Germano Ramalho (UEPB) Rosmar Antonni Rodrigues Cavalcanti de Alencar (UFAL)

Glauber Salomão Leite (UEPB) Vincenzo Carbone (UNINT/IT)

Gonçalo Nicolau Cerqueira Sopas de Mello Bandeira (IPCA/PT) Vincenzo Milittello (UNIPA/IT)

Gustavo Barbosa Mesquita Batista (UFPB)



**Editora indexada no SciELO desde 2012**



**Editora filiada a ABEU**

### **EDITORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**

Rua Baraúnas, 351 - Bairro Universitário - Campina Grande-PB - CEP 58429-500

Fone: (83) 3315-3381 - <http://eduepb.uepb.edu.br> - e-mail: [eduepb@uepb.edu.br](mailto:eduepb@uepb.edu.br)

*Aline Weschenfelder | Antônio Fausto Neto  
Antônio Heberlê | Inesita Soares de Araújo  
Laura Guimarães Corrêa | Pedro Russi*

(Organizadores)

**Pandemia e produção de sentidos:**  
relatos, diálogos e discursos

**Expediente EDUEPB**Erick Ferreira Cabral | *Design Gráfico e Editoração*Jefferson Ricardo Lima Araujo Nunes | *Design Gráfico e Editoração*Leonardo Ramos Araujo | *Design Gráfico e Editoração*Elizete Amaral de Medeiros | *Revisão Linguística*Antonio de Brito Freire | *Revisão Linguística*Danielle Correia Gomes | *Divulgação*Gilberto S. Gomes | *Divulgação*Efigênio Moura | *Comunicação*Walter Vasconcelos | *Assessoria Técnica*

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme decreto nº 1.825, de 20 de dezembro de 1907.

---

P189

Pandemia e produção de sentidos: relatos, diálogos e discursos  
[Recurso eletrônico]./Aline Weschenfelder, Antonio Fausto Neto, Antônio  
Heberlê [...etal] (Organizadores). – Campina Grande/PB: CISECO:  
EDUEPB, 2021.  
7.164kb. - 920p. .

ISBN EBOOK - 978-85-7879-631-0

ISBN - 978-85-7879-626-6

1. Pandemia. 2. Informação e comunicação na pandemia. 3. Educação.  
4. Infodemia e desinformação. 5. Coronavírus. 6. Isolamento social.  
7. Impactos da pandemia. 8. Comunicação na pandemia.  
I. Título. II. Weschenfelder, Aline. III. Fausto Neto, Antônio. IV. Heberlê,  
Antônio [etal] (Orgs).

CDD 370.7  
CDU 302.2

---

Ficha catalográfica elaborada por Heliane Maria Idalino Silva – CRB-15ª/368

Copyright © **EDUEPB**

*A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.*

*Aline Weschenfelder | Antônio Fausto Neto  
Antônio Heberlê | Inesita Soares de Araújo  
Laura Guimarães Corrêa | Pedro Russi*

(Organizadores)

**Pandemia e produção de sentidos:**  
relatos, diálogos e discursos



Campina Grande-PB  
2021



# Sumário

**Apresentação**.....15

**SENTIDOS EM CONSTRUÇÃO E EM TRAJETOS**.....21

**Informação e comunicação na pandemia: contribuições do Ciseco para essa discussão**.....23

Antônio Luiz Oliveira Heberlê

**Covid-19, a pandemia midiaticizada – códigos e sentidos exasperados**..41

Aline Weschenfelder

**Pandemia: da Surpresa à construção midiática**.....51

Entrevista com Gastón Cingolani, por Antônio Fausto Neto

**PANDEMIA E APRENDIZADOS NOS CENÁRIOS INSTITUCIONAIS**...73

**Aprendizagem Contextual na Pandemia** (a partir de questões propostas por Antonio Fausto Neto).....75

José Luiz Braga

**Sentidos dos tempos pandêmicos no mundo organizacional.....99**

Ivone de Lourdes Oliveira  
Paulo Henrique Leal Soares

**Desafíos reflexivos, ambientes educativos en tiempos de plataformas y pandemias.....117**

Alejandra do Santos e Pedro Russi

**Mudam-se os tempos, mudam-se as universidades.....143**

Pe. Pedro Gilberto Gomes, S. J.

**Coronavírus: uma doença de comunicação.....147**

Ana Paula da Rosa

**PANDEMIA E CULTURAS.....161**

**A conversation about the mediated construction of reality, deep mediatization and data colonialism in pandemic times.....163**

Nick Couldry  
Laura Guimarães Corrêa

**As experiências dos projetos Rádio Cordel, Radionovela e Solte sua voz em tempos de pandemia da Covid-19.....185**

Sheila Borges de Oliveira  
Giovana Borges Mesquita

**Cultura entre a pandemia e o pandemônio: reflexões sobre o Brasil atual .....205**

Antonio Albino Canelas Rubim



**Pandemia e devir histórico**.....219

Tiago Quiroga

**Reflexiones y tejidos analíticos sobre la mediatización de la pandemia**..247

Una conversación entre Pedro Russi y Beatriz Quiñones Cely

**Emergência comunicativa:** redes de sentidos em comunidades tradicionais amazônicas na crise sanitária.....271

Fábio Fonseca de Castro

Rosalay de Seixas Brito

**PANDEMIA MIDIATIZAÇÃO DA CIÊNCIA** .....293

**A epidemiologia na comunicação sobre a pandemia da covid-19**...295

Luiz Marcelo Robalinho Ferraz

**Pandemia e Produção de Sentidos:** como o controle da Comunicação obstaculiza uma participação cidadã.....315

Wilson Couto Borges

Luiz Felipe Stevanim

Rodrigo Murtinho

**Comunicação para popularização da ciência no enfrentamento da Covid-19**.....339

Maria Aline Barros Fidelis de Moura

Manuela Rau de Almeida Callou

**Os 30 anos da Fapeal e a ciência em tempos de pandemia.....359**

João Vicente Lima

Deriky Pereira

Manoella Neves

**PANDEMIA, DISCURSOS MIDIÁTICOS E SENTIDOS.....383**

**O rádio no contexto da covid-19: informar corretamente e combater o negacionismo .....385**

Luiz Artur Ferraretto

Gilson Luiz Piber da Silva

**Esporte, pandemia e produção de sentidos.....409**

Edison Gastaldo

Sergio Endler

**A pandemia de Covid-19 e as transformações das práticas no telejornalismo brasileiro.....419**

Marcelli Alves

Marcos Fábio Belo Matos

**Desafios e dilemas éticos nos modos de enfrentamento do jornalismo ao contexto pandêmico.....443**

Bianca Rosa

**O novo normal na mídia brasileira: práticas discursivas no contexto da pandemia de Covid-19.....467**

Felicia Maria Romeiro Mota Silva

Marcos Fábio Belo Matos

**PANDEMIA, IMAGINÁRIOS E SENTIDOS**.....491

**O Maior São João Virtual do Mundo em Tempo de Pandemia** .....493

Oswaldo Meira Trigueiro

**Morte e imaginário na pandemia da covid-19**.....515

Gustavo Said

Camila Calado

**Em tempos de pandemia: estratégias de resistências em uma comunidade quilombola da Paraíba** .....537

Marco Antônio de Oliveira Tessarotto

Maria Devani Freitas Rodrigues Heberlê

**La irrupción de los fantasmas en estos tiempos de pandemia Conversación alrededor de un café entre Armando Silva y Pedro Russi** ....559

Pedro Russi

Armando Silva

**A Arca das Sacristias de Minas: um romance à margem das veredas do Grande Sertão** .....575

Sergio Dayrell Porto

**PANDEMIA E SENTIDOS EM CIRCULAÇÃO**.....593

**O cientista e a mídia: sentidos que se enunciam e circulam na pandemia**.....595

Ricardo Z. Fiegenbaum

**Fundamentalismo religioso-político em circulação na Pandemia da Covid-19**.....617

Catiane Rocha Passos de Souza

**A circulação de desinformação e o fundamentalismo religioso**.....639

Magali do Nascimento Cunha

**Midiatização da religião e pandemia: interfaces da Covid-19 em ambientes midiático-religiosos**.....659

Moisés Sbardelotto

Viviane Borelli

**A circulação da Covid-19 e a produção do sentido no tecido social luso-africano: Relatos sobre os níveis de afetação, impactos e estratégias sociopolíticas e ideológicas de enfrentamentos** .....681

Bantu Mendonça Katchipwi Sayla

**Pandemia, questões raciais e circulação de sentidos pelas lentes de três intelectuais** .....711

Maria Aparecida Moura

Rosane Borges

Claudia Bernard

Laura Guimarães Corrêa

**LEITURAS** .....731

**Semioses cicloturísticas em tempos de pandemia**

**Cyclotourism semiosis in times of pandemic**.....733

Demétrio de Azeredo Soster

<b>Los gestos en la comunicación en pandemia.....</b>	<b>753</b>
Silvia Ramírez Gelbes	
<b>Do medo à reinvenção: relatos de experiência de mulheres na pandemia..</b>	<b>769</b>
Ana Lúcia Medeiros	
Angélica Lúcio	
Maria José Soares Béchade	
<b>A semiosfera pandêmica como agenciamento de sentido, formas de vida e turbossemiose .....</b>	<b>791</b>
Rocco Mangieri	
<b>Antropología Cultural del Meme Covid 19 Estrategias de comunicación entre epidemia y pandemia.....</b>	<b>817</b>
Lucrecia Escudero Chauvel	
<b>Signos sociais como ponto de encontro entre a Semiótica e Psicanálise..</b>	<b>853</b>
Manoella Neves	
<b>Quadros de Relevância na Pesquisa em Grupos de WhatsApp: enquadres sobre Coronavírus .....</b>	<b>869</b>
Fernando Nobre Cavalcante	
Marcelo El Khouri Buzato	
<b>IN MEMORIAM.....</b>	<b>891</b>
<b>Oscar Traversa, la voz impregnada en la letra.....</b>	<b>893</b>
Gastón Cingolani	
<b>SOBRE OS AUTORES.....</b>	<b>897</b>



## **Apresentação**

A obra "Pandemia e produção de sentidos: relatos, diálogos e discursos", que o CISECO oferece ao leitor, emerge em um contexto de adversidades geradas pelo Covid-19. Os efeitos do isolamento social provocaram, em vários aspectos, impactos profundos principalmente nas rotinas dos indivíduos e das instituições. O CISECO, após 10 anos, viu-se impossibilitado de realizar sua reunião anual – o Pentálogo – no formato presencial, em Japaratinga, Alagoas.

O presente livro é produto deste processo que envolveu mudanças em nossas atividades, ao substituir, em 2020 e 2021, a modalidade de encontro presencial de uma semana pelo formato a distância: em 2020, em torno do tema "Pandemia e Produção de Sentidos", com o CISECO Entrevistas, e, em 2021, seguirá adotando o formato emergente, debatendo o tema "Pandemia e Disputas de Sentidos".

Esta publicação começa a ser gerada em 2020, em dois momentos distintos. Primeiro, quando substituímos nosso encontro anual, de uma semana, pela realização de entrevistas sobre o tema já mencionado, com vários especialistas nacionais e internacionais, de diferentes áreas e disciplinas, em interfaces com a semiótica e a comunicação. As entrevistas estão disponíveis no canal do CISECO no YouTube. O

segundo momento envolveu o deslocamento dos conteúdos das entrevistas para este livro, visando permitir que as reflexões antes apresentadas pudessem ser consultadas, mediante outra modalidade de contato do CISECO com aqueles que têm seguido suas atividades.

Assim sendo, mesmo que o livro apareça em 2021, receberá como título a problemática que tematizou as entrevistas 2020, em torno do tema "Pandemia e produção de sentidos". Naquele momento, chamava-se atenção para o fato de quais sentidos sobre a pandemia apareciam via enunciados, segundo construção discursiva permeada por modalizações e operações realizadas no âmbito de várias instituições e coletivos.

Os desafios impostos pela pandemia não impediram que o CISECO experimentasse outras modalidades de contato, valendo-se de operações da midiaticização. Vencemos alguns dos efeitos do isolamento social por meio de uma estratégia interacional que se estruturou em torno de dinâmica cuja ênfase foi o deslocamento do próprio CISECO para um lugar de escuta, de entrelaces e de articulações de sentidos, delineando-se, assim, novas possibilidades da circulação. Se, de um lado a COVID circulava no tecido social, por outro, era "capturada" no âmbito da "analítica de sentidos", o que se manifestou no âmbito de trabalho dos discursos sociais, mediante várias modalidades de interação. Em contexto de crise, despontam novas possibilidades de vínculos e de meios, conclusão, esta, que emerge da ação - tentativa em nos manter em diálogo com nossos interlocutores em um cenário no qual os discursos em disputas se tornaram objeto de uma analítica que se produzia praticamente, em ato, isto é, no âmbito das entrevistas, no livro e em seus desdobramentos, em novos processos de circulação de sentidos.

É verdade que esta experimentação de novas possibilidades de contato resulta das restrições impostas pela pandemia e seus efeitos. Dentre elas a "intervenção" do CISECO na semiose da pandemia, defron-



tando-se com signos na condição de objeto imediato e transformados em objeto dinâmico, segundo práticas discursivas de instituições e seus agentes que foram analisadas e refletidas no âmbito das entrevistas e dos artigos que circularam, inicialmente, pelas vias digitais. Se, por um lado, a pandemia nos isolou, impedindo a realização do proveitoso e prazeroso encontro presencial, a migração para vários formatos – do YouTube ao livro, passando pelo áudio e outras modalidades de meios e de leituras – possibilitou-nos o acesso, encontro e a escuta de pessoas que, de suas realidades de vários continentes, refletiram e compartilharam conosco suas reflexões sobre este tempo (único?) e desafiador que atravessamos.

A opção por dialogar com especialistas, via entrevistas e escritos publicados neste livro, possibilita, conforme reiteramos, novas formas de compartilhamentos de saberes envolvendo diferentes paisagens humanas, geográficas, científicas e simbólicas etc.

Busca-se, nesta obra, contemplar a diversidade de paisagens e de sentidos descritos nos artigos aqui reunidos. Questões que envolvem a Covid-19 com saúde, educação, comunicação, política, ciência, família, religião, tecnologias, psicologia, gêneros, turismo, economia, imaginários, trabalho, aprendizagens, culturas, epidemiologia, ecologia, feminismo, universidade, dentre outras, são examinadas, visando problematizar as implicações desta nova paisagem para o funcionamento da organização social e de suas práticas.

Tais reflexões destacam, segundo perspectivas distintas, a importância que tem a “semiótica aberta”, um dos conceitos formulados por Eliseo Verón<sup>1</sup> em seus últimos escritos, para a análise das discursividades sociais no âmbito da pandemia.

---

1 VERÓN, Eliseo; BOUTAUD, Jean-Jacques. **Sémiotique ouverte**: itinéraires sémiotiques en communications. Paris: Lavoisier, 2007.

O contexto da pandemia também suscita novos capítulos a serem enfrentados na produção de conhecimentos, como, por exemplo, os desafios enfrentados pela semiótica e suas interfaces, para o trabalho em torno de signos pandêmicos. Possibilita, também, que projetos em curso sigam adiante e novos despontem, como o que gerou a produção deste livro. Amizades e valores compartilháveis foram aspectos centrais para o que nele se fez, em torno de tentativas fundadas em experimentações e aprendizados.

Renovamos agradecimentos a todos que colaboraram com este projeto que pretende levar o CISECO adiante, particularmente, com a Editora da Universidade do Estado da Paraíba – EDUEPB, nas pessoas dos seus dirigentes e colaboradores professores Cidoval Moraes de Sousa, Antônio Roberto Faustino da Costa e Arão de Azevêdo. Também agradecemos a contribuição de Alejandra Suárez, aluna da Universidad de la República/Uruguay/CENUR – Litoral Norte Sede Paysandú, com a elaboração da capa desta obra.

Almejamos que as reflexões elaboradas ofereçam pistas para a compreensão de um tempo histórico e singular em que vivemos. Os textos que seguem sintetizam o trabalho coletivo do CISECO, através dos seus diretores e dos participantes de suas atividades, particularmente, ao longo do processo de produção desta obra. As conversações, que partem de realidades distintas, oferecem ao banquete das palavras, uma diversidade de sentidos interpretativos e processos inferenciais que procuram entender a pandemia segundo várias chaves de leitura. Parar e conversar sobre esses cotidianos, muitas vezes não manifestos, é um ato de resistência ao fluxo contínuo da produção desenfreada que naturaliza e normaliza o dia a dia. Parar e tomar um tempo, é descobrir outras miradas que se espalham na areia e na praia de Japaratinga, algo presente como pano de fundo nesses diálogos. As conversas e reflexões aqui enunciadas foram realizadas em plataformas muito distantes da brisa de Japaratinga, mas tiveram o desejo de se manterem

em relação àquele sol e estrelas que tantas conversas acompanharam, e seguirão acompanhando. Nesses detalhes estão vontades reflexivas, as potências que examinam o mais intenso de uma pandemia. E, nessa convivência, aprender e compreender os sentidos ali propostos.



***Sentidos em Construção  
e em Trajetos***



# **Informação e comunicação na pandemia:** contribuições do Ciseco para essa discussão

Antônio Luiz Oliveira Heberlê

## **Introdução**

A comunicação está muito mais condicionada ao que as pessoas fazem com o que percebem do que com o esforço de convencer dos que falam. Apresentamos aqui algumas formas de operar, peculiares ao fazer comunicativo em contextos da pandemia do Covid-19, especialmente pelo que se expressa nas mídias (rádio, televisão, jornais e internet). Resulta um conjunto caótico de dados fornecidos freneticamente pelas mídias, do qual se depreende o espectro da "informação" sobre a doença. Neste sentido plural e não unitário podem ser analisados indiciamentos da materialidade dos fatos, do ponto de vista comunicacional, eis que o processo comunicativo implica interação, relação, definições claras e estabelecimento de diferenças. A priori, no contexto da pandemia, observa-se que a informação circulante é despida de

análise crítica, profundidade e checagem criteriosa que leve à validade da propagação científica. O propósito comunicacional, entretanto, se funde no compromisso com os sujeitos em interação, com suas falas e demandas e, por isso, tem o potencial de transformar, de forma quase revolucionária, ao colocar frente a frente os sujeitos e o resultado de suas opiniões e decisões. Semioticamente, os indiciamentos reforçam algumas características elementares ao processo de comunicação, como as noções de vínculo, aliança, identidade e reciprocidade.

## **O Ciseco e o enfrentamento da pandemia**

Entre os anos de 2020 e 2021, durante o período inicial e crítico da pandemia do Covid-19 no mundo, o Centro Internacional de Semiótica e Comunicação-Ciseco manteve as suas atividades. Criado há mais de 10 anos, o Ciseco realizou, no período da pandemia, 53 entrevistas com diversos especialistas nas áreas da comunicação e da semiótica, buscando colaborar para a formação de bases teóricas e empíricas sobre o contexto deste evento único e paradigmático. Esta estratégia foi definida pela Diretoria do Ciseco como forma de manter as discussões que motivaram a sua existência, enfrentando a excepcionalidade provocada pela pandemia.

As gravações começaram em 2020 mas o ano de 2021 constitui-se ainda mais desafiador, período posterior a surpresa inicial e de uma certa naturalização, em função da prolongada pandemia. Neste segundo ano de estudos sobre o fenômeno ampliou-se a discussão para todos os campos do saber e também o que envolve discursos, linguagens e produção de sentidos. Os signos da realidade social foram o objeto principal das reflexões propostas pelo Ciseco e tornou-se inevitável o ponto de trabalho e a reflexão, repetindo e ampliando o que já foi realizado em 2020.



A atenção continuou voltada para as possibilidades de interpretações sígnicas que advém de percepções dos comportamentos, daquilo que se expressa e como tal pode ser apreciado como matéria bruta nas mãos dos analistas. Bem sabemos que não é uma tarefa fácil porque o fenômeno nos envolve também, mas acreditamos extremamente necessário a apresentação das ideias, mesmo de modo virtual, por meio de entrevistas gravadas e depois postadas no site do Ciseco no YouTube. Há algo da expressão objetiva, sinais que se apresentam e são analisados dinamicamente em todas as 53 interlocuções.

Além disso, os depoimentos, as falas, as percepções dos ambientes regionais interessam muito neste momento. Deve-se admitir condições muito sensíveis no processo de investigação, onde a realidade é objetivada, o que torna possível aprendermos o geral no singular. Mesmo na ciência, esta peculiaridade perceptual é uma intenção humana - sempre falha-, da realidade. Isso não nos impede de inferir a validade das proposições universais a partir de um número finito de casos singulares. Logicamente é muito difícil avaliar "percepções", mas pode-se admitir tal perspectiva, já que o homem é dotado de intenções mas também de algo que o transcende, a qual não depende apenas das intenções. Ou seja, no enquadramento do processo de investigação podemos constituir os objetos da experiência tais como a expressão do humano, que chamamos normalmente de sentimento de "humanidade", também como fator de avaliação.

Na primeira entrevista<sup>1</sup> da série, uma conversa introdutória às próximas atividades, com o Presidente do Ciseco, Antonio Fausto Neto, ele nos disse que "vivemos duas temporalidades curiosas neste mo-

---

1 Ver em "Consequências simbólicas da pandemia nos estudos em comunicação e semiótica", disponível em: CISECO Entrevistas - Antônio Heberlê/Antônio Fausto Neto

mento, uma ativa, da circulação, do trabalho laboral e outra que nos solicita parar, para diminuir a circulação física, dada a proliferação do vírus". Para Fausto, o fenômeno desencadeado pela pandemia provoca a experimentação em aberto, onde se verifica uma proliferação imensa de signos sobre o assunto. Porém, a própria experiência mostra que com o tempo a tendência é se ter uma reacomodação, ou um novo equilíbrio.

A Pandemia do Coronavírus é sobretudo um grande espaço para estudo dos comportamentos, sejam eles expressos ordinariamente na vida cotidiana, ou aqueles que só podem se revelar por denotação, já que não aparecem ou se mostram claramente. Um dos signos mais marcantes desta pandemia é a sua força impactante, porque chega imediatamente no mundo todo. Também a sua dramaticidade, denotada nas imagens cruéis, ao mostrarem o cenário da morte em abundância. Pessoas são enterradas como objetos, sem conhecimento e presença dos seus familiares, apenas corpos descartados pela necessária isenção clínico-viral. Há claramente neste caso algo prático, da esfera do imagético e propõe-se a várias interpretações. Mas há também o sentimento das pessoas dos mortos, os que não se despediram e ficaram órfãos das últimas palavras dos seus familiares e amigos.

Por outro lado, e mais disponível à análises, estão as formas de produção do jornalismo, que apresenta esses pedaços de realidade, decisivos para o plano de observação semiótica. Esses materiais são, em boa parte, refletidos nas gravações realizadas pela equipe do Ciseco entre 2020 e 2021. Temos que retomar a compreensão elementar do fazer jornalístico para iluminar essa "apresentação", perguntando como o jornalismo enfrenta esta pandemia.

## O jornalismo enfrenta uma pandemia?

Uma pergunta se impõe ao tempo em que se tem um hiper-fato a ser escrutinado. Será que as lógicas que presidem o contrato simbólico do fazer jornalístico suportam um super-fato noticioso? Suportam algo inédito em sua economia produtiva? O propósito deste texto não é responder a esse questionamento, mas ser guiado por ele para iluminar algumas das suposições aqui apresentadas.

Há mais de 80 anos, pelo menos a partir dos anos de 1940, os pensadores da área da comunicação social se debruçam sobre o papel da comunicação na sociedade. As primeiras investidas interpretativas de relevância, com amplo desdobramento na formação de novos comunicadores, têm origem nos estudos de professores norte-americanos. Teorias da psicologia social, da propaganda e do direito foram base para tais análises e interpretações. Uma das obras de impacto deste período inicial é do psicólogo social Harold Lasswell. Num texto de seis páginas, o professor da Universidade de Chicago descreve a estrutura e a função da comunicação na sociedade.

Para ele, uma forma eficiente de descrever esse processo seria responder a cinco questões básicas:

Quem?

Diz o que?

Em qual canal?

Para quem?

Com quais efeitos?

Com esses pressupostos lineares fundamentados na similaridade com a biologia, Lasswell influenciou o jornalismo no mundo inteiro, com reflexos até hoje (Wolf, 1985). A produção de informação, de forma objetiva, direta, rápida, isenta, disponibilizada nos canais de maior

projeção na sociedade é o ideário dos jornalistas em todo o mundo. Eles produzem “informação”. O lema das grandes TVs de notícias é “informação com independência”, diz uma rede de TV internacional que chegou ao Brasil em março de 2020, em plena Pandemia. Há um culto à isenção e neutralidade na produção das notícias, como se isso fosse possível, como se toda a produção humana não envolvesse uma ideia em seu entorno (ideologias), adoção de perspectivas que apagam outras, por vezes as mais importantes para a sociedade. Não se pode obscurecer que agimos de acordo com interesses, sempre há motivações, elas são inescapáveis, mas esse fato não implica em falsear e “produzir” um acontecimento sem vínculos com fatos e ocorrências reais.

Para enfrentar uma situação como esta da pandemia, o componente humano da comunicação tornou-se elementar. Psicologia do comportamento, na perspectiva semiótica, histórica, sociológica e antropológica, mostrando como é infinito o processo que leva ao que chamamos de realidade ou que imaginamos que seja a verdade, nunca foram tão necessários aos comunicadores. São com essas materialidades: a versão dos fatos e a busca da verdade sobre os conteúdos, que o jornalista trabalha no dia a dia. Mas é interessante o quanto, numa crise como a que vivenciamos, falta reflexão sobre a tangência da sociologia da comunicação com outras ciências correlatas, fundamentais para que se compreenda o contexto e se possa interpretar e produzir melhores conteúdos.

Numa das entrevistas on-line para o *ciseco*<sup>2</sup>, o professor e pesquisador Pedro Gilberto Gomes disse que o desenvolvimento tecnológico afeta o humano de forma considerável, dada a nova ambiência e o modo de interação.

---

2 Entrevista realizada por Antonio Heberlé com o professor, padre Pedro Gilberto Gomes.

A questão do espaço-tempo tem repercussões no modo de vida e a tecnociência é algo imprescindível para se trabalhar. O processo de produção de sentidos na cultura da sociedade da informação deve estabelecer novos paradigmas. A sociedade da informação tende a estilhaçar os paradigmas clássicos e não temos nada consolidado para colocar no lugar. Por exemplo, a questão da participação e da presença das pessoas, tende a acontecer de outra forma. <https://www.youtube.com/watch?v=E2EEB9SBASs>.

A pandemia nos revela que há consequências no fato de ter-se negligenciado na formação humanística dos comunicadores nas universidades nas últimas décadas. Uma observação simples no que apresentam os meios e veículos de imprensa leva o espectador a crer que os resultados não são animadores. O resultado tem sido um comportamento apenas reativo das falas oficiais e especialistas (sempre os mesmos), sem ação proativa e investigativa dos comunicadores, enquanto sujeitos sociais que operam com informação a fim de gerar conteúdos, descrever e reproduzir situações "humanassociais".

Um dos grandes problemas da produção de conteúdos na pandemia dá-se pela supervalorização do emissor, ator social da apresentação, calcado na repetição e na pouca análise. Essa condição privilegiada do polo emissor foi igualmente reprisada pela academia e levou a perspectiva analítica a descrever com riqueza de detalhes esse polo ao longo deste primeiro ciclo (que não acabou) do jornalismo. Ouvir a sociedade, as pessoas que sofrem com a doença, os técnicos da saúde em suas rotinas, seus espaços de trabalho, passam para um segundo plano de pauta.

Temos aqui um paradoxo, porque foi a partir do apagamento do diálogo e da troca de ideias no cotidiano do homem e a emergência dos meios de informação que o desenvolvimento dos temas de domínio público, como uma pandemia, foram subsumidos, dando lugar mais ao espetáculo da performance do que aos conteúdos mesmos.

A difusão das novas tecnologias alterou as formas de ligação social. O homem moderno julga que tem acesso ao sentido dos fenómenos simplesmente porque está informado; no entanto, a informação atinge sempre um limiar em que se revela impotente para descrever o sentido do fenómeno. Ela é uma mercadoria como outra qualquer, trocada de acordo com as leis do mercado, o que constitui um entrave ao seu movimento e livre circulação (CENTENO, 2019, p.107).

Note-se que a diferenciação entre informação e comunicação está na raiz do problema, porquanto a primeira está relacionada a volume e linearidade, a segunda se consolida no conteúdo mesmo e suas diferenciações. "Vivemos, pois, numa época em que ao enorme volume per capita de comunicação corresponde um fluxo cada vez menor de volume total de comunicação" (Wiener, 1950: 130). Ou seja, a informação não pode restituir, nem substituir a experiência e a interação.

Ao aprofundar-se no estudo do processo da comunicação na sociedade descobre-se que o polo que oferta sentidos, aquele que decide e valida esse processo, é o da recepção. São os receptores que abrem o processo de percepção, ou não, do que é apresentado no prato-pronto pela mídia, como notícia. Aquilo que os receptores percebem como válido é o que mais importa, pois as tomadas de decisão da maioria - que podemos chamar "opinião pública"- pode afetar toda a estrutura social.

As eleições nacionais dos países talvez seja o melhor exemplo da formação do imaginário a partir daquilo que é apropriado pela população a partir da mídia. Entretanto, a mídia não é a toda poderosa como se imaginava inicialmente, quando se chegou a pensar que fosse uma "agulha hipodérmica" tal a sua ação profilática no corpo social. Embora seja a fonte mais volumosa de informes, a mídia não define a situação, já que as interações sociais e os valores assentados pelas instituições influenciadoras, como família, igrejas, seitas, culturas regionais e partidos, são os grandes ratificadores finais dos comportamentos.

O advento das mídias digitais, o cyberspaço consagrado a partir dos anos 2000, trouxe outro importante e ameaçador componente para a tarefa informativa do jornalismo tradicional. As novas mídias agora “sociais” abrem espaço para a apresentação de conteúdos por qualquer pessoa que tenha à disposição um aparelho receptor e ao mesmo tempo transmissor de um para um ou para muitos. Os decantados “smartphones”, aparelhos que se podem levar a qualquer lugar e fazer uma transmissão original e primeira do acontecimento, fez tremer as bases do jornalismo-verdade.

A narrativa dos fatos por especialistas em comunicação se dobra às imagens que proliferam dos lugares mais inusitados. Estes materiais é que emergem para um tratamento prioritário por parte dos jornalistas. Eles passaram a ter obrigações adicionais de análise e não mais de apresentação, já superada pela manipulação dos dispositivos, agora nas mãos da sociedade.

Diante de perda da sua matéria prima principal, que é de estar no local dos fatos como “testemunha ocular da história”, como apregoava o Repórter Esso nos anos 50 e 60 do século passado, e de lá transmitir com originalidade e primazia, a informação jornalística precisou se reinventar. Nos últimos 20 anos o jornalismo de análise, de opinião e de síntese passou a habitar algumas redações, meio sem jeito para a coisa. Também se retoma, na TV especializada, algo perdido do início do jornalismo de massa, da virada do séc. XIX para o XX. Na época, jornais e rádios se dedicavam a grandes reportagens e laudatórias análises ao apresentar as informações. Hoje se tenta retomar esse valor mais pelo tempo dedicado à narrativa de fatos inusitados (enchentes, quedas de aeronaves, pandemia, etc) do que pela análise de causas e consequências.

## A Covid 19 e o comportamento do jornalismo

Fato inusitado e surpreendente, a pandemia do Covid 19 parou quase tudo no mundo a partir do início de 2020, com consequências diversas em vários níveis. O jornalismo não escapou a essa condição especialíssima de convivência social e adicionou um ingrediente a mais na reflexão sobre os comportamentos entre a sociedade, as mídias e as políticas públicas que envolvem a pandemia.

Como dissemos, toda fala, discurso, conteúdo, não escapa ao posicionamento e ideologia de seu produtor e visibiliza seu processo produtivo, de forma que o argumento da isenção é falacioso e invariavelmente requisitado para proteger minoritários grupos de pressão.

A Pandemia trouxe consigo o desafio de consagrar a mídia como mediadora dos diversos conteúdos sobre o controle da doença ou fazê-la refém dos diferentes discursos, carregados de ideologias partidárias, geopolíticas e científicas. Acreditamos que o jornalismo perdeu essa batalha para o segundo grupo e ficou refém das múltiplas falas do ciberespaço, sem saber exatamente para onde ir e em quem acreditar e creditar seus informes. Não é uma tarefa fácil fazer a seleção do que entra nas redações e do que sai nas notícias sobre um vírus letal e em especial do que tem ou não validade ou fundo de verdade do ponto de vista científico.

De todo modo, nesse contexto não há lugar para a “neutralidade”, pois nos limites impostos pela Pandemia do Covid 19 os fatos se agigantam com o tamanho do problema a tal ponto que o jornalismo precisou ser, no limite do possível, fiel aos acontecimentos. No limite, também, precisou se posicionar diante do falso e do verdadeiro, elegendo o que é notícia e o que não é. Precisou dizer de que lado está e essa não é uma tarefa fácil para uma atividade secularizada, tradicional e condicionada pelos princípios e normas funcionalistas do modelo de Harold Lasswell.



Não basta um parágrafo inicial (o lide) e breve e “isentas” explicações sobre a letalidade do vírus que respondam questões norteadoras do positivismo jornalístico para dizer à sociedade o que acontece. O jornalismo num mundo caótico imposto pela pandemia precisa entrar nos desdobramentos, avisar dos perigos e em especial mostrar comportamentos indispensáveis da sociedade para evitar a progressão pandêmica.

O jornalismo da pandemia precisou lidar com o interstício das notícias onde existem pressões políticas, comerciais e científicas, além de culturais e religiosas. Ao apreciar as informações que chegam com as marcas discursivas dos campos sociais nas redações, o jornalismo precisa avaliar as pressões e tomar posição. Afinal, cabe à imprensa editar, cortar, destacar ou obscurecer as informações em seus noticiários.

Como todo o mundo, comunicadores são afetados direta ou indiretamente pela pandemia em seus cotidianos, em sua vida prática, fora das redações. No momento em que os noticiadores podem virar notícia há um mecanismo interessante nos comportamentos e isso se expressa com mais clareza nos canais especialistas de notícias.

Não raro se vê o comunicador exercendo um papel efetivamente “social” ao alertar, orientar e advertir sobre as consequências da falta de atenção das pessoas em relação à pandemia. Virou um mantra em diferentes canais de TV as recomendações sobre uso de máscaras, álcool em gel e distanciamento social.

Em alguns casos, muito curiosos, vê-se o posicionamento de alguns comunicadores na direção do afrouxamento às recomendações de saúde pública. Mais curioso ainda observar a crítica instantânea dos seus colegas, corrigindo o “desvio de conduta”, tudo ao vivo, ficando claro para a sociedade que nesta classe profissional os embates apenas ratificam o que se dá no senso comum da vida pública. Entretanto, o jornalismo do senso comum não ajuda neste momento, é preciso olhar o caso do alto, como especialista, para efetivamente contribuir.

No início de 2021 dois jornalistas da Globonews (emissora especializada em jornalismo, ligada à Rede Globo de Televisão), protagonizaram um episódio emblemático ao discutirem o mérito do distanciamento social durante as festas de final de ano. O argumento de um é que as pessoas que precisam trabalhar durante a pandemia quebram a regra do distanciamento e por isso a aglomeração estaria "autorizada" nos momentos de lazer dessas pessoas. O outro, ao contrário, mostrava a relevância de observar as regras de distanciamento em qualquer circunstância, advertindo sobre a observância radical às orientações da saúde. A apresentadora de plantão tratou de colocar água fria na fervura (OBSERVATÓRIODATV, 2021).

Neste plano, do jornalismo, não há como mascarar os comportamentos quando se trata de um fato altamente relevante. Críticas veladas aos posicionamentos de alto dirigentes, especialmente dos EUA e Brasil, inundaram os textos jornalísticos pelo mundo. Mesmo órgãos muito conservadores, aqueles que historicamente exaltam sua "imparcialidade" como valor, colocaram à frente o interesse público. Estes, os ditos imparciais, são os mais retrógrados, porque se embasam na neutralidade para mistificar conteúdos há muito tempo.

A pandemia, ao mexer com a vida das pessoas, e entre elas a dos familiares dos próprios jornalistas, parece desobstruir os caminhos que levam à dimensão "social" da comunicação. Oxalá este seja um aprendizado e um legado para o futuro desta profissão.

## **Quando a morte bate à porta**

Em função do avanço das diferentes plataformas digitais de mídia e sua aderência à vida cotidiana, é comum atribuir o caótico mundo da informação ao problema de comunicação. É preciso, portanto, separar bem os conceitos e tentar entendê-los em esferas próprias. No caso da pandemia da Covid 19, por exemplo, o alto fluxo de informação divul-

gado não necessariamente levou à decisões das pessoas sobre o que fazer diante da doença. Pelo contrário, a contradição emanada das fontes apenas deixou a população mais confusa e sem saber em quem acreditar.

Esse é um problema grave da imprensa, quando ela se dedica a apenas emitir informes, sem análise crítica, sem base, sem comprovação, o que é um dever primário da prática jornalística. Ou seja, informações inverídicas, mentirosas, sem base científica, deveriam ser exortadas pelo bom jornalismo. Entretanto, elas ganham espaço, se propagam e viram vocábulos elegantes, da moda, para a população como “memes”, “fakes”, etc.

Em outra entrevista memorável, depositada no site do Ciseco no YouTube, o professor José Luiz Braga, ao ser entrevistado pelo presidente do Ciseco, Antonio Fausto Neto, diz que as fake news são detestáveis, porque são falsas e falseiam a realidade. Segundo ele, lidar com as viabilidades tecnológicas precisam ser aprendidas pela sociedade. Existem saídas, “não se pode abrir mão do conhecimento científico e não se pode retroceder”<sup>3</sup>. Para o professor, é preciso situar os conhecimentos nos espaços pertinentes, sensatos.

Numa pandemia de dimensões como esta do Covid-19, o papel da boa comunicação deveria ser o sustentáculo na formação do imaginário sobre a doença. Não o é, infelizmente. Falta à imprensa a análise criteriosa que leva a informação embalada em cenários, contextos, implicações, comprovações, fatos. O que se observa é o dado, a informação crua, como a divulgação de número de infectados e número de mortes, o que banaliza os fatos a ponto de as pessoas não olharem mais, não quererem mais dados, todo dia. A insensibilidade diante da tragédia de milhares de mortos pela pandemia se banalizou no senso

---

3 Ver a entrevista em: <https://www.youtube.com/watch?v=fpzWfCF8zUs>

comum. Somente quando a morte bate na porta é que as pessoas pisam no chão da realidade e admitem que negligenciaram, foram imprudentes e deixaram as coisas acontecerem bem ali ao seu lado.

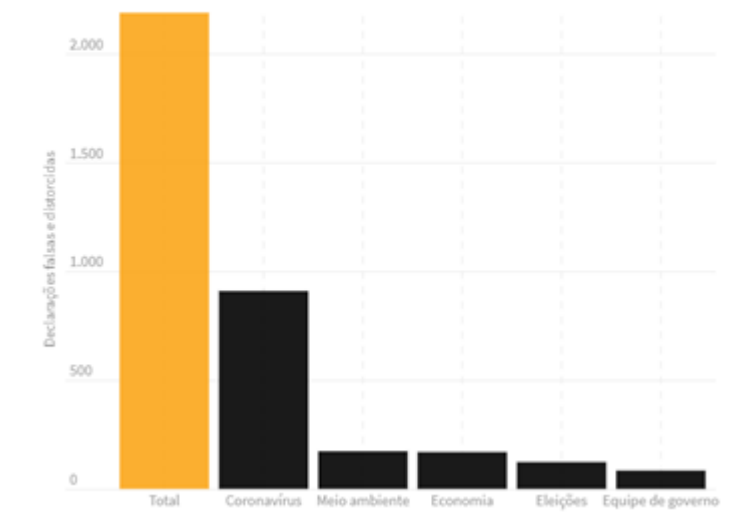
Evidente que não se pode atribuir toda culpa do desastre na condução da pandemia à imprensa, mas não podemos fechar os olhos para o que ela poderia ter feito e ainda pode. A comunicação tem o dever de bem informar, contextualizando e mostrando para que os fatos fiquem evidentes na mente das pessoas e assim possam tomar posição diante da realidade. Mais do que apenas colaborar para a circulação de dados, cabe à comunicação a análise crítica, a profundidade no tratamento das questões estabelecendo crivos, diferenças entre um e outro discurso.

Quando a imprensa dá destaque para atos absurdos de lideranças políticas, sem estabelecer contraponto, ofertando o mesmo tempo e a mesma relevância para o contraditório, colabora para que as pessoas apenas zombem da situação e se desinteressem pela questão de fundo. O site "Aos Fatos", especializado em análise da mídia e da política mostra que entre a sua posse, em janeiro de 2019, até janeiro de 2021, o presidente o Brasil deu 2.187 declarações falsas ou distorcidas em discursos, entrevistas, postagens nas redes e encontros com apoiadores. De acordo com o contador de AosFatos Bolsonaro recorreu a informações enganosas três vezes ao dia em apenas dois anos de mandato.

A quantidade de declarações checadas em 2020 chegou a 3.382, tendo como fontes praticamente todos os veículos de imprensa e também os próprios veículos da presidência. "As transmissões semanais no Facebook, principal estratégia de comunicação do governo com apoiadores, concentraram a maior parte das declarações enganosas dos últimos dois anos: 30,7% das frases checadas como falsas ou distorcidas foram extraídas das lives feitas pelo presidente. Logo em seguida no ranking aparecem as entrevistas, com 28,9% do total de desinformação verificada" (AosFatos, 2021).

## Os temas com mais desinformação

Assuntos com maior número de declarações falsas e distorcidas



Pandemia não é para os fracos na tarefa de produzir conteúdos. O tamanho da pauta dita a forma de tratá-la, para que não restem dúvidas do papel social da comunicação junto à sociedade. Por isso, é curioso e dramático observar que as informações sobre a pandemia foi a mais tergiversada e distorcida pelo próprio Presidente da República.

## Considerações finais

O volume de informes veiculados 24 horas, todos os dias, configura a falsa ideia de que se tem acesso aos sentidos dos fatos, entretanto, a informação, os dados veiculados pela mídia, são insuficientes para traduzir os acontecimentos. A informação é uma mercadoria como outra

qualquer na lei de mercado e precisa do envelope da espetacularização para ter um real valor de troca. Na pandemia do Covid-19, o enorme volume de informação não ajuda e além disso torna disfuncional a comunicação, como processo elementar e necessário à interação. Isso acontece porque a informação apresenta partes, segmentos, fragmentos, e como tal não pode restituir e nem substituir a experiência.

A comunicação deve, sim, ser compromissada com os sujeitos, com suas demandas e por isso precisa ser transformadora, quase revolucionária, expondo fatos, condenando mentira, mostrando de forma crua atitudes de risco diante de uma pandemia. Condenar os deslocamentos, o não uso de máscaras e a falta de higiene, por exemplo, podem colaborar para se evitar consequências incontornáveis para todo o planeta e não apenas para os autores de tais comportamentos, já que a circulação incontrolada do vírus é o grande problema. Se as pessoas não estão interessadas em se proteger e proteger o outro isso deve ficar claro, transparente na condução da pauta jornalística. A imprensa precisa se posicionar entre a mentira e os fatos e deve se posicionar, ao ficar ao lado do que mais se aproxima do que seja a verdade. Não se trata de ato ideológico, político ou panfletário, é um dever de quem jurou prestar um serviço criterioso na sociedade onde vive, sem misticismo e mistificação.

Uma possibilidade de superação do positivismo jornalístico talvez seja fazer outras perguntas ao produzir e reproduzir as informações, tais como:

- Esta informação é verdadeira, pode ser checada onde?
- para que serve a divulgação desta informação?
- quem esta informação ou conhecimento atende?
- quais as implicações decorrentes desta informação?
- Esta informação melhora ou transforma a realidade das pessoas?

- há possibilidade de empoderamento social com esta informação?
- como as pessoas podem livremente acessar e usar essas informações?
- Quem se responsabiliza por estas informações?

De acordo com a situação outras perguntas podem ser agregadas, no sentido de produzir informação que tenha relevância e tenha efetivo cunho de verdade, contribuindo para a função social da comunicação.

Como se pode observar, as reflexões proporcionadas pelo Ciseco no contexto da pandemia do Covid-19 proporcionaram inúmeras digressões. A informação circulante carece mesmo de análise crítica, de profundidade e de checagem criteriosa que colabore para a compreensão de fenômenos críticos globais. Passa a estar em jogo e em cheque o propósito comunicacional, o seu compromisso com os sujeitos, sintetizado no atendimento às demandas elementares e constitucionais pela informação correta. Ao enfrentar dúvidas e mentiras, a comunicação reforça o seu potencial transformador, quase revolucionário, ao influir da opinião dos públicos. Os subsídios aqui apresentados servem como indícios do valor estratégico da comunicação na sociedade, substantivados nas noções de vínculo, aliança, identidade e reciprocidade.

## **Bibliografia**

AOSFATOS. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/em-dois-anos-de-governo-bolsonaro-deu-ao-menos-tres-declaracoes-falsas-ou-distorcidas-por-dia/>. Acesso em 06/01/2021.

OBSERVATÓRIODATV. Disponível em: <https://observatoriodatv.uol.com.br/noticias/jornalistas-da-globonews-se-desentendem-ao-vivo-execravel>. Acesso em: 06/01/2021.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação de Massa**. Portugal: Presença, 1985.

CENTENO, Maria João. O Conceito de comunicação na obra de Bateson Interação e regulação. Portugal: Universidade da Beira Interior, 2009



## **Covid-19, a pandemia midiaticizada – códigos e sentidos exasperados**

Aline Weschenfelder

A Covid-19 se alastrou pelo mundo assolando todos os setores da sociedade, todas as pessoas, mesmo aquelas que não foram contaminadas com o coronavírus tiveram alguma implicação, em maior ou menor grau, devido à circulação da doença. Na medida em que a disseminação do vírus avançou, rupturas se desenharam nas diferentes rotinas colocando a expressão "reinvenção" em destaque. A urgência em reorganizar atividades pessoais e profissionais transferiu o cotidiano dos coletivos da rua para as telas de telefones móveis e computadores, um deslocamento que já vinha sendo ensaiado desde o advento da internet. O que, da mesma forma, impôs ao debate acadêmico uma nova modalidade de contato. Após 11 anos organizando encontros presenciais, o CISECO, como tantas outras instituições voltadas ao ensino e à pesquisa científica, também se lançou a uma experiência através dos

meios digitais imprimindo esforços para manter suas atividades em curso.

Em 2020, o congresso anual realizado em Japaratinga deu lugar a uma série de entrevistas realizadas com especialistas nacionais e internacionais de diferentes campos de atuação, que abordaram, como proposta central, a "Pandemia e Produção de Sentidos". O tema se desdobrou em questões voltadas para uma diversidade de campos sociais, articulando a comunicação, a semiótica, a saúde, a educação, o jornalismo, a política, o esporte, a cultura, entre outros assuntos sobre os quais se debruçam pesquisadores e profissionais, com a pandemia. Convidados a participar deste debate reflexivo mediado pela tecnologia – o CISECO Entrevistas<sup>1</sup> – pesquisadores acostumados a observar seus objetos com um certo distanciamento, tornaram-se agentes do processo, situação que colocou mais perguntas do que respostas acerca do fenômeno. Os problemas apresentados pelos entrevistados se desenvolveram em áreas distintas, mas são desencadeados pela pandemia e convergem em torno de transformações sociais promovidas pelas manifestações da Covid-19.

Parte das entrevistas que integraram a referida atividade, retornam nesta obra, algumas reproduzidas por seus autores, outras transformadas em textos que tensionam os diálogos realizados na ocasião de suas gravações. Como resultado, apontam aspectos importantes sobre questões que emergem desse novo cotidiano a que somos submetidos e se mantém em destaque na esfera midiática. O debate levantado pelos pesquisadores e profissionais que fazem parte deste projeto vai além das perspectivas de enfrentamento à pandemia, uma vez que sondam seus efeitos no âmbito das práticas sociais, indícios que se explicitaram com o anúncio dos primeiros casos de Covid-19 e, na sequência, com o isolamento social, tanto no Brasil como em outros

---

1 Disponível em [https://www.youtube.com/channel/UCVLbTU5SFBgYPn8\\_1ThDPCQ](https://www.youtube.com/channel/UCVLbTU5SFBgYPn8_1ThDPCQ)

países. Ou seja, os textos nos brindam com um debate analítico em torno de rupturas proeminentes, uma vez que, a partir da eclosão do vírus emanam pistas de uma transformação social, bem como factua- lidades que nos conduzem para uma nova realidade a ser enfrentada, como já aludimos, a da reinvenção.

As páginas que seguem carregam uma variedade de vozes que trilham um único caminho: interpretar as marcas deixadas pela pan- demia, bem como acompanhar aquelas que ainda são circunscritas, visto que, quando este livro é finalizado, a disseminação do corona- vírus ainda não está controlada na maior parte do mundo. Os signos pandêmicos aparecem nos textos salientando o impacto produzido no ato comunicacional, segundo as condições observadas, como na atua- ção de jornalistas que passaram a enfrentar incertezas em diferentes frentes, temendo um provável contágio e levar o vírus para o ambiente familiar, ao mesmo tempo, em que o combate às Fake News requer maior atenção.

Os meios de comunicação tradicionais, como o rádio, em função de sua acessibilidade, têm a responsabilidade ampliada em seu papel no combate as notícias falsas, ao negacionismo que se propaga em meio à crise sanitária exasperada pela carência de planejamento dos órgãos governamentais competentes. Na mesma vertente é destacado o pa- pel do telejornalismo, que precisou se adaptar aos protocolos de con- tenção do coronavírus remodelando os procedimentos de produção de notícias. Fontes antes entrevistadas pessoalmente, dão entrevistas através de chamadas de vídeos de dentro de suas casas, substituindo o cenário profissional pela decoração do lar.

A importância em promover informação clara, correta e acessível, sobre ações para controlar a disseminação da Covid-19, é um compro- misso da imprensa que algumas vezes confrontam enunciados ambí- guos. Se de um lado o noticiário insiste para que as pessoas fiquem em casa, de outro, sublinha preocupações sobre a paralisação na eco-

nomia, tópico insistentemente repetido pelo Presidente da República, colocando em xeque o bem-estar da população e descredibilizando o trabalho desenvolvido por cientistas empenhados em combater o vírus. O “novo normal” é fomentado pelo discurso midiático como um convite para que a sociedade mantenha ou recrie suas atividades, de forma que continue produzindo e consumindo. Porém, não oferece modos substanciais para que isso possa se concretizar, apenas apresenta como exemplos casos específicos, mas nem sempre expõe a parcela maior, que se quer possuía recursos suficientes para se manter em tempos pré-pandemia, tampouco terá para uma elaborar uma nova atividade.

A situação crítica vivida por brasileiros, criada pela falta de simetria entre governo e especialistas da saúde, instauraram um caos social que culminou em prejuízo para todos os setores da sociedade, sobretudo, na perda de muitas vidas. Algo que poderia ter sido evitado se as bases governamentais não insistissem no discurso negacionista. Circunstância que levanta uma interrogação: como assegurar informações confiáveis quando interesses políticos se sobrepõe ao bem-estar da população? Enquanto isso, o ramo empresarial, passou a investir no trabalho social implementando ações coletivas para conquistar espaço nas mídias.

Os artigos também acentuam a complexidade midiática da pandemia, onde se organizam diferentes narrativas nas quais seus agentes ainda procuram compreender sobre os acontecimentos que se alastram submetendo a sociedade a outra forma de vivenciar suas rotinas. Tais mudanças são intensificadas pelos meios de comunicação que, junto ao processo evolutivo do vírus, operam colocando novos signos em circulação.

Como a comparação entre o tratamento que a mídia dispensou a AIDS, nos anos 1980, com a que vem dedicando a Covid-19. Doenças,

dispositivos e contextos que se cruzam através do engendramento semântico.

Múltiplas transformações ficam evidentes no contexto pandêmico, em especial a resignificação da interação em virtude do isolamento social. O avanço dos contatos mediados pela tecnologia, que já vinha se expandindo por diferentes setores da sociedade, adquirir celeridade, intensificando linguagens simbólicas que se desenvolvem na operacionalização de aplicativos para esses fins.

Assim como tantas outras instituições, o contexto escolar também é modificado pela pandemia. O uso do computador como ferramenta de contato toma o lugar do espaço de interação face a face, levando alunos e professores a enfrentar novos desafios. A imediatez na adaptação do contato físico para o virtual foi um deles, assim como assimilar os riscos causados pelo coronavírus ao mesmo tempo que precisaram se acostumar com os novos padrões de ensino, no qual os alunos não dividem mais o espaço físico com seus colegas de classe, mas com familiares. O deslocamento acadêmico do ambiente físico para o virtual também obrigou professores-pesquisadores a reorganizar seus projetos, reconfigurando programações e temáticas traçadas, de modo que fosse possível dar continuidade às práticas que já vinham sendo desenvolvidas e, ainda, integrando a elas a pandemia como pauta. Tais mudanças no campo da educação estimulam instituições de ensino superior a seguir com aulas remotas após a pandemia.

Como pode ser visto, os setores mais afetados pela pandemia são aqueles que envolvem coletivos, quanto maior a participação, maiores as alterações, panorama vivido pelas festas folclóricas que precisaram migrar das ruas para o audiovisual, fazendo da internet uma ferramenta na tentativa de atenuar o impacto cultural e econômico que integram. De forma semelhante, o campo religioso mediou suas práticas através da tecnologia. Procurando manter o vínculo com os fiéis, reconfigurou a presença nos cultos ao levar o templo para dentro das

casas. Sob outra perspectiva, alguns grupos religiosos valeram-se da circulação de mensagens midiáticas dando destaque as Fake News e reforçando a autocracia.

O campo dos esportes também teve suas atividades diretamente modificadas. Com a pandemia, diversas mudanças foram suscitadas, afetando inclusive a cobertura jornalística em eventos e treinos. No entanto, o impacto maior atingiu os amantes do futebol, cujos estádios ficaram sem torcedores. Por seu turno, cicloturistas apresentam mudanças em suas narrativas de viagem identificando novas simbologias e reconfigurando o sistema ciclístico.

Os artigos que aqui se apresentam indicam a manifestação de um imaginário que dá lugar a incompreensões referentes a pandemia, fantasmas que decorrem da falta de informações alinhadas, provocando mais insegurança e temor a respeito desse inimigo que ainda não se conhece suficientemente. Deste desconhecimento emerge a natureza de cada um, revelando o melhor e/ou o pior de muitas pessoas, pois o imaginário pandêmico personifica e amplifica sentimentos associados ao medo, deixando que as perspectivas para o futuro se tornem ainda mais incertas. O imagético pandêmico estimula o imaginário espectral que leva ao medo, ou talvez possa servir de advertência para que se tome os cuidados necessários em relação ao contágio. Isso ocorre na medida em que a intensidade de imagens referindo ao sofrimento causado pela doença, visto por meio de camas hospitalares ou através da morte representada por covas abertas e, na sequência, uma esperança conferida à vacina sendo aplicada no braço. Imagens que esboçam significados da pandemia. Mas, esta mesma condição pode despertar para um alento inspirador a talentosos pensadores, os quais desviam a preocupação para outros territórios como, por exemplo, a arte literária, ou buscando na cultura dinamizada pelo contato virtual uma forma de amparo e denúncia.

Assim sendo, a midiaticização da pandemia coloca em evidência diferentes atores sociais ao se pronunciarem sobre o coronavírus e seus impactos. Peritos e leigos repercutem eventos relacionados ao acontecimento, colocando seus enunciados em circulação e, quando se apropriam do sistema midiático, tecem novos sentidos. Por esse motivo, se faz necessária a continuidade no investimento em pesquisas desenvolvidas nas instituições científicas, principalmente quando a sociedade carece de informações fidedignas. Pois, ainda que haja um grande esforço por parte dos meios de comunicação tradicionais em informar corretamente a população, tratamentos com medicações sem eficácia continuam circulando nas redes sociais, impelindo a sociedade a tomar menos cuidados. Enquanto isso, dados fundamentados em estudos realizados por instituições científicas competentes são desvalorizados. Ou seja, neste cenário, a ciência passa a ser agente midiática, mas ainda não encontra forças suficientes para combater o negacionismo e as notícias falsas, quadro que se repete em outros territórios do planeta.

As questões exteriorizadas pelos autores incluem características que vão além da pandemia, elas apontam para efeitos que deverão se manifestar mais tarde e que se traduz, inclusive, em mutações sensoriais na comunicação face a face. Esta é investida de gestualidade através da musculatura facial e expressa sentimentos associados a comunicação verbal, porém passa a ser segmentada pelo uso da máscara. Estaria a comunicação não mediada pela tecnologia também transformada por um dos símbolos pandêmicos?

Ademais, como pode ser constatado, as conversas entre entrevistadores e entrevistados, aqui convertidas em artigos, destacam a tecnologia como uma saída para preservar o contato entre as pessoas, bem como possibilitar a continuidade de diferentes atividades. Em contrapartida, há uma parcela da sociedade que fica excluída dessa reorganização, são aqueles que não dominam o universo tecnológico ou não têm acesso a ele. Caso se confirme o deslocamento de grande parte das

atividades presenciais para virtuais, é possível observar a ruptura causada pela pandemia na impossibilidade da inclusão de muitas pessoas na realidade que começa a se desenhar, uma vez que, provavelmente, estamos atravessando uma nova etapa da midiaticização. Um marco histórico que nos impõe uma nova forma de ser no mundo (Gomes, 2017), visto as condições que se apresentam.

As conversas que se desenvolveram no CISECO Entrevistas, focaram em problemas ocasionados na esfera social e midiática, mas sem destacar os interlocutores destes ambientes, pois neles também se estabeleceram como agentes das transformações. Entrevistados e entrevistadores atuam em áreas que, de alguma forma, exigiram algum tipo de reorganização para prosseguir com seus trabalhos. Por isso, além de serem observadores do fenômeno estão tão imersos nele como toda a sociedade. Ou seja, podemos deduzir que da pandemia midiaticizada emergem embates de sentidos e estes se produzem no bojo de diferentes relações. Portanto, constituindo novos coletivos, situação que remete a inquietação de Eliseo Verón (2013, p.421) sobre a complexificação de classes de atores sociais em um momento específico. Os coletivos mobilizam a pandemia e o contágio da Covid-19, que vai além de seu sentido categórico, pois o campo midiático lhe confere uma diversidade qualitativa colocando em circulação sentidos produzidos a partir de suas implicações. Ademais, os artigos nos dão pistas sobre o que a sociedade faz (CERTEAU, 1994) com esse emaranhado informacional, além das práticas desenvolvidas pelos coletivos no contexto pandêmico.

Para finalizar, destacamos que, além da experimentação dessa atividade que trouxe resultados assertivos, o CISECO Entrevistas permitiu acesso abrangente aos trabalhos que as instituições vem desenvolvendo, uma vez que a disponibilização dos vídeos no seu canal no YouTube alcançou, e ainda alcança, público diferente e maior, daquele que nos acompanha nos eventos presenciais.



## Referências

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1996.

GOMES, Pedro Gilberto. Dos meios à mídiatização: um conceito em evolução. São Leopoldo: Unisinos, 2017.

VERÓN, Eliseo. La semiosis social 2. Ideas, momentos, interpretantes. Buenos Aires: Paidós, 2013.



## **Pandemia:** da Surpresa à construção midiática

### *Entrevista com Gastón Cingolani, por Antônio Fausto Neto*

“(…) Retorno de nosso interesse pela mídia é sintoma da necessidade de nos vincular com o não ficcional, com o metonímico que afeta o nível macro-social”

Em entrevista concedida a Antônio Fausto Neto, Gastón Cingolani professor e pesquisador argentino fala sobre as transformações das práticas sociais durante a pandemia, no contexto interpessoal e midiático. O diálogo se dá no contexto da atividade promovida pelo CISECO sobre “Pandemia e produção de sentidos”, proposta que permitiu uma série de conversas, entre especialistas de diferentes áreas, sobretudo do ponto de vista sócio-semiótico-comunicacional, a respeito das manifestações da Covid-19. Nesta reprodução da entrevista foram mantidos os idiomas dos participantes.

## Surpresa, como sintoma da pandemia

**ANTONIO FAUSTO NETO** – Gastón, como surgiram tuas primeiras observações sobre a pandemia e como foram sendo construídas tuas hipóteses a respeito deste fenômeno, do ponto de vista socio-semiótico?

**GASTON CINGOLANI** - Bueno, nos reúne una situación que, ya sabemos, nos encuentra curiosamente sorprendidos ¿Por qué digo curiosamente sorprendidos? Porque ese aspecto, por momentos apocalíptico, que ha tenido la explosión de esta pandemia a nivel global. Sin embargo, fue como anticipada varias veces en la literatura, ¿No?, en el cine. El cinema ha hecho muchas veces alusión a una posible catástrofe natural o a algún tipo de invasión que pudiera paralizar o transformar violentamente las relaciones humanas, sociales, económicas, políticas a nivel global. Pero, curiosamente, parece que nos tomó como de sorpresa. Y esa sorpresa, para mí, es el primer síntoma interesante de la pandemia. Es decir, hubo algo en cómo sucedieron las cosas que pareció que no lo esperábamos y que no estábamos preparados para eso. El sistema político no se mostró claramente preparado, el sistema sanitario se mostró desbordado en muchas ocasiones, en diferentes países inclusive. No necesariamente los países más pobres han sufrido el desborde sanitario. También los países más ricos, con mejor tecnología, con mejores sistemas. Sin dudas, también los medios de comunicación se han visto conmocionados en sus prácticas cotidianas por esta situación de pandemia. Así que, yo creo, que la sociedad curiosamente quedó como sorprendida, tomada por sorpresa, ¿No? frente a esta situación. Y es una situación la pandemia que corta, digamos, todos los niveles más importantes, más fundamentales de la vida social y cultural a nivel global, ¿No? Probablemente, un episodio, seguramente, el episodio más importante de la historia de la humanidad estemos

sucedendo. Por su alcance a escala global, quiero decir. De modo que lo que está sucediendo, y yo creo que todavía hoy, 27 de julio de 2020, está sucediendo, no estamos aún en la postpandemia. Estamos en absoluta pandemia. La cuestión más fuerte es que, lo que está sucediendo no sabemos cómo, y, si alguna vez, va a dejar de suceder. Quiero decir, no hay perspectivas demasiado claras acerca de cuál va a ser la finalización de esta situación, de este paréntesis especial de crisis en el que estamos envueltos. Es curioso, porque eso lo que genera es, por lo menos en mi caso, una cierta generación de paradojas. Es decir, ¿Por qué hablamos de crisis? Bueno, hablamos de crisis porque evidentemente lo que sucedía antes no está pudiendo suceder, acontecer, con normalidad. Pero tampoco hay, como se dice, una nueva normalidad instalada. Es decir, esa famosa nueva normalidad que quizás configure un futuro postpandemia no está todavía claramente configurada. No hay una "nueva normalidad". Es una expresión un poco paradójica, porque ya se le dice normalidad, pero todavía no comenzó. Así que, es muy rara esa normalidad que todavía no le conocemos ni siquiera los rasgos, las características. Y, bueno, esa nueva normalidad está ya siendo anunciada de maneras un poco a veces monstruosas por los medios, por los gobiernos, por las organizaciones sanitarias, por las economías, o los actores económicos importantes están planteando una posible nueva normalidad. Pero, lo paradójico, es que no es algo que podamos tener ni siquiera prepararnos a esa nueva normalidad porque no conocemos cuáles son sus características, sus rasgos. Yo, lo que creo (y no voy a hablar del futuro porque la ciencia, los científicos, debemos hablar de lo que sucede o de lo que sucedió, no de lo que sucederá. No somos especialistas en adivinar, sino en tratar de describir lo que está efectivamente sucediendo) es que lo que principalmente fue conmovido, trastocado, transformado por esta situación de pandemia, es un aspecto del sentido social de las prácticas cotidianas. Tanto a nivel macrosocial como microsociales. ¿Cuál es el aspecto? En general se postuló que el aspecto era algo así como, digamos, se buscó una metáfora

para transcribir o para describir lo que está sucediendo. Y se habló de una guerra. Se habló de una guerra contra un enemigo invisible. También se habló de una gran tormenta, y de que somos como una especie de barco naufragando en una gran tormenta en altamar. Sin embargo, las metáforas no fueron, ninguna ha sido muy exitosa. No conquistaron la adhesión y la palabra cotidiana de la gente. Esas metáforas quedaron puestas en boca de esas personas que tienen la posibilidad de expresarse colectivamente pero no han permeado la vida cotidiana.

## **Vida transformada em metonimia**

**AFN** - Como aproximastes o fenômeno da pandemia de categorias analíticas socio-semióticas que elegestes para a formulação de tuas observações?

**GC** - En la vida cotidiana no hablamos de guerra contra el virus ni hablamos de la tormenta. Es otra la dimensión del sentido social que ha sido transformada en esta pandemia, que es la dimensión no metafórica, sino metonímica. Es la metonimia, es decir, el contacto, el lazo, el vínculo social. Y casi todas las situaciones que nos hemos encontrado afectados son las situaciones en las cuales hemos necesitado cambiar o romper el vínculo cotidiano. Y esto tiene un impacto, digamos, en la cotidianeidad. Un impacto, llamemos, no mediático, o microsocioal, que está afectado de lo mediático, porque nos comunicamos con los afectos, con la familia, con los compañeros, con los amigos, con los vecinos. Pero esos vínculos nosotros estábamos acostumbrados a ejercerlos parcialmente por vías de ciertos contactos mediatizados (whatsapp o telegram o el teléfono, mail, etc.) y parcialmente intercalados por una práctica cotidiana de visita, de darse un abrazo, de encontrarse en el café o en el buffet de la universidad o en la calle con el vecino o en la casa del amigo, etc.

## Vínculos, segundo vías mediáticas

**AFN** - Como se deu para ti o vínculo entre a pandemia e a esfera mediática?

**GC** - Pero, hoy día, eso tuvo que reducirse, por lo menos según cada país en distintos momentos y con distintas reglas. Pero tuvo que cambiarse o reducirse, y, en algunos casos, directamente anularse ese contacto físico y ejercer toda nuestra relación social, todos nuestros vínculos sociales, por vías mediáticas. Eso es un gran cambio, en mayor o menor medida, según el país, según la región, según las prácticas. Pero eso ha sido un gran cambio. Lo cual, algo ya sabíamos hacer, pero nunca nos faltaba el cuerpo a cuerpo, el abrazo, el contacto pleno. A la inversa, en el estadio en el cual nosotros nos constituimos socialmente, colectivamente, que es el estadio más propiamente mediático. Nosotros tenemos una imagen de la vida colectiva y social a través de los medios tradicionales, sobre todo masivos, principalmente. Pero también, hoy día, con la reproducción de esos medios en las redes que circulan entre vínculos interindividuales. Pero, digo, esa tradición mediática tiene, digamos, dos grandes bloques de trabajo o de manifestación. La no ficción, el discurso propiamente no ficcional, y el discurso ficcional (las series, el cine, las telenovelas) ¿No es cierto? Pero en la parte no ficcional hubo un cambio, porque cuando comenzó el fenómeno de la pandemia, comenzó como un fenómeno profundamente no ficcional. Fuimos rápidamente interesados y absorbidos por lo que los medios periodísticos, jornalísticos, informativos nos decían de qué es lo que está sucediendo. Y ese discurso periodístico se apoyó, rápidamente, en el discurso científico y en el discurso gubernamental. Sobre todo, el discurso científico volvió con una fuerza probablemente que hacía muchos años no tenía en los medios masivos. Volvió a tomar la palabra de manera muy fuerte para explicarnos, para describirnos qué está sucediendo, cómo debemos cuidarnos, qué debemos hacer y qué no debemos hacer, cuáles son los avances sobre los cuales la ciencia está

tratando de comprender el fenómeno que, por el momento, sigue parcialmente incomprendido. Pero es un discurso no ficcional. El discurso no ficcional (esto no lo digo yo, pero otros autores que han trabajado muy fuertemente) es el vínculo macrosocial metonímico, no metafórico. Es decir, no construye una fantasía sobre lo que la sociedad es, una fantasía paralela, sino que construye que eso que está sucediendo afecta física y materialmente nuestra vida cotidiana. El universo de la ficción, de la telenovela, del cine, tienen universos paralelos. Yo puedo llorar por algo que sucede a un personaje, pero yo apago, termina la serie y yo vuelvo a estar con la emoción de la vida cotidiana, que puede no ser la misma de la que me envuelve cuando estoy viendo la telenovela o el cine. Pero cuando me voy a dormir y vi algo en la televisión, en el medio periodístico, y me genera preocupación o me dice que mañana no voy a poder salir, yo me voy a dormir y eso sigue, la preocupación. Y mañana no puedo salir. O sea, ahí hay un vínculo inmediato, fuerte, estrictamente material sobre lo que afecta a mis acciones y a mis emociones. Entonces, los dos planos, el microsocioal y el macrosocioal, se vieron conmovidos en su dimensión más fuerte. No en la cuestión metafórica, sino en la cuestión metonímica. Es el vínculo metonímico con lo social, con lo microsocioal y con lo macrosocioal, lo colectivo. Y ahí hay mediciones muy buenas, estadísticas muy buenas, que mostraron que se vendió mucha más información periodística que hacía bastante tiempo. Los medios periodísticos, casi todo el mundo occidental, por lo menos, volvió a captar fuertemente la atención que había perdido progresivamente en estos últimos años, en estas últimas décadas. Los medios periodísticos habían perdido interés y lo recuperaron. No sabemos si lo van a poder retener una vez que esto pase. Pero han sido foco de atención. Eso es un síntoma de nuestra necesidad de vincularnos con lo no ficcional y con lo metonímico de lo que nos afecta a nivel macrosocioal. Yo no quisiera abundar más porque me gustaría dialogar, Fausto, pero principalmente esto es más o menos una hipótesis que yo estoy trabajando y barajando en esta circunstancia.



## **A modernidade não tem solução para todos problemas**

**AFN** – Quero retornar um pouco a uma observação que fizestes início de seus comentários sobre a noção de surpresa. Pois fomos surpreendidos por alguma coisa que segundo nossas suposições jamais suponhamos que poderia assumir configuração tão complexa como se sucede, como acontece. Pergunto se essa sua observação sobre a noção de surpresa tem a ver com um certo desapontamento que nós temos em relação à complexidade e desafio que representam para os sistemas sociais, a questão da vigilância? Em outras palavras, os sistemas não foram capazes, não desenvolveram competências no sentido de prever, de detectar fenômeno que não estaria nas suas rotinas, mas, certamente, haveria alguns sintomas enquanto manifestações através das quais poderiam agir sobre a disseminação do vírus? Como é que você trabalha esse aspecto já que destacou a noção de surpresa como uma categoria tão forte na sua maneira de observar a pandemia. Onde é que você situaria esta questão à luz desse meu breve comentário?

**GC** – Sí. Una ficción, una fantasía que envolvió el sistema de las conciencias en general, quién sabe, en las últimas décadas (o más de un siglo quizás, también) es que la modernidad que llega a través del eje político, pero también del eje económico y el eje cultural y mediático, tenía previsto soluciones para todos los problemas. Y yo creo que, en parte, la sorpresa viene porque, aparentemente, la modernidad no tiene soluciones para todos los problemas. Y quizás algunos de los problemas que la propia modernidad genera todavía no tiene desarrolladas las soluciones, y puede ser que aparezcan imprevistos. Ni la economía está. Quizás, ya lo sabíamos Fausto, pero hacía falta, quizás, confirmarlo con una desgracia. La economía no estaba pensando en que si algo le sucede a escala planetaria al mundo la economía global va a estar para ayu-

darnos. Parecería (**risos**) que no, que no está para ayudarnos. Está para aprovechar, quizás, más aún profundizar. A los ricos hacerlos más ricos y a los pobres dejarlos librados. Yo creo que la sorpresa, en primer lugar, viene porque había una dosis de confianza muy alta en que los sistemas expertos nos podían cuidar porque están vigilando, y quizás no están vigilando para ayudar. A lo mejor algunos lo intuían, pero no todos. Hay un factor de confianza en eso. Yo creo que tenemos que aprender esta lección y exigir a autoridades y a la gente que maneja estos desarrollos que traten de ofrecer sus garantías tecnológicas y económicas y políticas para no dejar a la humanidad en una situación tan descubierta como parece que estamos. No sé si eso ayuda a pensar un poco.

**AFN** - De alguma maneira isso remete a uma noção também de paradoxo?

**GC** - Sí.

**AFN** - No sentido de estarmos vivendo um momento de uma sociedade tão impregnada de tecnologias e de intervenções, de administrações, de vigilâncias, de previsibilidades, regulações, e algo escapa, salvo, digamos, previsões muito longínquas de que crises desse porte poderiam acontecer. Não agora, talvez, mas daqui a dez, quinze, vinte anos próximos, conforme alguns artigos que foram mencionados, aspectos que foram mencionados por um artigo de Edgar Morin. Pois bem, lhe pergunto, em que medida esses sistemas regulatórios ao não poder captar a ocorrência dessa a eclosão desse vírus, deixam revelar sintomas dessa impotência quando o vírus eclode e os sistemas sociais começam a travar interpenetrações muito complexas e confusas, resultando disso uma desordem que se manifesta num plano primeiro, no âmbito das narrativas, por exemplo. Em que medida esses entrela-

çamentos dos sistemas operando de modo assimétrico - o discurso governamental caminhando numa direção, o discurso médico por outro - não seria um sintoma de uma assimetria impossível de ser regulada, tendo em vista a complexidade de acontecimentos cujo horizonte de ocorrências não estariam num plano de previsibilidade, por exemplo? Em que esta problemática também estaria afetando a nossa capacidade de desenvolvimento de narrativas que pudessem contemplar a estabilidade ao invés de assimetrias de discursos?

**GC** - Es difícil. Es difícil porque, profesor, usted lo describió muy bien. Ahí hay narrativas que hacen confluír sistemas diferentes que tienen reglas diferentes, y que no se traducen uno al otro. Es decir, el sistema político tiene reglas que no puede absorber la complejidad de las reglas del universo de los médicos, científico. Lo mismo sucede con el sistema económico. Probablemente la salud pública sea económicamente insolvente en algún momento. Cuando algo se desborda va a ser mucho más el costo que la ganancia. Y no hay equilibrio económico posible en ese nivel. Por lo tanto, las reglas de un sistema y el otro no tienen posibilidad de ser subsumidos o transfundidos sin gran pérdida. Y, seguramente, nosotros como individuos, tampoco tenemos posibilidades ni de exigir ni de confiar en todos los sistemas al mismo tiempo. Porque esas paradojas nos dejan o nos muestran uno de los aspectos más indeseables de la vida colectiva que es que, quizás, no somos los privilegiados de esos sistemas sociales, sino que somos el combustible de esos sistemas sociales. Que se estén consumiendo las actividades individuales y humanas antes que estar siendo los beneficiarios. O quizás hay algunos beneficiarios y algunos que se van a tener que perjudicar. Es decir, que no es cierto que esos sistemas sociales estén también debidamente bien encontrados y traducidos con los sistemas interindividuales. Son fenómenos que funcionan en conflicto. Yo creo que no tiene solución eso. Esa conflictividad no está resuelta.

**AFN** - A propósito dessa conflitualidade, fazendo uma relação com aspecto da sua fala quando chamava atenção para nos lembrar que um aspecto de um apelo discursivo desenvolvido nesse contexto da pandemia e que diz respeito ao apelo pela interrupção do contato, não? Ou seja, como o vírus dissemina-se há que interromper o contato que é uma dimensão central para que as experiências dos sujeitos possam ser intercambiadas. questão da interrupção do contato e, digamos assim, toda a narratividade médica ou infectológica ou epidemiológica é no sentido de acenar para a necessidade de nos isolar, de um lado, para que possamos suspender os contatos, conter a disseminação do vírus. Em que medida essa tese, ou esse aceno, não seria um postulado formulado em torno de uma lógica unilinear. Ela não estaria ignorando um aspecto central da experiência humana e quer diz respeito à dimensão do contato?

## **O contato que se interrompeu foi o não mediatizado**

**GC** - Ahí hay algo. Porque en realidad el contacto que se interrumpió o que se redujo, se terminó (a veces, a veces no) es el contacto no mediatizado, pero contacto humano sigue habiendo porque la mediatización, los distintos modos de mediatización no sólo no se redujeron, sino que crecieron. Esta posibilidad de que nosotros falamos esta tarde aquí es gracias a un contacto mediatizado. Yo creo que lo que sucedió fue que se reconfiguró, que se transformó acentuando, creciendo, una parte del contacto humano, que es el contacto mediatizado, y disminuyendo el contacto no mediatizado. Y que ese desbalance, ese cambio, las gradaciones, no sabemos cuál va a ser la consecuencia a mediano, largo plazo. Pero es probable que, por un lado, revaloricemos, volvamos a dar valor a cierto aspecto del contacto sin mediatización porque temos saudade desse contato que perdimos momentaneamente. Y, por otro lado, que ganemos nuevas instancias de realización social dentro de las matrices mediáticas que ya existían pero que han aumentado por

una necesidad de poder seguir existiendo, viviendo socialmente, y, quizás, digamos, "bueno, antes yo veía un amigo muy lejano una vez muy cada tanto, ahora lo vi más seguido gracias a esto". No está tan mal. A lo mejor, esto también puede ser una manera de socializarnos. Yo creo que, más que una pérdida de contacto, lo que hubo es un desbalanceo hacia el contacto mediatizado y, no sé, yo no me animaría a decir que eso es necesariamente malo. Creo que lo vamos a poder evaluar en el futuro. Hoy no lo podría decir. Pienso en gente que quiere viajar para estudiar y ahora se da cuenta que el estudio no necesariamente, quizás la universidad, acepte en unos años a dar parte de sus cursos mediatizados, por ejemplo.

**AFN** - Uma das observações que os setores médicos levantam no Brasil nesse momento é que, a despeito de um apelo muito intenso e reiterado por parte das autoridades do campo sanitário, aquele sobre o pró-isolamento, indicadores mapeados indicam que a população não observa em larga medida. Não sei se esse é um fenômeno brasileiro, ou um fenômeno também argentino, por exemplo. Mas todos os dias as mídias estão estampando boletins mostrando, primeiro, que a população está cada vez mais nas ruas desprovida dos equipamentos de proteção e fazendo uma associação direta entre quanto mais há exposição, quanto mais não há observância do isolamento, mais os índices crescem. Então, os índices de desenvolvimento do vírus aqui seguem de alguma maneira, em alguns momentos estabilizados em platô muito alto. Então, poderíamos explicar esse fenômeno da seguinte maneira: se há de um lado um discurso muito forte e reiterado para "fiquemos em casa", "mantenhamos o isolamento", entretanto seguimos na rua, seguimos nos bares etc. Não haveria aí uma defasagem entre um postulado de oferta de uma mensagem o pró isolamento e uma outra que segue orientação contrária, segundo uma lógica outra em relação ao postulado sanitário? Associa-se do fato mal dos inves-

tigadores comportamentais ou epidemiológicos não saberem detectar porque que a população não obedece a essas instruções. Como é que você vê essa questão?

## **Crise diante de duas ordens**

**GC** - Sí. Es cierto que distintas poblaciones no han seguido esas reglas tan estrictamente como debieron. Aquí, en Argentina, al comienzo hubo una muy alta obediencia a esa regla y luego, de a poco, se fue relajando y a gente sale às ruas y se encuentra, y no hace caso. Y, es increíble, pero se está exponiendo a la enfermedad. Ahora, yo creo que ahí hay una crisis que tiene que ver con dos órdenes, pero no soy un especialista en comportamiento, en ciertos aspectos del comportamiento. Una crisis es la confianza en que los procedimientos tengan el resultado que se dice que tienen que tener, ya sea porque lo dice el gobierno, o lo dice un organismo de saúde, o lo dice los medios. Hay algo del orden de la desconfianza que me van a obligar a mí a cambiar mi vida por algo que no tiene sentido o que no tiene un efecto real, y por otro lado...

**AFN** - Mesmo que tenhamos evidências de que há um número elevado de mortes, sepulturas abertas etc. Mesmo com esses motivos extremamente impactantes. Mesmo assim, as pessoas não se sentiriam convencidas?

## **Faz muito tempo que não confiamos nesses sistemas**

**GC** - Evidentemente, hay algo que, quién sabe, si es por un exceso de confianza en que a ellos no les va a suceder o una falta de confianza en que los medios periodísticos, los medios científicos, los gobiernos,

estarían haciendo algo erróneo. En cualquier caso, evidentemente no hay una correspondencia entre la propuesta gubernamental o la propuesta científica y la respuesta poblacional. Está claro que ahí hay un desfase, como vos decís. Y que ahí hay que intervenir y pensar, ¿Por qué esa desconfianza? Cabría pensar que los gobiernos y las entidades de salud y las entidades periodísticas hace mucho tiempo no trabajan bien para la sociedad a la que se dirigen. No es sorprendente que no confíen. Hace mucho que no confiamos como sociedad en muchos de esos sistemas. Así que ahí puede estar una parte de la respuesta. En Argentina, como al comienzo se hizo una respuesta bastante buena la verdad, al principio hubo una adhesión muy alta. La gente luego se fue como cansando. Después de dos meses, tres meses, y también necesidad económica, además de problemas de ánimo, espirituales, de la necesidad de encontrarse con sus afectos y demás. También había necesidades económicas y mucha gente salió a las calles. Pero hay algo también. Creo que no han sido suficientemente confiables los sistemas que nos rigen, que rigen nuestras reglas. Hay algo que hemos perdido confianza, o nos creemos inmunes. Quizás nos creemos inmunes.

**AFN** - Esse aspecto que você levanta sugere pensar uma questão, se puder desenvolver. Em que medida, nesses contextos em que a população reage a esse apelo de isolamento, não teria relação com a reconfiguração dos coletivos que adotam formas de explicitar os seus postulados e fazer ver aos ofertadores dos postulados da vigilância, que parece haver um desequilíbrio, uma descompensação de negociação, entre uma coisa e outra. Alguns setores aqui no Brasil chegam a levantar que talvez a nossa desobediência não seja desobediência civil no sentido clássico, mas alguma coisa a ver com a algo caro na dinâmica cultural, que é a questão do contato? o apelo pela suspensão do contato envolve por exemplo, a problemática da fratura do contágio caro as nossas culturas. Como é que você vê isso?

## **Ficar sem vida social é ficar sem vida**

**GC** - Lo que dice es muy cierto. Porque suceden muchas cosas en la calle y en esos espacios públicos o de encuentro social, de encuentro colectivo, donde se producen justamente colectivos, agrupaciones, que lo que hace emerger el vínculo social está en ese contacto. Y eso es un contacto que necesita de una instancia no mediatizada. No pudo ser captada por la mediatización. Esos encuentros cercanos con mucho ritual, pero también mucha espontaneidad. Ahí suceden cosas que no estaban previstas, y que suceden ahí. Eso es cierto. Eso no puede ser encorsetado, sostenido, a veces, por un vínculo de mediatización. Eso es verdad. Y tal vez también ahí haya un principio de respuesta para comprender por qué mucha gente prefirió conservar esa instancia de contacto. Es muy probable, porque, además, la vida social es toda la vida que esa gente tiene. No hay una vida personal, privada, tan importante como la vida social. Entonces quedarse sin vida social es casi quedarse sin vida. Y eso es un poco grave a veces. Para mucha gente, es comprensible no querer perder esa vida, aún arriesgando su propia vida.

**AFN** – A luz dessas observações, que medida estas pistas poderiam estar sugerindo examinar a pandemia essas questões da pandemia sob o ponto de vista de estudos de midiatizações? Que pistas de investigações suscitam àqueles que se dedicam à midiatização como objeto de trabalho?

## **Processos coletivos sem coordenação prévia**

**GC** - Por ejemplo, nosotros aquí estamos formando un proyecto que no sabemos si va a tener financiamiento del Estado, pero vamos a buscar de hacer un proyecto muy grande en todas las regiones, casi todas las



regiones del país, porque cada región tiene prácticas sociales y geográficas muy, muy diversas. Y casi todo, por lo menos en Argentina, está planificado, diseñado desde el centro, desde Buenos Aires, y no piensa necesariamente la diversidad regional, cultural y geográfica que hay en el resto de Argentina. Estamos armando un proyecto que piensa todas esas diversidades y queremos medir, observar, los niveles de confianza. Porque para poder accionar colectivamente, y aquí voy a hacer mención a unos trabajos de Eliseo Verón de los años 90 donde él investigó por qué algunos procesos se daban colectivamente sin coordinación previa. Es decir, mucha gente hacía lo mismo en el mismo momento, pero no había un dispositivo institucional que estableciera esa regla, sino que mucha gente acudía a hacer la misma cosa más o menos coordinadamente sin preestablecer esa coordinación. Eso es un fenómeno muy propio de las sociedades de gran escala. Entonces, nosotros estamos pensando cómo se producen en una situación como esta, donde la salud individual depende de la salud pública, es decir, del ejercicio de muchos individuos haciendo lo mismo para protegernos a todos, considerando las disidencias, considerando las diferencias geográficas, económicas, culturales. Y, entonces, creemos, es una hipótesis, que eso se basa en mecanismo de creencia o de confianza. Para yo poder hacer lo mismo que vos, y que él, y que él, y que él, tengo que creer en lo mismo que ellos. Creo que si yo me quedo en mi casa voy a estar protegido y voy a proteger a los demás. Y, si todos se quedan en sus casas, todos nos protegemos. Pero es muy difícil que una sociedad diversa todo el mundo crea lo mismo. Eso es un proceso muy complicado. Entonces queremos estudiar, investigar cómo se están dando los mecanismos de creencia y de confianza en diferentes instancias sociales, considerando la edad, la escolaridad, la diferencia económica, la diferencia geográfica, la historia cultural de cada comunidad. Porque se cree en cosas muy distintas. Y el vínculo con el poder central es diferente. Con el conocimiento científico es diferente. Y con el cálculo de las conveniencias económicas es diferente. Los vínculos, como hoy

mencionabas vos, la gente carioca que se reúne en los bares, pero en las zonas tropicales. Quizá en las zonas en el sur, más frías, la costumbre es otra. ¿Cómo se hace un país tan grande como Brasil, grande (no tan grande, pero grande) como Argentina, coligar todas esas creencias en un mismo procedimiento? Es muy difícil (**risos**). Este virus, esta pandemia, nos vino a señalar que quizás no hay tantos colectivos como creemos (**risos**). Que hay mucha diversidad. Y es un problema, porque necesitamos una acción colectiva, por ahora.

**AFN** - Quando observamos as narratividades que são enunciadas e circulam no Brasil sobre a pandemia, vemos, cinco ou seis tipos de narratividades que, em suas formulações, apontam para conflitualidades. O discurso governamental, um discurso anti-isolamento. O discurso que destaca os riscos que pode ter o isolamento para a performance da economia; O discurso médico, que faz uma espécie de educação monitorizada do desenrolar do processo de isolamento. O discurso jurisdicional com apelo fiscalizatório sobre o funcionamento das instituições; vários tipos de discursos religiosos que se engancham em racionalidades várias, dentre elas, a desqualificação das terapêuticas que são fornecidas, pelo campo médico. Por exemplo, se os discursos da vertente sanitaria são desqualificados, coloca-se como seu contraponto outras terapêuticas fundadas numa lógica de medicamentos que, do ponto de vista racional da medicina, são medicamentos duvidosos, para não dizer inadequados. A isso, se somando terapêuticas populares muitas dela sustentadas por outras lógicas. Em que medida isto não teria a ver com o que estás chamando atenção para essa diversidade de práticas, de crenças, de postulados de racionalidade, que, ao invés de estarem em função de uma cooperação de saberes, para formular uma ação comunicacional de combate, natureza disputam posições, verdades? Em que medida essa questão se apresenta no

cenário argentino e, sendo verdade, como é que você vê suas manifestações?

**GC** - Es muy difícil tener una visión completa de lo que estás diciendo aquí porque creo que eso se combina diferente según la región y según la clase social. Por ejemplo, la religión tiene aquí más presencia en algunas geografías o en algunas clases sociales que en otras. El discurso político y gobernante, igual. En algunos sectores sociales es muy escuchado y despierta movilización, ya sea a favor del gobierno o en contra de las medidas del gobierno, pero es un discurso político que llega. Y en otros sectores sociales el discurso político no tiene demasiada injerencia, no tiene demasiado logro. Primera cuestión, es desparejo según los sectores de la sociedad. Pero hay un lugar que conjuga un poco ese escenario, aunque lo hace de manera reducida, que es la televisión. En Argentina, todavía es bastante importante en cierto sector una televisión que tiene habitualmente discusión. Panel de personas, como palestra de personas que tienen opiniones diferentes y discuten, y se pelean. Y ahí aparece como un escenario un poco verdadero y un poco simulado, o exagerado, hiperbolizado. Pero de discusión de posiciones diferentes, en donde podría uno sentir que está viendo ahí algo como un debate, una discusión parecida a la discusión de un bar. Pero no veo que haya un lugar que pueda aplacar esa asimetría. Ahí se ven las tensiones. Sobre todo, las tensiones. Pero yo creo que no hay una homogeneidad a nivel nacional. Que esto, ciertos sectores de Buenos Aires funcionan de una manera, y en otros sectores de las provincias funciona de una manera muy distinta, inclusive con respecto a lo político, a lo religioso, a lo científico. Las economías son muy distintas, la socialidad cotidiana. En la Patagonia, la gente pasa meses encerrada en su casa por el frío. Hoy mismo hay 15 grados bajo cero en la Patagonia. Esa gente está acostumbrada a quedarse en su casa. No sale mucho. Sale un poco en verano. Mientras que en sectores más al norte

la vida en la calle, en las ruas, es más habitual. La gente se encuentra en las ruas. Eso es muy distinto. Porque una misma medida gubernamental por la salud tiene alcances y logros muy distintos según la región. Entonces, es difícil tener una visión general de un país con tanta diversidad. Quizás suceda algo parecido, no sé, en Brasil, que es un país también muy, muy diverso.

**AFN** - Vou dedicar as últimas questões para um aspecto talvez um pouco mais próximo a nossos interesses de pesquisa. Em termos de especulação, qual seria o impacto dessas metodologias, através das quais a pandemia é apresentada, qual é a repercussão de suas formulações sobre o desenvolvimento de atividades de mediação? Explico: No Brasil, nota-se espécie de transformação do ambiente da mediação suscitado por apelos que a sociedade talvez estivesse formulando no sentido de resolver, por exemplo, a manutenção do contato. O contato é importante e quem vai nos garantir isso hoje é uma plataforma de possibilidades, de práticas, de desenhos de interação, instruções etc. Como é que isso se coloca na Argentina e, especialmente, como é que se coloca para você como pesquisador? Qual é a repercussão que isso vai ter sobre transformações daquilo que você chama de mediação? Ou, dizendo de outra forma, conforme diz você em um artigo: o que acontece quando há mediação? Pergunto o que acontece com a mediação quando há a pandemia? Que especulação você faz aí em termos prospectivos sobre transformações da mediação produzidas pela pandemia?

## **Práticas vão se manter com hábitos**

**GC** - No tengo una visión completa, pero, por ejemplo, la gente más grande con más edad se vio repentinamente obligada a tomar contacto con sus afectos, con sus familias por esta vía, por las pantallas,

las telas. Y fue una situación históricamente rara, porque toda la vida hemos vivido que los mayores enseñan a los más pequeños las cosas de la vida. Pero aquí se dio mucho el escenario donde los más jóvenes, los más chicos, tienen que enseñar a los más grandes a utilizar las tecnologías. Se invirtió la carga de quién es el que sabe acerca de estos procedimientos para poder contactar abuelos con nietos, o padres con hijos más pequeños. Eso obligó, inclusive a gente grande a aprender a hacer trámites bancarios, trámites gubernamentales para la manutención económica por falencia bancaria o monetaria. Hubo una traslación hacia la mediatización de prácticas que la gente más grande no estaba acostumbrada y tuvo que aprender de una manera casi violenta. Con mucho drama social, porque eso no se visibiliza tan fácilmente a nivel macrosocial, pero cuando uno toma contacto ve que hubo mucha gente que sufrió ese cambio, fue empujada repentinamente a tener que hacer todo con el celular, con la tela, que no estaba acostumbrada a hacer eso. Eso es una cuestión. Y luego, también, creo que, por otro lado, algunas organizaciones van a poder acelerar algunos procesos que ya estaban siendo previamente practicados, pero con menos necesidad. Ahora yo creo que van a quedar nuevas prácticas o algunas costumbres de estas prácticas de pandemia y van a permanecer como habituales.

**AFN** - E, particularmente, sobre as práticas que implicam transferências de conhecimento, as práticas educativas. Tem algo que se passa neste movimento. Algumas perguntas que se fazem a escola, por exemplo. As universidades aqui se reúnem para buscar formas de assegurar a solução de desafios econômicos via processos pedagógicos, uma vez que, outros processos pedagógicos, como as aulas presenciais, são praticamente impossíveis. Então, temos que saltar, ir além, dos fundamentos da educação a distância, porque não é esta a questão. São métodos outros que implicam negociações muito delicadas,

porque há um exército de população de alunos que não tem acesso às máquinas aqui no Brasil. Não tem acesso aos protocolos técnicos. Então, as universidades têm que pensar como resolver essa mudança que não é só técnico-financeira, mas também de ordem metodológica que se imporia às rotinas de trabalho de transferência e aquisição de conhecimentos. Ocorre algo parecido na Argentina, nesse momento?

**GC** - Sí, sin dudas, Fausto. Porque, incluso, el gobierno de Cristina había distribuido pequeñas computadoras a todos los niños de las escuelas y a todos los maestros de las escuelas. Ese programa fue interrumpido durante el gobierno de Macri. E, incluso, las computadoras estaban compradas, pero fueron guardadas. No fueron distribuidas porque ellos entendieron que no era importante, o no era necesario. Sin embargo, esas máquinas, que ya tienen algunos años, son un poco viejas, ayudaron a muchos niños a estar, aunque sea, conectados diariamente con las escuelas. Pero, lo que você dice es mucho más grave e importante, que es pensar la estrategia pedagógica. Porque una estrategia pedagógica no es solo pasar de la pizarra o del aula a la pantalla, a la tela. Es, también, cambiar los métodos de cómo llegar, cómo acompañar, cómo producir una transformación en los niños. Y, realmente, no hubo ni tiempo ni hubo una preparación para eso. Y muchos niños también sintieron que ese espacio, que es la escuela, de contacto cotidiano entre ellos es lo que principalmente perdieron. Yo no veo que eso haya podido ser pensado todavía, y trabajado. Creo que eso, si se va a cambiar, va a llevar mucho tiempo.

**AFN** - Penso que um balanço que poderíamos firmar é de que resultam muitos temas e objetos a serem trabalhados a partir desse fenômeno, aqui evocado como uma surpresa. São rastros, sintomas, mas também, pistas para que nós possamos nos apropriar dessas coisas para estudar e investigar, não é isso, Gastón?

**GC** - Yo creo Fausto, y aprovecho para agradecerte y hacer una felicitación, una congratulación. Porque CISECO pensó todos estos años la mediatización y trabajó el tema de la saúde, el tema de la rua, el tema de la planificación política y fue muy visionario CISECO para eso. Las tematizaciones que CISECO planteó durante casi diez años. Diez años este año ya. Fue para mí algo que tuve muy presente cuando sucedía todo esto. Cómo, desde ese espacio, se fue gestando una agenda de pensamiento, una agenda de reflexión sobre las grandes problemáticas de las sociedades contemporáneas. Así que, yo aprovecho para ver que yo sentí cuando estaba la pandemia, digo "bueno, pero esto, todo esto en CISECO lo hemos discutido" (**risos**). Así que, yo ahí veo que Fausto ha sido un visionario en la gestación de esa agenda que, evidentemente, tuviste muy presente de cómo pensar los problemas que estaban viniendo, que se dieron todos juntos ahora (**risos**).





***Pandemia e Aprendizados  
nos Cenários Institucionais***



# **Aprendizagem Contextual na Pandemia**

(a partir de questões propostas por Antonio Fausto Neto)

José Luiz Braga

## **1. Introdução**

O tema central deste artigo é a aprendizagem – uma das muitas questões sociais que cercam a pandemia, ou que a compõem, em torno do eixo principal que é o da saúde, dos esforços da medicina centrados nos cuidados físicos e na preservação da vida; e do que seriam as políticas públicas de apoio.

O prof. Antonio Fausto, presidente do Ciseco, me convidou a refletir sobre a questão da pandemia pela perspectiva da palestra sobre aprendizagens contextuais (Braga, 2020), que apresentei em 2019, no congresso anual da entidade. Organizamos para isso uma entrevista.

O artigo apresenta as proposições derivadas desse laboratório reflexivo posto em funcionamento pelas questões desencadeadoras de Antonio Fausto. Conversamos sobre problemas sociais decorrentes da crise e sobre a experimentação social correlata – dois âmbitos relevantes que envolvem o processo de aprendizagem em contexto.

## 2. Aprendizagem Contextual

Com essa expressão, referimos aprendizagens que se desenvolvem no próprio contexto das questões e problemas da realidade que exigem a geração de respostas<sup>1</sup>. Embora possam ter intercessores (como na aprendizagem da fala pela criança) não implicam um ensino sistematizado nem um ambiente à parte: ocorrem efetivamente em situação. Segundo Vygotsky (1994), na aprendizagem da língua, “a sucessão dos estágios pelos quais passa a criança [e] a duração de cada etapa [...] são determinados não pelo programa da mãe, mas essencialmente pelo que a criança toma, ela mesma, do contexto” (tradução nossa). O autor não reduz, aí, o papel da mãe – ao contrário, valoriza sua criação de contextos. A frase de Vygotsky mostra que essa perspectiva de aprendizagem contextual não é de ordem pedagógica.

O processo original da aprendizagem humana não é a escola – é o contextual: aprendemos em contexto, em modo relacional, por descobertas e invenções compartilhadas, a partir de problemas específicos, de desafios do mundo e de necessidades a enfrentar. Sobre essa base original, o desenvolvimento histórico do ensino, da educação, da escola, representa um avanço social e interacional.

---

1 Há um uso da expressão “aprendizagem contextual” diretamente no âmbito educacional. Trata-se de procedimentos de ensino, centrados em relacionar a atividade formativa aos contextos em que a aprendizagem pretendida se aplica e se desenvolve (ver por exemplo Do Valle; Ribeiro, 2011). Nosso conceito implica, diversamente, o que se aprende diretamente nas circunstâncias sociais.

Na aprendizagem contextual aprendemos em nossas relações com o mundo. O processo é comunicacional porque a própria descoberta depende do aporte de bases compartilhadas sobre o problema; e mesmo quando ideias e gestos sejam individualmente gerados só se integram à sociedade como prática e/ou conhecimento através de interações. A interação não é apenas "de passagem" entre participantes sociais, como propagação da ideia ou do gesto; implica também, e sobretudo, uma processualidade de teste (verificação, tentativa, debates), de seleção (perante outras ideias e gestos que surgem em relação ao mesmo desafio), no efetivo enfrentamento das questões que estimularam a interação.

A capacidade de aprender é biológica, inerente à espécie. Embora outras espécies também aprendam, a espécie humana parece ser extremamente dependente dessa capacidade para sua sobrevivência e expansão. Além do ajuste de comportamentos aos nichos de affordances (Gibson, 1977), as invenções estratégicas derivadas dessa competência natural são imediatamente compartilhadas, retrabalhadas, selecionadas e reajustadas em continuidade, por processos comunicacionais, até entrar na cultura dos participantes. Mais exatamente: para gerar a cultura dos participantes – quer se trate da cultura abrangente de uma sociedade, quer de níveis intermediários, até as microculturas de pequeno grupo.

O processo comunicacional é o elemento dinâmico, de ordem social, que exerce a competência biológica do aprender. Nessa dimensão, a aprendizagem pode se situar em processos que vão da pura invenção experimental e tentativa até os processos de simples passagem de informação, com ajustes mínimos, nos conhecimentos estabilizados.

É por essa possibilidade mesmo que, na continuação dos processos de aprendizagem no extremo da descoberta, as sociedades inventaram (progressivamente, por experimentações sucessivas) um contexto muito especial, a escola, como processo social planejado e motivado,

organizado para assegurar a continuidade de conhecimentos entre gerações e para oferta de respostas diante de desafios e urgências socialmente consideradas relevantes

Com a escola, cada um pode ter acesso a uma diversidade maior de aprendizagens. De modo interessante, isso também permitiu compartilhar os conhecimentos e práticas entre muitos – o que, por sua vez, serve de patamar mais elevado para novas diversificações.

Entretanto, embora a escola reduza a dependência com relação a contextos diretos da experiência, isso não significa que os processos de aprendizagem em contexto (descoberta, invenção) deixem de ser importantes. A sociedade é uma fonte constante, em todos os seus âmbitos e circunstâncias de urgências e desafios não previstos (ou apenas parcialmente previsíveis), que vão exigindo desde ajustes dos conhecimentos e práticas estabelecidos, até buscas e acionamento de respostas tentativas.

A escola, ela mesma, se manifesta como contexto – de interessante complexidade, no que se refere a problemas e desafios. Os processos escolares não podem depender apenas da passagem de informações prontas – envolvem também uma geração de contextos ad-hoc relacionados ao que se deve aprender: exercícios, debates, trocas interacionais de dúvidas, interpretações e argumentos, assim como de percepção de problemas que, sem a escola, não seriam percebidos ou construídos.

A porosidades entre a escola e as realidades sociais diversas viabiliza (e estimula) a realimentação e tensionamentos entre ocorrências diversas na realidade circundante de cada estudante. Para os estudantes, a aprendizagem escolar e os desafios do aprender em suas circunstâncias pessoais sofrem incidências mútuas.

Os problemas da realidade fazem buscar nos aprenderes escolares respostas e experimentações. E o que se aprende na escola se exerce

como interpelação da realidade, fazendo aparecer, nesta, questões antes não percebidas que se tornam, agora, novos problemas e desafios para retrabalho e aprendizagem contextualizada do que se aprendeu na escola em outros termos.

Todos os contextos, abrangentes ou específicos, envolvem problemas relacionados, necessidades que requerem um aprender contextual. Em condições mais ou menos estabilizadas (e na possibilidade de condições materiais e operativas), os contextos “providenciam”, como aspecto de suas próprias lógicas, as interações requeridas para algum atendimento das aprendizagens necessárias. Estas ocorrerão ou não, em graus diversificados – variando conforme a qualidade dos processos e as possibilidades dos participantes. Por isso mesmo, os processos da aprendizagem contextual podem ser muito diversificados, conforme a dimensão e a complexidade das questões.

Apesar da diversidade, podemos assinalar os passos básicos do aprender contextual que decorrem das proposições anteriores: percepção do problema; definição dos objetivos do enfrentamento; previsão e experimentação das estratégias; seleção entre alternativas; desenvolvimento das ações consequentes; e crítica dos processos e dos resultados.

A aprendizagem-invenção se elabora nesses procedimentos e se consolida pelo exame dos resultados (ainda que mal sucedidos, desde que sejam examinados os desajustes destes com relação aos objetivos e estratégias), levando a revisões de posição.

A processualidade comunicacional é básica em todos os passos. Os problemas e objetivos podem ser percebidos por diversos ângulos; e se espera que a clareza sobre eles se desenvolva pela equilíbrio entre as visadas. As propostas de estratégia, em situações não estabilizadas, são sempre variadas, e sua seleção e ajuste depende de tensionamentos e articulações entre as diferentes preferências. Os modos de ação implicam um direcionamento composto e ajustes em andamento. Isso

significa que há forte probabilidade de que o valor de aprendizagem será correlato à qualidade dos processos comunicacionais que desenvolvem essa aprendizagem.

Essa aprendizagem ao vivo envolve composições entre conhecimentos estabelecidos e experimentações; entre práticas habituais e gestos ad hoc, solicitados pela situação; entre decisões calculadas e propostas intuitivas. Em todos os níveis e etapas do desenvolvimento, podem ocorrer graus variados de descoberta e invenção, mas o que chamarei mais propriamente de aprendizagem contextual de invenção social serão os resultados compostos postos em ação com algum grau de sucesso em relação aos problemas específicos que tenham desencadeado o processo.

### **3. Contexto pandemia – os problemas**

Com o item anterior, temos a base reflexiva pela qual podemos examinar algumas urgências, desafios e consequências postas pela situação de pandemia que acionam preocupações relacionadas à questões de aprendizagem.

Além de atropelar todos os contextos sociais, deslocando seus processos habituais, e por isso mesmo interferindo em suas necessidades e padrões interacionais, a pandemia exige enfrentamento – com a peculiaridade, sendo um contexto não previsto e sem referências específicas, de não dispor de lógicas interacionais estimuladoras das aprendizagens que requisita. Os processos pedem aprendizagens de descoberta e invenção.

Não apenas invenção e descoberta. Há conhecimentos disponíveis e participantes experimentados em bases abrangentes. O conhecimento científico e médico é imediatamente acionado, trazendo seu acervo estabelecido sobre cuidados prévios, tratamentos, vacinas, táticas hospitalares.



Outros setores trazem também o ajuste de conhecimentos especializados à situação específica: operações administrativas, planejamento, acompanhamento estatístico, comércio internacional, fornecimento de insumos ... Os setores especializados são os que se saem com melhor eficácia para geração de experimentações e processos que se aprendem no próprio gesto do improvisado e da invenção.

Mas o enfrentamento das questões não se restringe a esses processos e aos participantes "mais preparados". A diversidade de problemas traz especificidades para as quais a sociedade (tanto as populações atingidas como o âmbito das decisões políticas) não tem ainda respostas ajustadas.

As incidências problematizadoras ocorrem em uma multiplicidade de âmbitos, em modos, abrangências e intensidades variáveis. Em cada micro ambiente e através das composições entre estes, alcançando toda a sociedade, as urgências se apresentam e vão sendo, bem ou mal, tratadas por seus aprendizes diretos – envolvendo constantemente o acionamento de circuitos comunicacionais, do boca a boca até os macro circuitos fortemente mediados, no compartilhamento e nos embates entre experimentações diversas. Tudo isso será, mais cedo ou mais tarde, sedimentado como conhecimento.

No início de 2020, diante do avanço rápido da pandemia, ações preventivas foram imediatamente previstas e estabelecidas como estratégia de enfrentamento. Devido à rapidez do contágio, nas condições contemporâneas caracterizadas pela circulação global intensa de pessoas, põe-se imediatamente a necessidade de um distanciamento social. Trata-se de conhecimento científico estabelecido, e a aprendizagem requerida seria apenas a de difusão e acolhimento.

Mas a restrição a contatos presenciais e ao deslocamento das pessoas, por sua vez, incide, em diferentes modos, sobre todas as atividades sociais. O distanciamento, em suas variadas formas e condições, complementado por cuidados como o uso de máscaras de proteção e

da importância de lavar as mãos com frequência e de modo minucioso, vai afetar todas as atividades sociais, exigindo modificações de contextos e hábitos – o que se evidencia como problema e desafio adaptativo, que se espalha em uma diversidade de questões a enfrentar.

O nível mais evidente desse problema a resolver é o das atividades práticas restringidas, impossibilitadas ou redirecionadas pelo afastamento entre pessoas, dificultando o deslocamento, o acesso a lugares antes disponíveis, reuniões e encontros de todo tipo, pelos riscos envolvidos.

Cada setor de atividades passou em consequência, a acionar táticas tentativas para enfrentar esses limites. Onde foi possível desenvolver trabalhos em modo remoto, o exercício do trabalho em casa (home office se tornou expressão corriqueira) acionando plataformas tecnológicas, surgiram aprendizagens relacionadas a tais acionamentos. Paralelamente, a própria experiência se desdobra em desafios, mostrando que os procedimentos anteriormente habituais não se transferem sem dificuldades para outro contexto, pedindo experimentações diversas – o desafio passa a ser o dos ajustes e transferências de ações à nova situação.

Nesse âmbito vamos discutir a questão do mal estar cultural, as negações e recusas diante dos fatos, assim como transformações nas relações entre a casa e a rua.

## O mal estar cultural

Nesse contexto geral, muitas aprendizagens sociais, que ocorriam em quadros definidos de práticas cotidianas, em trabalhos e profissões, nas atividades político-sociais em curso, na inserção cultural de ritmos habituais, embora mais ou menos continuadas, já não são suficientes.

Habituaados no aprender de processos prontos, com invenções apenas no nível do ajuste, muitos não estão preparados para este outro nível de aprendizagem. Há uma perda de padrões e diferentes desafios – uma síndrome de desconforto e rupturas com o que era sentido como normal. A ênfase na expressão “novo normal”, na grande mídia e nas redes, em 2020, explicita bem a sensação de perda. Simplesmente imaginar que estaríamos, taticamente, construindo uma nova normalidade, já se mostraria confortador.

Não se pretende que o normal habitual fosse isento de sofrimentos, é claro. Mas nos hábitos, os sofrimentos podem estar relativamente culturalizados, inscritos em padrões de compartilhamento. No mal estar do deslocamento ou ruptura de contextos e hábitos, tudo se torna instável, pela ausência de critérios. Ouvem-se expressões como “pandemia psicológica”, “sentimento de orfandade”. O mal estar cultural da situação é a própria ausência de padrões e hábitos. As bases compartilhadas se reduzem, não apenas pelo distanciamento social, mas também por já não corresponderem tão estreitamente ao contexto, gerando sensação de perda de sentido.

Boris Cyrulnik (2021), psiquiatra francês, observa que a Covid-19 evidencia a extrema vulnerabilidade humana. E assinala que a angústia do vago é diversa do medo, que se caracteriza por ter um objeto específico. Frédéric Tordo (2020) trata de relações entre confinamento físico e confinamento mental e digital – como fechamentos sucessivos em afastamento da realidade física, com o risco de uma introjeção solipsista.

Depois do primeiro ano da pandemia, há uma modificação no formato desse mal estar. Com o início da vacinação, parece haver uma bifurcação no modo de trabalhar a ansiedade. Uma delas é a atenção concentrada na campanha da vacina, no cálculo de quando esta ocorrerá, para a própria pessoa e para seus próximos – seria a possibilidade de dar um perfil focado ao mal estar pelo estabelecimento de

uma meta concreta. A outra é a adoção de uma posição superficial, de "desligamento" da ansiedade, como se o simples fato de ser iniciada a vacinação já autorizasse a relaxar cuidados. Esse relaxamento amplia uma "resposta" anterior, desde o início da pandemia, que é a da negação do problema e recusa dos cuidados.

## Negação e recusas

Diante de qualquer problema e desafio há diversificação possível de respostas e portanto de aprendizagens. Posições extremas, mas não raras, são a negação do problema e a recusa de soluções possíveis. São próximas, mas não idênticas.

A primeira é a simples denegação de qualquer urgência, implicando que não há desafios a serem enfrentados nem necessidade de estratégias de enfrentamento. Por outro lado, a recusa de soluções ou de modos de encaminhamento não implica necessariamente uma posição negacionista – pode estar relacionada a um reconhecimento da realidade do problema, entretanto sem aceitação do que se proponha como caminho adequado para seu enfrentamento.

Pode-se considerar que no negacionismo não há aprendizagem, porque quem adota essa postura não reconhece a necessidade de modificação nos hábitos implantados. Quando dirigentes de vários países, em 2020, negaram a pandemia como problema, a posição foi esta – implicando uma pretendida desnecessidade de ações. Entretanto, na maioria dos casos (de que a Grã-Bretanha é um exemplo interessante), quando as consequências da posição se manifestaram como evidência, pela intensa ocupação de leitos hospitalares e óbitos, a urgência teve que ser reconhecida. A mudança de atitude aí ocorrente se caracteriza como aprendizagem do erro – o resultado do encaminhamento evidencia o engano. Fora do campo científico (que busca expressamente

o erro possível das convicções) não é raro que tentativas sejam feitas sem ponderação, só se aprendendo sua ineficácia a partir de consequências negativas irrecusáveis.

Na situação brasileira o negacionismo foi radical. Mesmo quando as consequências se mostraram de modo terrível, não houve modificações significativas de decisão política – implicando ausência da aprendizagem do erro que ocorrera em outros países. Como não é possível desconhecer as consequências do encaminhamento continuado, pode-se fazer a hipótese de que o negacionismo é parte de outra “solução” do problema (a chamada imunidade de rebanho), com indiferença pela perda de vidas. A expressão negacionismo, aqui, muda de sentido: da denegação do problema para uma negação de responsabilidade pela busca de soluções e pelas consequências do encaminhamento entretanto assumido.

Outras recusas, de ordem pessoal e de grupos, ao não darem atenção aos cuidados de evitar aglomerações e usar de máscaras, poderiam parecer menos graves, por serem posições individuais, mais restritas que as decisões de política pública.

Em parte, tais reações podem decorrer do mal estar que constatamos. Perante o desconforto da mudar hábitos e a ansiedade difusa e deprimente provocada pela pandemia, pela angústia da falta de sentido que se instala, pode parecer menos tenso correr o risco – é fácil acreditar que a probabilidade de morte é estatisticamente baixa. Ao desafiar os cuidados de afastamento, não se enfrenta a morte, mas uma probabilidade estatística que se assume desimportante.

Apesar da aparência de menor gravidade, porém, se essa recusa de alinhamento às indicações de cuidados se multiplica, os riscos sociais aumentam na mesma proporção. Os riscos não são apenas de quem toma a decisão descuidada, mas de todos em sua proximidade. Não se trata, portanto, apenas de um cálculo individual. Assim, em uma situação como a brasileira, essa decisão passa a ser a contrapartida social

da política pública negacionista – ambas se complementam. Nesse espaço de decisões pensadas como individuais, a aprendizagem do erro pode acontecer na dimensão trágica, assim como resulta da decisão de governo.

Uma aprendizagem social que seria necessário estimular e desenvolver é a do reconhecimento dos fatos, do valor de uma postura de acolhimento científico e de uma ética humanista e civilizatória. Infelizmente, o contexto geral brasileiro não parece favorecer estas ordens de aprendizagem nas proporções necessárias.

## As relações casa x rua

O ambiente do morar é um dos contextos diretamente afetados. O anterior "estar em casa" corresponderia a um ambiente de recolhimento, conforto e repouso, por contraste com "a vida lá fora", de esforço, trabalho e enfrentamento do mundo.

Por um lado, esse aspecto torna-se exacerbado como lugar de proteção – o distanciamento social busca a casa como esconderijo dos riscos da Covid. O sair de casa pode se tornar diferente, uma expedição de risco – para o trabalho, quando não pode ser feito em casa, ou para qualquer outra necessidade; ou ainda, para a tentação do espaço aberto, do encontro, das casas de parentes e amigos. O contraste casa/rua é reforçado.

Ao lado disso, dada a disponibilidade contemporânea de recursos tecnológicos, a casa se torna uma encruzilhada de circuitos. As relações com o mundo exterior se modificam. Na mesma medida do afastamento físico, processos online invadem a casa. O contexto se desdobra pelos processos remotos – o exterior é trazido para a casa, e esta se mostra para fora, em imagens, sons, ruídos.

O ambiente familiar é obrigado a coordenar in loco uma variedade de operações – consulta médica, movimentos bancários, aulas, home office ... As atividades habituais, quaisquer que fossem, se modificam, gerando outras distribuições de funções, de espaços, de tempos, de movimentos pessoais.

Todos os participantes têm que aprender não apenas novos gestos e novas práticas, mas sobre si mesmos, sobre como se movem em um espaço modificado, sobre as reações de companheiros/as às circunstâncias. Novas distribuições de papéis. Pais assumem o papel de docente complementar, com a convivência imediata das aulas remotas dos filhos – terão competência para essa atividade? Eventualmente, é preciso aprender disponibilidades tecnológicas antes não acionadas. Não se trata apenas de aprender a usar os recursos tecnológicos – conforme as condições de trabalho, será preciso inventar usos, porque o que era presencial não se submete sem transferências a outras linguagens e estas ainda não sabem servir às novas tarefas.

Ao mesmo tempo em que a casa é assim tensionada, a rua já não aparece apenas como o espaço do trabalho e do risco. Descobre-se, pela perda, que a rua também era o lugar do urbano, da diversidade, das amizades – como espaço de fruição, ainda que só como caminho e movimento.

Em outro âmbito social, dos que não têm acesso aos processos remotos, por limites econômicos e/ou de formação, o fosso social se alarga – se evidencia como restrição adicional. O recolhimento tem adicionado um sentido de perda de contatos no mundo, a saída obrigatória para o trabalho é mais arriscada, o desemprego, real ou temido, traz os riscos maiores, o sentimento de injustiça se amplia. O silenciamento das periferias sociais se torna mais denso.

## 4. Experimentação – interpretações e circuitos

Podemos considerar que o gesto experimentador é natural ao ser humano. Não temos reações biológicas automáticas e padronizadas para toda a infinidade de problemas específicos que podemos ter que enfrentar – mas temos determinadas competências que nos caracterizam como espécie: a geração de hipóteses – ideias tentativas sobre o que acontece em nosso entorno; a tendência de gerar táticas de ação diversificadas diante de qualquer coisa a resolver; e uma competência comunicacional (também plural) correlata à diversificação de estratégias que se colocam.

Esse conjunto de características determina o desenvolvimento de processos sociais de experimentação na busca de soluções para problemas ocorrentes. As experiências sociais se manifestam em uma dimensão que envolve interpretações diversas da realidade (na forma de análise e caracterização dos problemas), proposta de objetivos, geração experimental de estratégias e ações materiais correlacionáveis. A experimentação implica debates sobre as interpretações, deliberação sobre as táticas percebidas como mais pertinentes e de provável eficácia, e sua posta em ação para buscar os objetivos assumidos.

Tais ações, dada a necessidade de comunicação para serem geradas e exercidas, tendem a se organizar pelo acionamento ou redirecionamento de circuitos já estruturados e estabelecidos na cultura social; ou pela geração ad hoc, para os objetivos e estratégias em experimentação.

No caso da pandemia, vemos entrar em cena circuitos bastante estabelecidos, que se mobilizam em função do problema geral ou de partes específicas deste – os circuitos médicos e científicos, em primeiro lugar; os circuitos políticos, jurídicos, acadêmicos, da imprensa; assim como outros, mobilizados por setores que mais especificamente a pandemia afeta – circuitos ativados por escolas, ONGs, sindicados,



igrejas, esportes, de produção industrial, de serviços como supermercados, bares, restaurantes...

Por que prefiro falar em circuitos mais que em campos sociais? Em circuitos em vez de meios de comunicação? Porque a comunicação gera circuitos, ainda que se faça por meios ou em campos sociais. Os meios oferecem seus recursos e funcionalidades, mas são os circuitos que os desenvolvem – os circuitos é que oferecem as dinâmicas, pondo em movimento meios e campos sociais a partir dos problemas e como parte material das estratégias para seu enfrentamento.

Constatamos a experimentação social em diversos ângulos, desde as proposições interpretativas, na imprensa e na universidade, até as ações diretas em circuitos diversos.

Embora muitas interpretações sejam afirmativas ou peremptórias, e circuitos de ação sejam decididos, uma efetiva aprendizagem social dependerá de sedimentações subseqüentes – faz parte das indefinições do presente não termos certeza sobre o que decorrerá de positivo em termos de aquisição de hábitos. Boas coisas podem ser esquecidas e a ineficácia pode se implantar.

As aprendizagens serão relacionadas às táticas que cada setor é levado a acionar; às eventuais tensões internas entre tendências de ação; à diversidade de posições e interesses entre setores.

O macro circuito de imprensa trabalha extensivamente as informações de ordem científica e as da política sobre a Covid-19, assim como suas conseqüências de toda ordem. Nesse cotejo, os comentaristas mostram evidências de ruptura das falas e ações do governo com relação à perspectiva médico-científica. Ao mesmo tempo, redes sociais digitais alinhadas com posições anticientíficas propagam desinformação. Caracteriza-se aí o desdobramento do problema, de uma questão de saúde para outro âmbito, que se mostra como uma decisão

de poder que prejudica a saúde pública e dificulta os melhores encaminhamentos.

Encontramos em publicações diversas<sup>2</sup> os seguintes tópicos: crianças fora da escola; crianças de famílias pobres com menos oportunidades; processos remotos improvisados e lacunares; modificações no universo doméstico; a profusão de lives via streaming; "novo normal"; necessidade de "se reinventar"; o impacto da pandemia em profissões; "mudança de mindset"; coisas a aprender na pandemia; tendências do mundo pós-covid; "aceleração do futuro"; fortalecimento de valores; aprendizagens; "como será o depois"; penetração tecnológica; "a única certeza é a mudança"; criatividade empresarial; migração para o atendimento online; vídeos e atendimentos virtuais; aprender a aprender; urgência na busca de conhecimentos científicos; a necessidade de sermos cientificamente informados; emoções e sentimentos; a busca da normalidade; viver o presente, ...

Os ângulos dessa pequena amostra informal são diversos: econômicos, psicológicos, operacionais, práticos, políticos, educacionais, científicos, culturais; e incidem sobre questões sociais diversas: o desemprego, os esportes, a escola, a vida familiar, as artes (mormente cênicas e musicais), a produção econômica, o comércio, os serviços, ... É a evidência de que o contexto abrangente e todos os contextos específicos foram afetados, pedindo reflexão e enfrentamento. O que quero sublinhar aqui é que este é um dos modos sociais de experimentação: a própria circulação de falas, interpretações, propostas e previsões – e deve ser observada nessa perspectiva. O presente artigo, malgrado a tonalidade acadêmica, deve ser situado nesse conjunto, da experimentação pela fala, pelo debate, por tentativas de previsão.

---

2 Sem preocupação quantitativa, folheamos cerca de vinte matérias em jornais, revistas de circulação geral e periódicos acadêmicos para uma percepção da diversidade temática relacionada à pandemia.

Essa diversidade interpretativa, ainda que não leve diretamente a encaminhamentos de eficácia, caracteriza o processo. Em situações novas, quando não temos dispositivos operacionais e encaminhamentos estabelecidos, a experimentação interpretativa pode estimular aprendizagens diversas e ajustes aperfeiçoadores no que se vai aprendendo em curso. Os debates, as descobertas de ângulos específicos da questão, desde que circulem amplamente, permitem ponderações, correções de rumo, composições com flexibilidade adequada para ajustes a especificidades diferenciadas de situações.

## **A experimentação no contexto escola**

O que se ensina na escola é já uma seleção relevante do aprender difuso original, e que vai sendo selecionado pela própria sociedade como conhecimento a ser generalizado, conservado e aperfeiçoado. Além disso, a escola se organiza articuladamente – o ambiente escolar se constitui como um contexto especial – se afastando taticamente da realidade cotidiana imediata, movente, das improvisações diversificadas e da casualidade das ocorrências. Deve tomar distância para ganhar perspectiva, como ambiente centralmente focado no aprender.

Mas essa perspectiva, sempre em construção, é a da observação da realidade, com a qual deve ter vínculos fortes e diversificados. As relações entre escola e aprendizagens contextuais apresentam remissões mútuas, com fronteiras em deslocamento. Estas são mais nítidas em situações de estabilidade sociocultural, ou menos, em momentos de forte experimentação.

Sobre esses contextos, o geral e o escolar, a pandemia tem um impacto inesperado. As práticas imediatas são aquelas decorrentes do problema especificamente de saúde, da autodefesa social pelo distanciamento e pelo acionamento de recursos tecnológicos disponíveis, no

improvisado possível – ensino remoto, professores às vezes sem a experiência informática requerida, as dificuldades de acesso, escassez de equipamentos na escola e nas residências, transposição direta, sem ajustes, da fala em sala para a fala em tela – como se a aula se esgotasse no verbal, sem gesto, sem o olhar significativo, sem tons de voz, sem os silêncios da reflexão olho no olho (que, na tela, são vazios ou inoperantes). Como se o tempo e os ritmos fossem os mesmos em uma ou outra situação.

Mas é o possível, e vamos aprendendo nesse contexto de desafio imediato – ritmos, táticas pedagógicas substitutivas, prosódias mais adequadas, do jeito que dá, em processo tentativo, aprendendo em pleno voo – é a lógica mesmo da aprendizagem contextual. As pequenas aprendizagens do dia a dia podem se compor, podemos compartilhar ideias com colegas – no médio prazo, aprenderíamos em nível relevante de continuidade.

Funções docentes são repassadas ao contexto familiar, aos pais como grupo de apoio aos estudantes, que tem que aprender ao vivo, também no desafio, desamparados da socialização fundamental do ambiente escolar – componente do processo escola a que frequentemente se dá uma atenção abaixo da merecida<sup>3</sup>.

É interessante observar a inversão determinada pela situação da pandemia entre posições paternas e filiais. No habitual, se a criança resistia para ir à escola ou se deixava atrasar, os pais encareciam a importância desse enfrentamento diário. Com os riscos da pandemia, são os pais que justificadamente resistem a enviar as crianças para a escola e, não raro, são estas que passam a insistir e a cobrar uma autorização de retomada.

---

3 Sobre a socialização na escola ver Braga e Calazans, 2001.

Não creio que se trata apenas da vontade de reencontrar amigos e amigas (embora esse reencontro seja, sim, um aspecto relevante e produtivo possível da escola), mas também a retomada do ambiente de socialização que já faz parte de seus processos de vida, relevantes para a aprendizagem e a formação.

Mesmo porque, as aulas em remoto são certamente um risco de perda da realidade dos processos escolares – é uma das funções da socialização na escola: criar um ambiente de realidade do que ali se ouve, do que circula como conhecimento – um espaço de compartilhamento e prefiguração, mesmo que com dúvidas ou críticas, entre amigos, sobre as dificuldades, desestímulos e resistências no esforço do aprender.

Nos tópicos de imprensa sobre a pandemia, um tema frequente é a situação escolar, a sensação de perda, o medo dos pais de que seus filhos e filhas estão se atrasando na vida, a perda dos “conteúdos”, o legislativo afirmando a educação como atividade essencial.

É evidente que a educação é atividade fundamental para a sociedade, muito mais do que jamais se reconheceu no país. É claro que a situação é preocupante e merece redobrada atenção. Mas não faz sentido imaginar que a solução é simplesmente alinhar os estudantes nas carteiras das salas para voltar a canalizar conteúdos. A mera preocupação com essa acumulação corresponde a uma perspectiva bancária da educação (é preciso relembrar Paulo Freire).

Mais do que antes, devemos repensar as relações entre as aprendizagens contextuais e as aprendizagens do ensino escolar, da creche à pós-graduação. Como aproveitar as aprendizagens contextuais na escola?

Crianças, adolescentes e universitários estão aprendendo o desafio de um contexto muito difícil para todos. Como trabalhar isso – que afeta todas as áreas de conhecimento – para o ambiente escolar? O

ensino da escola é fundamental para as necessidades sociais – não como acúmulo de conhecimentos que tornem os jovens competitivos pelo melhor emprego, a posição mais alta, o maior salário; e sim como formação da própria sociedade. É preciso colocar a escola em outro patamar: o de aprender a trabalhar com os problemas e desafios da vida em sociedade. Sejam as questões cotidianas gerais da vida, os desafios diuturnos de cada profissão, o exercício ponderado e significativo dos conhecimentos, as exigências do aperfeiçoamento dos campos sociais, sistemas e circuitos que dão qualidade à vida e substrato civilizacional à sociedade; seja, enfim, o problema imprevisível que de repente cai sobre todos e exige reaprender quem somos.

## 5. Conclusão

O que aprendemos na pandemia? Não exatamente sobre a pandemia – esta, como fenômeno médico, biológico, de saúde coletiva, continua a ser aprendida pelos setores especializados em tais temas. Como fenômeno histórico-social abrangente, dependerá ainda de ocorrências futuras e de sedimentações que permitam aquilatar o que vai permanecer como dinâmica de ação, em termos civilizatórios, e o que será posto na linhagem histórica dos erros ou dos desvios mal intencionados.

O que podemos nos perguntar no âmbito específico do que é tratado no artigo é o que aprendemos sobre aprendizagem contextual e escolar em tal situação. O que aprendemos para situações que nos acometam sem aviso prévio?

Uma preliminar necessária é evitar a expressão “a pandemia nos ensinou que ...”. É uma má metáfora considerar o problema como agente de ensino. O que quer que venhamos a aprender na atual conjuntura são os processos e experimentações de enfrentamento, por nós mesmos ativados, que se caracterizam como dinâmica de aprendizagem,

em suas invenções. E depende ainda de sabermos selecionar e organizar de modo produtivo nossas táticas de enfrentamento.

Lembrando que a aprendizagem contextual se diversifica em uma dimensão que vai da simples difusão de conhecimentos e práticas até à necessidade de verdadeiras invenções sociais, o que percebemos hoje, em uma perspectiva abrangente, no país?

Na simples propagação de cuidados pessoais e sociais, essa aprendizagem exigiria campanhas abrangentes – mas estas não ocorrem e, em sentido contrário, o que se propaga de modo quase oficial é a posição negacionista – contra a vacinação e em defesa de uma terapia negada pela ciência. No espaço das invenções sociais – que pediriam uma estimulação do aprender a aprender, a posição binária excludente (ver Braga, 2020) de ordem negacionista dificulta a aprendizagem, em decorrência de sua cristalização fechada à escuta e à evidência dos fatos.

É claro que as aprendizagens sociais não se desenvolvem pela reafirmação de uma posição fechada. As tentativas com essa pretensão arriscam justamente o erro cego – só se aprende na composição de pensamentos diversos. Respostas científicas não têm esse teor fechado, correspondem antes a buscas, experimentações controladas para encontrar os fatos e argumentos que evidenciem o erro e façam evitar os caminhos equivocados. Não se aprende ao seguir uma injunção que só pede subserviência. Nas decisões sociais práticas, em que se busca flexibilidade perante diferenciações sensíveis de pertinência, o debate, a argumentação ponderada e o compartilhamento das ideias disponíveis aos ajustes requeridos oferecem os processos comunicacionais para a aprendizagem.

Temos a expectativa de que, nos embates diversificados em toda a escala social, experimentações estão sendo feitas – talvez tenhamos aí um tesouro a ser percebido e compartilhado, estimulando um crescimento social e civilizacional correspondente.

Descobrir como aprendemos nas aprendizagens contextuais é um passo importante para aprender a aprender: definir com clareza o que é efetivamente o problema a enfrentar, propor objetivos, gerar estratégias, selecionar as mais pertinentes, ativar os gestos correspondentes e saber julgar criticamente os resultados. A aprendizagem depende da competência no exercício de tais processos, competência que pode se desenvolver pela prática e pelas interações. No retorno às salas de aula, será preciso retrabalhar o contexto escola – e não apenas correr atrás de conteúdos atrasados.

O exercício do debate sobre as diferentes alternativas é um dos componentes comunicacionais da aprendizagem. A experimentação crítica das hipóteses de ação é outro aspecto – aperfeiçoando o que for possível, acionando os melhores conhecimentos disponíveis e os substituindo sempre que se mostrarem não produtivos.

Com a presença generalizada, no mundo, de uma mudança contextual com sua carga extraordinária de desafios, torna-se fundamental que a escola passe a incluir pesquisas, experimentação e desenvolvimento de processos sobre o gesto de aprender a aprender – incluindo os aspectos ético-sociais, pois não se trata de um aprender individual competitivo e sim que se amplie para a cooperação entre as diferenças.

Creio que a principal preocupação da escola, na circunstância atual, será a de importar da realidade social algumas lógicas da aprendizagem contextual. Não como exortação para os estudantes, mas desenvolvendo a prática de problemas, desafios e estratégias pelos quais os conhecimentos estabilizados e de necessária difusão se aprendam, articulados a descobertas por processos tentativos críticos. Como aprendem, na situação em que nos encontramos, os que efetivamente tentam aprender



## Referências

CYRULNIK, Boris. Après l'épidémie il y aura une explosion de relations

Interview en Magazine L'illustré, le 26 mars 2020, modifié 18 janvier 2021 Disponível em: <https://www.illustré.ch/magazine/boris-cyrulnik-apres-lepidemie-y-aura-une-explosion-relations> Acesso em fevereiro de 2021.

Beiguelman, Giselle. Minha casa, meu cenário [tempos da peste]. Revista Piauí, 17 de agosto de 2020. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/minha-casa-meu-cenario/> Acesso em agosto de 2020.

Braga, José Luiz e Calazans, Maria Regina. *Comunicação e Educação – questões delicadas na interface*. São Paulo: Editora Hacker, 2001, 164 págs.

BRAGA, José Luiz. Polarização como estrutura da intolerância – uma questão comunicacional. In Bárbara Heller, Danila Cal, Ana Paula da Rosa (Org.) *Midiatização, (in)tolerância e reconhecimento*, Livro Compós 2020, Salvador: EDUFBA, p. 19-35. [https://livroaberto.ufpa.br/js-pui/bitstream/prefix/856/1/Livro\\_MidiatizacaoIntoleranciaReconhecimento.pdf](https://livroaberto.ufpa.br/js-pui/bitstream/prefix/856/1/Livro_MidiatizacaoIntoleranciaReconhecimento.pdf)

Braga, José Luiz. Aprendizagens contextuais e o processo comunicacional. In Fausto Neto, Antônio e Weschenfelder, Aline (Org.) *Comunicação, Aprendizagens e Sentidos: difusão, mediação, interfaces, bifurcações*. Campina Grande: EDUEPB, 2021, p. 53-72.

Do Valle, Beto; Ribeiro, Cássio. *Da Educação corporativa à aprendizagem contextual*. 2011. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/bvalle/da-educao-corporativa-aprendizagem-contextual-valle-ribeiro-terraforum> . Acesso em 30 de maio de 2021.

Fausto, Antonio; Braga, José Luiz. Entrevista Pandemia, Comunicação e Aprendizagem (2020). CISECO, 2020. Duração 90 minutos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fpzWfCF8zUs>

Gibson, J. J. The Theory of Affordances. In Robert Shaw, John Bransford (Ed.) *Perceiving, Acting and Knowing – Toward an Ecological Psychology*. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 1977, p. 67-82.

Tordo, Frédéric. Le psychisme à l'épreuve du confinement, *Recherches & éducations* [En ligne], HS | Juillet 2020. Disponível em: <http://journals.openedition.org/rechercheseducations/10138> Acesso em 19 de agosto de 2020.

Vygotsky, Lev [1934]. Le problème de l'apprentissage et du développement intellectuel à l'âge préscolaire. Traduction de Françoise Sève, parue initialement dans *Société Française* 52(2), 35-35, 1994.

# **Sentidos dos tempos pandêmicos no mundo organizacional**

Ivone de Lourdes Oliveira  
Paulo Henrique Leal Soares

A pandemia de Covid-19 surpreendeu todo o mundo e trouxe consequências políticas, econômicas, sociais e culturais para a sociedade contemporânea, configurando-se como uma crise sem precedentes. No Brasil, descortinou as assimetrias, as profundas desigualdades do país, as condições de pobreza e de subcidadania, revelando a situação vulnerável de grande parte da população. Consequentemente, esse acontecimento impactou e continuará impactando de modo intenso as organizações de diferentes perfis, natureza e porte.

As transformações no cotidiano das pessoas e da sociedade causaram um choque sistêmico com interferências nas relações das organizações. A força e a amplitude das transformações impostas pela pan-

demia só poderão ser reconhecidas a posteriori, pois ainda é preciso uma melhor compreensão de todos seus efeitos na sociedade nos seus múltiplos espectros. Busca-se em Canclini (2016) a explicação desse episódio como um não espaço, um lugar vazio sem marcas ou pontos de referência, repleto de “estraneidades”.

A reflexão proposta neste artigo abrange a experiência vivida pelas organizações, como elas têm enfrentado e buscado se reinventar frente à pandemia, escapando dos modelos preconcebidos que não deram conta do inesperado, do desconhecido, nem do conformado. Nesse sentido, adota-se uma linha de pensamento em torno das formas de enfrentamento desse cenário pelas organizações, com mudanças em seus processos de comunicação, e de como os profissionais da área e os gestores em geral têm lidado com a realidade posta e seus desdobramentos. Além disso, tenta analisar as relações e os sentidos postos em circulação sobre a pandemia no ambiente organizacional. Diante da complexidade da pandemia, elas ressignificam os seus processos, atualizam suas políticas e práticas de comunicação com os atores sociais, investindo em outras estratégias para lidar com as incertezas e dificuldades dos primeiros momentos, e especialmente das relações de trabalho e as interações com a sociedade.

O artigo fundamenta-se em pesquisa exploratória e busca agrupar experiências e visões sob a ótica da comunicação para entender o período do início da pandemia e as consequências de um fenômeno sanitário de proporção inusitada como o que vivemos. A perspectiva metodológica está centrada na revisão de literatura produzida por pensadores do campos da filosofia, sociologia, história e comunicação sobre a pandemia, em entrevistas realizadas com cinco profissionais de comunicação que atuam em organizações no Brasil, entre agosto e novembro de 2020, e análise de pesquisas e estudos empíricos desenvolvidos de abril a maio por associações, institutos e empresas de consultoria em Relações Públicas e Comunicação, como Aberje,

Approach Comunicação, CórteX, Caliber, Edelman Trust Barometer, Grupo FSB, Institute for Public Relations e Textual Comunicação.<sup>1</sup>

Neste cenário de turbulências e incertezas, o campo da comunicação ganha reconhecimento, devido a sua capacidade de promover fluxos informacionais, explicar processos, construir espaços que favoreçam relações e vínculos. A necessidade de produzir informações para os públicos fica mais premente e tudo exige urgência, demandando do profissional de comunicação rapidez nas decisões para desenvolver ações e estratégias, apesar do desconhecimento do contexto complexo que se apresentava. De acordo com a pesquisa desenvolvida pela Aberje (2020), o principal desafio das organizações está relacionado aos processos de comunicação com empregados para mantê-los “engajados e produtivos”. (ABERJE, 2020, p. 8).

## **As organizações no contexto da pandemia de Covid 19**

As organizações, reconhecidas como parte do tecido social, lócus de trabalho e espaço de interações têm papel importante na construção social da realidade, porque produzem valores, regras, significados e símbolos que compõem a estrutura social. Elas se constituem a partir das relações entre sujeitos, que se realizam por meio da comunicação. (BALDISSERA, 2010). Como parte das relações sociais, suas atividades impactam o comportamento dos seus integrantes, dos públicos com os quais se relacionam e da sociedade. Dessa forma, seus valores e ob-

---

1 Os estudos empíricos foram desenvolvidos por essas empresas com o objetivo de orientar as organizações sobre o momento da pandemia e as suas possíveis consequências na economia, no consumo, no comportamento das pessoas, como também a confecção e distribuição de uma cartilha para ajudar os profissionais a desenvolver suas atividades.

jetivos são colocados em circulação e, na medida em que são interpretados, constroem sentidos a respeito de sua atuação, retroalimentando a sua existência e seu reconhecimento.

Como espaço dependente da ação e da interação do ser humano, as organizações precisam reconhecer a comunicação como um campo que trabalha os processos interativos, considerando a emissão, a recepção e a circulação, e não apenas a divulgação e os processos informacionais. Nessa perspectiva, é fundamental destacar a importância da circulação social como espaço de articulação com a sociedade, já que envolvem relações de poder, dialéticas e forças distintas. (FAUSTO NETO, 2018).

Partindo das conexões que sustentam os objetivos estratégicos da organização e suas estratégias de comunicação, pode-se considerar a partir de Fausto Neto (2018) que estão

de um lado, as estratégias das ofertas, condensadas em torno das lógicas de gramáticas das instâncias que lhes produzem. Por outro lado, heterogeneidades de formas de apropriação que se expressam segundo lógicas de diversas gramáticas que estão situadas no mundo dos atores. (FAUSTO NETO, 2018, p. 25).

Este caminho aponta para a necessidade de as organizações estabelecerem como princípios engajamento e parcerias sociais, de modo a contribuírem para a redução das desigualdades. É importante que esses princípios sejam definidos como prioridade e circulados para produzir significados e sentidos a partir das relações e vínculos estabelecidos. Essa é a dimensão estratégica da comunicação que ampara não apenas os interesses da organização, mas também os dos outros atores sociais. Pressupõe-se que os processos comunicacionais constituem relações como base de trocas, intercâmbios e construção co-

letiva. Não se trata de encontro unilateral, em que um fala e o outro escuta, mas de um espaço de escuta, empatia e postura propositiva.

Com a pandemia, intensifica-se a necessidade de buscar outras forma de estar no mundo e conseqüentemente no trabalho, como ressalta Byung Chul Han (2021). Com o teletrabalho, os empregados se esgotam mais porque desaparecem os ritos. "O home office cansa mais do que trabalho no escritório porque carece de rituais." (HAN, 2021, s.p).

Já para Dardot e Laval (2021), a pandemia de Covid-19 não é apenas uma crise sanitária. É uma tragédia que se configura como um teste para toda a humanidade, uma verdadeira provação para as organizações políticas e econômicas.

A pandemia da Covid-19 é uma crise global, sanitária, econômica e social excepcional. Poucos acontecimentos históricos podem ser comparados a ela, pelo menos na escala das últimas décadas. Esta tragédia se afigura, agora, como um teste para toda a humanidade. Trata-se de uma provação no duplo sentido da palavra: dor, risco e perigo, por um lado; teste, avaliação e julgamento, por outro. O que a pandemia está testando é a capacidade das organizações políticas e econômicas de lidar com um problema global vinculado à interdependência dos indivíduos, ou seja, algo que afeta a vida social de todos de uma forma básica. (DARDOT; LAVAL, 2021).

A necessidade de conviver, relacionar-se e trabalhar de forma virtual, exigência imposta pelo isolamento social, mudou a forma de ser empregado, de interagir, constituindo novas formas de comunicação mediadas pela tecnologia. Esse movimento promoveu desvios espaciais e emocionais que aceleraram mudanças no modo de estar na sociedade, gerando cansaço e medo. Frente a esse cenário, tornou-se

mais essencial ainda considerar a importância do outro na dinâmica interacional como interlocutor nos processos comunicacionais, no sentido de promover um relacionamento mais leve e de confiança.

Nos estudos empíricos analisados, pode-se confirmar as tendências e mudanças no cenário organizacional. "Uma tendência que se tem estabelecido é a comunicação humanizada. Usar recursos e formatos interativos para se aproximar de sua audiência e ouvi-la." (CALIBER, 2020, p.56).

Outro ponto identificado pelas pesquisas de mercado é o destaque dado à necessidade das organizações de se reinventarem no pós-pandemia, especialmente no sentido de rever sua postura em relação ao outro no processo interativo, reconhecendo a sua importância. "O institucional independentemente da área de atuação do negócio perde espaço para o empático e o amistoso." (CALIBER, 2020, p.71).

É importante destacar nessa realidade pandêmica a relação entre organizações, mídia e sociedade, bem como olhar para o processo de midiaticização como uma lógica que leva à produção e disputas de sentidos. Isso porque a mídia "vai dando nova conformação à organização social e ao seu funcionamento, gerando, de modo complexo, mutações nas condições de circulação de sentidos". (FAUSTO NETO, 2018, p.15). Daí o entendimento da comunicação como um campo que trabalha fora de zonas de equilíbrio, pois, na configuração da interação, as lógicas e os interesses são diferentes e díspares, assim como as características específicas de quem emite e de quem recebe. (FAUSTO NETO, 2018).

Destaca-se aqui o quadro Solidariedade S/A, criado em 14 de abril de 2020 pelo Jornal Nacional, para publicizar e valorizar as ações de empresas no enfrentamento da pandemia. Foi feita uma mudança na linha editorial do principal telejornal brasileiro para citar o nome das empresas doadoras durante o noticiário. Além de divulgar as contribuições financeiras doadas para hospitais e comunidades, foi cedido



espaço para uma entrevista com o principal executivo da empresa sobre a importância de sua ação. Essa postura pode ser vista como ação social e também como um processo de midiaticização de imagem.

As organizações e a mídia possuem uma relação profunda, seja por aspectos comunicacionais, isto é, de divulgação e informação, seja nos aspectos mercadológicos e comerciais, como é o caso da publicidade. Entretanto, essa relação se viu alterada durante a crise mundial provocada pela pandemia de Covid-19, uma vez que várias grandes empresas precisaram rever suas estratégias de interação com a sociedade e os acionistas e perceberam que o momento era propício para investir em ações sociais. Essa postura ganhou espaço, uma vez que várias empresas aproveitaram o cenário da pandemia para obter ganho reputacional e visibilidade, assumindo um compromisso com a sociedade. No entanto essas ações, muito mais do que promover impactos sociais, foram geradas para serem midiaticizadas.

Desde o início da pandemia de Covid-19, as empresas foram chamadas para assumir o protagonismo de ajuda e aproveitaram a oportunidade para reforçar o vínculo social com doações para o setor de saúde e para as comunidades carentes, assim como disponibilizar informações. Além disso, desenvolveram ações conjuntas com outros atores sociais – como prefeitura, escolas e associações –, com o objetivo de amenizar os efeitos da pandemia. “Espera-se que a atuação social das empresas realmente cause impacto na sociedade.” (GRUPO FSB, 2020, p.21).

No entanto, fica uma indagação: será que a pandemia ampliou a visão das organizações em relação à relevância social e despertou a vontade de investir em projetos sociais que valorizem a educação, o meio ambiente e o combate às desigualdades no Brasil ou é apenas reação à uma crise nunca vivenciada no mundo?

Acredita-se que as organizações reagiram sob pressão e decidiram se juntar a vários grupos humanitários e direcionar algumas ações

em prol da proteção da sociedade. Com isso, fizeram doações, deram apoios financeiros, se uniram ao governo e aos públicos para contribuir no combate aos efeitos e consequências da pandemia.

A análise das pesquisas e estudos empíricos mencionados indicam que, a partir do enfrentamento da crise pandêmica, as organizações, como parte da sociedade, têm tentado assegurar políticas de engajamento social e ações de responsabilidade junto aos grupos excluídos e necessitados, assim como ao setor de saúde, confirmando a ideia de Baldissera (2010, p.68) de que "...as organizações são resultados dinâmicos de relações entre sujeitos que se realizam como forças em diálogo".

A pesquisa realizada pelo Grupo FSB (2020) mostra algumas tendências que ganharam corpo na pandemia e que podem provocar mudanças significativas no ambiente organizacional. Elas estão relacionadas à comunicação e à necessidade das organizações se preocuparem mais com a sustentabilidade, se envolverem com a sociedade, no sentido de contribuir efetivamente para o crescimento das comunidades onde estão presentes, juntarem-se aos governos para investir em educação e contribuir para o surgimento de um mundo melhor.

Um estudo apresentado pelo mesmo grupo<sup>2</sup> revelou que as marcas mais lembradas na pandemia não foram as que fazem parte do dia a dia do consumidor, mas, sim, as que mostraram mais empatia, segurança, propósito e afeto. Confia-se que, para entender o significado da atuação das organizações e o processo de transformação pelo qual passamos, é preciso desenvolver uma análise transversal que cuide de compreender as consequências do cruzamento das variadas determinações naturais, sanitárias, humanas e sociais. (BADIOU, 2020).

---

2 Pesquisa realizada pela consultoria Croma com cerca de 4 mil entrevistados sobre a relação das marcas e o consumidor, em maio de 2020.

Com a pandemia, intensifica-se uma outra maneira de estar no mundo e, conseqüentemente no trabalho, o que demanda adaptações pessoais e mudanças na forma de olhar as coisas. Os empregados se constituem como grupos e atribuem pertencimento às organizações, uma vez que o trabalho, a organização e a sociedade estão interlaçados e são dependentes.

## **Reflexos nas relações internas das organizações**

No ambiente interno, as organizações tiveram que rever suas políticas, processos e relações, a partir dos deslocamentos ocasionados pela pandemia. Um dos deslocamentos mais visíveis é a mudança do trabalho presencial para o remoto, o que alterou a relação dos gestores com os empregados e destes entre si. Eles tiveram que sair da perspectiva analógica para assumir a lógica digital.

O tempo e o espaço ganham outra dimensão. Cada sujeito é levado a agir com seu próprio tempo dentro de casa, convivendo com as questões do trabalho, da família e da administração do lar. O ambiente e as relações de trabalho passam, em grande maioria, de um dia para outro, abruptamente para o virtual. As opções tecnológicas para reuniões e conexões remotas, bem como a prática do teletrabalho (home office) já eram conhecidas, disseminadas em vários contextos organizacionais, mas a necessidade do isolamento social generalizado forçou as organizações a optarem pela virtualização da maioria dos seus processos, modificando as relações pessoais, o comportamento da liderança, a interação e a forma de gerir, sem os espaços comuns e os rituais essenciais nos processos comunicacionais. (HAN, 2021).

Muitas organizações instruíram que boa parte dos seus empregados permanecessem em casa, o que os obrigou a adaptar suas rotinas a um novo espaço. Criaram-se então duas categorias de atividades, as

essenciais e as que precisavam ser interrompidas; e duas classes de empregados, os que permaneceram no local de trabalho e os que foram deslocados para trabalhar de casa. Todas as decisões foram tomadas sem planejamento prévio, sem uma avaliação dos impactos delas no primeiro momento da pandemia.

Assim, o trabalho, a cultura organizacional e o cotidiano das pessoas foram invadidos e modificados e todos tiveram de acomodar-se a um outro tempo e espaço, com atividades de trabalho dentro de casa, de forma solitária, e com interferência direta daqueles que compartilhavam o mesmo lar.

A interação mediada pela máquina, pela tela, pela tecnologia ganha espaço e as mídias sociais digitais tornam-se a principal forma de informar-se e comunicar-se. Os processos interacionais sem a presença física, sem o olho no olho e com manifestação afetiva mais restrita, tornaram-se mais rígidos e difíceis. Tudo isso adicionado à convivência com experiências pessoais e sociais de luto, com elevado número de mortes noticiadas diariamente, nunca relatadas dessa forma, nas últimas décadas, pelos meios de comunicação e nas redes sociais pessoais.

No estágio inicial da pandemia, as organizações se viram diante da necessidade de atender demandas e buscar soluções sem tempo e condições de planejamento. Os gestores de comunicação, nesse cenário, foram obrigados a pensar ações comunicacionais a partir das exigências de informações, posicionamentos e comportamentos. Elas iam surgindo por parte dos empregados e de outros públicos, que sofriam diretamente os desdobramentos da pandemia.

A comunicação é, então, acionada a partir do imperativo, na medida em que vão surgindo as demandas. Como disse uma profissional entrevistada: "o planejamento caiu por terra. Não tive tempo de elabo-

rar nada, tinha de agir”.<sup>3</sup> Diferentes formas de reação, de apropriação e de enfrentamento foram adotadas e cada profissional agiu de forma isolada.

Os gestores de diferentes áreas passam a ter que conviver com suas equipes em tempo parcial ou totalmente online, distantes, sem o compartilhamento do mesmo espaço físico. Diante do inesperado, tiveram que compreender que as atividades laborais invadiram, sem planejamento, o espaço pessoal dos empregados das suas equipes, causando traumas, dores, desconforto e até separações.

Confrontados por dúvidas e angústias, esses gestores enfrentaram os problemas, as incertezas e a urgência da tomada de decisão que o momento exigia. Nesse quadro, marcado pela complexidade, condicionados a desenvolver estratégias de comunicação pautadas por planos elaborados com antecedência e leitura de cenários, se viram diante de problemas e situações nunca vivenciadas. O desconhecido, a inexistência de experiências passadas e registradas, a ausência de respostas e a desinformação impactaram diretamente o seu trabalho.

Por outro lado, a alta liderança das organizações passa a perceber a importância das relações sociais, da relevância das relações internas no processo de interação e da comunicação com seus diversos públicos. Os profissionais de comunicação passam a ser reconhecidos diante da demanda de orientar os executivos para as estratégias de relacionamento com a sociedade, com a mídia e com os empregados no novo formato de trabalho. A comunicação com os empregados mostra-se um fator de diferenciação e sustentação das organizações e essa mudança de percepção da alta liderança foi uma questão destacada em algumas entrevistas.

---

3 Entrevista realizada com uma profissional de comunicação do setor de mineração em novembro de 2020.

O estudo empírico da Consultoria Approach indica como postura de gestão “envolver os empregados nas medidas que a empresa está adotando. Explicar por que estão sendo tomadas e quais os resultados esperados”. (APPROACH, 2020, p. 14). Acostumados a fazer a gestão presencial de suas equipes, passaram a utilizar aparatos tecnológicos para estabelecer o contato diário com os empregados, por acreditar que poderia regulá-los para não se dispersarem em suas atividades. Isso acarretou alguns exageros, como a criação de um grande número de lives.

Eles acreditavam que a eficiência e a produtividade aumentariam, na medida em que não havia deslocamentos dos empregados de casa para o escritório, perda de tempo na conversa do cafezinho e/ou nos atrasos e a improdutividade antes e durante as reuniões. No entanto, o cotidiano da vida mostrou o contrário. Os empregados sofriam muito e ficavam doentes com o aumento das horas de trabalho, estresse e cansaço. O tempo excessivo de exposição à tela, a necessidade de concentração e absorção de todas as atividades desenvolvidas no mesmo espaço contribuíram para a infelicidade e a dificuldade na condução do trabalho.

Com a experiência acumulada, os gestores foram mudando de comportamento. As lives diminuíram. A força da comunicação se voltou para a produção e valorização de conteúdos e, passada a fase do medo mais forte e do desconhecido, a empatia é retomada. Assim, tem início uma conexão maior dos gestores com os empregados. O uso de emojis se intensifica, consagra-se os memes, modificando o entendimento da emissão, recepção, circulação das informações e da produção de sentidos. Assim, parece-nos que as organizações, com a experiência vivenciada, tornaram-se mais flexíveis com os empregados, apesar do controle ser a peça-chave da gestão.

Outro ponto que se pode destacar é a preocupação explícita de algumas empresas de proteger a saúde dos empregados e atender às

demandas das comunidades, dos consumidores e da sociedade de um modo geral, criando sites, hotspots e campanhas para oferecer dados que pudessem aliviar a angústia da falta de informações e da complexidade do problema sanitário.

Diante de tantos desafios e demandas colocadas pela pandemia, a maioria dos gestores se viu obrigada a se adaptar ao novo contexto, investir nos processos comunicacionais e nas interações como estratégia de primeira ordem, para estabelecer uma relação baseada no respeito. Esta postura pode contribuir para que os empregados conduzam suas atividades com mais segurança. Não será o controle que os levará a produzir mais. Ao contrário, uma comunicação com ênfase no diálogo e na criação de espaços de escuta e de fala é que proporcionará a confiança.

Segundo a Approach (2020, p. 3), "o diálogo agora é melhor que o silêncio. Instruções, vídeos e manuais operacionais não vão bastar. No diálogo, há a chance de se esclarecer pontos. No silêncio, só existe angústia no cenário atual e margens de interpretação".

Han (2021) defende a importância da presença na comunicação, ou seja da relação face a face pra além das telas, o que pode diminuir o cansaço que afeta a todos. "Tomara que a pandemia nos faça perceber que a simples presença corporal do outro tem algo que nos faz sentir felizes, de que a linguagem implica uma experiência corporal, de que um diálogo bem-sucedido pressupõe um corpo, de que somos seres corpóreos." (HAN, 2021).

## **Considerações finais**

Vários estudos acadêmicos e pesquisas profissionais são desenvolvidas na tentativa de encontrar respostas sobre os deslocamentos e modificações que a pandemia de Covid-19 vem provocando na sociedade. O que se pode constatar é que são ainda construções especulativas,

sem respostas definitivas, porque estamos convivendo com seus reflexos sem o distanciamento suficiente para produzir um conhecimento que respalde a atuação dos profissionais de comunicação, dos gestores e da visão da liderança executiva. A experiência vivenciada pode contribuir para um avanço na elaboração de estratégias comunicacionais mais sólidas e que atendam tanto as necessidades das organizações quanto as expectativas da sociedade em relação a elas.

Partiu-se neste artigo desta realidade imposta pela pandemia, compreendendo uma reflexão sobre a experiência das organizações no enfrentamento da situação instituída, em seu primeiro momento, em 2020. As organizações precisaram compreender as afetações da crise pandêmica na vida dos empregados, das comunidades, dos acionistas, dos consumidores, enfim, dos grupos sociais que constroem a sua relação com a sociedade, para melhor informá-los e estabelecer relacionamentos mais saudáveis, mesmo sendo por telas. Elas se envolveram também com demandas e dilemas da comunicação no tocante aos seus processos internos diante de outra realidade do trabalho.

O teletrabalho exige mais atenção dos profissionais de comunicação e dos gestores, uma vez que a relação se complexifica quando não se tem a presença física e a comunicação face a face. Observa-se que muitas empresas se preocuparam em proteger a saúde mental dos empregados e atender as suas demandas, criando espaços dialogais em que eles pudessem aliviar a angústia, o cansaço e a falta de informações sobre o enredamento da grande crise sanitária.

Nesse sentido, foram desenvolvidas estratégias de aproximação, abrindo espaços para depoimentos, informações sobre o novo coronavírus e cuidados necessários, como a criação de sites, hotsites, vídeos e campanhas. Entretanto, pode-se perceber que nem todas as organizações tiveram sensibilidade para entender a gravidade da situação e as dificuldades que os trabalhadores enfrentavam no trabalho remoto,



ou no trabalho presencial, nos setores considerados essenciais, em especial o setor de saúde.

Aos poucos, as organizações retomam suas atividades no ambiente organizacional, voltando com outras formas de trabalho e de organização dos processos. Aqui ficam as indagações: como os empregados estão se sentindo na retomada? Quais os aprendizados desta pandemia para os profissionais de comunicação? Como ficam as relações de trabalho daqui para a frente? O sistema híbrido de trabalho passará a ser adotado? A alta liderança continuará a entender a relevância social e a importância de parcerias para contribuir com uma sociedade mais igualitária e justa?

Várias percepções são elaboradas e todas as reflexões acadêmicas e empírico- profissionais produzidas nos ajudam a compreender um pouco mais a “estranheidade” do momento e as possíveis consequências humanas, históricas, sociais, culturais e econômicas na vida em sociedade. Só será possível dimensionar a extensão dos impactos da pandemia, após seu término, a partir de discussões e produção vindas das várias áreas do saber e do mundo profissional. Por enquanto, temos apontamentos, hipóteses e direcionamentos para avaliar a sua extensão no contexto organizacional e no mundo.

## Referências

BALDISSERA, Rudimar. Organizações como complexus de diálogos, subjetividades e significação. In: KUNSCH, Margarida. A Comunicação como fator de humanização das organizações. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2010. p. 62-74.

BADIOU, Alain. Sobre la situación epidémica. In: AGAMBEN Giorgio et al. Sopa de Wuhan. Editorial: ASPO (Aislamiento Social Preventivo

y Obrigatorio), 2020. p.67-78. Disponível em: <http://tinyurl.com.br/4v4>. Acesso em junho de 2021.

CANCLINI, Nestor Garcia. O mundo inteiro como lugar estranho. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016. 176 p.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. A prova política da pandemia. Artigo publicado originalmente em francês, no Mediapart. Publicado no Blog da Boitempo em 26 de março de 2020. A tradução é de Eleutério Prado.

Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2020/03/26/dardot-e-laval-a-prova-politica-da-pandemia/> Acesso em junho de 2021.

FAUSTO NETO, A. Mídia-tização, prática social – prática de sentido. In: COMPÓS, 15., 2006, Bauru. Anais... Bauru: COMPÓS 2006.

FAUSTO NETO, A. Circulação: trajetos conceituais In: Rizoma. Santa Cruz do Sul: Ed. Unisc, 2010. N.6. Dez/2018.

HAN, Byung Chul. Teletrabalho, zoom e depressão. El País. Ensaio publicado no dia 22 de março de 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/cultura/2021-03-23/teletrabalho-zoom-e-depressao-o-filosofo-byung-chul-han-diz-que-nos-exploramos-mais-que-nunca.html> Acesso em junho de 2021.

## **Pesquisas**

ABERJE. Pesquisa Desafios da Covid-19 para a Comunicação Organizacional. São Paulo: Aberje, 2020. Disponível em: <http://tinyurl.com.br/6pl>. Acesso em junho de 2021.

APPROACH COMUNICAÇÃO. #Especial Covid 19. Rio de Janeiro, 2020.

Disponível em: <https://www.aberje.com.br/wp-content/uploads/2020/04/COVID-ApproachComunicacaoInterna.pdf> Acesso em junho de 2021.

BARÔMETRO COVID-19 KANTAR. Meio e Mensagem. Junho de 2021.

Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/tags/barometro-covid-19-kantar> Acesso em junho de 2021.

CALIBER. Gestão da Marca e da reputação corporativa. *What's next*. Maio de 2020.

Disponível em: <https://cebds.org/wp-content/uploads/2020/05/cebds.org-whats-next-groupcaliber-groupcaliber-i-estudo-whats-next-maio2020.pdf> Acesso em junho de 2021.

CORTEX INTELLIGENCE. *Como a Comunicação Corporativa pode navegar com inteligência pela crise*. E-book, 2020. Disponível em: <https://pages.cortex-intelligence.com/covid19-comunicacao-corporativa> Acesso em junho de 2021.

EDELMAN TRUST BAROMETER. *Confiança e o coronavírus*. Relatório Especial da Sondagem online em 10 países. 06 a 10/03 2020.

Disponível em: <https://www.edelman.com.br/estudos/edelman-trust-barometer-2020-especial-coronavirus> Acesso em junho de 2021.

GRUPO FSB. *O Futuro da Comunicação Pós-Covid-19: Ressignificar ou ser ressignificado, eis a questão*. Abril, 2020.

Disponível em: <https://tinyurl.com.br/6pj> Acesso em junho de 2021.

INSTITUTE FOR PUBLIC RELATIONS E PEPPERCOM – *Special Report: How companies are engaging employees Covid19*. Pesquisa com 403 executivos de comunicação. 06 a 12/04/2020. Disponível em: <https://www.commpro.biz/engaging=-employees-during-covid/?print-pdf> Acesso em junho de 2021.

TEXTUAL COMUNICAÇÃO. *Coronavírus & Marcas*. Disponível em: [https:// www.aberje.com.br/wp-content/uploads/2020/04/COVID-Textual\\_MarcasEmpatia.pdf](https://www.aberje.com.br/wp-content/uploads/2020/04/COVID-Textual_MarcasEmpatia.pdf) Acesso em junho de 2021.

## Desafíos reflexivos, ambientes educativos en tiempos de plataformas y pandemias

Alejandra do Santos e Pedro Russi

**Pedro [P]:** Ya que vamos a conversar sobre las plataformas educativas, utilizando una plataforma, me parece interesante poder establecer como proceso lúdico, la idea de pregunta y respuesta para ajustarnos al formato mismo. Es decir, entrar en el sentido, de la exigencia propuesta por la propia plataforma. Lo que lúdicamente podríamos llamar, conversar en plataforma. Obviamente que tomando un café sería, en mi lectura de mundo, mucho más vital, pero creo que es importante, experimentar también esta acción que podemos nombrar como de "abogado del diablo". Conversar sobre los ambientes educativos en tiempos de plataformas y pandemias, en la estructura de ellas mismas, las plataformas con sus cortes, ventajas y desventajas. ¿Te parece?... juguemos entonces...

Alejandra do Santos, eres docente, lo que sería aquí en Uruguay maestra de escuela. Es interesante una definición que para el mundo

brasileño se les dice profesora a las maestras que están en la escuela, después Alejandra nos contará qué haces, cuáles son sus actividades cotidianas. La idea es conversar y primero agradecerle a Alejandra la disponibilidad y poder contarnos esta experiencia que desde su lugar de acción como profesora, maestra, directora, profesora de futuras maestras en el Instituto Formación Docente<sup>1</sup>, que prepara a las futuras maestras y los futuros docentes para una realidad bastante distinta a la que estamos viviendo hoy. Una situación de pandemia que nos propone otras dinámicas interpretativas, otras dinámicas de imaginarios en la circulación de sentido para todos los ambientes, pero de manera intensa y particular para el pedagógico en todos sus niveles. Podemos comenzar por esos puntos iniciales del tejido que nos hemos propuesto realizar.

**Alejandra [A]:** Soy maestra, directora de una escuela pública e que tiene la particularidad de ser una escuela de práctica, el docente allí es docente y alumno, por un lado docente de niños y por otro estudiante de magisterio<sup>2</sup>. Son quienes se están preparando para ser futuros docentes, son alumnos nuestros y alumnos del Instituto de Formación Docente (IFD). Existe una particularidad en nuestra escuela, es la cercanía que tiene con ese instituto porque la escuela se encuentra geográficamente en frente de ese instituto y con el cual solemos tender redes, puentes en otras cuestiones además que esa que nos une que es tener como alumnos a estudiantes magisteriales que cursan 2do año de magisterio. Cursar 2do año de magisterio en nuestro país (Uruguay) implica que por primera vez en su carrera tiene la experiencia de ir a una escuela, entrar al aula y realizar prácticas docentes en el aula.

---

1 Instituto público, en el cual las y los futuros docentes de la escuela primaria hacen su formación de 4 años.

2 Magisterio es como se le llama al curso que realizan en el instituto de formación docente, de 4 años.

**P:** Este contexto de la pandemia nos lleva a reconfigurar cuestiones en el ámbito de la experiencia pedagógica, porque hay aspectos en el sentido de la estructura educativa previa, a partir del momento en que Uruguay entra en emergencia sanitaria el 13 de marzo 2021. Me refiero a que las escuelas prácticamente comienzan enseguida, no hay un atraso significativo, y es porque hay una red de tecnología que permite una conectividad casi instantánea, si comparamos con la región más inmediata. Hay varias puntas, una de ellas, el ya afianzado Plan Ceibal<sup>3</sup> que permite estar conectados, pero también cómo entra en juego lo pedagógico en ese escenario, empezar a dar clases por plataforma (Crea, Zoom), con las posibilidades y potencia que le permiten a Uruguay entrar en conexión inmediatamente. Algo impar en América latina, no todos los países pueden hacer eso, pero no olvidemos que también hay una reconfiguración de sentido para los niños, para los maestros, las direcciones...no es la plataforma en tiempos de pandemia y cuarentenas.

**A:** Capaz hablamos primero de la escuela, del escenario en la escuela por los niños, este escenario no fue el mismo con los estudiantes magisteriales, se dio diferente y tengo una óptica diferente de como fue el acogimiento de todo esto desde la familia de los niños y como fue el acogimiento y repercusión de la gente adulta como estudiante, totalmente diferente o es mi óptica o mi sentir. Nuestra escuela tiene la particularidad que no tiene almuerzo incluido, porque las escuelas acá en Uruguay que tienen esa particularidad nunca cerraron ese servicio a la sociedad, nuestra escuela al no tener almuerzo incluido, se cerró durante el tiempo de pandemia, al inicio estuvimos un periodo con puertas cerradas para el niño, pero con los docentes trabajando

---

3 Proyecto de una computadora por estudiante escolar [<https://www.ceibal.edu.uy/es>], iniciado por el presidente Tabaré Vázquez en 2007.

adentro en periodos de guardias, en esas guardas hacíamos todo un intercambio de como hacíamos para manejar el tema de las plataformas, porque más allá de la existencia de tener las plataformas (Crea, plan ceibal) no se venían utilizando en forma másiva como se empezaron a utilizar en este Covid-19, donde nadie preguntó: ¿saben utilizarlas? ¿Conocen las herramientas de las plataformas? Entonces, en una semana quienes tenían conocimientos empezamos a intercambiar con quienes no lo tenían y en ese intercambio tratar en esa semana, que fueron 5 días que los niños quedaron sin clase. A la siguiente semana de entrar en emergencia sanitaria —cuarentena— teníamos una circular desde Educación que nos pedía 2 actividades diarias a través de Crea. Crea, es el nombre que tiene la plataforma a través de la que se trabaja, a nivel de primaria, secundaria y a nivel de los institutos de formación docente, porque hay un Crea para cada uno de los subsistemas. Crea tiene una serie de herramientas, y a partir de ese momento (Covid), toda la gente que tiene que ver con esta plataforma comienza a trabajar en ella, a generar y a crear nuevas herramientas. Fue un trabajo mancomunado y en paralelos que se iba haciendo. Por un lado, los niños tenían que ir recibiendo tareas y por otros docentes aprendiendo a manejar diariamente nuevas herramientas, y por otro lado los técnicos de la plataforma, generando y creando nuevas herramientas para facilitar el trabajo del docente. Todo eso se dio en una vorágine, quisiera en este momento en poder pensar en todo lo que nos presentaba la plataforma antes del Covid y todo lo que presenta hoy la plataforma, es impresionante el avance que se ha hecho en el espectro de todo lo que abarca a nivel educativo y todas las posibilidades que fue abriendo Crea para que ese niño desde su casa pudiera tener acceso a diferentes escenarios, como por ejemplo la entrada a través de la pantalla a un escenario virtual de un laboratorio, experiencias virtuales en un laboratorio, es virtual pero hay un profesor explicando, ambientes que ni siquiera existen en un laboratorio. Porque si tenemos que contar acá en Paysandú cuantas escuelas tienen un laboratorio equipado



con todos los instrumentos para hacer química o hacer física son muy pocas, todo esto se fue abriendo y permitiendo al niño interactuar a través de la pantalla con esos escenarios en donde se iban haciendo cronogramas y los maestros que iban entrando tenían esa tutoría de profesores de química, de física, de arte. Tenemos una maestra que está en 3 o 4 de estos talleres en donde está trabajando en laboratorio, en arte y también está trabajando en bibliotecas, en donde los niños allí tienen que ir leyendo libros. El Ceibal tiene una biblioteca riquísima, que se amplió muchísimo con esto del Covid, y los niños van haciendo la recensión de los libros que van leyendo y esas recensiones son leídas, tienen un proceso compartido y son subidas en la plataforma. Los niños pasaron a ser parte de la elaboración de proyectos, de ese aprendizaje por proyectos que in situ, en aula, a los docentes nos costaba mucho, pero el Covid nos fue obligando a la toma de ciertas decisiones en las que por ahí nos sentíamos inseguros, pero el virus no nos permitió preguntarnos ¿estamos seguros ahora frente a esto? Por acá es el camino, es la manera de motivar, de a cada día y a tal hora tener los niños, nos metemos con ellos y aprendemos con ellos, no hay docente que no haya avanzado y no solo la parte pedagógica, hemos avanzado en la parte disciplinar, se nos obligó a una mayor preparación disciplinar.

**P:** Alejandra vos mencionabas en esta reflexión el tema de la familia y los niños, familia, niño, escuela y lo otro es el proceso pedagógico cómo se da ahí, me parece que reformula el proceso de ir a la escuela, de la sala de aula, de la relación cuerpo a cuerpo que se tiene cotidianamente en ese ámbito. ¿Cómo lo fuiste percibiendo vos este tema de los niños, familia? Me parece que hay resignificaciones que deben ser intensas.

**A:** Totalmente. Como venía explicando nosotros docentes comenzamos una semana, los nenes sin clases, a la semana siguiente arrancamos con las herramientas que teníamos y podíamos manejar. Porque en esa semana se fue ingresando a los niños a la plataforma virtual para que tuvieran acceso y empezaran a recibir las tareas que mandaban los docentes. Y entra toda esta cuestión pedagógica de ¿Cómo hacer? Te empezase a replantear, seguimos siendo los mediadores, guías, orientadores, los que acompañamos los niños. Sí, pero no en el mismo concepto, este concepto de docente mediador cambia porque hay una pantalla en medio, este docente que activa su rol pedagógico es estar activando conocimientos, tratando de hacer consiente a ese niño de lo que sabe, sigue siendo activador en cierta medida pero el concepto de esa activación cambia. Acompañamos, ¿de qué manera?, porque siempre está la pantalla. En la escuela sucedió algo positivo, tenemos una maestra que aparte de ser maestra, trabaja en robótica y estaba al tanto de estas plataformas como, por ejemplo, zoom, que todos los demás docentes no teníamos conocimiento de cómo funcionaba. Nosotros, los docentes, permanecíamos comunicados y fueron 2 semanas de clase en que estábamos con los proyectos “en pañales”. El proyecto institucional es del cual después se van desprendiendo los proyectos curriculares y los de aula, no se podía desmembrar la escuela, que cada uno en su aula, ahora con la pantalla trabajara en solitario, teníamos que ir haciendo acuerdos y a través de drive fuimos construyendo y elaborando los proyectos educativos. De manera tal que los maestros tuviesen los mismos puntos de partida, fuimos haciendo acuerdos, y semanalmente teníamos una reunión con la inspectora de prácticas<sup>4</sup> para ir acordando contenidos programáticos a trabajar. Desde el inicio coincidimos que al no saber hasta cuando iría esta pandemia, teníamos que empezar a recortar una maya curricular muy amplia y em-

---

4 Persona responsable por controlar las practicas docentes en la formación de magisterio.

pezar a reducir en esta área específica y dentro de determinados campos. ¿Qué es lo primordial que en este grado el niño tiene que saber? Empezamos a hacer recortes y a planificar en recortes y secuencias, ahí se nos trastoco todo, ¿cómo seguir una secuencia de actividades a través de la "maquina"? Estamos en el paradigma de que los niños van aprendiendo a medida que se van aproximando al objeto de conocimiento y esas aproximaciones las vamos provocando nosotros como activadores, orientadores, a su vez cada niño se aproxima a su ritmo en esa gran heterogeneidad que hay en el aula. Ahora, agreguémosle toda esta situación a la heterogeneidad del aula. Si bien sabemos que cada niño viene de un contexto, de alguna manera eso se homogeniza en el aula. Tenemos niños diferentes, obviamente por su genética y porque somos individuos distintos, pero el docente frente a una determinada propuesta, a través de su rol pedagógico logra igualmente llegar a cada uno de sus niños en ese contacto directo. Pero al no existir ese contacto directo ¿cómo llega?, ¿cómo ese docente se asegura que está llegando a todos? Ahí es donde fuertemente comienza a ser un aspecto de mirada y reflexión constante en el contexto, porque el contexto se mete dentro. Cuando uno mira ese niño en la escuela, hay una historia y un lugar de procedencia, eso siempre está, y ahora ese lugar de procedencia forma parte de nuestra aula. Ese contexto, ese lugar en donde el niño tiene para trabajar y en donde están los elementos para realizar las tareas. Ahora, ese espacio pasa a formar parte de esa aula digital-plataforma; y no es solamente la maquina sino todo lo que está detrás de ese niño. El factor tiempo, por circular en dos actividades por día, pero tenemos que pensar que tenemos niños que necesitan de un apoyo especial, pensando en los más pequeños o más grandes que independientemente podían hacer las tareas, y ahí es cuando empezamos a hablar del tiempo, nos empezamos a preguntar ¿qué tiempo? Porque entro a jugar un rol importante el tiempo de la familia, creo que en un momento dado con el respecto a los tiempos de aprendizaje no se dio. Pero tácitamente se empezaron a dar acuerdos, en el

sentido de que el docente empezó a advertir que sus niños no podían hacer todo a la misma vez, imposible. Yo nombre esta compañera que tenía conocimiento sobre las distintas plataformas de videoconferencia, esto fue una ayuda y comenzamos nosotras a conectarnos a través de zoom y sentimos un alivio, los docentes nos sentíamos salvados, íbamos a verlos, no tocarlos, pero verlos. Pedimos permiso a la inspectora, esto llevo una burocracia, se nos permitió que comenzáramos a incursionar en zoom; creo que fuimos una de las primeras escuelas que comenzamos, y no se hizo obligatorio, quedaba a criterio de los docentes y más que nada a los directores de la escuela si permitíamos a los docentes el contacto a través de zoom. Yo lo permití en forma inmediata y comencé a participar de las aulas, me importaba mucho ver, todo esto era nuevo para los niños, verse en la pantalla, las primeras clases no eran clases, eran encuentros entre compañeros, ese encierro tan apretado, dio lugar a encuentros que fueron muy importantes para la mirada del docente. Frases que surgían de algunos niños que nos daban insumos para pensar, reflexionar, y comenzaron a aparecer estos otros actores sociales que son los padres/madres, comenzaron a formar parte de nuestras aulas. Surge en el docente ese temor de, si doy clase a través de zoom mi audiencia no es como la de todos los días: mis alumnos, ahora tengo audiencia de la familia que por ahí están muy preparados para acompañar a sus hijos y otros que no están preparados. Nos fuimos dando cuenta, con el transcurrir del tiempo, de que nuestras consignas tendrían que ser comprendidas por el por el niño y por los adultos.

**P:** Me quede pensando en esto, primero esa cuestión del encuentro en plataforma más fuerte que la clase, pero la escuela se encuentra con otros actores, signos que empiezan a ser parte del aula. La maestra/o empieza a tener encuentros con otros actores, la familia en su coti-

diano, y la consigna no solo pensada para el niño sino también para el adulto. Hay un reajuste, ampliación explícita del proceso pedagógico.

**A:** Totalmente, cuando empezó esto, tuvo que haber una reapertura de los docentes en cuanto a tiempo, los papás también muchos empezaron a cambiar el trabajo o la profesión de cada uno, por teletrabajo. Ellos también estaban dependiendo de una pantalla para seguir trabajando, otros debían salir del hogar para trabajar, los maestros tuvieron que reacomodar horarios y sin pensar, a esta hora entro o a esta hora salgo. Si hago una entrevista que se cumpla en ese horario, por eso en un momento hablé que los acuerdos, en cuanto a la extensión del horario, no fueron acordados. Se fueron dando tácitamente, porque los maestros comenzaron a entender que si no se abría al horario de los niños los perdía. Los padres empezaron a valorar ese docente por ejemplo, hoy por hoy la mayoría de los docentes trabaja de mañana y de tarde, pero en la escuela tenemos unas cuantas docentes muy jovencitas trabajando en un solo turno, ellas me pidieron permiso para poder trabajar de mañana y de tarde con sus alumnos. Porque cuando comenzaron a entrar en esto de las plataformas comenzaron a darse cuenta que tener 30 alumnos pequeños de 1r año, con 6 o 7 años, de 2do con 7 u 8 años, de 3ero, tener 30 en la pantalla y tener que estar apagando y encendiendo micrófonos no daba resultado. Entonces estas maestras decidieron formar dos grupos como se está dando ahora y muchas de ellas atendían un grupo en la mañana y otro en la tarde y esto es voluntad propia del docente y propio de la institución. En la medida que los docentes se fueron abriendo, me pedían permiso, lo fui otorgando y siempre con la aclaración correspondiente. Siempre hubo un ir y venir con los padres/madres desde dirección a través de la plataforma Gurí donde iban los comunicados a las familias. Y lo primero que hice cuando hubo esta respuesta de los maestros de querer atender a sus niños, un grupo en la mañana y en la tarde, y otros maestros se fueron

uniendo, y decían, atiende un grupo por zoom de 13 a 14 y el otro de 14:15 a 15:15 más las tareas de Crea. Hubo siempre la comunicación con las familias explicando, hay maestros que, porque no trabajan en doble turno y por decisión propia van a atender a los niños de mañana y de tarde, pero es decisión propia del docente, porque hay otros que están trabajando de la misma manera en la mañana porque pertenecen a una escuela y de la misma manera en la tarde porque pertenecen a otra escuela. Algo que fue entendido por los papás sin ningún tipo de problemas, pero tuvimos que empezar a arreglar los horarios en cuanto a que los papás estuviesen presentes. ¿Quién acompaña al niño?, las primeras veces al ser una gran novedad los niños se engancharon pero al igual que en el aula clase, presencial está aquel que se distrae, el que se distorsiona, al que hay que estar continuamente nombrándolo. A veces no nombrar, pero hay gestos paralingüísticos, que te ayudan a captar la atención de aquel que estás leyendo en su carita que no está inmerso en el tema. Pero, ¿qué pasa con todo lo paralingüístico a través de la pantalla? Uno lo pierde.

**P:** Empiezan a haber elementos que interfieren, me quede pensando en una pérdida, que se hace más presente, la pérdida del niño en su presencia corporal completa, por decirlo de alguna forma.

**A:** En el aula la maestra camina, se desplaza, dio un giro por un equipo y toca el hombro de alguien y nadie se dio cuenta, porque era para ese niño porque te das cuenta que no está entendiendo y dice, "ah estoy en clase y aterrizo". El lenguaje de la mirada que dice mucho, no solo el lenguaje de la mirada de la maestra sino la mirada de nuestros niños, con los años uno se va transformando en lector de miradas. Miradas que te das cuenta que van entendiendo a los que están lejos de la temática, todo lo paralingüístico para mi es importantísimo. La palabra si no va acompañada de gestos no tiene la misma repercusión o llegada y

cuando hablo de palabra, estoy hablando de tonalidad, de volumen. Ese docente que empieza a hablar bajito para que se percaten que están en un bullicio tan grande y no están prestando atención, son muchos los elementos paralingüísticos, para mí las manos son una herramienta importantísima, y en la pantalla las pierdo, como hacer a través de la voz para captarlos y tenerlos.

**P:** En ese sentido la voz, una voz robótica...

**A:** Participé de distintas clases, por ética no voy a decir en esta me sentí bárbaro... en esta... no. Yo trababa de participar como alumna, como me sentía yo como alumna. Porque después está el rol del director en donde tiene que hacer un acompañamiento con el docente para ir viendo que aspectos mejorar, te metías en aulas que decías "mira la creatividad de esta maestra es impresionante" y estabas en otras aulas en las cuales decías "le está costando" y hasta a mí como adulta me está costando mantener la atención. Entran en juego improntas que son propias de cada ser humano. Cuando tengo que dar una devolución y conversar con ese docente en qué aspectos mejorar ¿cómo se lo digo?, tendré que entrar con él en alguna de las clases para trabajar juntos y capaz se dé cuenta que el niño me presta atención porque cambie el tono de voz, el volumen o porque aparecí con un sombrero puesto. El maestro tiene que transformarse en este tiempo de virtualidad en ese payaso, que debemos serlo siempre, pero aparecer según la temática con un elemento que los captara, que los tuviera determinado tiempo de concentración y de jugar con esta imaginación.

**P:** Has podido conversar con niños sobre el tema de esta experiencia de clases, o si alguno de los niños te ha contado sobre esta vivencia, de ¿cómo le fue, como lo han vivido? Y en este sentido porque el mundo

de la pantalla tal vez puede ser más ajeno a los docentes que a los niños, los niños tienen contacto con muchas dinámicas de las plataformas y de lógicas de internet, de Youtubers. Y en esa dinámica, me parece que hay un escenario que para ellos puede no ser tan ajeno como para los docentes.

**A:** Les encantó, el zoom los atrapó, Crea tiene una herramienta de grabación, la intentamos probar. Desde el consejo la herramienta siempre fue Crea y cuando se empezó a extender el uso de Zoom se nos pidió que tratáramos de utilizar la herramienta que se había mejorado de videoconferencia por Crea. Pero la verdad que nunca pudo sustituir a zoom por las interferencias, por los tiempos, nosotros en nuestra escuela particularmente seguimos utilizando zoom. Cuando se volvió a la presencialidad parcial, las maestras relataban que los niños desdecían: ¿ahora no vamos a usar más zoom? ¿solamente te vamos a ver acá? Cuando volvimos, fue de a poco, primero 2 días y los otros días había que mandar tareas por Crea, ya no más por Zoom, entonces los niños empezaron a extrañar enormemente el zoom y lo primero que hacían era ¿maestro cuando tenemos zoom? Hablando con los docentes, mi pregunta era si los dos terceros hacen alguna actividad y aunque estén en la misma escuela se comunican por zoom porque ya que terminó siendo una herramienta tan válida, que la empiecen a utilizar para hacer exposiciones de temas, investigaciones, es decir, ¿cómo las cuento? Y como no podemos ir al otro salón porque no podemos ser más de tantos en el mismo salón, esa investigación o exposición, eso que estamos estudiando se lo puedo pasar a la otra clase a través de zoom. Hubo un tiempo que el zoom se siguió usando dentro de la escuela a petición de los niños y aquellos más grandes que empezaron a trabajar en talleres de arte, los laboratorios de física es algo que siguen haciendo, no es algo que comenzó la presencialidad y se dejó. Hubieron cosas de la virtualidad, puertas que se abrieron que pasaron a formar



parte del pienso docente, ese pienso a priori que todo docente tiene que hacer al momento de planificar, estas herramientas se transformaron en elementos que pasaron a formar parte de esos piensos cotidianos docentes. Se han incorporado a esas discusiones hay debates. Se recorrió un camino en donde hay que evaluar, se sigue evaluando y va a ser materia de evaluación para el año que viene: ¿Qué aprendimos de todo este año que experimentamos? ¿Qué de todo esto fue dando resultado y fuimos rescatando como positivo? ¿Qué de todo esto fuimos viendo detrás de la pantalla, los hogares? ¿Qué información vamos a empezar a utilizar para cambiar nuestras prácticas? Pienso que este virus ayudo a mostrarnos muchas cosas que estaban ocultas, solapadas o nos hizo reflexionar más. Voy a decir antes que me olvide algo muy positivo, cuando volvimos a la escuela, la relación comunidad en un principio tal vez después ya pasó y ya fue, en principio cuando vuelven los niños y los papás noté que el vínculo entre la comunidad educativa y los actores propios de la escuela era distinto. Más amables, porque esos papás empezaron a ver todo el trabajo de los docentes, porque cuando te hablaba de las consignas que fueron horas de discusión docente a través de las plataformas, comenzamos a hacer consignas que unas iban para el niño y otras para la familia. "Tal cosa la hace solo, tal cosa tiene que orientar" y se les explicaba a los papás y mamás, se los orientaba, se le iban dando pautas, un instructivo. Iba una consigna para el niño y un instructivo para el papá, en que lo tenía que dejarlo solo y en que lo tenía que ayudar, se lo alentaba al papá que también escribiera en Crea o el hermano mayor o la abuela. Tuvimos muchísimas abuelas formando parte de esta aula virtual, porque son las que están con los niños. Cuando vuelven, ese vínculo fue más amable, desde la casa hubo un reconocimiento al trabajo docente, de que los docentes no tenían hora para responder, estaba el celular que a pesar de ser privado el maestro lo empezó a responder cuando las consignas no eran entendidas. Decía, esta consigna va a dar lugar a esta duda o a esta otra, "estas consignas las voy a mandar por audio".

Y esa comunicación a través del celular empezó a ser diaria con los papás y conmigo, cuando vuelven los papás vuelven con otra mirada y nosotros como docentes también a esos papás que nunca dejaron de estar. Porque hubo papás en donde teníamos que estar acá con el celular todos los días pidiéndole que estuviese porque si no el niño no podía estar solo sin algún adulto. Nuestro gran agradecimiento enorme y sin palabras para aquellos que todos los días, a tal hora cuando lo pautaba el docente estaban allí, algunos se mostraban, otros no, pero escuchabas las voces. Hubo ese reconocimiento tácito de lo que hubo de este lado de la pantalla y de lo que hubo del otro lado de la pantalla, una comunicación diferente.

**P:** Me quede pensando en esta cuestión del “pienso de los docentes” que después voy a retomar. Hay cuestiones de lo pedagógico de la escuela que quedan ocultos, hay una dinámica dentro de la escuela y el proceso de clase, y así como entran otros elementos en la pantalla que dan insumos y hacen parte de los procesos pedagógicos, empiezan a haber otros actores, está el lugar donde el niño estudia, entra la abuela, la mamá, el papá, el docente empieza a tener elementos de información del contexto del niño, también los papás empiezan a tener presente una dinámica que no es perceptible en el día a día fuera de esto. El ir a la escuela es, paradójicamente, quedarse en casa.

**A:** Exacto, por ejemplo, la secuencia; creo que la mayoría de los papás dominan el concepto secuencia desde el punto de vista educativo. Que una actividad no se da aislada, que un determinado conocimiento para que el niño vaya aproximándose y ampliando su nivel de conocimiento sobre un determinado contenido, ¿Cuántas actividades hizo ese docente? Y ahí entra la explicación “si hoy se pierde esa actividad, cuando ese contenido se retoma, al haber perdido parte de la secuencia le va a costar enganchar, hilvanar”. Una de las palabras que más hacíamos

hincapié, y forma parte del hacer docente, es lo que es una secuencia. Hubo un segundo año en el que entre en varias oportunidades porque me encantaba verlos trabajar, geometría que debe ser uno de los campos en la matemática, más difíciles de trabajar por el nivel de abstracción y más cuando son pequeños, cuando se trabaja en el aula tenemos los objetos físicos que representan la figura geométrica, ¿Cómo trabajamos con ellos? Trabajamos con ese material, entregamos una pirámide, un cilindro, un prisma, para hacer clasificación, pero ¿Cómo hacemos?, porque el material está en la escuela. Hay un proyecto curricular en la escuela de geometría, justamente porque hay carencias en geometría por lo difícil que es, ¿Cómo hacemos para continuar? Les mandamos un audio a los papás y patrones (dibujos) a los papás para que recortaran y armaran la figura. Un día entro a un aula de 2º año y que placer, algo tan simple lo veo ahora y no lo veía in situ presencial, cada niño tenía en su mesita un prisma, una pirámide y cada niño manipulando y pudiendo tocar y mostrar al otro. Cada niño con lo que tenía que trabajar en el aula. Porque cuando trabajamos con lo que tenemos en la escuela no todos lo manipulan, sí todos lo ven, pero lo manipula el equipo al que le toco esa figura y ahí se trabajan las características interfigurales e intrafigurales. Pero en esa clase me encanto, cada uno tenía el suyo y todos lo levantaban, lo mostraban. El manejo que tuve que tener con los libros de geometría, leerlos nosotros para que los papás trabajaran la terminología correcta, porque la geometría es nominalista y más allá de que nos cuestionamos nosotros son importantes los nombres. En geometría, si es un vértice le tenemos que llamar vértice, si es una arista no hay otra manera, hay nombres que los papás se tuvieron que aprender, reaprender y conceptualizar no solo memorizar. Creo que las clases de geometría los papás asistían todos porque dijeron que aprendieron muchísimo. Viste que a mí no se me hubiese ocurrido, generalmente la construcción, como comenzamos a relacionar la geometría con magnitudes y medidas en 5º y en 6º y comenzamos con los desarrollos del plano ir al espacio, del

espacio al plano, lo tuvimos que hacer con los niños chicos, hubo un aprendizaje para los docentes que los niños pequeños también pueden hacerlo. Y que eso que aparece en el programa para niños más grandes, yo advertí que cuanto más pequeños comiencen a visualizar eso que sale del plano y que cuando lo plegamos se torna en una figura en el espacio que es algo tan difícil, desde pequeños ya lo pueden ir haciendo y trabajando de otra manera. Te digo esto como ejemplo, uno entre tantos que fueron surgiendo y que tienen que cambiar nuestros piensos, cambiar nuestras prácticas.

**P:** Eso se relaciona con el pienso docente de futuras maestras, esto lleva a una reconfiguración del pienso más amplio en la formación de docentes.

**A:** Totalmente. Es paralelo cuando nosotros empezamos la reformulación de ¿Cómo llegamos a ese niño? ¿De qué manera estamos llegando a los niños? Cuando entendemos que ese pienso va paralelo a cómo estamos trabajando con el practicante, cuando hacemos esos debates con los maestros sobre la llegada al niño. Al futuro docente, lo que le llevamos son las estrategias que van dando resultado, el docente pone en práctica varias estrategias y, en ese hacer, vamos adquiriendo experiencias de cuáles son las estrategias que mayormente acercan al niño al conocimiento a través de nuestra mediación. Porque las estrategias son mediaciones y activaciones de procesos, de competencia, en la medida que nos vamos dando cuenta que estas estrategias nos permiten este movimiento en el alumno. Estas estrategias llevarlas al alumno/practicante, hacerles ver qué son estas estrategias y por qué, cómo nos dimos cuenta que son estas las estrategias que mueven al alumno. Estoy pensando en el aprendizaje profundo, ahora en la Red Global y el famoso aprendizaje profundo que cuando ahondas en lo que es vienen a ser los pedagogos de siempre, Piaget, Bruner, Vigostsky, que los co-

menzamos a reflotar. Yo nunca los dejé atrás porque los encuentro en cada estrategia. Eso es lo significativo, pero ¿Quién fue que habló de lo significativo? Y acá está la secuencia, esto se engancha con lo otro si no hay un enganche no hay verdadero aprendizaje. Esto es el aprendizaje profundo, y que la Red Global nos avasallo con una terminología nueva. Con el virus y lo digital comenzamos a ver que eso que en un momento nos pareció extraño, ahora cayó y hay que hacerlo ¿y cómo lo hacemos? Lo empezamos a hacer sin darnos cuenta, el aprendizaje profundo es simplemente el aprendizaje significativo del cual hablamos. Profundo en el sentido que haya aprendizaje por parte del alumno, y hay aprendizaje cuando se torna significativo. En esa significatividad que vas encontrando te vas a la postura de estos pedagogos y están ahí establecidas desde hace años. Ahí es cuando uno va con el practicante, y se les dice: ustedes en pedagogía “fulanito”<sup>5</sup>, ¿qué hablaron de él? Y se comienza a hacer este enganche entre la teoría y la práctica. Que es algo que cuesta muchísimo, pero ahí es donde empiezas a lograr que se den cuenta cuando un aprendizaje resulta significativo y que rol cumplamos nosotros en ese entramado para que haya significatividad, movimientos de estructuras y generación de nuevas estructuras.

**P:** Y ahora que se juntan otros actores, en este proceso del aprender cuando se torna significativo, como entran estos actores familiares más presentes, lo que fue la experiencia del zoom, en todo esto que hablabas de la Red Global. Pero hay un aprendizaje profundo, cosas que venían en la base de la formación de autores que pensaron, como Piaget y Vigotsky, que empiezan a tener que ser resignificados, fortalecidos, comprendidos en esta dinámica que nos lleva a una reformulación, no sé si curricular, pero sí del espíritu de la formación docente, es un movimiento intenso.

---

5 Forma figurativa de llamar a alguien sin distinguirlo.

**A:** Para quienes nos gusta esto está bueno, por Piaget. Hubo una desestructuración en nosotros docentes, hubo movimiento de estructuras, momentos de frustración ¿Cómo hacemos para no perderlos? Y estoy hablando de una escuela en la que un gran porcentaje de las familias estuvieron, pero ¿qué me decís cuando nos vamos de escuelas como la que ahora estoy trabajando a escuelas de contextos vulnerables donde no había equipos para trabajar? ¿Y ahí cómo? Me saco el sombrero frente a las innumerables estrategias de los docentes para llegar a los niños. Tuvimos un caso de una familia con dos niños que les vino la computadora y nos las vinieron a buscar y se nos perdían y el maestro dice "no me importa, se los voy a llevar a la casa en formato papel" y eran dos alumnos. ¿Qué pasa en esas escuelas en las que esos son el 50% de los alumnos? No puedo hablar porque no lo sé, pero me hace pensar y me llegaron de docentes colegas videos en los que me saco el sombrero y los aplaudo de pie en todo lo que llegaron a hacer para hacer llegar las cartillas cuando los papás iban a los comedores a levantar la vianda<sup>6</sup>, las cartillas iban y al otro día tenían que volver. Pero faltaba la comunicación, ellos necesitaban ver al docente, eso nos dimos cuenta cuando empezamos solo por la plataforma Crea donde iba una consigna, la página de un libro. Pero ese encuentro que te digo del que participe de algunos, no pude de todos, ese "te extrañaba maestra" dicho por el niño, la necesidad de que la maestra dejara los micrófonos abiertos para que se pudieran hablar entre ellos y contaran sus vivencias que tiene que ver con la educación emocional y no lo podés dejar aparte. Fuimos un portal para la educación entre los niños en ese periodo de encierro más limitante y por llamarle más peligroso en lo que tiene que ver con el cuidado de las emociones, fuimos un portal, lo sabemos y por eso cada vez que nos juntábamos a planificar, decíamos "seamos creativos" y ahí surgieron los itinerarios de los cuentos, de

---

6 Recipiente para transportar el alimento. En este caso se refiere al recipiente utilizados por los padres para ir a retirar el alimento brindado en las escuelas publicas.

las leyendas, de los cuentos de ficción, vamos a buscar de llegar y tratar de movilizar la imaginación, la creatividad. Vamos a ver que hubo un tiempo que priorizamos primero la parte emocional y después los conocimientos hasta que todo fue aflojando más y desde arriba se nos dijo bueno ahora sí, vamos más a los conocimientos. Cuando se acercaba lo que parecía que nuestro país estaba mayormente protegido, se hablaba de la vuelta, un mes antes de la vuelta, bueno vamos a focalizar en contenidos y conocimientos cuando vuelvan, pero hubo un tiempo que fuimos un portal de comunicación, sin perder de vista el objetivo de cualquier docente, tratar que los niños tuvieran su espacio como niños de alguna manera.

**P:** Me quedo pensando en cada cosa que fui anotando. No quiero entrar en esa cuestión del portal porque seguimos y seguimos, es muy fuerte el hecho de ser portal y ese gesto articulador. Me quedo pensando en ese gesto desde el ámbito de la semiótica es muy fuerte y tiene que ver con Vigotsky y estos autores que hacen parte del pensamiento sobre los procesos pedagógicos. Lo que mencionabas de dejar el micrófono abierto frente a la tendencia de colocarlo en mudo. Dejar el micrófono abierto para que haya, en un ámbito de confinamiento, la posibilidad de encontrarse y conversar mismo en la plataforma. Ser un portal para que se encuentren, para que las familias entiendan la secuencia, son elementos, índices fuertes de esta comunicación que un confinamiento nos lleva de un día para el otro a no tenerlos más. Un niño que se encontraba con otros y que venían dos semanas encontrándose con 30, al otro día no puede verlos más hasta próximo aviso. Importante pensar las cosas que hay ahí, estar en un lugar del niño, porque se explicitan las condiciones emocionales y familiares; una cosa es tener una casa con 2 o 3 habitaciones y otra distinta es todos los integrantes del núcleo familiar en una sola habitación...

**A:** Y ese micrófono..... Yo les decía, ahora no es con ustedes, tengo que estar con todos los papás que están atrás de ustedes y venía toda la explicación, "tienen tal tarea en Crea, pero la pueden hacer de esta u otra manera, "¿Qué preguntas tienen papás?" También ese espacio para la familia, para que pudiese "maestra mire que a mi tal cosa no me sale, ya no me acuerdo". Ese espacio se abrió para la familia y ricamente, ahora no puedo ser tan positiva en el escenario de lo que fue el trabajar con los practicantes.

**P:** ¿Ahí fue distinto?

**A:** Totalmente. Salir de una clase, de un aula con una maestra y sus niños y su felicidad "¿ya estamos terminando? ¿ya paso la hora?" El entusiasmo, la rutina, un niño que se preparaba con túnica y moño para la videoconferencia. Frente a los estudiantes de magisterio que, imagínate, les pedía por favor verles las caras, no logre nunca verles las caras. Siempre me colocaron fotos hasta que les hable, son adultos, no era dialogo, era monologo, me cansó el monólogo y de pedir por favor para verles las caras. Cuando me reencontré con mis alumnos del magisterio no los conocí, tuve que comenzar a identificar rostros porque tuve una pantalla de fotografías sin sonidos. La única que hablaba era yo, y me di cuenta que me formatee porque cuando volvimos a la presencialidad, la vez que tuve más alumnos fueron 4 de las 10 alumnas. Preferían por zoom, cuando me ponía a hablar me ponía a hablar como si estuviese sola, menos mal que soy medio payasa y hasta cuando hablo sola me muevo, nunca hubo un feedback. Hubo un momento que tuve que parar y reflexionar qué estaba pasando ¿ustedes reflexionaron que van a ser futuras docentes? Mi preocupación es, hay que pasar a todas porque esa es la premisa, es lamentable, tiene que ser reformulado, no puede seguir así, nuestros estudiantes magisteriales son la prolongación de nuestros niños. Elegí concursar, porque no me gusta



el cargo de dirección, a mí me gusta el aula y el contacto continuo con los niños ¿Por qué en un momento dado elegí eso? Porque me encanta trabajar con los practicantes porque siento que es la prolongación del maestro, como que el maestro se prolonga en ese estudiante magisterial que va a ser un futuro docente, me gusta muchísimo contagiar esas ganas de enseñar, de estar abierto a los cambios, a todo lo nuevo. Los niños nos traen muchas cosas nuevas, los niños van cambiando año a año y nosotros tenemos que estar abiertos a esos cambios y este virus nos muestra que no estamos abiertos. El virus nos obligó a abrirnos y conocer estas nuevas generaciones que tenemos, es todo un reto para quienes nos preguntamos y pensamos y decimos "esto no sé si lo sigo dando porque no sirve" y está el otro que dice "se lo sigo dando y el que aprende y el que no, no es mi problema". Hay docentes que dicen "esto no va más, tenemos que ir por otro lado" Este virus nos abrió la puerta para repensar nuestro rol como docente, la educación toda. El curriculum, que por suerte nos permitieron flexibilizarlo y "lo hicimos de goma", lo dimos vuelta a nuestro antojo y así debe ser porque son los niños los que nos van marcando y tenemos que ir tomando esas marcas y eso que vamos recogiendo del aula para flexibilizarlo. Para volcar lo que nos damos cuenta que están necesitando los niños, estamos preparando niños para un futuro que para nosotros es incierto, hay que darles herramientas más que conocimientos, herramientas que les permitan adquirir los conocimientos que en su momento va a necesitar, queremos niños competentes no cargados de conocimientos que capaz que en unos años no son los que va a necesitar en un empleo que capaz no sabemos cuál va a ser porque no lo conocemos. Una vez en Red Global en una conferencia nos hablaban, dentro de 20 años la cantidad de empleos nuevos que aún no conocemos que van a existir, y me da que pensar, estamos preparando un niño o joven con las competencias y potencialidades para comprender lo que tiene que comprender, más que llenar cabezas. Seres reflexivos y ahí me viene Freire, lo de la pedagogía liberadora, nos liberamos en la medida que reflexionamos,

ahora nosotros nos estamos formando como seres pensantes y reflexivos, porque dicen que por esta maquina es la culpa de que no reflexiones. ¿Es de la máquina o somos nosotros? O sin culpas pensar en nuestro rol, me lo pregunto, mi año como docente de escuela dentro de todo ha sido una de las escuelas con mayor porcentaje de asistencia, cumplimiento en Crea. Cuando volvieron a la presencialidad, hicimos evaluaciones y, sorpresa, los chiquilines aprendieron, hubo avances, obviamente no los esperados en un año normal, pero los hubo. Ahora, como tallerista y como profesora de los estudiantes magistrales fue el peor año. Si bien es mi tercer año, no fue redituable y no siento que las chiquilinas se hayan preparado en lo mínimo de lo que hay que prepararse en su primer año de práctica. Me siento muy desilusionada, ellas me dijeron: nos aburrimos, me pregunto ¿se aburrieron de mí, o son aburridos, o no le encuentran el sabor a lo que quieren, o no saben lo que quieren?

**P:** Me quedo con eso que decías, con lo que venias planteando y lo que Freire decía de la formación liberadora y esa necesidad de proceso creativo, lo lúdico, lo de imaginarse, la potencialidad de la imaginación y esta palabra "nos aburrimos". Es una tensión fuerte, donde la vivencia nos demanda estos procesos de imaginación, de utopía y de posibilidades, y escuchar una situación de aburrimiento como respuesta, eso es la negación a todo el proceso.

**A:** Me pregunto, estos jóvenes ¿quieren liberarse? Pero, ¿entienden el concepto de liberación? o es más fácil acatar lo que viene porque implica una actitud pasiva, los veo pasivos y en esa pasividad están cómodos y no quieren moverse de su zona de confort. Porque antes tenías alumnos que te preguntaba, esto quiero darlo en la clase pero darlo diferente, la maestra me dijo que utilizara este recurso, antes más jóvenes te aparecían con recursos más ricos porque en edad más

próxima a los niños lograban acercamiento mayor con ese recurso que con el que el maestro plantea. Ahora "trabaja con esto" y ahora ni lo pienso, con esto que me dieron pienso y trabajo, ¿hasta dónde quieren liberarse? ¿Hasta dónde tienen utopías? Yo creo en las utopías, vamos detrás de utopías, nos mueven, si no hay utopías no hay movimientos, cuando uno es así o tiene ese amor por lo que hace entristece ver esta quietud, este cansancio, entiendo el docente cansado, extenuado porque no para de trabajar, estoy leyendo "La sociedad del cansancio"<sup>7</sup>, pinta tal cual la realidad. Leyendo entiendo lo que nos cansamos, con esto de que todo podemos, todos somos omnipotentes, todos somos capaces, el emprendedor, nos pasan la mano diciendo que todo podemos y no nos damos cuenta que el cuerpo se extenua, pero me hace pensar en el cansancio diferente del joven que nace cansado. No estoy generalizando, pero a mi este año en particular con mis alumnas me pasó que preferían quedarse en la casa por zoom y poniéndome una foto en vez de ir al instituto en donde podía llevar recursos, voy con bibliografía, reparto distintos libros, porque esto de leer una determinada teoría de distintos autores no existe más, esto de discutir a ver como lo dice este autor, como lo propone este, que tomamos, todo es ecléctico según la realidad que tenemos, al subir el material en Crea este año ni se tomaron el trabajo de imprimir. Antes venían con la fotocopia calentita, hacían la fotocopia en frente, ¿Cómo estamos chiquilines? ¿qué leyeron? No leímos nada Alejandra. No leyeron nada, buenísimo, va a depender de ustedes que lean el mamotreto que les deje, pero ahora vamos a la página tanto, párrafo tanto y línea tanto y empezábamos a buscar conceptos y con preguntas. A relacionar conceptos, pero por lo menos teníamos una fotocopia, donde iban rayando subrayando, pero este año venían sin nada, no sacaban nada del bolso, lo único que tenían era el celular, nada más y nunca deje de hacer apuntes porque

---

7 De Byung-Chul Han

para mí aclaran y enriquecen. ¡Foto! ¿ustedes a estas fotos las vuelven a mirar? Porque la riqueza está en que, si tomo la foto de un esquema o lo que sea, lo paso y lo repienso. Porque cuando lo paso le doy lo mío porque lo escrito es lo mío, lo reflexioné con ustedes si se puede decir reflexionar pero es una producción mía, pasa a ser una producción de ustedes en el momento que ustedes se apropian de ese escrito, lo pasan y hasta agregan palabras para no olvidarse, me dijeron que no, que cuando querían lo miraban en el celular. ¿Qué apropiación de conocimientos hubo? Me va a picar hasta el año que vienen que vuelva a tener los nuevos alumnos.

**P:** Me quedaría pensando para abrir otro capítulo, agregar estas reflexiones del hacer docente con los docentes, un desafío vital, quería agradecerte por tu tiempo, por compartirnos lo que pudimos conversar e ir caminando viendo muchas puertas que quedaron sin abrir. Bueno, ahí está lo interesante de que esto sea una conversación, son los sentidos que van circulando, las puertas abiertas o puntas del hilo, posibles para continuar, que justamente nos abren a entender esto que está sucediendo, la pandemia desde otros lugares; la propuesta nuestra. Se habla mucho de la pandemia, del virus, pero a veces en estos espacios micro que no son tan micro, cómo empezar a entender esto, desde otros lugares, este era el desafío conversar y desde ahí la invitación.

**A:** Agradecerte porque fue muy rico todo lo que me preguntaste, me va haciendo pensar, tengo muchas cosas, mis estructuras deben estar, según Piaget, moviéndose todas, me autoevalúa y como profesora de futuras docentes no quedé conforme para nada y me replanteo muchísimas cosas para el año que viene. Estaría bueno este tipo, lo que estamos haciendo ahora, me supongo que no soy la única que se lo está replanteando, ojala se vayan creando espacios de discusión en donde

este gran ovillo, en donde hay tantas innumerables puntas las podemos ir tomando e ir viendo cómo cambiar nuestras prácticas. Porque acá creo que hay algo que hay que cambiar, evidentemente, para poder motivar y mover a estos gurises de su zona de confort porque creo que pueden llegar a ser muy capaces, me quede sin saber la capacidad de mis alumnas, creo que moví dos o tres y mostraron ser muy capaces ¿si hubiese logrado moverlas antes? ¿Cómo mover esta juventud? Los niños todavía los movemos, los niños son una esponja, mi pregunta es que va pasando con esa esponja cuando van pasando de un subsistema a otro.

**P:** Es verdad.

**A:** La esperanza está...



# **Mudam-se os tempos, mudam-se as universidades<sup>1</sup>**

Pe. Pedro Gilberto Gomes, S. J.

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,  
muda-se o ser, muda-se a confiança;  
todo o mundo é composto de mudança,  
tomando sempre novas qualidades.

(Primeira estrofe de soneto de Camões.)

Na esfera do Ensino Superior vêm se inserindo os condicionantes da tecnociência, enquanto persevera uma busca de estabelecer a imbri-

---

<sup>1</sup> Texto publicado originalmente no GZH – Educação e Trabalho, em 11/11/2020, "Chegou a hora do 'smarth campus', defende vice-reitor da Unisinos"

cação indispensável dessa tecnociência com as chamadas ciências humanas. Vivemos hoje o que se convencionou chamar de sociedade da informação, em que as tecnologias digitais impõem os seus sempre atualizados componentes ao pensar, ao viver e ao atuar das pessoas.

Os que nascerem hoje, desde logo manusearão smart phones, iPads etc., enquanto crianças, jovens e adultos já não conseguem viver seus dias sem eles. Tudo é fotografado, gravado, registrado, ao mesmo tempo em que os sites de pesquisa e as redes sociais contaminam a vida da juventude, que não consegue prescindir das tecnologias digitais.

Desenvolvem-se cada vez em maior número projetos das chamadas cidades inteligentes, as smart cities, pois já ultrapassamos a fase dos agora banais elevadores inteligentes. A vida do cidadão vai se organizando em função dessas tecnologias e a configuração social está desenhada em função e a partir do conceito de cidades inteligentes. Por que a referência a isso?

Porque a universidade, uma "cidade de geração do conhecimento e de sua transmissão", é convocada a se posicionar frente a essa realidade, e a avançar nesse sentido. Pois, homologamente à concepção das smart cities, hoje se adianta a ideia dos smart campus: a universidade aplicando tecnologias digitais para conectar, de forma eficaz e acelerada, todas as necessárias relações com a comunidade universitária, isto é, os multiprocessamentos na gestão, o ensino e a pesquisa. Sistemas operacionais em TI para administração e gestão, sinalizações, câmeras, redes on-line já estão a fazer parte da vida no ambiente das Instituições de Ensino Superior (IES). Enfim, a presença da chamada inteligência artificial.

Deve-se considerar, entretanto, que há os que mantêm reservas quanto à adesão definitiva e integral das instituições à digitalização: alegam que existem realidades essencialmente humanas que não são contempladas pelas tecnologias digitais. Nada substituiria a presença do indivíduo, a participação, tal como tem sido feito até agora. Mencio-



nam, inclusive, o risco da perda da identidade individual e da privacidade das pessoas. Os debatedores sobre esse contraditório perfilam-se entre os mais renomados pensadores contemporâneos.

Com efeito, o projeto de digitalização entranha problemas que devem ser enfrentados pelas IES. Não basta investir maciçamente em tecnologia e no desenvolvimento ou na compra de instrumentos ou aplicativos. É insuficiente pensar as tecnologias digitais apenas como instrumentos mais elaborados para serem usados no fazer pedagógico e científico. Um smart campus é mais do que o mero uso de dispositivos tecnológicos de comunicação e informação. Assim, a infraestrutura tecnológica deve ser atualizada: enquanto os processos antigos são superados, ou seja, o instrumental deve sair da "idade mecânica" para os compatíveis com a nova realidade. Mas, ao mesmo tempo, deve-se atentar ao fato de a tecnologia não ser neutra, não se está apenas diante de dispositivos sofisticados, mas de algo que requer um novo modo de pensar e de ser. Um smart campus será fruto da criação de um ambiente sistêmico e complexo em que todas as iniciativas sejam integradas e que reflitam uma nova ambiência para além dos dispositivos tecnológicos.

Pode-se dizer que um campus digital não é fruto de uma universidade inovadora, mas consequência de uma universidade inserida num ambiente de inovação. A inovação não é consequência de uma ação, mas de imersão na própria inovação. A inovação conforma a universidade ao mesmo tempo em que é por ela conformada.

Um evento inesperado veio a acelerar o processo de transformação das universidades: a pandemia do covid-19 que trouxe o imperativo do isolamento social. As aulas presenciais foram suspensas e as instituições de ensino foram intimadas a imediatamente repensar suas ações pedagógicas, criando-se o processo de ensino-aprendizado "presencial a distância": aulas passaram a ser ministradas síncronas no ambiente digital. Os campi, por enquanto, estão desertos. Há protocolos severos

quanto à sua utilização para pesquisas, experimentos, estágios e aulas práticas. Todas as classes teóricas estão on-line.

E quando a pandemia passar, o que acontecerá com as universidades? Acredito fortemente que não voltarão ao estágio anterior, mas, sim, se apropriarão das descobertas e experiências deste tempo para projetar novos modelos pedagógicos. Todavia o fazer da universidade não se restringe à transmissão do conhecimento: mais do que isso, ela é o locus de produção do conhecimento, na qual também, sem dúvida, surgirá a inovação. A conjunção do novo processo pedagógico com reinvenção do *modus faciendi* da pesquisa será fundamental para a concretização do smart campus.

## **Coronavírus:** uma doença de comunicação

Ana Paula da Rosa

Era setembro de 2019 quando assumi a coordenação do Programa de Pós- Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos. Um trâmite normal, um processo de aprendizado que já vinha sendo conduzido e orientado pelo, então, coordenador e colega Gustavo Fischer. À época (hoje parece tão distante), a gestão de um programa de pós-graduação respeitado e bem-conceituado na área representava, por si só, um desafio complexo, seja pelas questões políticas e sociais, seja pelas próprias mudanças institucionais e do sistema de avaliação. Contudo, rapidamente o que parecia ser um período de aprendizagem transformou-se em um período de elaboração/construção da coordenadora, da pesquisadora e do meu eu, como sujeito no mundo.

Seis meses após o ingresso na gestão do PPGCC, em março de 2020, a pandemia de Covid-19 deixou de ser um rumor para se tornar uma realidade, não mais longínqua que nos permitisse um “sofrimen-

to à distância”<sup>1</sup>, apartado, portanto, do nosso sentir, mas uma realidade concreta. É difícil falar em concretude num momento em que toda a realidade é envolta em construções, significações, elaborações. Esta realidade aqui referida diz respeito à presença do coronavírus em nosso cotidiano, tão invisível que é apenas uma imagem, mas tão letal quanto os números de mortos no país e no mundo que, somados, representam a dizimação completa de cidades e países. Assim, este vírus de natureza invisível aos olhos, tornou-se real ao afetar nosso modo de viver e ser em sociedade.

Neste sentido, tomo a Universidade e os espaços do campus também como uma sociedade. Ali sempre tivemos uma organização, uma estrutura, que nos permitia uma percepção de segurança, de pertença e coletividade. Não, as Universidades não são uma comunidade única, mas apesar das suas nuances particulares referentes à localidade, cultura, têm modos de se constituir muito próximas. A comunidade do Saber, discutida por pesquisadores como Barichello (2001) e Fiorini (2021)<sup>2</sup>, para mim sempre esteve marcada por um conjunto fortemente relacional, onde o conhecimento se produz, partilha e transforma. E foi este espaço que, em março de 2020, foi atingido em cheio pelo coronavírus, pois em questão de duas semanas tivemos de aprender a lidar com uma mudança de chave histórica: a digitalização da vida. Até o início de março estávamos organizando as aulas presenciais, a ocupação do campus, as atividades de abertura do semestre, nos movendo dentro do espaço territorial da Universidade e do Estado onde a Unisinos está instalada. Duas semanas depois, estávamos “convertidos” em

---

1 O sofrimento à distância é um tema e objeto de estudo que venho desenvolvendo a partir de casos empíricos mediados como os atentados terroristas e os corpos de crianças como Aylan Kurdi ou daquelas das favelas cariocas.

2 Bruno Fiorini desenvolve dissertação de mestrado pensando o tensionamento da comunidade do saber pela circulação de sentidos no caso dos cortes de verbas públicas nas universidades.

ambiente digital, com aulas “presenciais remotas”, com salas vazias e fechadas como se ali houvesse passado um grande fenômeno natural que tivesse mudado a geografia do campus e de nossos corpos. Já não mais carne e osso, já não mais nas salas de aula sentados em semicírculo para ver os olhos uns dos outros<sup>3</sup>, já não mais reunidos em um espaço, mas em um território das telas, da tecnologia e da distância.

Em questão de duas semanas, a ideia de gerir uma Universidade e, em meu caso um universo muito menor, um programa de pós-graduação, tornou-se uma tarefa impossível de ser expressa em palavras. Para além da “conversão tecnológica”, tivemos de aprender a conviver com muitos não saberes, mesmo em uma comunidade que frequentemente é responsável pelas respostas. Durante os primeiros meses fomos nos adaptando: aos programas e computadores, ao ensino remoto, a nossa casa transformada em escritório 24 horas por dia enquanto filhos, gatos, motos somavam-se à paisagem vista da janela/tela de nossos computadores e smartphones. Como gerir o impensável e invisível? Como falar da organização de espaços e de salas quando já não temos mais a noção do espaço-tempo? Verón (2013) e Bauman (2007) já trataram longamente da aceleração do tempo histórico, isto antes de nos depararmos com uma pandemia. Assim, o primeiro ponto a discutir aqui é a virada tecnológica que a pandemia impôs, acelerou, agudizou a partir de sua instalação como um fantasma em nossas vidas. Na Universidade, rapidamente fizemos uma conversão ao digital. Nossas salas migraram, começamos a lidar com inúmeros recursos que formaram o dispositivo sala de aula (Braga, 2019), aqui entendido não pelo aparato que o conforma, mas pelas lógicas interacionais que aprendemos a fazer em processo. Ao invés de corpos, passamos a ter

---

3 Ciro Marcondes Filho, nos diálogos que empreendeu com a linha de Mídiação e em atividades desenvolvidas entre PPGs, sempre mencionava a importância do círculo como forma de nos vermos, do contato que implica na relação de alteridade.

imagens de corpos, ao invés de imagens de corpos, círculos com siglas que indicavam a presença-ausente de um corpo. Isto é, nossos alunos e nós mesmos viramos um símbolo na tela. Aprendemos outras estratégias de contato não calcadas no olho no olho, mas na fala, na escrita no chat e na oportunidade de falar sem ser visto, aquela liberdade que já ouvimos mencionar como uma força da internet.

Este dispositivo interacional “sala de aula” ganhou o nome de “presencial remoto” como uma forma de demarcar as novas habilidades que passamos, como docentes e alunos, a adquirir. O presencial remoto é um redesenho dos contratos e dos contatos. Já não estamos na presencialidade do afeto (os cheiros e aromas, as conversas de corredor, os risos e gestos, os silêncios com textura), passamos a uma modalidade em que a presença se dá a distância, preservando a interlocução, os conflitos, os silêncios, mas mediada por máquinas que fazem mais do que simplesmente mediar nossas aulas. Como bem aponta Flusser (2008, p.27), a máquina não é apenas brinquedo, mas jogo “que computa elementos pontuais do acaso”, isto é, aparelhos automatizados com os quais jogamos a partir da intervenção humana. Isto posto, podemos pensar que o presencial remoto, completamente distinto do ensino à distância até então desenvolvido, simula o espaço da sala de aula presencial, colocando professores e alunos na mesma dimensão virtual. A questão é que esta simulação carrega as demandas da superação da transferência da aula presencial para este novo dispositivo, implica em lidar com programas que até então pouco tínhamos contato e, ainda, tratar de questões da técnica como a qualidade de nossas máquinas, da banda da internet e do aprendizado de recursos que prometem um “resultado” interativo.

Porém, para além dos muitos testes entre Microsoft Teams, Zoom e Google Meet, passamos a nos deparar com mudanças no jogo que não estavam previstas no sujeito que opera a máquina. Ou seja, como universidade e programa de pós-graduação nos esforçamos ao máxi-

mo para desenvolver uma transição segura e eficaz de nosso ambiente acadêmico para o digital sem fraturas, sem perder semanas de aula, eliminando a maior possibilidade de ruídos nesta transição provocada por um inimigo que pouco conhecíamos. Acredito que este objetivo tenha sido muito bem alcançado, mas a questão transcende nossa possibilidade de planejar e prever os elementos. Para além da dimensão técnica e midiática da sala de aula, passamos a lidar com afetamentos em corpos e mentes, para os quais nenhum tipo de conversão ou de capacitação estava preparada.

Depois de alguns meses, superado o impacto da novidade e da dualidade da resistência/adesão, nos vimos imersos em problemáticas de outras ordens. A começar pelo corpo “conformado” ao desenho da cadeira, por nosso pensamento sentado, aquilo que Baitello Junior (2012, p. 21) já alertava ao dizer que “viver sentado é uma mudança radical de vida, uma negação da inquietude do saltador e do incansável caminhante. Significa assentar e acalmar o andarilho inquieto”. Isto é, as longas horas de exposição às telas, os inúmeros momentos do dia conectados, nos fez reduzir o movimento drasticamente e isso trouxe inúmeros danos à saúde, além de nos permitir refletir sobre a necessidade dos quatro apoios<sup>4</sup>, o que demarcaria uma involução. Assim, começamos a lidar com adoecimentos do corpo e, em especial, da mente.

Embora necessárias, as medidas de isolamento trouxeram como bem o nome aponta afastamento, solidão, enclausuramento. Livres para nos movermos sem o uso das pernas, livres para transitar entre São Leopoldo e Pequim, livres para discutir com diferentes sujeitos e pesquisadores, para ampliar nossa teia da comunidade do saber para além-muros, nos vimos tendo de aprender a lidar com os “monstros”

---

4 O processo de evolução humana é caracterizado pela gradual transição dos quatro apoios para a posição ereta, no momento que voltamos a precisar “das quatro patas” o próprio corpo reage.

que nos habitam. Ainda que o contrato incentive o contato, as marcas do isolamento são de outra ordem. Não se trata simplesmente de não ir ao campus, de não ver os colegas e professores, mas de não abraçar os filhos, de meses longe dos pais, de lidar com a finitude da vida. Esses "monstros" acentuaram a reclusão, a sensação de um vazio desmedido que fez brotar as corriqueiras perguntas: "para onde vamos?", "que sentido isto tem?" e "por que farei uma pós-graduação"? Ou seja, nos deparamos com a face da incerteza a nos sorrir de volta pela tela que transformamos, forçadamente, no lócus do aprendizado, na janela da vida pulsante.

Não quero aqui dizer que a migração para o remoto tenha sido um equívoco, ao contrário, defendo este espaço como uma oportunidade. O aspecto que levanto, aqui, é que não temos condições de administrar e gerir, seja como instituição, coordenadores, professores, a dimensão do sujeito. E não fomos preparados para lidar com o que escapa da técnica, dos aparatos e dos arranjos-disposicionais de sala-de-aula. Isto que extrapola se refere ao já abordado em diferentes textos sobre a midiaticização, uma vez que ela transcende a tecnologia, pois é um modo de ser, a ambiência social (GOMES, 2017) onde há contínua produção de circuitos. Em total acordo, a pandemia nos trouxe, com toda intensidade, a noção de que bordas e fronteiras não existem mais quando falamos em sentidos em fluxo. Sentimos a pandemia, não apenas a observamos. Sentimos a pandemia de diferentes maneiras: a dor da morte, na própria pele com seus sintomas e sequelas bem tangíveis, os bloqueios de produção, as crises de ansiedade, a sobreposição de tarefas, a multiplicação de meios de contato causando uma espécie de vigília entre plataformas e meios, a exaustão.

Sentir a pandemia tornou-se inevitável e aí cabe a questão de como lidar com a pandemia que se vive? Passamos a viver dentro de normas sanitárias que exigem nosso isolamento, acompanhando noticiários que amplificam muitas dores, convivendo com a expectativa da hora



da vacina e, enquanto isso, tocando em frente. Este é o ponto central: tocar em frente como se nada estivesse ocorrendo. No âmbito da pós-graduação não mudaram as pressões, não se reduziu a concepção produtivista de mais artigos, mais eventos, mais participações. Como docentes, não se reduziram as demandas de correções, preparações de aula, reuniões, entregas de relatório. Ao contrário, descobrimos formas de duplicar o corpo, estando em reuniões concomitantes, pulando de link em link e, claro, produzindo. Neste meio tempo desenvolvemos formas criativas de eventos, de estar juntos, mas também insistimos em fórmulas já conhecidas, agora só deslocadas. Sentimos a pandemia quando nossos alunos não puderam viajar ao exterior mesmo tendo conquistado uma sonhada bolsa. Sentimos a pandemia quando um colega ou aluno pediu afastamento e, como coordenadora, senti a pandemia quando me vi incapaz de lidar com as angústias de estudantes que seguiram produzindo e se perguntando para quê? O Covid-19 não está só do lado de fora da janela de nossas salas de aula virtuais, não está de fora da universidade e dos programas de pós-graduação, pois tem deixado suas marcas na nossa vida.

O fazer pesquisa por si só sempre foi muito desafiador. Sempre tivemos de conviver com as pressões de prazo, com as dificuldades de conciliar trabalho e estudo, mercado e academia. O bloqueio criativo não é uma novidade surgida em 2020, nem tampouco a depressão e a ansiedade. Contudo, entendo que este ambiente da pesquisa é propício, por seu próprio *modus operandi*, a intensificar o que chamo aqui de doença da comunicação. A pandemia tornou-se, em minha ótica, uma doença da comunicação caracterizada por não dizeres, por silenciamentos profundos que resultaram em números crescentes de desistências, questionamentos, sonhos adiados. Uma pesquisa recente da Global Student Survey (2021) realizada em 21 países, incluindo o Brasil, identificou que 48% dos estudantes gostariam de manter atividades on-line, mesmo no pós-pandemia. Em contrapartida, 56% disseram ter tido sua saúde mental abalada de alguma forma pela pande-

mia. No caso dos universitários brasileiros, verificou-se que 7 a cada 10 relatam algum tipo de sofrimento mental.

No que diz respeito especificamente à pós-graduação, no âmbito do *Stricto Sensu*, pesquisa desenvolvida pela USP e publicada na revista *Olhares e Trilhas* (2021) indica que o afetamento dos estudantes está diretamente vinculado à rotina produtiva que se manteve apesar de todas as adequações. Na observação realizada, percebeu-se que a manutenção de prazos de defesa e qualificação, as demandas de publicação, além de dificuldades em levar adiante os planejamentos de pesquisa, ampliaram a sensação de frustração e de ansiedade. Sem contar a questão de macropolíticas nacionais de combate ao coronavírus, de descrédito da ciência e da ausência de um olhar para o social. Todos estes indicadores levantados pela pesquisa só reforçam o experienciado na prática.

O ano de 2020 foi marcado pela adaptação, por movimentos intensos, mas que carregavam a expectativa de um desfecho ainda naquele ano. Contudo, adentrando 2021 sob os efeitos da pandemia a doença de comunicação só cresceu ou talvez tenha vindo à tona. Delimitada pelo não dizer, muitos problemas começaram a ganhar visibilidade. Atrasos, prorrogações, travamentos, crises de pânico, desistências... apesar de todo o suporte institucional da universidade e familiar, nota-se a intensificação de questões que não estão na qualidade das aulas e nem na dedicação dos discentes, mas na dificuldade em manter uma rotina de estudos com os inúmeros conflitos a que somos expostos. Do mesmo modo, as rotinas de orientação e de preparação das aulas transformaram os tempos de vida dos professores. Muitos acadêmicos que ingressaram em programas de mestrado e doutorado em 2020 nunca tiveram a oportunidade de estar com o outro, senão pela tela. Isso nos faz refletir sobre o que compõe um programa de pós-graduação, ainda mais em Comunicação.

Um programa é um objeto dinâmico, isto é, constituído de sujeitos que se movem pela, para e com a pesquisa e que dialogam entre si, com autores, com outros programas, com seus professores, com o espaço físico e digital. Um programa é um objeto comunicacional. Sua matriz, embora esteja elaborada em torno de uma área de concentração, linhas, grupos e disciplinas obrigatórias e eletivas, é articulada por interações, por partilhas, por momentos de tensão e questionamento. Um PPG de Comunicação é feito de gente interessada em gente, que olha para o outro para entender, compreender, experienciar, mudar realidades. Porém, durante a pandemia, exatamente a matriz comunicacional foi afetada e, embora estejamos dinâmicos em inúmeros espaços nacionais e internacionais, nos vimos calando. Como coordenadora me vejo na dupla função: do acolhimento e do algoz. Sou eu quem lembro os prazos, sou eu quem enfatiza as demandas, sou eu quem pede mais um comprovante para coleta Capes. Estranhamente, sou eu que ouço os alunos, que os encontro em reuniões remotas, que partilho suas dores seja da perda do trabalho, de um familiar perdido na luta para o Covid ou da dificuldade de se compreender como pesquisador nesta travessia. Essa minha dupla face de algoz e "ouvinte" só reforça o quanto não somos preparados para mediar conflitos, para lidar com as questões da comunicação em sua dimensão mais humana. Estamos todos acometidos pela doença de comunicação causada pelo Covid-19, na qual ampliam-se sentidos diversos, ruídos, não ditos, solidões. E como nos capacitar para lidar com tamanha dificuldade?

Não tenho respostas, talvez a doença esteja nos colocando frente a outros circuitos, estes que já estavam ali antes mesmo de 2020, mas que não detinham nosso olhar. A Universidade tem criado mecanismos importantes de escuta e acolhimento tanto de alunos como de professores. Imaginem que até dinâmicas de meditação passaram a integrar nossas formações, resgatando o princípio básico de inspirar e expirar. Mas que sociedade é essa em que nos transformamos que até

os procedimentos básicos precisam ser reinseridos e (re)ensaiados? Que ânsia é essa que nos levou (a todos) para este lugar?

Estas provocações compartilhadas aqui são angústias já reportadas em outros espaços na gestão da Universidade, no Núcleo de Apoio a Estudantes da Unisinos, com colegas e amigos, mas só agora tomo a liberdade de pôr em palavras o que, em um ano e meio, a pandemia trouxe como marca. Durante este período, a comunicação tornou-se, para mim, chave de compreensão do mundo pandêmico, pois muitas das crises que vivemos hoje localizam-se na interface com a comunicação, seja a questão das campanhas de conscientização, seja o acirramento do ódio e da intolerância, seja a própria circulação do vírus. Fausto Neto (2020) já sinalizava para o fato de que a problemática comunicacional "na qual se situa a existência do coronavírus é de uma outra natureza, uma vez que sua 'gênese discursiva' já se dá em ambientes sócio-técnico-científicos também permeados por tecnologias e operações de comunicação, de onde circulam para a ambiência da midiatização". O autor enfatiza que a midiatização não é apenas o solo onde o processo ocorre, mas é a "condição de produção para a 'gênese discursiva' do vírus". Nota-se aqui, o aspecto discursivo valorizado. Na pandemia, o discurso nas e pelas mídias adquiriu outro alcance, seja na partilha das experiências, nos embates políticos ou nos inúmeros depoimentos e imagens que tentavam dar conta da amplitude da pandemia e ao mesmo tempo do seu caráter duplo, coletivo e individual. Tome-se como exemplo as imagens de valas que escondem corpos nunca visíveis de sujeitos desaparecidos da existência.

E é na tentativa de evitar que nós também sejamos invisibilizados como sujeitos, desaparecidos da existência enquanto seres pensantes múltiplos (pesquisadores, professores, gestores, pais e mães, filhos e filhas, irmãos e irmãs, amigos e amigas) que proponho a amplificação de espaços de fala e escuta, de partilha do sensível como antídoto às doenças de comunicação, incluindo aí a pandemia. Rubem Alves em "A

escutatória" (1999) nos sugere que ouçamos o humano que habita em nós, já que é o outro que dá razão ao existir. "Daí a importância de saber ouvir os outros: a beleza mora lá também. Comunhão é quando a beleza do outro e a beleza da gente se juntam num contraponto." Não se trata de terapia (embora esta possa ser um caminho importante), mas de olhar para o que constitui um programa de pós-graduação, a sua essência, o que não é mensurável. Agamben (2010) refere-se à biopolítica moderna quando indica que o "soberano é aquele que decide sobre o valor ou desvalor da vida enquanto tal". Neste sentido, a biopolítica tem mostrado suas faces de diferentes formas: na cruel e, por vezes, necessária decisão do médico sobre quem salvar, na tão ou mais cruel e necessária decisão de governos que orientam a população sobre uso ou não de vacinas, nos acessos e exclusões de crianças e adolescentes da escola, nos modos de intolerância, na universidade como um lugar para "poucos". A mudança na ideia de biolítica, passa pela circulação (ROSA, 2019). A que estamos atribuindo valor social em nossas interações? O que estamos pondo em fluxo? De quem somos soberanos? Como podemos ser mais humanos?

## **Uma mudança de horizonte**

Em 2021, rumando para o fim do ano, 2022 já parece acenar com um novo começo. Nunca mais normal, inclusive porque a definição normal já carrega em si mesma um conflito de comunicação. O novo começo que se descortina como uma mudança de horizonte, título da obra de Dietmar Kamper (2016), refere-se ao que o autor chama de "o sol novo a cada dia". Kamper ressalta que o tempo não pode ser visto, nem apreendido, ainda mais nestes idos pandêmicos. Quanto ao tempo,

é impossível deixar de pensar nele. Porém, não se pode notá-lo na plenitude e, sim, no vazio, ou seja,

na falta. É nessa grande penúria que chega a esperança de que, na ausência do visível, o ouvido tenha um auxílio, inclusive por sua capacidade de estar um tom à frente da voz. (KAMPER, 2016, p. 113).

A pandemia de Covid-19 nos trouxe toda a força da penúria, notamos não só a falta do tempo, mas a rapidez com que ele se esvai, levando consigo os dias não vividos, as relações não feitas, as palavras não ditas e, inevitavelmente, as pessoas. O coronavírus, como uma doença de comunicação, acometeu nossos sistemas de ensino, nosso processo de gestão, seja da universidade, de um programa de pós-graduação ou mesmo de nossos percursos pessoais. Contudo, assim como para toda doença busca-se um tipo de tratamento, em nosso caso os espaços de refazimento são os grupos de pesquisa, os eventos da área onde, com nossos pares, trocamos ideias, os dispositivos coletivos como colegiados, salas de aula e representação discente, dispositivos estes que nos permitem sentir, para além de perceber. Além deles, acrescento este livro, pois, aqui, reúnem-se não apenas textos acadêmicos, mas cria-se um espaço tecido pela experiência de estar em comunicação que permite a proximidade e o compartilhamento destas ideias que não configuram um artigo, um ensaio, mas um depoimento de alguém que acompanha os múltiplos desenrolares desta doença de comunicação.

## Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer**: o poder soberano e a vida nua I. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2010.

ALVES, Rubem. **O amor que acende a alma**. São Paulo: Papyrus, 1999.

ASSUNÇÃO- LUIZ, Alan; PITTA, Natássia; CINTRA, Álefe, CORSI, Carlos, QUEIROZ, Artur e FERNANDES, Ana. **Olhares & Trilhas**. Uberlândia, vol.23, n. 2, abril-jun./2021. P. 538-554. Disponível em [https://jornal.usp.br/wp-content/uploads/2021/08/Impacto-da-covid-19-em-alunos-de-Pos-Graduacao\\_2021.pdf](https://jornal.usp.br/wp-content/uploads/2021/08/Impacto-da-covid-19-em-alunos-de-Pos-Graduacao_2021.pdf) acesso em 02 set. 2021.

BAITELLO JUNIOR, Norval. **O pensamento sentado**: sobre glúteos, cadeiras e imagens. São Leopoldo, Unisinos, 2012.

BARICHELLO, Eugenia. **Comunicação e comunidade do saber**. Santa Maria: Palotti, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BRAGA, José Luiz. **Matrizes interacionais**: a comunicação constrói a sociedade. Campina Grande: EDUEPB, 2017.

FAUSTO NETO, Antonio. Coronavírus – sentidos em circulação: do laboratório às Discursividades sociais. **Revista Alaic**. Volume 19, n 35, 2020. Disponível em <http://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/1762> Acesso em 11 set. 2021.

FLUSSER, Vilém. **O universo das imagens técnicas**: elogio da superficialidade. São Paulo, Annablume, 2008.

GLOBAL Student Survey. Disponível em <https://www.chegg.org/global-student-survey-2021> Acesso em 20 ago. 2021.

GOMES, Pedro Gilberto. **Dos meios à midiáticação**: um conceito em evolução: São Leopoldo: Unisinos, 2017.

KAMPER, Dietmar. **Mudança de horizonte**: o sol novo a cada dia, nada de novo sob o sol, mas... São Paulo: Paulus, 2016.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O rosto e máquina:** o fenômeno da comunicação visto pelos ângulos humanos, medial e tecnológico. São Paulo: Paulus, 2013.

ROSA, Ana Paula. Circulação: das múltiplas perspectivas de valor à valorização do visível. **Revista Intercom.** Rev. Bras. Ciênc. Comun. 42 (2), Maio-agosto, 2019. Disponível em <https://www.scielo.br/j/intercom/a/tFxQ7N97bX95jh4hg8ndLSS/?lang=pt#> Acesso em 20 ago. 2021.

VERÓN, Eliseo. **La semiosis social 2:** ideais, momentos e interpretantes. Ciudad Autonoma de Buenos Aires: Paidós, 2013.



# ***Pandemia e Culturas***



## **A conversation about the mediated construction of reality, deep mediatization and data colonialism in pandemic times**

Nick Couldry  
Laura Guimarães Corrêa

In September 2020, in a remote interview, I talked to Prof. Nick Couldry about some of the concepts he developed in two recent books: *The Mediated Construction of Reality: Society, Culture, Mediatization* (with Andreas Hepp, published in English in 2016 and in Portuguese by Unisinos Editora in 2020) and *The Costs of Connection: How Data Is Colonizing Human Life and Appropriating It for Capitalism* (with Ulises Mejias, published by Stanford University Press, 2019). The aim of the interview, as part of Ciseco Entrevistas, was to reflect upon issues that were already crucial to the understanding of contemporary societies – such as deep mediatization – as well as to discuss aspects of social life which were affected by the pandemic of Covid-19. Couldry, an important thinker of contemporary issues, shares with us his ideas

about changes, challenges, and the possibility of resistance through imagination and solidarity.<sup>1</sup>

**LAURA GUIMARÃES CORRÊA:** Good afternoon, I'm speaking to Professor Nick Couldry. Thank you very much, Nick, for being with us, with CISECO. Nick Couldry is Professor of Media, Communication and Social Theory at the London School of Economics and Political Science. Couldry has written many books, and, with Andreas Hepp, he wrote the *The Mediated Construction of Reality: Society, Culture, Mediatization*, which was translated into Portuguese recently and published by Unisinos Editora. So, Nick, please tell us about this book.

**NICK COULDRY:** Well, this book was published originally in English in 2016, which was 50 years after a famous sociological classic came out, which was Berger and Luckmann's book, *The Social Construction of Reality*. And that book was a classic, at the time, because it raised fundamental questions about how we know the social world, how this thing we call the social world becomes the social world. How do we participate in constructing it, creating it? Although we disagree with much of the detail in the book, we thought this was a very interesting way of asking the biggest questions about the social world. Particularly at the time, now, 50 years later, when the social world is being constructed in a radically new way, not least through the involvement of media.

And the strange thing is that Berger and Luckmann say almost nothing about media. Even in 1966, when I was a boy watching the World Cup final, England v. Germany, and television was very important, nonetheless, they almost did not discuss television, they just talk

---

<sup>1</sup> A entrevista foi transcrita por Gabriela Corrêa Vidigal, graduanda em História na Universidade Federal de Minas Gerais.

at one moment about the possibility of seeing the moon through the TV, some distant world, with no relation to one's everyday life, obviously. Everyday life for them is made between people. And we still like the humanistic idea that the world is made by people, between people, but obviously we have to take seriously the role of media in that. That's unthinkable, not to say that 50 years later.

So, we decided to rethink their fundamental project, not to copy the book, but to rethink the fundamental project of how the world is constructed, but from the starting point that media exists, that media institutions are actually an important part in the world, but actually, also, have a fundamental role in constructing the world. And that's the main thing the book is about, and it has sections on the fundamental theory of social construction, it looks at things from the point of view of space and time, but we also add in the question of data, because data is a very important aspect of media now, which was unimaginable to Berger and Luckmann, 50 years ago. They could never have imagined that. And then, we look at the impacts of all that on the self, on groups, and on social order. And we are not going critical of Berger and Luckmann, we offer a different approach, I think, to phenomenology from them, but we start out, at least, from their fundamental question.

**LGC:** Ok, great! This used to be a very important book in our syllabus, in our courses. I used to teach *The Social Construction of Reality*. And usually the communication theory, media theory, is based on sociological constructs, etc. But, now, I think it's unavoidable that sociologists will have to look at the media to understand society, especially at these very atypical and interesting times we live with the pandemic, so I'd like to hear you about the mediated construction of reality nowadays, in these last six months, what can you see changing? Anyway, I'd like to update your ideas in the present times.

**NC:** Well, let's, first of all, just take a step back and let me say a little bit more about what's distinctive about the approach in the book that I wrote with Andreas Hepp that's, wonderfully, recently been translated by Pedro Gomes and others at Unisinos. The fundamental thing we do in the book is ask what happens to the social world if it is mediated. That doesn't just mean that we see pictures of the social world, but every element that goes to make up the fabric of the social world itself is a media element. It's a phone, it's a computer, it's an archive, it's a server, so on and so forth. What difference does that make to the way the social world exists? What type of thing could it be? What sort of order the social world can have? And, of course, it makes a fundamental difference, which is not imaginable within the universe of Berger and Luckmann, because they don't talk about media.

We have to raise those questions, and one way into that conversation is the concept of mediatization, which became popular in Germany about 20, 30 years ago, and we hold on to that concept, but with a very particular interpretation, because a real danger, a bad form of this argument is to say: "media determine the way the world is, there is technological determinism, media guarantee that the world must be this way, which fits with some logic that's inside the media". But that's not the way we think at all in the book when we think about mediatization. What we say in the book is that mediatization is a sort of unfolding complexity of results from everything being mediated. And it's obvious, when you put it that way, that must be not determined. It's not linear. It's a very, very complex unfolding. And this is what we mean by deep mediatization, because if not to some things, say, politics, some forms of business, maybe little aspects of the family are mediated, but literally everything out of which the social world becomes and stays social, is mediated.

We claim that we're in a world of deep mediatization, where really radical changes start to emerge, this order looks very, very different.

And of course, this is exactly what we see with the coronavirus, because, when Ebola struck, if Ebola had been a global pandemic, luckily it was not, it was mainly in the Global South, but if it had been, truly, a global pandemic, when Ebola came, or AIDS, let's say, had spread right across the whole population in a much quicker and deeper way than it actually did, then we would have faced this sort of crisis, the difficulty of controlling social interactions, 10, 20, 30 years ago. But that didn't happen, in quite the same way, because of what happens physically. But just imagine if that had happened, we would not have had the technological so-called solutions that we have had in the past one year. Which is that we can stay at home, we can appear not to interact with each other, just looking at thin physical plastic glass, the thing I'm looking at to speak to you now, just as you are looking at me, this is enough for us to conduct many of our social interactions, and sometimes, like this, they feel quite good, they're nice, sometimes they don't feel enough, when it's with family, and so on. But we have been able to manage a lot of social interaction on the basis of media structures. And this is only possible when the basic elements of the media, of the social world, are mediated themselves in ways that interlink and create an order, a structure. And that's what we mean by deep mediatization.

Everything that's happened in the past six months, in the world, if you like, establishes, confirms, the thesis of deep mediatization. But that's not necessarily a good thing, because something we have to think about is the costs of this transformation. If we take the case of the family, the simplest example: on the face of it, it's good that people, at least in privilege-type jobs can work from home, of course, they depend on people in less privileged jobs delivering the food for them to their door, but that's another matter, let's leave that outside for the moment, but on the face of it, it's good that a person could work from home in a privileged middle class job, and still do their job and still be paid. However, what that means, because they still only have 24 hours of the day, is they must do that at one physical space, which is

the space of the home, the only home they have. They have to do all this in the same space that other things are going on, children are playing, children are demanding attention, the food must be cooked, the house must be cleaned, all these sorts of things that we had previously separated from the abstract process of middle class professional bureaucratic work. And this, of course, creates costs, particularly for women, who bear the great majority of that work, even now, in spite of feminism. So this has had an immediate cost on social relations.

But then we can go even further, because this is only possible if we rely on the platforms, the platforms through which we speak. Now we're speaking through Microsoft Teams, though it could be Zoom, or whatever. And even if those platforms were perfect, let's say, they did not extract any data from our interaction, we know that's not true, with Zoom, for example, they do make their money precisely out of the data that they gather, but let's even forget that, this creates a social relation between us and these platforms of dependence. So we're all becoming increasingly dependent on these platforms working. Dependent on these platforms just being there. And this is a transformation of social relations of quite a fundamental sort. Before, Facebook was there, in a sense, for relaxation, organizing things, but there were other alternatives. There isn't an alternative for you or me to speak to each other at the moment, except yet another platform that is similar, because I can't travel to Brazil and you can't travel to England right now, very sadly. So, we're completely reliant on this. And if this becomes the norm, and of course I hate this phrase: "the new normal", because it gives us an authority. It's a very, very dangerous phrase. But, nonetheless, if this does become a new normal, this will change the balance of power between human beings and their technological infrastructures, reinforcing deep mediatization, but also, as we'll talk about later, questions of data colonialism.



**LGC:** Ok, thank you, that is very interesting. And thinking about this reinforcement of digitalization, this data colonialism, and you spoke about the gender differences, also we can think of race and class. How do you think of this entanglement between the pandemic situation and the situation of deep mediatization? Can it increase or decrease the divide? How do you see it in a global way?

**NC:** Well, the mediatization that's happening... mediatization is just a very general word for, if you like, a multidimensional state of the world. So, if we start from the simple principle that if everything is mediated that means that there are non-linear very complex unfolding processes of the social order, which are new ones, which couldn't happen before this world of media, but they happen now, and they are distinctive. That's all mediatization says, so it's just a general concept that points to a type of complexity that we live every day. We're obviously living a version of that right now, because surprising things are happening, big changes are happening that we don't fully understand. For example, managers are claiming the right to manage us and how we behave when we're sitting at our own home, looking at this screen, which maybe we bought ourselves, but they're claiming the right to manage what we do in front of that screen as part of whether they should be paying us or not. This is a big extension of the power of managers and it's happening almost automatically, because of the new social situation we've found ourselves in as a result of the mediatization. Managers didn't plan it, it just became an automatic, as it were, solution to this problem, which we all had, of how do we meet when we can't meet?

As you can see, automatically, there are risks for inequality and power, and there are opportunities for power that come out of the extension of mediatization, which already exists, to new crises, which demand new solutions. And the solutions then become locked in be-

cause no one knows any other way to do what we must do, which is to meet, to talk, to work together, and so on. Now, unless we bring in major corrections, this is likely to reinforce inequality. The whole economy in every country, but of course in Brazil, of course in Britain, the United States, is structured around class relations, which particularly in the case of Brazil, the United States, and, to a large extent, in Britain, too, are structured around inherited race relations and colonial heritage of race relations. So, the economy is raced, fundamentally. And new inequalities are likely to reinforce those old inequalities, unless we correct for that, and at the moment we're not, because most of the people who are being exposed to the physical risk of COVID-19, because, physically, they do work that requires physical contact, delivering food, working in hospitals, working as security guards and so on, those people are much more likely to be black than to be white, and so on. They're more likely to be working class than middle class, it's obvious. It's fundamental to the structure, the way we're all living, now.

So, there are massive risks there of reinforcing inequality. And that's even before we get to other questions about whether this whole way of organizing social life now, relying entirely on the technological, almost, relying entirely on large scale platforms and systems for managing data, is introducing new forms of power in government, which themselves will strengthen governments and strengthen larger corporations and weaken individuals and groups.

And this is what we started to see with another aspect of the COVID pandemic, which was the debate about contact tracing apps. As you remember, early on in the pandemic, Apple and Google came together in a partnership to propose that the technical details of their system, which made it difficult for an Apple phone to recognize an Android phone, and so on and so forth, will be overcome to produce us the common starting point for an app, that could be on either Apple or Google, Android, phone, which will enable people's contacts to be

automatically traced through the Bluetooth function on the phone. And this was offered very early on as a total solution to the problem of physical contact.

It proved not to be true, of course, because of various technical problems, various problems with phones, which we don't need to go into the detail, but an interesting one was, because it gets to the sort of technological fantasy here, the idea was that the Bluetooth signal capacity on the phone would enable secret codes to be sent between phones, which both have Bluetooth switched on, and that would, in a secure way, a private way, enable key data to be collected. And this was a good idea because, on the face of it, it didn't mean the government had to collect this data. So, the principle was good, but it relied on the fact that Bluetooth sends its signals across a certain distance, Bluetooth sends its signals across a distance of many meters. In the supermarket, for example, you rely on a beacon many meters away. This is the way marketers can reach you in the supermarket very often, if you have Bluetooth switched on on your phone.

Well, of course we know the disease does operate on a smaller distance than many meters, two meters maybe, three meters, perhaps. So, there are difficult questions which are not fully resolved as to whether the distances fit, between the Bluetooth-based app and what we need to know for the disease. There are risks of false negatives and even worse, false positives, someone being told they're ill when maybe they're not. Maybe they never really contacted, were in contact with that person. So, there are all sorts of issues there, which got covered up early on, maybe they've been solved, but of course, because of this tremendous promise that technology would solve the problem, as we've been told throughout the past 500 years of history.

That's another thing about colonialism maybe we'll come back to, because of that, many governments were very positive about this, so the Israeli government saw it as an opportunity to spy on its popu-

lation even more intensively than it had done in the past. Some local government in India took the opportunity as well. In Norway, the app was so controversial because it was collecting GPS data, collecting where people were physically, which it didn't need to do, and that was abandoned, in the end, because it wasn't used, it was so unpopular. And so, the story of the success of technology has been much more limited than people realize, and in Britain it's never succeeded, it hasn't happened yet, through many failures.

This has been an example of how, in any crisis, we are always told that technology provides the automatic solution, that it must provide the solution, that we must trust technologies rather than human people speaking to each other and asking, "did you meet this person?" and so on. But this had limited success, it hasn't been fully successful, so it's yet another example of the way mediatization works, through distorted stories about the way media transformed the world. There's both the actual transformation and then the narrative or, if you like, the ideology of what is going on, which is, in fact, very different in intention than the actual transformation. It has been a complicated period of six months, but all of it, I think, links back to this question of deep mediatization and the type of world we're living in today.

**LGC:** I would like to go further in this colonialism idea, because I wonder, why colonialism and not another word like dominance, or imperialism, or hegemony?

**NC:** Yes, well, let me just stress that that phrase is not just my word, it's a word that I developed in a more recent book with Ulises Mejias, from SUNY Oswego in the United States, a Mexican scholar who's been based in the United States for 20, 25 years now.

**LGC:** He's the one you wrote with about the costs of connection...

**NC:** Exactly, that's the name of the book, *The Costs of Connection*, by Stanford University Press, and, of course, we wrote that long before any of us imagined the COVID crisis. That book looks at some of the same issues of the book with Andreas Hepp, but from a much more political, a much more critical perspective. So, if you like, the book with Andreas Hepp lays the foundations for the general perspective for thinking about social order as profoundly mediatised because of the mediation of everything, and it starts to raise, towards the end, questions of order or disorder and whether this is good or bad, but it says nothing more than that, even though it does talk something about data and data extraction.

But the book with Ulises Mejias, which I wrote immediately afterwards, I'm very much developing Ulises' ideas and working out our ideas together for the first time, it starts out from the question of data extraction as a fundamental aspect of media today. Media don't just tell stories, they literally, as we consume their stories, extract data from us, through Facebook, of course, through Instagram and so on, they're literally in the goal of extracting from us. At the moment we think we're just using them, they are always already using us, before we can use them. And that point was hinted at in the book with Andreas Hepp, where we called that "tool reversibility", but we didn't talk about the politics of it. So, the book with Ulises is very much thinking about the politics of this.

Why colonialism? And that's a good question, because a lot of the accounts of what's going on with big data, particularly, across the social media platforms and everything that we all know about, has talked more about the development of capitalism. It's obviously part of capitalism, many argue it's a new stage of capitalism: informational capitalism, data capitalism, platform capitalism or, most famously, sur-

veillance capitalism, *Capitalismo de Vigilância*, from Shoshana Zuboff. Those are very important proposals, but we argue they don't go far enough. And the reason they don't go far enough is they encourage us to see what's happening just as a very recent extension of what's been going on in the past 200 years of capitalism. An extension based around particular platforms, mainly coming from Silicon Valley, of course, although Zuboff acknowledges there are parallel things in China, which she doesn't say much about, but nonetheless, it's mainly focused on the west coast of America. And that, for us, is far too limited a time horizon and a spatial horizon, because as we know, that it's often forgotten in Europe and North America, but of course everyone in Latin America knows this, capitalism was only possible based on colonialism.

The extraction of resource that made capitalism even imaginable came principally from Latin America first, then of course from Africa, then Asia and so on, but Latin America, around about 1500, was the key turning point in history that made a process of global extraction by parts of the world, Spain, Portugal, originally, then Britain and Holland, possible. Which transformed the world, it created a world order of extraction, and what we're arguing in the book is that we're in the beginnings of a new process, a new world transformation, just as fundamental as that one 500 years ago. "How can we say that? Why would we say that?" Because what's now being extracted through capitalism as part of its ordinary business is everyday life. Or, at least, the form of everyday life that is profitable. Which is the abstraction of data fragments, which can be made into valuable data, when aggregated with other data.

We argue that this is a world historical transformation, which could change the direction of capitalism fundamentally. And the comparison is not with, if you like, where colonialism ended up, with the sort of rigid structures of the British Empire and the French Empire, the Spa-

nish Empire rather collapses to the Portuguese in many places, and let alone the decolonial struggles, we're making the comparison between now and the beginning of the original colonialism, 500 years ago, in terms of the idea and the practice of seizing assets, taking what is not yours, taking something that was never going to be yours, unless you just claim the automatic right to it. The principle, of course, in Latin America, the *terra nullius*, "there's no one important in these lands, we just take what we want", which, of course, was developed by the Spanish Court and lawyers over 40, 50 years to justify what was being done through sheer force, originally.

So, we think that's the deepest comparison of what is going on today with the extraction of data. And it most captures this sort of fundamental violence, if you like, the symbolic violence of this, which is, of course, not always physical. And this is what puzzles many people. "How can we talk about the word colonialism when it's just me and the apps on my phone? No one is damaging my body, no one is raping, none of these things are happening, which were fundamental to the original violence of colonialism", but there's a very clear reason why that needs to be the case and the reason is with the original colonialism there were no social relations. People were going across the ocean to take the resources from people they barely recognized as human beings. There were no relations, of any sort, either way. So there were only two choices: physical violence or lying. And, of course, the Spanish and Portuguese used both to get the assets. Now, there are many other options, because we've been living for 200 years under capitalism, with the social relations, the highly organized relations now, deeply mediated of capitalism, which get us used to the idea of signing contracts, accepting terms and conditions, clicking accept, so that, in return, we get something else, so no violence is necessary, on the face of it.

That's not to say there aren't other deep forms of violence linked with the extraction of data, because there are, but this shows that we are in a parallel moment with 500 years ago. But it's also very different because, in between, has come the 200 years of capitalism that developed out of the two and a half, 300 years of colonialism. So that's the sort of comparison we're making. And, we argue in the book, this really changes our historical perspective. We can use our historical imagination and learn what we know about the history of colonialism to understand the dramatic moves and changes being made now, and the dramatic form of authority, just to take our data, that is being claimed by corporations. On the face of it, with no such authority, but they're just doing it anyway. So that's the reason why we think the colonial metaphor, which some people would call it just a metaphor, is not just a metaphor. It points to the core of the reality today, of what's going on with data.

**LGC:** We could think of colonialism in the past as a system that considers that the native or people from Africa as not human, so they could be used, or killed, or tortured, and raped, because of this inferior human status, right? And nowadays, in this data colonialism, I don't know if we could do this parallel, I can understand it as a metaphor, it's as if the people getting their data extracted from would not be considered people, but just numbers, or just assets, or just something to get money from, regardless of the damage, of course we cannot compare. But I was watching this documentary by Netflix yesterday, *The Social Dilemma*, I don't know if you've seen it, it says a lot about the physical injuries that all this connection could cause to people. Of course, it's not as dehumanizing as slavery or colonialism, but I understand what you mean by colonialism.



**NC:** It's a really important point, so let me just say one or two more things. As I said, all we're doing is making a comparison between now and around 1500 and saying that now we're at the beginning of something new, and it's comparable to what was beginning around about 1500, in terms of a seizing of the world's assets without authority by corporations. Now, of course, it's Chinese as well as American, so it's two poles, it's even more complicated, but, in principle, it's the same thing. In Spanish, "despojo" is the best word, "el despojo", the seizure, and maybe there is a word that is like that in Portuguese, I'm not sure, I should have checked beforehand, but that's more vivid than the English word, "despojo". That is going on, and we don't know how the new "despojo", seizure, will unfold. It will unfold in fundamental ways, we're sure.

In 50 years, 100 years, 200 years, we can't imagine any more than in 1500 anyone could possibly imagine the size of the British Empire, the beginnings of capitalism, the triangular trade across the Atlantic, this was not fully imaginable at that point, of course not. We don't claim to predict that far into the future. And for that reason, we don't predict the new forms of social discrimination and cultural violence that will emerge in this world. We'll have to wait and see, to some degree. But we can already see, nonetheless, forms of abuse and bad treatment of people, which are close to very violent, and they're already happening.

Two examples would be, in relation to social discrimination, whether people have access to social services in many countries, and Brazil is one of them, this increasingly depends on the data, including biometric data, gathered about them, over which they have no control, and which may well contain errors, drive judgments, which may be hidden from them, based around various forms of discrimination and so on, which may reinforce racial, class and other differences. So, there's a

symbolic violence there, in the way the algorithms, the data, are working.

And then, if we take another type of example, the way data collection, if you like, is the basic idea of a corporation, that "this is what's happening in my business, so that data is mine, because I'm the manager, it's just mine". We know that managers think like this, but this is a colonial way of thinking about the space of life, which is the workplace, it's a deeply colonial way of thinking of that space. Now, let's imagine that in terms of the violence, and it is close to physical violence, and what happens every day to people in low status jobs. Let's say, in logistics, something like Amazon, where they move around the floor of a warehouse, now, let's be honest we all want our books to arrive on time, and maybe we use Amazon to get them and so on, but the consequence of that innocent thing, wanting our books to arrive on time, is that someone has to be tracked moment to moment as they move around, their bodies literally tracked, every part of it, and they have to comply with the instructions that fit with the robot that they're working with and so on. Now, some people say that some aspects of Amazon's working practices are humane, I don't know, I haven't done a detailed study, but there are many people very concerned about this. And you can see what's coming here is that once you admit the principle that the world is just there to be extracted for data, for capital, then there's nothing to stop the infinite extraction of data. The worker doesn't have the right to say: "But this is my life, you can't. This is my body, you can't do that to me." Because the rationality of the business depends on extracting that data, just as the rationality of historical colonialism depended on extracting everything that was, in fact, the life of the people in those territories. And it wasn't arguable, and the arguments were ignored.

I was recently reading the terrifying book by the philosopher Hegel, *Lectures on the Philosophy of World History*, where he justifies colonial-

ism. "It's just a battle between more rational and less rational people", and he argues this is the way it had to be, it was just rational, it was just necessary. I mention Hegel because we do use Hegel in the book, because, interestingly, although he said terrible things about colonialism, he was also one of the greatest philosophers of freedom, of human freedom, and what its core is. And we make a comparison in the book between Hegel's philosophy of freedom and the philosophy of the great Argentinian Mexican philosopher Enrique Dussel, his *Philosophy of Liberation*. And they have a lot in common in terms of going to the real fundamental core of human freedom, which is not, for example, the freedom to buy things in the market, it's the freedom to exercise control over the boundaries of that space in which I am myself. In which I think about whether I want to live, how I want to live, how I will die, do I love this person? This is the basis of freedom, this core, this space in which we are ourselves. But this space is being invaded, increasingly, by corporations, marketers, managers, who claim the right to know whether our body is sweating right now, or the temperature of our body, and so on and so forth, because that's just data that we need to manage the corporation, or maybe to manage the COVID-19 crisis.

Once you see things from this perspective a lot of things that before, isolated, may be a little strange processes, all start to be connected in a bigger process, which is both a vision of corporate power and a world transformation that we argue we have to fundamentally resist, because it is extremely dangerous for the core of human freedom, whether we are in the Global North or Global South, that core is being endangered now. Yes, the consequences of this will hit those in the Global South far worse, that is guaranteed, that is the intention too, but the threat to human freedom is an universal one as well, and that's why we hope everyone, wherever in the world they are, can read this book and find some inspiration for resistance from it, but also realize the terrible dangers this is causing to those who are already vulnerable, who are already disadvantaged, because none of that, the

legacy of colonialism, does not go away. It continues through this new form of data colonialism.

**LGC:** Well, we're reaching the limit of time, but I would like to ask you a last question. Because we were talking about resisting and resistance and as Michel Foucault said, where there's power there are possibilities of resistance. How can we resist? I know it's a tough question...

**NC:** It is a very tough question, because it's possible to say that Foucault was not pessimistic enough, that he could never have imagined such a deep form of power, as now exists in the hands of Facebook, Amazon, Google. He didn't imagine that our bodies would be tracked wherever they are on the planet, that our every word, our thoughts very often, which are now written down and put into a phone or computer, would be tracked, analyzed, processed. He couldn't have imagined that.

Deleuze started to begin to imagine this at the end of his life, but it was unimaginable, in its detail, in 1990. So, Foucault could believe that resistance was always possible, but, I'm afraid, now we have to take the measure of this new scale of infrastructure, and knowledge infrastructure, which does want total power and wants to work through us, and without consent. An example of that would be the digital personal assistants like Amazon Echo, Alexa and so on, which are being built into richer homes across the world, particularly in America, these want to make this form of power so nice, so comfortable that the idea of resistance starts to be meaningless. "Why would you resist your friend who's just helping you find out how to get a pizza? It's just part of you, isn't it?" Well, it is not part of you, it is not an extension of you, this is the fantasy.

So, we need to be very, very aware that even Foucault's critiques may not be enough, because the very way of imagining resistance is being undermined today. But we do, of course, still believe in the possibility of resistance in this book and we write about it in the final chapter. For us, there were two things that are fundamental and one thing that is not a solution. The thing that is not a solution, not immediately and not totally, is the idea that each of us could somehow make an individual decision to say: "I'll leave facebook, I don't use Whatsapp anymore, even though I've used Whatsapp already 20 times today", that's me, Nick, in our family discussing many things, "but I'll stop using it." Okay, well, that's just me. Obviously, there are billions of people, but even if we imagine many people started to leave the platform, there are other platforms. All these platforms are interconnected.

The whole way of thinking about data colonialism depends on the wider order, which is linked to logistics, what's going on in factories and workplaces, this is a much bigger vision. So just withdrawing from one platform is not the solution, we have to think of the social scale. And, then, that has two implications, and at the moment no immediate solutions, but these, I think, are still positive things to hold on to: one is that we need imagination if what we're talking about is a social order and if what we're talking about is resisting a massive new form of social and economic order, which fits together in a way that no one of us can change on our own, then we need imagination, we need the imagination to see this order whole, to see what it is, what drives it, to understand it, to share the story of it. That is an act of social imagination, just as the imagination to defeat colonialism, originally, to challenge its total view of the world and say "No, there are other views of this world", including the view of the world that was supplanted by colonialism that it had to work to replace and so on. And that, initially, had to happen through the work of imagination. So, books, we believe, play a fundamental role in the imagination, and discussing the ideas we're discussing in as many places around the world as we can now,

because we want to share these ideas and listen to other people's perspectives on the ideas.

And that suggests a second form of resistance, which is solidarity. That not only can I not resist individually, but I need to help others resist in their particular situation. So we need to develop new forms of social solidarity, admit imagination that enables me to see that, although I don't work on the Amazon warehouse floor, although yes, I'm an academic, clearly a privileged situation and so on, dependent in my life on various things being brought to me, but I need to get to the core of what is violent about the conditions under which those people are living and how that is something that is a threat to humanity as a whole and that new basis of solidarity between us, even though our lives may be very, very different.

And even as we're being split apart by racial difference, class difference, and, of course, inequality of an economic sort is growing and populist leaders are building on that, at the same time, we have to develop these new forms of solidarity, which find common cause underneath these fundamental differences. So that is the way we start. That's what our book is an attempt to start. And it's because of that that we've got together with Paola Ricaurte, a Mexican scholar from Mexico City, we recently formed a network for Latin American scholars in particular, called Tierra Común<sup>2</sup>. It's a three-language site in Spanish, Portuguese and English, with scholars from all over Latin America, a few from Europe and some from North America, but all with a strong connection or interest in Latin America, and it exists to debate data colonialism and to debate ways forward. I encourage anyone listening to this video to have a look at [tierracomun.net](https://www.tierracomun.net) in the

---

<sup>2</sup> <https://www.tierracomun.net/es/objetivos>

Portuguese version, or the Spanish, or English, if you prefer, and see what you think, and get in touch with us. And we're having regular events, and debates, and things happening on that site, and we hope to build a movement around this fundamental issue, too.

**LGC:** Very nice. I will visit, certainly. Well, Nick Couldry, thank you so much for this fascinating talk, a lot of food for thought. See you! Hopefully in person.

**NC:** I miss Brazil very much, I was there last May, I love Brazil, I really, really hope I can come back soon. And not just do talks online as I've already done this year. But, as ever, it's a great pleasure to talk with you, Laura, and to see you again, very nice to do this. Those in the audience, I hope you've enjoyed the conversation, and have a look at our Tierra Comun site. And I hope to see you sometime in Brazil, before too long.





# **As experiências dos projetos Rádio Cordel, Radionovela e Solte sua voz em tempos de pandemia da Covid-19**

Sheila Borges de Oliveira  
Giovana Borges Mesquita

## **Introdução**

A Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) iniciou o ano letivo de 2020 com as atividades de ensino, pesquisa e extensão sendo realizadas de forma presencial. Elas, contudo, foram suspensas, em 16 de março daquele ano, logo após a Organização Mundial de Saúde (OMS) anunciar que estávamos diante da pandemia da Covid-19, causada pelo vírus SARS-CoV-2. Para preservar a segurança de docentes e discentes, já que a recomendação da OMS era evitar aglomeração para impedir a disseminação do novo coronavírus, os trabalhos passaram a ser realizados de forma remota. Inicialmente, foram retomadas as ações

que envolviam projetos de extensão e pesquisa, uma vez que as aulas só foram realizadas posteriormente, a partir de agosto de 2020, quando os docentes foram treinados para o uso de plataformas virtuais de interação com os alunos.

Nesse sentido, as professoras coordenadoras da Rádio Cordel UFPE: na frequência do Agreste, da Radionovela: literatura nas ondas do rádio e do Solte sua voz: os invisíveis midiáticos decidiram realizar as ações desses projetos de extensão para manter os estudantes mobilizados. Até porque a maioria teve que retornar para as casas de seus pais em cidades vizinhas de Caruaru, no Agreste de Pernambuco, onde se localiza o Centro Acadêmico do Agreste (CAA), o campus da UFPE naquela região.

Sem ter acesso aos laboratórios da UFPE, atenderam ao chamado das professoras os integrantes das equipes que tinham, em suas residências, computadores, tablets e celulares, conectados à internet, para realizar o trabalho a distância. Isso porque nem todos os estudantes, participantes dos projetos, dos cursos de Comunicação Social e de Design, do CAA, têm equipamentos adequados e acesso à grande rede de computadores. Em muitos casos, um celular é compartilhado por todos os membros de uma mesma família e não há internet gratuita para as comunidades.

Esse cenário se apresentou como o primeiro desafio enfrentado pelas equipes: encontrar meios de integrar a maioria dos grupos ao trabalho remoto, a partir da elaboração de uma nova rotina, adaptada ao distanciamento físico e às dificuldades tecnológicas. O objetivo das professoras era manter, mesmo virtualmente, todos juntos e unidos em função do impacto da pandemia e, conseqüentemente, da suspensão das ações presenciais da universidade na saúde física e mental dos discentes, principalmente daqueles que deixaram Caruaru para voltar às residências dos pais, parte delas localizadas em sítios de difícil acesso. Essa logística, para a reinvenção do fluxo de produção dos programas, mobilizou 24 estudantes da Rádio Cordel UFPE, 21 da Radionove-

la e oito do Solte sua Voz, alguns alunos participaram de mais de um projeto simultaneamente.

Dois desses projetos, a Rádio Cordel UFPE e a Radionovela, apresentam como ponto em comum o rádio e o podcast como mídias principais, aportadas em plataformas de áudio, como o Spotify e o Anchor. A escolha delas se deu pelo baixo custo de distribuição e pelo consumo por diversos públicos. O Solte sua voz, que tem uma produção multimídia, foi elaborado para seu conteúdo ser distribuído por plataformas de streaming, como Spotify, utilizando-se do Instagram como espaço de divulgação da produção e de interatividade com a audiência. Para o desenvolvimento dessas iniciativas, também foram acionados aportes teóricos do campo da educomunicação, uma vez que os projetos de extensão, aqui descritos, têm total diálogo com esse campo de intervenção social situado na inter-relação entre a comunicação social e a educação. Até porque uma das principais características desses trabalhos é fomentar a discussão da comunicação como um direito humano que promove a cidadania.

Dessa forma, a Cordel, a Radionovela e o Solte sua voz realizam os objetivos que se espera de uma ação extensionista, processo regido pela interação dialógica, no qual a universidade e os setores sociais trocam saberes, impactando na formação dos estudantes e na sociedade. Segundo o Fórum de Pró-reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras, a extensão universitária pode ser definida:

[...] sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, [como um] processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade (FÓRUM DE PRÓ-REITORES DAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRAS, 2015, p. 42).

Este artigo apresenta um relato das experiências das atividades desses três projetos de extensão do campus da UFPE, em Caruaru, durante a pandemia, mostrando como as equipes reconfiguraram as produções, entre março e dezembro de 2020. Para realizar as produções, os grupos passaram a se reunir virtualmente para ajustar os planejamentos feitos, inicialmente, para um ano de atividades presenciais, antes da suspensão das aulas em função da pandemia da Covid-19.

As equipes foram reconfigurando as grades das programações a depender das necessidades identificadas por elas no diálogo com as comunidades do CAA e da Região Agreste, públicos-alvo dos projetos. As atividades se alinharam com os objetivos da Política Nacional de Extensão Universitária, dentre eles: 1) reafirmar a extensão universitária como processo delineado de acordo com as exigências da realidade, além de ser indispensável para a formação do estudante e a qualificação do professor em função do diálogo aberto com a sociedade; e 2) possibilitar novos meios e processos de produção, destacando a inovação e a disponibilização de conhecimento para ampliar o acesso ao saber científico (FÓRUM DE PRÓ-REITORES DAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRAS, 2015).

Para a realização desses projetos, nos baseamos também no conceito de rádio expandido (KISCHINHESVSKY, 2016), que está na centralidade da atual produção sonora, por meio de um transbordamento dos conteúdos da rádio tradicional para outras plataformas, como computadores, tablets, celulares, televisões por assinaturas e redes sociais. Isso sinaliza, também, para uma mobilização mais abrangente da audiência. Ao transbordar as ondas hertzianas, o rádio chega às mídias sociais a partir da própria capacidade de ubiquidade da internet, com possibilidade de se espalhar por todos os lugares, podendo ser captado por diversas plataformas.

Na grande rede, os formatos do rádio se modificaram para se tornar cada vez mais híbridos. As empresas, por sua vez, passam a oferecer

produções feitas sob demandas específicas da audiência, que são aportadas em sites e espaços de redes sociais. Isso sem falar nos podcasts, que oferecem uma nova forma de consumo dos conteúdos sonoros, levando-os para mais distante, uma vez que possibilita compartilhar informações, sobretudo, em áudio.

Nessa perspectiva de rádio expandido, a Rádio Cordel UFPE, a Radionovela e o Solte sua voz buscam espalhar os seus conteúdos, usando o máximo de possibilidades de compartilhamento da produção para as mídias sonoras e virtuais. Além de um relato de experiência, o artigo se propõe a fazer uma revisão bibliográfica para refletir sobre temáticas relacionadas ao rádio expandido (KISCHINHEVSKY, 2016), aos gêneros radiofônicos (BARBOSA FILHO, 2003) e aos podcasts (HERSCHMANN & KISCHINHEVSKY, 2008).

É importante ressaltar que essas ações extensionistas, aqui apresentadas, estão vinculadas às atividades, promovidas pelas professoras coordenadoras, de ensino e pesquisa no curso de Comunicação Social do CAA. No ensino, as teorias e práticas dos estudantes são aprofundadas em atividades de disciplinas como Oficina de texto, Criação e produção para mídias sonoras, Comunicação e política, Mídia e cidadania, Comunicação comunitária e Comunicação pública. Elas são, também, interdisciplinares, pois são feitas em parceria com outros cursos do CAA, como os de Design e Medicina. Em termos de pesquisa, o projeto da Cordel está interligado às investigações do Inventário do rádio em Pernambuco, executadas desde 2018. A partir de agora, cada projeto é detalhado para compartilhar as experiências extensionistas das equipes.

## **Rádio Cordel UFPE: na frequência do Agreste**

A Rádio Cordel UFPE foi criada em 2018 para ser uma rádio comunitária que funcionasse como rádio-poste, dentro das dependências do CAA, e

na internet, por meio de podcast. Ela promove uma prestação de serviços à comunidade, apresentando as ações desenvolvidas por professores, estudantes e técnicos do CAA. Este projeto de extensão está vinculado a ações de ensino e pesquisa do curso de Comunicação Social do CAA.

A programação e os gêneros radiofônicos, elaborados para a grade da Cordel, tomaram como ponto de partida os estudos dos formatos mais tradicionais, apontados por Prado (2006), e das adaptações para a webrádio, com base em Prata (2012). Isso porque, antes da quarentena, já desenvolvíamos produtos para a rádio analógica em função das parcerias firmadas com as rádios universitárias da UFPE, a Paulo Freire e a Universitária FM, e para o site do projeto, por meio da disponibilização de podcast ancorados em plataformas de mídias sonoras, como o Spotify.

Com a pandemia da Covid-19, a programação da Cordel foi adaptada ao trabalho remoto e os estudantes puderam colocar em prática o que tinham aprendido em sala de aula e nas orientações passadas pelas coordenadoras do projeto, apesar das limitações por não terem o suporte dos laboratórios. Os programas da Rádio Cordel nas temporadas da pandemia transbordaram as ondas hertzianas do dial e foram para as redes e mídias sociais. Passaram a ser distribuídos em diversas plataformas sem as limitações físicas do rádio analógico, como iremos descrever mais à frente.

Nesse contexto, o processo educacional emancipatório foi observado quando os 24 estudantes, envolvidos na ação, assumiram o protagonismo das ações de produção, gravação, edição e divulgação dos programas, dialogando diretamente com as comunidades que eram atendidas. Eles, inclusive, realizaram oficinas para compartilhar o conhecimento com os alunos recém ingressos no curso de Comunicação Social e com discentes de outros cursos de graduação que também produziam podcasts.

O ecossistema comunicativo sempre caminhou por várias direções de forma dialógica e transparente com canais abertos dentro da UFPE e fora, em sintonia com a sociedade, por meio das redes sociais e de grupos do WhatsApp, o que se ampliou para diversas plataformas na pandemia. Tudo isso com o objetivo de promover o acesso plural à produção e difusão da informação.

As abordagens temáticas das temporadas da Cordel foram planejadas com a participação de todos os atores envolvidos e em sintonia com as comunidades atendidas pelos programas, principalmente de Caruaru e cidades da Região Agreste. Em função disso, todos os temas das quatro temporadas foram decididos a partir da prática da escuta das demandas do grupo e, também, dos anseios do(a) cidadão(ã).

Entre abril e dezembro, foram veiculadas quatro temporadas. A primeira circulou no período de abril e maio, reunindo 24 programas de até 10 minutos sobre as ações de enfrentamento, por parte da UFPE, à Covid-19, além de registros de como integrantes do CAA e moradores de cidades do Agreste pernambucano estavam sobrevivendo à quarentena. Os episódios, veiculados três vezes por semana, trataram de temas como a vivência de estar longe de casa e do país, o trabalho na quarentena, a ajuda dada aos pequenos comerciantes, o cuidar dos filhos, o impacto no turismo e na publicidade, a prática dos estudantes de medicina, a volta à casa dos pais, a produção e doação de protetores faciais e álcool gel e a importância da alimentação e da assistência psicológica.

A segunda temporada da Cordel veiculou uma série de programas, às terças e sextas-feiras, para mostrar que a cultura dos festejos juvenis continuou forte em Caruaru, mesmo sem a tradicional festa de rua. Durante o mês de junho de 2020, foram veiculados “programetes” de até cinco minutos. Relembrando a magia da época, eles trouxeram as “Crônicas Cantadas do País do São João”, histórias autorais produ-

zidas pelos estudantes sobre as festas que fazem de Caruaru a Capital do Forró.

Durante as sextas-feiras, foram compartilhados programas de 25 minutos para estimular a memória afetiva do ciclo junino. Os dois primeiros programas recordaram os festejos nos anos 1990 com o resgate de músicas e comemorações da época. Já os dois programas restantes focaram no contexto atual, no qual a festa teve que se reinventar por causa da pandemia da Covid-19.

A terceira temporada foi veiculada entre julho e setembro e direcionada para a discussão de como a arte pode ajudar a manter a saúde mental num período de quarentena prolongada, a partir de um viés político: a arte como resistência. Foram produzidos 11 programas de 25 minutos com experiências coletivas e individuais dos estudantes, envolvidos no projeto, sobre expressões artísticas como a fotografia, o cinema, a literatura, a música, a televisão, os jogos, o desenho, a moda, o artesanato, as artes plásticas, o teatro e a dança.

A quarta temporada foi executada entre outubro e dezembro para registrar as memórias da quarentena de cidadãos(ãs) moradores do Agreste pernambucano, trazendo os depoimentos para responder a seguinte pergunta: no futuro, o que você vai contar sobre a sua experiência na quarentena? A partir das respostas, a equipe da Cordel elaborou nove programas que trouxeram os registros históricos dos depoimentos desses cidadãos comuns, que, normalmente, não encontram espaço para compartilhar as suas experiências na mídia comercial. Assim, revelamos os sentimentos, as vivências, as sensações e as possíveis mudanças que a quarentena prolongada provocou no cotidiano das cidades do Agreste.

Os programas das temporadas contemplaram as etapas de produção, definidas por McLeish (2001) e Prado (2006), classificadas em produção executiva, pré-produção, produção em andamento e pós-produção. Na produção executiva, o projeto das temporadas foi esboçado. Na etapa



de pré-produção, as informações necessárias para os programas foram coletadas. Na produção em andamento, o programa foi realizado. Essa etapa se estende da produção do conteúdo até a veiculação do material.

Na produção das reportagens, os repórteres entrevistaram as pessoas pelo WhatsApp. Em seguida, escreveram o roteiro e o script. Na sequência, enviavam para os coordenadores da produção, que solicitavam os ajustes necessários. Depois de feitos os ajustes, os repórteres usando os gravadores de seus celulares, faziam a gravação do texto. Os arquivos, então, eram enviados para a equipe de edição, juntamente com os trechos das entrevistas selecionadas. A edição foi feita em programas gratuitos baixados nos computadores pessoais da equipe.

Depois da edição, o programa finalizado era encaminhado à equipe de divulgação da rádio, que distribui o conteúdo por meio de site, das redes sociais, de grupos de WhatsApp e das plataformas de *streaming* de música. A Rádio Cordel pode ser ouvida pelas plataformas de *streaming*, como Spotify, Radio Públíc, Pocket Casts, Overcast, Google Podcasts, Breaker e Anchor. Também está no Instagram, por meio do perfil @radiocordel, no Facebook da Aveloz, uma agência experimental de comunicação da UFPE, e no site [www.radiocordel.ml](http://www.radiocordel.ml), além de grupos de WhatsApp.

Todo o grupo contribui com a fase de pós-produção, catalogando o material produzido para que fizéssemos, rotineiramente, os relatórios do que foi realizado. Ao adaptar a grade de programação da Cordel ao trabalho remoto na pandemia da Covid-19, a equipe procurou atender os princípios da educomunicação, promovendo o acesso democrático à informação, proporcionando uma reflexão sobre o mundo editado pela mídia corporativa e efetivando o diálogo entre ensino e aprendizado com o uso criativo das mídias sociais.

O produto foi divulgado pelas Rádios Universitária FM e Paulo Freire AM, ambas vinculadas à UFPE, além da rádio pública Frei Caneca, no Recife, e da comunitária Líder FM, em Toritama, no Agreste do Es-

tado. A programação ainda foi veiculada pela Rádio da Universidade de Ouro Preto, em Minas Gerais.

## **Radionovela: literatura nas ondas do rádio**

Apesar da importância que o rádio tem como serviço de utilidade pública, o veículo também ganhou força com os diversos gêneros radiofônicos que foram surgindo. No período conhecido como “época de ouro” do rádio, entre as décadas de 1930 e 1940, um gênero que se destacou foi o da radionovela, que, segundo Barbosa Filho (2003), está inserido na categoria entretenimento, mais especificamente em programa ficcional de drama.

Os antigos folhetins impressos foram logo incorporados pelo rádio durante a sua expansão no Brasil. Segundo Chaves (2007), a radionovela surgia com a Rádio Nacional do Rio de Janeiro e a Rádio São Paulo, que se tornaram especialistas na produção do gênero. Vaz Filho (2018) destaca que o pioneirismo de uma história seriada no rádio se deu com a Rádio Clube de Pernambuco que, por meio do produtor Luiz Beltrão Maranhão, produziu a adaptação de *Senhora do Engenho*, romance do escritor Mário Sette, em 1938.

Todavia, a primeira obra caracterizada como radionovela, no Brasil, foi a adaptação feita por Gilberto Martins, *Em Busca da felicidade*, do cubano Leandro Blanco. A estreia do gênero, que foi sucesso na época de ouro do rádio, deu-se em 5 de junho de 1941, na Rádio Nacional do Rio de Janeiro. O país passou a ser um consumidor da dramaturgia cubana, com alguns ajustes para atender o público brasileiro.

Com a internet e as tecnologias digitais, apesar das mudanças, o rádio vem sendo fortalecido, uma vez que é possível ampliar a veiculação dos produtos e programas radiofônicos, ao mesmo tempo que a interatividade, que sempre foi uma de suas características, tem poten-

cialidade de ser amplificada, graças aos transbordamentos das produções para as redes sociais. Nelas, os novos receptores convertem-se, cada vez mais, também, em emissores, graças a condições inéditas de produção (HERSCHMANN e KISCHINHEVSKY, 2008).

O advento de podcasts foi uma das maneiras dessa mídia sonora se reinventar, atraindo os jovens, que era um público desacostumado a consumir os produtos veiculados no rádio analógico. Consoante a isso, Herschmann e Kischinhevsky (2008) destacam que:

O podcasting desperta especial interesse devido ao fato de que o meio rádio – que já foi veículo privilegiado em projetos de construção de identidades nacionais e esvaziou-se ao longo das últimas décadas – vive um momento de redefinição, diante da revolução trazida pela convergência tecnológica (HERSCHMANN & KISCHINHEVSKY, 2008, p. 102).

Herschmann & Kischinhevsky (2008, p. 101) observam que, sobretudo, os jovens se sentem atraídos pelo podcast por causa “da ausência de regras rígidas. Não há padrões de locução ou restrições em termos de linguagem e temas abordados. A principal hierarquização se dá por meio dos diretórios (...)”.

É nesse cenário que o rádio se reinventou com a internet e os avanços tecnológicos criando, por um lado, para os que fazem rádio, novas formas de expandir o conteúdo, organizado e estruturado para as várias possibilidades de escuta, e, por outro lado, para os que consomem o rádio, novas formas de recepção e participação, ampliando a capacidade de comunicação desta mídia que se reestrutura diante das novas tecnologias.

O rádio expandido permite, para Kischinhevsky (2016), não só a ampliação da interação, mas a possibilidade, por meio da internet, de acionar as características da multimídia, hipertextualidade, personalização e memória. Para Kischinhevsky (2016, p.133), “o rádio

expandido, remediado pelos meios digitais, pode oferecer não apenas seus elementos sonoros tradicionais – voz, música, efeitos –, mas, também, imagens, vídeos, gráficos, links para blogs e toda uma arquitetura de interação”.

Quem realiza projetos para o rádio precisa compreender esse novo universo do rádio expandido, que vai para além do rádio tradicional, transbordando para as mídias sociais, para os aplicativos, para os celulares, para as redes sociais, conectando produtores e consumidores e, conseqüentemente, deixando esse limite entre os dois grupos cada vez mais flexível. A linguagem radiofônica vai se reconfigurando ao se apropriar das características da própria internet, que oferece essa multimídia, permitindo a hibridação dos formatos.

É a partir dessa reconfiguração do rádio que o projeto de extensão Radionovela: literatura nas ondas do rádio é produzido, visando utilizar todas essas potencialidades. As radionovelas podem ser consumidas, tanto pelos ouvintes das emissoras educativas e comunitárias, quanto pelas redes sociais de modo geral e por diversos serviços de streaming de música e vídeo. E no cenário da pandemia, o projeto resolveu apostar na literatura para chamar atenção para a necessidade de prevenção.

O projeto Radionovela: literatura nas ondas do rádio, surgido em 2018, assumiu o desafio de fazer uma radionovela envolvendo uma equipe de produção de sete pessoas e 14 radioatores e radioatrizes, coordenada por duas professoras e com produção toda feita de casa. Assim, surgiu a adaptação da obra de Ariano Suassuna “Auto da Compadecida em Tempos de Pandemia”, produzida por estudantes dos cursos de Comunicação Social e Design da UFPE, campus Caruaru.

Apesar de trabalhar com uma das obras mais conhecidas do escritor paraibano, Ariano Suassuna, a coordenação do projeto procurou colocar na adaptação discussões sobre o coronavírus (incluindo na história, o Capitão Covid) e as fake news, além de questões econô-

micas e políticas que dificultam a eficácia do distanciamento físico. A preocupação era que o texto, embora adaptado, continuasse fiel e mantendo as características do teatro popular, mas "atualizado", mostrando o Brasil em 2020, quando milhares de pessoas em vulnerabilidade social morreram pela falta de ação do poder público em meio a uma pandemia.

A radionovela, dividida em nove episódios, foi adaptada, gravada e veiculada entre os dias 6 de maio e 4 junho de 2020. Junto à produção sonora, foram elaboradas estratégias para as redes sociais. Esse uso foi pensado não só para divulgar o conteúdo entre os jovens, público-alvo da radionovela, mas, também, para buscar uma interatividade, feita por meio de enquetes, em posts para que deixassem seus comentários nos textos publicados a cada veiculação de um novo episódio.

O processo de criação do texto de adaptação do *Auto da Compadecida*, para a inclusão da temática da Covid-19, foi feito com a inserção de, pelo menos, três personagens que não constavam na obra original: o Capitão Covid, o prefeito de Taperoá e o jornalista. O Capitão Covid, que substitui o Capitão Severino de Aracaju, personagem da obra original, foi colocado na radionovela como um justiceiro que vem cobrar dos poderosos as ações que tanto impactam o meio ambiente, causando a morte de milhares de pessoas.

A entrada do prefeito Teobaldo, um cumpridor de ordens do major Antônio Moraes, é uma crítica a alguns governantes que não assumem sua responsabilidade no controle da pandemia. Já a incorporação do jornalista na adaptação teve a intenção de chamar a atenção para o papel do jornalismo em uma sociedade democrática, mostrando o quanto é importante a população buscar fontes confiáveis de informação, evitando cair no perigo da circulação de fake news. O jornalista também teve o papel de conscientizar para cuidados como lavar as mãos e ficar em casa.

A cada capítulo, buscou-se fazer referências ao que estava acontecendo no Brasil no momento da pandemia. A produção do Auto da Compadecida em tempos de pandemia não se resumiu à criação e veiculação da radionovela. Além do produto, foram criadas trilhas, um site para divulgação do projeto, conteúdos gráficos e textuais e, por fim, espaços em redes sociais, numa perspectiva de que a audiência pudesse interagir com a equipe responsável pela produção da radionovela.

A veiculação em rádios educativas e públicas, por exemplo, as rádios Universitária, Paulo Freire, ambas da UFPE; Frei Caneca, da Prefeitura do Recife; e a Rádio UFOP, da Universidade Federal de Ouro Preto; além de uma dezena de rádios comunitárias pernambucanas contribuiu para levar a mensagem para variados públicos. Junto a isso, a utilização das redes sociais, como a página no Instagram (@radio.novela) e de plataformas de streaming, como Spotify, onde a radionovela pode ser encontrada pelo endereço Radionovela: literatura nas ondas do rádio, fez com que o conteúdo sonoro se expandisse, alcançando ouvintes de diversos estados do país e do mundo, a exemplo de países como Portugal, Espanha, França, Argentina e Alemanha.

O uso criativo dos meios de comunicação possibilitou um aprendizado conjunto para os estudantes de conseguir colocar, semanalmente no ar, duas vezes por semana, episódios que eram escritos, gravados, editados, montados e veiculados, trabalhando com uma equipe de 21 pessoas, divididas em pelo menos 14 cidades diferentes. Numa superação de questões emocionais, visto que o momento atual de uma pandemia tem agravado quadro de saúde mental, e técnicos, uma vez que muitas dessas cidades sofrem com problemas, como a dificuldade de acesso à internet.

Por fim, outro ganho foi trabalhar com a equipe a incorporação de temas e elementos da realidade ao ficcional, sem descaracterizar a obra original, em um curto período. A coordenação do projeto tinha o entendimento de que, em um momento crítico de uma pandemia, não

era possível fazer uma adaptação que buscasse só divertir. Era preciso chamar atenção, além da própria pandemia, para questões como o papel que o jornalismo desempenha numa sociedade democrática, para as relações de poder na sociedade e para as fake news, tentando chegar principalmente ao jovem.

## **Solte sua voz: os invisíveis midiáticos**

Caminhando na contramão da mídia hegemônica, a ideia do projeto Solte sua voz: os invisíveis midiáticos é mostrar o que as grandes mídias insistem em esconder ou que divulgam de uma forma repleta de preconceitos. Isso é feito a partir de produções multimídias, que englobam conteúdos produzidos em vídeo, música, texto, fotografia, áudio, cartazes, história em quadrinho (HQ), dentre outros.

No primeiro semestre de 2020, com o mundo acometido pela pandemia da Covid-19, as coordenadoras do projeto entenderam que era preciso alertar à população para a importância da prevenção e, também, “provocar” o poder público para ações que tinham necessidades urgentes de efetivação em diversas comunidades, como distribuição de máscaras, apoio a profissionais que ficaram sem renda, dentre outras. Na perspectiva de envolver a comunidade, foi criada uma campanha “Em tempos de Covid, Solte Sua Voz, mas fique em casa”. Nela, representantes da classe artística, de movimentos LGBTQ+, de mulheres, trabalhadores informais e temporários, por exemplo, gravaram depoimentos em vídeos, veiculados no Instagram do projeto (@solte-suavozufpe).

Ainda nesse momento, visando uma maior permanência do público em casa, foi desenvolvido um quadro chamado “Solte Indica”, que nasceu com o intuito de dar visibilidade a profissionais liberais, além de projetos, filmes, séries e podcasts que existem e resistem diante de uma sociedade, muitas vezes, determinada a silenciá-los. Em junho,

um mês importante para a cidade de Caruaru (PE), onde o Solte é realizado, o grupo desenvolveu o projeto “Santos Conectados no Combate à Covid-19”, que resultou na produção de um teaser, quatro episódios da radionovela, quatro histórias em quadrinhos, cartazes e produções para a rede social Instagram.

Essa etapa do trabalho de extensão tentava cumprir o papel de alertar à população, sobretudo a de maior vulnerabilidade social, sobre a importância da prevenção, usando a festa junina tradicional do Nordeste brasileiro e a religiosidade por trás das tradições dessa época do ano, para orientar à população sobre os riscos do coronavírus. Além do Spotify (Solte sua voz) e de outras plataformas de streaming, os episódios foram veiculados na Rádio Educativa Frei Caneca, emissora pública do Recife. A radionovela também foi cedida para veiculação nas rádios comunitárias vinculadas à Associação Brasileira de Rádios Comunitárias (Abraço).

Coordenado por duas professoras dos cursos de Comunicação Social e Medicina, a produção dos Santos conectados mobilizou oito estudantes dos cursos de Comunicação Social e de Design da UFPE, campus do Agreste. Realizado de maneira remota devido ao isolamento físico, a produção dos Santos Conectados foi dividida em quatro etapas: (1) a criação da radionovela, que contou com a produção de texto autoral, do script, da escolha e da direção dos radioatores; (2) a gravação, sonorização, edição do conteúdo e montagem; (3) a elaboração de uma história em quadrinhos, que teve a adaptação do texto da radionovela, a criação dos personagens, ilustração, edição e finalização; e (4) a criação de cartazes com frases que traziam os Santos para o contexto da pandemia.

Todas as atividades foram feitas a partir de casa dos estudantes, superando desafios técnicos, de acesso à internet, e questões de saúde. A cada veiculação de um episódio foram produzidos cards para as publicações no Instagram do projeto (@soltesuavozufpe) e divulgação no WhatsApp.



Em novembro, ainda durante a pandemia da Covid-19, foi realizado o projeto "Histórias da Luta", que contou com quatro episódios de podcast sobre a história dos direitos humanos, do feminismo, do Sistema Único de Saúde (SUS) e da luta contra a homofobia. A iniciativa teve como objetivo trazer informação para a população, narrando diversas trajetórias de lutas que, ao longo da história, moveram as estruturas sociais. Além de pensar a comunicação como direito, buscou-se, com o Solte sua Voz na quarentena, fortalecer seu papel educativo, concordando com Peruzzo (2007), que a participação direta no processo comunicativo ajuda a desenvolver pessoas:

O cidadão que passa a escrever para o jornalzinho; a falar no rádio; a fazer o papel de ator num vídeo popular; a criar, produzir e transmitir um programa de rádio ou de televisão; a discutir os objetivos, a linha editorial e os princípios de gestão do meio de comunicação; a selecionar conteúdos etc., vive um processo de educação informal em relação à compreensão da mídia e do contexto onde vive (PERUZZO, 2007, p. 5-6).

Ainda de acordo com a autora, as relações entre educação e comunicação se explicitam, pois as pessoas envolvidas em tais processos desenvolvem o seu conhecimento e mudam o seu modo de ver e relacionar-se com a sociedade e com o próprio sistema dos meios de comunicação de massa. Apropriam-se das técnicas e de instrumentos tecnológicos de comunicação, adquirem uma visão mais crítica, tanto pelas informações que recebem, quanto pelo que aprendem através da vivência, da própria prática.

Dessa maneira, o Solte sua voz trabalha numa perspectiva de uma comunicação dialógica, contra-hegemônica e horizontal, o que pode contribuir na formação do estudante, que passa a realizar uma comunicação não mercadológica, como também busca uma transformação

social na medida em que potencializa o protagonismo de vozes excluídas do cenário midiático hegemônico.

## Considerações finais

O objetivo deste artigo foi fazer um relato das experiências das atividades dos projetos de extensão Rádio Cordel UFPE, Radionovela e Solte sua voz durante a pandemia da Covid-19. Com a suspensão das aulas presenciais, as equipes reconfiguraram as produções entre março e dezembro de 2020, buscando superar a exclusão social e promover a cidadania em uma região marcada por muitas desigualdades. Ao se expandir para a web e as redes sociais, os projetos tentaram um maior diálogo com a audiência, além de potencializarem a reverberação dos conteúdos elaborados. É nessa perspectiva, de ampliar a veiculação das produções, que firmaram parcerias com rádios comunitárias, educativas e públicas de Pernambuco, de Minas Gerais, do Maranhão e até de outros países.

Assim, contemplaram as diretrizes que devem orientar as formulações e implementações das ações de extensão, como a interação dialógica, formulada, segundo Santos (2004), como resposta às crises da universidade pública, de hegemonia, legitimidade e institucional. “Não se trata mais de ‘estender à sociedade o conhecimento acumulado pela Universidade’, mas de produzir, em interação com a sociedade, um conhecimento novo (SANTOS, 2004, p. 47)”. Nesse sentido, Santos (2004) fala de um conhecimento que contribua para a superação da exclusão social.

Espera-se, portanto, em função da repercussão do conteúdo compartilhado nas ações extensionistas que os projetos tenham desempenhado os seus papéis, favorecendo a participação ativa das comunidades do CAA e das cidades do Agreste, região na qual os projetos estão inseridos, desenvolvendo, como defende Peruzzo (2007), um trabalho

de informação, educação não-formal, desenvolvimento da cultura e mobilização social, na direção da auto-emancipação cidadã.

O contexto da pandemia do novo coronavírus demandou ainda a adaptação das universidades para a realização de novas atividades. Foi um momento importante para a implementação de práticas educocomunicativas na condução de iniciativas de extensão. A partir de leituras sobre o tema e com os dados coletados dos projetos de extensão, é possível afirmar que as iniciativas Rádio Cordel: na frequência do Agreste, Radionovela: Literatura nas ondas do rádio e Solte sua voz: os invisíveis midiáticos produziram práticas educocomunicativas que contribuíram para a educação em direitos humanos no rádio e na internet em função de seus fundamentos dialógicos.

Os projetos se pautam nas diretrizes estabelecidas pela UFPE, sobretudo na interação dialógica, compreendida pela indicação de diálogo, de troca de saberes, de aliança com movimentos, setores e organizações sociais; e pela indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão. Além da contribuição na formação do estudante, o maior impacto é a possibilidade de transformação social nas comunidades, na medida em que buscam trabalhar uma informação contra-hegemônica, atingindo o seu público-alvo através de diversas mídias.

## **Bibliografia**

BARBOSA FILHO A. Gêneros Radiofônicos: os formatos e os programas em áudio. São Paulo: Paulinas, 2003.

CHAVES, G. A Radionovela no Brasil: um estudo de Odette Machado Alamy (1913- 1999). Dissertação de Mestrado: UFMG, 2007.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRAS. *Política Nacional de Extensão Universitária*. Recife: Editora Universitária UFPE, 2015.

HERSCHMANN, M & KISCHINHEVSKY, M. A "geração podcasting" e os novos usos do rádio na sociedade do espetáculo e do entretenimento. *Revista Famecos*, v.15, n. 37, p. 87-110, 2008.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. *Rádio e mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

MCLEISH, Robert. *Produção de rádio: um guia abrangente de produção radiofônica*. São Paulo: Summus, 2001.

PRADO, Magaly. *Produção de rádio: um manual prático*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

PRATA, Nair. *Webradio: novos gêneros, novas formas de interação*. Florianópolis: Insular, 2012.

PERUZZO, Cícilia. Direito à Comunicação Comunitária, participação popular e cidadania. *Lumina*, Juiz de Fora, n. 1, v. 1, p. 1-29, 2007. Disponível em: <https://lumina.ufjf.emnuvens.com.br/lumina/article/view/201>. Acesso em: 18 set. 2020.

SANTOS, B. *A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade*. São Paulo: Ed. Cortez, 2004.

VAZ FILHO, P. *Rádio Clube de Pernambuco – 1919/2019: Cem anos. Sem esquecimentos*. Artigo: Universidade Anhembi Morumbi, 2018.

## **Cultura entre a pandemia e o pandemônio:** reflexões sobre o Brasil atual

Antonio Albino Canelas Rubim

O velho mundo agoniza,  
Um novo mundo tarda a nascer,  
E, nesse claro-escuro,  
irrompem os monstros.

Antonio Gramsci

O texto não necessariamente reproduz a entrevista realizada por ocasião do ciclo Pandemia e produção de sentidos, realizado em 2020, pelo CISECO. Ele expressa algumas questões tratadas na entrevista, mas desenvolvidas posteriormente, inclusive a partir da estimulante interlocução com Thiago Quiroga, na oportunidade desempenhando o papel de entrevistador. Gostaria de agradecer o convite ao colega e amigo Antonio Fausto Neto e ao CISECO, bem como à Thiago Quiroga

por me fazer navegar por temas que terminaram ajudando a esboçar o presente texto.

Tempos sombrios ameaçam o planeta. A perversa combinação entre a descomunal desigualdade produzida pelo neoliberalismo e a emergência de movimentos e governos autoritários de extrema-direita fabricou tempos sombrios no cenário internacional. Nos anos 2020/2021, eles foram sobredeterminados pela entrada em cena da pandemia do novo coronavírus, que tornou os tempos ainda mais sombrios. A conjunção entre neoliberalismo, neofascismos e pandemia tem tido impactos cruéis na vida e na civilidade humanas.

A pandemia ocasiona alterações radicais na vida cotidiana: distanciamentos sociais, uso de máscaras, paralisações de atividades, lockdown, sobrecarga dos serviços de saúde e muitíssimas mortes. Sua repercussão no campo cultural é enorme e paradoxal. A cultura presencial ao vivo foi uma das primeiras áreas paradas e (será) uma das últimas a retornar à vida. Ela sofre demasiadamente com a pandemia, pois sua seiva vital chama-se convivência, vida compartilhada em presença. A cultura virtual, mediada por aparatos sociotecnológicos, se transformou em companheira salvadora das multidões solitárias aprisionadas em quarentenas, quando as desiguais condições sociais permitem. A cultura midiaticizada se tornou aliada da saúde mental/psicológica das pessoas submetidas a situações limites de profunda solidão, com o rompimento das relações sociais e afetivas. Mas a pandemia atingiu negativamente a cultura mediada, quando seus estoques precisam ser renovados por novas obras, que requerem fabricação convival ao vivo.

Registro especial deve ser assinalado para a expansão virótica das atividades on-line, mediados pelas redes de computadores. Por óbvio, elas preexistiam à pandemia, mas sua atual disseminação universal induziu ao aumento vertiginoso de trabalhos remotos, ensino à distância, reuniões on-line, lives etc. Ou seja, a vida/realidade distante se

tornou cada vez mais na atualidade instantes de vida/realidade compartilhada. A sociabilidade contemporânea, conjugando convivência (vivência em presença) e televivência (vivência à distância) se impôs com a pandemia. Realidade do entorno se misturou com a realidade remota. Pode-se afirmar sem medo de errar: com a pandemia nos tornamos efetivamente contemporâneos, porque agora vivemos efetivamente a sociabilidade própria da contemporaneidade (Rubim, 2020a). Difícil imaginar que tal efeito colateral da pandemia desapareça quando ela for superada.

O Brasil vive e sobrevive com dificuldades na cruel cena contemporânea. O presente texto busca refletir sobre a singularidade da inserção brasileira nesse contexto internacional, com especial foco nos enlaces entre política, cultura e políticas culturais, a partir de um conjunto articulado de reflexões, que pretende desvelar tal cenário, sem dúvida, carregado de complexidades, ambiguidades, contradições e tensões.

A observação primordial diz respeito à singularidade da circunstância nacional. A cena internacional, esboçada em rápidos traços, combina hegemonia neoliberal, emergência de neofascismos e suas expressões de violência física e simbólica em diversos lugares do mundo, e pandemia, que contamina o planeta, mas tem sido tratada com seriedade na maioria dos países. O Brasil sobrevive à conjuntura de maneira extremada: tentativas de implementação do ultraneoliberalismo; intentos de implantação da ditadura e peculiar combinação entre pandemia e pandemônio. Esta conformação requer o desenvolvimento da reflexão sobre a singularidade do caso nacional. Nesta perspectiva, o texto recorre a dupla analítica pandemia e pandemônio.

O agendamento da palavra pandemia hoje parece cotidiano e universal. A pandemia dominou a vida e a transformou em radicalidade. Ela se tornou agenda pública e privada de todos. A atualidade se submete a uma palavra de longínqua origem. Pandemia provém do grego

antigo, reunindo "pan", que significa tudo, todos, mais "demos", povo. Diferente da endemia, aumento anormal do número de pessoas contaminadas por uma doença em região determinada, a pandemia se dissemina geograficamente, sai do seu lugar de origem e contamina todo mundo. O prefixo "pan", anteposto a uma palavra, hiperboliza seu significado. O termo se torna onipresente, como agora acontece com pandemia.

Pandemônio, pelo contrário, no Brasil ocupa lugar restrito na cena pública, apesar de assolar brutalmente a realidade e população brasileiras. Poderosas mídias invisibilizam sua visibilidade, apesar da confusão selvagem que ela produz. Pandemonium tem origem inglesa e literária. O poeta John Milton, no poema épico "Paraíso perdido", de 1667, inventou a expressão para nomear o centro gestor do inferno. Ele importou as palavras gregas "pan" (tudo, todos) e "daimon" (divindade menor, demônio). Pandemonium era o palácio em que se reuniam os demônios sob a presidência de Satã. No século XIX, o sentido do termo mudou para "confusão selvagem". Hoje, em uso corrente, virou sinônimo de "bagunça, caos, desordem". Antonio Houaiss dicionariza que pandemônio pode ser empregada como associação de pessoas para praticar o mal. O termo e seu(s) significado(s) apresentam uma atualidade impressionante na cena brasileira.

Viajar pela etimologia das palavras traduz sentidos para uma das tarefas mais essenciais da atualidade brasileira: decifrar os enigmas do país. Entender ódio, desigualdade, autoritarismo, privilégios, escravidão, discriminações, preconceitos, violências, usos das corrupções, negações de direitos, fragilidades das instituições, ataques à civilidade, debilidades da democracia, extrema-direita no poder etc. Compreender como a tragédia brasileira, histórica e atual, pode conviver, não sem tensões, com biodiversidade, natureza exuberante, belas paisagens, diversidade cultural, criatividade, alegria, festividades, cordiali-



dade, tolerância e muitas dimensões civilizatórias. Dilacerantes contradições constituem o Brasil atual.

O complexo enlace entre pandemia e pandemônio sobredetermina, como diria o pensador nada interessante, Louis Althusser, a circunstância brasileira atual. A diabólica conjunção produz uma imensa complexidade para seu conhecimento e seu enfrentamento eficazes. Ela tece uma situação absolutamente singular em termos mundiais. Tal singularidade deveria inquietar à consciência de qualquer ser humano capaz de pensar e de possuir alguma sensibilidade. A combinação perversa de pandemia e pandemônio, ao multiplicar as remissões ao prefixo "pan", resulta em superlativo caos, em confusão intensamente selvagem, que desafia os brasileiros, seu presente, seu futuro e sua civilidade.

O singular panorama nacional não deriva apenas das mais de 600 mil mortes, que coloca o país em segundo lugar na triste estatística planetária da pandemia. O Brasil vive ou sobrevive hoje na pandemia sem política de saúde, sem competência no militarizado Ministério da Saúde, sem gestão sanitária, sem vacinas suficientes, sem efetivo plano de vacinação, com um presidente, transformado em garoto-propaganda de fármaco não indicado por nenhum especialista qualificado, que boicota todas as medidas médicas preconizadas pela Organização Mundial de Saúde e pelo conhecimento científico. Perspicaz, o Manifesto dos Servidores Federais da Cultura começa com a afirmação de que "vivemos muito mais que uma tragédia sanitária". Não bastasse o pandemônio na pandemia, muitos outros fatores incidem na exacerbação da confusão selvagem, que agora dilacera o Brasil.

Não bastasse tudo isso, o presidente, familiares, ministério e aliados produzem, por meio de sua política (ultra)neoliberal, uma brutal crise econômica, anterior à pandemia, que corrompe as condições de emprego e de vida da maioria do povo brasileiro, ampliando a profunda desigualdade social, que contamina o país, e a degradante miséria,

que adocece o Brasil e os brasileiros. A ampliação desmesurada dos privilégios, em um país cheio de privilegiados, é outra face imanente ao (ultra)neoliberalismo.

Não bastasse tudo isso, o bando no poder cria cotidianas crises políticas, através de seu famoso gabinete do ódio. Ele gera agressões cotidianos às instituições e aos adversários, transformados em inimigos a destruir. Ele estimula a simultânea autorização miliciana, explícita ou implícita, para engendrar toda sorte de violências verbais e físicas contra aqueles que pensam diferente do terraplanismo, do negacionismo, do supremacismo e do neofascismo no poder. A intimidação e a destruição da vida civilizada caracterizam o exercício não democrático e não republicano do governo federal.

Não bastasse tudo isso, eles, em sua "guerra cultural" contra a cultura, evocam valores sociais conservadores, retrógrados e moralistas em atitude fundamentalista de imposição de pensamentos e comportamentos intolerantes e avessos a qualquer respeito às diferenças, às alteridades, às diversidades sociais e culturais, ao pluralismo, ao estado laico e à civilidade nas relações humanas. A agenda pública anti-cultural fica contaminada por supremacismos, negacionismos, terraplanismo e outras narrativas ideológicas inviesadas e quase absurdas.

Enfim, o singular enlace da pandemia com o pandemônio fere a atual vida brasileira. Ele aprofunda a destruição da, historicamente frágil, democracia brasileira, agredida pelo golpe midiático-jurídico-parlamentar de 2016 e pelas eleições não democráticas de 2018. Ele corrói as instituições da nação, historicamente instáveis. Ele degrada a civilidade, historicamente débil, das relações humanas no país. O desmonte das normas sociais agrava sobremodo a possibilidade de qualquer previsibilidade dos rumos da sociedade. Com regras fragilizadas, a sociedade se torna presa dos mais fortes, por meio da violência, simbólica e/ou física. Instala-se um vale tudo, no qual qualquer ato se torna possível e todos os absurdos parecem naturalizados. A banalidade

do mal se dissemina. A Casa Grande retorna com aniquiladora força, atuando contra as conquistas e os direitos, duramente alcançados, de relacionamentos humanos mais democratizados.

A conjunção pandemia e pandemônio singulariza o cenário brasileiro em relação ao restante do mundo. A complexidade do cenário nacional, em meio ao difícil contexto internacional, torna-se maior, pela sobreposição múltipla do prefixo "pan": pandemia internacional e pandemônio nacional. O país sofre a pandemia, como todo mundo, mas ela se agrava pelo pandemônio econômico, social, político, ambiental, educacional, científico e cultural atizado pela gestão Messias Bolsonaro.

Como nunca os significados originários da palavra pandemônio ganham atualidade e vida nos tempos sombrios do Brasil atual. Recorrer a tal noção e sua etimologia não emergem aqui como mero recurso retórico e literário, mas como acionamento de uma expressão forte e com potente capacidade analítica para decifrar e desvendar a atualidade brasileira, seus absurdos e tensões.

Sugestivo imaginar que pandemônio, para além da aparência caótica, deriva de processo complexo, que combina o acionamento do caos como estratégia para alcançar metas bem delineadas, ainda que plenas de tensões. O pandemônio não deve ser traduzido como mera ausência de projeto/programa político. Antes ele precisa ser compreendido, sem mais, como instrumento deliberado de refinada estratégia política. Giuliano Da Empoli, ao estudar diversas estratégias desenvolvidas na luta pelo poder em vários países do mundo contemporâneo, afirma que: "o jogo não consiste mais em unir as pessoas em torno de denominador comum, mas, ao contrário, em inflamar as paixões do maior número possível de grupelhos para, em seguida, adicioná-los, mesmo à revelia" (Empoli, 2020, p.21). Tal política "quântica" pode recorrer a posições razoáveis ou absurdas, desde que elas mobilizem as aspirações e os medos dos eleitores, conforme Giuliano De Empoli (p.20).

Nada estranho que a “política quântica” mobilize de modo recorrente o ódio, como demonstrou Patrícia Campos Mello ao analisar as eleições brasileiras de 2018 e a estratégia eleitoral de Messias Bolsonaro (Mello, 2020). Trata-se de transformar adversários em inimigos a destruir, pondo em xeque a lógica adversarial imanente à democracia, de acordo com Chantal Mouffe (2018, p.13-19). Ao substituir esta lógica pela dualidade amigo-inimigo, abre-se a possibilidade do acionamento da violência simbólica e/ou física para destruir adversários tornados inimigos. Cabe recordar que o ódio não foi colocado em cena por Messias Bolsonaro, então um insignificante deputado federal, mas pela estratégia das classes dominantes brasileiras, expressa com destaque na chamada grande mídia, de fabricar intenso ódio ao Partido dos Trabalhadores e seus dirigentes, visando afastá-los de qualquer maneira do poder federal, mesmo ferindo de morte a democracia.

O pandemônio, aparentemente caótico ao produzir crises simultâneas e em variadas áreas, não impede que a gestão Messias Bolsonaro busque atingir suas finalidades políticas de modo insistente. Pelo contrário, ele opera como recurso de poder para alcançar seus principais objetivos declarados, quais sejam: implementação de medidas ultraliberais e implantação de regime ditatorial no país, com o desmantelamento do frágil estado de bem estar social e da débil democracia brasileira, em frangalhos desde o golpe midiático-jurídico-parlamentar de 2016.

O contexto traçado demonstra a situação crítica em que vive o Brasil e sua população. O panorama conjuntural importa para entender com mais rigor o tema privilegiado no texto: cultura e políticas entre a pandemia e o pandemônio na atualidade brasileira. Por óbvio, que o panorama da cultura, especialmente aquela que requer a presença convivencial, foi duramente afetado em todo planeta. Cabe destacar no texto as especificidades culturais brasileiras em decorrência do contexto vivido.

Desnecessário reafirmar a gravidade da situação da cultura no Brasil contemporâneo. De um lado, ela foi duramente atingida pela pandemia, como aliás aconteceu em todo mundo. Com fechamento dos equipamentos culturais, cancelamento das festas populares, suspensão de celebrações cívicas e proibição de espetáculos públicos, a cultura no planeta tornou-se uma das atividades mais cedo interrompidas e certamente uma daquelas de retorno pleno mais tardio. A cultura criada e produzida para ser consumida em espaços presenciais de convivência sofre bastante, juntamente como seus criadores e produtores, muitos deles submetidos a circunstâncias delicadas de sobrevivência. Diversas pesquisas realizadas no período constataram a precariedade do campo cultura e de seus trabalhadores, inclusive com a perda de algo em torno de 700 mil empregos no Brasil.

O abatimento só não foi maior devido à invenção de modalidades novas de expressão da cultura, a exemplo das infinitas lives criadas para mostrar eventos artístico-culturais e debates. Sua inovadora profusão apenas ameniza perdas e danos. Ela nem de longe possibilita uma dinâmica cultural em plenitude. Cabe registrar, como já apontado, que a cultura produzida em tecnologias midiáticas desempenha importante papel em permitir suportar o modo de vida imposto pelo enfrentamento à pandemia, em especial nos momentos de isolamento social mais intenso. Ela viabiliza acesso ao mundo, estimula à imaginação e cuida da saúde mental de pessoas submetidos à diminuição e mesmo à ruptura dos laços afetivos de convivência, que compõem a vida humana.

Na circunstância brasileira, o trágico panorama da cultura não decorreu apenas do impacto da pandemia. Os poderes executivos federal e de alguns estaduais e municipais agravaram intencionalmente tal situação, desde a posse de Messias Bolsonaro em janeiro de 2019, através do descaso e da incompetência no (mal)tratar a pandemia e fabricar o pandemônio. No plano federal, extinguiu-se o Ministério da

Cultura, transformado em mera secretaria, vinculada aleatoriamente primeiro ao Ministério da Cidadania e depois ao Ministério do Turismo. Em dois anos, cinco secretários de cultura ocuparam o cargo, em uma secretaria quase inexistente em termos de atuação, políticas e recursos. Políticas já existentes foram desmontadas e procedeu-se uma deliberada asfixia financeira à cultura (Rubim, 2020).

Para além do desleixo com a área institucional da cultura, o governo federal e sua ala mais programática, autoritária e fundamentalista declararam uma guerra cultural a todas as manifestações político-culturais afinadas com a democracia, a diversidade cultural, o pluralismo político e as culturas identitárias. Censura, repressão e ameaças de violências físicas e simbólicas aos membros do campo cultural se tornam constantes, em visível contraste com o clima de liberdade vivenciado no país até 2016. A guerra cultural da extrema-direita transforma os adversários, necessários à vida democrática, em inimigos a destruir. As culturas, as artes, as ciências, a educação, as universidades e mesmo a comunicação não submissas ao governo passam a ser consideradas inimigas perigosas. Fascismo, supremacismo, negacionismo, terraplanismo, dentre outros, invadem a cena pública. O clima anticultural e a mediocridade se impõem no cenário político-cultural brasileiro na atualidade. A guerra cultural se inspira em formulações da extrema-direita e em correntes fundamentalistas internacionais, bem como em pensamentos nativos, como aqueles gestados na ditadura civil-militar de 1964-1985 (Rocha, 2021).

As contradições e tensões gestadas pelos conflitos, pelos ataques à democracia e às liberdades, pelas agressões à cultura, às artes e às ciências e pela guerra cultural, reforçam a politização do campo cultural brasileiro, já detectada na sua relação com as políticas culturais desenvolvidos a partir do governo Lula e da gestão de Gilberto Gil no Ministério da Cultura, como observou Alexandre Barbalho (2017 e 2018).

A resistência, resiliência e rebeldias culturais emergem na cena política. Lutas, conflitos, mobilizações, protestos e insurgências acontecem em diversas e dispersas circunstâncias tomando tonalidades diferenciadas, muitas vezes pontuais e alguns vezes mais gerais. Autores constataam a politização do campo cultural frente aos ataques e à possibilidade da barbárie. Nas eleições municipais de 2020, apesar dos resultados em sua maioria adversos, várias candidaturas políticas assumiram a cultura, algumas delas vitoriosas. Em suma, o campo cultural tem se mostrado, desde o golpe de 2016 e as eleições antidemocráticas de 2018, um ambiente comprometido com a democracia, a diversidade cultural e as liberdades.

O episódio mais marcante nessa trajetória de lutas até agora respondeu pelo nome de Lei Aldir Blanc, aprovada por quase unanimidade na Câmara dos Deputados e no Senado Federal. A mobilização mais abrangente do campo cultural se articulou com partidos democráticos de esquerda e parlamentares (deputados federais e senadores) e resultou na conquista da Lei Aldir Blanc, visando apoio emergencial aos membros e às instituições culturais, com investimento previsto de três bilhões de reais, um valor superior aos recursos mobilizados pela secretaria nacional de cultura. Cabe assinalar a importância do recurso conseguido para o campo cultural em um cenário e governo tão adversos à cultura.

Mais que isso, necessário anotar outra vitória inscrita na lei: a distribuição dos recursos por meio de estados e municípios, em uma lógica federativa, inspirada no Sistema Nacional de Cultura (SNC), política pública de cultura criada nos governos Lula e Dilma e praticamente paralisada nas gestões de Temer e Messias Bolsonaro. Ainda não parece possível ter uma avaliação completa acerca da efetividade desse processo de distribuição, mas sua conquista em conjuntura tão contrária à cultura não pode deixar de ser considerada uma grande

vitória política do campo cultural e dos setores democráticos da sociedade brasileira.

A dimensão da vitória depende muito dos desdobramentos ensejados pela lei. Como legislação emergencial, ela tem evidentes limites temporais. O enfrentamento efetivo da grave situação atual da cultura no Brasil exige políticas e leis mais permanentes. Nessa perspectiva, emerge como vital a mobilização do campo cultural e da sociedade civil brasileira contra a barbárie e pela democracia, inclusive cultural. Resta saber se a luta pela conquista da Lei Aldir Blanc pode servir de catalizador para novos e mais persistentes movimentos e se a sociedade brasileira será capaz de barrar a barbárie e construir a democracia substantiva tão essencial ao presente e futuro do Brasil.

## Referências bibliográficas

BARBALHO, Alexandre. Em tempos de crise. O MinC e a politização do campo cultural brasileiro. In: Políticas Culturais em Revista. Salvador, 10 (1):23-46, jan./jun. 2017.

BARBALHO, Alexandre. Política cultural em tempo de crise: o Ministério da Cultura no Governo Temer. In: Revista de Políticas Públicas. São Luiz, 22 (1): 239-260, 2018.

BENJAMIN, Walter. Tesis de filosofía de la historia. In: Ensayos escogidos. Buenos Aires, Sur, 1967, p. 43-52.

COSTA, Iná Camargo. Dialéctica do marxismo cultural. São Paulo, Expressão Popular, 2020.

EMPOLI, Giuliano da. Os engenheiros do caos. São Paulo, Vestígio, 2020.



LÖWY, Michel. Dois anos de desgoverno. Ascensão do neofascismo. In: <https://aterraredonda.com.br/dois-anos-de-desgoverno-a-ascensao-do-neofacismo>. Acessado em 01 de março de 2021.

MELLO, Patrícia Campos. A máquina do ódio. São Paulo, Companhia das Letras, 2020.

MOUFFE, Chantal. Por um populismo de esquerda. São Paulo, Autonomia Literária, 2018.

ROCHA, João Cezar de Castro. Guerra cultural e retórica do ódio. Goiânia, Editora Caminhos, 2021.

ROCHA, João Cezar de Castro. Guerra cultural bolsonaristas – A retórica do ódio. In: <https://estado-da-arte.estadao.com.br/guerra-cultural-bolsonarista-retorica-do-odio/>

ROCHA, João Cezar de Castro. O verbo dominante nos vídeos dos intelectuais bolsonaristas é eliminar. E o substantivo é limpeza (entrevista). In: <https://www.jornalopcao.com.br/entrevistas/o-verbo-dominante-nos-ideos-dos-intelectuais-bolsonaristas-e-eliminar-e-o-substantivo-e-limpeza>.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. Depois da pandemia seremos contemporâneos (ou até pós-contemporâneos). In: *Conversatório Cultural* – [www.cult.ufba.br/wordpress](http://www.cult.ufba.br/wordpress).

RUBIM, Antonio Albino Canelas. La acción político-cultural de la administración Messias Bolsonaro. In: *Alteridades*. México, (60):9-20, 2020 – [www.alteridades.izt.uam.mx/index/Alate/issue/view/66](http://www.alteridades.izt.uam.mx/index/Alate/issue/view/66)

STEFANONI, Pablo. El teórico de la conspiración detrás de Bolsonaro. Olavo de Carvalho y la extrema derecha en Brasil. In: *Nueva Sociedad*,

janeiro, 2019 <https://nuso.org/articulo/conspiracion-bolsonaro-olavo-carvalho/>

VARELLA, Guilherme e BRANT, João (2020). Do Estado da Cultura ao Estado anticultural. In: CASTRO, Jorge Abrahão de e POCHMANN, Marcio (orgs.) Brasil: Estado social contra barbárie. São Paulo, Editora da Fundação Perseu Abramo, p.523- 538.

# **Pandemia e devir histórico**

Tiago Quiroga

## **Introdução**

De modos diversos, a midiaticização tem sido objeto de investigação em diferentes contextos acadêmicos, segundo distintas matrizes epistemológicas e geográficas. O crescimento do interesse no tema, particularmente nas ciências sociais, reflete o amplo impacto da comunicação midiática nos diferentes tipos de sociedade, em especial no período que marca a virada do século XX para o XXI. Mais especificamente, pode-se dizer que a midiaticização vem sendo pensada de forma seminal desde o início da década de 1980, a partir do reconhecimento dos diferentes engendramentos tecnológicos e comunicacionais no conjunto das práticas políticas e culturais na contemporaneidade. Como exemplo de tal diversidade encontramos a midiaticização associada a perspectivas

como: a) nova forma de vida (Sodré, 2002); atmosfera existencial constituindo uma nova ambiência social (Gomes, 2017); b) manifestação de exteriorização de sentidos mediante processos sócio-técnico-discursivos, segundo a vertente da sócio-semiótica (Verón, 1998); c) ambiência na qual se engendra nova atividade circulatória de sentidos (Fausto Neto, 2008, 2010; Verón, 2001); d) matriz geradora de processos, de circuitos interacionais e de "sistemas sociais de resposta" (Braga, 2006, 2007, 2011); e) ponto de vista institucionalista que examina suas influências sobre práticas sociais diversas, bem como a disseminação medial que se estende por todo o tecido social (Hjarvard, 2008; Krotz, 2007; Lundby, 2009; Mazzoleni, Schulz, 1999; Meyen, 2009; Schulz, 2004; Strömbäck, 2008); f) relações com a constituição e o funcionamento de instituições sociais (Hjarvard, 2014); g) efeitos da circulação discursiva sobre transformações sociais (Carlón, 2015); h) especificidade de sua natureza como dispositivos sócio-técnico-discursivos, de caráter midiático (Ferreira, 2007); i) suas relações com estudos de matrizes da mediação, especialmente sob a perspectiva culturalista (Couldry, 2008), etc. Ora, entre as variadas abordagens que então envolvem o fenômeno podem ser mencionadas aquelas que destacam a produção de uma cultura de tendência virtualizante como consequência direta da centralidade dos dispositivos de comunicação (Tavares D'Amaral, 2015). Trata-se do virtual como polo dinamizador de práticas políticas e culturais contemporâneas, que passam a gravitar em torno do regime de eficácia. Orientado pelas lógicas de rendimento, assim como pelas promessas de um ideal de potência ilimitada, tal regime faz do futuro um verdadeiro sistema de causalidade do tempo presente. Fundada na ética da eficiência, a legitimidade de tais práticas já não remete ao passado, mas ao pragmatismo da cultura dos efeitos, em que o futuro, fonte do inelutável, atua desde uma projeção retroativa sobre o tempo presente, fazendo com que se estabeleça como uma das principais métricas da cultura de resultados. Em parte, tal condição é aquela que explica a disseminação de racionalidades fundadas nos flu-

xos temporais de antecipação, que instituem o futuro como verdadeira inteligibilidade do tempo presente. Segundo Tavares D’Amaral (2015), a coerência do virtual pode ser bem entendida se retomarmos a figura da semente de um carvalho em Aristóteles. Para o filósofo grego, o a semente é o carvalho em potência, ou seja, se tal semente prospera, teremos sempre um carvalho e nunca outra coisa. “Não um girassol, um rinoceronte, um beija-flor. (...) A semente não é, portanto, virtualmente um carvalho. Ela o é realmente. Pertence ao mesmíssimo plano de realidade que o carvalho. Não é apenas possível que ela venha a ser um carvalho. Ela já o é. Em potência” (Tavares D’Amaral, 2015, p.65). Entretanto, para que a semente se torne um carvalho ela precisa do ato, ou seja, o carvalho que da semente se dá. Assim, para que se torne Real, a potência precisa do ato. Não apenas para que saia de sua condição originária, mas, sobretudo, porque o carvalho é também aquilo que gera novas sementes e permite que tal ciclo se mantenha. Trata-se da dialética em que o ato, como outro da semente, é efetivamente o que permite que ela aconteça, isto é, que se torne um carvalho. Em síntese, o ato é o que permite uma conclusão, mesmo que infinitamente provisoría, ao ciclo em questão.

Todavia, diferente da dinâmica mencionada por Aristóteles, a lógica do virtual já não tem conclusão. Isso porque não vive de qualquer dialética que implique o ato como um outro da potência para que conquiste seu valor de verdade. O que define o virtual é a promessa de realização sem fim de uma potência ilimitada que, a rigor, não é por nada precedida, assim como já não implica a alteridade do ato para que ganhe inteligibilidade. No virtual misturam-se as noções de potência e possibilidade em que a primeira não apenas não é o estado de uma força específica (a semente já não é necessariamente o carvalho em potência), como acaba por se transformar em possibilidades sem fim de qualquer outra coisa. Ou seja, se em Aristóteles a diferença entre o real e a possibilidade é que esta última se subtrai ao primeiro por sua capacidade de ilimitação – afinal, “o possível (...) é mais do que sim-

plesmente real, porque excede e sempre sobra em relação a qualquer real dado" –, ao mesmo tempo, potência não é da ordem do possível, mas do real (a semente é potência do carvalho e não de outra coisa). Entretanto, no regime do virtual, elas se misturam e a noção de potência passa a estar dada no ideal de possibilidade. Segundo Tavares D'Amaral (2015), é como se "estivéssemos num regime de pensamento em que primeiro vem a potência" (p.65) a qual, acrescida da noção de possibilidade, instaura a crença de um Real que pode ser ou se tornar qualquer coisa. Por isso, afirma Tavares D'Amaral (2015, p.65), quando pensamos "que a potência acabou por ter, hoje, a qualidade do possível, de um, qualquer, real possível (...), teremos a estrutura do que tem sido chamado de *virtual*". Por isso, a elasticidade do termo, ou seja, a promessa ilimitada de realização sem fim como estrutura básica da narrativa digital.

Signo emblemático de tal condição histórica são as células-tronco embrionárias. Resultado do amálgama potência-possibilidade, elas definem o virtual como um variado complexo de infinitas possibilidades, que parece não se submeter a qualquer alteridade de tempo, que não seja o próprio futuro. Em outras palavras, o virtual constitui-se hoje uma experiência predominante de tempo que implica necessariamente a participação constante do futuro como modo de ser no presente. Por seu intermédio comparecem os benefícios de um por-vir que já está entre nós, ou seja, por meio da cultura de virtualidade se pratica o futuro no tempo presente. É ela, portanto, que mantém o futuro como fundamento da atualidade nas suas mais variadas direções. Trata-se, em suma, de uma mudança paradigmática, "uma inversão brutal na relação, que nos foi milenarmente ensinada, de causa e efeito. Como se a causa não mais antecedesse o efeito no tempo real, do passado para o tempo presente, (...) mas do futuro para o presente" (Tavares D'Amaral, 2015, p.67). Ainda que paradoxal, uma vez que o por-vir remete ao que ainda não chegou, a lógica da promessa sem fim, que a rigor prescinde de qualquer realização, mas não do incremento da própria promessa,

passa a estar dada na eloquência dos regimes de antecipação e programação. No contexto da eficácia o futuro radicaliza sua condição de um dos mais importantes dispositivos de poder em nossa atualidade (Agamben, 2017).

## **1. O retorno do devir-histórico**

A hipótese desenvolvida no presente texto é a de que a irrupção do coronavírus se constitui um ponto de inflexão à lógica de modulação do tempo presente. Se até então estivemos imersos numa verdadeira economia libidinal de dados (Han, 2015), signo do aprimoramento de um futuro finalmente contábil, cujos dispositivos de previsibilidade pareciam nos convencer acerca da desrealização de qualquer devir histórico, a pandemia parece não apenas recolocar sua dimensão de indeterminação, despregando-o das lógicas do risco (Beck, 2011) em que esteve racionalizado pelo menos nos últimos 30 anos, como também reacendendo o passado na condição de causa do tempo presente. Em outras palavras, um dos efeitos mais impactantes da covid-19 parece ter sido a fissura de uma racionalidade de futuro constituída desde sua dimensão inelutável, que por meio da noção de risco não apenas consolidou regimes de programação como *modus operandi* do tempo presente, mas, sobretudo, um sentimento de resignação generalizado. De fato, a eclosão do vírus parece derreter a plasticidade de um futuro limitado ao incremento tecnológico, cuja capacidade de racionalizar o indeterminado esteve predominantemente orientada pela cultura do risco. Como irrupção da natureza, a Covid-19 parece impor novamente não apenas o futuro como indeterminação, mas a própria possibilidade de voltar a imaginá-lo, ou seja, de recolocá-lo como um tempo outro, segundo uma alteridade que nos desinstale do presente contínuo do tempo real, permitindo outras mediações com o tempo por-vir. Concomitantemente, imaginar o futuro desde a perspectiva de uma alteridade real, implica reavivar o passado como causa do tempo presente.

Em outras palavras, o fato de imaginarmos que o tempo por-vir pode ser outro, significa lembrar que teria sido diferente em outro momento, e que tais diferenças, de certa maneira, guardam alguma relação com o que vivemos hoje. Dito de outra maneira, o derretimento do futuro inscrito no tempo contínuo da informação sugere recuperar a história do exílio que o pós-modernismo parece ter lhe dedicada nas últimas décadas. Nesse caso, se a pandemia reinscreve o futuro como indeterminação que escapa aos regimes de programação, abrindo então a possibilidade de que possamos imaginá-lo novamente, algo semelhante parece acontecer com o passado, que, aparentemente, volta como fonte de ruptura concreta no tempo presente. Significa dizer, portanto, que a pandemia parece reabilitar não apenas o futuro como experiência de por-vir que extrapola os domínios tecnológicos, mas, sobretudo, a própria história como fonte de transformação dos mapas culturais e políticos da contemporaneidade. Em síntese, o acontecimento parece remeter ao que seria o retorno do devir-histórico à cena política e cultural contemporânea.

Considerado um dos fundadores da inteligibilidade do século XIX, Hegel (1770-1831) afirma, em *A ciência da lógica* (2012), que o devir da história (a verdade na ordem do tempo) é o resultado da permanente tensão entre o *que é e o que não é*. Embora aparentemente separados pelo movimento dialético eles experimentam uma unidade, que na realidade sempre existiu, ainda que no campo das aparências figurem separados. Para ele, na tensão entre o *ser e o nada* "cada um (...) desaparece no seu oposto", sendo esse o próprio devir da história (Châtelet, 1985, p.52). De fato, em boa parte da tradição filosófica ocidental diversos foram os esforços em manter tal separação, aprisionando o devir-histórico a modelos inteligíveis que estiveram na base do conjunto de funcionamentos sociais. A rigor, talvez pudéssemos dizer que grande parte de tal tradição resulta exatamente dos contínuos esforços em atualizar tal separação, mantendo o Nada numa *exclusão inclusiva* em relação ao Ser, ou seja, *capturado fora* como o outro da Razão (Agam-



ben, 2010). Tal operação resultou na tragédia ática, ocasião em que se desenvolve a hierarquia *mundo e Terra*, a qual responde pela estruturação do princípio interno que dá unidade ao universalismo ocidental. O acontecimento também se refere ao período moderno, ocasião em que a hierarquia mundo e Terra se desenvolve segundo uma *filosofia natural* cuja vestimenta aplicativa centrou-se progressivamente junto às pretensões de *exploração* (e desenvolvimento de leis) da natureza. E, por fim, pode-se mencionar também nossa atualidade, a era dos humanos, período em que se observa a passagem de uma racionalidade científica inicialmente voltada para a utilização de matéria-prima presente na própria natureza, para aquela em que o próprio homem passa a produzir os materiais que antecedem e servirão de insumos às suas mais variadas fabricações. Nas três situações, portanto, tem-se exemplos da tradição cultural que se desenvolve desde a hierarquia entre mundo e Terra e que implicou plasmar o devir-histórico em modelos específicos de inteligibilidade.

Tal trajetória, naturalmente, não é linear, muito menos progressiva. De outra maneira, em distintos momentos, a tradição filosófica mostra que a própria compreensão da natureza sofre diversas variações. Nossa hipótese é a de que, hoje, estamos em mais uma delas. Com a eclosão da pandemia, a hierarquia mundo e Terra parece se esvaír, nesse caso, muito particularmente pela reintrodução da morte no mundo, provocada pelo coronavírus. Dito de outra forma, como manifestação da natureza, a covid-19 produz a desrealização de tal hierarquia, reintroduzindo a morte na vida. Daí o cenário de angústia generalizada. Vida e morte encontram-se novamente embaralhadas. A pandemia remete à “presença da vida na morte, da plenitude na limitação, da criatividade na dependência” (Carneiro Leão, 2002, 211). Desprovidos, ainda que momentaneamente, de remédio que nos cure do vírus, sentimos a impotência de um mundo que há pouco anunciava o controle do futuro. Impossibilitada de manter a Terra fora do mundo, a ciência sofre grande abalo em sua lógica de modulação do tempo presente,

cujos dispositivos de previsibilidade nos faziam acreditar na suposta desrealização de qualquer devir histórico. Em suma, a desrealização da hierarquia mundo e Terra é a mesma que desfaz a separação, por Hegel (2012) mencionada, entre as coisas que são e aquelas que não são, entre positivo e negativo. Com isso, reintroduz-se um princípio de *negatividade*, inerente à imanência do tempo, que deixa de estar exclusivamente plasmado ao princípio de aceleração que caracteriza a economia digital. Daí o retorno do devir-histórico à cena contemporânea.

Como exemplos, portanto, que espelham a hipótese em questão trataremos de duas situações específicas. A primeira delas remete ao debate introduzido pela era do Antropoceno, termo que vem sendo utilizado para definir nossa atualidade, em que se renovam as noções de futuro e passado como fonte de inteligibilidade do tempo presente. Caracterizada pelos desequilíbrios naturais provocados pela ação humana, tal era pode ser pensada como causa da pandemia, ou seja, o vírus resulta efetivamente do tipo de desenvolvimento que tem caracterizado as últimas décadas do século XX e o início do século XXI. Da mesma forma, o debate que envolve o Antropoceno carrega imensa carga de futuro, uma vez que entre os desafios postos por tal nomenclatura encontra-se o paradigma da *finitude* em relação aos recursos naturais e, por extensão, aos nossos próprios corpos. Dito de outra maneira, no caso específico da covid-19, a era dos humanos avança sobre matas e florestas, intensificando o aumento de doenças infecciosas emergentes, em especial aquelas provocadas por patógenos causadores de zoonoses (Quiroga, 2021). Entretanto, além das medidas sanitárias que buscam remediar o ocorrido, ou seja, gerar mais efeitos, a pandemia implica repensar o futuro a partir da urgente revisão da própria tradição cultural que concebe as energias da natureza como disponibilidade. Voltaremos ao tema. O segundo exemplo, de caráter socioeconômico e que envolve a retomada das noções de passado e futuro na cena política contemporânea, trata da emergência do *lawfare* como um dos mais importantes fenômenos políticos de nossa época.

Desdobramento do Estado como dispositivo neoliberal, ele resulta da subversão dos usos do direito que faz com que ele não já se defina como delimitação dos usos da força, mas, ao contrário, se constitua peça central da própria utilização da força, nas lógicas de guerra, que passam a orientar o funcionamento do estado de direito. A partir de então, o *lawfare* se constitui um importante agente na construção de sociedades pós-democráticas (Dardot, Laval, 2016), exigindo que voltemos a pensar a política para fora da experiência sem causa do tempo real, que reduz a prática civil à ética gerencialista e empresarial, tornando-a cada vez mais suscetível às guerrilhas psicológicas e culturais como importantes marcas de nosso tempo. Sobre isso nos dedicamos a seguir.

## **2. A era do Antropoceno**

Christoph Wulf, em um de seus mais recentes livros, introduz questão de grande relevância acerca de nossa contemporaneidade: “hoje estamos vivendo no Antropoceno, a Era dos humanos. É uma era marcada pela influência destrutiva dos seres humanos no planeta em todos os tipos de áreas. Estamos subjugando a natureza, explorando-a imprudentemente para nossa própria vantagem e, ao fazê-lo, estamos destruindo, em grande parte, os próprios fundamentos de nossas (...) vidas” (Wulf, no prelo, p.3). De acordo com o antropólogo, embora careça de consenso, já se observa um conjunto considerável de pensadores que defendem a expressão como forma de destacar os efeitos da ação humana sobre a Terra como particularidade histórica.<sup>1</sup> De fato, indiferente à condição

---

1 Segundo Wulf (no prelo, p.4), “Embora a União Internacional de Ciências Geológicas, após longas deliberações, tenha decidido que a época atual ainda é o Holoceno, de uma perspectiva antropológica e cultural-científica, [parece] (...) bastante razoável falar do Antropoceno ao descrever o significado dos enormes efeitos dos seres humanos no planeta”.

velada, mas não inativa da natureza, nosso tempo é aquele que avança na produção de “mudanças climáticas, na destruição da biodiversidade, na aniquilação de energia não renovável e na poluição do meio ambiente” (p.3). O resultado tem sido o constante desequilíbrio e a degradação ecológica em níveis globais. Falamos, portanto, do Antropoceno como conjuntura histórica que radicaliza a entronização da natureza como dis-ponibilidade (Heidegger, 2001). Na esteira de Heidegger, nossa época é aquela que parece estar convencida de que o homem dis-põe da natureza, de que sua constituição se apresenta invariavelmente como um conjunto ou sucessão de dis-posições, cuja principal característica é atender às pretensões humanas de domínio e exploração. A abordagem a define segundo o mecanismo de fornecimento de energia no qual segue itinerário sempre igual: extrair, transformar, estocar, distribuir, reprocessar (Heidegger, 2001). Nesses termos, a natureza é dis-positivo integrado a um conjunto de mecanismos de produção de energia do qual ela não está separada, sendo antes parte dessa engrenagem produtiva, cujo objetivo é servir o homem. Trata-se, enfim, da compreensão que não apenas explora, mas, sobretudo, entende as energias da natureza como dis-ponibilidade (p.22). Para Wulf (no prelo, p.3), todavia, o paradoxo é que, se por um lado intensificamos um certo ideal de controle sobre a natureza, por outro, a covid-19 tem nos colocado frente a frente “com as limitações de nossa [própria] capacidade de dominar o mundo, nossa vulnerabilidade e mortalidade”. Diferente da suposta autonomia que acreditamos ter em relação à natureza, o coronavírus tem mostrado, argumenta Wulf (p.3), “quão pouca ‘autonomia’ temos em nossas vidas humanas e quão dependentes somos da natureza e dos desenvolvimentos sobre os quais não temos controle”. É preciso, sugere o antropólogo, problematizar um certo ideal de autonomia humana cujo ímpeto desenvolvimentista tem gerado destruição em larga escala. Tal crítica é endossada por práticas de saber e de enunciação da verdade que correspondem às mais variadas formas territorial e culturalmente determinadas (Sodré, 2012). É o caso dos povos da floresta, que parecem

retomar lugar de destaque, dadas especialmente as consequências da covid-19 no cenário contemporâneo. Assim como outros grupos sociais, eles engrossam a tese de que o SARS-Cov-2 remete a um tipo de desenvolvimento cultural dissonante da natureza. Visto por tais povos como efeito direto da era dos humanos, o coronavírus resulta do modelo antropocêntrico marcado pela ideia de natureza como fonte de recursos inesgotáveis. Sem qualquer negatividade ou cosmologia, natureza aqui se resume à condição de base energética da qual depende toda a produção global. Inanimada, ela se reduz a um conjunto de propriedades físicas, finalmente cognoscíveis, limitada à condição de objeto para o manejo humano. Segundo Aílton Krenak,<sup>2</sup> uma das lideranças indígenas mais importantes do Brasil, é preciso, todavia, rever a compreensão de que é o homem a medida de todas as coisas. Para ele, dessa máxima tem-se originado um desprendimento da Terra inadmissível, uma abstração civilizatória que “suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos. Oferece o mesmo cardápio, o mesmo figurino e, se possível, a mesma língua para todo mundo” (Krenak, 2019, p.12). Krenak denuncia a inteligibilidade de um progresso sem fim, que não apenas avança sobre as florestas, mas que reifica a indiferença quanto aos saberes e cosmologias de que os povos da floresta são portadores e que constituem importantes formas de mediação em tais ecossistemas. “Devíamos admitir a natureza como uma imensa multidão de formas, incluindo cada pedaço de nós, que somos parte de tudo: 70% água e monte de outros materiais que nos compõe. E nós criamos essa abstração de unidade, o homem como medida de todas as coisas, e saímos por aí atropelando tudo, num convencimento geral até que todos

---

2 “Ativista do movimento socioambiental e de defesa dos direitos indígenas, organizou a Aliança dos Povos da Floresta, que reúne comunidades ribeirinhas e indígenas na Amazônia. É um dos mais destacados líderes do movimento que surgiu durante o grande despertar dos povos indígenas no Brasil, que ocorreu a partir da década de 1970. Contribuiu também para a criação da União das Nações Indígenas (UNI)” (Krenak, 2020).

aceitem que existe uma humanidade com a qual todos se identifiquem, agindo no mundo à nossa disposição, pegando o que a gente quiser” (p.33).

Ora, um dos resultados práticos mais significativos de tal denúncia é o aumento de doenças infecciosas emergentes, particularmente aquelas provocadas por patógenos causadores de zoonoses. A proposição é bem apresentada pela antropóloga Els Lagrou,<sup>3</sup> em recente artigo acerca da possível origem do coronavírus. Em sua opinião, uma das hipóteses científicas mais bem aceitas é a de que a origem do vírus seria uma espécie de morcego (horseshoe bat) que vive nas florestas chinesas. A hipótese está baseada no sequenciamento genético do genoma do vírus da covid-19, que sugere que ele estaria mais próximo do morcego do que do pangolim, espécie de tatu asiático, também muito consumido como iguaria e remédio pela população chinesa, considerado outro possível hospedeiro para o vírus. Segundo Lagrou, a questão se refere ao que denomina *zoonotic spillover*, ou seja, o conjunto de viroses que resulta de espécies selváticas e que decorre do tipo de desenvolvimento que temos empreendido até aqui. Para ela, o coronavírus é apenas um exemplo de “outras epidemias recentes como a malária, a aids e a febre amarela [que] foram resultado do *spillover* entre floresta e cidade” (Lagrou, 2020, s.p.). De acordo com a antropóloga, a rigor, independentemente do hospedeiro exato ou do país ou local em que eventualmente seja localizado, o problema diz respeito ao tipo de desenvolvimento global que temos empreendido até o momento. Trata-se de um modelo que não apenas incide sobre o aumento do encurtamento da distância entre cidades e florestas e todas as consequências que daí decorrem, mas também na radicalização cultural em

---

3 Professora titular de antropologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Docente e pesquisadora no Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA/UFRJ).

que a natureza figura como mero objeto a subsidiar ideais desvairados de um modelo civilizatório essencialmente predatório.

A questão, portanto, antes de ser estritamente sanitária, é antropológica e diz respeito às “complexas relações entre humanos e animais, Natureza e Cultura, cidade e floresta” (Lagrou, 2020, s.p.). Os problemas epidemiológicos se referem, observa a autora, ao incremento de “agentes patogênicos, que convivem de forma simbiótica com seus hospedeiros animais, [mas] que podem representar diferentes graus de perigo para os humanos, dependendo da cultura ou sociedade” (s.p.). No caso dos povos da floresta, os saberes acerca do potencial patogênico dos animais – que vivem em habitat e são portadores de hábitos que precisam ser respeitados – organizam “regras de dieta e de negociação com a caça” (s.p.) para que ela não se volte contra os caçadores. Trata-se aí do reconhecimento de saberes que constituem uma relação com o universo da floresta, “habitado por uma multiplicidade de espécies que são sujeitos e negociam seu direito ao espaço e à própria vida” (s.p.). Além de qualquer centralidade do humano, tal “cosmopolítica (...) consiste em matar somente o necessário e em negociar com os donos das espécies ou com os próprios duplos dos animais” (s.p.). Em síntese, afirma a autora, os povos da floresta têm a “aguda (cons)ciência de que para viver é preciso matar e de que toda ação, toda predação, desencadeia uma contrapredação” (s.p.).

Ora, não fazemos aqui uma comparação *stricto sensu* entre culturas. Lévi-Strauss, Franz Boas, Malinowski já nos deram elementos suficientes para compreender que, do ponto de vista cultural, não há princípio de hierarquia entre as diferentes formações simbólicas. Também não defendemos a ideia de que o coronavírus seja uma vingança da natureza. De todo modo, insistimos na problematização de um tipo de desenvolvimento civilizatório cuja compreensão da verdade é culturalmente determinada pela ideia de domínio e exploração da natureza. Como se vê nas ideias de Lagrou, a deflagração do coronavírus está diretamente atrelada a esse

tipo de compreensão em que se reduz a Terra à condição de matéria-prima para a exploração humana. Tal compreensão não apenas encurta as distâncias entre florestas e cidades, deixando de reconhecer os saberes e cosmologias aí envolvidos, mas, objetivamente, diminui as "áreas (...) onde os hospedeiros dos agentes patogênicos conviviam com o vírus de modo que este não lhes causava doenças, nem transmitia para os seres humanos" (Lagrou, 2020, s.p.). Daí a importância de repensarmos um tipo de comportamento humano, cuja relação com a natureza implica a suposta centralidade do homem. A rigor, afirma Krenak (2020, p.7), a natureza pode muito bem seguir seu caminho sem a presença humana: "o vírus não mata pássaros, ursos, nenhum outro ser, apenas humanos. Quem está em pânico são os povos humanos e seu mundo artificial, seu modo de funcionamento que entrou em crise". Segundo a liderança indígena, uma das questões centrais colocadas pela era dos humanos é pensar que "não somos o sal da terra. Temos que abandonar o antropocentrismo; há muita vida além da gente, não fazemos falta na biodiversidade" (p.7). Por isso, a urgência de avaliarmos tal suposta centralidade; a rigor, ela não tem servido a outro motivo senão continuar explorando irresponsavelmente os recursos naturais. A questão é urgente, argumenta Krenak (p.5), porque "hoje estamos todos diante da iminência da Terra não suportar nossa demanda". No limite, é de refletir sobre os impactos causados por nossa própria prepotência que se trata agora. Como enfatiza Krenak (2019, p.23), "a conclusão ou compreensão de que estamos vivendo uma era que pode ser identificada como Antropoceno deveria soar como um alarme nas nossas cabeças. (...) Se nós imprimimos no planeta Terra uma marca tão pesada que até caracteriza uma era (...) [significa que] estamos exaurindo as fontes de vida que nos possibilitaram prosperar e sentir que tínhamos uma casa comum que podia ser cuidada por todos".



## **Lawfare:** efeito político neoliberal

O segundo caso envolvendo o retorno do devir-histórico à cena política contemporânea pode ser observado a partir das recentes reflexões realizadas por Christian Laval e Pierre Dardot (2016) em *A nova razão do mundo*. Nessa obra os autores fazem um acurado diagnóstico envolvendo a atualidade do liberalismo econômico. Partindo do pressuposto de que ele não pode ser compreendido senão em sua dimensão histórica, apresentam as particularidades que marcam o neoliberalismo como atual forma econômica predominante. Dentre tais características destaca-se muito especialmente a compreensão acerca do funcionamento do Estado em nossa época. Muito diferente da sua fobia, que remonta ao *laissez-faire* do final do século XIX e início do século XX, dizem os autores, hoje devemos observar como o Estado é convocado a participar ativamente da chamada economia de mercado. A rigor, argumentam, talvez não pudéssemos falar de neoliberalismo sem a intensa intervenção do Estado na economia. Naturalmente, já não se trata de qualquer intervenção, em que o Estado age orientado, por exemplo, pelos pressupostos do bem-estar social, mas, de um tipo de intervenção de natureza jurídica em que o Estado intervém como fiador do próprio funcionamento de mercado. Segundo Dardot e Laval, a questão não é exatamente nova e, ainda que a ontologia naturalista de Herbert Spencer, um dos principais guardiões do liberalismo clássico do final do século XIX, defendesse a espontaneidade da concorrência econômica como um princípio biológico, ou seja, tal como na natureza em que impera a luta pela sobrevivência, haveria também, na economia de competição, um princípio de equilíbrio e evolução que convinha preservar com a menor intervenção possível do Estado, tal princípio não se manteria sem uma presença do Estado. Em outras palavras, o liberalismo dogmático não poderia sobreviver sem o Estado. De acordo com os autores, ainda que se denominasse um sistema baseado na autorregulação, o *laissez-faire* não existiria se não fosse resultado de

uma política planejada, deliberada e que implicava “enorme aumento das funções administrativas do Estado, (...) dotado de uma burocracia central, capaz de cumprir tarefas estabelecidas pelos partidários do liberalismo” (Dardot, Laval, 2016, p.64). Em outras palavras, o *laissez-faire* nunca foi exatamente algo natural; a rigor, talvez pudesse nem ter existido “se as coisas tivessem sido simplesmente abandonadas a si mesmas” (p.64). Em suma, para que as sociedades liberais pudessem existir e se estruturar de acordo com o princípio da mercadoria, “a intervenção do Estado [sempre foi] indispensável, não apenas no plano legislativo, para fixar o direito de propriedade e contrato, mas também no plano administrativo, para instaurar nas relações sociais regras múltiplas necessárias ao funcionamento do mercado concorrencial e fazer com que sejam respeitadas” (p.64).

Em termos históricos, uma das marcas mais explícitas da não desvinculação entre Estado e mercado corresponde ao que Karl Polanyi (apud Dardot, Laval, 2016, p.66) denomina “intervenções de funcionamento do mercado”. Espécie de terceira opção ao que seria a dupla ação do Estado (Polanyi, 2021) – que atuava instituindo mecanismos que, por um lado, incentivassem a criação de mercado e, por outro, o limitassem –, tais intervenções caracterizam o início de um tipo particular de atuação do Estado junto ao atual capitalismo concorrencial. Na ocasião, já parece estar claro um tipo de procedimento frequente nos governos liberais cujo objetivo era “assegurar a autorregulação do mercado (...) [fazendo] com que o princípio de concorrência [fosse] respeitado” (Dardot, Laval, 2016, p.66). A constante intervenção do Estado como importante agente econômico começa, todavia, a ficar mais contundente a partir do seminário Walter Lippmann, realizado em Paris, em 1938. Embora tenha gerado desdobramentos relevantes, que se sucederam na criação da Sociedade Mont-Pèlerin, em 1947, o seminário é considerado um marco do que seria o neoliberalismo contemporâneo. Ainda que diversas, as teses que nele emergem são consideradas fundadoras das concepções que orientam o modelo atual

de funcionamento econômico (Dardot, Laval, 2016). Delas cabe destacar as ideias defendidas por Louis Rougier, organizador do colóquio, e Walter Lippmann, homenageado no encontro. Acrescidas das contribuições austro-americanas de Hayek e Von Mises, além do próprio ordoliberalismo alemão, tais ideais constituem a base do neoliberalismo atual. A partir delas nasce o que vai se chamar de um liberalismo progressista, extremamente crítico ao liberalismo clássico – ainda que se salvem as defesas de Hayek e Von Mises do *laissez-faire* – e sua atitude abstencionista em relação a qualquer tipo de intervenção do próprio Estado na economia. Participantes do colóquio, como Rougier, se posicionam a favor de uma política liberal ativa, ou seja, diferente daquele modelo, ele defende que a concorrência só poderia ser assegurada artificialmente. De acordo com o organizador, em oposição aos entraves gerados pelo conservadorismo do *laissez-faire*, tratava-se agora de re-fundar o liberalismo por meio de uma atitude positiva em relação à economia em que o próprio Estado deveria intervir juridicamente para garantir as condições de bom funcionamento do mercado. Nesse caso, a concorrência já não seria garantida naturalmente, mas, sobretudo, mediante um quadro legal, cuja acuidade e diligência permitissem que seguisse seu caminho de desenvolvimento ilimitado. Segundo Rougier, a dinâmica econômica era dada na ordem institucional, portanto, longe de se abster, esta última deveria intervir minuciosamente para que se alcançassem as condições de um adequado funcionamento econômico. Em resumo, a economia seria fundamentalmente determinada pelo direito e não apesar do direito.

O novo ideal de emancipação é reforçado por Walter Lippmann, que endossa a perspectiva de um liberalismo ativo e progressista, cuja intervenção jurídica do Estado passa a ser fundamental para garantir as inenarráveis e permanentes adaptações que o capitalismo, espécie de destino histórico, nos colocaria. Para Lippmann, já não se tratava de conceber o processo de concorrência como natural, mas como uma “máquina que exig[ia] vigilância e regulação constantes” (Dardot, Laval, 2016, p.88), o

que justificava a necessidade da intervenção jurídica, isto é, a “defesa do papel criador da lei, em particular no campo da ação econômica” (p.93). Para ele, na democracia, reinava a lei. Mais do que isso, tendo em vista que estava inserida no modelo econômico neoliberal, marcado pela lógica da mudança constante, a própria lei deveria ser alterada sempre que necessário. Ou seja, dado que a concorrência resultava necessariamente da permanente instabilidade e, ao mesmo tempo, devia ser assegurada artificialmente, seria preciso mudar as normas sempre que necessário para garantir o desenvolvimento econômico. Entretanto, diferente do direito romano, centrado na emanção de um poder transcendente, soberano, que orienta o conjunto das condutas, as sociedades liberais deviam, segundo Lippmann, ser orientadas pela common law. Sob forte influência do empirismo escocês, tal tradição concebe a “formação da sociedade civil como resultado de um processo de descoberta da regra geral que deve governar as relações recíprocas dos homens” (p.95). Partindo do pressuposto de que as diferentes formas de governo não podem ser ideológicas, mas práticas e estruturais, ela se define com um tipo de jurisdição baseado no princípio da interdependência entre os indivíduos, que se vinculam uns aos outros por direitos e obrigações recíprocos, e que resultam de “uma experiência coletiva de necessidades de regulamentação surgidas da multiplicação das transações interindividuais” (p.95). Nesse caso, a lei é definida como norma surgida da reciprocidade e da multiplicação das relações interindividuais da sociedade mercantil. Lei, portanto, definida “como regra geral [que] visa assegurar obrigações equitativas entre indivíduos com interesses particulares” (p.96), ou seja, como forma de poder que já não emana de um ente soberano, supostamente arbitrário e transcendente à sociedade. De outro modo, ela advém do próprio laço social. Daí a common law como dimensão relacional ou comutativa da lei, isto é, como “produto de uma evolução, de uma experiência coletiva das necessidades de regulamentação surgidas da multiplicação e da modificação das transações interindividuais” (p.95). Fundada no pragmatismo da cultura anglo-saxã, tal jurisdição

supõe que "todas as instituições liberais exercem um julgamento sobre interesses. Adotar uma lei, nesse caso, é decidir entre interesses em conflito" (p.95). Assim, já não se trata de qualquer princípio de direito, mas daquele em que "o legislador não é uma autoridade que ordena e impõe, mas um juiz que decide entre interesses" (p.96). Ou seja, a common law estende o princípio do direito privado como base para o conjunto de sistemas de direito. Trata-se aí dos "arranjos normativos [que] servem para tornar compatíveis as reivindicações individuais pela definição e respeito das obrigações recíprocas, de acordo com uma lógica essencialmente horizontal" (p.96). Em suma, nesse cenário, a construção e evolução dos procedimentos do direito produzem e resultam da relação em que "cada um é ligado aos outros para a satisfação de seu próprio interesse" (p.97).

Ainda que não se limite à common law, a particularidade do neoliberalismo reside na articulação que produz entre as formas institucionais e a ação individual. Nesse caso específico, através de discursos que se apresentam como liberação de liberdades, que implicam não apenas em colocar o indivíduo com fim absoluto da fabricação social, mas de responsabilizá-lo por seu próprio destino, deslocando a densidade das formas institucionais antes vinculadas ao Estado soberano para as relações sociais da common law. Nesse caso, como estas últimas já não podem ser concebidas fora do contexto da concorrência, elas incorporam as dimensões pragmática e normativa que caracterizam o liberalismo como lógica de guerra. Daí o predomínio de uma subjetividade contábil (Dardot, Laval, 2016) forjada no quadro das estratégias do ganhar-ganhar como marca de relações sociais reduzidas à dinâmica da concorrência. Ora, a produção da fina interseção entre instituições e atividades individuais também pode ser encontrada em outras importantes perspectivas de governo, como o ordoliberalismo alemão que, por intermédio de duas importantes correntes políticas – a Escola de Freiburg, de Walter Eucken e Franz Böhm, representantes do viés jurídico-político, e de Müller-Armack, Röpke e Rüstow, ícones do "liberalismo de inspiração sociológica" (Dardot, Laval, 2016) –, deu ao atual contexto socioeconômico uma de

suas formas mais bem acabadas. No primeiro caso, defendia-se que uma eficaz economia de mercado só poderia ser alcançada mediante sólida legislação econômica, cujos dispositivos constitucionais assegurassem a ordem e o cumprimento das regras da concorrência. Daí uma *Ordnungspolitik* que então produzisse uma "legislação econômica (...) [capaz] de determinar um quadro estável em que poder[ia] desenvolver-se de modo ótimo um processo econômico baseado na livre concorrência e na coordenação dos planos dos agentes econômicos pelo mecanismo dos preços" (Dardot, Laval, 2016, p.111).

No segundo caso, tratava-se de investir nos alicerces morais e sociais do Estado apostando na lógica da descentralização federal em que, segundo o princípio das "comunidades naturais", o conjunto de decisões emanaria da "integração na família, na vizinhança, no bairro, ou na região que lhes (...) [daria] o sentido de suas responsabilidades, o sentimento de suas obrigações para com o outro, o gosto pelo cumprimento de seus deveres, sem os quais não (...) [haveria] laço social nem felicidade verdadeira" (Dardot, Laval, 2016, p.110). Com base no primado das liberdades individuais tal descentralização configura-se outro tipo de limitação do Estado soberano que, nesse caso, em sua instância federal, deve eximir-se de legislar a priori sobre as partes, e apenas se manifestar quando esgotadas as possibilidades previstas no princípio de subsidiaridade. Assim como observado na *common law*, embora apresentado como gesto de liberdade, o peso da responsabilidade da mediação jurídica e moral passa a gravitar cada vez mais em torno do indivíduo, da informalidade das relações sociais. Por fim, pode-se dizer que o dispositivo social que mantém o indivíduo no centro de seu funcionamento concorrencial encontra em Von Mises e Hayek, representantes da perspectiva informacional do neoliberalismo, importante contribuição. Para eles, a multiplicação das relações sociais de concorrência já não poderia ter um centro organizador. A "economia de mercado é uma economia de informação" em sua opinião, sendo a questão central "saber como os indivíduos vão poder tirar o melhor partido da informação fragmentá-

ria de que dispõem" (Dardot, Laval, 2016, p.144). Supõem eles que cada indivíduo possuiria uma gama de conhecimentos incompletos e estruturalmente dispersos, capazes, todavia, numa economia de livre troca, de ser continuamente aperfeiçoados, posto que complementados pela intensificação da comunicação.

Ora, em todas essas situações mencionadas encontramos, portanto, o neoliberalismo como modo de governo cuja configuração histórica, nas últimas cinco décadas, não apenas consolidou a concorrência talvez como única universalidade contemporânea, mas também, como racionalidade, acabou por atribuir à "política liberal uma função essencialmente judiciária" (Dardot, Laval, 2016, p.96). É nesse contexto, então, que emerge o lawfare como um dos mais expressivos fenômenos políticos da cena contemporânea. Segundo Zanin, Martins e Valim (2019, p.17), "o neologismo (...) é uma contração das palavras law (direito) e warfare (guerra) e um de seus primeiros registros remonta a um artigo de John Carlson e Neville Yeomans publicado em 1975"<sup>4</sup> Segundo os autores, alguns textos contribuíram para popularizar o termo na história mais recente. Charles Dunlap (2001, p.2), coronel da Força Aérea dos EUA, define lawfare como "o uso da lei como arma de guerra, (...) a mais nova característica do combate no século XXI". John e Jean Camaroff (2007, p.144) o consideram "recurso a instrumentos legais, à violência inerente à lei, para cometer atos de coerção política". Kittrie (2016, p.8) conceitua o termo como: "(1) a utilização da lei para criar efeitos semelhantes aos tradicionalmente almejados na ação militar convencional; (2) a ação deve ser motivada pelo desejo de enfraquecer ou destruir o adversário". E, por fim, em 2017, Gloppen (apud Zanin, Martins, Valim, 2019, p.20) defende lawfare como as "estratégias de mobilização jurídica que incluem alguma forma de litígio e que são motivadas por um objetivo de transformação social que vai além da vitória em um processo judicial individual".

---

4 Carlson, Yeomans (1975).

Em todas essas definições e exemplos o lawfare pode ser definido como uma “captura neoliberal da política” (Zanin, Martins, Valim, 2019, p.19). Trata-se de um dos modos contemporâneos mais refinados de empreender a guerra como prática social. Diferentemente de outros tempos, aquela já não se dá apenas por meios bélicos, mas, sobretudo, jurídicos. Tendo em vista a concorrência como uma das poucas universalidades, assim como o funcionamento do Estado-empresa segundo dispositivos constitucionais ajustados cuidadosamente para que limite suas ações aos pressupostos do mercado, tem-se agora um cenário político em que não apenas a guerra se instaura como norma social, mas em que o próprio Estado se torna um de seus principais fiadores. Na economia determinada pelo direito e não a despeito do direito, este último se ajusta a um tipo de intervenção jurídica que já não tem qualquer transcendência senão agir como “guardião da concorrência” (Dardot, Laval, 2016, p.157) em que intervém majoritariamente sobre conflitos instaurados por esse última, de modo a assegurar sua continuidade e aperfeiçoamento.

Nesse contexto, portanto, observa-se a generalização do “uso do Direito para fins de deslegitimar, prejudicar ou aniquilar um inimigo” (Zanin, Martins, Valim, 2019, p.21). Em outras palavras, um desvirtuamento significativo do uso de direito que em sua origem emerge para limitar o uso da força e que se torna agora uma forma generalizada de exercer o próprio uso da força, isto é, à medida que o direito privado se consolida como princípio de jurisdição para o conjunto dos sistemas de direito limitam-se seus usos às situações de concorrência, cuja coerência prática os prevê e naturaliza segundo a lógica da guerra. Nesse caso, a questão não se refere apenas a cidadãos comuns, em que a guerra de todos contra todos foi historicamente justificada como éthos do liberalismo econômico, mas ao contexto em que “toda e qualquer norma jurídica – atos legislativos, jurisdicionais ou administrativos – e todo e qualquer aplicador – órgãos legislativos, jurisdicionais e administrativos – podem deflagrar o fenômeno do lawfare” (p.27). Ou seja, introduz-se a guerra como prática do estado de direito “em que as normas jurídi-



cas se convertem em armas para atingir determinados inimigos" (p.26). No limite, como estratégia de guerra, todo e qualquer órgão do Estado pode promover o lawfare. Trata-se, portanto, de um dos mais perigosos paradoxos para a democracia na atualidade. Além de colocar o Estado contra a sociedade, abrindo caminho para o incremento dos procedimentos de exceção, uma vez que a guerra justifica a própria guerra sem mais, ele esvazia o direito como "instrumento a serviço da paz" (Ferrajoli apud Zanin, Martins, Valim, 2019, p.27), abandonando aqueles menos favorecidos economicamente a toda sorte de arbitrariedade encontrada nas assimétricas relações de poder que envolvem todo o tecido social.

## Conclusão

Tanto no caso do Antropoceno quanto do lawfare parecem emergir novamente o futuro como indeterminação e o passado como causalidade do presente. Os dois casos sinalizam para uma desrealização do futuro plasmado aos sistemas de velocidade da informação, assim como para um retorno do passado, empilhado como estoque de museu, e que se avizinha agora como inteligibilidade do presente. Seja no âmbito do Antropoceno, seja em relação ao lawfare, a covid-19 instaura novamente a alteridade do tempo. No primeiro, destaca-se um questionamento maior quanto ao lugar da Terra no mundo. Mais do que isso, o papel que passam a ter os cuidados biológicos e culturais na compreensão crescente de finitude dos corpos. Diferente das promessas de eternização perseguidas pelas ciências durante certo tempo, talvez a era dos humanos reforce a perspectiva justamente oposta, ou seja, o que fazer com uma consciência cada vez mais aguçada diante da finitude tanto individual quanto eventualmente planetária? A pergunta envolve recuperar o passado posto que implica um tipo de tradição cultural hegemônica e majoritariamente predatória com a natureza. Da mesma forma, ela implica uma ideia de futuro – deslocada, entretanto, dos sonhos de eternidade igualmente fundadores de paradigmas que estruturaram a his-

tória ocidental. No caso do lawfare, a passagem ao Estado-empresa que radicaliza o direito como instrumento de guerra nos lança ao que seriam sociedades pós-democráticas (Dardot, Laval, 2016). O incremento da blindagem ao funcionamento de mercado implica, no limite, salvá-lo das próprias ingerências do sufrágio universal. No Brasil talvez o caso mais conhecido tenha sido o do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, por ocasião dos sucessivos julgamentos por parte da operação Lava-Jato, os quais tiveram no impedimento de sua candidatura à Presidência da República em 2018, o caso mais emblemático. Especialmente no caso brasileiro, o lawfare constitui um eventual reencontro com o passado recente do país e, ao mesmo tempo, com a possibilidade de imaginar outro futuro, posto que uma possível candidatura do ex-presidente em 2022 apontaria não apenas para a retomada de um tempo outro, já sucedido, e que parecia estar adormecido, mas, sobretudo com um futuro que não se limita às receitas estritamente neoliberais.

## **Bibliografia**

AGAMBEN, G. *Che cosa resta?* Quodlibet, Macerata, srl, 2017.

\_\_\_\_\_. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I*. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

BECK, U. *Sociedade de risco. Rumo a uma outra modernidade*. São Paulo: Editora 34, 2011.

BRAGA, J. L. *La política de los internautas es producir circuitos*. In: CARLÓN, M.; FAUSTO NETO, A. (Org.). *Las políticas de los internautas*. Buenos Aires: Editora La Crujia, 2011.

\_\_\_\_\_. *Midiatização como processo interacional de referência*. In: MÉDOLA, A.S.; ARAUJO, D.C.; BRUNO, F. (Org.). *Imagem, visibilidade e cultura midiática: livro da XV Compós*. Porto Alegre: Sulina, 2007.

\_\_\_\_\_. A sociedade enfrenta sua mídia: dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo: Paulus, 2006.

CARLÓN, M. Público, privado e íntimo: el caso Chicas Bondi y el conflicto entre derecho a la imagen y libertad de expresión en la circulación contemporánea. In: CASTRO, P.C. (Org.). Dicotomia público/privado: estamos no caminho certo? Maceió: Edufal, 2015. p. 211-232.

CARLSON, J; YEOMANS, N. Whither Goeth the Law: humanity or barbarity". In: SMITH, M; CROSSLEY, D. The way out: Radical alternatives in Australia. Melbourne: Lansdowne Press, 1975. Disponível em: <http://www.laceweb.org.au/whi.htm>. Acesso em:25.07.2021.

CARNEIRO LEÃO, E. Aprendendo a pensar. - Vol. I. - 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

CHÂTELET, F. O pensamento de Hegel. 2 ed. Lisboa: Editorial Presença, 1985.

COMAROFF, J.; COMAROFF, J. Law and disorder in postcolony. Social Antropology/Antropologie Sociale, v. 15, 2007.

COULDRY, N. Mediatization or mediation? Alternative understandings of the emergent space of digital storytelling. New Media & Society, v.10, n.3, p.373-391, June 1, 2008.

DARDOT, P.; LAVAL, C. A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal Trad. Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.

DUNLAP JR, C. Law and military interventions: preserving humanitarian values in 21<sup>st</sup> century conflicts. Working Paper, Cambridge (Mass.), Harvard University, John F. Kennedy School of Government, 2001.

FAUSTO NETO, A. A circulação além das bordas. In: FAUSTO NETO, Antonio; VALDETTARO, S. (Org.). Mediatización, sociedad y sentido: diálogos entre Brasil y Argentina. Rosário: Departamento de Ciencias de la Comunicación, Universidad Nacional de Rosário, 2010, p.2-15.

\_\_\_\_\_. Fragmentos de uma analítica da midiatização. Matrizes, São Paulo, v.1, n.2, p.89-105, abr. 2008.

FERREIRA, J. Midiatização: dispositivos, processos sociais e de comunicação. E-Compós, v.10, n.11, 2007.

GLOPPEN, S. Conceptualizing lawfare. 2017. Disponível em: [http://www.academia.edu/35608212/Conceptualizing\\_Lawfare\\_A\\_Typology\\_and\\_Theoretical\\_Framwork](http://www.academia.edu/35608212/Conceptualizing_Lawfare_A_Typology_and_Theoretical_Framwork). Acesso em: 25.07.2021.

GOMES, P.G. Dos meios à midiatização: um conceito em evolução (From media to mediatization: an evolving concept [versão para o inglês Zanon]). São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2017.

HAN, B-C. Psicopolítica – neoliberalismo e novas técnicas de poder. Lisboa: Relógio D'Água, 2015.

HEGEL, G.W.F. A ciência da lógica. Trad. Marco Aurélio Werle. São Paulo: Barcarolla, 2012.

HEIDEGGER, M. A questão da técnica. In: Ensaios e conferências. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Márcia Sá Cavalcante Shuback. Petrópolis: Vozes, 2001.

HJARVARD, S. A midiatização da cultura e da sociedade. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2014.

\_\_\_\_\_. The mediatization of religion: a theory of the media as agents of religious change. Northern Lights, n.6, p.9-26, 2008.

KITTRIE, O. F. *Lawfare: law as a weapon of war*. Oxford: Oxford University Press, 2016.

KRENAK, A. *O amanhã não está à venda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

\_\_\_\_\_. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KROTZ, F. *Mediatisierung: Fallstudien zum Wandel von Kommunikation*. Wiesbaden: VS Verlag für Socialwissenschaften, 2007.

LAGROU, E. Nisun: a vingança do povo morcego e o que ele pode nos ensinar sobre o novo coronavírus. In: *Blog da Biblioteca Virtual do Pensamento Social em parceria com a revista Sociologia & Antropologia (PPGSA/UFRJ)*, 2020.

LUNDBY, K. *Mediatization: Concepts, changes, consequences*. New York: Peter Lang, 2009.

MAZZOLENI, G; SCHULZ, W. "Mediatization" of politics: a challenge for democracy? *Political Communication*, v.16, n.3, p.247-261, 1999.

MEYEN, M. *Medialisierung*. *Medien & Kommunikationwissenschaft*, v.57, p.23-38, 2009.

POLANYI, K. *A grande transformação*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2021.

QUIROGA, T. *The Coronavirus and the Earth's Thinking: An anthropological Issue*. In: *Paragrana Internationale Zeitschrift für Historische Anthropologie*, v.30. Berlin: De Gruyter Verlag, 2021.

SCHULZ, W. Reconstructing mediatization as an analytical concept. *European Journal of Communication*, v.19, n.1, p.87-101, Mar. 2004.

SODRÉ, M. Reinventando a educação. Petrópolis: Vozes, 2012.

\_\_\_\_\_. Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2002.

STRÖMBÄCK, J. Four phases of mediatization: an analysis of the mediatization of politics. *The International Journal of Press/Politics*, v.13, n.3, p.228-246, Jul. 2008.

TAVARES D'AMARAL, M. Os assassinos do sol: uma história dos paradigmas filosóficos. V.2. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

VERÓN, E. Los públicos entre producción y recepción: problemas para una teoría del reconocimiento. Curso da Arrábida: Público, Televisão. 2001.

\_\_\_\_\_. Interfaces. Sobre la democracia audiovisual evolucionada. 1998. Disponível em: <http://scholar.google.com.br/scholar?q=Interfaces+sobre+la+democracia+audiovisual+evolucionada&hl=pt-BR&btnG=Pesquisar&lr=>. Acesso em: 20.06.2021.

WULF, C. Educação como conhecimento do ser humano na Era do Antropoceno. São Paulo: Editora Cortez, (no prelo).

ZANIN, C; MARTINS, V; VALIM, R. Lawfare: uma introdução. São Paulo: Editora Contracorrente, 2019.

## **Reflexiones y tejidos analíticos sobre la mediatización de la pandemia**

Una conversación entre Pedro Russi y Beatriz Quiñones Cely  
Investigación en imagen: Doly Sotomayor Torres

Este texto, más que una entrevista es un ensayo, porque resulta de reflexiones entrelazadas y conversadas, en el escenario especial de una pandemia. Pandemia que tiene varias aristas interpretativas y vivenciales, diversas metáforas y formas de interpelación. Fue una decisión, de quienes mantuvimos esta conversación, mantener la forma y el contenido de lo que fue: un diálogo del sentipensar —un pensar sintiendo y un sintiendo pensar—. No podríamos expresar otra cosa que no fuera el compartir contenido y forma de lo que sucedió al pensar la mediatización de la y en la pandemia. Este momento, se presenta como una especie de llamado de atención que, necesariamente, demanda una complejidad analítica que nos desafía a quienes pretendemos saber más sobre los procesos comunicacionales y de mediatización. Para

comprender lo que estamos viviendo, hay que hacer un movimiento estratégico y, por lo tanto, metodológico: el separarnos, el distanciarnos para no caer en el simple relato, sino entrar en las entrañas de estas vivencias. Distinguir los desafíos es uno de los primeros pasos, delinear los posibles caminos, siempre entre neblinas, es el otro. Pero no es un delinear para enyesar, sino un delinear especulativo, para inferir posibles movimientos en este ajedrez dispuesto para todas y todos nosotros, no solo para quienes estudian el tema. Es costumbre hacer referencia a los medios de comunicación separándolos del tejido social. Esa es una forma de desconocer que los medios son constituidos por diversos procesos intersubjetivos, es decir, los medios no están fuera de la sociedad, son también la sociedad y lo social. Al no pensar en intersubjetividades, no podemos entender los procesos de mediatización, que agendan o pretender agendar las lógicas de comprensión del cotidiano. Esto es, las lógicas del discurso que nos sitúan de alguna forma. Partimos de la comprensión de la mediatización como representación mediática de la realidad. Así los fenómenos son recortados y resignificados en las dinámicas interpretativas de la circulación de sentidos. Lo que es informado en un medio, es puesto en el tejido de los sentidos. Podemos dar a entender a los procesos de mediatización como operadores de interacción y acciones de sentido, que inciden en las diferentes tomas de posición como interlocutores. En ese marco, el llamado universo mediático precisa ser pensado en interacción con otros campos, ya que la mediatización es un campo de luchas y disputas, en las cuales transforman lo existente. Es en ese contexto que podemos establecer el punto de partida para lo que nos proponemos conversar. Ya lo hemos realizado en muchas otras ocasiones, es importante retomar algunos puntos en este contexto o co-texto de la pandemia.



**PR** [Pedro Russi] - Beatriz, considerando algunos puntos desde lo más macro: ¿cómo avanzar en este tiempo, cómo analizar en estas circunstancias saliendo de lo que sería una espontaneidad o una superficialidad de lo que estamos viviendo y de qué forma verticalizar el análisis, verticalizar en el sentido de profundizar sobre todo esto que estamos viviendo y cómo, desde la circulación de los sentidos, podemos comprenderlo?

**BQ** [Beatriz Quiñones] - Trabajo en un instituto de investigación en comunicación: el Instituto de Estudios en Comunicación y Cultura (IECO) con sede en Bogotá, el cual dirige una maestría en Comunicación y Medios y en este instante precisamente, estamos proponiendo, un doctorado en Comunicación e Imagen, interdisciplinario, en el que van a tener asiento facultades como Economía, Medicina, Ciencias Humanas, Artes, Ingeniería y Ciencias. Como ves es una comprensión de los estudios en comunicación transversal, muy a tono con lo que se está haciendo en Europa y muy arraigado en el caso de la Universidad Nacional, en la estética. Consideramos que la conexión entre comunicación y arte es fundamental, y en el caso específico de los medios yo trabajo muy influenciada por la forma como Armand Matelart en París 8 comprendía los estudios en comunicación, es decir, yo trabajo desde los materiales, eso me parece fundamental porque, lo que yo he venido haciendo los últimos quince años es una observación sistemática y una lectura detenida del contenido de los medios. ¿Con qué objetivo? con el objetivo de mirar la realidad, es decir, es una aproximación sociológica; pero, insisto, desde el material: el que habla es el material y el investigador, en mi caso, lo que hace es lo que Luhmann llamaría "observación de segundo orden". Es decir, yo intento observar la forma como observa el otro, en este caso como observan los medios.

En Colombia, no hemos hecho un trabajo sistemático de investigación sobre lo que ha pasado con la Pandemia, estoy hablando desde los es-

tudios en comunicación; hay investigación básica, de hecho, por ejemplo, acaban de ser aprobados unos respiradores que fueron concebidos, diseñados y construidos por una universidad antioqueña, ese es el tipo de investigación que se ha venido realizando en el país, es más una investigación en términos de la ciencia básica, de apoyo al tratamiento de la COVID 19.

Desde que la Pandemia se declaró como tal por la OMS, he venido observando no solamente los medios nacionales sino los medios internacionales para ver la forma como los medios cubren el acontecimiento: la manera como se configura imaginariamente la Pandemia.

**PR** – Allí hay dos o tres puntos que me parecen destacables para ir avanzando, pero señalo el punto o tema de ese imaginario que se va creando, lo nacional y lo internacional. Porque esa circulación de información, i.e., de sentidos, que es el imaginario y no simplemente es una imagen en sí. Es toda una dinámica interpretativa que, como discurso, se va configurando. También existe otro punto que atraviesa todo esto y lo mencionabas antes y en conversaciones de otros momentos, el desafío puesto a quienes investigan, para no quedar simplemente en esa ebullición espectacular o superficial que está teniendo la pandemia: la COVID 19. Parece haber una demanda o exigencia de tener que dar “una” respuesta, y entonces, entramos en una automatización y en una mecánica para, literalmente, ofrecer-producir respuestas donde lo reflexivo pasa literalmente a un segundo o tercer plano. El investigador o investigadora pasan a ser otros informativistas más de un determinado medio de comunicación, que se difunde por diversas plataformas del campo académico científico (sic). Parece extraño pero pasa más de lo que nos imaginamos. Por eso, me parece bien, la cuestión de lo nacional y lo internacional, ¿te parece caminar y avanzar por ese sendero? ya que tu decías, citando a Luhmann, la observación de segunda mano; ese segundo movimiento o ese camino que tu vienes haciendo

desde lo estético hace ya un largo tiempo como concentración analítica e interés inferencial.

## Los expertos

**BQ-** Ha surgido una nueva fauna, los expertos: con todo lo que implica el imaginario de la ciencia y el imaginario del experto: ese que lo sabe todo, que tiene toda la información, generalmente información cuantitativa, que maneja el dato, la cifra...

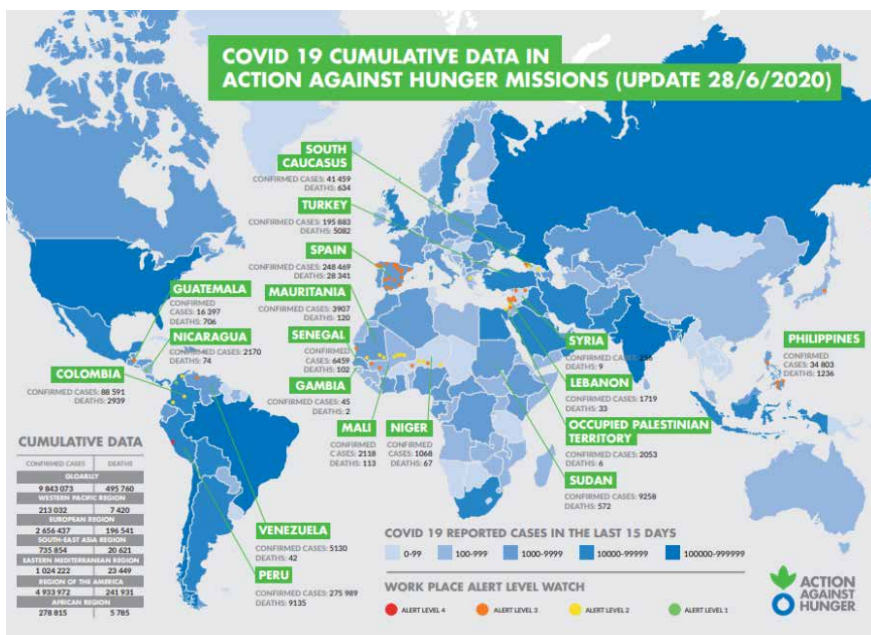


Imagen tomada de <https://www.accioncontraelhambre.org/es/accion-contra-el-coronavirus-en-el-mundo> 02/07/2021

## **Respetado, anónimo, omnipresente**

El experto es una figura que, desde mi punto de vista, está presente en toda la esfera mediática, es la idea del principio de autoridad: solo tiene derecho a hablar el experto: de hecho ha sido también una especie de disfraz en la medida en que los políticos tienden a escudarse en que están tomando decisiones a partir del consejo que le dan los expertos. Me parece fundamental evidenciar, el hecho de que ese experto es una persona además de respetada, de alguna manera anónima: un grupo que la gente se debe imaginar...unos gurús que están analizando las cifras y que son los que dan la información autorizada sobre lo que está pasando y a partir de ahí se deben tomar decisiones de política pública. Lo cual es llamativo porque, además de ser anónimos, de alguna manera silencian otras voces y cumplen una función que también cumplen los medios.

Raymond Ledrut plantea algo que me parece fundamental: Los medios tienen una función fijadora, fijadora de los imaginarios, ¿cómo fijan los medios el imaginario? A partir de distintas estrategias discursivas como la reiteración, es decir, todo el mundo está agotado de hablar del tema de la Pandemia, se repite... pero siempre se repite lo mismo, la prevención: hay que lavarse las manos, ponerse tapabocas, respetar el distanciamiento social pero también, unas ideas fijas sobre lo que está pasando y la manera como debemos enfrentarlo: la política pública debe estar guiada por el discurso científico.

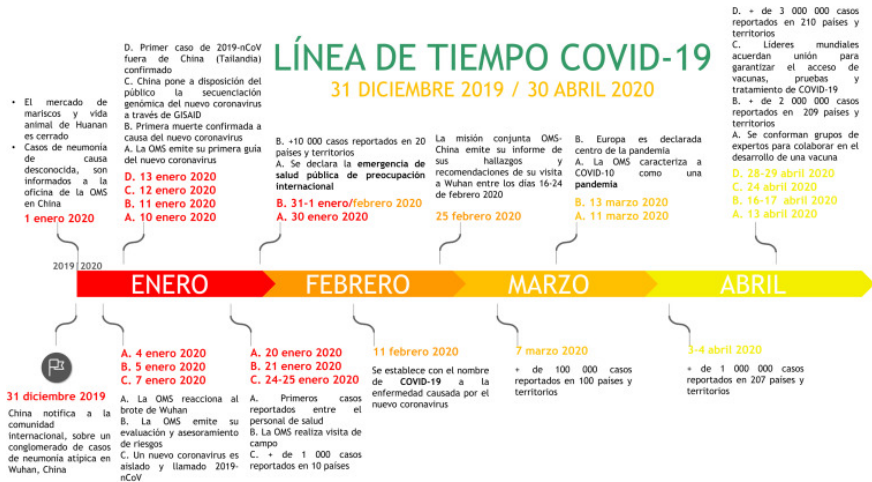


Imagen tomada de <https://ars.els-cdn.com/content/image/1-s2.0-S-1138359320301714-gr1.sml> 02/07/2021

Imagen tomada de <https://www.rehabilitacionadomicilio.com.co/covid19.html> 02/07/2021

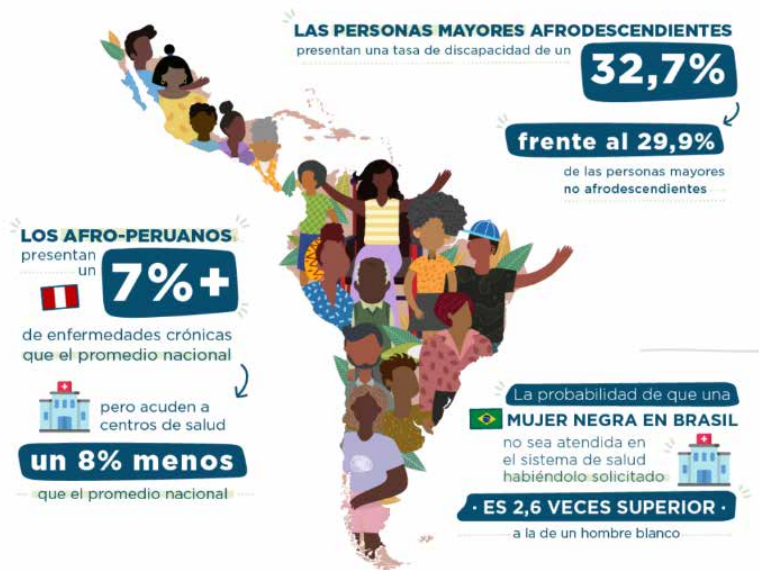
Algo parecido a los estudios sobre la violencia en Colombia está pasando con la Pandemia, es decir, se hace énfasis en las condiciones objetivas, lo subjetivo no tiene cabida, es decir, aquí de lo que hablamos es del número de muertos, de la capacidad de los hospitales, del sacrificio del personal médico: alguien que se sacrifica por el otro, que da la vida por el otro... muy cristiano de paso.

**PR** – No puedo dejar de pensar todo esto en un ambiente muy religioso internacional que vivimos como explosión misionaria que se entrecruza con distintos campos de acción y donde lo que podemos entender como salud no escapa a tal experiencia. Vemos cómo lo religioso y también lo institucional religioso, se pone intensamente de manifiesto, alimentado por la penuria informativa que hace que los hechos, como signos de incertidumbre, se vuelquen al destino ya marcado.

**BQ** - De ahí que no solamente hay que orar, sino que además hay que tener... es ambiguo, es una ambigüedad interesante. Se opacan ciertas dimensiones: una de las dimensiones opacadas, es el tema de la desigualdad.

## Salud vs Economía

### SER AFRODESCENDIENTE DURANTE EL COVID-19: EXPOSICIÓN Y DESIGUALDADES



CEPAL (2017-2019)

Imagen tomada de <https://blogs.iadb.org/igualdad/es/ser-afrodescendiente-durante-el-covid-19/> 02/07/2021



Imagen tomada de [https://www.youtube.com/watch?v=h9tiu\\_fDew8](https://www.youtube.com/watch?v=h9tiu_fDew8)  
02/07/2021

La mediatización de la Pandemia ha cumplido dos funciones, de un lado ha visibilizado la pobreza, pero del otro lado, ha opacado la desigualdad: Las personas que se están contagiando generalmente son los más pobres y entonces, en el caso de los medios colombianos, se reitera que la gente está saliendo a la calle porque: o se muere por la COVID 19 o se muere de hambre. Nos debatimos en medio de esa dicotomía, a propósito de la política pública: salud vs economía, eso no ha pasado solo en Colombia, eso es común en América Latina: Lo ves en CNN en español, en los reportes de DW, en Euronews, etc.





Imagen tomada de <https://www.france24.com/es/20200709-la-desigualdad-y-la-pobreza-en-latinoam%C3%A9rica-se-disparar%C3%A1n-a-causa-de-la-pandemia-onu> 02/07/2021



Imagen tomada de [https://revistasdigitalessemana.com/catalog\\_issue\\_display/10129/publicaciones/Semana/1976.html](https://revistasdigitalessemana.com/catalog_issue_display/10129/publicaciones/Semana/1976.html) 02/07/2021

## Nadie es culpable

No hay responsables, igual que pasa con la violencia, no hay responsables, es tan sofisticada y compleja la manera como se comunica y como los medios comunican que de alguna manera pareciese que la culpa es de la gente...

**PR** – Las noticias sobre lo que está pasando o nos está pasando, son resultantes de las narrativas y relatos delineados cotidianamente, pero desde una lógica del discurso mediático. Es interesante ver eso, la pandemia con sus lecturas cotidianas, de los entornos más familiares o microsociales, están embebidos en los datos estadísticos mediatizados y al mismo tiempo estos son recuperados en las entrevistas que hacen a los ciudadanos los propios informativos. Hay en ese circuito, legitimación del relato porque los medios “únicamente” reflejan la voz de la ciudadanía, o son legitimados por la misma. De otro modo, no es extraño observar anacronismos informativos sobre el fenómeno de la pandemia, donde las lógicas mediáticas tornan sus discursos deterministas y modelados, en detrimento de la operación analítica. Estoy pensando en que la lógica del anacronismo se sostiene en el espectáculo del virus, reduciéndolo a banalidades, estereotipos y expulsiones de lo diferente o inclasificable. La imagen de eso otro (virus) que está allí, es producida no solamente como exótica, sino como mórbida. La sociedad está mórbida. Se genera como un signo del vacío o el vacío como signo. Pensando en lo anterior, vislumbro cómo se va configurando y se va fijando ese imaginario donde nadie es responsable, o sea, el signo nadie pasa a tener una fuerza. Porque “nadie” es responsable de algo que se amplifica. Frente a ese vacío, como paradigma occidental en el que vivimos, ese “nadie” comienza a ser rellenado con algo o alguien. No es muy difícil encontrar eso en una observación superficial de las noticias, reportajes, etc. Pero también, podemos ver un sentido que se escapa y es la responsabilidad de lo que serían las políticas públicas. Creo que aquí se presenta un punto muy interesante para continuar pensando y está relacionado con el imaginario social sobre las políticas públicas frente a una situación de pandemia como el que estamos viviendo. No he sentido una discusión profunda de esa política pública de salud, más allá de la compra o no de las vacunas. Pero, sigamos con lo que venimos conversando, siendo que esto está como telón de fondo, como esa pared obscena (fuera de escena) del teatro, que no la vemos, pero está.

## **Sacrificio:** héroes y víctimas

Al observar el cubrimiento de la Pandemia, se evidencian elementos que articulan los acontecimientos y allí aparece el tema del miedo que nos lleva, de alguna manera, a una serie de conductas que son comunes y que se repiten: es vulgar echarle la culpa a alguien de esto que finalmente también es una tragedia...una tragedia sin responsables, que está más ligada al destino, a pesar de que hace meses estamos hablando de las consecuencias del cambio climático, de las políticas neoliberales y del achatamiento, por no decir desaparición, de los servicios de salud... Está mal visto culpar a alguien y por lo tanto, salir a protestar...los estándares internacionales de libertad de expresión plantean que la protesta social no es solamente salir a la calle a manifestarse, pero ha sido tal el desprestigio de la protesta social en tiempos de Pandemia, que incluso no hemos visto lo que fue algo común a las protestas sociales del año pasado en América Latina: el "cacerolazo", a excepción de lo que pasó en el Brasil de Bolsonaro.



Imagen tomada de  
<https://www.unicef.org/cuba/historias/nuestros-heroes-de-siempre>  
02/07/2021



Imagen tomada de <https://www.elperiodico.com/es/internacional/20210530/multitudinarias-protestas-brasil-jair-bolsonaro-11776370> 02/07/2021

**PR** – Puedo pensar, a partir de lo que hemos construido, en el lugar ocupado por los enunciadores de un determinado ordenamiento discursivo, y que designan relatos posibles y permitidos dentro de una figura institucional. Esas acciones sustentan el orden institucionalizado de lo que puede ser dicho o no. Son operadores de modelos narrativos y dónde lo comunicacional mediático es atravesado por los hilos pertenecientes a los espacios no mediáticos en sí. Pero retomo la idea de que aparece un estado de limbo. Es una cuestión simbólica y temporal, de que está ahí como esperando algo, la parálisis por esperar, lugar donde solo se espera. Las responsabilidades no están y ahí, me parece que es interesante tomando tres conceptos o ideas que proponías. Pensabas en una tríade que sería entre el sacrificio (no exclusividad de los médicos/as), si no el sacrificio en sí, el miedo y la sospecha. Podemos

proyectar en eso, que los medios nacionales e internacionales parecen estar trabajando en ese trío: de sacrificio, la vida o la economía, de miedo de dónde está viniendo y de la sospecha de que cualquier cosa puede ser peligrosa.

**BQ** - Hablamos del destino, de la sospecha, del sacrificio: hemos llegado al extremo de pensar que hay grupos de edad que se pueden sacrificar. El tema de los adultos mayores, no? En televisión española, en CNN internacional, en FOX, es evidente el discurso que plantea como lícita o conveniente la posibilidad de que mueran los más viejos, porque finalmente les toca a ellos ser la primera línea de la batalla.



Imagen tomada de [de https://noticias.uai.cl/los-adultos-mayores-son-los-que-menos-apoyo-han-recibido-en-chile-durante-la-pandemia/](https://noticias.uai.cl/los-adultos-mayores-son-los-que-menos-apoyo-han-recibido-en-chile-durante-la-pandemia/)

02/07/2021

En Colombia, los trabajadores de la salud sufrieron ataques: los médicos, las enfermeras no eran bien recibidas por sus vecinos, por que se pensaba que traían el virus: Fíjate que se mueven desde el punto de vista imaginario, no hay una ley, no hay una restricción precisa; son

ideas que se van construyendo, que los medios van fijando y que determinan nuestro comportamiento frente a la Pandemia y eso me parece que es otro asunto interesante.



Imagen tomada de <https://www.confidencial.com.ni/pxmolina/caricatura-del-dia-en-la-guerra-contra-la-covid-19-en-nicaragua/amp/> 02/07/2021

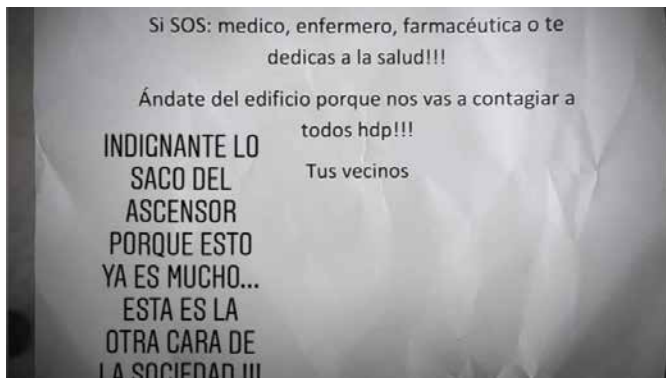


Imagen tomada de <https://cnnespanol.cnn.com/video/amenazas-medicos-enfermeras-pandemia-coronavirus-pkg-ivan-perez-sarmenti-perspectivas-buenos-aires/> 02/07/2021

**PR** – En esta conversación hay dos cuestiones adicionales que me interesan: Hay una estetización o una estética que se va configurando sobre y de esta pandemia. En ese sentido, ¿cómo pensar sobre todo esto? Recuerdo la investigación de ustedes sobre las mujeres del narcotráfico, por colocar en esa idea. Hay una cuestión estética que también que aparece en esta mediatización de la pandemia. Hay una dinámica al comunicar quienes son los que mueren, de quienes son los que no mueren, cuál es la decisión de los que se sacrifican, dónde está el miedo, dónde está la sospecha que me parece que hay a nivel nacional e internacional en los medios como que se va creando una estética de la muerte. Una estética de esa violencia. Recuerdo lo que vienen trabajando ustedes, una preocupación de ese tratamiento y de mantener ese elemento estético en estos procesos de mediatización.

## Medios digitales

**BQ** – Cuando miras Facebook, ves que han aparecido y desaparecido cosas: En Colombia por ejemplo, la noción de “reinventarse”, para seguir sien-



do exitosos en la "nueva normalidad": ese es otro eslogan muy interesante que pasa por un espectro que va, como la política, de la extrema derecha a la extrema izquierda... vamos a poner en cuestión el pasado y los valores tradicionales y nos vamos a convertir en seres humanos mucho más humanos, mucho más desprendidos de lo material, mucho más cercanos a lo afectivo, a la emoción, al afecto, pero también existe el otro lado, reinventarnos en términos de seguir dentro del paradigma del éxito: más dinero... reinventarnos para emprender, para que el negocio siga produciendo.



Imagen tomada de [https://panama.grupobancolombia.com/wps/portal/negocios/actualizate/mercadeo-y-ventas/gestion-de-cambio-organizacional-en-pandemia!/ut/p/z0/O4\\_Sj9CPykssy0xPLMnMzOvMAfIjo8zijdwtPQ29T\\_Qz93EOMXQoCPVwNw7x83D1NXMz1C7ldFQGv20A5](https://panama.grupobancolombia.com/wps/portal/negocios/actualizate/mercadeo-y-ventas/gestion-de-cambio-organizacional-en-pandemia!/ut/p/z0/O4_Sj9CPykssy0xPLMnMzOvMAfIjo8zijdwtPQ29T_Qz93EOMXQoCPVwNw7x83D1NXMz1C7ldFQGv20A5) 02/07/2021

**PR** - Y en ese sentido esa "nueva normalidad" podría ser también estética. Esta nueva normalidad de estilo ético también. Tenemos que preguntarnos, ¿qué es una nueva normalidad? ¿la recuperación de un status quo que tiene el nombre de nueva normalidad? Voy a lo que tu decías, de reinención o ese reinventarse. Hay una cuestión de reinventarse que tiene toda una matriz también de lo religioso antes mencionado, y de esa acción pascual de estar pasando por medio de un Mar Rojo. Una política sacrificial, donde el cuerpo tiene que morir sacrificadamente para vivir en paz, en algún otro destino trascendente. Sucedió algo interesante en Uruguay, no sé en Colombia, y en Brasil también sucede. Pero vamos a retomar el caso de Uruguay, donde mediáticamente aparece el virus y no es en forma de COVID 19, sino que es relacionado a las élites económicas. Supuestamente el virus es importado desde el exterior por estas élites. Entonces, allí aparece una COVID 19 que estéticamente, o sea en el sentido estético, es de una clase alta. El virus, aparece en un barrio de Montevideo, barrio de Carrasco, barrio de los más caros e históricamente de élite de Uruguay. Justamente la esfera social y urbana del actual presidente, y el primer contagio aparece en un casamiento de élite. La pandemia, en Uruguay, entra por la ventana de una estética por la cual no entran las contaminaciones vulgares, porque siempre las contaminaciones entran por otra ventana: La ventana de la pobreza, una estética sucia. Por decir una forma de ese sentido no, pero aparece esto por la estética de lo higiénico. Me parece que el punto de la tensión de los sentidos aparece también en el tema de los tapabocas, también una fuerza de tornarlos estéticamente limpios. O sea, hay una dinámica ahí de que esto no sea como la lepra, ni como la tuberculosis, ni como el mal de chagas, ni como otras cosas. También hay una tensión de los sentidos, ese es el cuidado que tenemos que tener en la parte de investigar desde como verticalizar esas ciertas cosas que se van proponiendo como, elementos estructurales. De una matriz interpretativa...

## La tentación del poder

**BQ-**Otro elemento fundamental es el tema del poder: La CIDH y el Relator de Naciones Unidas para la Libertad de Expresión publicaron una Resolución sobre la tentación autoritaria, sobre los estados de emergencia, los toques de queda, los confinamientos...el poder, alimentado por el miedo, empieza a plantear que el gobierno define hasta donde llega tu libertad, tu libertad de expresión, tu libertad como ciudadano y esa tentación autoritaria tiene su otro lado, no? Siempre hay uno virtual y uno real... El tema de la tentación autoritaria frente al advenimiento del populismo, de los populismos encarnados en Trump o en Bolsonaro, cierto? Esta tentación autoritaria que borra, opaca al legislativo, el concepto de representación, la necesidad de la justicia. Y junto a eso, una sociedad civil, un ciudadano silenciado, apabullado, encerrado, confinado, que de alguna manera no se expresa...



Imagen tomada de <https://www.elcomercio.com/actualidad/mundo/america-latina-combate-pandemia-cuarentena.html> 02/07/2021

Y, sin embargo la gente, el ciudadano se expresa usando las redes sociales, pone en escena lo que está pasando dentro de la casa y se burla... Mientras el investigador no ha profundizado en esas dimensiones subjetivas, parece ser que el ciudadano está interesado precisamente en esas dimensiones, en burlarse de la autoridad, del experto, en profundizarse para entender qué es lo que le hace falta, en burlarse de lo que le hacía falta: la tintura, el maquillaje, la vestimenta y en volver a encontrar sentido a asuntos que habíamos dejado de lado: el estar juntos, la soledad, la misma depresión.



Imagen tomada de <https://www.bleublanc.mx/arte-y-cultura/pandemias-y-arte-una-simbiosis-de-dolor-en-el-tiempo/2020/04/02/07/2021>



Imagen tomada de <https://www.bbc.com/mundo/noticias-52556542>  
02/07/2021



Imagen tomada de <https://www.naturalizaeducacion.org/2020/04/06/pandemia-coronavirus/> 02/07/2021

**PR** – Beatriz, abriste unas ventanas con relación a la ciudadanía y de cómo lo doméstico mediático se le presenta. En lo público y lo doméstico, lo íntimo, lo privado también y desafíos de cómo el ciudadano está, de cierta forma, en una tensión sobre lugar del investigador. De cómo entender esto y que pistas hay. Pistas que nos van marcando el camino sobre la necesidad de expresar cosas que demandan reconfigurar y resignificar la forma en que estamos mirando lo que sucede. Frente a esta situación hay un desafío muy fuerte.

Yo creo que a lo de la brecha digital podría ser contemplado en ese mapa que hoy está sucediendo, es un punto interesantísimo y relacionado a todo lo que veníamos conversando.

**BQ**-Gracias, una manera muy afectuosa de volvernos a encontrar, un abrazo a Fausto y a todos los colegas que en los distintos Pentálogos nos hemos encontrado y que fíjate hemos permanecido, uno de los elementos fundamentales de la noción de imaginarios es la duración es decir, fíjate que el tema, la dimensión temporal, en el caso de CISECO se ha mantenido. Mil gracias Pedro.

# **Emergência comunicativa:** redes de sentidos em comunidades tradicionais amazônicas na crise sanitária <sup>1</sup>

Fábio Fonseca de Castro  
Rosaly de Seixas Brito

De maneira inesperada, instaurou-se em 2020 uma crise sanitária planetária com a rápida disseminação da pandemia da Covid-19, que se configurou como um fenômeno devastador e um trauma coletivo em escala global. O governo brasileiro geriu a crise de forma desastrosa, ao adotar uma atitude negacionista que, como ressalta Almeida, pro-

---

<sup>1</sup> Este texto parte, inicialmente, da entrevista realizada pelos autores em 2020 no Canal do Centro Internacional de Semiótica e Comunicação – Ciseco, sobre o tema “Crise pandêmica e comunicação em contextos amazônicos: singularidades, inquietações, desigualdades”. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=dddk26E-FSIY&t=348s>.

moveu a “completa desautorização da ciência e dos lugares institucionais onde ela é produzida, sobretudo a universidade” (2020, p. 943). Jair Bolsonaro desenvolveu uma retórica de guerra contra as medidas de isolamento social recomendadas pelas autoridades sanitárias<sup>2</sup>, sempre em menosprezo ao próprio alcance e impacto da pandemia, inicialmente referida por ele como uma “gripezinha”.<sup>3</sup>

A postura do governo brasileiro é reveladora de outra grave crise, que atualmente põe em xeque a democracia em vários países do mundo, incluindo o Brasil, e que tem na ascensão de Donald Trump ao poder nos Estados Unidos um marco fundamental. Grupos políticos de extrema direita que estavam à espreita eclodiram na vida pública de maneira intensa, configurando um novo tipo de ruptura democrática, que se dá por dentro da ordem constitucional, sem tanques ou tropas nas ruas. A crise democrática se relaciona diretamente com o aprofundamento da lógica neoliberal na agenda econômica mundial. A convergência da crise sanitária com esse cenário gerou uma situação ainda mais sombria.

Tal magnitude dos efeitos da pandemia também se fez sentir intensamente no campo da comunicação e é objeto da reflexão aqui feita, tendo como recorte mais específico a realidade amazônica. Em diversas dimensões, que se interseccionam e se complementam, as formas e práticas sociais da comunicação passaram por transformações de grande porte, evidenciando um processo de tecnologização da vida social de largo espectro, cujos efeitos ainda são impossíveis de mensurar e com importantes consequências para o campo (CASTRO, 2020).

---

2 “É guerra, tem que jogar pesado com governadores, diz Bolsonaro à FIESP”. **Folha de São Paulo**, 15/5/2020). Citado por Almeida (2020a, p. 957).

3 Cf. <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/03/relembre-o-que-bolsonaro-ja-disse-sobre-a-pandemia-de-gripezinha-e-pais-de-maricas-a-frescura-e-mimimi.shtml>. Acesso em 04 Jun. 2021.



O imperativo do isolamento social na pandemia nos fez imergir, em uma intensidade sem precedentes, nos ambientes digitais de interação. Poucas vezes estivemos expostos a tantos estímulos sensoriais simultâneos, materializados pela mediação das telas. Essa imersão, se por um lado ajudou a mitigar a dor do isolamento, por outro não foi capaz de substituir a pele, o olhar, a presença, o abraço. A intensificação da telepresença agregou novas dimensões tanto às formas de convívio social quanto, em consequência, à maneira de se tecerem os vínculos comunicacionais.

Ao mesmo tempo que a tecnologia permite intensificar as sociações (SIMMEL, 1983), é capaz também de gerar novas e diversificadas formas de sociação. “Resta saber em que medida esse adensamento de sociações – o vínculo social fundamental, básico, elementar – resulta, também, num adensamento das associações – o vínculo social simbolicamente estruturado e convencionalizado” (CASTRO, 2020, p. 189-190). Em suma, propomo-nos a investigar, na análise aqui proposta, se as socialidades em rede produzem sociabilidades e como isso se deu no contexto da pandemia na Amazônia brasileira.

Vale destacar, porém, que o isolamento não pôde ser observado por uma parcela muito expressiva da população brasileira, seja por condições precárias de moradia ou pela necessidade de trabalhar para garantir a sobrevivência. A crise da Covid-19 aprofundou a já perversa desigualdade social no Brasil e no mundo. Indígenas, quilombolas, ribeirinhos, pessoas em situação de rua, refugiados, moradores de favelas e periferias, trabalhadores informais e tantos outros segmentos, que já estavam à margem da sociedade, foram expostos de maneira absolutamente desigual à pandemia, tornando-se ainda mais vulneráveis e desamparados socialmente por parte do Estado.

Partindo do pressuposto de que a comunicação assumiu uma posição central na articulação da experiência social sob a pandemia, ao ensejar novas formas de convívio social, subjetividades e intersubje-

tividades, buscamos examinar, neste texto, como a pandemia afetou as sociabilidades e os processos comunicacionais de populações amazônicas, historicamente atravessadas por formas perversas de dominação social, que atualizam permanentemente as lógicas coloniais de poder (QUIJANO, 2005; MALDONADO-TORRES, 2020).

Focalizamos, especialmente, as práticas de comunicação e de resistência desenvolvidas por povos e comunidades tradicionais na Amazônia brasileira, submetidos a toda sorte de violências, injustiças e abandono por parte do Estado durante a pandemia. Essas comunidades ativamente teceram redes de comunicação e de mobilização para se autoprotegerem e fazerem frente à ameaça de disseminação do novo coronavírus.

O texto se divide em quatro tópicos, além dessa introdução. Na primeira delas, discute-se o argumento de que a comunicação ocupou uma posição central na articulação da experiência social durante a pandemia da Covid-19, que fundamenta a análise feita. Em seguida, há um tópico panorâmico sobre a Amazônia como território plural e atravessado por colonialidades. No tópico seguinte, são analisados os sentidos de redes de comunicação contra-hegemônicas articuladas por comunidades tradicionais na Amazônia brasileira, tomando por ilustração, em especial, ações desenvolvidas por comunidades quilombolas no Arquipélago do Marajó. Ao final, tecemos algumas considerações sobre o que essas experiências revelam no contexto pandêmico.

## **A centralidade da comunicação na pandemia**

Torna-se evidente, dentre os incontáveis efeitos socioculturais produzidos pela pandemia, a intensificação das dinâmicas de tecnologização da vida social, um processo com efeitos importantes e cujo impacto ainda está por ser avaliado. Pensada a partir da comunicação, essa dinâmica produz efeitos significativos sobre os processos de comunica-

ção interpessoal, de sociabilidade, das formas sociais da proxêmica, de privacidade digital, de economia e cultura das mídias, de produção do jornalismo, de disseminação da desinformação e, de um modo geral, de transformação dos modelos de informacionais. Em síntese, os impactos da pandemia sobre os usos das tecnologias e sobre as práticas comunicacionais é evidente e de grande magnitude.

No campo da comunicação interpessoal, observam-se modificações importantes nos processos de socialização e nas práticas de sociabilidade. No campo contíguo da proxêmica – entendendo-se por tal as sensibilidades relacionadas à proximidade e ao distanciamento entre pessoas, objetos e lugares – acompanha-se a produção de novas formas de estar-junto e de distanciar-se, de produzir a aproximação, a atração, e a reserva.

Por sua vez, no campo de uma abordagem da comunicação a partir de seus substratos tecnológicos, percebem-se notórias transformações ocorrendo nas estratégias e dispositivos de comutação e conversão de dados georreferenciais, de dados de saúde pública e de dados econômicos e ligados ao consumo, em geral.

Em outro plano, associado à mídia e às mídiatizações, percebe-se uma multiplicação de estratégias e de processos. Seja em função das práticas de isolamento social, seja em função das imposições associadas à cultura digital, percebe-se uma intensificação das dinâmicas de convergência e uma relativa superação de outras estruturas midiáticas, como a TV aberta, o jornal impresso, as revistas especializadas, o rádio e o cinema.

A partir de uma abordagem informacional e/ou jornalística, ficam evidentes certas transformações nas práticas noticiosas, particularmente no que tange à comunicação científica e ao relacionamento dos indivíduos com a pragmática informacional. Importante também assinalar, nesse plano, a dimensão atual das práticas de desinforma-

ção, importantíssimas para toda a avaliação política do contexto pandêmico.

Afinal, no plano sociocultural de uma abordagem dos fenômenos comunicacionais, percebe-se o impacto do teletrabalho, da telemedicina e da tele-educação na vida social. Da mesma forma, as práticas políticas ganham novos significados e a própria dinâmica da sociabilidade em redes sociais digitais intensifica-se para além do que seria imaginável antes da pandemia.

Em nossa percepção, experimentamos um processo de intensificação do bios midiático (Muniz Sodré, 2013), um processo tecnológico sem precedentes e com elevado impacto socioeconômico e sociocultural. Percebendo como a comunicação, em suas múltiplas dimensões, torna-se central na vida social pandêmica – e, aparentemente, o será, também, na vida pós-pandêmica – não é sem coerência interpretar o fenômeno comunicacional, com apoio de Simmel (1996), em sua dimensão nodal, ou seja, como base da sociação. A partir daí, justamente, é que podemos refletir sobre a centralidade da comunicação na experiência social pandêmica.

A noção de sociação – surgida no clássico artigo “Como as formas sociais se mantêm”, publicado no contexto do diálogo de Simmel com a sociologia de Durkheim, em 1897, no *l'Anné Sociologique*, se refere ao processo de produção de padrões de conexão e interrelação entre os indivíduos. Como se sabe, foi a partir desse conceito que Simmel estabeleceu os fundamentos para sua abordagem do fato social, pensando-o como o fundamento do relacionamento entre os indivíduos e que tem por sua principal margem de visibilidade a maneira como ocorre na vida social, suas “formas”.

Ora, a experiência social pandêmica, ao desorganizar e ao exigir múltiplas reorganizações, apenas iniciadas, da vida social, acaba por impor, paralelamente, uma ressignificação da ideia de comunicação. Possibilita perceber que a comunicação não se constitui, simples-

mente, como informação e nem tampouco como um fluxo de consciências ou processos de significação entre indivíduos, mas sim como tecido intersubjetivo, como malha, produzindo vivências (Benjamin, 1989) – experiências imediatas do mundo da vida, não caracterizadas pela mediação de um cogito afeito à compreensão histórica dos sentidos –; traços (Derrida, 2004) – marcas de sentidos incompletos, inconclusos ou imperfeitos que perduram na vida social –; sínteses e tipificações (Schutz, 2012), ou seja, compreensões pragmáticas e úteis, contextuais ao “mundo da vida” – e, sobretudo, sociações (Simmel, 1983), vínculos que se produzem por meio de formas, mas não de sentidos e que atravessam a vida social.

A esses elementos, acrescentaríamos outros dois, particularmente instigantes para pensar a centralidade da comunicação na experiência social pandêmica: a percepção da comunicação como estrutura proteica e multiforme, desenvolvido por Luhmann (1996) e a percepção da cultura como malha, desenvolvido por Ingold (2012; 2015).

O debate aberto por Luhmann (1996) pensa a comunicação como uma liga proteica, multiforme, profundamente adaptativa e que se produz a partir de impulsos, ou acontecimentos (Luhmann, 1996, p. 68). Ainda que construída a partir de uma teoria dos sistemas, comum a um pensamento de matiz funcionalista, no campo das ciências sociais, a reflexão desse pensador ultrapassa a formulação conceitual de sistema como organismo fechado para destacar sua dimensão adaptativa e aberta, por meio da qual não se concebe a comunicação enquanto processo individual, mas sim, fundamentalmente, como processo intersubjetivo e dinâmico. Aliás, como observara Pissarra Esteves (2001), a comunicação possui uma dimensão central no pensamento de Luhmann justamente por constituir-se como conceito trans-individual.

Por sua vez, o paradigma da malha, iniciado por Ingold (2012; 2015), é particularmente interessante para pensar a centralidade da

comunicação, justamente porque a compreende na sua totalidade, ou seja, como o próprio fluxo ou movimento, e não como a mensagem, o conteúdo, o signo, o sentido. A malha, emaranhado de linhas de vida, em permanente movimento e crescimento, seria, de acordo com Ingold, zona de entrelaçamento – ou melhor, meio-ambiente – e correspondência – ou seja, entrelaçamento de devires, o prosseguir do movimento social dos indivíduos, sempre, por meio de um “através de” (Ingold, 2012a).

Se a comunicação ocupa uma posição de centralidade no contexto da pandemia de Covid-19 é porque se tornou, por excelência, o mecanismo produtor de fluxos na vida social, o mecanismo proteiforme produtor de sociações de malhas. Onde a vida passa a depender do essencial, a informação passa a ter um valor vital; quando a vida precisa se isolar para sobreviver, a tecnologia se torna o grande instrumento produtor da sociação.

## **Sentidos plurais dos territórios amazônicos**

A Amazônia é um território plurinacional, que abarca nove países da América do Sul<sup>4</sup>, abriga a maior floresta tropical e o maior bioma do mundo. Soma-se à biodiversidade a imensa diversidade étnica e populacional da região. Nela, vivem mais de 180 povos indígenas, reunindo cerca de 200 mil pessoas, além de mais de mil comunidades

---

4 A saber: Brasil, Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela, Guiana, Suriname e Guina Francesa.

A Amazônia é o maior bioma do mundo, megadiverso, abrange 49,29% do território brasileiro e, além da maior floresta, abriga a maior bacia hidrográfica do mundo. Dados disponíveis em <https://www.icmbio.gov.br/portal/unidadesdeconservacao/biomas-brasileiros/amazonia>. Acesso em 04 Jun. 2021.

quilombolas, comunidades tradicionais de seringueiros, pescadores, ribeirinhos, dentre várias outras, diretamente relacionadas ao manejo sustentável dos recursos naturais. Essas comunidades têm na caça, pesca e no extrativismo a sua fonte de alimentação e renda<sup>5</sup>.

Justamente pela magnitude de suas riquezas naturais e pela importância estratégica que ocupa na geopolítica global, a região é palco de intensas disputas, que decorrem de uma matriz de poder desterritorializada e de modelos de desenvolvimento predatórios, impostos pelo grande capital, de base neoextrativista, frontalmente contrários aos interesses de suas populações.

Segundo Catherine Walsh, "a Amazônia é o eixo de ataque, em toda a América Latina, da `desexistência´, que elimina os povos, as comunidades e a natureza (2020). Trata-se, conforme Walsh, de um projeto bem claro de extermínio. A autora assinala que a pandemia da Covid-19 é parte de um processo de longa duração e tem sido utilizada politicamente para, entre outras coisas, avançar na destruição da floresta em vários países amazônicos, incluindo o Brasil.

Efetivamente, apesar da pluralidade de territorialidades e de experiências sociais autóctones amazônicas, a constância do processo de negação da diversidade sociocultural constitui uma característica histórica contínua, verificada na relação que os diversos Estados nacionais têm com a floresta. No caso brasileiro, esse processo ganhou contornos dramáticos no governo Bolsonaro, que, no contexto pandêmico, se aproveitou da vulnerabilidade dessas populações para impor novas normatizações e práticas que, em seu conjunto, favorecem a expansão do capital agroindustrial sobre a floresta. Particularmente indicativo

---

5 Cf. <https://ispn.org.br/biomas/amazonia/povos-e-comunidades-tradicionais-da-amazonia/> Acesso em 06 Jun. 2021.

desse ethos de extermínio e `desexistência´ foram os vetos, feitos por Bolsonaro, ao Projeto de Lei 1.142/2020, que criava medidas de proteção social para a prevenção do contágio e da disseminação da Covid-19 nos territórios indígenas, comunidades quilombolas e demais povos tradicionais e criava o Plano Emergencial para Enfrentamento à Covid-19 nos Territórios Indígenas.

A crise sanitária, a um só tempo, aprofundou e lançou luz sobre o mapa das desigualdades no Brasil e, na mesma medida, tornou ainda mais perceptível a total ineficácia das políticas de Estado para combatê-las, sobretudo no que tange a uma vasta gama de segmentos sociais historicamente invisibilizados e com acesso precário às políticas públicas. As lógicas predatórias de ocupação e disputa dos territórios amazônicos constituem exemplos muito eloquentes disso. Ainda assim, essas comunidades ativamente investiram na sua autoproteção, como discutimos no tópico a seguir.

## **Redes de (auto)comunicação insurgentes fazem frente à crise**

Diante do descaso do Estado brasileiro no combate à pandemia junto aos povos tradicionais da região amazônica, estes se organizaram de forma autônoma, em comitês constituídos localmente, para erguer barreiras físicas, como cercas, portões cancelas, entre outros, medida sanitária de autoproteção de suas comunidades, de maneira a controlar o fluxo de pessoas e veículos. Além disso, foram fixadas normas no interior de cada comunidade para evitar a aglomeração de pessoas (ALMEIDA, ACEVEDO MARIN, ALEIXO, 2020).

Toda essa mobilização, em grande medida submersa e invisível no noticiário diário dos meios de comunicação de massa, foi acompanhada por intensas práticas comunicativas, de produção e circulação de sentido, que tiveram um papel crucial na articulação e êxito das estra-



tégias adotadas em cada comunidade. Elas foram dos cartazes e faixas afixados nos territórios ao uso intensivo de redes sociais digitais. Houve usos emancipatórios das redes, com efeitos muito importantes na estratégia de autopreservação das comunidades. Combinaram-se dinâmicas comunicativas presenciais, no interior de seus territórios, com o uso crítico e criativo das mídias digitais para enunciarem e tornarem públicas suas demandas, tensionando o cenário político. Nesse sentido, o slogan adotado em uma live da juventude indígena ocorrida durante o Acampamento Terra Livre (ATL), realizado de forma remota entre 27 e 30 de abril de 2020, é uma perfeita síntese dessa combinação: Um pé na aldeia, outro no mundo<sup>6</sup>.

Os povos indígenas da Amazônia brasileira protagonizaram, a propósito, algumas das ações de maior envergadura no âmbito da comunicação no sentido de sua autopreservação. O site Emergência Indígena – Isso é uma emergência, criado pela Articulação dos Povos Indígenas do Brasil- APIB<sup>7</sup>, tornou-se uma plataforma de grande importância ao lançar uma mobilização internacional para salvar vidas. Com o slogan “Nossa luta é pela vida. Sangue indígena: nenhuma gota a menos”, a APIB produziu um relatório analisando a situação dos povos indígenas na crise da Covid-19 e instalou 119 barreiras sanitárias em territórios indígenas. Nas ações comunicativas levadas a efeito no site, “esses sujeitos reivindicam uma fala própria que os identifica e os qualifica enquanto povos indígenas, em situação de resistência contra uma narrativa hegemônica que os coloca como homogêneos”, assinam Vânia Costa e Alda Costa (2020, p. 2)

---

6 “Juventude Indígena comunicação e ação: Um pé na aldeia e outro no mundo”. Disponível em Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V9M5-3NAnLQ>. Acesso em 29 Abr. 2021.

7 Disponível em <https://emergenciaindigena.apiboficial.org/>. Acesso em 15 Abr. 2021.

Para além da referência ao protagonismo dos povos indígenas, focalizamos aqui um caso exemplar de experiência comunicativa e articulação social desenvolvidas durante a pandemia na Amazônia brasileira, que ilustra a análise feita, no secular Território Quilombola no município de Salvaterra, no arquipélago do Marajó. Na análise tomamos por base uma concepção relacional de comunicação (FRANÇA, 2006; BRAGA, 2012). Para França (2006), os sujeitos em comunicação estão enredados em uma teia de relações - a relação com o outro, com a linguagem e com o simbólico -, todas elas mediadas discursivamente. Os sujeitos se constituem na relação e dela resultam, não importa se as relações estabelecidas são de conjunção, de enfrentamento, de associação ou conflito.

Pode-se dizer que as comunidades tradicionais, especialmente indígenas e quilombolas, exercitaram de maneira muito efetiva a autocomunicação, no sentido que lhe é atribuído por Castells (2013), possibilitada pelo uso da internet e das redes sem fio como plataformas da comunicação digital. O autor cunhou o termo autocomunicação de massa, que se inscreve no campo dos contrapoderes, para referir-se a uma forma de comunicação que, ao mesmo tempo que tem alcance massivo, na medida em que está na internet e atinge receptores em escala massiva, baseia-se em redes horizontais de comunicação interativa, que em geral escapam ao controle de governos e empresas. Uma de suas principais características é que é decidida de forma autônoma pelo remetente. "A autocomunicação de massa fornece a plataforma tecnológica para a construção da autonomia do ator social, seja ele individual ou coletivo" (CASTELLS, 2013, p. 12).

Lemos, nesse sentido, chama atenção para o fato de que a mobilidade não é inimiga do local. "Os lugares podem servir de `fundo´ para narrações, contatos e compartilhamento – em tempo real e ao vivo – de informações produzidas por qualquer um" (2011, p. 30). O advento das mídias móveis, a seu ver, trouxe consigo uma complexa relação

entre lugar e mobilidade. Os lugares não são apagados, e sim redimensionados, possibilitando trocas informacionais para usos e fins diversos, incluindo os fins políticos. A mobilidade informacional, conforme o autor, ocorre pela interface entre o espaço eletrônico e o espaço físico, a que ele dá o nome de "território informacional" (idem, p. 26).

Os territórios informacionais foram potencializados e desempenharam um papel fundamental na articulação das demandas de proteção da saúde das comunidades, desassistidas pelo Estado em suas diversas esferas. Mas graças a essa mobilização, com a visibilidade dada às campanhas, acabaram por requerer do poder público redirecionamentos e tomadas de posição.

Indígenas, quilombolas e demais povos e comunidades tradicionais foram impelidos a produzir campanhas genuínas de informação e de obtenção de apoio por intermédio de "vaquinhas solidárias" ou "vakinhas virtuais", rifas beneficentes" e "cotas para aquisição de equipamentos". Fizeram circular ademais textos com tratamentos caseiros, cuidados corporais, orações e mensagens de ânimo e de solidariedade [...] As formas de reciprocidade positiva não se restringiram, no entanto, a fatos religiosos e incorporaram tecnologias sociais e inovações científicas. Esses comitês montaram, neste sentido, um meio de comunicação, mediante uso difuso de *whatsapp*. Empenharam-se na elaboração de cartazes, de equipamentos protetivos e de atos coletivos virtuais, antecipando a qualquer ação dos poderes executivos (ALMEIDA, ACEVEDO MARIN, ALEIXO, 2020, p. 43).

"Vida dos Quilombolas importa", "Saúde para os Quilombolas", "Governo genocida". Com esses slogans, em 26 de maio de 2020, foi convocado pelo Whatsapp um Twitagem no Grupo Combate à Covid-19, organizado no Território Quilombola de Salvaterra, município situa-

do no arquipélago do Marajó<sup>8</sup>, formado por 16 comunidades reunidas em doze associações de remanescentes de Quilombo9. Os conflitos em torno desse território remontam à segunda metade do século XIX e, desde então, têm caráter intermitente. Envolvem disputas por recursos naturais e apropriações de terras por parte de fazendeiros e empresas (ACEVEDO MARIN, SOUZA, 2020).

Assim como aconteceu nas áreas mais pobres e vulneráveis do Brasil, no arquipélago do Marajó se entrelaçaram de maneira contundente a crise sanitária e a desigualdade social, expressa por alguns dos piores índices de desenvolvimento humano do país ostentados pela região. Isso se deve, segundo Carmo (2021), às raízes históricas do modelo econômico concentrador de renda e riqueza, que investe contra as florestas e gera intensos conflitos ambientais, além de graves e permanentes problemas sociais. Para o autor, na região marajoara prevalece uma narrativa que disputa as subjetividades em torno de dois eixos – “continuar a pressão devastadora do capital sobre as florestas de várzea e a luta pela sobrevivência das comunidades ribeirinhas e pela floresta em pé” (idem, 2021, p. 156). A esse cenário acresce-se, de acordo com Carmo, o colapso sincronizado do sistema municipal de saúde, em vista de um longo histórico de precarização.

O colapso do sistema de saúde, diretamente relacionado ao desmonte do Sistema Único de Saúde – SUS, já havia se agravado com a decisão da Secretaria Municipal de Saúde fechar os postos de saúde nas comunidades e a convocação dos agentes de saúde - enfermeiras,

---

8 O maior arquipélago flúvio-marítimo do mundo, localizado ao norte do Brasil, é formado por cerca de 2500 ilhas e 16 municípios paraenses que possuem alguns dos piores Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) do Brasil. Melgaço, um dos municípios marajoaras, detém o pior IDH do país.

9 O território é atravessado pela rodovia PA-154, que liga o município de Cachoeira do Arari a Salvaterra.

técnicas de enfermagem, auxiliares - para trabalhar na sede do município. Diante disso, após o registro dos primeiros casos de Covid em Salvaterra, três jovens lideranças do Território Quilombola tiveram a ideia de formar um grupo para articular as ações de combate à pandemia. A atuação do Grupo Combate à Covid-19 evoluiu para o fechamento das comunidades. Instituiu-se até mesmo um protocolo para reger o fechamento, avalizado pelo Executivo Municipal, mas formulado e efetivado pela própria comunidade<sup>10</sup>.

A convocação do Twitaço foi uma entre múltiplas iniciativas de mobilização das comunidades quilombolas marajoaras, com uso intensivo de diferentes estratégias de comunicação, que tiveram no Whatsapp o principal eixo articulador<sup>11</sup>. Para fazer frente à crise sanitária, o Grupo Combate à Covid não só empreendeu uma dinâmica de autogoverno para proteger a vida dos moradores, como recorreu às redes sociais, produziu faixas demarcando porteiros de acesso às comunidades, fez circular panfletos, deu entrevistas às rádios locais. "O território foi unificado política e simbolicamente com as faixas em cada porteira, portão ou barreira, com os discursos e, especialmente, com a unidade de ação política" (MARIN; SOUZA, 2020, p. 717-718).

Diversas outras ações de mobilização política e social, por meio de dispositivos de comunicação, foram articuladas pelas populações

---

10 O protocolo passou a vigorar no dia 1º de junho de 2020 (MARIN; SOUZA, 2020, p. 720).

11 Conforme Marin e Souza (2020, p. 712), em 15 de abril de 2020 houve o registro da primeira mensagem de WhatsApp, no grupo criado para este fim. O grupo reuniu 36 pessoas, a maioria jovens, que vivem nos 16 quilombos do Território Quilombola de Salvaterra. Dele também participam agentes de saúde, professores da Universidade Estadual do Pará- UEPA e da Universidade Federal do Pará- UFPA, estes últimos apoiadores das ações empreendidas. No grupo circularam centenas de mensagens sob a forma de fotografias, áudios, boletins epidemiológicos, notícias locais e nacionais.

amazônicas vulnerabilizadas no processo pandêmico e diante das imposições truculentas do Estado brasileiro. Naturalmente que essas ações não são suficientes para substituir o Estado no seu devido papel constitucional de protetor dos brasileiros e de sua diversidade. Não são suficientes, tampouco, para conter a dinâmica de necropolítica do governo Bolsonaro, mas se tornam um mecanismo de resistência, mobilização e ação social vital, no contexto da pandemia, particularmente na sociedade amazônica, o que nos permite retornar à tese de que a comunicação ocupa um lugar de centralidade, neste momento.

## Considerações finais

A pandemia da Covid-19 tornou-se indiscutivelmente um fenômeno hipermediático. Durante o ano de 2020 e já em 2021 os principais meios de comunicação do planeta trataram de maneira ininterrupta fundamentalmente da crise sanitária. Na visão de Ignacio Ramonet (2020), jamais ocorreu um acontecimento midiático de semelhante envergadura global. Com a mesma intensidade, porém, assistiu-se, talvez, à mais feroz disputa de narrativas para se tentar impor uma versão dominante sobre a crise, o que levou a uma verdadeira epidemia de fake news. Estas se propagaram, conforme o autor, com igual ou maior velocidade que o vírus e produziram “montañas de embustes” que circularam nas redes sociais (RAMONET, 2020). A disseminação viral de desinformação assumiu tamanho volume, que a Organização Mundial da Saúde (OMS) nomeou o fenômeno de infodemia ou uma pandemia de info-falsidades.

Como postulamos aqui, seja em função desses aspectos ou de tantos outros sobre os quais refletimos neste texto, a comunicação assumiu uma posição de centralidade no contexto da pandemia de Covid-19. Tornou-se, por excelência, o mecanismo pelo qual escoaram ou

se materializaram os fluxos na vida social, entrelaçando-se em uma malha no sentido que se lhe atribui Ingold (2012a), em ininterrupto movimento e crescimento.

A despeito disso, se de um lado impôs-se o isolamento social para o controle da disseminação do coronavírus, em outro plano a crise sanitária global parece ter reforçado ainda mais uma tendência de restrição do movimento, especialmente no que tange ao controle dos fluxos migratórios, já em pleno curso bem antes de sua deflagração, conforme apontado por Mbembe (2019). De acordo com o autor, o “movimento” sempre foi fundante da utopia de um mundo sem fronteiras, em diferentes tradições utópicas.

Mas em função da atrofia da imaginação utópica contemporânea, pratica-se cada vez mais uma política de separação, que demarca em linhas ainda mais fortes as fronteiras, ao invés de atenuá-las. Segundo Mbembe, a violência racial funda-se especialmente na linguagem da fronteira e da segurança. “As fronteiras contemporâneas correm o risco de se tornarem lugares de reforço, reprodução e intensificação da vulnerabilidade para grupos estigmatizados e desrespeitados, para os mais marcados racialmente” (idem)<sup>12</sup>, assinala, chamando atenção de que estes são aqueles cujas vidas se tornam cada vez mais dispensáveis, sob o desamparo neoliberal.

Foram essas fronteiras, com claro marcador racial e étnico, que isolaram ainda mais durante a pandemia, em diversos níveis, comunidades tradicionais na Amazônia brasileira, postas à margem das já precárias e insuficientes medidas de combate à disseminação do novo coronavírus adotadas no país. Essas comunidades, porém, não se ren-

---

12 In: A ideia de um mundo sem fronteiras. 2019. Disponível em <https://www.revista-serrote.com.br/2019/05/a-ideia-de-um-mundo-sem-fronteiras-por-achille-mbembe/> Acesso em 11 Abr. 2021.

deram ao silenciamento que lhes foi imposto e teceram muitas redes, em que novamente a comunicação assumiu posição central.

A condição da subalternidade, assinala Carvalho (2013) é a condição do silêncio. Ao discutir quais são as possibilidades de o subalterno se subjetivar autonomamente, na época contemporânea, com base na discussão feita por Gayatri Spivak, em seu conhecido livro *Pode o subalterno falar?*, o autor considera que a resposta a esta pergunta implica em "conquistar um espaço de enunciação, assegurar um lugar de discurso, entendido como sendo o lugar privilegiado nessa batalha por uma subjetivação equânime" (2013, p. 67).

Consideramos que foi exatamente isso o que se deu com as comunidades tradicionais amazônicas, ante o abandono por parte do Estado durante a crise sanitária. Construíram uma arena discursiva própria, teceram arduamente um espaço de enunciação que teve papel decisivo e fundamental na batalha não só pela possibilidade de se subjetivarem autonomamente e romperem o silêncio a que foram relegados durante a pandemia, como também, no limite, em defesa de sua própria vida. A comunicação se revestiu de caráter emancipatório e constituiu-se em uma dimensão crucial nesse processo, em que as comunidades agiram de maneira autônoma, ditando suas próprias regras de autopreservação da saúde e da vida, em um gesto instituinte e de fundo eminentemente político que pôs em xeque, ao menos momentaneamente, as lógicas colonialistas de controle a que estiveram historicamente sujeitas.

## Referências bibliográficas

ACEVEDO MARIN, Rosa Elizabeth.; SOUZA, José Luiz Souza de. Ações e mobilizações para evitar se expor à morte no território quilombola de Salvaterra. In: ALMEIDA, Alfredo Wagner B.; MARIN, Rosa Elizabeth



Acevedo; ALEIXO, Eriki (Org.). Pandemia e território. São Luís: UEMA Edições/PNCSA, 2020, 1226p, p. 711-739.

ALMEIDA, Alfredo Wagner B.; ACEVEDO MARIN, Rosa Elizabeth Acevedo; ALEIXO, Eriki (Org.). Pandemia e território. São Luís: UEMA Edições/PNCSA, 2020, 1226p.

ALMEIDA, Alfredo Wagner B. O processo de afirmação da ciência e da universidade em tempos de pandemia. In: ALMEIDA, Alfredo Wagner B.; ACEVEDO MARIN, Rosa Elizabeth Acevedo; ALEIXO, Eriki (Org.). Pandemia e território. São Luís: UEMA Edições/PNCSA, 2020, 1226p., p. 943-946.

BENJAMIN, Walter. Paris, capitale du XIXe siècle. Le Livre des passages. Paris: Cerf, 1989.

BRAGA, José Luiz. Circuitos versus campos sociais. In: MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JR, Jeder; JACKS, Nilda (Org.) **Mediação & midiaticização** (Livro Compós). Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2012, p. 32-53. ISBN978-85-232-1205-6. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

CARMO, Eunápio Dutra do. Covid na Amazônia Marajoara: complementaridades e entrelaçamentos da região com maior vulnerabilidade social do Brasil e o aprofundamento da crise sanitária. *Espirales*. Dossiê Especial: COVID-19 na América do Sul, Foz do Iguaçu, UNILA, 2021, ISSN 2594-9721 (eletrônico), Disponível em <https://revistas.unila.edu.br/espiales/article/view/2778/2595> . Acesso em 23 Mai. 2021.

CARVALHO, José Jorge de. O olhar etnográfico e a voz subalterna: para uma teoria da subalternidade e do luto cultural. In: ALMEIDA, Júlia; MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia; GOMES, Heloísa Toller. (Org.). Crítica

pós-colonial: panorama de leituras contemporâneas. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013, p. 55-99.

CASTELLS, Manuel. Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahhar, 2013.

CASTRO, Fábio Fonseca de. Impactos da Covid-19 sobre os processos comunicacionais: primeiras observações sobre dinâmicas, impasses e riscos. Paper do NAEA, v. 29. Belém: NAEA/UFGPA, 2020, p. 86-101.

COSTA, Vânia Maria Torres; COSTA, Alda Cristina Silva. Narrativas de si: as experiências audiovisuais de indígenas sobre a Covid-19. Anais do 18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, 3 a 6 de Novembro de 2020. Disponível em <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2020/schedConf/presentations>. Acesso em 10 Mai. 2021.

DERRIDA, Jacques. Gramatologia. São Paulo: Perspectiva, 2004.

EMERGÊNCIA INDÍGENA. Isso é uma emergência. Site oficial da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil – APIB. Disponível em <https://emergenciaindigena.apiboficial.org/>. Acesso em 15 Abr. 2021.

ESTEVES, João Pissarra. Apresentação ao livro de LUHMANN, Niklas A improbabilidade da comunicação. Lisboa: Vega-Passagens, 1992, p. 5-36.

FRANÇA, V. Sujeitos da comunicação, sujeitos em comunicação. In: FRANÇA, Vera Regina Veiga.; GUIMARÃES, C. (Org.). Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, v. 1, p. 61-88.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012.

\_\_\_\_\_ Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis: Vozes, 2015.

LEMONS, André. Cultura da mobilidade. In: BEIGUELMAN, Giselle; LA FERLA, Jorge (Org.). *Nomadismos tecnológicos*. São Paulo, Editora Senac, 2011, p. 15-34.

LUHMANN, Niklas. *La ciencia de la sociedad*. México/Barcelona, Universidad Iberoamericana / Herder: 1996.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFUGUEL, Ramón (Org.). *Decolonialidade e pensamento afro-diaspórico*. 2. ed.; 3. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, p. 27-53.

MBEMBE, Achille. A ideia de um mundo sem fronteiras. 2019. Disponível em <https://www.revistaserrote.com.br/2019/05/a-ideia-de-um-mundo-sem-fronteiras-por-achille-mbembe/> Acesso em 11 Abr. 2021.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*.

*Perspectivas latino-americanas*. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de

Buenos Aires, Argentina, setembro 2005, p. 107-129.

RAMONET, Ignacio. La pandemia y el sistema mundo. In: Le Monde Diplomatique en español. 25/04/2020. Disponível em <https://mondi-plo.com/la-pandemia-y-el-sistema-mundo>. Acesso em 23 Mai. 2021.

SCHUTZ, Alfred. Sobre fenomenologia e relações sociais. Petrópolis: Vozes, 2012.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAIS FILHO, Evaristo (Org.) Georg Simmel: sociologia. São Paulo, Ática, 1983.

SODRÉ, Muniz. Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2013.

WALSH, Catherine. Diálogo com Catherine Walsh. Reunião virtual promovida pelo Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação no Campo na Amazônia (Geperuaz/UFFPA), Fórum Paraense de Educação no Campo (FPEC) e Rede de Pesquisa sobre Pedagogias Decoloniais na Amazônia (RPDDA). 17/07/2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=EZkmXF55E9o>. Acesso em 15 Mai. 2021.

# ***Pandemia* *Midiatização da Ciência***



# **A epidemiologia na comunicação sobre a pandemia da covid-19**

Luiz Marcelo Robalinho Ferraz

Transmissão local, pico e curva de casos, isolamento, distanciamento social, lockdown, média móvel... Nunca a gramática da epidemiologia esteve tão presente no vocabulário da mídia e da população por causa da covid-19. Desde que a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional, em 30 de janeiro de 2020, em decorrência do surto de coronavírus observado em algumas partes do planeta, a saúde passou a ocupar um espaço de maior destaque no noticiário, tendo os dados epidemiológicos como norteadores de sentido.

Inicialmente, a cobertura jornalística internacional dava conta que uma pneumonia ainda desconhecida, em Wuhan, na China, tinha acometido milhares de pessoas em outras províncias chinesas, disseminando-se, num curto espaço de tempo, para o Japão, a Coreia do Sul, a

Tailândia e Singapura, e, depois, para a Europa, além dos Estados Unidos e Irã, atingindo também a América do Sul. Tornou-se realidade no Brasil logo após o Carnaval. Com a situação de pandemia oficializada pela OMS pouco mais de um mês depois, em 11 de março, a produção noticiosa começou a crescer de forma visível, sobretudo no primeiro semestre do ano de 2020.

A exemplo do jornal francês *Le Monde*, a pandemia esteve presente em todas as editorias dos periódicos brasileiros, de política a nacional, passando por economia, esportes e cultura. No sistema de buscas do Google, o termo “covid-19” gerou 3,8 bilhões de resultados em 10 de outubro de 2021. Considerando o impacto global da doença, o sistema midiático vivenciou um estado de saturação informativa sobre o novo coronavírus, devido à atenção dedicada ao tema pelos meios de comunicação, levando a cobertura noticiosa à exaustão (FERRAZ, 2020).

Esse cenário social de instabilidade foi determinado pelo contexto da crise sanitária que marca uma pandemia, fazendo da imprevisibilidade um valor-notícia importante para a imprensa divulgar um acontecimento sanitário dessa natureza. Como acontecimentos singulares no ambiente social e dentro do universo discursivo (FOUCAULT, 2006; 2007), as epidemias se inserem no contexto das calamidades públicas, sobretudo quando se tratam de doenças infectocontagiosas, ou transmissíveis. Algo que já era comum desde o início do século XX, quando esse tipo de doença provocava mais óbitos.

A pandemia de gripe espanhola, que matou 22 milhões de pessoas no mundo entre 1918 e 1919 e modificou a rotina das cidades (BERTUCCI, 2004), já atraía a atenção da imprensa, pelos severos impactos provocados pela infecção naquele início do século XX. Em 2009, a gripe A (H1N1) converteu-se na potencial ameaça sanitária do século XXI, trazendo de volta a memória da gripe espanhola, da gripe asiática e da gripe aviária no noticiário. Foi encarada como uma doença de grandes proporções, a partir do anúncio da pandemia, e transformou-se em um



acontecimento midiático, sendo os enunciados produzidos determinantes para a midiatização dessa gripe.

No caso do novo coronavírus, o fenômeno vem sendo agravado pelo contexto atual em que proliferam fake news nas redes sociais, cenário que impõe como principal desafio saber distinguir e ponderar sobre o que circula, além dos impactos causados na área da saúde pela infodemia e a desinformação que a assola o mundo com a disseminação de notícias falsas<sup>1</sup>. “Antes, elas ficavam restritas a um pequeno grupo. Hoje, uma pessoa fala para milhares através das redes sociais, que têm a capacidade de reverberar notícias equivocadas, parcial ou na totalidade, podendo provocar sérios danos à saúde. Esse é o fato novo”, comentou Wanderson Oliveira, ex-secretário de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde em entrevista ao Ciseco no canal do YouTube (2021[on-line]).

Em 2009, durante a pandemia da gripe A(H1N1), as mídias sociais ainda estavam se popularizando, sendo o Orkut a plataforma mais utilizada pelos brasileiros, perdendo espaço dois anos depois para o Facebook e o Twitter. Hoje em dia, o WhatsApp vem crescendo cada vez mais em importância e como fonte para se informar, aponta Domingues (2021). Dados da eficácia de antibióticos na prevenção da covid-19, da garantia da imunidade contra novas infecções em pessoas que já tinham contraído o novo coronavírus e até levantando suspeitas sobre as vacinas foram alguns exemplos de notícias falsas observadas.

Quando o Wanderson conversou para o Ciseco Entrevistas, em janeiro de 2021, o cenário da covid-19 no Brasil era um misto de esperança e incertezas. De um lado, a campanha de vacinação dava os

---

1 Enquanto a infodemia representa um excesso de informações corretas ou não que circulam tornando difícil a identificação de fontes idôneas e orientações confiáveis, a desinformação caracteriza-se como uma informação falsa ou imprecisa com propósito claro de enganar (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE, 2020).

seus primeiros passos com a chegada das vacinas ao país. De outro, os especialistas alertavam para o recrudescimento da pandemia, com o aumento do número de casos em função das medidas de relaxamento observadas no final de 2020. E no meio disso, proliferavam notícias imprecisas e falsas sobre a doença, desde como surgiu, a causa e os tratamentos.

“A desinformação pode circular e ser absorvida muito rapidamente, mudando o comportamento das pessoas e possivelmente levando-as a correr riscos maiores. Tudo isso torna a pandemia muito mais grave”, considerou a Organização Pan-americana de Saúde (2020, p. 1). A comunicação assume então uma centralidade nesse processo para fazer as pessoas saberem diferenciar informações verdadeiras das falsas e poderem agir de forma mais consciente para se protegerem melhor não apenas do novo coronavírus, como também dos efeitos da desinformação (DOMINNGUES, 2021).

## **Causalidade e predição na relação entre mídia e saúde**

Interessante perceber as relações entre mídia e saúde pelas noções de causalidade e predição, para compreendermos a importância dos dados epidemiológicos na comunicação sobre a pandemia da covid-19. A causalidade integra o conjunto das bases epistemológicas da epidemiologia, sendo útil na construção dos procedimentos de mensuração de saúde das populações. Para explicar a ocorrência das doenças ou de outros eventos ligados à saúde, a categoria de causalidade contribui para pensar e calcular as estimativas com o apoio da estatística.

Já a predição, por sua vez, busca estabilizar os padrões de ocorrência dos eventos de saúde pelo conhecimento dos seus determinantes para prever o risco e intervir no processo, representando, em termos linguísticos, o ato de afirmar o que vai acontecer no futuro, prever.

Reflexo das incertezas que rondam o mundo contemporâneo, essa preocupação "futuroológica" não é restrita apenas à epidemiologia, sendo estudada por outros campos, em função da percepção de que o presente está se encolhendo e da ampliação das incertezas. Desdobramento da ideia de norma, o risco está cada vez mais presente no nosso cotidiano. Em meio às incertezas e inseguranças que rondam o mundo, o risco se tornou um elemento central para tomada de decisões racionais na sociedade contemporânea, atualmente definida como sociedade de risco (BECK; GIDDENS; LASH, 1997; BECK, 2005; 2010; GIDDENS, 1991).

Dentro dessa nova concepção, na qual a produção dos riscos domina a lógica da produção de bens, os riscos seriam mais democráticos e globalizados, tornando a repartição mais equalizada. Sendo assim, ninguém, nem pobres nem ricos, estaria totalmente imune às ameaças produzidas e agravadas pelo progresso. O sujeito seria concebido como dono do próprio destino, com autonomia para fazer suas escolhas no sentido de reduzir os riscos.

Com a covid-19, o seu poder de escolha teria reflexos diretos sobre a coletividade, no sentido de garantir a proteção não só de si, como também, e principalmente, de seu entorno. Isso demandaria uma noção de solidariedade e responsabilidade mútua na "guerra" (usando um termo bélico bastante comum para o poder público e a mídia) contra a doença, de uma forma muito mais enfática que no caso da dengue, da Zika e da chikungunya, em grande medida pelos impactos provocados pela atual pandemia. Embora o distanciamento entre pessoas fosse um procedimento secular para evitar o contágio, a ocorrência de uma quarentena de proporções globais foi um fator decisivo para diferenciar o noticiário sobre essa síndrome respiratória (QUARENTENA, 2020).

Para os meios de comunicação, cujo objetivo é relatar os fatos no espaço público, a seleção e a construção do acontecimento midiático se dão por meio dos operadores de "atualidade", "socialidade" e "impresvisibilidade". Esses operadores estão diretamente relacionados aos va-

lores subjetivos que determinam a noticiabilidade de um fato, denominados pelos teóricos do jornalismo como valores-notícia<sup>2</sup> (GALTUNG; RUGE, 1965, 1980; RODRIGO ALSINA, 2009; PEREIRA JUNIOR, 2000; SODRÉ, 2009). São características que modificam o acontecimento a partir de uma mimese própria do campo jornalístico, relacionando com a tríplice mimese de Ricœur (1994), a fim de garantir a sua noticiabilidade.

Nas mídias, o acontecimento sempre é construído, pois o sentido nunca é dado antecipadamente, e sim determinado pelas escolhas e as estratégias adotadas nos textos produzidos. De acordo com Charaudeau (2006), o sentido do discurso se dá por meio de um duplo mecanismo: a) de transformação, que consiste em dar significação ao mundo (nomear, qualificar, narrar e argumentar) e b) de transação, que tem por finalidade dar significação ao ato da linguagem (identidade do outro, efeito sobre esse outro e relação que se pretende instaurar e regulação de todos os parâmetros anteriores).

O processo de transação, diz o linguista francês, é que comanda o processo de transformação, já que o homem fala "para se colocar em relação com o outro porque disso depende a própria existência, visto que a consciência de si passa pela tomada de consciência da existência do outro, pela assimilação do outro e ao mesmo tempo pela diferencia-

---

2 Enumerados inicialmente por Galtung e Ruge (1965), os valores-notícia sofreram uma série de desdobramentos ao longo dos anos. Mais recentemente, inspirado na lógica de Galtung e Ruge, Sodré (2009, p. 76, grifo do autor) definiu os seguintes critérios que pautam a rotina das reda es: a novidade (atualidade), a imprevisibilidade (singularidade), o peso social (aten o coletiva), a proximidade geográfica, a hierarquia social dos personagens (identidade dos famosos), a quantidade de pessoas e lugares envolvidos (magnitude do fato), o impacto sobre o público e as perspectivas de evolu o do acontecimento. Evidentemente que quanto mais valores, mais destaque o veículo de comunica o dará   notícia. Por outro lado, fatos sem marca o "não significam fatos sem importância social, e sim fatos não imediatamente relevantes para o cânone da cultura jornalística".

ção com relação ao outro" (CHARAUDEAU, 2006, p. 42). No processo de transformação, o acontecimento percebido num primeiro momento (acontecimento bruto e interpretado) passa por uma construção na instância de produção midiática, sendo transformado em notícia (acontecimento construído), em função de como o veículo imagina o seu leitor/ouvinte/telespectador/internauta.

Como uma construção social, o texto jornalístico insere o público em um contrato implícito que extrapola a norma da objetividade norteadora da prática profissional do jornalista, "alcançando os ideais de equilíbrio, pluralidade, abrangência temática e responsabilidade no trato da informação" (BENETTI, 2007, p. 3). Aliado às noções de neutralidade e imparcialidade que predominam alegoricamente na construção do discurso, os meios advogaram para si a credibilidade como principal capital simbólico. Essa credibilidade vem da confiança construída pelo campo através dos acontecimentos retratados, o que dá uma ideia de verdade aos relatos produzidos (RIBEIRO, 2005).

Da parte do jornalismo, a ideia de causalidade também pode ser vista no seu fazer cotidiano, só que num outro contexto. No contrato de comunicação, o processo de transformação pelo qual passa o acontecimento já na fase de produção da notícia o insere numa lógica causal a fim de poder ser organizado e interpretado (CHARAUDEAU, 2006). Os relatos buscam explicar as razões, os responsáveis, as implicações do fato na vida social e os possíveis desdobramentos do fato.

No caso de epidemias e pandemias, o contexto de imprevisibilidade que as caracteriza também representa um atributo importante para a noticiabilidade de um acontecimento epidemiológico dessa natureza. Mais que uma epidemia, que já carrega em si uma forte carga simbólica, falar de pandemia nos remete à desordem causada pelo caráter acidental da doença em larga escala na população mundial, provocando mortes e afetando a rotina de cidades, estados e países.

Na covid-19, o que parecia ser uma doença distante inicialmente se tornou uma realidade cada vez mais próxima dos cidadãos ao redor do mundo, com a chegada e a posterior disseminação do vírus sobre o território geográfico, a sobrecarga nos sistemas de saúde públicos e privados nas fases mais agudas e a adoção de práticas sanitárias, como o isolamento, distanciamento social, a quarentena ou o bloqueio total, para conter a sua propagação. Nesse cenário, os relatos jornalísticos foram decisivos para dar 'vida' ao novo coronavírus, devido a uma publicação diária sem precedentes por parte dos meios de comunicação, especialmente no momento em que as pessoas foram orientadas/obrigadas a ficarem em casa, por determinação do poder público.

## **O papel da comunicação de risco e do consórcio de veículos da imprensa**

A epidemiologia torna-se então um elemento importante dessas narrativas midiáticas, a partir dos dados produzidos pelo setor e divulgados através do poder público e da própria mídia. Nos primeiros três meses da pandemia, ainda na gestão dos ex-ministros Luiz Henrique Mandetta e Nelson Teich, era comum assistirmos, através da televisão ou da internet as coletivas de imprensa, inclusive nos finais de semana, com a participação dos técnicos da Vigilância à Saúde para esclarecer os números, tirar dúvidas e fazer anúncios de novas medidas governamentais, às vezes interministeriais. Um tipo de divulgação que pode estar ligado ou não à comunicação de risco.

Estratégia surgida nos Estados Unidos na década de 80, a comunicação de risco é muito usada por empresas para lidar com riscos ambientais e ocupacionais. Passou a ser adotada pela saúde pública a partir dos anos 2000. Considerando que toda emergência de saúde pública traz consigo novos desafios comunicacionais, a comunicação de risco "se coloca como uma alternativa para uma comunicação que

propicie um diálogo e a participação efetiva da audiência, ao tempo em que estabelece confiança e credibilidade na fonte de informação, pretendendo remover barreiras para uma comunicação efetiva" (RANGEL-S, 2007, p. 1377).

O propósito é informar proativamente e de forma transparente sobre o que está sendo feito para a população envolvida no sentido de minimizar possíveis impactos negativos e salvar vidas, mesmo diante do desconhecido, conforme defende a Organização Panamericana de Saúde (2020). "É necessário ter uma estratégia de comunicação de risco e isso prescinde de tempo, de diálogo, de abrir o microfone para que os jornalistas possam perguntar à exaustão e eu vou ter de repetir à exaustão a resposta quando eu souber", explicou Wanderson (2021[online]).

No caso da imprensa, desde que a OMS declarou a situação de pandemia, nós nos deparamos com matérias diárias em praticamente todos os meios atualizando os dados sobre casos novos confirmados, notificações em investigação, registros descartados e óbitos. A partir de 2021, o total de pessoas que tomaram a primeira e a segunda dose das vacinas também foi incluído nessa divulgação dos dados da doença. Tanto para o gestor público quanto para os veículos de comunicação são informações importantes para dimensionar a situação epidêmica. Nesse sentido, os números absolutos e os percentuais adquirem um valor especial em contextos de crise sanitária para dar mais sentido à doença no território geográfico e na cobertura jornalística.

Em janeiro de 2021, quando o Wanderson Oliveira foi entrevistado pelo Ciseco, o Brasil tinha registrado cerca de 8,1 milhões de casos e mais de 203 mil óbitos registrados, dando uma letalidade de 2,5%, ou seja, o número de pessoas que pegaram covid-19 e levaram a óbito. Um percentual, segundo ele, ainda elevado, tendo em vista que a estimativa era em torno de 0,5% a 1%. Quase um ano e sete meses de pandemia, o país já passava a marca dos 21,5 milhões e das 600 mil mortes. No

mundo, o total de casos confirmados ultrapassava os 217 milhões com mais de 4,5 milhões de óbitos, segundo dados divulgados pela Johns Hopkins University (2021).

“A taxa de letalidade do Brasil está em 2,64%, no entanto deveria estar próxima da taxa dos Estados Unidos cerca de 1%”, comentou Wanderson no seu blog em 30 de julho numa análise sobre a situação do Brasil e do mundo sobre a covid-19 (OLIVEIRA, 2021[on-line]). Para isso, diz ele, seria preciso investir mais em testes e orientar que municípios registrassem todos os testes realizados e não apenas os positivos. Quanto à imunização, países como o Chile (63,13%), o Uruguai (63,03%), o Canadá (57,37%), os Estados Unidos (48,91%), a Colômbia (22,52%) e o México (19,28%) apresentavam, até o final de julho de 2021, melhor percentual de pessoas com o esquema vacinal completo que o Brasil (18,59%).

Para o ex-secretário nacional de Vigilância à Saúde do Ministério, o ano de 2021 ainda requer a adoção de medidas de proteção, como o uso de máscaras, a lavagem das mãos com frequência e evitar aglomerações, mesmo com a campanha de vacinação em curso, tendo em vista que a imunização, num primeiro momento, terá um efeito mais individual que coletivo, diante da proporção de pessoas vacinadas:

O SARS-CoV1, que provocou a primeira pandemia, entre o final de 2002 e início de 2003, permaneceu circulando no mundo, de novembro de 2002 a julho de 2003. Depois, desapareceu para o mundo, mas continuou circulando na China até 2010. Inclusive essa é uma das hipóteses de que o povo chinês tenha muito mais memória imunológica contra esses coronavírus, assim como a imunidade do brasileiro contra a dengue porque ela circula mais aqui.(OLIVEIRA, 2021[on-line])



Considerando o impacto da crise sanitária, a produção de notícias acompanhou a intensidade e magnitude da escalada da propagação do vírus, com maior ou menor volume, a depender do contexto epidemiológico. Nos primeiros cinco meses da epidemia no Brasil, o jornal paulista Folha de S.Paulo publicou no seu site 13.404 textos jornalísticos sobre a covid-19, tratando da doença como assunto principal ou secundário. O desenrolar dos fatos, com a divulgação diária de novos casos e mortes, além da superlotação nas UTIs e dos estudos científicos em torno da nova doença, foi fundamental para a superexposição sem precedentes da covid-19 no noticiário.

A crise política desencadeada pela pandemia e valorizada pelos veículos do primeiro para o segundo semestre de 2020 foi uma das responsáveis pela politização da covid-19, bem como a uma diminuição gradativa da cobertura sobre a pandemia, na contramão das tendências epidemiológicas (FERRAZ, 2020). O cenário foi agravado pela troca de ministros da Saúde, a partir de desentendimentos com o Presidente da República sobre a adoção do distanciamento social e o uso de medicamentos como medida para evitar a propagação da doença – caso do Mandetta e do Teich.

Essas alterações impactaram nas ações de comunicação do governo federal, especialmente na divulgação dos dados da doença. Antes, as informações eram repassadas aos veículos de comunicação por volta das 17h por meio de uma coletiva da imprensa. Já na gestão do também ex-ministro Eduardo Pazuello, os dados passaram a ser divulgados às 22h gerando críticas da imprensa pela inviabilidade da publicação. A criação do Consórcio dos Veículos de Imprensa<sup>3</sup> foi uma

---

3 O Consórcio foi criado no dia 8 de junho de 2020, em maio ao apagão de dados do Ministério, através de uma parceria entre o Grupo Globo, o Grupo Folha, o Grupo Estado e Grupo UOL para coletar os dados junto às secretarias estaduais de saúde e divulgá-los em conjunto.

resposta à falta de transparência das divulgações feitas pelo governo federal, associado às trocas constantes de ministros da saúde, fato que agravou o clima de instabilidade na gestão da saúde, em função da crise política instalada no país.

O consórcio de veículos, de maneira inédita, passou a coletar informações dos 26 estados e do Distrito Federal diretamente nas secretarias de saúde, para divulgação diária junto ao seu público, prática que perdura até os dias de hoje. “O governo federal, por meio do Ministério da Saúde, deveria ser a fonte natural desses números, mas atitudes recentes de autoridades e do próprio presidente colocam em dúvida a disponibilidade dos dados e sua precisão”, justificou o grupo no momento da instituição da parceria (VEÍCULOS, 2020[on-line]) em comunicado para a população. As alterações na publicação do balanço teriam afetado a quantidade e a qualidade dos dados, a exemplo da mudança no portal do Ministério da Saúde em plena pandemia.

O governo federal mudou a estrutura do site completamente. Ele está usando uma estrutura muito legal, baseada no modelo do Reino Unido. Em vez de ter o site [www.saude.gov.br](http://www.saude.gov.br), criou-se um portal chamado [gov.br](http://gov.br), o portal do governo, e colocou-se ali todas as informações. O problema é que muitas informações que a gente procura hoje não estão mais indexadas. A mudança foi feita no meio de uma crise. É como se tivesse trocado o técnico no meio do jogo. Então, isso gera muita incerteza, dúvida e lamentavelmente gera fake news. (OLIVEIRA, 2021[on-line])

Ao analisar a noção de tempo histórico em epidemias e pandemias, Barbosa (2020, [on-line]) afirma que elas costumam abalar a chamada “ordem dos tempos”, alterando a relação do sujeito com a experiência do tempo e despertando medos e expectativas em relação ao futuro. Essa preocupação profilática com o futuro também pôde ser obser-

vada com os riscos e as ameaças que a covid-19 ainda representa. As medidas de planejamento sanitário antecipadas, pauta constante das produções midiáticas, seriam consideradas índices da preocupação profilática com o porvir. Narrativas que, de algum modo, também reforçam a antecipação do futuro, por meio da circulação de informações a respeito da infecção, na busca de certo controle sobre o mundo que se conhece e se descortina sob a alcunha do “novo normal”.

Nesta pandemia, notícias locais e internacionais, casos e mortes confirmados, comunicados gerais dos governos, atualizações epidemiológicas e intervenções sociais foram apontados pela Oms como alguns dos principais tipos de informações por que as pessoas buscam (PAHO, 2020). No âmbito da comunicação governamental, a divulgação de informações faz parte das rotinas de comunicação social de governos, através das assessorias de comunicação/imprensa, um trabalho que envolve a relação do executivo com a sociedade.

Na covid-19, a Organização Mundial de Saúde determinou a mobilização da sociedade como uma das cinco estratégias para o controle da pandemia, de modo a assegurar que as pessoas participem da resposta e da prevenção de casos (2020). Em situações de incertezas, essa atividade que integra de gestão do risco intenta “dar sentido à epidemia, por meio de uma avalanche de informações que são continuamente revistas e reavaliadas” (SPINK, 2020, p.14), em meio às lacunas de conhecimento existentes.

## **O SUS no horizonte de perspectivas pós-pandemia**

No saldo de “perdas e danos” decorrentes com a pandemia, algumas questões surgem no horizonte de reflexões na comunicação sobre a covid-19. Um dos mais importantes talvez tenha sido a revalorização da saúde pública, visualizada através das falas dos gestores públicos

através da mídia. E o que isso tem a ver com o novo coronavírus? Tudo. É o sistema de saúde quem está norteando as regras e orientações de assistência e as políticas de controle da doença, inclusive relativas às vacinas. A vigilância epidemiológica faz parte desse sistema, tendo um papel fundamental na produção de informações sobre doenças e agravos à saúde.

No Brasil, a saúde pública é representada pelo Sistema Único de Saúde, o SUS. Foi criado com a Constituição de 1988, sendo considerado um dos maiores e mais complexos sistemas mundiais do gênero. Complexo porque envolve desde a atenção primária, com postos de saúde espalhados em comunidades carentes e bairros mais nobres do país, até a alta complexidade, com hospitais de atendimento mais qualificado e alta tecnologia envolvida. O Brasil é modelo nisso. Tem deficiências, sim, e muitas, até porque o nosso país tem dimensões continentais e o sistema ainda está em construção. Mas a sua eficácia e importância são comprovadas dentro e fora daqui.

O surgimento do SUS permitiu o acesso universal ao sistema público de saúde. Antes da década de 1990, a saúde pública era para poucos. Só quem trabalhava com carteira assinada tinha direito ao atendimento nos hospitais próprios ou conveniados através do Inamps (Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social), o "antepassado" mais próximo do SUS. Os demais precisavam pagar do próprio bolso. Nos últimos tempos, vemos a valorização crescente dos planos de saúde país a fora como a alternativa viável para a saúde das pessoas que podem pagar alguma coisa (mas isso já é outra história...).

Questionado sobre um possível fortalecimento do SUS durante a pandemia, Wanderson Oliveira ressaltou a importância da vigilância e do engajamento da sociedade, através do controle social, para garantir as bases atuais do sistema de saúde. "Se não considerarmos o controle social, nunca teremos um SUS forte porque se a gente tiver uma lógi-

ca só de empresas cuidando de saúde vamos ter um 'neofeudalismo', como alguns dizem", considerou.

Na opinião dele, o Estado é parte desse processo, e isso quer dizer que ser menos ou mais liberal. "O Reino Unido, que é um estado liberal e capitalista, tem o maior sistema público do mundo, que é o NHS [National Health Service, o Serviço Nacional de Saúde]. E o sistema do Brasil foi inspirado no NHS, então temos de nos espelhar nele", diz. A fala e a ação dos dirigentes, inclusive através da mídia, pode ser um bom indicador da forma como eles encaram o sistema público e da gestão política em torno disso. Que não estejamos diante de meras retóricas vazias de conteúdo e que saibamos valorizar as lições a serem aprendidas aqui e lá fora nesta pandemia do coronavírus e para além dela a fim de pensar e fazer a diferença.

As formas de apreender objetivamente os fenômenos relativos à saúde-doença-cuidado na nossa sociedade passam não apenas pela determinação de probabilidades realizada pela epidemiologia, como também pela utilização desses dados por parte da mídia, o que contribui na construção semântica da pandemia. Seja na produção do texto em si, seja na forma de anunciar o assunto no noticiário, a imprensa se apoia na referência a informações capazes de mensurar a saúde e a doença das populações, a exemplo dos dados estatísticos e das explicações epidemiológicas, tornando-os mais "palatáveis" na organização e interpretação do acontecimento noticiado.

Ao assumir o papel de mediador entre o real e o público, o jornalismo e a mídia de modo geral buscam intermediários para entender o mundo e construir relatos sobre ele. Não sendo produto de um conhecimento privilegiado apenas do saber médico-científico, a covid-19 está imiscuída de significados e valores. Tendo a doença significados particulares conforme a cultura e a história de cada povo e cada época, analisá-la no entremeio entre a comunicação e a saúde é se debruçar

sobre parte importante do processo de construção sociocultural acerca do patológico, atravessado por lógicas e protocolos próprios.

## Referências

BARBOSA, C. Quando as pandemias afetam a nossa percepção do tempo histórico. **Café História**. Brasília, 11 mai. 2020. Disponível em: <<https://www.cafehistoria.com.br/pandemias-e-experiencias-de-tempo-historico/>>. Acesso em: 29 ago. 2021.

BECK, U. **Sociedade de risco**: rumo a uma outra modernidade. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: Ed. 34, 2010.

\_\_\_\_\_. Risk Society Revisited: Theory, Politics and Research Programmes. In: ADAM, B., BECK, U., LOON, J. **The risk society and beyond**: critical issues for social theory. London, UK: Sage Publications, 2005. p. 211-29.

BECK, U., GIDDENS, A., LASH, S. **Modernização reflexiva**: política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: Editora Unesp, 1997.

BENETTI, M. A ironia como estratégia discursiva da revista Veja. **Libero**, São Paulo, n. 20, p. 37-46, dez. 2007.

BERTUCCI, L. M. **Influenza, a medicina enferma**: ciência e práticas de cura na época da gripe espanhola em São Paulo. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

CISECO ENTREVISTAS: Marcelo Robalinho/Wanderson Oliveira. Entrevista realizada por Marcelo Robalinho. [S.l.: s.n.], 2021. 1 vídeo (1h19min2seg). Publicado pelo canal Ciseco. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MCfEfktuOjI&t=1177s>>. Acesso em: 30 ago. 2021.

DOMINGUES, L. Infodemia: uma ameaça à saúde pública global durante e após a pandemia de covid-19. **Reciis**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 12-17, jan.-mar. 2021.

FERRAZ, L. M. R. Saúde e política na crise da Covid-19: apontamentos sobre a pandemia na imprensa brasileira. **Reciis**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 273-8, abr.-jun. 2020.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2007.

\_\_\_\_\_. **O nascimento da clínica**. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2006.

GALTUNG, J.; RUGE M. H. Structuring and selecting news. In: COHEN, S.; YOUNG, J. (Eds). **The manufacture of news: deviance, social problems and the mass media**. London: Constable, 1980. '

\_\_\_\_\_. The structure of foreign news. **Journal of Peace Research**. Noruega, v. 1, p. 64-90, 1965.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Unesp, 1991.

JOHNS HOPKINS UNIVERSITY. COVID-19 map: Johns Hopkins Coronavirus Resource Center, 2021.

OLIVEIRA, W. Análise da situação do Brasil e do mundo sobre a covid-19 e síntese da vacinação. *Epidemiologista.org*. Brasília, 30 jul. 2021. Disponível em: <<https://www.epidemiologista.org/post/30jul21-an%C3%A1lise-da-situa%C3%A7%C3%A3o-do-brasil-e-do-mundo-sobre-a-covid-19-e-s%C3%ADntese-da-vacina%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 30 ago. 2021.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE. **Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a covid-19**. Brasília: Departamento de Evidência e Inteligência para Ação em Saúde, 2020. (Página informativa n. 5).

\_\_\_\_\_. **Comunicação de risco e engajamento comunitário (CREC):** Prontidão e resposta ao novo coronavírus de 2019 (2019- nCoV). Brasília, v. 2, 26 jan. 2020. Guia provisório.

PEREIRA JUNIOR, A. E. V. **Decidindo o que é notícia**. Porto Alegre: Edipucrs, 2000.

QUARENTENA global é evento inédito na história das pandemias. **Agência Brasil**. Brasília: EBC, 26 abr. 2020. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-04/quarentena-global-e-evento-inedito-na-historia-das-pandemias>>. Acesso em: 30 ago. 2021.

RANGEL-S, M. L. Comunicação no controle de risco à saúde e segurança

na sociedade contemporânea: uma abordagem interdisciplinar. **Ciência & Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v. 12, n. 5, p. 1375-85, set.-out., 2007.



RIBEIRO, A. P. G. A mídia e o lugar da história. In: HERSCHMANN, M.; PEREIRA, C. A. (Orgs.). **Mídia, memória e celebridades**. 2. ed. Rio de Janeiro: E-Papers, 2005. p. 105-129.

RICOEUR, P. **Tempo e narrativa**. Tradução de Constança Marcondes Cesar. Campinas, SP: Papyrus, 1994. v. 1.

RODRIGO ALSINA, M. **A construção da notícia**. Tradução de Jacob A. Pierce. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SODRÉ, M. **A narração do fato**: notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SPINK, M. J. P. Fique em casa: a gestão de riscos em contextos de incerteza. **Psicologia & Sociedade**. Recife, v. 32. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/psoc/a/8vRJxGtSnJp7YVMyyNhDqTC/?lang=pt>>. Acesso em: 30 ago. 2021.

VEÍCULOS de comunicação formam parceria para dar transparência a dados de covid-19. G1, O Globo, Extra, Estadão, Folha e UOL. São Paulo, 8 jun. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/08/veiculos-de-comunicacao-formam-parceria-para-dar-transparencia-a-dados-de-covid-19.ghtml>>. Acesso em: 29 ago. 2021.



# **Pandemia e Produção de Sentidos:** como o controle da Comunicação obstaculiza uma participação cidadã

Wilson Couto Borges  
Luiz Felipe Stevanim  
Rodrigo Murтинho

## **Introdução**

Neste trabalho apresentaremos uma reflexão sobre a centralidade da comunicação, cuja ênfase aqui será o contexto da pandemia de COVID-19, nos processos de produção social de sentidos. Para tanto, tomaremos como ponto de partida o discurso do sanitarista Sérgio Arouca, à época presidente da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), na abertura

da 8ª Conferência Nacional de Saúde, em 1986.<sup>1</sup> A escolha desse marco temporal repousa, primeiro, no fato de que aquele discurso ratificava o conceito ampliado de Saúde, celebrado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), o que significava compreender Saúde não apenas como a ausência de doenças, mas como um estado de bem-estar físico, mental, social, afetivo, em que as pessoas tivessem direito à moradia, ao trabalho, ao salário digno, à água, e, inclusive, à informação e à comunicação; segundo, como uma das consequências práticas daquelas palavras, a criação da Superintendência de Informação Científica (SIC) que, desde 2006, tornou-se o Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (ICICT), unidade técnico-científica da Fiocruz a ter Informação e Comunicação como objetos centrais de reflexão e ação.

Essa guinada do lugar da saúde, num ambiente de redemocratização do país, reforçou a importância de se abrir canais de diálogo com a população brasileira, incorporando-a nessa construção. Nesse caso, a Comunicação e a Informação passaram a ocupar um lugar central: mais do que falar melhor, o que se buscava era “mudar o nosso ouvido”. Logo, as posições tradicionalmente envolvidas nos processos mais informacionais e transferenciais de comunicação passaram a ser revistas. Com a passagem do século XX para o XXI, o florescimento da internet trouxe com ele a expectativa, em parte inicialmente realizada, de aumentar a possibilidade de inclusão da população de nosso país no processo de maior exercício de cidadania. Entretanto, um dos obstáculos principais a esse movimento é o das grandes corporações, midiáticas inclusive. Na medida em que processos de comunicação estão imersos em relações de poder, a manutenção do status quo passa inevitavelmente pelo papel exercido pela mídia. Nos termos aqui apresentados, o controle da comunicação é dimensão estruturante da

---

1 O vídeo pode ser encontrado em [https://youtu.be/\\_HmqWCTEeQ](https://youtu.be/_HmqWCTEeQ)

forma como as ideias circulam ou podem circular. Não obstante não trabalharmos qualquer tipo de determinismo, o que podemos apontar é que a ausência de uma Política Nacional de Comunicação de caráter democrático é fator preponderante para uma participação social e política menos efetiva, conduzindo a sociedade ao que poderia ser qualificado como uma cidadania obstaculizada.

A descrição desse cenário maior nos conduz inevitavelmente a dois movimentos que são complementares. O primeiro deles diz respeito à necessidade de se observar a pandemia de COVID-19 como um problema de Comunicação: como promover um processo de mudança social em que a população possa se convencer da necessidade e da importância de realizar o distanciamento social e adotar formas de prevenção (como o uso de máscaras, por exemplo)? Segundo, qual o nosso lugar nesse ambiente em que esse mesmo conjunto de orientações dialoga com sinais invertidos, isto é, recomendações contrárias àquelas produzidas e promovidas por instituição de pesquisa, comprometidas com o conhecimento científico? Na busca por trabalhar sobre esse conjunto de desafios, partiremos do lugar da Comunicação comprometida com o sentido ampliado de Saúde, ratificada pela força como o ICICT nela se incorpora.

## **A centralidade da relação Comunicação, Informação e Saúde: mudança no olhar**

Quando apontamos a centralidade da relação entre Comunicação, Informação e Saúde é de fundamental importância que identifique, de saída, nosso lugar de fala. Isso porque somos um grupo de pesquisadores vinculados a uma instituição cujas raízes estão no campo sanitário, com uma longa tradição também no campo da Ciência e Tecnologia, mas que abarca uma diversidade muito grande de saberes oriundos de outros campos como o da História, da Pedagogia, da Divulgação Cien-

tífica, da Sociologia, da Antropologia, além do da Comunicação, para ficar apenas nesse conjunto de Ciências. Paralelamente, não podemos esquecer as múltiplas interferências de pressupostos, de abordagens, de saberes, de metodologias, de paradigmas que o nosso campo de origem também incorpora ao longo da formação social brasileira. Nesses termos, falar do nosso lugar significa dizer que a relação entre Informação, Comunicação e Saúde aqui explorada tem a marca dos princípios contidos na formulação do Sistema Único de Saúde. Ou seja, são direitos humanos e universais.

Como já enunciamos em outra oportunidade, nosso olhar parte de uma compreensão da Saúde simultaneamente como “uma política pública, campo e prática social que se estrutura nos espaços de contrução da democracia representativa e da midiatização” (BORGES; TORRES, 2019). Nesses termos, configura-se como arena privilegiada de observação de como as disputas, contradições e embates podem ser capturados. Isso significa igualmente apontar que fenômenos e processos como o que assistimos durante essa emergência sanitária de COVID-19 estão imbricados num processo mais amplo e complexo que pode ser localizado num quadro mais geral em que “um regime de governamentalidade (neoliberal) emerge como marca indelével, reificando processos de individuação e de autoresponsabilização” (BORGES; TORRES, 2019). Um dos efeitos dessa dinâmica pode ser visto nas discussões sobre quem usa ou quem não usa a máscara ou, ainda, quem respeita ou não respeita o isolamento social. A questão nos parece mais profunda e mais estrutural, que dialoga diretamente com modos de ser e de fazer, próprios dos protocolos tecno-midiáticos.

O início de uma aliança entre Comunicação e Saúde aqui no Brasil já foi oportunamente explorada por Araújo e Cardoso (2007), especialmente a partir da vinculação entre esses dois campos, expressa nas campanhas de saúde direcionadas por uma perspectiva de educação da população brasileira a partir dos anos 1920, sob a égide

do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP). Dessa vinculação, o que queremos reter para fins de compreensão dos fenômenos que estamos explorando é o fato de que esse movimento dialogava e acentuava uma abordagem e uma prática em que a centralização da informação, com a efetiva concentração de poder, consolidava um tipo de comunicação verticalizada e unidirecional. Talvez não seja inoportuno mencionar que, a partir de 1923, com "a redesignação do DNSP para Serviço de Propaganda e Educação Sanitária (...) a informação associada a procedimentos estatísticos/epidemiológicos (...), comunicação e educação eram tratadas de forma amalgamada" (ARAÚJO; CARDOSO, 2007, p. 30).

Esse amálgama, que dialogava direta e frontalmente com o modelo informacional, vinculado à teoria hipodérmica da comunicação, também chamada da "bala mágica" (que pode estar atualizada na expressão "bala de prata" quando epidemiologistas se manifestam sobre o potencial da vacina – nesse caso, eles afirmam que a vacina não é a bala de prata), concebia a população como um alvo – um alvo que, com a informação certa, poderia mudar seu comportamento. Um dos muitos problemas de tais concepções é que ela cristalizava e acentuava a assimetria das relações de poder. Até aqui, nenhuma novidade. Entretanto, um dos efeitos desse processo, que não pode ser desprezado, é o quanto tal concepção, incorporada pelo Estado, passou a nortear, igualmente, políticas públicas no campo da radiodifusão.

O modelo de desenvolvimento no Brasil ganhou forte impulso durante o I Governo Vargas, a partir dos anos 1930, com as primeiras legislações de radiodifusão. Data desse momento histórico um dos marcos na constituição desse modelo privado das comunicações, que é a construção do primeiro grande conglomerado de mídia que, sob a ação política de Assis Chateaubriand, incorporaria simultaneamente jornais, revistas, rádios e canais de TV e, mais tarde, páginas de in-

ternet.<sup>2</sup> Já no Governo Juscelino Kubitschek e seu Plano de Metas (50 anos em cinco) e incentivo à infraestrutura, tal concentração aumentaria. Mas, será com o regime ditatorial que se instalou no Brasil a partir de 1964, que a oligopolização da comunicação ganhará suas cores mais nítidas e haverá uma mudança de protagonismo do principal grupo de comunicação: assiste-se ao enfraquecimento dos Associados e o agigantamento do Grupo Globo. Em nosso país, o modelo de desenvolvimento escolhido foi o de base comercial, ou seja, a comunicação é controlada por empresas que têm interesses comerciais, políticos e religiosos muito claros.

O movimento que elevou Assis Chateaubriand ao posto de o grande magnata da mídia revela dois aspectos, mas deixa relativamente opaco um outro. O primeiro é que não nasce com Chatô o uso de veículo de difusão como ferramenta que dá suporte político às grandes oligarquias – isso pode ser facilmente detectado a partir da vinculação entre os jornais impressos e as famílias mais abastadas de nosso país, uma vez que, já no século XIX, sua manutenção despendia grandes quantias de dinheiro, como já demonstrou Nelson Werneck Sodré (1994). O segundo é que, com a criação das rádios e das TVs, o Estado é quem passa a ter o controle sobre a radiodifusão e com ele a possibilidade de conduzir o equilíbrio ou o desequilíbrio da pluralidade de posições e produções audiovisuais – o que vigora no Brasil é justamente o desequilíbrio. Mas, a que permanece imersa em certa opacidade é apresentada, por exemplo, quando Costa e Brenner (1997) analisam a

---

2 Criado em 1924, a partir da compra de O Jornal por Assis Chateaubriand, os Diários Associados compreenderam veículos de comunicação dos mais diversos segmentos e que atuavam por todo Brasil. Além do controle de tais veículos, a partir dos anos 1950, dois outros marcos são igualmente significativos da diversificação desse império: a criação da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) e do Museu de Arte de São Paulo (MASP). Mais tarde, os DA passaram a ser designados como Condomínio Diários Associados e sua razão social mais atual é Associados. Para saber mais, ver: MORAIS, Fernando. Chatô: o rei do Brasil. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.



“nova” distribuição de concessões feitas durante o I Governo Fernando Henrique Cardoso.<sup>3</sup> Diferentemente do processo anterior, tais concessões não podiam ser mais outorgadas pelo Ministério das Comunicações, mas deveriam ser feitas através de editais, o que não impediu que uma gama expressiva de políticos “ganhassem” as RTVs e, além de repetirem o sinal das grandes corporações de mídia em suas regiões, pudessem usar parte da programação para vinculação de conteúdo de seu interesse.

Um conjunto de experiências com a radiodifusão no Brasil sofre certa inflexão quando, em 2008, é criada a Empresa Brasil de Comunicação (EBC), sugerindo que poderia haver uma mudança na forma como a comunicação pública podia ser produzida, promovida e organizada. Um dos elementos que não deve ser considerado acessório nesse momento histórico é a realização da Conferência Nacional de Comunicação (Confecom), no ano de 2009. A exemplo dos movimentos produzidos no campo da Saúde com as Conferências Nacionais de Saúde (CNS) – que contribuíram significativamente para a Reforma Sanitária no Brasil (RFB) –, a Confecom tinha a potência de romper com o controle estatal-privado sobre a radiodifusão no país, incorporando vozes da sociedade civil nas políticas do setor. Mais uma vez, seja pelo modelo das conferências seja pela possibilidade de participação mais ampla da sociedade, Comunicação e Saúde estreitavam ainda mais suas interconexões. Entretanto, com as transformações promovidas pelas retrações políticas a partir de 2016, a cooptação da estrutura de comunicação pública – que se inicia no governo de Michel Temer e se

---

3 Diferentemente do que acontecera durante o governo José Sarney, quando seu ministro da Comunicação, Antônio Carlos Magalhães, distribuiu 512 concessões de rádios e TVs, em 1997, o Governo FHC lançou editais para concessão de RTVs que, no limite, distribuíam os sinais das grandes corporações de mídia e determinados territórios. No entanto, parte da programação dessas RTVs podia ser ocupada com o conteúdo que o proprietário assim desejasse.

intensifica no de Jair Bolsonaro – tornou-se explícita, por meio de uma confusão entre comunicação governamental e comunicação pública. Mas, que efeitos tal “confusão” pode promover?

Recoloquemos a saúde no centro do debate, com forte ênfase na relação Comunicação, Informação e Saúde. Durante a vigência da emergência sanitária da COVID-19, foi possível acompanhar um ambiente no qual havia ocultação de dados relativos a número de mortes e casos, o que comprometia a transparência (princípio básico da comunicação pública). Nos primeiros meses da pandemia, o Ministério da Saúde mudou a divulgação dos dados da doença, atrasando a habitual repercussão que, por exemplo, um dos principais telejornais do país, o Jornal Nacional (TV Globo), promovia. Uma das alternativas foi a criação de um consórcio de veículos de imprensa (TV Globo, Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo, O Globo, Extra e UOL) que passou a sistematizar, a partir dos dados fornecidos pelas Secretarias municipais e estaduais de Saúde, tais dados, transformando-os em informações sobre os processos de contaminação, internação, recuperação ou óbitos em todo o Brasil – mais atualmente, o mesmo registro passou a ser feito com o chamado vacinômetro, que contabiliza o número de brasileiros que vêm recebendo a imunização pela vacina. Entretanto, não podemos compreender tais processos sem que os interesses políticos tenham predominância sobre o interesse público e o direito à saúde.

Isso porque há certa dubiedade dos veículos de comunicação no que tange à difusão de seus conteúdos. Muito embora haja um claro apoio à visão racional, baseada nas orientações da ciência, os interesses dessas corporações também estão fortemente associados a interesses privados, delas próprias e/ou de seus aliados e anunciantes, o que acentua um forte caráter ideológico à pretensa objetividade das suas ações. Se, por um lado, há a busca por apresentar à população os dados da COVID-19, por outro, também se opera a manutenção de um sistema em que a multiplicidade de vozes da sociedade civil não

está presente. Recorramos, a título de exemplo, à falsa oposição entre o “fique em casa” e a “economia não pode parar”. Já exploramos que a dimensão das evidências de sentido presentes na mídia comercial têm em seus relatos o horizonte do caráter pedagógico das informações difundidas (BORGES; TORRES, 2019) e o quanto, como ensina Pêcheux (1996), “os ‘objetos’ ideológicos são sempre fornecidos juntamente com seu ‘modo de usar’” (PÊCHEUX, 1996, p. 145). Isso oferece aos sujeitos sociais uma falsa aparência de liberdade. Não se trata aqui de uma coisa (fique em casa) ou outra (manter a economia funcionando), mas sobre reais condições de existência a que milhares de cidadãos e cidadãs brasileiros estão concretamente submetidos. Nesse sentido, apagam-se as marcas do que significa o apoio dado pela mídia comercial às Reformas da Previdência e Trabalhista, à gradativa privatização do SUS como elemento que fragiliza a saúde das pessoas e à necessidade de trabalhar mesmo em um quadro de pandemia.

## **Ambivalências e disputas entre Comunicação Pública e Comunicação Midiática: Interesse público x Interesses privados**

Quem controla a comunicação? Que interesses pautam as estratégias comunicativas durante a pandemia de COVID-19 e como um possível desvirtuamento dos princípios públicos prejudica a garantia da informação e da comunicação como direitos? Nosso ponto de partida é o entendimento de que a comunicação é “um bem público e uma das determinações sociais da saúde”, como expresso na Política de Comunicação da Fiocruz (2017). De acordo com essa perspectiva, o conceito de comunicação pública é essencial para a promoção da cidadania e a efetivação do direito à saúde, pois se baseia tanto em uma concepção dialógica dos processos comunicativos quanto no princípio do interesse público.

Por definição, comunicação pública não é sinônimo de comunicação governamental nem mesmo estatal. Ela abrange estratégias, políticas e sistemas voltados para a promoção da cidadania e dos direitos à comunicação e à informação, a partir da inserção da participação da sociedade e de suas múltiplas vozes. Na conceituação proposta por Brandão (2007), é entendida como “o processo de comunicação que se instaura na esfera pública entre o Estado, o Governo e a Sociedade e que se propõe a ser um espaço privilegiado de negociação entre os interesses das diversas instâncias de poder constitutivas da vida pública no país” (BRANDÃO, 2007, p. 19). Nesse sentido, pode ser desenvolvida por: órgãos de governo ou empresas estatais – desde que voltados para o princípio do interesse público e não sob as ingerências políticas do governo de turno; por instituições públicas de ensino e pesquisa, como universidades e a Fiocruz; movimentos sociais; organizações não governamentais; sindicatos; coletivos de comunicadores populares e demais iniciativas de comunicação colaborativa.

No campo da Saúde, a construção da Política de Comunicação da Fiocruz, consolidada e aprovada por seu Conselho Deliberativo ainda em 2016 (e publicada em 2017), afirma-se como um exemplo da promoção desse debate em uma instituição de Estado, na medida em que reconhece o papel estratégico da comunicação para a saúde e seu lugar como área de pesquisa, ensino e práticas da fundação. Entre seus princípios norteadores, está o entendimento de que a comunicação é um processo participativo e dialógico de produção, circulação, debate, acesso, compartilhamento, apropriação, ressignificação e intercâmbio de informações e sentidos, além de um direito humano fundamental e inalienável. Desse ponto de vista, define-se a comunicação pública como aquela “que acolhe a diversidade de vozes e promove reflexões e discussões em torno da construção e defesa do SUS e dos direitos sociais” (FIOCRUZ, 2017, p. 09) – isto é, caracteriza-se pelo protagonismo não do Estado, do governo ou dos agentes públicos que os constituem, mas da própria sociedade.

A afirmação da dimensão pública na Política de Comunicação de uma instituição como a Fiocruz evidencia uma distinção se comparada às estruturas de poder no Brasil: em primeiro lugar, porque se opõe ao histórico predomínio de uma visão da comunicação como mercadori-a; segundo, porque o próprio direito à saúde enfrenta a barreira dos interesses privados para a sua consolidação, mesmo com a construção do SUS posterior à Constituição de 1988. Como já constatamos anteriormente (MURTINHO; STEVANIM, 2017), diante da hegemonia da mídia comercial no Brasil, consolidada ao longo da história, "a prestação dos serviços de radiodifusão é entendida como negócio e não como dimensão constitutiva de um direito (o de comunicar) – e base para outros direitos sociais, entre eles a saúde" (MURTINHO; STEVANIM, 2017, p. 147). Nessa perspectiva, a definição das políticas de comunicação reflete as disputas entre um modelo de caráter público e os interesses políticos, mercadológicos, ideológicos ou religiosos.

A construção de experiências de comunicação pública no Brasil, como já antecipamos na seção anterior, sofre um golpe decisivo com o desmonte da EBC, iniciado com o governo de Michel Temer, em 2016, quando foi extinto o seu Conselho Curador. O caráter público pressupõe a existência de espaços de participação social. O Conselho Curador era a instância que garantia a natureza pública da EBC, e sua extinção, após oito anos de funcionamento, é identificada como retrocesso no esforço de constituir espaços de comunicação pública no Brasil, projeto que se iniciou a partir dos anos de 2006 e 2007, com forte mobilização de movimentos sociais e atores da comunicação não comercial. A cooptação da estrutura de comunicação pública em âmbito federal se intensifica com o início do governo de Jair Bolsonaro, em 2019, que borra as fronteiras entre a comunicação voltada para a cidadania e aquela que tem por finalidade apenas divulgar ações do governante – o que é concretizado pela fusão da TV Brasil com a TV Nacional do Brasil (NBR). Essa guinada se integra a uma tendência de controle da informação por parte do Executivo – seja para produzir mensagens

favoráveis ao presidente, seja para ocultar dados e impedir o funcionamento dos mecanismos de transparência, com a finalidade de uso ideológico das estruturas de comunicação estatal.

Não existe escolha ou estratégia desinteressada. A questão é: que interesses orientam determinadas escolhas? No momento em que, frente ao contexto de emergência sanitária e humanitária desencadeado pela pandemia de COVID-19, a Secretaria Especial de Comunicação Social da Presidência da República (Secom/PR) decide divulgar o número de “curados” da COVID-19 – e não de mortos e infectados – há uma escolha interessada em privilegiar determinada informação em detrimento de outra. É o que ocorreu na postagem da Secom/PR, pelo Twitter, em 5 de maio de 2020, quando se afirmou que “mais de 48 mil brasileiros já estão curados da Covid-19”, graças às “ações do Governo Federal” e “o trabalho excepcional dos médicos e profissionais de saúde em todo o Brasil”. Àquela altura, o Brasil ainda iniciava a escalada de mortes pelo novo coronavírus, mas já se fazia a escolha política não por privilegiar a orientação científica em relação a distanciamento social e medidas de prevenção, assim como não se garantia a transparência da informação, um dos pilares da comunicação pública: o propósito dessa comunicação, esvaziada de seu sentido público, era exclusivamente atender aos interesses do governo.

Toda a ausência de transparência nos dados e de uma Política de Comunicação com viés democrático por parte do governo federal, durante a pandemia, que coordenasse tanto as ações de prevenção e protocolos de cuidado quanto a campanha de vacinação posteriormente iniciada, representou um vazio de comunicação pública. Quando se inicia a imunização da população, em janeiro de 2021, esse vácuo torna-se ainda mais evidente, porque cada estado e município adota um critério de prioridade e uma estratégia de vacinação, na ausência de uma coordenação nacional, a ponto da ex-coordenadora do Programa Nacional de Imunizações (PNI), Carla Domingues, afirmar: “Falta co-

municação adequada do governo federal, esclarecendo, tirando dúvidas da população”, destacando que “O que precisamos nesse momento é de uma comunicação única para que a população faça adesão e confie no processo de vacinação” (RADIS, 2021) – o que pode comprometer não apenas a imunização contra a COVID-19, mas toda a credibilidade das vacinas no país.

Essa lacuna provocada pela ausência de informação foi estrategicamente ocupada pelas grandes corporações de mídia, reunidas em torno do Consórcio de Imprensa, que se tornou responsável pela divulgação diária dos dados de número de mortos e de novos casos da doença, a partir de uma compilação junto aos governos estaduais. Cabe aqui refletir sobre o papel da comunicação midiática no contexto da pandemia: em um cenário de demanda cada vez maior por informação e de atravessamento da credibilidade por notícias falsas (*fake news*), a grande mídia comercial transformou a COVID-19 em sua pauta prioritária. No momento em que a TV Globo suspendeu a gravação de suas novelas, em março de 2020, por medida de segurança em relação ao vírus, a pandemia passou a ser o principal tema de seus noticiários, o que se justifica pela sua relevância, mas há uma sutileza a ressaltar: a mídia privada busca assumir o protagonismo na divulgação de informações sobre o novo coronavírus e na orientação da população, seja sobre o uso de máscara, seja pela recomendação de “fique em casa”.

Como os dados epidemiológicos passam a ser sistematizados pelos atores privados da comunicação (e não pelo Ministério da Saúde), há a construção de um discurso de que a mídia ocupa um lugar de arena isenta de interesses e a favor da ciência. Esse status de imparcialidade entra em contradição no momento em que se abre espaço para posicionamentos de negação da ciência, sob a suposta intenção de “ouvir todos os lados”, como aconteceu em debate na Globonews, em 9 de maio de 2021, que reuniu os políticos Humberto Costa (ex-ministro da Saúde do governo Lula), Luiz Henrique Mandetta (primeiro ministro

da Saúde de Jair Bolsonaro, que deixou o cargo em abril de 2020) e Osmar Terra (uma das principais vozes contrárias às medidas de distanciamento social e de questionamento das evidências científicas e dos números da pandemia).

Em relação às disputas e assimetrias entre a comunicação pública e a midiática, a mídia também passa a demandar um posicionamento diário das instituições científicas, como Fiocruz e Instituto Butantan, em busca de uma “posição oficial da ciência” – em contradição com a lógica e o tempo de produção do conhecimento, que abarca o contraditório e não se faz “ao passe de mágica”. Em uma pandemia midiaticizada, como a da COVID-19, a exposição constante das instituições científicas na mídia responde a um anseio da população por mais informações sobre ciência, porém não dá conta de aprofundar no debate sobre o “fazer científico”, porque privilegia a figura dos porta-vozes (especialistas renomados) e negligencia a complexidade do processo de construção do conhecimento.

Nesse contexto de disputa pelo controle da informação, vale mencionar o papel que tiveram atores que não ocupam posição central de poder político ou midiático, mas que tentaram deslocar o eixo da discussão para além dessa contraposição entre governo e mídia comercial. Um deles foi o Conselho Nacional de Secretários de Saúde (Conass), que passou a divulgar um painel diário com dados epidemiológicos sobre a COVID-19. Outro exemplo foi a produção de informação e comunicação no âmbito do Consórcio Nordeste, que reúne os governos dos estados do Nordeste brasileiro em estratégias comuns de enfrentamento à pandemia. Para além do desmonte da estrutura de comunicação pública federal, algumas iniciativas começaram a emergir. Como exemplo desse processo vale mencionar o programa UniVERciência, produzido pela TVE Bahia e pela TV Uesb (Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia). Anunciado como o “primeiro programa brasileiro de TV aberta e internet produzido pela parceria entre universidades públicas e TVs



públicas nordestinas, com foco na promoção, na popularização e na difusão da ciência”, em seu material de divulgação, a iniciativa busca destacar as pesquisas e ações das universidades no combate à pandemia de COVID-19, valorizando as soluções implementadas pelo SUS. No horizonte, são experiências que reforçam a necessidade de se construir redes de comunicação baseadas na perspectiva de fortalecimento da cidadania e de promoção do direito à saúde.

## **A importância do debate sobre Política de Comunicação e a Internet como fator de cidadania**

Quando apontamos a ausência de políticas democráticas de comunicação como um fator que obstaculiza o exercício da cidadania, estamos nos referindo, por exemplo, às dificuldades que milhares de pessoas têm para acessar a internet no país. Reconhecida pela Organização das Nações Unidas (ONU) como um direito humano, desde 2011, o acesso à internet é considerado fundamental para o exercício da cidadania moderna. A ausência desse direito é representada por diferentes campos teóricos pelo conceito de exclusão digital, ou desigualdade digital, para designar extensas camadas das sociedades que ficaram à margem do fenômeno das redes digitais.

Conforme abordagem anterior (STEVANIM; MURTINHO, 2021, p. 126), a exclusão digital é um dos aspectos que caracterizam a profunda desigualdade em nosso país. Dados da pesquisa TIC Domicílios (2019), desenvolvida periodicamente pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), ligado ao Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), revelam que o acesso à internet das classes A e B é praticamente universal, enquanto a conexão das classes D e E é abaixo de 50%.

As preocupações com a exclusão digital foram debatidas amplamente, em 2009, durante a 1ª Conferência Nacional de Comunicação

(Confecom). Em seu conjunto, a Confecom reuniu diversas propostas que poderiam democratizar as políticas de comunicação e, consequentemente, aprofundar o processo de democratização do Estado brasileiro. No entanto, a imensa maioria das 633 propostas aprovadas na plenária final, que contou com a participação de representações governamentais, do empresariado e da sociedade civil "não empresarial", não foi implementada.

A universalização da banda larga chegou a ser objeto de iniciativa governamental, em 2010, por meio do Plano Nacional de Banda Larga. O governo pretendia reativar a Telebrás, empresa estatal que permaneceu inativa depois do processo de privatização das telecomunicações no país, ocorrido na segunda metade da década de 1990. A proposta era interferir na regulação do mercado, democratizar o acesso à banda larga e levar internet às regiões e áreas não cobertas pelas empresas privadas, por falta de interesse comercial. No entanto, o projeto inicial foi abandonado, e o plano foi transformado em ações sem efeito com a participação das mesmas empresas que operam de forma discriminatória no mercado.

Tendo como referência o campo que relaciona comunicação, informação e saúde, diferentes fóruns da área da saúde apontaram a importância estratégica da internet e da universalização da banda larga para a efetivação do direito à saúde, permitindo o acesso da população a informações e serviços de saúde e o fortalecimento da participação social e do controle social.

Durante a 15ª Conferência Nacional de Saúde (2015), foi apresentado o documento "Direito à comunicação e informação para consolidar a democracia e o direito à saúde", assinado por vinte instituições e movimentos sociais, entre eles: Fiocruz, Conselho Nacional de Saúde, Conselho Federal de Serviço Social (CFESS), Rede HumanizaSUS, Associação Paulista de Saúde Pública (APSP), Intervezes, Artigo 19 e

Rede Lai Lai Apejo – População Negra e Aids).<sup>4</sup> Ao defender a universalização do acesso à internet de banda larga, o documento propôs que a comunicação e a informação fossem reconhecidas como direitos humanos, "por serem estruturantes para os processos sociais e para a defesa e garantia dos outros direitos, como o direito à saúde." Uma síntese do documento foi aprovado pela plenária final da Conferência em forma de moção.

A 1ª Conferência Nacional Livre de Comunicação em Saúde, organizada pelo Conselho Nacional de Saúde (CNS), em 2017, também aprovou resolução defendendo a universalização do acesso à internet banda larga como essencial para a cidadania, "para o acesso à informação e garantia da liberdade de expressão dos cidadãos/cidadãs". No abismo que reforça as nossas desigualdades, inclusive regionais, 47 milhões de brasileiros não usam a internet, segundo a pesquisa TIC Domicílios 2019. Essa parcela, que representa 26% da população, não tem acesso às informações, serviços e dispositivos de comunicação disponíveis na rede, o que limita o exercício da cidadania. A mesma pesquisa revela que existe grande assimetria entre o público quando verificamos os dispositivos utilizados. Mais da metade, 58% dos usuários, acessa a rede via dispositivos móveis, sendo 79% nas áreas rurais e 85% entre os oriundos das classes D e E. Esses números tornam-se mais graves quando constatamos que a maior parte dos celulares no Brasil são pré-pagos, ou seja, são acessos irregulares e de baixa qualidade.

A necessidade de políticas de universalização do acesso à internet no país, apontadas como fundamentais nos fóruns de saúde, citados anteriormente, tornou-se ainda mais urgente durante a pandemia de COVID-19. Aos poucos, demonstrou-se que as orientações de preven-

---

4 Para ver a íntegra do documento acesse: <https://pensesus.fiocruz.br/carta15CNS>

ção, tendo como base o distanciamento social, só seriam possíveis em grupos sociais, regiões e residências dotadas de acesso à rede. A internet tornou-se indispensável para diversas atividades que passaram a ser desenvolvidas remotamente por expressiva parcela da população: trabalho, ensino, acesso a serviços públicos, bancos, redes de solidariedade, consultas e serviços de saúde, compras no comércio, entretenimento, comunicação com amigos e familiares, cadastro para receber auxílios governamentais e, principalmente, buscas de informações relacionadas à saúde e à pandemia. Outra pesquisa realizada pelo Cetic.br em 2020, durante o período inicial da pandemia de COVID-19, revelou que 72% dos usuários que acessaram a internet pelo celular, com 16 anos ou mais, procuravam informações relacionadas à saúde.

O crescimento de buscas por informações confiáveis sobre a pandemia e os efeitos do coronavírus provocou um aumento significativo do fluxo de usuários nas páginas web e nas redes sociais de instituições científicas que atuam no campo da saúde. As visitas ao Portal Fiocruz, por exemplo, saltaram de aproximadamente 500 mil acessos, em março 2019, para quase 3 milhões, no mesmo período de 2020 – quando é notificado o primeiro caso de morte por coronavírus no país. O aumento registrado foi de 600%.

Olhando pelo ângulo da Fiocruz, percebe-se um aumento significativo de esforços para produzir e disponibilizar informações para a imprensa, pesquisadores e cidadãos que as buscam diretamente nas plataformas da Fundação. São notas técnicas, com dados e análises epidemiológicas, reportagens, artigos científicos, vídeos, fotos, infográficos e materiais diversos para orientar a população. O crescimento rápido dessas demandas levou à criação do Observatório Covid-195, área especial do Portal que reúne essa produção diversa sobre os temas correlatos à pandemia. Cabe destacar o grande volume de solici-

---

5 <https://portal.fiocruz.br/observatorio-covid-19>

tações diárias da imprensa, exigindo um grande esforço na atividade de assessoria de comunicação, desafiada diariamente a apresentar novidades: dados, análises, informações e sobretudo depoimentos de pesquisadores e gestores, exibidos durante a programação das emissoras de TV.

Por outro lado, aumentou também a demanda direta dos cidadãos por informações confiáveis. Em meio à infodemia criada com a produção constante de informações falsas e descontroladas, muitas vezes divulgadas por governantes, o que gerou um grande conflito de autoridade, a confiança foi depositada nas instituições científicas. Além das buscas por materiais informativos, cresceu em demasia as interações diretas com os cidadãos via "fale conosco" do Portal Fiocruz e redes sociais. Com o desenrolar da pandemia e a chegada da vacina, as visitas ao Portal Fiocruz continuaram aumentando, apresentando crescimento de patamar ainda maior em março de 2021, chegando a marca de 3.660.310 acessos. O que representa um aumento de 25% em relação a 2020, e mais de 700% comparado ao período anterior à pandemia.

Entre os materiais disponíveis no Portal Fiocruz, com orientações à população, estão as peças produzidas para a campanha Se liga no Corona! As peças, cartazes, flyers, vídeos e podcasts têm como foco a prevenção à COVID-19, considerando as condições de vida e habitação de populações em situação de vulnerabilidade socioambiental. A produção desses materiais foi realizada conjuntamente entre a Fiocruz, organizações, movimentos, grupos de comunicadores populares que atuam nas favelas de Mangueiras e Maré, a equipe responsável pelo Dicionário de Favelas Marielle Franco (Wikifavelas) e sindicatos.

Iniciativas semelhantes a essa estão sendo realizadas em diversas favelas pelo país. São articulações de grupos de moradores que mesclam ações de comunicação, prevenção e solidariedade. Nesses casos, a comunicação é construída de forma participativa, dialógica, a partir da vocalização das demandas e da expressão desses grupos frente à

pandemia, em um contexto de desigualdades. A participação do Estado, quando ocorre, é de forma reduzida, pontual, apoiada em geral em instituições de pesquisa, saúde e ação social, além do apoio de organizações da sociedade civil.

A pandemia de COVID-19 escancarou ainda mais as desigualdades sociais e a ausência efetiva do Estado nos territórios vulneráveis, como nas favelas. Além da falta de alimentos, renda, água, saneamento, segurança, educação e saúde, tornou-se mais perceptível o impacto da ausência de políticas democráticas de comunicação e informação. Demonstrou, portanto, a impossibilidade de parcela expressiva da população exercer a cidadania de forma plena e ter acesso a direitos fundamentais. A centralidade da comunicação e informação na pandemia de COVID-19 nos permite perceber como as desigualdades, também neste campo, ampliam ainda mais o fosso social.

## **Considerações Finais**

Tomar a pandemia de COVID-19 como um problema da Comunicação e da Informação implica, necessariamente, uma mudança de olhar, uma mudança de paradigma. Esse deslocamento do lugar de onde parte nossa compreensão sobre os efeitos dessa emergência sanitária global, nos permite perceber que ela não foi a responsável por segmentar ricos e pobres, incluídos e excluídos, protegidos e vulneráveis, mas que acentou ainda mais as desigualdades entre um grupo e outro. À falta de alimento, segurança, educação, saúde, somam-se a falta de acesso à informação e às possibilidades de comunicação.

Um dos efeitos mais visíveis desse quadro mais geral que acabamos de expor é a impossibilidade de um exercício de uma cidadania plena, em que bens sociais básicos não estão acessíveis a todos. Nesse sentido, a relação entre Comunicação, Informação e Saúde, nos termos por nós defendida e praticada, isto é, assumindo que a informação e a comuni-

cação são direitos humanos fundamentais, leva-nos inevitavelmente a denunciar o caráter conservador não apenas de práticas políticas em nosso país, mas evidenciar o quanto a centralidade e a autoridade dos meios massivos de comunicação, travestidas numa falsa objetividade, contribui decisivamente para que o status quo seja mantido.

Na presente reflexão é central para nós o papel que uma comunicação pública pode representar, tanto para o exercício da cidadania quanto para a multiplicidade de atores e vozes na cena pública. Se as Conferências Nacionais de Saúde são evidência história dessa possibilidade, as Conferências Nacional de Comunicação e Nacional Livre de Comunicação em Saúde nos deram sinais claros de que tensionar a hegemonia da comunicação comercial é plausível. Paralelamente, e não menos importante, a internet, que floresce exatamente nesse contexto, tem o potencial de promover uma maior inclusão do nosso povo, rompendo uma cidadania ainda obstaculizada.

## **Referências bibliográficas:**

ARAÚJO, Inesita S.; CARDOSO, Janine M. Comunicação e Saúde. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007.

AROUCA, Sérgio. Democracia é Saúde. 8ª Conferência Nacional de Saúde, realizada em março de 1986, em Brasília/DF. Disponível em: <https://youtu.be/-HmqWCTEeQ>. Acessado em 26/04/2021.

ALTHUSSER, Louis. Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado: notas para uma investigação In: ZIZEK, Slavoj (Org.). Um Mapa da Ideologia. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BORGES, Wilson C. "A narratologia deve estar atenta à cultura". In: LERNER, Kátia; SACRAMENTO, Igor. (Org.). Saúde e Jornalismo: interfaces contemporâneas. RJ: Editora Fiocruz, 2014.

BORGES, Wilson C.; TORRES, Rodrigo Murtinho M. "A Saúde no processo de 'uberização da vida': a (não) alternativa como processo de interpelação que regula e reforça as estratégias de oligopolização do poder. In: CASTRO, Paulo C. (Org.) *Midiatização e reconfigurações da democracia representativa*. Campina Grande: EDUEPB, 2019.

BRANDÃO, Elizabeth Pazito et al. *Conceito de comunicação pública. Comunicação pública: estado, mercado, sociedade e interesse público*. São Paulo: Atlas, p. 01-33, 2007.

COSTA, Sylvio e BRENER, Jayme. "Coronelismo eletrônico: o governo Fernando Henrique e o novo capítulo de uma velha história". In: *Comunicação e Política*, vol IV, nº 02, nova série, maio-agosto, 1997.

COUTINHO, Carlos Nelson. *Contra a corrente: ensaios sobre democracia e socialismo* 2a ed. São Paulo: Cortez Editora, 2008.

FAUSTO NETO, Antônio. "As bordas da circulação...". *ALCEU*, Rio de Janeiro, v.10, n. 20, p 55-69, jan./jun. 2010. Disponível em: [revistaalceu.com.puc-rio.br/media/Alceu20\\_Neto.pdf](http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/Alceu20_Neto.pdf). Acesso em 12 dez. 2010.

FIOCRUZ. *Política de comunicação da Fiocruz*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2017.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas e Sinais*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Ofício do Cartógrafo*. São Paulo: Loyola, 2004.

MURTINHO, Rodrigo; STEVANIM, Luiz Felipe. *Políticas de comunicação, cidadania e saúde no Brasil contemporâneo*. In: SACRAMENTO, I. (Org.). *Mediações Comunicativas da Saúde*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2017.



STEVANIM, Luiz Felipe; MURTINHO, Rodrigo. Direito à Comunicação e Saúde (Coleção Temas em Saúde). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2021.

SODRÉ, Muniz. Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2002.

SODRÉ, Nelson W. História da imprensa no Brasil. São Paulo: Mauad, 1999.



# **Comunicação para popularização da ciência no enfrentamento da Covid-19**

Maria Aline Barros Fidelis de Moura

Manuela Rau de Almeida Callou

## **Sobre pandemia, tratamentos e desafios**

O cenário da contemporaneidade, marcado a partir do ano de 2020, a nível mundial, denota a importância cada vez maior dos estudos e das práticas de dois campos que, embora sejam de áreas opostas, circulam em mesmos espaços: saúde pública e comunicação.

A saúde pública, tão importante enquanto política pública voltada à sociedade em geral, e a forma como as pessoas devem lidar com esses aspectos, através de um processo de comunicação que conscientize a prática social e saudável, é fundamental em contextos pandêmicos, como o que estamos vivenciado neste período.

O aparecimento das pandemias demonstra, cada vez mais, que a saúde pública e a comunicação são processos interligados contribuindo-

do, inclusive, para dirimir ou ampliar os focos de doenças e contaminação a partir de medidas que devem ser tomadas para se conter a disseminação de vírus.

A pandemia da Covid-19, causada pela doença popularmente conhecida pelo novo Coronavírus (SARS-CoV-), surge em janeiro de 2020, na cidade Wuhan, na China. Rapidamente espalhou-se pelo mundo e, no Brasil, o primeiro caso positivo foi em São Paulo, no dia 26 de fevereiro, trazido por um senhor de 61 anos, que teria vindo recentemente da Itália. Em Alagoas, o primeiro caso foi confirmado, no dia 8 de março de 2020.

Nesse contexto, faz-se mister recordar o papel das instituições de saúde no mundo, como, por exemplo, a Organização Mundial da Saúde (OMS). Criada em 7 de abril de 1948, em Genebra, tem como objetivo principal garantir saúde à população mundial, a partir de dois focos principais: proporcionar aos governos o fortalecimento dos serviços de saúde e fomentar trabalhos para erradicar doenças. Portanto, diante de contextos de epidemias, a OMS dita normas que devem ser seguidas por todas as nações. As instituições divulgam essas informações às populações, através de das redes on-line e dos meios de comunicação hegemônicos.

Assim, a OMS tem um papel decisivo na adoção de medidas protetivas e de tratamento da Covid-19. Com relação à saúde pública e acerca da indicação de medicamentos para tratamento da Covid-19 destaca-se que para se chegar ao tratamento medicamentoso de uma doença é necessário um processo minucioso de desenvolvimento científico e tecnológico. Quando pensamos em desenvolvimento farmacológico é preciso seguir uma sistemática científica. Além disso, no Brasil, toda regulamentação para o registro de medicamentos, insumos e vacinas é definida pela Lei N° 6.360, de 23 de setembro de 1976 - Anvisa (Anvisa, 2020).

Para o tratamento da Covid-19 a insistência em testar medicamentos já disponíveis é explicada pelo fato de que todos os medicamentos, até chegarem aos pacientes, cumprem uma longa trajetória de pesquisas, contando com ensaios pré-clínicos – em células e animais – e estudos clínicos – em humanos. Por isso, ocorreu a tentativa de redirecionamento de fármacos anteriormente aprovados para outras doenças e que tinham mecanismos farmacológicos com algum indício de efetividade contra o vírus SARS-CoV-2 (novo coronavírus) (HULLEY et al, 2015. p. 63; LANGEDIJK et al, 2015).

Dessa forma, no início da pandemia, alguns medicamentos foram testados por cientistas, como também foram utilizados na modalidade off label – indicação de uso diferente do homologado pela Anvisa, que só pode ser feita com prescrição médica. Daí a importância dos profissionais da área de comunicação atuarem promovendo a popularização da ciência, no sentido de iluminar tais perspectivas e esclarecer a população acerca das peculiaridades das pesquisas e suas consequências práticas.

No caso da Covid-19, desde o início da pandemia, especialmente em países da Ásia, Europa e América do Norte, vem surgindo uma série de notícias com o intuito de enaltecer alguns medicamentos como se fossem a escolha terapêutica para tratamento da doença, mas é importante ressaltar que, com base em evidências científicas, até a presente data, não há um fármaco ou uma associação de fármacos específicos para combater o coronavírus. Tal fato é reforçado pelas recomendações para tratamento do novo coronavírus, publicado e atualizado periodicamente pela Sociedade Brasileira de Infectologia (SBI), nas quais, inclusive, a SBI se posiciona contra o uso precoce e não racional de fármacos como cloroquina, hidroxicloroquina, ivermectina, azitromicina, nitazoxanida, corticoide, zinco, vitaminas, anticoagulantes, ozônio por via retal, dióxido de cloro (SBI, 2020).

No mês de junho de 2021, o Brasil chegou à marca de 500 mil mortos pela Covid-19 (BRIDI, 2021). Durante todo o período da pandemia tem havido a veiculação massiva, por meio de redes on-line, de desinformação acerca de um suposto “tratamento precoce”. Com isso, convidamos à reflexão: se realmente tivéssemos medicamentos específicos e eficazes contra o novo coronavírus, teríamos esse número de óbitos registrados, sem contar com os casos de subnotificações? Teríamos alta taxa de mortalidade em muitos outros países do mundo?

Diante desse contexto, é imprescindível ressaltar que médicos, farmacêuticos e outros profissionais de saúde, profissionais e cientistas da área de comunicação, entre outros profissionais, precisam promover a popularização da ciência e lançar luz, com abordagens menos tecnicista, às informações sobre tratamento e sobre a ausência de um medicamento específico para tratamento da Covid-19, além de evidenciar a toxicidade relacionada ao uso indiscriminado de medicamentos não eficazes.

Ou seja, a discussão em torno do uso de medicamentos para tratamento da Covid-19 pode ser profícua no meio científico e na sociedade em geral, quando são esclarecidas as questões primordiais e quando se pode explicar à sociedade sobre a sistemática científica, sem torná-la um “bicho de sete cabeças”, mas também dirimindo a questão dos achismos, divulgando informações sempre com base em evidências científicas.

Nesse sentido, é interessante refletir sobre uma possível “pressão” da indústria farmacêutica, governos, instituições religiosas e centros de pesquisa no sentido de encontrar um medicamento que pudesse erradicar a pandemia da Covid-19. Então, diante do panorama dessa doença, no início do processo pandêmico, todos convivemos com uma certa “esperança” acerca do redirecionamento ou do desenvolvimento de medicamentos, como também do desenvolvimento de vacinas. A partir do ano de 2021, buscamos por vacinas cada vez mais eficazes,

que protejam contra novas variantes do vírus e que apresentem menos efeitos colaterais.

Contudo, temos visto alguns exemplos de que a ciência não se faz de forma extemporânea. Obviamente, a pesquisa em desenvolvimento de vacinas e fármacos evoluiu muito. Existem protocolos e metodologias bem definidas e muitos laboratórios farmacêuticos dominam as bases tecnológicas das vacinas, daí a justificativa para o desenvolvimento relativamente rápido desses imunizantes. Além disso, nos últimos anos tivemos um grande desenvolvimento na área de biotecnologia, o que acelera o desenvolvimento de moléculas, contando com a análise de mecanismos de ação moleculares, estimativas de efeitos terapêuticos e reações adversas (DINIZ; FERREIRA, 2010).

No entanto, a pesquisa clínica não é uma ciência exata. Dessa forma, tal pesquisa demanda tempo, com a execução obrigatória das pesquisas de fases I – uso do medicamento ou vacina pela primeira vez em grupos pequenos de seres humanos saudáveis e que não tenham a doença para a qual o produto está sendo estudado; fase II – uso do medicamento ou vacina em um grupo de indivíduos que têm a doença ou predisposição, para a qual o procedimento está sendo estudado, com objetivo obter mais dados de segurança e eficácia do novo produto; e fase III – estudo multicêntrico, envolvendo milhares de indivíduos, de abordagem randômica, cega e comparado com placebo, ou seja, a escolha dos indivíduos é aleatória e nenhum dos atores envolvidos no estudo sabe se o participante está usando o medicamento estudado ou um placebo; além de possíveis suspensões de protocolos para reavaliar redirecionamentos, entre tantas outras implicações (HULLEY et al, 2015. p. 132).

A indústria farmacêutica tem uma missão nobre no âmbito da saúde pública, mas também tem um grande interesse mercadológico. No caso do Brasil, a gestão do país normalmente implementa as políticas de Estado, mas também há políticas de governo, que podem influen-

ciar a condução de ações de saúde pública, especialmente durante uma pandemia como, por exemplo, no Brasil houve o estímulo ao uso precoce da cloroquina e hidroxicloroquina para a Covid-19. Em contrapartida, a mídia divulgou, diante de informações da atual Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) que tal ação tem indícios de alinhamentos com a indústria farmacêutica (VARGAS, 2021).

De modo que é preciso ratificar a importância da competência técnica para fins de saúde pública. Não é possível falar em saúde pública sem contar com uma equipe tecnicamente competente e disposta a desenvolver e consolidar as políticas de Estado, principalmente em situações emergenciais. Além disso, é preciso contar com equipes de comunicação que tenham também o papel de popularizar a ciência e fazer educação em saúde, especialmente quando contamos com veículos de grande abrangência populacional, através da disseminação de notícias sobre a saúde pública.

## **A mídia e a importância da divulgação científica em contextos pandêmicos**

Contextualizando a mídia nas pandemias, os meios de comunicação cumprem um papel potencializador na divulgação de acontecimentos da área de saúde, a partir do registro e da divulgação de textos e imagens, além de cada vez mais se consolidarem como instituições que influenciam outras demandas societárias.

Assim, os meios de comunicação contribuem para a educação em saúde, a partir do momento em que divulgam informações sobre a prevenção da Covid-19 e promovem temas e discussões que provoquem a participação da população em ações de saúde pública. A educação em saúde é entendida, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), como a combinação de ações e experiências de aprendizado planejado com o intuito de habilitar as pessoas a obterem conheci-



mento sobre fatores determinantes e comportamentos de saúde. Na busca da saúde de forma integral, a educação tem tido um significado muito importante por colaborar na orientação de ações práticas, trazendo com isso resultados e melhorias na qualidade de vida e no fortalecimento do sujeito como um todo (BRASIL, 2009).

Nesse sentido, articulando a importância dos meios de comunicação na saúde pública, um dos grandes desafios da comunicação pública na contemporaneidade está relacionada ao atendimento da seguinte questão: como atender aos anseios de informação e do enfrentamento da doença, no caso do novo coronavírus, num contexto de midiaticização da sociedade, onde cada vez mais o conhecimento desse fato não diz respeito apenas à mídia hegemônica, mas também através dos novos dispositivos midiáticos que se reproduzem nesses espaços de circulação e nas mídias digitais? Esse questionamento concebe novas formas de proximidade entre os atores e de compartilhamento de ideias (CALLOU; HOLANDA, 2017, p. 1).

Portanto, de maneira geral, a maior parte das mídias abertas, de acesso livre à população, vem prestando informações coerentes sobre os medicamentos, quando atuam no sentido divulgar os resultados de pesquisas científicas. Acontece que atualmente, há muitos canais de comunicação, desde mídias abertas até mídias contratadas. Existem as redes on-line, os aplicativos de mensagens, e, com isso, alguns movimentos que usam de metodologias e expertise de comunicação, promovem desinformação e desconstrução da credibilidade dos experimentos científicos, dos pesquisadores, das evidências científicas.

Essa desinformação contribui ao que o pesquisador Han (2018) denomina de "enxame digital", ou seja, constitui-se um novo formato de massa mas que, diferente das abelhas, não é coordenado e possui várias singularidades na rede, isoladas e desconexas inclusive sendo, muitas vezes, incoerentes e, não se referindo ao todo do processo comunicativo. Nesse sentido, a partir das opiniões postadas nas redes sociais, os

usuários, mesmo muitas vezes munidos de boa-fé, compartilham tratamentos e medicamentos sobre a Covid-19 sem uma base científica, contribuindo ao que o autor chama de desordem informacional.

A desordem informacional se configura a partir de três aspectos: o primeiro está relacionado à informação errada, o segundo, à informação falsa, com a intenção de causar danos (contexto falso, com conteúdo manipulado) e, por último, a informação é passada para causar danos nas pessoas (discurso do ódio). A partir dessas categorias, as fake news parecem estar relacionadas a esse contexto de "infodemia", com a intenção de causar danos (HAN, 2018).

As fake news têm sido eficientes para promover desinformação junto à sociedade. Nos últimos tempos tem-se questionado o papel da Organização Mundial da Saúde (OMS). Inclusive a OMS sofreu em 2020 um verdadeiro embargo financeiro por questões políticas (KOVALICK, 2020). Entretanto, a OMS é muito importante para a saúde pública mundial e, dessa forma, precisamos ratificar e esclarecer acerca da concepção e missão das instituições e da divulgação de informações verídicas referente à saúde pública.

Diante disso, talvez estejamos perdendo o "tempo ideal" para fazer a divulgação da informação correta chegar às pessoas. A informação muitas vezes tem sido diluída em meio à desinformação. Frequentemente, o simples fato da mídia veicular uma fala de uma autoridade do governo, de um médico, um cientista, ou mesmo veicular um resultado preliminar de um estudo, pode causar uma repercussão grande e viralizar de forma descontextualizada, e quando conduzida por estratégias tendenciosas de comunicação transformam a notícia em "verdade absoluta", de modo que tem sido um tanto difícil desmistificar a desinformação.

No caso dos fármacos e medicamentos propostos para tratamento da Covid-19, uma vez gerada uma polêmica, é preciso dar cada vez mais espaço aos especialistas e pesquisadores, para falarem sobre as

evidências científicas atualizadas à população. Barata (1990) revela que na área da saúde, os meios de comunicação podem representar um espaço tanto de informação quanto de reivindicação, ao revelar situações de saúde coletiva na qual a população se sinta ameaçada, como nas epidemias, que no imaginário e memória midiática nos remete aos problemas sociais e ao medo causado nas sociedades, entre os cidadãos.

Por isso, é preciso falar sobre evidência científica de modo mais palpável, no âmbito da educação popular em saúde. Como exemplo, falar que “ensaio clínico randomizado” é parecido com a lista de música que as pessoas podem escolher de forma randômica, ou seja, aleatória, e com isso contextualizar que os ensaios randomizados com seres humanos trazem uma maior segurança para com os resultados, uma vez que elimina a possibilidade de efeito placebo – efeito psicológico que determina atividade terapêutica – por parte dos medicamentos ou vacinas. E, com isso, tornar o discurso mais próximo da sociedade em geral (FALKENBERG et al, 2014).

Diante do exposto, o esforço mundial de geração de informações sobre o novo coronavírus é crescente, mas esse avanço do uso de mídias sociais como meio de informação trouxe consigo o desafio de monitorar e responder rapidamente a conteúdos falsos disseminados nestes canais, e de forma que possam igualmente circular nos mesmos (LANA et al, 2020). Para os autores, em paralelo às notícias oficiais e matérias informativas em veículos tradicionais, fake news e áudios falsos com recomendações equivocadas circularam em mídias sociais se passando por comunicado de entidades de respaldo público como a Sociedade Brasileira de Infectologia (SBI). O crescente movimento de descrédito dos canais tradicionais de comunicação, que fomenta a adesão a fontes alternativas, torna-se também um risco à saúde pública que deve ser enfrentado (LANA et al, 2020).

Dessa forma, torna-se imprescindível refletir sobre campanhas eficientes para a vacinação, divulgadas através dos meios. Existe um movimento global antivacina que, no Brasil, remonta ao período da "revolta da vacina", em 1904, relacionado à vacina contra a varíola (FIOCRUZ, 2005), entretanto, sabemos que o movimento antivacina tem grandes influências internacionais. A OMS incluiu o movimento antivacina como sendo um dos dez maiores riscos à saúde global em 2019.

Um artigo publicado no dia 10 de setembro de 2020 na revista *The Lancet* envolvendo quase 290 mil pessoas, em 149 países, demonstrou que o movimento antivacinas, o extremismo religioso, a instabilidade política, o populismo, as fake news e questões como segurança podem prejudicar as campanhas de vacinação em massa e a confiança nas vacinas em países com esses problemas (FIGUEIREDO et al, 2020).

No Brasil, desde a "revolta da vacina", se passaram mais de 100 anos, tivemos evolução no campo da pesquisa, tecnológico e também na área de ensino, além da diminuição dos índices de analfabetismo no país e aumento do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), entre outras evoluções. Temos fortes influências políticas, em escala mundial e aqui no Brasil que terminam contribuindo para esse fato.

Ainda assim, por meio do diálogo bem conduzido, pelas campanhas, lançando mão de técnicas e metodologias em comunicação, além da própria divulgação dos meios, é preciso desconstruir o movimento antivacina, ou pelo menos desmenti-lo. Explicar muito claramente que uma vacina só chega para as pessoas após toda a regulamentação de órgãos de vigilância em saúde e com total segurança. É preciso estudar a melhor abordagem e agir.

Atualmente, o Brasil apresenta um déficit nas vacinações infantis (ZORZETTO, 2020). As pessoas ficaram com medo de levar as crianças para vacinar, ir à Unidade Básica de Saúde se tornou uma barreira, além das fake news promovidas pelo movimento antivacina.

Dessa forma, a manifestação livre do pensamento e a difusão do saber científico de forma ampla, não só com relação às vacinas, mas com a saúde pública em geral, com espaço para reflexão e debate é importante para enfrentar os ataques obscurantistas e conservadores, que tentam deslegitimar o saber científico, produzido pelos pesquisadores e também pelas instituições de saúde.

## **Enfrentamento da Covid-19 no mundo, no Brasil e em Alagoas**

É notório o fato de que a população brasileira frequentemente desconsidera as recomendações nacionais e internacionais a respeito da observância do isolamento social como medida de proteção contra a disseminação do novo coronavírus. Diante do comportamento estabelecido no Brasil pela população, vimos que nosso país começou caminhando a passos lentos e permaneceu na fase embrionária em termos das precauções que seriam necessárias para conter o avanço da disseminação do vírus.

Nós precisamos refletir muito sobre como fazer educação em saúde, educação popular em saúde, de forma eficiente. Obviamente tivemos muitas influências negativas, desinformação e desserviço à população, em um momento crucial, muitas vezes por parte de autoridades, figuras públicas e políticas com alto poder de persuasão, tudo isso dificulta o processo positivo de educação em saúde.

Entretanto, se observarmos a maioria do movimento mundial que, inicialmente, não foi menos obscurantista e negacionista da pandemia, havia desde o começo uma grande possibilidade do mesmo acontecer no Brasil. Vimos o exemplo da Itália, da cidade de Milão, em que as questões econômicas foram super valorizadas num primeiro momento e em seguida, os gestores reconheceram e tomaram providências rápidas, inclusive comunicacionais, para reduzir os danos (UOL, 2020).

No sentido oposto, a Alemanha deu um super exemplo de enfrentamento da pandemia, como também, a Nova Zelândia, Taiwan e Noruega. Esses países, liderados por mulheres, deram o que falar até na Forbes como “exemplos de verdadeira liderança” (WITTENBERG-COX, 2020). Claro que há fatores econômicos e sociais que favorecem esses países no enfrentamento à pandemia, são países com um sistema de assistência social estabelecido e alta pontuação na maioria dos indicadores de desenvolvimento humano, ou seja, são realidades diferentes do Brasil, mas não impede que tivéssemos tomado para nós alguns exemplos, principalmente no âmbito da assistência social, medidas sanitárias emergenciais e de estratégias de comunicação.

Hoje, ao observarmos os gráficos de evolução da pandemia em países em que os(as) chefes de Estado tomaram providências para conter a disseminação do vírus e agravamento Covid-19, é possível observar diferenças significativas em relação ao Brasil (JHU, 2021).

Então, não é possível apontar a população como grande “responsável” pela evolução da pandemia. É preciso refletir acerca de tudo o que aconteceu e continua acontecendo no Brasil. O bordão “novo normal” precisa ser desconstruído. É preciso fazer entender, explicar que a pandemia não está controlada e que não existe uma nova normalidade. A normalização das mortes em decorrência da Covid-19 é algo assustador para alguns e, para outros é aceito sem maiores reflexões. O que promove esse comportamento? Como interferir nessa realidade? É preciso refletir.

Diante desse contexto, as ações em que se propõe enfrentar a pandemia, partindo dos princípios da educação em saúde e da popularização da ciência, podem vir a ser eficientes e precisam de apoio institucional local, além de apoio nas esferas federal, estaduais e municipais.

A Universidade Federal de Alagoas, por exemplo, tem desenvolvido diversas ações no sentido do enfrentamento à Pandemia da Covid-19, em diversos âmbitos do saber. O Centro de Informações Toxicológicas

da Ufal<sup>1</sup> (Citox-Ufal), coordenado pela professora Aline Fidelis, é um projeto de extensão da área de saúde, existente desde 2009, derivado do Grupo de Pesquisa em Toxicologia – GPTox-CNPq, que tem como objetivo divulgar informações toxicológicas à sociedade a fim de promover a popularização da ciência, no âmbito da educação em saúde e, principalmente, prevenir casos clínicos de intoxicações exógenas.

Nesse período pandêmico, o Citox-Ufal vem atuando de forma coordenada para prestar informações toxicológicas à população sobre as mais diversas substâncias relacionadas à pandemia, a exemplo de substâncias saneantes e medicamentos.

O Citox-Ufal não tem as atribuições de um Centro de Informações Toxicológicas institucionalizado pelo Estado, como fazer atendimento e prestar assistência às pessoas intoxicadas ou realizar notificações de informações epidemiológicas. A ação do grupo é sempre informativa e de difusão científica, por meio do “Citox nas Escolas” – ações presenciais que ocorriam na rede pública e privada de educação de Maceió-AL antes do período pandêmico; e durante a pandemia por meio do Instagram, @citoxufal, no qual são feitas postagens semanais.

Contudo, apesar de não ser institucionalizado pelo Estado, o Citox-Ufal vem contando com o apoio comunicacional da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (FAPEAL), por meio da equipe de comunicação desse órgão, que edita a “Fapeal em Revista”. A Ascom Fapeal tem sistematicamente interagido nas mídias sociais, enaltecendo iniciativas pedagógicas e de pesquisa das mais diversas áreas do conhecimento. No caso do Citox-Ufal a equipe de comunicação da Fapeal faz repostagens do conteúdo produzido pelo CITox-Ufal e já promoveu diversas entrevistas com a coordenação do projeto. Tudo

---

1 Atualmente a equipe do Citox envolve seis estudantes de graduação do curso de Farmácia da Ufal – Campus A. C. Simões, dois estudantes de pós-graduação e três docentes.

isso tem gerado maior engajamento e contribuído com a difusão de informações corretas para a sociedade.

Além disso, ainda relacionada à pandemia da Covid-19, o GPTox irá avaliar o uso e o padrão local de uso de medicamentos e substâncias psicoativas entre os estudantes da Ufal, no âmbito da Toxicologia Psicossocial, considerando a pandemia. Essa pesquisa envolve um aluno de mestrado e dois alunos de iniciação científica e a ideia de analisar tal panorama surgiu como reflexo das notícias sobre o aumento da venda de medicamentos psicotrópicos no Brasil durante o período da pandemia. Considerando que conhecer o perfil de um público é importante para promover ações de educação em saúde espera-se, em médio prazo, contribuir com ações educativas no sentido da prevenção ou diminuição do uso desses medicamentos e substâncias psicoativas.

Em termos de comunicação em saúde, as campanhas sanitárias são significativas, através da ênfase na difusão da informação científica com linguagem acessível. Em Alagoas, tivemos uma campanha que foi veiculada pela TV aberta, tendo médicos como atores principais. São médicos com rostos conhecidos pela população, que são referência em suas competências técnicas e que se dispuseram a falar, com base em evidências científicas e também com apelo afetivo, para a população se manter em casa e usar máscaras ao ter que sair, em casos restritos. Explicaram sobre os riscos da infecção pelo novo coronavírus e também ratificaram as possibilidades de "vencer" a doença.

As campanhas, assim, trazem resultados e recordamos um período, por volta de setembro de 2020 que, com a diminuição das restrições de distanciamento social por parte dos governadores, a indústria do turismo, principalmente no Nordeste, fez grandes investimentos em comunicação, em propagandas para estimular o turismo. E mesmo estando em um contexto pandêmico, as pessoas aderiram como se estivessemos um período normal.



Dessa forma, com a mesma intensidade e poder que a comunicação tem de promover o turismo e tantas outras áreas, é preciso que as campanhas sobre o enfrentamento da pandemia sejam intensificadas e cada vez mais direcionadas a públicos específicos, já que é preciso estudar a melhor abordagem para tal combate. As campanhas precisam estar atentas ao público. Que abordagem adotar para pessoas jovens? Para o público idoso? Quais plataformas usar? A partir desse direcionamento, os resultados são ainda maiores.

No @citoxufal, no Instagram, sabemos que o público é mais jovem. São seguidores que cativamos ao abordar temas de interesse desses estudantes, desde a educação básica, ligados ao “Citox nas Escolas”, até os universitários e profissionais, geralmente formados recentemente, além de docentes e pesquisadores de várias instituições de ensino superior (IES). É um público diverso, mais jovem, e a própria plataforma contribui para a educação em saúde de forma lúdica e interativa.

## **Considerações finais**

A difusão científica com abordagem popularizada tem um papel importante para que a sociedade construa seu entendimento de forma direcionada e esclarecida sobre ciência, a fim de entender o quanto ela está presente em nosso meio. O conhecimento da ciência faz parte do dia a dia das pessoas, inclusive referente à utilização de Fármacos no enfrentamento de doenças.

Mas para que o conhecimento científico seja incrementado ainda mais entre as pessoas, a prática de projetos e ações educativas em saúde são fundamentais para a divulgação científica, em vários âmbitos da sociedade, tendo a mídia como um importante aliado nesse processo de comunicação em saúde.

Nesse momento da pandemia da covid-19 a comunicação e a educação em saúde apresentam-se como estratégias relevantes para o enfrentamento da doença, tanto no sentido de diminuição da transmissão do vírus, como no sentido do combate às fake news, que são disseminadas rapidamente, sem o devido questionamento por parte das pessoas que as recebem, incentivando às práticas contrárias ao conhecimento científico e, com isso, diminuindo os cuidados com a saúde e também o isolamento social.

Nesse cenário pandêmico, ainda é importante destacar que o Brasil não conta com uma política ampla com o objetivo de popularizar a Ciência, embora surjam iniciativas localizadas, como a do Citox, entre outras, é preciso institucionalizar estratégias que atinjam espaços mais amplos da sociedade, especialmente entre o público mais vulnerável socialmente, proporcionando, assim, o conhecimento científico tenha o devido valor e seja uma práxis social.

## Referências

ANVISA. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Lei nº 6.360, de 23 de Setembro de 1976. Disponível em: <file:///C:/Users/usuário/Downloads/13142754-lei-6360.pdf> Acesso em: 12 de set. 2020.

BARATA, RCB. Saúde e direito à informação. Cad Saúde Pública 1990; 6(4): 385-99.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Política Nacional de Educação Permanente em Saúde. 2009. Disponível em: < [https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pacto\\_saude\\_volume9.pdf](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pacto_saude_volume9.pdf) >. Acesso em 25 de jun. 2021.

Bridi, Sônia. 500 mil mortos por Covid: de cada 425 brasileiros, um foi levado pela pandemia. Fantástico. 26 de jun. 2021. Disponível em: < <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2021/06/20/500-mil-mortos-por-covid-de-cada-425-brasileiros-um-foi-levado-pela-pandemia.ghhtml>> Acesso em 22 de jun. 2021.

CALLOU, Manuela; HOLANDA, Aldo. Mídia-tização e saúde pública: uma análise comparativa entre as plataformas de comunicação e sua produção narrativa na Semana Mundial da Amamentação de 2017, em Alagoas. Centro Internacional de Semiótica e Comunicação-CISECO. Anais do VI Colóquio Semiótica das Mídias, v. 6, n. 1. Japaratina, AL: UFAL, 2017.

DINIZ, M. O; FERREIRA, L. C. S. Biotecnologia aplicada ao desenvolvimento de vacinas. Estudos Avançados. 24 (70), 2010.

FALKENBERG, M. B; MENDES, T. P. L; MORAES, E. P; SOUZA, E. M. Educação em saúde e educação na saúde: conceitos e implicações para a saúde coletiva. Ciência & Saúde Coletiva, 19(3):847-852, 2014.

FIGUEIREDO, A; SIMAS, C; KARAFILLAKIS, E; PATERSON, P; LARSON, H. J. Mapping global trends in vaccine confidence and investigating barriers to vaccine uptake: a large-scale retrospective temporal modelling study. The Lancet. Vol 396 September 26, 2020.

FIOCRUZ. A Revolta da Vacina. Em 25 de abril de 2005. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/revolta-da-vacina-2> Acesso em: 23 de jun. 2021.

GRIGORI, p. 118 agrotóxicos são aprovados durante a pandemia, liberação é 'serviço essencial'. Agência Pública/Repórter Brasil. Em 13 de maio 2020. Disponível em: <https://reporterbrasil.org.br/2020/05/96-a->

[grotoxicos-sao-aprovados-durante-a-pandemia-liberacao-e-servico-essencial/](#) Acesso em 19 de jun. 2021.

HAN, B-C. No enxame: perspectivas do digital. Rio de Janeiro: Vozes, 2018.

HULLEY, S.B.; CUMMINGS, S.R.; BROWNER, W.S.; GRADY, D.G.; NEWMAN, T.B. Delineando a pesquisa clínica: uma abordagem epidemiológica. 4. ed. São Paulo: Artmed, 2015.

IAMARINO, Átila. Representante da OMS diz que transmissão de Covid-19 por pacientes sem sintomas parece ser rara, mas fala é criticada por pesquisadores. G1. em 08 de jun. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/06/08/transmissao-de-covid-19-por-pacientes-sem-sintomas-parece-ser-rara-diz-oms.ghtml> Acesso em 21 de jun. 2021.

JOHNS HOPKINS CORONAVIRUS RESOURCE CENTER. Disponível em: <https://coronavirus.jhu.edu/map.html> Acesso em: 23 de jun. 2021.

KOVALICK, Roberto. Trump dá ultimato para a OMS e ameaça cortar verba permanentemente. G1. Em 19 de maio 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/05/19/trump-ameca-cortar-verba-para-a-oms-permanentemente.ghtml>> Acesso em 23 de jun. 2021.

LANA, Raquel Martins et al. Emergência do novo coronavírus (SARS-CoV-2) e o papel de uma vigilância nacional em saúde oportuna e efetiva. Cadernos de Saúde Pública, v. 36, p. e00019620, 2020.

LANGEDIJK J, MANTEL-TEEUWISSE AK, SLIJKERMAN DS, SCHUTJENS MH. Drug repositioning and repurposing: terminology and definitions in literature. *Drug Discov. Today* 20(8):1027-1034, 2015.

SANTOS, V. S. "Organização Mundial de Saúde (OMS)"; Brasil Escola. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/curiosidades/organizacao-mundial-saude-oms.htm>> Acesso em 22 de junho de 2021.

Sociedade Brasileira de Infectologia. ATUALIZAÇÕES E RECOMENDAÇÕES SOBRE A COVID-19. Disponível em: < <https://infectologia.org.br/wp-content/uploads/2020/12/atualizacoes-e-recomendacoes-covid-19.pdf>> Acesso em: 11 de jan. 2021.

UOL. Prefeito admite erro ao apoiar campanha 'Milão não para' imitada no Brasil. Em 27 de março de 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/03/27/prefeito-admite-erro-ao-apoiar-campanha-milao-nao-para-imitada-no-brasil.htm> Acesso em 17 de jun. 2021.

VARGAS, Mateus. Farmacêutica diz à CPI que faturou 8 vezes mais em 2020 com medicamentos do 'kit Covid'. *Folha de São Paulo*. 16 de jun. 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/06/farmacautica-diz-a-cpi-que-faturou-8-vezes-mais-em-2020-com-medicamentos-do-kit-covid.shtml>> Acesso em 22 de jun. 2021.

WITTENBERG-COX, A. Mulheres na liderança são o diferencial dos países com as melhores respostas ao coronavírus. *Forbes*. Em 15 de abril de 2020. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-mulher/2020/04/mulheres-na-lideranca-sao-o-diferencial-dos-paises-com-as-melhores-respostas-ao-coronavirus/> Acesso em: 23 de jun. 2021.

ZORZETTO, Ricardo. As razões da queda na vacinação: ao menos nove fatores contribuem para a redução na imunização infantil e aumentam o risco de doenças graves ressurgirem. Revista Pesquisa Fapesp. Disponível em: < [https://revistapesquisa.fapesp.br/wp-content/uploads/2018/08/018-024\\_CAPA-Vacina\\_270.pdf](https://revistapesquisa.fapesp.br/wp-content/uploads/2018/08/018-024_CAPA-Vacina_270.pdf) > Acesso em 23 de jun. 2021.

# Os 30 anos da Fapeal e a ciência em tempos de pandemia

João Vicente Lima  
Deriky Pereira  
Manoella Neves

## Introdução

Fomentar com equidade e transparência o Sistema Estadual de Ciência, Tecnologia e Inovação contribuindo, diretamente e transversalmente, com o desenvolvimento socioeconômico de Alagoas<sup>1</sup>. Com essa missão, nascia, em 27 de setembro de 1990, a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (Fapeal), iniciativa defendida em plenário da Assembleia Legislativa (ALE) por um grupo de pesquisadores após promulgação da nova Constituição, em 1988.

---

1 Sobre a Fapeal. Disponível em: <<https://www.fapeal.br/institucional/sobre/>> Acesso em 25 jun. 21.

Este documento permitia que estados poderiam destinar parte de suas receitas para investimentos em Ciência e Tecnologia. Assim, a Constituição Estadual destinou 2% da receita estimada para o financiamento da Ciência e Tecnologia (C&T) e para a criação de uma entidade de fomento em Alagoas, que, em 2020, celebrou suas três décadas de existência e atuação em prol da comunidade científica alagoana, com investimentos em diversas áreas do conhecimento e aprendizagem.

No entanto, em março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou que o mundo atravessava uma pandemia por conta do novo coronavírus (Sars-COV-2)<sup>2</sup>. A origem da doença ainda não é totalmente conhecida, mas dados preliminares apontam a proliferação do vírus em Wuhan, na China, no final de 2019 e que o coronavírus relacionado geneticamente ao vírus Sars-COV-2 foi identificado em animais como pangolins e morcegos<sup>3</sup>.

A OMS, por sua vez, considera como pandemia a disseminação mundial de uma doença nova que indica o espalhamento de uma epidemia para dois ou mais continentes com transmissão sustentada de pessoa para pessoa<sup>4</sup>. O uso de máscaras de proteção, evitar aglomerações, manter o distanciamento social e lavar as mãos com água e sabão foram imediatamente recomendadas pela ciência como medidas para conter a transmissão do vírus.

---

2 OMS declara pandemia de coronavírus. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/11/oms-declara-pandemia-de-coronavirus.ghtml>> Acesso em 23 jun. 21

3 OMS: Covid-19 se espalhou em Wuhan no fim de 2019; origem ainda é desconhecida. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/2021/02/09/oms-covid-19-se-espalhou-em-wuhan-no-fim-de-2019-origem-ainda-e-desconhecida>> Acesso em: 26 jun. 21.

4 O que é uma pandemia. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/11/o-que-e-uma-pandemia.ghtml>> Acesso em 23 jun. 21.



Assim, em coletiva realizada no dia 20 de março de 2020, o governador de Alagoas, Renan Filho (MDB) decretou que os 102 municípios do estado entrariam no que chamou de isolamento total<sup>5</sup> com o fechamento de shoppings, bares, igrejas, academias, restaurantes e diversos estabelecimentos comerciais, mantendo apenas o funcionamento dos serviços considerados essenciais, como supermercados, farmácias e órgãos de imprensa, por exemplo. A medida foi anunciada em conjunto com o então prefeito de Maceió, Rui Palmeira (sem partido) e tinha como objetivo conter a transmissão do coronavírus.

À exceção das Secretarias de Saúde (Sesau) e da Segurança Pública (SSP), por exemplo, todos os demais órgãos da administração pública adotaram a modalidade do home office para se manter em funcionamento. Com a Fapeal não foi diferente e toda a equipe de colaboradores passou a atuar de forma remota e projetos que estavam sendo preparados para aquela que seria a comemoração – então presencial – dos 30 anos da Fundação, em setembro de 2020, foram suspensos, assim como a produção de sua Revista que contaria com duas edições especiais temáticas em alusão à data e algumas atividades voltadas às mídias digitais.

É com base nisso que este trabalho também se apresenta. Nas próximas linhas, vamos conferir como se deu a atuação da Fapeal especialmente neste período de pandemia da Covid-19 e ver que, mesmo com cortes nas verbas destinadas pelo Governo Federal, que Alagoas conseguiu manter investimentos em diversas áreas do conhecimento, reiterando a importância de uma Fundação de Amparo à Pesquisa

---

5 Alagoas fecha igrejas, shoppings, bares e outros estabelecimentos: 'Isolamento total', diz governador. Disponível em: <<https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2020/03/20/alagoas-fecha-igrejas-shoppings-bares-e-outros-estabelecimentos-isolamento-total-diz-governador.ghtml>> Acesso em 26 jun. 21.

num momento em que os olhos do mundo se voltam para a atuação da ciência.

### **30 anos de história:** Investimentos da Fapeal para se fazer ciência em Alagoas

Antes de falarmos diretamente sobre o período alusivo às três décadas da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas, vamos voltar no tempo e apresentar alguns dados de investimentos feitos pelo órgão em prol da comunidade científica alagoana.

Três anos depois de seu surgimento, em 1993<sup>6</sup>, a concessão de bolsas pela Fundação atingiu 54,3% do orçamento e os auxílios à pesquisa atingiram 40,4%. A partir de 1995, áreas estratégicas para Alagoas, como a educação, a saúde pública e a cadeia produtiva do leite, por exemplo, ganharam investimento da Fapeal.

Já em 1997, uma forte crise financeira estadual fez com que os recursos da entidade diminuíssem sensivelmente. Mesmo assim, ainda na década de 90, o órgão firmou sua primeira parceria com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) para concessão de bolsas de iniciação científica e, com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), a Fapeal implementou o Projeto Nordeste de Apoio à Pós-Graduação e Pesquisa, objetivando investimentos no aperfeiçoamento de docentes<sup>7</sup>.

No início dos anos 2000, ao completar uma década de existência, os recursos da Fapeal aumentaram em 80%. Com isso, 91 bolsas de

---

6 Minutos da Ciência #17 – #ParabensFapeal. Disponível em: <<https://www.instagram.com/tv/CFktZpJJhYC/>> Acesso em 26 jun. 2021.

7 Histórico Fapeal. Disponível em: <<https://www.fapeal.br/wp-content/uploads/2015/04/historicoFAPEAL1.pdf>> Acesso em 23 jun. 21.

estudos foram concedidas e 23 auxílios em diversas modalidades. Em 2001, o repasse mensal recebeu 25% de aumento, o que fez com que o número de bolsas subisse para 130. No ano seguinte, foram 35% a mais de aumento: a oferta de bolsas saltou para 196 e o número de projetos financiados subiu para 54. E em 2005, ao completar 15 anos, a Fundação somou cerca de 2 mil bolsas de estudos e apoio a mais de 500 projetos de pesquisa e mais: 683 bolsas foram concedidas. Áreas como DNA Forense, alfabetização de jovens e adultos, além da realidade socioeconômica de pescadores e biodiesel da mamona foram algumas que receberam investimento naquele período<sup>8</sup>.

Em 2010, a Fapeal completou 20 anos e 1.000 bolsas de estudo foram distribuídas. Três anos depois, a Fundação executou, pela primeira vez, o Programa Tecnova, em parceria com a Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), no valor de R\$ 8 milhões<sup>9</sup>. Também nesse período, foi assinado o primeiro grande termo de cooperação com a Capes para a concessão de bolsas de mestrado e doutorado, no valor de R\$ 21 milhões e passou a investir diretamente na construção dos Parques Tecnológicos.

Em 2015, a Fapeal comemorou 25 anos com uma superexposição no Parque Shopping Maceió<sup>10</sup> que atraiu quase 3.000 visitantes. No ano seguinte, a Fundação participou da reunião do conselho da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, em Porto Seguro, e aprovou por unanimidade a vinda da 70<sup>a</sup> Reunião Anual da Sociedade Brasileira

---

8 Minutos da Ciência #17 – #ParabensFapeal. Disponível em: <<https://www.instagram.com/tv/CFktZpJJhYC/>> Acesso em 26 jun. 2021.

9 Governo investe R\$ 8 milhões em inovação tecnológica. Disponível em: <<https://www.alagoas24horas.com.br/505517/governo-investe-r-8-milhoes-em-inovacao-tecnologica/>> Acesso em 23 jun. 21.

10 Exposição comemorativa da Fapeal tem início. Disponível em: <<https://www.fapeal.br/2015/09/exposicao-comemorativa-da-fapeal-tem-inicio/>> Acesso em 23 jun. 21.

para o Progresso da Ciência (SBPC), pela primeira vez, em Alagoas<sup>11</sup>, cuja realização se deu na Universidade Federal de Alagoas (Ufal) em 2018 e atraiu 45 mil pessoas.

Em 2017, a Fapeal assinou novo acordo com a Capes no valor recorde de R\$ 38 milhões para investimentos no sistema estadual de pós-graduação<sup>12</sup>. No ano seguinte, além da Reunião Anual da SBPC, a Fapeal chegou ao nível histórico de 50 editais públicos lançados desde 2015, sendo 17 em cooperação internacional com o Newton Fund e com a União Europeia<sup>13</sup>.

Já em 2019, o lançamento do Programa Centelha<sup>14</sup>, a Fapeal fez com que Alagoas ficasse na vice-liderança no ranking nacional com o número de propostas: foram 1.234 projetos e um investimento de R\$ 1,6 milhão. E em 2020, ao completar 30 anos, a Fundação investiu mais R\$ 6 milhões em editais de inovação, com o Tecnova 2 e em pesquisa

---

11 Alagoas vai sediar o maior evento de divulgação científica da América Latina. Disponível em: <<https://www.fapeal.br/2016/07/alagoas-vai-sediar-o-maior-evento-de-divulgacao-cientifica-da-america-latina/>> Acesso em 26 jun. 21.

12 Fapeal aumenta em 72% a captação de recursos federais para a pós-graduação em Alagoas. Disponível em: <<https://www.fapeal.br/2017/08/fapeal-aumenta-em-72-a-captacao-de-recursos-federais-para-a-pos-graduacao-em-alagoas/>> Acesso em 26 jun. 21.

13 Fapeal lança três novos editais em parceria com o Reino Unido. Disponível em: <<https://www.fapeal.br/2017/04/fapeal-lanca-tres-novos-editais-em-parceria-com-o-reino-unido/>> Acesso em 26 jun. 21.

14 O Programa Centelha visa estimular a criação de empreendimentos inovadores e disseminar a cultura empreendedora no Brasil. É uma iniciativa promovida pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTI) e pela Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), em parceria com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), o Conselho Nacional das Fundações Estaduais de Amparo à Pesquisa (Confap) e operada pela Fundação Certi. Disponível em: <<https://programa-centelha.com.br/>> Acesso em 23 jun. 21.

para saúde pública<sup>15</sup>, por meio do Programa de Pesquisa para o SUS (PPSUS)<sup>16</sup>.

## **Pandemia de Covid-19 e o corte de recursos para a ciência brasileira**

Vimos acima que em março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou que o mundo atravessava uma pandemia. Por causa disso, a ciência nunca esteve tão em evidência. Tanto que até agosto de 2020, pouco mais de 38 mil estudos científicos sobre o Sars-COV-2 e a Covid-19 haviam sido publicados. À época, o presidente da Academia Brasileira de Ciências (ABC), Luiz Davidovich, chegou a comentar que “[...] Nunca na história se aprendeu e se produziu tanto”<sup>17</sup> com relação ao aumento de produção científica em função da pandemia. Para ele, a Covid-19 criou sensibilização no mundo e tal esforço fez com que os estados nacionais se esforçassem ao ponto de otimizar tempo, recursos e pessoal técnico. Mas apenas isso não é suficiente para se fazer ciência.

É comum ouvir de diversos pesquisadores e pesquisadoras que ciência não é gasto e sim, investimento. No entanto, o orçamento disponível para se fazer pesquisa no Brasil vem sofrendo cortes a cada ano. Em 2020, por

---

15 R\$ 4 milhões: Governo de Alagoas dobra os recursos de pesquisa científica para o SUS. Disponível em: <<https://www.fapeal.br/2020/09/r-4-milhoes-governo-de-alagoas-dobra-os-recursos-de-pesquisa-cientifica-para-o-sus/>> Acesso em 23 jun. 21.

16 Fapeal comemora 30 anos com lançamento de R\$ 2 milhões para inovação em empresas. Disponível em: <<https://www.fapeal.br/2020/09/fapeal-comemora-30-anos-com-lancamento-r2-milhoes-para-inovacao-em-empresas/>> Acesso em 23 jun. 21. .

17 Ciência na pandemia: Nunca na história se aprendeu e se produziu tanto em tão pouco tempo. Disponível em: <<https://revistapegn.globo.com/Tecnologia/noticia/2020/08/ciencia-na-pandemia-nunca-na-historia-se-aprendeu-e-se-produziu-tanto-em-tao-pouco-tempo.html>> Acesso em 23 jun. 21

exemplo, o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTI) contou com R\$ 3,6 bilhões para gastos enquanto que, referente ao ano de 2021, a previsão apontava redução para R\$ 2,7 bilhões, o que totalizaria menos de um terço do valor disponibilizado há dez anos<sup>18</sup>.

E tem mais:

O CNPq vai amargar redução de 8,3% em seus recursos, contando, por exemplo, com apenas 22 milhões de reais para fomento à pesquisa, o que representa 18% do valor destinado em 2019. Já a Capes perde 1,2 bilhões em comparação aos 4,2 bilhões de reais que dispunha no primeiro ano do Governo Bolsonaro (PIRES, 2020).

Nas próximas páginas vamos ver como, apesar dos cortes sequenciais nas verbas federais destinadas à Ciência e à Educação, Alagoas consegue dar a volta por cima e continuar investindo e destinando verbas para diversos projetos nas áreas de Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I) numa soma que, até 2022, pode chegar a R\$ 100 milhões.

## **Fapeal investe e valoriza comunidade científica local**

Na contramão dos cortes em recursos voltados à ciência, Alagoas, por sua vez, vê na Fapeal a garantia da continuidade de diversos estudos científicos que são realizados dia após dia. Desde 2015 até setembro de 2020, quando completou 30 anos, a Fapeal já somava em torno de R\$

---

18 Ciência brasileira sofre com cortes de verbas e encara cenário dramático para pesquisas em 2021. Disponível em: <<http://www.abc.org.br/2021/01/05/ciencia-brasileira-sofre-com-cortes-de-verbas-e-encara-cenario-dramatico-para-pesquisas-em-2021/>> Acesso em 23 jun. 21.

75 milhões investidos em Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I), com a promessa de mais R\$ 30 milhões até 2022<sup>19</sup>.

Ou seja [...], em torno de, R\$ 100 milhões em investimentos focalizados para melhorar e conceber programas de pós-graduação e qualificação das nossas universidades estaduais e melhorar o ambiente de produção tecnológica e inovação no estado (GOMES, 2020).

Na ocasião deste relato, em agosto de 2020, o então diretor-presidente da Fapeal, professor Fábio Guedes Gomes, revelou ter recebido do governador Renan Filho (MDB), autonomia para desempenhar o trabalho em prol da comunidade científica em Alagoas. Ações como essas, citadas anteriormente, reforçam o compromisso da Fapeal com o fomento à pesquisa e à ciência alagoana, valorizando sua comunidade científica, mesmo num momento em que o país vivencia os já citados cortes em recursos em áreas variadas.

Ainda em 2020, o então diretor-presidente interino da Fundação, professor João Vicente Lima, falou sobre essa situação durante o projeto Ciseco Entrevistas<sup>20</sup>.

---

19 Governo de Alagoas reitera compromisso com o empreendedorismo e a inovação. Disponível em: <<https://www.fapeal.br/2020/08/governo-de-alagoas-reitera-compromisso-com-o-empreendedorismo-e-a-inovacao/>> Acesso em 23 jun. 21.

20 Revista: Presidente interino da Fapeal defende participação da sociedade na defesa da Ciência e da Universidades. Disponível em: <<https://www.fapeal.br/2020/11/presidente-interino-da-fapeal-defende-participacao-da-sociedade-na-defesa-da-ciencia-e-das-universidades/>> Acesso em 23 jun. 21.

Quase  $\frac{3}{4}$  de todo recurso que custeia e financia a comunidade de conhecimento de Alagoas vinha das agências federais como CNPq, Capes, Finep e como a gente vive uma crise sem precedentes num processo muito severo de desfinanciamento da ciência no Brasil que tem diminuído os aportes. Isso resulta numa sobrecarga enorme para os ombros da Fapeal. É uma realidade de Alagoas, do Brasil, tem sido delicado, mas a gente vai tentando desviar dos obstáculos e fazer com que a Fundação cumpra sua finalidade (LIMA, 2020).

À época, o docente enfatizou que mesmo com essa situação, a Fapeal vem lutando para cumprir seu papel diariamente. No entanto, reforçou que todos os estados ainda carecem de mais fomento à pesquisa e maior atenção às políticas públicas. João Vicente utilizou estas palavras com base na fala citada anteriormente do presidente da ABC, Luiz Davidovich, sobre a intensidade dos trabalhos científicos durante a pandemia da Covid-19.

Hoje temos mais de 100 vacinas sendo feitas no mundo porque todo país sabe que deve trabalhar para ter sua autoproteção. E ao mesmo tempo tem uma série de iniciativas que são globais. Somos capazes de responder assim, mas não quer dizer que tenhamos os recursos necessários. O que ele [Davidovich] diz é que a gente teve que dar prioridade e buscou recursos para poder prover competências técnicas para que nossos colegas pudessem colocar em prática seus conhecimentos e buscar soluções (LIMA, 2020).

Ao defender que a sociedade se posicione e defenda os sistemas de conhecimento, João Vicente propõe algo semelhante ao que diz Matos



(2010)<sup>21</sup> sobre a existência de um capital social, que ocorre quando indivíduos se organizam para debater questões consideradas como de interesse público como saúde e educação, por exemplo.

Segundo a autora, “[...] o capital social é uma medida das relações sociais, que podem ser apenas familiares, de amizade, de vizinhança, de trabalho e não necessariamente envolvem o bem comum.” (MATOS, 2010). A discussão sobre os referidos temas pode acontecer, por exemplo, nos espaços de mídias digitais como as redes sociais, que podem garantir uma relação de proximidade entre os atores sociais – os indivíduos – e as instituições e/ou organizações, situação que vamos ver mais adiante.

Ainda durante o projeto Ciseco Entrevistas, o professor João Vicente Lima refletiu sobre a importância dos investimentos em pesquisa e defendeu a importância do debate público e sensibilização dos atores políticos para evitar cortes no financiamento e reforçar a importância do conhecimento para a sociedade. Disse ainda que a questão da comunicação e da Comunicação Pública são causas que o cidadão deve tomar para si, fazendo parte delas de maneira mais ativa, pois informação é fundamental para que o público possa debater, especialmente em meio a onda de negacionismo que o Brasil vivencia.

A Fapeal como todas as outras Fundações de Amparo à Pesquisa devem primar pela divulgação científica, tornando a mensagem acessível para todos os públicos e de modo que contribua para organizar o pensamento do sujeito, do cidadão que começar por atuar a partir de sua comunidade. Nas próximas páginas vamos falar sobre ações realizadas pela Fundação que, para além da divulgação científica, visam contribuir no combate à desinformação e, conseqüentemente, promo-

---

21 Interesse público: O potencial do capital social na comunicação pública. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/interesse-publico/o-potencial-do-capital-social-na-comunicacao-publica/>> Acesso em 26 jun. 21.

ver uma popularização da ciência, aproximando cada vez mais a sociedade de temáticas neste campo.

## **Popularização da ciência:** aproximando a sociedade do campo científico

Em seus 30 anos de existência, a Fapeal sempre esteve presente na mídia alagoana, seja por lançamento de editais e a oferta de bolsas de iniciação científica ou pesquisa, como também na divulgação dos estudos, promovendo jornalismo científico e em prol da popularização da ciência – não somente para estudiosos, mas para a sociedade em geral. Todo o trabalho é desempenhado pela equipe da Assessoria de Comunicação (Ascom) da entidade, que conta com 5 pessoas em seu escopo: três jornalistas, um relações públicas e um designer gráfico<sup>22</sup>.

Por conta da pandemia da Covid-19, desde março de 2020, o trabalho passou a ser pelo modo remoto e as informações continuaram a ser compartilhadas nos perfis das redes sociais – Instagram<sup>23</sup> e Facebook<sup>24</sup> – e no site oficial<sup>25</sup>. No entanto, foi preciso pensar em novos produtos para potencializar os perfis nas redes digitais, além de falar sobre e fazer ciência numa nova perspectiva de popularização da ciência – sobre isso falaremos ainda neste tópico.

---

22 Dados referentes ao mês de junho de 2021.

23 Instagram da Fapeal. Disponível em: <<https://www.instagram.com/fapeal.br/>> Acesso em 26 jun. 21.

24 Facebook da Fapeal. Disponível em: <<https://www.facebook.com/fapeal>> Acesso em 26 jun. 21.

25 Site da Fapeal. Disponível em: <<http://www.fapeal.br>> Acesso em 26 jun. 21.

Um dos projetos que contribuem para a popularização dos trabalhos científicos é a Fapeal em Revista<sup>26</sup>, criada em 2012, para apresentar à sociedade os resultados da pesquisa desenvolvida em Alagoas, em especial aquela apoiada pelo órgão, além de mostrar o que é, na prática, uma Fundação de Amparo e suas iniciativas. A Fapeal em Revista tem edições em formato impresso – com tiragem de 1 mil a 2 mil edições – e on-line. Sua distribuição, que também se dá em escolas públicas, não teria como circular, visto que todos esses locais tiveram suspenso seu funcionamento como medida de restrição e combate ao coronavírus.

Assim, a Revista se reinventou e fez surgir, em 5 de junho de 2020, o Minutos da Ciência<sup>27</sup>, projeto multiplataforma voltado para as mídias digitais – em especial, os perfis do Instagram da Fapeal e da Fapeal em Revista<sup>28</sup>. O boletim, a princípio, teria por volta de 3 minutos e informaria, semanalmente, notícias sobre a Fapeal e sobre Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I) nos âmbitos local e nacional.

Em setembro daquele ano, comemorando os 30 anos de Fapeal, produziu uma linha do tempo resgatando fatos históricos sobre a fundação, alcançando grande audiência. Edições temáticas sobre a pandemia, sobre saúde – como Outubro Rosa<sup>29</sup> e Novembro Azul<sup>30</sup> – além de

---

26 Fapeal em Revista. Disponível em: <<https://www.fapeal.br/imprensa/fapeal-em-revista/>> Acesso em 26 jun. 21.

27 O Minutos da Ciência é um programa semanal, com duração de 3 a 6 minutos, levado ao ar sempre às sextas-feiras, a partir das 18h nos perfis do Instagram da Fapeal e da Fapeal em Revista.

28 Instagram Fapeal em Revista. Disponível em: <<https://www.instagram.com/fapealemrevista/>> Acesso em 26 jun. 21.

29 Minutos da Ciência #19 (Especial Outubro Rosa). Disponível em: <<https://www.instagram.com/tv/CG1MTvpkc5/>> Acesso em 26 jun. 21.

30 Minutos da Ciência #25 – Especial Novembro Azul. Disponível em: <<https://www.instagram.com/tv/CH06vMujXiC/>> Acesso em 26 jun. 21.

programas especiais com a temática natalina no final de 2020 e uma série sobre a história das vacinas<sup>31</sup> já em 2021 também se destacam, mostrando ser possível fazer e falar de ciência de uma maneira mais leve e informal, reiterando que a ciência é para todos os públicos.

Ainda em 2020, os vídeos começaram a ser compartilhados no canal do YouTube da Fapeal em Revista<sup>32</sup> e em 2021, o Minutos da Ciência ganhou adaptação para as plataformas Spotify e Google Podcasts, na intenção de conceder mais uma opção aos públicos que consomem esses formatos e de servirem como auxílios importantes no trabalho de popularização da Ciência.

Durante participação no projeto Ciseco Entrevistas, o professor João Vicente Lima elogiou o trabalho da comunicação da Fapeal que, para ele, atinge a comunidade científica e também passa sua mensagem para todos os públicos. No entanto, ele acredita que a questão da comunicação deve contar com a participação do cidadão cada vez mais de forma ativa.

Pra mim, a questão da comunicação e da Comunicação Pública é uma causa que o cidadão deve tomar pra ele, ele deve fazer parte disso de uma forma mais ativa. A Fapeal, com uma pequena equipe, muito corajosa, tem um alcance, uma extensão e uma profundidade da nossa capacidade de participar desse debate defendendo a ciência e o cientista. A questão da comunicação deve, digamos, organizar a própria mentalidade do sujeito,

---

31 Minutos da Ciência #41 (A História das Vacinas). Disponível em: <<https://www.instagram.com/tv/CMnU9W4j7VL/>> Acesso em 26 jun. 21.

32 Fapeal em Revista no YouTube. Disponível em: <<http://youtube.com/fapealemrevista>> Acesso em 26 jun. 21.

do cidadão, na hora de ele pensar como vai participar das soluções do mundo, a começar da comunidade dele (LIMA, 2020).

Ao falar sobre a Comunicação Pública como Comunicação Científica, Brandão (2012) diz que existem duas maneiras de identificar essa situação. A primeira é que a Comunicação Científica se expande pela divulgação científica com a somatória de conhecimentos acumulados no escopo da difusão de informação que vem de tempos atrás no Brasil, em especial nas áreas da Saúde e da Agricultura. Segundo a autora, trata-se de “[...] um processo de comunicação construído e mantido pelo Estado, tendo em vista o desenvolvimento do país e de sua população. É justamente esta identidade pública e o espaço público em que atua que identifica a Comunicação Científica com a Comunicação Pública (BRANDÃO, 2012, p. 2).

A outra etapa, de acordo com a autora em estudo, encontra-se no fato de que a produção e divulgação de conhecimento científico incorporou temas sociais, econômicos e políticos, por exemplo, expandindo-se com relação à seara da ciência pura e fazendo com que as instituições de pesquisa, conseqüentemente, ampliem a divulgação para além de seus pares e promovendo, dentre outras coisas, reflexão sobre o papel social da ciência na sociedade. Além disso,

o aumento da competitividade entre equipes e instituições de pesquisa em âmbito nacional e internacional; os vultosos investimentos em dinheiro, tempo e capacitação dos pesquisadores; a premissa de que o acesso às informações de ciência e tecnologia é fundamental para o exercício pleno da cidadania; a necessidade de posicionar a ciência no que se refere às decisões políticas e econômicas do país e, por conseguinte, a necessidade de legitimação perante a sociedade, o que significa desper-

tar o interesse da opinião pública, dos políticos, da sociedade organizada e, principalmente, da mídia. Para isso, é crucial que o campo científico e o campo da mídia sejam cada vez mais próximos (BRANDÃO, 2012, p. 3).

No entanto, o papel do comunicador vem atravessando por uma fase complicada. Além da promoção diária de informação, a comunicação enfrenta também o desafio de combater a desinformação, com uma grande onda negacionista e de divulgação de notícias falsas – ou Fake News. Pesquisadores da Universidade de Ohio descobriram que pessoas tendem a criar as de acordo com suas crenças. Segundo Jason Coronel, um dos líderes do estudo publicado na *Human Communication Research*, nem tudo vem de fontes externas e as pessoas podem gerar a sua própria desinformação<sup>33</sup>, o que aumenta ainda mais a responsabilidade do profissional de Comunicação nesse combate.

Dentro de sua proposta original, o *Minutos da Ciência* contempla o combate à desinformação. Sempre que possível, o programa trazia uma ou duas notícias falsas e a versão verdadeira dela era comentada pelos apresentadores durante a referida edição da semana. Mas em setembro de 2020, o programa exibiu uma edição completa com notícias falsas e trazendo a versão real dos fatos e, por conta da boa aceitação da audiência, foi decidido exibir especiais assim ao menos uma vez por mês. A decisão foi colocada em prática, em definitivo, a partir de março de 2021. Na edição 51, em maio do mesmo ano, o programa temático obteve recorde de audiência: até o fechamento desta publicação, fo-

---

33 Pessoas criam Fake News de acordo com suas crenças, diz estudo. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/Comportamento/noticia/2019/12/pessoas-criam-fake-news-de-acordo-com-suas-crencas-diz-estudo.html>> Acesso em 26 jun. 21.

ram 684 visualizações e 25 comentários no perfil da Fapeal em Revista no Instagram<sup>34</sup> e 1.634 visualizações com 10 comentários no perfil da Fapeal na mesma rede social.

Os resultados vão de encontro à fala do professor João Vicente Lima fez durante participação no Ciseco Entrevistas: a importância da argumentação para se chegar em pontos de tangência e convergência e, assim, estabelecer um diálogo racional, diferente do que defendem os criadores e disseminadores dessas notícias falsas.

Quando você tem um satélite mandando informações de que aconteceu o aumento da queimada e vem a autoridade dizendo que não houve isso é alarmante. A gente simplesmente está negando uma realidade que deveríamos discutir a partir dela. A gente precisa de informação para o público poder debater. Acho que a mídia é muito responsável por tudo isso também. As fake news e os atores mal-intencionados querem exatamente isso: destruir as bases do debate racional, da busca dos níveis razoáveis de convergência sobre as coisas pra deixar a sociedade e o cidadão refém de um modus operandi conhecido (LIMA, 2020).

Matos (2010) defende que a comunicação pública estatal-governamental é de suma importância na constituição deste processo e cita algumas medidas como: pela coleta e análise de dados sociais, explicação de projetos e ações, ao propor debate amplo e aberto sobre temas de interesse, além da criação de um ambiente que possa ter respeito à liberdade de expressão de todos e todas. Para a autora, “[...] cabe ao

---

34 Minutos da Ciência #51 (Especial Fake News #6). Disponível em: <<https://www.instagram.com/tv/CPJivOBjL3i/>> Acesso em 26 jun. 21.

governo checar e manter os índices de capital social em patamares desejáveis, e garantir que todos os atores sejam capazes de desempenhar o papel de comunicador público.” (MATOS, 2010, entrevista).

No entanto, assim como Lima, Matos (2010) também acredita que a informação deve, cada vez mais, estar ao alcance dos cidadãos, especialmente aquela produzida por órgãos públicos, que voltam seus serviços, justamente, para o público em geral. Segundo ela,

Logo, usar técnicas jornalísticas para publicizar os serviços públicos disponíveis e oferecidos seria dever do poder constituído e direito de todo cidadão [...] Assim, mantendo intacto o critério jornalístico de noticiabilidade, uma notícia sobre os serviços públicos diz respeito à comunicação pública – não importa quem fez ou divulgou a matéria, se mídias privadas ou públicas (MATOS, 2010, entrevista).

Assim, cabe considerar que o Minutos da Ciência completou um ano de exposições e ganhou mais uma temporada, cuja estreia foi no dia 4 de junho de 2021. A equipe de Comunicação continua na produção de matérias jornalísticas especiais que são publicadas no site oficial e nas redes sociais da Fapeal – com suporte dado pelo perfil da Fapeal em Revista que, desde maio de 2021, retomou a sua produção.

Por conta da pandemia, as próximas edições previstas para o ano vigente serão produzidas apenas na versão on-line. A revista deve ser finalizada em outubro e contará com matérias variadas, tais como o relato de jovens cientistas e os desafios de se fazer ciência no período da pandemia, a luta da ciência contra o negacionismo ouvindo pessoas que se vacinaram contra a Covid-19 mesmo sob a forte onda de desinformação já citada anteriormente, os riscos da automedicação e dentre outras. Estão previstas ainda outras duas edições com projetos do programa Centelha e do edital de Economia Criativa, uma parceria



da Fapeal com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) de Alagoas.

## Considerações Finais

Vimos no presente artigo os desafios de se fazer ciência em meio a um período de pandemia e como a atuação de uma Fundação de Amparo à Pesquisa faz diferença no que se refere ao fomento de estudos e pesquisas nas mais diversas áreas do conhecimento quando um de seus órgãos mais importantes inicia um processo de retaliação em diversos setores ao realizar corte nos recursos.

Os trabalhos desempenhados pelos pesquisadores têm resultados práticos que visam trazer benefícios para a população que, muitas vezes, não tem a real percepção daquilo que se produz dentro da academia. Dados de uma pesquisa feita em 2015<sup>35</sup> pelo então Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC) mostrou que de quase 2 mil entrevistados, apenas 13% souberam dizer o nome de ao menos uma instituição de pesquisa nacional e mais: desse total, poucos também lembraram do nome de alguma Universidade.

É pensando nisso que os trabalhos desenvolvidos pelos pesquisadores, somado ao trabalho de divulgação desempenhado pelos meios de comunicação precisam, cada vez mais, caminhar de mãos dadas para que, conseqüentemente, a população tenha acesso direto à informação que, muitas vezes, beneficia a ela mesmo.

---

35 População não sabe que as universidades públicas são as 'fábricas de ciência e tecnologia' do Brasil. Disponível em: <<https://cartacampinas.com.br/2019/04/populacao-nao-sabe-que-as-universidades-publicas-sao-as-fabricas-de-ciencia-e-tecnologia-do-brasil/>> Acesso em 26 jun. 21.

Nesse ponto, a Fapeal visa a excelência do serviço prestado a partir do investimento contínuo no desenvolvimento de pessoal, além da gestão e segurança de seus produtos e processos em benefício da sociedade para, assim, tornar-se reconhecida como uma instituição estratégica no desenvolvimento econômico, científico e tecnológico de Alagoas prezando sempre pela ética, transparência, valorização de pessoal e proximidade.

Sendo um órgão público, que lida com informação científica de qualidade diariamente, a Fapeal promove, por meio de suas ações comunicacionais, a divulgação da boa informação com credibilidade, respeito às fontes e, principalmente, ao receptor da notícia, visando aproximar-se cada vez mais da sociedade em geral e continuar, ano após ano, cumprindo a sua missão de investir e fomentar Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I) para a comunidade científica do estado de Alagoas.

## Referências

AGÊNCIA O GLOBO. Ciência na pandemia: nunca na História se aprendeu e se produziu tanto em tão pouco tempo. Pequenas Empresas, Grandes Negócios. Disponível em: <<https://revistapegn.globo.com/Tecnologia/noticia/2020/08/ciencia-na-pandemia-nunca-na-historia-se-aprendeu-e-se-produziu-tanto-em- tao-pouco-tempo.html>> Acesso em 23 jun. 21.

ASSESSORIA. Governo investe R\$ 8 milhões em inovação tecnológica. Alagoas 24 Horas. Disponível em: <<https://www.alagoas24horas.com.br/505517/governo-investe-r-8-milhoes-em-inovacao-tecnologica/>> Acesso em 23 jun. 21.

BRANDÃO, Elizabeth Pazito. Conceito de comunicação pública. In: DUARTE, Jorge. (org.). Comunicação Pública: Estado, mercado, sociedade e interesse público. São Paulo: Atlas, 2012.

CABRAL, Tércila. Fapeal comemora 30 anos com lançamento de R\$ 2 milhões para inovação em empresas. Fapeal – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas. Disponível em: <<https://www.fapeal.br/2020/09/fapeal-comemora-30-anos-com-lancamento-r2-milhoes-para-inovacao-em-empresas/>> Acesso em 23 jun. 21.

ESCOBAR, Herton. População não sabe que as universidades públicas são as 'fábricas de ciência e tecnologia do Brasil. Carta Campinas. Disponível em: <<https://cartacampinas.com.br/2019/04/populacao-nao-sabe-que-as-universidades-publicas-sao-as-fabricas-de-ciencia-e-tecnologia-do-brasil/>> Acesso em 26 jun. 21.

FERRARI, Murilo. OMS: Covid-19 se espalhou em Wuhan no fim de 2019; origem ainda é desconhecida. CNN Brasil. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/2021/02/09/oms-covid-19-se-espalhou-em-wuhan-no-fim-de-2019-origem-ainda-e-desconhecida>> Acesso em: 26 jun. 21.

G1. O que é uma pandemia. G1 – O Portal de Notícias da Globo. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/11/o-que-e-uma-pandemia.ghtml>> Acesso em 23 jun. 21.

QUEVEDO, Josemari. O potencial do capital social na comunicação pública. Observatório da Imprensa. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/interesse-publico/o-potencial-do-capital-social-na-comunicacao-publica/>> Acesso em 26 jun. 21.

LIMA, João Vicente. A importância das Fundações de Amparo à Pesquisa em tempos de pandemia. [entrevista concedida a] Manoella Neves. Ciseco.10 de novembro de 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rWQQ-FKe-54>> Acesso em: 30 de junho de 2021

MOREIRA, Ardilhes; PINHEIRO, Lara. OMS declara pandemia de coronavírus. G1 – O Portal de Notícias da Globo. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/11/oms-declara-pandemia-de-coronavirus.ghtml>> Acesso em 23 jun. 21.

PEREIRA, Deriky. Governo de Alagoas reitera compromisso com o empreendedorismo e a inovação. Fapeal – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas. Disponível em: <<https://www.fapeal.br/2020/08/governo-de-alagoas-reitera-compromisso-com-o-empreendedorismo-e-a-inovacao/>> Acesso em 23 jun. 21.

\_\_\_\_\_. Revista: Presidente interino da Fapeal defende participação da sociedade na defesa da Ciência e das Universidades. Fapeal – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas. Disponível em: <<https://www.fapeal.br/2020/11/presidente-interino-da-fapeal-defende-participacao-da-sociedade-na-defesa-da-ciencia-e-das-universidades/>> Acesso em 23 jun. 21.

PIRES, Breiller. Ciência brasileira sofre com cortes de verbas e encara cenário dramático para pesquisas em 2021. Academia Brasileira de Ciências In: El País Brasil. Disponível em: <<http://www.abc.org.br/2021/01/05/ciencia-brasileira-sofre-com-cortes-de-verbas-e-encara-cenario-dramatico-para-pesquisas-em-2021/>> Acesso em 23 jun. 21.

REDAÇÃO GALILEU. Pessoas criam fake News de acordo com suas crenças, diz estudo. Revista Galileu. Disponível em: <<https://revista-galileu.globo.com/Sociedade/Comportamento/noticia/2019/12/pessoas-criam-fake-news-de-acordo-com-suas-crencas-diz-estudo.html>> Acesso em 26 jun. 21.

SANCHES, Carolina; RODRIGUES, Cau; FARIAS, Michelle. Alagoas fecha igrejas, shoppings, bares e outros estabelecimentos: 'Isolamento total', diz governador. G1 Alagoas. Disponível em: <<https://g1.globo.com>>

[com/al/alagoas/noticia/2020/03/20/alagoas-fecha-igrejas-shoppings-bares-e-outros-estabelecimentos-isolamento-total-diz-governador-ghtml](https://www.fapeal.br/2020/03/20/alagoas-fecha-igrejas-shoppings-bares-e-outros-estabelecimentos-isolamento-total-diz-governador-ghtml)> Acesso em 26 jun. 21.

XAVIER, Naísia. Exposição comemorativa da Fapeal tem início. Fapeal – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas. Disponível em: <<https://www.fapeal.br/2015/09/exposicao-comemorativa-da-fapeal-tem-inicio/>> Acesso em 23 jun. 21.

\_\_\_\_\_ Alagoas vai sediar o maior evento científico da América Latina. Fapeal – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas. Disponível em <<https://www.fapeal.br/2016/07/alagoas-vai-sediar-o-maior-evento-de-divulgacao-cientifica-da-america-latina/>> Acesso em 26 jun. 21.

\_\_\_\_\_ Fapeal aumenta em 72% a captação de recursos federais para a pós-graduação em Alagoas. Fapeal – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas. Disponível em: <<https://www.fapeal.br/2017/08/fapeal-aumenta-em-72-a-captacao-de-recursos-federais-para-a-pos-graduacao-em-alagoas/>> Acesso em 26 jun. 21.

\_\_\_\_\_ Fapeal lança três novos editais em parceria com o Reino Unido. Fapeal – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas. Disponível em: <<https://www.fapeal.br/2017/04/fapeal-lanca-tres-novos-editais-em-parceria-com-o-reino-unido/>> Acesso em 26 jun. 21.

\_\_\_\_\_ R\$ 4 milhões: Governo de Alagoas dobra os recursos de pesquisa científica para o SUS. Fapeal – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas. Disponível em: <<https://www.fapeal.br/2020/09/r-4-milhoes-governo-de-alagoas-dobra-os-recursos-de-pesquisa-cientifica-para-o-sus/>> Acesso em 23 jun. 21.



***Pandemia, Discursos  
Midiáticos e Sentidos***





## **O rádio no contexto da covid-19: informar corretamente e combater o negacionismo<sup>1</sup>**

Luiz Artur Ferraretto  
Gilson Luiz Piber da Silva

Qual a contribuição do rádio para atenuar a disseminação do SARS-CoV-2, o novo coronavírus, no Brasil, e como as emissoras enfrentam os desafios que se colocam à sua frente em função da pandemia? Essas são indagações que servem de eixo para as reflexões aqui colocadas. Por óbvio, salienta-se sempre que a covid-19 e suas repercussões, independentemente de área ou setor da atividade humana ou da ciência, constituem-se em objeto de estudo em desenvolvimento sobre os quais se conhecia muito pouco no início de 2020, quando começam a

---

1 Baseado em entrevista concedida por Luiz Artur Ferraretto a Gilson Luiz Piber da Silva no canal do Centro Internacional de Semiótica e Comunicação (Ciseco) no YouTube e veiculada em 11 de novembro de 2020.

ser registrados os primeiros casos da doença no Brasil. Deixa-se claro que, ao pensar tais temáticas, se considera como válidas as recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS) e da ciência reconhecida como tal para o enfrentamento da pandemia.

Portanto, os maiores desafios passam por combater algo que não se conhece bem e cujo desenrolar é incerto em termos de resultados e de término desse processo. No cenário brasileiro, essa realidade ganha contornos mais problemáticos devido ao negacionismo que transborda das autoridades para parcela significativa da população, não se excluindo desse contexto alguns veículos de comunicação e parte de seus funcionários. Antes de continuar nessa linha de raciocínio, é preciso considerar o que o senso comum consagra como negacionismo:

Todos nós estivemos em negação em algum momento de nossas vidas. Diante de verdades muito dolorosas para aceitar, a rejeição muitas vezes parece a única maneira de se lidar com algo. Nessas circunstâncias, fatos – por mais detalhados ou irrefutáveis – raramente fazem a diferença. Negacionismo é negação ampla, quando um segmento inteiro da sociedade, muitas vezes, lutando contra o trauma da mudança, afasta-se da realidade em favor de uma mentira mais confortável (SPECTER, 2009, p. 7).

Cabe lembrar que uma pandemia como a de covid-19 “não pode ser vencida sem um planejamento estratégico para a crise em si e sem outro [...] para a comunicação a respeito da crise” (FERRARETTO; MORGADO, 2020, p. 7). Em paralelo a isso, há a necessidade de considerar a natureza das emissoras de rádio. São outorgas públicas. Não se trata de um negócio em que o sujeito simplesmente chega, vai ali e abre, passando a vender um produto ou a oferecer um serviço. O que significa? Significa que existe um bem público, no caso as ondas eletromagnéticas. O Estado brasileiro, em nome da sociedade, distribui tais outorgas. Aí, tem-se um problema. Se é um bem público, se é algo que

o Estado brasileiro permite a alguém usar, essa utilização precisa ser responsável, ou seja, tecnicamente correta e eticamente correta. Muitas vezes, isso não acontece porque as outorgas das emissoras – sejam comerciais, comunitárias, estatais ou públicas – passam a ser usadas com interesses políticos e com submissão total do seu conteúdo ao lucro.

No primeiro momento da abordagem radiofônica ou midiática em geral da covid-19, o discurso dominante pendeu para a responsabilidade. No entanto, se você centrar o foco da análise sobre grupos comunicacionais cujos empresários, claramente, declararam o seu apoio às forças políticas vencedoras das eleições de 2018, antes e depois daquele pleito, ocorre uma espécie de jogo de prestidigitação. Com uma mão, aparece a responsabilidade, chamando a atenção e encobrendo o truque negacionista perpetrado pela outra. Atendo-se a proprietários de conglomerados com empreendimentos em rádio, cabe citar o empresário Edir Macedo, do Grupo Record, que opera emissoras de rádio como Record, de São Paulo; Sociedade, de Salvador; e Guaíba, de Porto Alegre (TAVOLARO; LEMOS, 2007). Principal liderança da neopentecostal Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), esse radiodifusor chega a divulgar, em março de 2020, nas redes sociais um vídeo no qual afirma, conforme a colunista Mônica Bergamo da Folha de São Paulo (16 mar. 2020, p. A6), que a covid-19 é uma “tática de Satanás” e critica o “pavor que a mídia tem usado”, reproduzindo ainda um depoimento, com “excelentes notícias”, do médico neurologista e patologista muscular Beny Schmidt, da Universidade Federal de São Paulo<sup>2</sup>: “Contrariando dados divulgados pela Organização Mundial da Saúde, Schmidt afirma que o vírus ‘está muito longe de ser letal’ e que ‘não faz mal a

---

2 A Folha de São Paulo grafa erroneamente o nome do médico como “Ben” e não “Beny”.

ninguém". É claro que esse tipo de posição, ao emanar do empresário, influencia também a abordagem da pandemia em seus veículos.

No rádio especificamente, em termos de negacionismo, destaca-se a Jovem Pan, emissora que ocupa a quinta ou a sexta posição geral nos levantamentos da Kantar Ibope Media referentes à Grande São Paulo (TUDO RÁDIO, 2020). Desde meados dos anos 2010, Antônio Augusto Amaral de Carvalho Filho, o Tutinha, presidente do Grupo Jovem Pan, de São Paulo, conduz uma guinada à direita nessa rádio, a principal da empresa, engajando a emissora no antipetismo que emergiu pouco antes do segundo mandato da presidente Dilma Rousseff (PIAUÍ, jul. 2015). É de se perguntar: como, dentro do Estado democrático de direito, uma outorga de um bem público pode ser usada tão explicitamente em defesa de um único ponto de vista sem espaço para o contraditório? Reportagem da revista IstoÉ (2 set. 2019) registra que "boa parte dos colunistas e comentaristas da rádio está alinhada à direita do espectro político" (ISTOÉ, 2 set. 2019). Entre esses, destaca-se Augusto Nunes, comentarista dos programas Jornal da Manhã e Os Pingos nos Is, e também funcionário de Edir Macedo dentro do Jornal da Record, principal noticiário da rede de TV do bispo da IURD.

A respeito da Organização Mundial da Saúde, Nunes é taxativo: "Não dou a menor bola para o que eles pensam, porque eles não entendem nada" (JOVEM PAN, 3 jun. 2020). Chega a defender o uso preventivo de cloroquina, medicamento comprovadamente sem eficácia, como se o debate se desse entre posições de esquerda e de direita: "Se você é a favor do Lula, você é contra a cloroquina. Se você é a favor do Bolsonaro, você recomenda a cloroquina" (JOVEM PAN, 21 maio 2020). Posiciona-se contra a mídia responsável, chamando os profissionais de outros veículos de "jornalistas especializados em cobertura de velório" (JOVEM PAN, 3 jun. 2020). Por vezes, explicita o foco maior de sua verve: o principal grupo de comunicação do país – "a Globo tá em combate a favor do coronavírus" – e o Jornal Nacional – "o noticiário terrorista

[...] do telejornal da Globo" (JOVEM PAN, 3 jul. 2020). Otimista, afirma: "Estamos ganhando a guerra contra o coronavírus" (JOVEM PAN, 10 abr. 2020). Suas atitudes não se alteram quando o país se aproxima da marca de 300 mil mortes e as unidades de tratamento intensivo estão superlotadas na maioria das grandes cidades, preocupando a OMS pelas possíveis repercussões do caos brasileiro (PODER 360, 5 mar. 2021).

Mesmo assim, em um primeiro momento, pelo menos até junho de 2020, a abordagem é de uma maior responsabilidade, embora o negacionismo já esteja presente<sup>3</sup>. Na segunda metade do ano, o rádio reflete em parte a sociedade que entra num frenesi de normalidade dentro da anormalidade. Pode-se aventar que o processo começa bem antes quando, logo no início da pandemia, a principal autoridade do Brasil, o presidente Jair Bolsonaro, convoca, em 24 de março, uma rede nacional de rádio e de televisão para afirmar que a covid-19 não passa de uma "gripezinha" ou de um "resfriadinho", opondo-se a governos estaduais e municipais ou à parcela da mídia que atuam em conformidade com os padrões da OMS (UOL, 24 mar. 2020). Do mesmo modo, caberia ir a fundo em uma pesquisa científica, procurando entender a relação do ocorrido após o início da pandemia com o histórico prévio de desenvolvimento das redes sociais; de ascensão, através dessas, do cidadão comum ao papel de comunicador; de crescente participação do público no conteúdo radiofônico; e, por fim, o ponto mais importante, de deturpação desses processos pela manipulação por **gatekeepers** mal intencionados, por algoritmos sobre os quais ninguém sabe totalmente como funcionam ou por robôs informáticos.

---

3 A respeito, ver Responsabilidade e negacionismo: apontamentos sobre o rádio brasileiro em tempos de covid-19 (FERRARETTO, maio-ago. 2020).

## A cabeça do ouvinte no contexto da covid-19 e da desinformação

Fique claro, portanto, que o negacionismo está na base do processo de desinformação, o qual descamba – não raro – para as **fake news** mais desbragadas. Ao longo da pandemia, as idas e as vindas de gestores públicos pouco auxiliaram no combate à disseminação da covid-19. Não chegam a ter o mesmo impacto negativo da definição dessa síndrome respiratória aguda como "gripezinha" ou "resfriadinho", mas causam enorme confusão em um país de considerável iliteracia.

Conforme a edição de 2016<sup>4</sup> da Pesquisa Brasileira de Mídia, levantamento realizado pela Kantar Ibope Media a pedido da Secretaria Especial de Comunicação Social da Presidência da República, a televisão era o meio mais acessado, com nove de cada dez entrevistados mencionando-o em primeiro ou segundo lugar como o preferido para obter informações (SECOM, 2016, p. 16). Já o rádio aparecia exercendo função similar para três de cada dez pessoas consultadas (SECOM, 2016, p. 30). Apenas 32% dos respondentes da pesquisa liam jornais com frequência, meio, ao contrário dos baseados em radiodifusão, quase exclusivamente focado em **hard news**<sup>5</sup> (SECOM, 2016, p. 68). Mesmo que, desde então, tenha crescido o acesso à internet e, mais especificamente, o uso de redes sociais, se pode inferir que uma manifestação em rede de rádio e TV como a do presidente na noite de 24 de março de 2020 teve forte influência na população, ainda mais reverberada por seus apoiadores via Facebook, Instagram, Twitter ou WhatsApp.

---

4 Trata-se da última disponível, uma vez que esses estudos foram descontinuados no governo de Michel Temer.

5 O noticiário factual e, normalmente, destacando as informações consideradas mais relevantes conforme a técnica jornalística.

Cabe lembrar que, de acordo com o Indicador de Alfabetismo Funcional (AÇÃO EDUCACIONAL/ INSTITUTO PAULO MONTENEGRO, 2018, p. 8), 29% da população brasileira são incapazes de compreender textos simples. Em outras palavras, quase 1/3 dos habitantes do país, mesmo capacitado a decodificar minimamente as letras – frases, sentenças, textos curtos e números – não consegue desenvolver habilidade para a interpretação de textos ou a realização de operações matemáticas. Mesmo entre os que concluem o ensino superior, a situação é preocupante: nessa faixa de respondentes, 4% podem ser considerados analfabetos funcionais, mas, entre os 96% restantes, apenas pouco mais de 1/3 – 34% – é proficiente, ou seja, se enquadra na escala máxima de compreensão do levantamento (AÇÃO EDUCACIONAL/ INSTITUTO PAULO MONTENEGRO, 2018, p. 12).

Nesse contexto, ouvintes precisam ser informados de uma forma extremamente didática, com um nível de redundância muito significativo e sempre lembrando que uma mensagem sonora é recebida com o público, em geral, realizando uma atividade em paralelo. Na escuta, não há, por exemplo, o mesmo nível de concentração da leitura. De outra parte, talvez em resposta à ausência de liberdade de expressão da ditadura posterior ao golpe de 1964, as estações e os profissionais sobrevalorizaram a participação do ouvinte, em um processo acelerado pelas facilidades oferecidas pela internet e pelas redes sociais. Espaços de conteúdo produzido por jornalistas e radialistas deram lugar à opinião do público, em meio a constantes demissões de profissionais qualificados.

Para além da disseminação de **fakes** para uma população sem condições plenas de discernimento em função de um sistema educacional falido, como comprova o Indicador de Alfabetismo Funcional, há ainda a confusão de informações oficiais. Não se trata somente do negacionismo e das disputas ideológicas entre políticos e partidos. Por exemplo, não há um modelo único de categorização para a flexibilização ou

não do distanciamento social. Assim, o que é fase vermelha em São Paulo (GOVERNO DE SÃO PAULO, jun. 2020) se aproxima do categorizado como bandeira preta no Rio Grande do Sul (GOVERNO DO RIO GRANDE DO SUL, maio 2020). Pelo acesso a noticiários do centro do país – em especial, aos dos telejornais nacionais, mas também a jornais, emissoras de rádio ou portais – tudo pode se confundir.

Assim, a atitude do ouvinte – do público em geral – é uma consequência de um conjunto de equívocos a emanar de quem ocupa postos públicos no Brasil atual, mas com raízes nos erros e na inação de seus antecessores. Daí, decorre uma enorme responsabilidade do rádio como produtor profissional de conteúdo. Em meio à pandemia, trata-se de uma responsabilidade bem superior à de outros tempos, que cresce na medida do perigo proporcionado pelo negacionismo, em geral a andar de mãos dadas com **fake news** e interesses econômicos e políticos escusos. Observe-se que serviços considerados não essenciais em alguns momentos de intensificação do distanciamento social são também anunciantes de emissoras, diretamente, como empresas isoladas, ou, de modo indireto, como entidades representativas dessas. Note-se que estações de médio ou de pequeno porte tendem a ser mais suscetíveis a pressões políticas, podendo, sob governos negacionistas, sucumbir à tentação de converter programas informativos em espaços opinativos sem margem ao contraditório, buscando ter acesso a verbas de propaganda provenientes de prefeituras, governos estaduais ou da administração federal.

## **A produção de conteúdo em um contexto de crise institucional**

Com os meios recorrendo frequentemente à participação do público, tendo a opinião da audiência relevância social ou não, é de se perguntar como a instituição rádio atuou e atua ao longo da pandemia em



uma sociedade midiaticizada ou em vias de midiaticização. Para não fugir ao escopo do Centro Internacional de Semiótica e Comunicação (Ciseco), promotor da iniciativa da qual deriva a reflexão aqui apresentada, recorre-se a Eliseo Verón em busca de amparo para responder tal questionamento:

A midiaticização certamente não é um processo universal que caracteriza todas as sociedades humanas, do passado e do presente, mas é, mesmo assim, um resultado operacional de uma dimensão nuclear de nossa espécie biológica, mais precisamente, sua capacidade de semiose. Essa capacidade foi progressivamente ativada, por diversas razões, em uma variedade de contextos históricos e tem, portanto, tomado diferentes formas. Entretanto, algumas das consequências estiveram presentes em nossa história evolucionária desde o início e afetaram profundamente a organização das sociedades ocidentais muito antes da modernidade (VERÓN, 2014, p. 14).

Verón (1997) problematiza o processo de midiaticização da sociedade colocando o foco da análise sobre o modo como os meios de comunicação articulam os dispositivos tecnológicos e as condições de produção e recepção de sentidos, estruturando discursividade no âmbito de práticas sociais diversas e de suas respectivas relações. No processo identificado pelo autor, as instituições são definidas como esferas que possuem a função de organização e de regramento da sociedade. Já os meios, também instituições, diferenciam-se das demais pela centralidade que lhes é conferida neste ambiente de relações. Cabe a esses a conexão com os atores individuais da sociedade, o indivíduo que faz parte da sociedade e não o coletivo que o representa.

Nesse quadro conceitual, qual, portanto, pode ser o papel do rádio na produção de significados a respeito da covid-19? Há que considerar que, como instituição, o rádio foi sendo construído culturalmente ao longo do tempo (MEDITSCH, 2010, p. 204), no período que inicia nos anos 1990 e que se estende até a atualidade, amalgamando-se à

internet, à telefonia celular e a tecnologias delas derivadas. Conforme o levantamento Inside Radio 2020 (KANTAR IBOPE MEDIA, 2020), acessam o meio 78% da população das regiões metropolitanas de Belo Horizonte, Campinas, Curitiba, Distrito Federal, Florianópolis, Fortaleza, Goiânia, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador, São Paulo e Vitória<sup>6</sup>. Dentro desse grupo, três de cada cinco pessoas ouvem rádio todos os dias, registrando-se uma média de 4h41 de escuta diária. A mesma fonte, citando dados consolidados em agosto de 2020, indica que, durante os meses iniciais da pandemia, 75% dos ouvintes afirmaram acessar o meio com a mesma intensidade ou mais e 17% disseram escutar muito mais. Conforme o Mídia Dados 2020 (GRUPO DE MÍDIA SÃO PAULO, 2020, p. 236), o público de rádio é formado por 50% de homens e 50% de mulheres; 41% de integrantes das classes A e B, 45% da C e 14% da D; e 11% de pessoas de 11 a 19 anos, 8% de 20 a 24, 19% de 25 a 34, 21% de 35 a 44, 19% de 45 a 54; 14% de 55 a 64 e 8% de 65 a 75.

Economicamente barato, sem a necessidade de uma atenção concentrada durante a recepção e não exigindo alfabetização por parte do público, o rádio pode ser considerado um meio consideravelmente acessível em um país subdesenvolvido como o Brasil e em fase de empobrecimento mais acelerado devido à crise institucional iniciada em meados da década de 2010. Durante uma situação de pandemia com distanciamento social, poderia assumir papel central na confrontação e prevenção da doença, conectando as demais instituições com os atores individuais – os cidadãos – mais pobres e adultos de ambos os sexos. Não é, no entanto, como já referido, um procedimento padrão.

É necessário aqui fazer uma pequena comparação, quase um exercício de parábola. Imagine duas situações: (1) a do comércio varejista, que tem, por exemplo, em seus representantes de maior porte as grandes redes de supermercados, mas incluindo também o mercadinho de

---

6 Onde ocorrem os levantamentos de audiência mensais da Kantar Ibope Media.

bairro e o armazém tipo **gourmet**; e (2) a do cidadão comum, tanto aquele que tem condições de poupar e/ou sabe se planejar adequadamente, preparando-se para uma crise eventual, quanto aquele que não tem condições de poupar e/ou não sabe se planejar adequadamente. No rádio comercial, também existe a grande rede de supermercados. Trata-se da emissora líder de cada praça, articulando-se em rede ou fazendo parte de um grupo comunicacional. Há o mercadinho de bairro, ou seja, a estação de pequeno ou médio porte a enfrentar dificuldades crescentes provocadas pela crise na economia em termos amplos, do modelo de negócio ou da forma específica de sua gestão. Algumas conseguem sobreviver – e bem – pela diferenciação do produto oferecido, como faz também o armazém tipo **gourmet**. Frente à pandemia de covid-19, a exemplo do cidadão comum – aquele preparado ou não para uma eventualidade –, é necessário considerar quem empresarialmente vinha atuando de forma planejada e quem operava na base de decisões instintivas. Todos esses fatores ajudam a explicar o sucesso e o insucesso no enfrentamento da crise por parte do rádio como instituição. Permitem, ainda, inferir o porquê da adoção de posturas socialmente mais responsáveis ou, na contramão do conhecimento e da ciência, de atitudes negacionistas. Sendo mais específico, empresas menores e mais fragilizadas podem sucumbir mais facilmente à tentação, adotando, como já referido, posturas de teor polemista a alimentarem grupos de ódio em redes sociais.

É preciso, ainda, recordar que o Brasil, como parte do mundo, enfrenta considerável variação de credibilidade em relação às instituições democráticas desde, pelo menos, a década de 2010. Conforme o Barômetro das Américas<sup>7</sup> (FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS, jun. 2019),

---

7 Série de levantamentos sobre a situação da democracia realizado pelo Projeto de Opinião Pública da América Latina (Lapop, na sigla em inglês) da Vanderbilt University, dos Estados Unidos, com o apoio, no Brasil, da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

o índice de pessoas satisfeitas com a democracia caiu de 66%, em 2012, para 41%, em 2014, despencando para 22%, em 2017, e recuperando-se um pouco, com 42%, em 2019, mesmo ano em que 60% dos entrevistados diziam concordar com a frase: "A democracia tem alguns problemas, mas é melhor que qualquer outra forma de governo". A pesquisa referente ao biênio 2018-2019 conclui, então, haver um maior apoio à democracia com menor opção dos respondentes a soluções como um golpe militar ou o fechamento do Congresso Nacional ou do Supremo Tribunal Federal. Com base nas respostas relacionadas a posturas de Jair Bolsonaro em relação ao Judiciário e ao Legislativo, constata ainda: "A posição do presidente tende a polarizar a sociedade de acordo com preferências pessoais anteriores" (FGV, jun. 2019). Um ano depois de suas afirmações sobre a "gripezinha" ou "resfriadinho", o chefe do Poder Executivo amarga um recorde de rejeição. Segundo o Datafolha (FOLHA DE SÃO PAULO, 19 mar. 2021), com a covid-19 atingido o seu auge em número de vítimas, a rejeição ao governo federal na gestão da pandemia bate recorde e vai a 54%, com Bolsonaro sendo responsabilizado pela quantidade de mortos: "Consideram o presidente o principal culpado pela fase aguda da pandemia, que já matou mais de 280 mil no país e vê um colapso nacional do sistema de saúde devido ao pico de infecções, 43% dos ouvidos" (FOLHA DE SÃO PAULO, 19 mar. 2021). De certo modo comprovando o indicado pelo Barômetro das Américas, durante entrevista à Rádio Acústica FM, de Camaquã, no mesmo dia da divulgação da pesquisa do Datafolha, Bolsonaro defende práticas condenadas pela ciência, atiçando ânimos de radicalizadas bolhas de apoio e oposição nas redes sociais ao se envolver em uma polêmica local na cidade situada a 129 quilômetros de Porto Alegre:

Entrando ao vivo por telefone, o presidente da República exaltou o chamado tratamento precoce para a covid-19 e até um experimento que envolve a nebulização de pacientes com hidroxicloroquina diluída em soro, prática que não é prevista em protocolos de saúde do país.

Não há comprovação de eficácia no uso dos fármacos contra o coronavírus e há risco de efeitos colaterais severos, como arritmia cardíaca.

Os fatos abordados por Bolsonaro ocorreram na primeira quinzena de março no Hospital Nossa Senhora Aparecida, em Camaquã, cidade de 66,4 mil habitantes. Uma médica contratada para atuar no pronto-socorro da instituição, Eliane Scherer, aplicou a nebulização de hidroxicloroquina diluída em um vereador que apresentava sintomas respiratórios. (GZH, 21 mar. 2021).

De 18 a 20 de março, ainda sob o primeiro impacto da covid-19 na sociedade, outra pesquisa do Datafolha (FOLHA DE SÃO PAULO, 24 mar. 2020) aponta um quadro positivo em termos de credibilidade para a informação produzida profissionalmente e pela mídia mais tradicional: os programas jornalísticos de TV – com 61% de indicações –, os jornais – 56% – e os programas jornalísticos de rádio – 50% – aparecem como as fontes mais confiáveis em relação ao novo coronavírus. Tais índices superam, então, os do WhatsApp e do Facebook, redes sociais com percentual expressivo em termos de desconfiança – 58% e 50%, respectivamente. Isso não é suficiente, no entanto, para criar uma cultura de responsabilidade em relação ao uso de máscaras ou ao impedimento de aglomerações, situações amplamente registradas pela mídia nos meses seguintes.

## **O que esperar do rádio na superação da covid-19**

Ultrapassada a marca temporal de um ano no enfrentamento da covid-19 e de suas consequências, é necessário que se faça um cotejo das impressões iniciais com o verificado posteriormente. Entender o porquê de a população não ter aderido às recomendações da OMS ainda será, durante décadas, tema de estudos e de reflexões a partir de diversos campos do conhecimento. Trata-se de tarefa que, assim, está restrita, aqui, à indicação de possibilidades. Em um contexto de nega-

cionismo governamental e de iliteracia da sociedade civil, cabe refletir a respeito do real resultado de iniciativas bem-intencionadas ocorridas sob a influência do impacto inicial da covid-19, aquele momento no qual o senso comum chega a passar a ideia de uma humanidade de melhor qualidade a sair, no futuro, da crise.

Nessa linha, pode-se incluir o livro Covid-19 e comunicação: um guia prático para enfrentar a crise<sup>8</sup> (FERRARETTO; MORGADO, 2020). Apesar desse **e-book** ter ultrapassado seis mil **downloads**<sup>9</sup>, saber o seu real impacto em termos de responsabilidade trata-se de tarefa para além dos objetivos do aqui desenvolvido. Cabe, no entanto, lembrar o que o guia propunha:

[...] uma reflexão em torno de quatro valores centrais apresentados genericamente e que precisam ser trabalhados internamente por empresários, gestores e produtores de conteúdo dentro dos seus veículos de comunicação:

1. Flexibilidade, remetendo à ideia de adaptação fácil a novos cenários, sem abandonar, no processo, aquilo que é essencial.

---

8 Obviamente, não se trata da única produção a exemplificar esse momento. Há outros textos, pendendo mais ou menos para a orientação de profissionais frente à pandemia ou para a reflexão científica ou jornalística a respeito. Alguns emanam também de universidades – caso de Guia de cobertura ética da covid-19 (OBJETHOS, 2020a) e Ética jornalística e pandemia: entrevistas com especialistas (OBJETHOS, 2020b) – ou de instituições profissionais – por exemplo, Cobertura da covid-19: dicas, conselhos e informações para jornalistas (ABRAJI, 2020).

9 Na página do Núcleo de Estudos de Rádio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul na internet – <https://nerufrgs.blogspot.com/p/blog-page.html> –, onde as versões em português, espanhol e inglês foram disponibilizadas gratuitamente. O número refere-se à soma de todos os **downloads** registrados de 13 de abril de 2020 até 17 de março de 2021, quando os dados foram verificados para a produção deste capítulo.

2. Responsabilidade, qualidade de quem reconhece seu papel e o exerce o mais plenamente possível, procurando obedecer a parâmetros éticos e técnicos na realização de suas atividades.
3. Parceria, expressão de uma união baseada na solidariedade entre quem se coloca no mesmo patamar, dialogando e aproveitando diferenças para o exercício da complementaridade focada na consecução de objetivos comuns.
4. Coragem, demonstração de força diante de situações complicadas que, para serem resolvidas, exigem criatividade, persistência, resistência e, acima de tudo, uma reação positiva frente à adversidade. (FERRARETTO; MORGADO, 2020, p. 10-11).

A partir disso e retomando o enfoque no rádio, podem ser elencados alguns questionamentos a título de provocação para outros pesquisadores de comunicação e áreas correlatas:

- a. Efetivamente, qual é a permanência das medidas de flexibilização de rotinas e processos, introduzindo ou ampliando o trabalho remoto na produção de conteúdo dos veículos em geral e do meio rádio mais particularmente? Quanto dessa flexibilização representa em aceleração da precarização já em voga por incompreensões de empresários, gestores e profissionais a respeito da natureza das crises que se sobrepõem na realidade do mercado comunicacional: da economia em termos amplos, do modelo de negócio ou da forma específica de gestão de uma empresa do setor? Até que ponto a flexibilização – ou a precarização mascarada como flexibilização – afeta a qualidade do produto final? Em que medida a falta de planejamento – algo não raro no setor de comunicação de massa – impacta os veículos antes e durante da pandemia, prejudicando o setor como um todo em função de flexibilizações conduzidas de forma

equivocada? Quanto da flexibilização de rotinas e processos vai permanecer no mundo pós-pandemia?

- b. Vista inicialmente como um valor que se embrica com a flexibilidade, como, em alguns veículos, a responsabilidade social cede espaço para um discurso negacionista em relação ao combate à covid-19, consequência de interesses econômicos e políticos? Em que medida os trabalhadores do setor foram e seguem sendo protegidos por seus patrões de uma exposição desnecessária à contaminação pelo SARS-CoV-2? Do ponto de vista dos códigos de ética e da legislação a respeito de calúnia, difamação e injúria, quais erros foram e seguem sendo cometidos por algumas empresas de comunicação e seus contratados na difusão de desinformação e/ou de **fake news**? Como o negacionismo afetou e segue afetando a escolha de fontes, a orientação de pautas de mesas-redondas, as entrevistas ou reportagens e a falta de ponderação em espaços mais opinativos?
- c. Que tipos de parcerias as estações efetivamente estabelecem com instituições e fontes cientificamente reconhecidas e relacionadas ao combate da covid-19? Quais os resultados de parcerias inicialmente realizadas entre rádios e anunciantes na articulação de soluções para a manutenção tanto do negócio comunicacional quanto da economia em si na praça de atuação da emissora? Até que ponto tais parcerias significaram e seguem significando – ou não – a submissão do conteúdo editorial aos interesses publicitários? Em mercados caracterizados pela acomodação da concorrência<sup>10</sup>, cresce ou diminui a

---

10 Consequência de um atenuamento do processo concorrencial em alguns mercados pelo distanciamento muito significativo entre líderes de mercado – protagonistas principais – e os demais – por vezes, meros coadjuvantes (FERRARETTO; MORGADO, set.-dez. 2018).



possibilidade de parcerias entre os vários agentes do processo econômico no meio rádio?

- d. À medida que a pandemia segue e que o cenário de enfrentamento ganha contornos tortuosos, que tipo de reação positiva frente à adversidade é possível? Esgotaram-se as atitudes passíveis de serem adotadas em termos de criatividade, persistência e resistência? Quanto tempo a sociedade em geral e o rádio em particular têm pela frente sob a vigência de estratégias de combate à covid-19? O que as emissoras planejam e o que poderão fazer ao longo e após o final desse processo?

A respeito, vale recordar os três cenários para o futuro elencados em abril de 2020:

1. O de economia em recuperação, no qual se volta, mesmo que lentamente, a patamares anteriores à implementação das estratégias de confinamento. No entanto, mudanças ocorridas ou reforçadas nos últimos meses podem ser mantidas, como: incremento da produção e disponibilização de conteúdo em múltiplas plataformas com profissionais tendo incorporado em definitivo funções diversas; flexibilização de rotinas de trabalho com a combinação de trabalho em diversos locais, incluindo em casa, além da consolidação da mistura entre tempo de trabalho e tempo livre; mudanças na forma do produto final, pendendo, de acordo com os recursos de cada veículo, entre o mais simplificado e o mais sofisticado; e reestruturação do investimento publicitário, com muitas empresas tendo readaptado seu foco ao **e-commerce**, e de propaganda, pela necessidade do Estado difundir políticas públicas de saúde e de incentivo ao crescimento.
2. O de economia em recuperação ou em crise moderada, oscilando entre as concepções consagradas pela ideia de que, dependendo do ponto de vista, o copo está meio cheio ou meio

vazio. Como, via publicidade, os veículos de comunicação representam parte da realização comercial do sistema capitalista, esses ficam na dependência do otimismo ou do pessimismo do mercado em geral. Pode ser consequência da necessidade de a sociedade conviver com surtos episódicos de covid-19 e, portanto, de novos momentos de confinamento com óbvios e mais negativos reflexos no faturamento. O mercado publicitário alternaria períodos de maior retração com outros de certa recuperação.

3. O de economia em crise profunda, com risco de rompimento institucional a partir do colapso do sistema de saúde e dos setores de agronegócio, comércio e indústria, provocando ausência de investimentos públicos e redução extrema do investimento publicitário com veículos quebrando e alta taxa de demissões na área de comunicação. (FERRARETTO; MORGADO, 2020, p. 45-46).

A constatação de que, um ano após a chegada do SARS-CoV-2, o Brasil segue sem uma política pública consistente e unificada para o enfrentamento da covid-19 parece indicar o pior dos cenários.

## **Considerações finais**

No Brasil, a pandemia de covid-19 explicitou ameaças ao Estado democrático de direito, exacerbando posicionamentos autoritários e negacionistas do presidente da República e de seus seguidores. Tal processo é uma consequência do verificado desde a década de 2010 no Brasil e em outros países. Não se trata de uma mera oposição entre centro, direita e esquerda, mas de uma radicalização de posicionamentos do qual o mundo ocidental pode ter começado a sair com a derrota de

Donald Trump para o democrata Joe Biden nas eleições presidenciais dos Estados Unidos em 2020. Isso caso se considere, como o faz parte da mídia, a chegada do negacionismo ao poder político com a escolha, quatro anos antes, do republicano para o cargo mais importante do planeta.

Pode-se tratar de uma visão simplista em demasia e com exagerado olhar a partir do senso comum. No entanto, indicam os dados existentes que o vivido no Brasil sob a pandemia é consequência do processo de chegada ao poder de lideranças negacionistas, populistas e de ultradireita. Em um país de escassa tradição democrática concentrada em dois períodos de um exercício mais pleno das garantias constitucionais – 1945 a 1964 e 1984 a 2018 –, não se pode considerar como algo raro ou surpreendente o uso dos veículos de comunicação sob a tutela de anunciantes ou de políticos. Em menor ou maior grau, sempre ocorreu e é consideravelmente mais forte na radiodifusão, cuja existência depende de uma outorga do Estado. O negacionismo em relação à ciência, associado à incapacidade administrativa de gestão das crises sanitária e humanitária provocadas pela covid-19, apenas evidencia ainda mais essa situação.

No contexto do subdesenvolvimento brasileiro, o uso do rádio mais próximo do ético e juridicamente correto tende a ser mais forte apenas em períodos de estabilidade econômica e sob a vigência do Estado democrático de direito. A respeito, basta verificar a história de repressão e/ou submissão de estações de rádio durante períodos como o Estado Novo, de 1937 a 1945, ou a ditadura civil-militar, de 1964 a 1984. Infelizmente, casos de má utilização de outorgas não se restringem às fases sob governos institucionalmente autoritários.

O que pode fazer um empresário, um gestor ou um funcionário de uma emissora de rádio em um contexto de pandemia com milhares de vidas interrompidas graças à irresponsabilidade ou ao negacionismo? Passado um ano da chegada do SARS-CoV-2, embora não haja certeza

sobre atitudes específicas que garantam o futuro do meio rádio, não existe, de modo geral, saída possível fora dos procedimentos éticos, do conjunto consolidado de conhecimentos a orientar o fazer radiofônico e da orientação que emana da ciência a respeito da covid-19. São padrões estritamente relacionados à própria vitória da sociedade em geral em sua luta contra a pandemia provocada pelo novo coronavírus.

## Referências

AÇÃO EDUCACIONAL/ INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. *Indicador de Alfabetismo Funcional – Inaf Brasil 2018 – Resultados preliminares*. São Paulo, 2018.

ARAN, Edson. A rádio que virou TV. *IstoÉ*, São Paulo, 2 set. 2019. Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/a-radio-que-virou-tv>. Acesso em: 2 set. 2019.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE JORNALISMO INVESTIGATIVO. *Cobertura da covid-19: dicas, conselhos e informações para jornalistas*. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://abraji.org.br/help-desk/cobertura-da-covid-19-dicas-conselhos-e-informacoes-para-jornalistas>.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. *Opinião pública brasileira e seu lugar no Barômetro das Américas*. Rio de Janeiro, jun. 2019. Disponível em: [http://www.cepesp.io/uploads/2019/06/VozesBrasil\\_LAPOP\\_DisseminationBrazil\\_June2019.pdf](http://www.cepesp.io/uploads/2019/06/VozesBrasil_LAPOP_DisseminationBrazil_June2019.pdf). Acesso em: 26 maio 2020.

CENTRO INTERNACIONAL DE SEMIÓTICA E COMUNICAÇÃO. *Cisco Entrevista*. Japaratinga, 11 nov. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XWsGkHFoYwc>. Acesso em: 12 mar. 2021.

DUAILIBI, Julia. *A nova sinfonia paulistana*. Piauí, São Paulo, jul. 2015. Disponível em: <<http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-106/questoes-de-midia-politica/anova-sinfonia-paulistana>>. Acesso em: 1º ago. 2015.

EDIR Macedo afirma que vírus é tática de Satanás. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 16 mar. 2020. p. A6.

FERRARETTO, Luiz Artur. Responsabilidade e negacionismo: apontamentos sobre o rádio brasileiro em tempos de covid-19. *Radiofonias*, Mariana: Universidade Federal de Ouro Preto, ano 11, n. 2, p. 15-38, maio-ago. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br:8082/pp/index.php/radiofonias/article/view/4510/3514>.

FERRARETTO, Luiz Artur; MORGADO, Fernando. *Covid-19 e comunicação: um guia prático para enfrentar a crise*. Rio de Janeiro: Válega, 2020. 62p. Disponível em: <http://bit.ly/livroner>.

FERRARETTO, Luiz Artur; MORGADO, Fernando. Mercado em acomodação: uma proposta conceitual para compreender a concorrência em rádio e TV hoje. *Comunicação & Sociedade*, São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, v. 40, n. 3, p. 241-268, set.-dez. 2018. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/8410/6534>.

GIELOW, Igor. Datafolha: rejeição a Bolsonaro na gestão da pandemia bate recorde e vai a 54%. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 16 mar. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/03/datafolha-rejeicao-a-bolsonaro-na-gestao-da-pandemia-bate-recorde-e-vai-a-54.shtml>. Acesso em: 22 mar. 2021.

GOVERNO DO RIO GRANDE DO SUL. *Modelo de distanciamento controlado*. Porto Alegre, maio 2020. Disponível em: <https://distanciamentotocontrolado.rs.gov.br/>. Acesso em: 12 jun. 2020.

GOVERNO DE SÃO PAULO. *Plano SP*. Porto Alegre, jun. 2020. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/planosp/>. Acesso em: 12 jun. 2020.

"GRIPEZINHA": leia a íntegra do pronunciamento de Bolsonaro sobre covid-19. *UOL*, São Paulo, 24 mar. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/03/24/leia-o-pronunciamento-do-presidente-jair-bolsonaro-na-integra.htm>. Acesso em: 1º jul. 2020.

KANTAR IBOPE MEDIA. *Inside Radio 2020*. São Paulo, 2020.

MARQUES, José. TVs e jornais lideram índice de confiança em informações. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 24 mar. 2020. p. A5.

MEDITSCH, Eduardo. A informação sonora na webemergência: sobre as possibilidades de um radiojornalismo digital na mídia e pós-mídia. In: MAGNONI, Antônio Francisco; CARVALHO, Juliano Francisco de (Org.). *O novo rádio: cenário da radiodifusão na era digital*. São Paulo: Senac, 2010. p. 203-238.

OBSERVATÓRIO DA ÉTICA JORNALÍSTICA. *Guia de cobertura ética da covid-19*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2020a. Disponível em: [https://objethos.files.wordpress.com/2020/07/guia\\_covid\\_objethos.pdf](https://objethos.files.wordpress.com/2020/07/guia_covid_objethos.pdf).

OBSERVATÓRIO DA ÉTICA JORNALÍSTICA. *Ética jornalística e pandemia: entrevistas com especialistas*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2020b. Disponível em: <https://objethos.files>.

wordpress.com/2020/12/etica\_e\_pandemia\_entrevistas\_com\_especialistas.pdf.

OMS diz que situação do Brasil é “muito preocupante” e requer medidas agressivas. Poder 360, São Paulo, 5 mar. 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/coronavirus/oms-diz-que-situacao-do-brasil-e-muito-preocupante-e-requer-medidas-agressivas/>. Acesso em: 12 mar. 2021.

RÁDIO JOVEM PAN. *Os Pingos nos Is*. São Paulo, 10 abr. 2020. Programa de rádio.

RÁDIO JOVEM PAN. *Os Pingos nos Is*. São Paulo, 21 maio 2020. Programa de rádio.

RÁDIO JOVEM PAN. *Os Pingos nos Is*. São Paulo, 3 jun. 2020. Programa de rádio.

RÁDIO JOVEM PAN. *Os Pingos nos Is*. São Paulo, 3 jul. 2020. Programa de rádio.

SECRETARIA ESPECIAL DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. *Pesquisa Brasileira de Mídia 2016: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira*. Brasília: Secom, 2016.

SPECTER, Michael. *Denialism: how irrational thinking hinders scientific progress, harms the planet, and threatens our lives*. Nova Iorque: The Penguin Press, 2009.

TAVOLARO, Douglas; LEMOS, Christina. *O bispo: a história revelada de Edir Macedo*. São Paulo: Larousse, 2007.

TUDO RÁDIO. *Curitiba*, 2020. Disponível em: <https://tudoradio.com/>.

VERÓN, Eliseo. Teoria da midiatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. *Matrizes*, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 13-19, jan.-jun. 2014.

VERÓN, Eliseo. Midiatização, novos regimes de significação, novas práticas analíticas? In: FERREIRA, Giovandro Marcus; SAMPAIO, Adriano de Oliveira; FAUSTO NETO, Antonio (Org). *Mídia, discurso e sentido*. Salvador: EDUFBA, 2012.



## **Esporte, pandemia e produção de sentidos**

Edison Gastaldo  
Sergio Endler

O que pode ser dito sobre o esporte e quais as principais significações estão produzidas, nesta midiaticização, quando os fenômenos esportivos estão inseridos e diante da mais tenebrosa crise da humanidade causada pela pandemia da covid-19? Este é o mote que move a indagação principal para o diálogo que, a seguir, apresentamos, entre dois professores e pesquisadores do campo. Vivenciamos, entre outros acontecimentos, o ano de jogos eliminatórios à Copa do Mundo no Qatar e a realização de uma Copa América trazida ao país de improviso. Logo, neste trágico 2021, o assunto não pode ser somente o futebol, mesmo para o mais simples torcedor movido pelo senso comum. No Brasil, quando o inverno terminar, a tragédia nacional provocada pela covid-19 terá ultrapassado 600 mil mortes de cidadãos, com a população submetida a moroso e protelado processo de vacinação, durante meses. Com o povo subjugado a um cenário onde a falta de política nacional de saúde e de prevenção imperou, tornando maior a catástro-

fe, que poderia ter sido controlada. Durante estes meses, torcedores acompanharam à distância a Copa do Brasil, a polêmica com a chegada da Copa América e os jogos do mais longo campeonato de futebol em todo o mundo, isto é, o Campeonato Brasileiro, reunindo 40 clubes, nos Grupos A e B. Em nível internacional, a Eurocopa transcorreu com a colorida presença de torcidas nos estádios, que sediaram jogos de ótimo índice técnico. E, no Japão, finalmente, ocorreram os jogos da Tóquio 2020, sem torcedor estrangeiro presente e sob os protestos da maioria da população local. Diante deste cenário, Edison Gastaldo é entrevistado por Sergio Endler, sobre estes e outros assuntos, em busca de significados e significações para o esporte, mesmo em meio ao caos.

## Questões

1. Para começo de conversa, o que de mais importante pode-se indicar sobre o esporte e o jornalismo esportivo sob a pandemia?

Em primeiro lugar, é importante destacar que não estamos vivendo tempos normais. Não somente pela pandemia, que por si só já é o maior desastre sanitário mundial em mais de cem anos, mas pela circunstância infeliz de vivermos esta pandemia sob um desgoverno genocida, que incita as pessoas ao contágio, na contramão de tudo o que se está fazendo em todo o mundo. Então não se pode dizer que é normal que as pessoas se exponham deliberadamente a uma doença mortal porque negam esta letalidade. Para mim, é incompreensível. Mas muitas coisas são incompreensíveis nos últimos tempos.

Quanto ao esporte e ao jornalismo esportivo: sou de opinião que vacinação em massa, restrição ao deslocamento das pessoas e medidas de isolamento social coletivo seriam mais urgentes do que o retorno dos espetáculos esportivos. Se o que está acontecendo é o contrário, é

porque a cadeia produtiva do universo esportivo é muito poderosa: há os interesses das empresas de comunicação, das marcas patrocinadoras, dos clubes e federações, etc. E não só no futebol: também os Jogos Olímpicos de Tóquio ocorrerão "na marra", a despeito do risco de vida a que estão submetendo os/as atletas, delegações e profissionais de imprensa (resta ver se os mesmos protocolos de vacinação e proteção aplicados aos atletas serão seguidos com os/as jornalistas). Mesmo que se alegue que "todos os protocolos estão sendo seguidos", é impossível fazer a cobertura de um grande evento ou uma entrevista coletiva de Olimpíada sem participar de alguma aglomeração...

2. O que você tem a dizer sobre a condição do torcedor sob a covid-19?

Acho que a principal condição a que devemos nos ater nestes tempos sinistros é a de "sobrevivente". Torcer vem depois. Agora, se a despeito da saúde dos atletas, profissionais de imprensa, policiais e dirigentes, em uma atitude irresponsável as Federações decidem manter o calendário dos jogos de futebol e as partidas são transmitidas pela televisão, não tenho problemas em assistir e torcer. Mas sigo lamentando que todos esses profissionais estejam arriscando suas vidas por dinheiro, só para manter um negócio lucrativo em andamento.

3. Recentemente, na Cidade do Porto foi realizado jogo final da Champions League com presença de torcedores no Estádio do Dragão, sob e testagem e outros zelos sanitários. julga interessante a experiência?

Olha, Sérgio, como experiência, acho válido, mas não vejo com muitos bons olhos a pressa com que se quer realizar esse tipo de experiência, esse afobamento todo para "voltar ao que era antes", que me parece

suspeito. Dá para confiar nesses testes quando há tanto interesse econômico em que eles tragam resultados positivos?

4. Faz algum sentido a realização dos jogos olímpicos, denominados Tóquio 2020, de fato programados para 2021 e sob tantas restrições e riscos?

Pois é, é aquilo que eu falava antes. Os japoneses são muito cuidadosos com questões sanitárias, e muitas pessoas por lá usam máscara em locais públicos habitualmente, mesmo antes da Covid-19. Porém, mesmo por lá, a pandemia está longe de estar sob controle. Acrescentar a este contexto a chegada e o trânsito de delegações de centenas de países de todo o mundo, a realização de competições de esportes de contato (lutas, futebol, basquete, etc) além dos óbvios problemas de aglomeração de pessoas em túneis de acesso, corredores, elevadores, banheiros, ônibus, salas de espera, etc. torna a realização dos Jogos Olímpicos neste momento uma temeridade. Em 2021, o COI nos ensina que o importante não é competir. O importante é não perder os contratos de patrocínio...

5. E o que dizer da vacinação dirigida, exclusiva, promovida pela Conmebol, para seleções nacionais de futebol e clubes que disputam copas continentais como Libertadores e Copa América de selecionados nacionais?

Pois é, mais um capítulo da saga "todos os protocolos foram cumpridos", só que não. Acho complicado porque, em primeiro lugar, desvia doses de vacina que, em momentos de escassez, deveriam estar sendo empregadas em um plano nacional de imunização sério e intensivo. Os atletas seriam vacinados como qualquer outro/a cidadã/o. Mas a insistência em realizar as competições a qualquer custo (mesmo em vidas) é um problema originário, que começa a gerar problemas em sucessão: para que as competições ocorram, os atletas devem ser va-

cinados. Para que eles sejam vacinados, deve-se desviar vacinas dos grupos definidos como prioritários, e assim por diante.

6. Embora seja realidade ainda distante, existe algum fenômeno que já pode ser vislumbrado para o universo esportivo num mundo pós-pandemia?

Não sou muito bom em futurologia, mas acho que o atual estado de coisas favorece o desenvolvimento de atividades esportivas isoladas e ao ar livre, como escalada, trilhas ou montanhismo. Acho que o universo dos e-sports também pode ser favorecido pelo incremento à informatização de várias atividades profissionais. De resto, acho que para muita gente, a contar pelo que se vê nas praias e quadras, nem haverá memória de que houve uma pandemia entre 2020 e 2021...

7. E diante das ocorrências e problemas causados pela covid-19, após 15 meses de crise sanitária, de saúde pública e econômica, como analisar e o que dizer sobre o trabalho específico de cobertura da mídia esportiva, sobretudo, a brasileira?

Como falei antes, na cadeia produtiva dos eventos esportivos de massa, os profissionais de imprensa esportiva (refiro-me aos repórteres, cinegrafistas, fotógrafos, técnicos, iluminadores, etc, não às "estrelas", narradores e comentaristas) são um dos pontos mais fracos desse sistema, à exceção, talvez, dos torcedores. Fracos no sentido de terem relativamente pouco poder de agência, o que também se reflete nos salários, quando comparados aos ganhos de jogadores, dirigentes, patrocinadores e "estrelas" da TV. Assim, quando se trata dos jornalistas "linha de frente", os tais protocolos que deveriam ser seguidos rigorosamente se tornam bem mais relativos. Assim, quando um repórter precisar, profissionalmente, se aglomerar corpo-a-corpo com dezenas de pessoas na porta de um aeroporto ou saída de um ônibus para en-

trevisar um jogador, estará deliberadamente se expondo a risco de vida. Se um jornalista (não só esportivo) contrair Covid-19 devido às suas atividades profissionais, a empresa jornalística deveria tratar o caso como acidente de trabalho. Mas não é o que acontece.

8. O que se pode afirmar ou destacar sobre a publicidade, neste período, como este conjunto de narrativas se apresentou? E quais características da publicidade ao tentar vender artigos esportivos pela tv, por exemplo?

Acredito que a principal alteração no discurso publicitário decorrente da pandemia foi no campo da produção. Por conta dos protocolos de isolamento, a dinâmica das produtoras de audiovisual teve que ser radicalmente alterada. A situação de trabalho em um estúdio de TV, por exemplo (sala fechada, escura, quente, com várias pessoas simultaneamente ao longo de muitas horas) tornou-se um ambiente tão proibitivo quanto uma sala de cinema. Assim, muitos comerciais alteraram suas dinâmicas de produção, "juntando" digitalmente atores gravados em cenas separadas, por exemplo. No campo discursivo propriamente dito, alguns ramos de negócio (comércio varejista, ou fabricantes de desinfetantes, por exemplo) se referiram à situação sanitária na publicidade usando atores mascarados e recomendando medidas de isolamento, mas no geral, o campo discursivo publicitário ignorou a pandemia. Silenciosamente, referenda a retórica negacionista de "vida que segue". Mesmo com média acima de 2000 óbitos por dia.

9. Em meio a pandemia, Pelé completou 80 anos. o que dizer sobre este acontecimento?

Pelé é um fenômeno. Foi e continua sendo. Agora, por motivos diferentes, é claro. Mas é um fenômeno porque é reconhecido em todo o mundo como um ídolo incontestável do esporte, como Muhammad Ali, Niki

Lauda, Nadia Comaneci ou Michael Phelps. Isso deveria ser motivo de orgulho para os brasileiros, mas... No Brasil, ninguém gosta do Pelé incondicionalmente. Sempre tem uma ressalva, algo como "é, mas...". Até por isso, Pelé é um fenômeno. Acho que boa parte da resistência que se tem com Pelé no Brasil se deve ao fato de ele ter sempre se apresentado como unanimidade, como o "bom moço", como o "certinho", o "bonzinho", e isso muitas vezes traz rejeição (Roberto Carlos, outro "rei" brasileiro, padece do mesmo mal). Pessoalmente, tenho muita simpatia pelo Pelé. Nos 80 anos dele, houve muitas homenagens, mas é claro que o contexto pandêmico (e político, neste país em convulsão) ocupa muito espaço midiático. Em tempos normais, as homenagens teriam sido maiores, eu creio.

10. Logo, estaremos diante da Copa do Mundo. o que te sugerem o lugar, o momento, enfim, o formato proposto pela FIFA para o próximo Mundial?

Tenho sentimentos ambíguos com relação a isso. Por um lado, desde criança, eu adoro a Copa do Mundo. Gosto do clima, dos jogos insólitos (Alemanha x Arábia Saudita, Austrália x Costa Rica), dos rituais nacionais, das torcidas, etc. Mas ao mesmo tempo sou forçado a reconhecer que a entidade que organiza esta competição, a FIFA, tornou-se um conglomerado que representa interesses econômicos opacos e que negocia contratos secretos com governos obscuros, em troca de vantagens indevassáveis. Por exemplo, vários trabalhadores já morreram nas obras aceleradas para construção de estádios no Qatar. Mas essas notícias não ganham o mesmo destaque do que o sorteio dos grupos para a Copa. Esse lado sombrio do grande mundo do futebol tira um pouco da graça, sem dúvida. Me socorro aqui da metáfora presente no título do clássico "Futebol ao Sol e à Sombra", do insuperável Eduardo Galeano.

11. Por falar em futebol e simbologia, o que te parece a numeração recente nas camisetas de todos os times brasileiros, com números de dois dígitos, enormes, que lembram a numeração, por exemplo, do basquete?

Ah, modismos. Acho muitos deles ridículos, mas tornou-se um lucrativo ramo da indústria, a "camiseta do ano". No correr da história, ficam umas camisetas mais horrorosas, outras mais bonitas. Eu me lembro de uma camiseta do Inter no início dos anos 1990, acho que o fornecedor era a Umbro, que tinha uma gola horrível. Para não me acusarem de coloradismo, o Grêmio tinha uma camiseta horrível também um ano desses. Era azul de um lado e preta do outro. Quando os jogadores iam, pareciam de um time, quando voltavam, pareciam de outro...

12. Qual episódio, time, lance ou fato que mais te agradou neste período de tantas dificuldades, lágrimas, dores e morte?

Sinceramente, foi a devolução dos direitos políticos do Lula e a execração pública do Sérgio Moro, Dalagnol e dos lavajatistas como um todo. Mas em termos esportivos, foi assistir na TV aberta em horário nobre a uma partida da seleção brasileira de futebol feminino. Marta, Formiga e aquele timaço me deram muita alegria e emoção. Torci pelo time de amarelo como há muito tempo não torcia!

13. E no futebol? Dois times ingleses chegaram na final da UEFA, um treinador alemão derrota o espanhol Pep Guardiola. Alguma tendência por destacar além do fator global do capitalismo aplicado ao esporte?

Parafrazeando o famoso verso de Fernando Brant, que diz que "todo artista tem de ir aonde o povo está", poderíamos dizer que "o bom futebol vai aonde o dinheiro está". Hoje em dia, não é possível para equipes brasileiras ou latino-americanas competir com o futebol jogado



na Europa em relação de igualdade, e isso se deve diretamente a uma condição financeira. É impossível para um time brasileiro pagar os salários que um Real Madrid ou Manchester United pagam. Falei disso faz um tempinho em um texto no Ludopédio, chamado "Imperialismos futebolísticos", um sistema predatório de jogadores de futebol, no qual os grandes times brasileiros são "peixes médios", que predam os clubes do interior e são predados pelos times europeus (<https://ludopedio.com.br/arquibancada/imperialismos-futebolisticos/>).

Então, sempre que times europeus e sul-americanos se encontrarem (em um Mundial Interclubes, por exemplo), a vantagem invariavelmente será do time europeu. E todos sabem disso: jogadores, treinadores, torcedores, patrocinadores, jornalistas, etc. Mas como se trata de futebol, muitas vezes a vantagem teórica não se confirma no placar. Ou seja, há uma vantagem, mas não há determinação. A vitória do Inter sobre o todo-poderoso Barcelona em 2006 é um exemplo. Não conheço nenhum colorado que tenha começado aquele jogo achando que ia ganhar, ou que o Inter era o favorito. Ainda mais com Clemer no gol, treinado pelo Abel e tirando o Fernandão pra colocar o Gabiru. Deu no que deu. O Barcelona deve ter trocado 5460 passes, mas o placar foi 1 x 0 pro Inter, gol de Gabiru.



# **A pandemia de Covid-19 e as transformações das práticas no telejornalismo brasileiro**

Marcelli Alves  
Marcos Fábio Belo Matos

## **1. Introdução:**

A Covid-19 chegou ao Brasil em fevereiro de 2020. Mas foi em 31 de dezembro, do ano anterior, que a Organização Mundial da Saúde (OMS) recebeu o alerta sobre a incidência de diversos casos de pneumonia na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China. Revelou-se, então, ao mundo que os respectivos casos da doença eram decorrentes de um novo tipo de Coronavírus, antes não identificado em seres humanos. O vírus, chamado pelas autoridades de SARS-COV-2, causa a doença COVID-19.

Ao observar o comportamento do vírus, percebeu-se que o isolamento social era fundamental e urgente para conter o avanço do contágio. A partir disso, o mundo se viu obrigado a adotar medidas visan-

do a conter a disseminação da Covid-19. Para isso, foram necessárias providências como o fechamento do comércio e restaurantes, parte significativa das empresas passaram a adotar o home office, os alunos que frequentavam a educação presencial, da pré-escola à faculdade, passaram a se adaptar ao ensino remoto. Algumas profissões, eleitas como essenciais, não puderam parar, como a saúde, agricultura, caminhoneiros e outras. Inserido no contexto de “essencial”, o telejornalismo se viu também impelido a continuar em atividade. No entanto, mudanças na prática da atividade precisaram ser adotadas, por uma questão de segurança sanitária.

Assim, como dizem Ruellan (1992, 1993, 1994, 1997, 2004, 2006 e 2017), Pereira (2011), Travancas (2011), Berger (2008), Neveu (2006), Charron, J. e De Bonville (2004), os jornalistas são atores sociais e a realidade social impacta no modo de fazer o jornalismo, como um todo. Seguindo as concepções de tais autores, o referido trabalho analisa as mudanças na prática da atividade telejornalística, no primeiro ano em que o mundo se viu afetado pela Covid-19. Assim, como escreve Traquina (2001, p. 85):

[...] as notícias são o resultado de processos complexos de interação social entre os agentes sociais: os jornalistas e as fontes de informação; os jornalistas e a sociedade; os membros da comunidade profissional, dentro e fora da sua organização.

Partindo do princípio de que essa “interação entre os agentes sociais”, proposta pelo autor, no telejornalismo exige proximidade física, deslocamento, entre outros (em função da produção da imagem), acredita-se que, de alguma forma, isso ficou comprometido, pela necessidade do isolamento e distanciamento social. Essa situação levou à elaboração da pergunta que gerou esta pesquisa: de que forma essa

nova realidade imposta pela Covid-19 impacta na prática do telejornalismo, no Brasil?

Como metodologia, optou-se pelo mapeamento (BUENO, 2012; ALVES, 2017). O telejornal a ser utilizado como base para a pesquisa é o Jornal Nacional. A escolha do referido telejornal se justifica pelo fato de ser este produto da Rede Globo de Televisão considerado o líder de audiência no segmento por anos consecutivos e também por sua abrangência, influência e até estética moldarem a prática telejornalística, em todo o país (levando-se em consideração que o Manual de Telejornalismo da Globo é utilizado como referência nas universidades brasileiras e também em pesquisas acadêmicas, no tocante à prática de produção noticiosa no meio televisivo.)

Rezende (2000) afirma que atualmente os telejornais possuem “um modo de fazer”, isto é, estabelecem-se a partir de regras de produção e apresentação, que os tornam padronizados. Neste sentido, o Jornal Nacional (JN), da Rede Globo, apresenta o que é conhecido como “Padrão Globo de “Qualidade”, uma vez que foi responsável por eliminar o tom de improviso do telejornalismo brasileiro e implantar inovações que foram sendo, paulatinamente, utilizadas nas demais emissoras do país.

## **2. O Jornal Nacional**

A estreia do Jornal Nacional aconteceu no dia 1º de setembro de 1969. Na época, ele era apresentado por dois âncoras: Cid Moreira e Hilton Gomes. O seu início foi marcado pela “agressividade” do projeto: foi o primeiro do Brasil a ser transmitido para diversas cidades do país, sendo um marco da história do telejornalismo brasileiro (PICCININ, 2008).

De acordo com Maia (2007, p.45), o projeto arrojado deu certo e o JN (como é conhecido hoje) comemora o fato de ser o telejornal brasileiro que está no ar há mais tempo, tendo completado 51 anos em 2020. Inicialmente, era apresentado em 30 minutos e, a partir da década de 1980, aumentou o tempo exibição, passando para 40 minutos. Hoje em dia, é transmitido entre 40 minutos e 1 hora, de segunda a sábado.

A bancada do telejornal, sempre composta de grandes nomes do telejornalismo brasileiro, como Cid Moreira, Hilton Gomes, Heron Domingues, Sérgio Chapelin e Willian Bonner, só foi ocupada por uma mulher em 1992, isto é, 23 anos após sua estreia. A jornalista Valéria Monteiro, após apresentar o Jornal Hoje e o Fantástico, passou a apresentar o JN junto com Cid Moreira. Depois dela, já ocuparam o mesmo espaço, respectivamente, Sandra Annenberg, Ana Paula Padrão, Mônica Waldvogel, Lilian Witte Fibbe, Carla Vilhena, Fátima Bernardes, Patrícia Poeta, Renata Vasconcellos, Maria Júlia Coutinho e outros nomes da casa (MEMÓRIA GLOBO, 2004).

### **3. O líder de audiência padroniza práticas no telejornal**

Não foi a Rede Globo de Televisão a responsável pelo nascimento do telejornalismo no Brasil, mas foi ela a responsável pelas mudanças nas práticas do telejornal e pela fixação das mesmas como regra telejornalística. Rezende (2000) é categórico quando afirma que foi a referida emissora que trabalhou para implantar um modelo padronizado no telejornal, eliminando o improvisado, implantando cenários específicos para o noticiário, exigindo a revisão de texto, preocupando-se com entonação de voz e vestuário.

Oliveira Júnior (2006) explica que todo o planejamento e cuidado destinados aos âncoras, a qualidade visual que inclui desde a captação até a edição de imagens foram responsáveis pela criação de uma "lin-

guagem" telejornalística no Brasil. O autor explica, também, que um dos diferenciais apresentados pelo Jornal Nacional foi a inserção de depoimentos com entrevistados, dando voz às pessoas e, consequentemente, maior qualidade à informação. Outra inovação trazida pelo JN foi a utilização da imagem do repórter no corpo da telerreportagem. Isso exigiu treinamento, não apenas para os repórteres que se encontravam nos grandes centros, mas também para aqueles que estavam em regiões menores Brasil afora.

Souza (2010) explica que, desde o nascimento, o Jornal Nacional sempre se mostrou aberto à inovação, destacando algumas que ainda permanecem, como a criação de editorias, a participação de comentaristas, implantação do quadro de previsão do tempo, das séries de reportagens, dentre outras.

Mesmo com o padrão estabelecido, o Jornal Nacional continuou a sofrer mudanças, buscando uma maior dinamicidade e aproveitamento das tecnologias disponíveis, bem como a adaptação às questões sociais de cada época. Sendo assim, em 2015, o JN passou por mudanças na estrutura física do cenário, na apresentação e na dinâmica do telejornal: os apresentadores Renata Vasconcellos e Willian Bonner passaram a circular pelo cenário, que ficou maior e mais moderno, operando telões de alta tecnologia; após 45 anos, o jornal apresentou uma moça do tempo negra, Maju Coutinho, que agora apresentava as previsões do tempo ao vivo, podendo interagir com Renata e Bonner:

Ao longo dos últimos anos, esse modelo do Jornal Nacional foi se reformulando gradativamente e se traz algumas considerações sobre o novo formato, enquanto mais um espaço que apresenta a hegemonia desse padrão exemplar do quanto a emissora é hegemônica diante do panorama televisivo (SOARES; DOURADO, 2016, p. 04).

Uma das regras do telejornalismo da Globo é em relação ao uso do microfone com a canopla da emissora. Este sempre deve estar de posse do repórter, nunca na mão do entrevistado. As entrevistas por meio de chamada de vídeo, como o Skype, por exemplo, devem ser utilizadas apenas em casos excepcionais (exemplo: quando o entrevistado está em outro país e lá não tem correspondente no local). No entanto, em meio à pandemia da Covid-19 e às restrições impostas por ela, muitas alternativas tiveram que ser adotadas na prática telejornalística para que a telerreportagem pudesse continuar sendo construída. E o resultado prático foi que muitas dessas “regras canônicas” do modus operandi da prática telejornalística precisaram ser ou readequadas ou, no limite, abandonadas para que a notícia pudesse ser produzida.

#### **4. Procedimentos metodológicos**

O trabalho em questão efetiva um estudo quantitativo e qualitativo, de acordo com as premissas cartográficas (BUENO, 2012; ALVES, 2017). O objeto de análise foi o Jornal Nacional, exibido na Rede Globo de Televisão. O mapeamento do referido telejornal cobriu um ano: do primeiro caso de Covid-19 no Brasil, 26 de fevereiro de 2020 a 24 de fevereiro de 2021.

Para separar os episódios a serem analisados, os mesmos foram definidos por meio de amostra não probabilística de meses compostos (JÚNIOR, 2006), técnica a partir da qual foi escolhido um dia de cada mês para alcançar os resultados pretendidos. No intuito de padronizar os dias a serem analisados, optou-se por toda última quarta-feira do mês, uma vez que a primeira telerreportagem sobre a pandemia apareceu no jornal justamente nesse dia da semana (dia 26 de fevereiro). Ao todo, foram analisados os produtos de 13 quartas-feiras, distribuídas pelos respectivos dias do mês do ano de 2020: 26 de fevereiro, 25 de março, 29 de abril, 27 de maio, 24 de junho, 29 de julho, 26 de agosto,

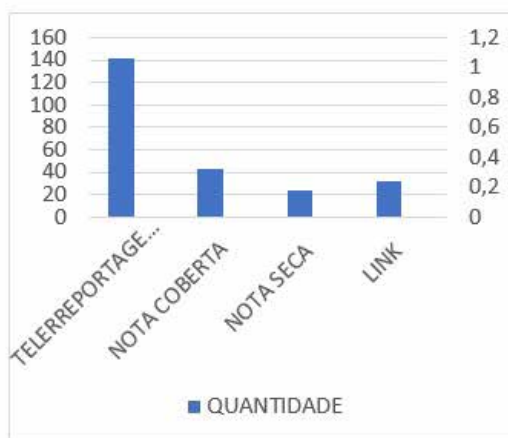


30 de setembro, 28 de outubro, 25 de novembro e 30 de dezembro. E, do ano de 2021, os dias 27 de janeiro e 24 de fevereiro.

## 5. A análise

Os 13 telejornais analisados resultaram em 241 produtos, divididos entre telerreportagens, notas (seca/pelada e coberta), link e mapa tempo. Como a intenção do trabalho foi investigar a mudança de práticas no primeiro ano da Covid-19, optou-se por excluir do objeto da análise as notas secas (ou peladas), as notas cobertas e o mapa tempo. Isso se justifica, uma vez que esses referidos materiais são, via de regra, feitos dentro do estúdio e, dessa forma, não sofreram impacto no seu processo de produção por conta da pandemia. Os referidos números são apresentados, em percentuais, no gráfico abaixo:

**Gráfico 1 – Divisão em percentual dos materiais encontrados**



Fonte: os autores, 2021

## 6. A análise das telerreportagens

Ao todo, foram analisadas 142 telerreportagens, incluindo as internacionais, exibidas neste período, e 32 links. Os repórteres envolvidos na produção foram: Zileide Silva, Fábio Turcci, Ilze Scamparni, Alan Severiano, Alessando Torres, Delis Ortiz, Tiago Eltz, Mônica Teixeira, Pedro Vedova, Renata Ribeiro, Claudia Bontempo, Felipe Santana, Bianca Rothier, Carlos Gil, Erick Faria, Julio Mosquera, André Trigueiro, Jalilia Messias, Elaine Bast, Marcos Losekann, Alexandre Hisayasu, Vladimir Neto, Jonas Campos, Bete Lucchese, Marcelo Courrege, Graziela Azevedo, Claudia Gaigher, Ricardo Soares, Carolina Cimenti, Ismar Madeira e Felipe Santana.

## 7. A linguagem telejornalística no contexto da pandemia

É de Charron e De Bonville (2004) a informação de que, atualmente, estamos vivendo o paradigma chamado Jornalismo de Comunicação. Trazendo esses conceitos dos canadenses para esta análise, é evidente que existem muitas mudanças nas práticas jornalísticas como um todo, incluindo o telejornalismo. Os autores enfatizam o que ocorre neste paradigma:

O processo poderia ser resumido assim: o uso repetido de uma fórmula implica na imitação, a imitação implica em multiplicação das práticas, a multiplicação das práticas implica em densificação das práticas, a densificação das práticas implica em banalização das práticas. A banalização, por outro lado, provoca a busca por distinção, a qual implica em outras maneiras de cobrir o mesmo domínio. E o ciclo recomeça. (CHARRON E DE BONVILLE, 2004, p. 67-68)

É fato que, embora o paradigma esteja definido, o mesmo pode sofrer mudanças. O que se percebe, de forma geral, é que, de acordo com os avanços dos protocolos de saúde voltados à contenção do contágio da Covid-19 em todo o mundo, o telejornalismo foi se adaptando a cada um deles, efetivando alterações na sua gramática de produção. Para exemplificar a afirmação, relata-se que os materiais analisados nos meses de fevereiro, março e abril de 2020 foram muito semelhantes quanto à adoção da prática telejornalística. O que marcou o referido período, entre outros aspectos, foi a adoção em massa de entrevistas online - ou seja, por celular ou computador. Essa prática das entrevistas online não é nova. Utilizava-se esse tipo de expediente antes da pandemia. Porém, a frequência com que isso ocorria era bem menor do que no contexto da pandemia instaurada. Na rotina produtiva dos telejornais, uma entrevista feita online era utilizada apenas em casos extremos, que podem aqui ser pontuados como:

- a. Momento no qual a entrevista solicitada era fundamental para a telerreportagem, porém não foi possível a sua execução presencial. Isso se torna raro, pois a Rede Globo de Televisão tem correspondentes em diversas partes do mundo e a preferência é sempre pelo agendamento da entrevista e a realização desta, em formato presencial.
- b. Em caso de catástrofes, quando o repórter não tem como chegar ao local de forma presencial.

As duas situações acima mencionadas são exemplos de maneiras, até então consideradas justificáveis, para a utilização de uma entrevista online que seria inserida em uma telerreportagem. Uma discussão muito acirrada quanto à resistência desses produtos de maneira frequente era o tipo de equipamento técnico a ser utilizado, uma vez que o Padrão Globo de Qualidade sempre prezou por ressaltar a qualidade técnica dos seus materiais. Alves (2017) discute essa questão, quando trata do vídeo amador no contexto da telerreportagem e diz que existe

uma depreciação do produto final do seu trabalho (a imagem amadora), principalmente em termos técnicos e isso, muitas vezes, justifica o crédito amador dado ao material, contrapondo-o ao profissional. Ainda sobre o equipamento, Becker ressalta:

O equipamento utilizado, em particular, engendra esse tipo de saber universal. Quando o equipamento incorpora as convenções [...] qualquer pessoa capaz de manipular os aparelhos sabe fazer o que é requerido para desenvolver a atividade coordenada. (BECKER, 1982, p.71)

Não raro, o equipamento engendra o *status* da imagem no telejornal e, dessa feita, quando capturada por equipamentos móveis e não pelo repórter cinematográfico da emissora, a imagem ganha *status* de amadora ou de produzida por cinegrafista amador. Se, até então, a discussão estava atrelada também ao equipamento utilizado para que esse material não ganhasse *status* de profissional, como fica a situação das entrevistas feitas por dispositivos móveis durante o processo da pandemia da Covid-19? Essa discussão ainda é muito recente, até mesmo em função de que a pandemia ainda está presente no dia a dia das pessoas e, portanto, é uma discussão que precisa ser amadurecida. Porém, ela está cada vez mais presente da linguagem do telejornal, em período pandêmico.

## **8. Reportagem feita com entrevistas apenas com dispositivos móveis**

É possível afirmar, após a análise dos materiais aqui mencionados, que a entrevista online esteve presente em 120 das 140 telerreportagens analisadas do Jornal Nacional, no primeiro ano da pandemia, no Brasil. Ou seja, 85% dos materiais utilizaram, de alguma forma, esse recurso. A primeira telerreportagem, no contexto de nossa análise, que foi fei-

ta com entrevistas integralmente por dispositivos móveis foi exibida no dia 29 de abril de 2020 e tratava sobre o tema: "Mapa da Fiocruz mostra em que estados o ritmo de expansão da Covid-19 é maior". O repórter foi André Trigueiro e o local foi a cidade do Rio de Janeiro - RJ.

### **Figura 1 – Passagem de André Trigueiro**



Imagem 01 - Fonte: Jornal Nacional, 2020

O material deixa claro que o Brasil é um dos países do mundo onde o ritmo da expansão do vírus que causa a Covid-19 é mais preocupante. O número de óbitos pela doença, à época, dobrava, em média, a cada cinco dias. O telejornal diz também que, entre os estados da federação, o Maranhão é o que apresenta a mesma velocidade de óbitos que a verificada nos Estados Unidos. Enquanto o texto traz dados estatísticos, as imagens que cobrem os *offs*<sup>1</sup> são de pacientes em hospital e gráficos feitos em computação gráfica.

---

1 É o texto gravado (pelo repórter ou apresentador) para ser editado junto com as imagens da reportagem. Quando o repórter escreve o *off*, ele tem que se preocupar com as informações obtidas, as aberturas, as passagens ou encerramento gravado no local, as entrevistas e imagens produzidas pelo cinegrafista (PATERNOSTRO, 1999, p. 152)

**Figura 2** – imagens que cobriram a telerreportagem



Fonte: Jornal Nacional, 2020

Na sequência, aparece o primeiro entrevistado, Christovam Barcellos, sanitarista da Fiocruz. A entrevista com ele, aparentemente, foi feita via computador por meio de programas que permitem ver no canto superior da tela a imagem da pessoa com quem o entrevistado está conversando – neste caso, o repórter André Trigueiro.

**Figura 3** – Entrevista por computador



Fonte: Jornal Nacional, 2020

Após isso, segue-se a complementação das informações, por meio de um segundo off, também coberto com imagens gráficas, em sua

maioria. E, então, a telerreportagem fecha com a sonora<sup>2</sup> do Secretário Estadual de Saúde do Rio de Janeiro, Edmar Santos. Esta última sonora chama a atenção pela sua qualidade técnica. O então secretário encontra-se em um carro em movimento, por isso, a imagem aparece um pouco trêmula. Aparentemente, o material foi feito por celular. Por não ter prezado por qualidade técnica, a luz que entra pela janela deixa o rosto do entrevistado escurecido, o que na linguagem técnica se chama "estourar" a imagem. É fato que, em uma situação na qual a entrevista fosse gravada com cuidado técnico, com o apoio do repórter cinematográfico, e, por algum motivo, apresentasse esse tipo de problema, a referida entrevista, provavelmente, não conseguiria espaço no telejornal.

Esse tipo de situação também foi diagnosticada, em diversas vezes, por Alves (2017), no tocante à utilização de imagens geradas por amadores e aproveitadas em telejornais. A autora explica que, em muitas ocasiões, imagens creditadas como amadoras conseguem espaço no telejornal, mesmo que sua situação técnica apresente problemas técnicos graves, sempre com o crédito de amador para justificar o seu espaço. O que se percebe, nestes casos de entrevistas online no contexto da pandemia, é que isso não vem ocorrendo, e as imagens captadas nestas situações não são identificadas com o crédito de amadoras, deixando em evidência a mudança de uma base convencional até então institucionalizada.

---

2 Parte do trecho da entrevista que é inserido no corpo da telerreportagem.

**Figura 4 – Entrevista por celular**



Fonte: Jornal Nacional, 2020

É possível perceber, por meio de análise empírica, que essa temática tem sido aberta a novas discussões, a partir da prática do telejornalismo, no contexto da pandemia da Covid-19.

## **9. O uso de máscara nas passagens dos repórteres**

Outro item a ser analisado, a partir do mês de maio de 2020, foi a adoção da máscara pelos repórteres, inclusive no momento da realização das passagens<sup>3</sup>. Embora o uso de máscara tenha sido recomendado pelo, à época, Ministro da Saúde, Luis Henrique Mandetta, desde o dia primeiro de abril do ano de 2020, em coletiva à imprensa, a normativa (Lei 14.019/2020) que prevê a obrigatoriedade do uso de máscara em circulação de espaços públicos e privados foi sancionada pelo Presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, somente em 02 de julho de 2020. A partir de então, é possível afirmar que, na maioria dos mate-

---

3 Passagem é o ato de o repórter de televisão “aparecer” no vídeo, numa forma de “assinar” a matéria.



riais exibidos no JN, os repórteres gravaram as passagens e links com a utilização da máscara. No período de nossa análise, foram encontradas apenas duas situações que fugiram à regra.

**Figura 5 – Passagem com máscara**



Fonte: Jornal Nacional, 2020

A telerreportagem exibida no dia 29 de julho do ano de 2020 trouxe a informação de que o ministro do Supremo Tribunal Federal – STF, Dias Toffoli, defendia prazo para que juízes e procuradores se candidatem, após deixarem cargos. Neste material, o repórter foi Marcos Losekan, e o mesmo gravou uma passagem, em ambiente interno, sem máscara.

**Figura 6** – Passagem sem máscara



Fonte: Jornal Nacional, 2020

No dia 30 de setembro de 2020, uma telerreportagem sobre o aumento do comércio eletrônico no período da pandemia traz uma passagem com o repórter Fábio Turci, de São Paulo, em ambiente interno, também sem máscara.

**Figura 7** – Passagem sem máscara



Fonte: Jornal Nacional, 2020

Todas as demais telerreportagens (após o decreto), analisadas no período de um ano da pandemia, foram gravadas com máscara. Isso leva a inferir que as duas exceções citadas aqui foram efetivadas em função de o repórter estar em ambiente fechado, sem circulação de outras pessoas (com exceção da equipe). Isso evidencia, também, o que afirma Alsina (1996, p.18) sobre o papel do jornalismo: “papel socialmente legitimado para produzir construções da realidade que são publicamente relevantes”.

## 10. A posse do microfone

As normas do telejornalismo evidenciam que o microfone sempre deve estar em posse do repórter. Rosário (2004) explica que as repetições do modo como o jornalista segura o microfone, as expressões faciais de ênfase ou reprovação ajudam na credibilidade e segurança do telejornal. A canopla<sup>4</sup> no telejornalismo exerce um papel importante. Ela sempre deve acompanhar o microfone. Essas regras fazem parte da história da criação do telejornalismo na Rede Globo de Televisão. Em 1974, a emissora iniciou um treinamento geral de repórteres, buscando a padronização das práticas no telejornalismo. Nos cursos, ensinava-se como “segurar microfone, evitar gesticulação excessiva, moderar as reações fisionômicas e colocar a voz” (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p. 91).

Uma das medidas de biossegurança no controle da disseminação da Covid-19 é o distanciamento social. De acordo com Smith e Freedman (2020), essa medida busca reduzir as interações em uma comunidade, que pode incluir pessoas infectadas ainda não identificadas. Como

---

4 Canopla ou microphone flag é a peça que contém o logotipo de uma emissora e que envolve o microfone. No Brasil, elas começaram a ser utilizadas na década de 1960.

a doença da Covid-19 (SARS-CoV-2) é, comprovadamente, transmitida por gotículas respiratórias, é fato que é preciso certa proximidade física entre o contaminado e o não contaminado para que ocorra o contágio. Os mesmos autores explicam que “O distanciamento social é particularmente útil em contextos com transmissão comunitária, nos quais as medidas de restrições impostas, exclusivamente, aos casos conhecidos ou aos mais vulneráveis são consideradas insuficientes para impedir novas transmissões” (SMITH e FREEDMAN, 2020, p. 12).

No Brasil, a existência da transmissão comunitária da Covid-19 foi declarada em todo o território nacional no dia 20 de março de 2020, por meio da portaria número 454, do Ministério da Saúde. A partir de então, percebe-se, no decorrer de nossa análise, que quando as entrevistas não eram feitas online (que passaram a ser a forma mais comum), elas passaram a ser realizadas de uma forma que quebra a regra da telerreportagem referendada nos manuais de telejornalismo. Na tentativa de conseguir o distanciamento social e evitar o compartilhamento de objetos, os entrevistados passaram a ter um microfone apenas para eles (sem a canopla) e segurá-lo sozinhos, ao responder às perguntas do repórter.

**Figura 8** – Fonte segurando o microfone



Fonte: Jornal Nacional, 2020

A figura 8 evidencia o que está descrito acima. O microfone na mão do entrevistado passou a fazer parte da rotina de entrevistas presenciais, no período da pandemia da Covid-19.

## 11. Considerações finais

Fernandes (2017) destaca que o telejornalismo tem um “papel social” e o jornalista é o mediador desta função. Partindo do princípio acima, e após proceder ao mapeamento do telejornal da Rede Globo de Televisão, Jornal Nacional, entre os dias 26 de fevereiro de 2020 e 24 de fevereiro de 2021, por meio de amostra não probabilística de meses compostos (JUNIOR, 2006), ficam evidentes as seguintes ponderações:

- As entrevistas realizadas por meio de dispositivos móveis, já presentes nos telejornais antes da pandemia, porém, de forma tímida, passam, a partir da declaração de transmissão comunitária no Brasil da Covid-19, a fazer parte do dia a dia do telejornalismo. 85% dos materiais analisados na coleta utilizaram, de alguma forma, esse recurso. Isso leva também à discussão quanto ao equipamento utilizado. Ora, se, antes da pandemia, o equipamento utilizado (dispositivos móveis, principalmente celular) engendrava um status que levava o telejornal a tratá-lo de forma diferenciada, muitas vezes como amador (ALVES, 2017), a partir da necessidade da utilização do mesmo por parte do telejornalismo, de forma intensa, isso leva aos poucos à mudança da sua posição no telejornal, perdendo, em um primeiro momento, o crédito de amador.
- A posse do microfone na mão do entrevistado, mesmo que sem a canopla, mostra a ruptura de uma convenção, antes pré-estabelecida e institucionalizada, de o microfone ser “imaculado” e pertencer sempre ao repórter.

- Quando os repórteres passam a utilizar máscara, mesmo que em local aberto e sem circulação de pessoas, ressaltam a necessidade de fortalecer novas práticas do dia a dia da população, necessárias como uma medida sanitária. É como aponta Lipovetsky (2004, p. 68):

A capacidade midiática de criar, em grande escala, fenômenos comportamentais e de emoções similares expressa-se em best-sellers, em hits, na idolatria de stars, na adesão às modas, no sucesso do mês, etc. Mesmo os gestos mais cotidianos tendem a homogeneizar-se.

Essas e outras questões que acometeram o telejornalismo, como prática de produção e divulgação de notícias, ainda estão por ser mais densamente analisadas. Certamente, haverá muitos debruçamentos teóricos e metodológicos sobre esta como que mudança na rotina de produção, tanto do JN quanto de outros telejornais. Quantas dessas refações ficarão, no pós-pandemia? Quantas foram apenas adaptações momentâneas para um "momento possível"? Quantas se configurarão mais eficazes à economia das práticas comunicacionais dos veículos? Quantas, enfim, se juntarão às já existentes para configurar a gramática do telejornalismo? São pontos em aberto, para uma análise no porvir.

O que se tem, de mais factível, é a demonstração da imensa capacidade de o telejornalismo se adaptar ao contexto pandêmico, reestruturar-se, rapidamente, para tornar-se protagonista também deste momento, demonstrando seu papel de sujeito necessário à crise instalada e, principalmente, exercitando suas estratégias para não perder credibilidade nem ferir de morte o contrato de leitura que tem com seus telespectadores.

## Referências

ALSINA, Miguel Rodrigo. **La construcción de la noticia**. Barcelona, Buenos Aires, México: Paidós, 1996.

ALVES, Marcelli. **O percurso do amador para integrar o “mundo do telejornalista”: uma análise dos vídeos colaborativos que participam da notícia televisiva**. 2017. Tese (Doutorado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

BRASIL, Presidência da República. **Lei 14.019 de 02 de Julho de 2020**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2020/lei/L14019.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/L14019.htm) acesso em: 02 de julho de 2020.

\_\_\_\_\_ Ministério da Saúde. **Portaria nº 454, de 20 de março de 2020**. <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-454-de-20-de-marco-de-2020-249091587>. Acesso em: 02 de julho de 2020.

BECKER, Howard. **Mundos da Arte**. Tradução: Luís San Payo. Livros Horizonte. Lisboa, 1982.

BERGER, Christa. De São Paulo a Madrid. Das mediações à midiatização. *Mediaciones Sociales*. **Revista de Ciencias Sociales y de la Comunicación**, Madrid, v. 2, 2008.

BUENO, Thaísa. **Mapeamento como método de Interpretação**. In: Mapeamento dos programas de treinamento em Comunicação em 2012: Relação Necessária academia e mercado. São Paulo, Itaú Cultural: 2012.

CHARRON, J. & BONVILLE, J. **Typologie historique des pratiques journalistiques**. In : BRIN, C.; CHARRON, J. & BONVILLE, J. (orgs.).

Nature et transformation du journalisme. Théories et recherches empiriques. Québec: Les Presses de L'Université Laval, 2004

FERNANDES, Camila. **O papel social do telejornalismo bauruense por seus profissionais**. 2017. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. 2017. Disponível em: <https://www.faac.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/MestradoeDoutorado/Comunicacao/DissertacoesDefendidas/camila-fernandes.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2021.

JÚNIOR, Wilson Corrêa da Fonseca. **Análise de Conteúdo**. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Org). Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação. São Paulo: Atlas, 2006. p. 280 – 304.

LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: BARCAROLLA, 2004.

MAIA, Wander Veroni. **Edição no Jornal Nacional e Jornal da Record: uma análise comparativa a partir dos critérios de noticiabilidade dos telejornais de rede**. Belo Horizonte, 2007.

MEMÓRIA GLOBO. **Jornal Nacional: A notícia faz história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

NEVEU, Érik. **Sociologia do jornalismo**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

OLIVEIRA JÚNIOR, Moacir Monteiro de. **A sedução da notícia: a informação espetáculo no Jornal Nacional**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, p. 142. 2006.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV: manual de telejornalismo**. 6º ed. Rio de Janeiro: CAMPUS, 1999.



PEREIRA, Fábio Henrique. **Jornalistas-intelectuais no Brasil**. São Paulo: Summus, 2011.

PICCININ, Fabiana. **Notícias na TV Global: diferenças (ou não) entre o telejornalismo americano e o europeu**. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/piccinin-fabiana-telejornalismo-americano-europeu.pdf> Acesso em: 15 out. 2020.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil**. Um perfil editorial. São Paulo: Summus Editorial, 2000.

SOARES, Denise Freitas de Deus; DOURADO, Jacqueline Lima. **Jornal Nacional, um Espaço da Hegemonia Televisiva da Rede Globo: uma Reflexão pela Economia Política da Comunicação**. In: **XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – INTERCOM**, São Paulo: Universidade Federal do Piauí, 2016. Anais [...], São Paulo, 2016.

ROSÁRIO, Nícia Martins. **Corpos televisivos: domínios culturais e estratégias midiáticas**. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**. Unisinos. 2004.

RUELLAN, D. **Espace professionnel**. Rennes: PUR, 1977. Français. Grenoble: PUG, 1993.

----- **'Las fronteras d'une vocation'** in LACAN J-F; PALMER M. & RUELLAN, D. **Les journalistes: Stars, scribes et scribouillard**s . Paris: Syros, 1994.

----- **Um ser profissional ou como percebê-lo**. BRAZILIANJOURNALISMRESEARCH-Volume13-Número01-Jan-Abr-2017. Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:xQW3Al3CFLoJ:https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/download/978/880+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&client=safari>. Acesso em março de 2021.

\_\_\_\_\_ A roupa justa do jornalista: o estatuto profissional à prova da jurisprudência. **Anais do XIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Compós)**. São Bernardo, 2004.

\_\_\_\_\_ A pesquisa em jornalismo e o interesse público: pensar o corte e a costura. **IV Encontro Nacional de Pesquisadores de Jornalismo**. Porto Alegre, 2006.

SOUZA, Karla Caroline Nery de. Linguagem do Jornal Nacional: como se constrói um telejornal? In: **XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – INTERCOM**, Novo Hamburgo: Universidade Federal Vale do Rio Sinos, 2010. Anais [...], Novo Hamburgo, 2010.

TRAVANCAS, Isabel. **O mundo dos jornalistas**. 4. Ed. São Paulo: Summus, 2011.

WILDER-SMITH A, FREEDMAN do. **Isolation, quarantine, social distancing and community containment: pivotal role for old-style public health measures in the novel coronavirus (2019-nCoV) outbreak**. J Travel Med 2020

# **Desafios e dilemas éticos nos modos de enfrentamento do jornalismo ao contexto pandêmico**

Bianca Rosa

## **Introdução**

Apesar da profissão do jornalista já ser considerada uma profissão de risco, esse termo ressignificou-se durante a pandemia, por conta dos diversos desafios que o jornalista tem enfrentado durante o contexto da pandemia da Covid-19. Além do risco de contaminação, pela necessidade dos jornalistas de estarem nas ruas cobrindo os acontecimentos, também se percebe uma situação de precariedade nas condições de trabalho, fazendo muitas vezes com que os próprios jornalistas tenham que buscar elaborar a sua própria estrutura, nesse caso, obtendo por iniciativa própria os seus equipamentos de proteção ou mesmo, criando condições de trabalho remoto. Para dificultar essa situação, os

jornalistas ainda enfrentam uma intensa campanha de desinformação sobre como proceder na cobertura da pandemia, enfrentando um contexto no qual muitas pessoas, incentivadas pelas declarações do presidente Jair Bolsonaro, se comportam de maneira a afrontar as medidas sanitárias necessárias para combater o avanço da Covid-19, tais como o distanciamento social, o uso de máscaras e a aplicação das vacinas. Nesse sentido, também há uma disputa de sentidos bastante impositiva quanto à defesa pelo uso de medicamentos de uso científico não comprovado como tratamento preventivo contra o vírus.

Como sabemos, a atividade jornalista é realizada, em grande parte, através de relações interpessoais no processo de apuração de notícias e no contato com suas fontes. E apesar de algumas emissoras terem realizado de fato o distanciamento, fazendo com que alguns de seus profissionais trabalhem de casa, a grande realidade é que a maioria dos jornalistas é obrigado a comparecer presencialmente nas redações e em coberturas de rua. E muitas vezes, esse profissional não recebe uma estrutura adequada para que possa realizar o seu trabalho de forma segura. É preciso considerar neste contexto a preocupação com protocolos e equipamentos de segurança, como o uso de máscaras, prática de distanciamento e um deslocamento até o trabalho que seja realizado mediante transporte subsidiado pela empresa. Outra questão se refere às novas rotinas adotadas neste momento atípico, em que as empresas jornalísticas adotam por flexibilização de contratos, enxugamento de cargos e salários e sobrecarga de trabalho combinada a uma sobrecarga com relação à vida pessoal, no comprometimento com a educação dos filhos e o serviço doméstico, com esses últimos fatores atingindo em grande número as mulheres jornalistas.

## **Pandemia e violência contra jornalistas: cenário de risco**

Segundo o “Dossiê de Jornalistas Vitimados pela Covid”, levantamento realizado pela Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), o Brasil já é considerado o país com o maior número de jornalistas mortos por Covid. Conforme a entidade, a média mensal de mortes de jornalistas por Covid-19 desde o início do ano até 2 de junho teve um aumento de 277% na comparação com 2020. O relatório também apontou a morte de 155 profissionais da categoria, em 153 dias deste ano, enquanto, em 2020, foram 80 óbitos. O mês com índice mais alto em 2021 foi em março, de acordo com o documento, registrando 50 vítimas do novo Coronavírus no jornalismo. Os dados ultrapassam o número de uma morte de jornalista por dia e estes números seguem aumentando. Conforme dados do Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Engenharia (COPPE) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no Brasil, os profissionais da imprensa possuem em média 52% de risco de contrair o Coronavírus. O balanço mais atualizado, publicado em setembro de 2021 pela Press Emblem Campaign (PEC), organização sediada em Genebra (Suíça) que acompanha desde o início da pandemia o número de jornalistas mortos por Covid-19 no mundo, mostra que o Brasil está ao topo da lista em número de profissionais mortos na pandemia. Pelo menos 280 profissionais de imprensa brasileiros perderam a luta contra o Coronavírus. O secretário-geral da PEC, Blaise Lempen, afirmou que dentro desta estatística, os “jornalistas de campo continuam entre os profissionais mais expostos à contaminação”.

Outra questão que se coloca como alarmante neste contexto é a atual situação de hostilidade provocada pelo atual presidente da República, Jair Bolsonaro, que faz questão de hostilizar jornalistas em suas exposições públicas e incita seus seguidores a fazerem o mesmo. Um levantamento elaborado em 2020 pela Federação Nacional dos Jornalistas (FE-

NAJ) constatou que houve um crescimento significativo das violações à liberdade de imprensa no país, fato que é atribuído pela entidade ao movimento bolsonarista. O documento mostra que somente no ano de 2020 foram 428 casos de ataques – incluindo dois assassinatos – o que representa um aumento de 105,77% em relação a 2019, ano em que também houve crescimento. A Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (ABRAJI) também aferiu que de janeiro a março deste ano foram identificados 73 ataques a meios de comunicação, jornalistas, comunicadores e imprensa de modo geral, registrando um crescimento de 38% na escalada da violência contra comunicadores no país.

Conjuntamente aos desafios para se manter vivo e ao mesmo tempo, continuar trabalhando no jornalismo, um dos fatores que dificultam a prática jornalística é a campanha de desinformação que também é promovida por grupos que apoiam Bolsonaro. São disseminados diariamente em grupos de *Whats App* e em redes sociais diversos boatos sobre possíveis remédios que poderiam ser usados no tratamento precoce da Covid-19, medicamentos como Cloroquina e Ivermectina, cuja eficácia na prevenção da doença já foi desmentida por especialistas em epidemiologia e pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Os mesmos grupos disseminam uma série de *fake news* contra o uso de máscaras e a necessidade de distanciamento social, o que é incentivado pelo próprio presidente e seus apoiadores. Outro caso que dificulta a informação da população sobre a Covid é a subnotificação dos dados dos infectados e mortos pela doença, que são divulgados pelo Ministério da Saúde. Para contornar este problema de maneira pontual, em uma iniciativa inédita, os grandes veículos de imprensa se uniram na criação de um consórcio<sup>1</sup>, que divulga este levantamento de maneira extraoficial.

---

1 O consórcio é formado pelos grupos Globo, Estado de São Paulo, Folha de São Paulo e UOL, que realizam o levantamento dos dados sobre a pandemia através de dados divulgados pelas secretarias estaduais de saúde.

## **A importância do debate sobre ética no jornalismo**

Para buscar contribuir com os jornalistas no enfrentamento desta situação, o Observatório da Ética Jornalística da UFSC, o objETHOS, grupo coordenado pelo professor Rogério Christofolletti, realizou a produção de duas publicações: o "Guia de Cobertura Ética da Covid-19", que informa os jornalistas sobre quais os cuidados os jornalistas e as empresas jornalísticas devem tomar na cobertura da pandemia, e o e-book "Ética Jornalística e Pandemia: entrevistas com especialistas", que debate, através de conversas de especialistas de diversas áreas, respostas sobre questões relativas ao contexto pandêmico. Esse foi dos assuntos abordados na conversa realizada com Christofolletti no canal CISECO Entrevistas<sup>2</sup>, que trouxe como tema principal alguns aspectos relacionados à ética na pandemia. Segundo o jornalista, os dois projetos foram realizados com a intenção de agir de maneira colaborativa à prática profissional dos jornalistas e também para oferecer uma proposta de reflexão quanto a questões importantes a realização destas práticas, como a alteridade e sensibilidade necessárias ao se retratar dramas familiares de quem está sofrendo com o luto, a responsabilidade ao divulgar dados que não são repassados de maneira transparente pelas instituições, ou até mesmo a questão mental dos próprios jornalistas, que precisam continuar atuando mesmo em uma situação de tensão constante.

O guia possui um caráter mais instrumental, pois é voltado especificamente aos jornalistas e reúne recomendações que ajudam a nortear coberturas mais éticas e responsáveis, procurando sensibilizar os pro-

---

2 A entrevista com Rogério Christofolletti para o projeto CISECO Entrevistas foi realizada no dia 2 de março de 2021 e está disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=m4LFPhHZTYs>.

fissionais da comunicação para formas mais humanizadas de se produzir e transmitir informações no contexto pandêmico. Conforme Cristofoletti, o guia está apoiado em quatro tipos de cuidado com relação ao trabalho dos jornalistas: o cuidado de si (do próprio profissional), o cuidado da informação, o cuidado com as fontes e o cuidado com o público. Assim, o conteúdo publicado reforça orientações sobre como manter cuidado ao lidar com familiares das vítimas e ser cauteloso com a procedência da informação, com o trabalho de apuração da notícia e na busca de fontes confiáveis. São cuidados que, para Cristofoletti, reforçam a ressignificação das práticas profissionais em várias camadas:

Para nós (do objETHOS), havia uma preocupação com essas pessoas que saíam para se arriscar todos os dias. Enquanto havia um clamor da própria imprensa para que as pessoas, aquelas que podiam, se mantivessem em casa, cuidando de si, cuidando dos outros, esperando que o vírus não circulasse com muita rapidez e que o sistema de saúde não fosse tão pressionado, tão impactado, nós sabíamos que esses profissionais tinham que colher informações e que esses profissionais tinham que adotar novas práticas. Por exemplo, profissionais que possuem um contato muito próximo com as suas fontes [...] geralmente (esses profissionais) estão a menos de meio metro das pessoas. Sabemos desde o princípio que uma das formas mais fáceis de contato (contaminação) é pelas vias aéreas, e então além [...] do repórter e a fonte, usarem máscara, elas precisam estar mais distantes para que não houvesse esse tipo de contato, como a adoção de uma vara para distanciar mais, ou permitir um microfone exclusivamente para fonte, coisas que não fazíamos antes. Mas há outros tipos de cuidado, como a higiene constante e com a forma de tratar a informação, no cuidado com a informação e com o próprio profissional quanto à transparência e com a checagem da informação ao revelar o nú-



mero de mortos, infectados, curados, assim quanto a informações tais como a compra de vacinas, dentro de um processo de apuração da informação que é necessário. (CHISTOFOLLETI, CISECO Entrevistas, 2 mar 2021, 8m21s-11min26s).

A publicação também alerta para que se evite o que se convencionou como “equilíbrios artificiais”, como a isenção e a imparcialidade, e da necessidade de considerar os aspectos raciais, de gênero e de classe, pois alertam que a pandemia tem mostrado que os grupos historicamente marginalizados podem sofrer mais com a Covid-19. Manter uma relação de transparência com o público, se manter do lado das vítimas e firme contra as autoridades, ser empático, não se deixar levar pelo ímpeto da pressa de publicar, trazendo prejuízos na apuração, e evitar o jornalismo apelativo são uns dos aspectos considerados pelo manual, que já teve mais de cinco mil downloads.

## **Dilemas éticos em meio ao contexto pandêmico**

O livro sobre ética jornalística, realizado a partir de um levantamento realizado pelo laboratório das pesquisas realizadas em torno de temas como saúde, ética e comunicação, é voltado a um público mais amplo e procura trazer entrevistas realizadas com diversos profissionais que desenvolvem projetos em torno destes temas, tanto pesquisadores, como jornalistas atuantes nas mídias e divulgadores científicos. São entrevistados nomes como Márcia Amaral, Helena Martins, Raquel Recue-ro, Roseli Figaro, Fabiana Moraes, Yan Boechat, Jeff Jarvis, Luiza Cai-res, Thales Lelo, entre outros. Dentre os assuntos tratados, a maneira de como abordar uma cobertura que retrata uma tragédia humana, tal como a pandemia; a questão da transparência e da desinformação; a relação do jornalismo com a ciência e a educação; as condições de trabalho dos jornalistas e questões relativas à subjetividade, como a polarização

ideológica, a invisibilidade das pessoas comuns e a desigualdade social. Outra preocupação diz respeito à importância do jornalista praticar um jornalismo cuidadoso, sobretudo no que diz respeito ao autocuidado de si, ao procurar usar equipamentos de segurança, manter distanciamento, agir de maneira colaborativa e cuidar do próprio equilíbrio mental. Como sugerem os pesquisadores da objETHOS, Rogério Christofolletti e Dairan Paul, no artigo “O jornalismo cuidadoso salva vidas”, é imprescindível que os jornalistas considerarem alguns cuidados no exercício da profissão, por serem maneiras de tornarem seguras e mais saudáveis as relações que o jornalista estabelece com suas práticas, com suas fontes, com o sistema jornalístico e com a sociedade:

Toda profissão, para ser exercida, exige certa dose de cuidados, porque sem eles os riscos aumentam muito além da nossa capacidade de controle. Os cuidados funcionam, então, como válvulas de escape, dispositivos de segurança. Toda vez que a temperatura e a pressão sobem a níveis preocupantes, a válvula na tampa da panela é acionada de forma a aliviar um pouco o ambiente interno e evitar a explosão. Em outras situações, os cuidados operam assim, dando-nos condições aceitáveis de convivência em sociedade. [...] É por isso que outra dimensão do cuidado tem a ver com o público. Ouvir suas demandas não significa se tornar refém do que a audiência deseja. Atender ao interesse público pode coincidir com o interesse “do público”, especialmente quando são preocupações de grupos socialmente vulneráveis. Direcionar um conteúdo para o cuidado evita reduzi-lo a valor abstrato. A questão não é se jornalistas podem cuidar de outras pessoas, mas sobre quais temas ou quem devem privilegiar, para entender quais histórias valem a pena serem escritas. (CHRISTOFOLLETTI, PAUL, 2020, s.p.).

A pesquisadora Janara Nicoletti aborda a questão da importância do cuidado mental com relação a como o trabalho jornalístico durante a pandemia tem impactado o equilíbrio psicológico dos profissionais. No texto publicado no site da ObjETHOS, que traz o título “É preciso falar sobre a saúde mental dos jornalistas”, ela aponta que, de acordo com o projeto “Jornalismo e Pandemia”, realizado pelo International Center for Journalists (ICFJ) em parceria com o Tow Center for Digital Journalism da Columbia University, 70% dos entrevistados consideraram os efeitos psicológicos da Covid-19 como o aspecto mais difícil para lidar no trabalho. A pesquisa realizada com 1406 jornalistas de 125 países também revelou que 82% dos entrevistados informaram terem tido ao menos uma reação negativa emocional devido à pandemia. Uma outra pesquisa, realizada pela Federação Internacional dos Jornalistas (IFJ, na sigla em inglês) mostrou que 59,19% verificaram aumento de ansiedade e estresse no trabalho ainda em abril de 2020. Nicoletti também aponta a falta de preparo do jornalista quanto à maneira em que se relaciona com as tragédias que reporta, e que podem refletir no próprio profissional em danos psicológicos:

Em situações de tragédia ou violência, o jornalista muitas vezes assume o papel de testemunha da história, demonstrando sentimentos como desespero, raiva ou terror, explicou a doutora Cait MacMahon em entrevista para o site da Global Investigative Journalism Network. Segundo a diretora do Dart Center for Journalism and Trauma – região Ásia e Pacífico -, o profissional da imprensa pode sofrer danos psicológicos em três diferentes estágios do seu trabalho: como testemunha ou participante do evento; ao comunicar e demonstrar compaixão para com as vítimas; e ao contar suas histórias para o público. (NICOLETTI, 2021, online).

Nesse sentido, uma questão ética bastante importante no que se refere ao trabalho do jornalista é o fato de que com a pandemia, os jornalistas, seguiram a tendência adotada por diversos profissionais de outras áreas, de trabalhar em regime de home office. Essa prática, além de sobrecarregar o profissional e transferir o ônus da produção para quem trabalha, também prejudica a prática jornalística, justamente por não haver a convivência dentro das redações, conforme explica Christofolletti:

A pandemia tem precipitado algumas coisas. Ela tem acelerado o processo de enxugamento das redações. Há inclusive algumas pesquisas que já demonstram que os empregadores têm manifestado a vontade de, tão logo as coisas se normalizem, vão adotar sistemas híbridos. [...] O motivo disso é muito simples, redução de custos. Mas quando esses profissionais vão para as suas casas, quem absorve os custos (de produção) são esses profissionais. [...] Muitas vezes é o próprio profissional que precisa regular o seu próprio horário e na maioria das vezes ele acaba trabalhando mais, fazendo horas extras para receber mais. Então, para muitos empresários, a adoção de redações remotas é um grande negócio. Por outro lado, é uma grande injustiça você transferir custos de produção para quem trabalha, mas para além disso, há um problema ético, porque as redações são um lugar consagrado dentro da prática jornalística. É nas redações que discutimos a angulação, o enquadramento da matéria, quais as fontes ouviremos, em que sequência, qual intensidade, o que cobriremos e o que não cobriremos. [...] Se vamos cobrir alguns riscos de publicar algo que não será suficientemente checado, ou se vamos segurar a matéria. Essas são decisões que não são apenas decisões técnicas, são decisões também éticas. Então, a redação é o berço de um caldo de

cultura jornalística que ajuda a tornar o jornalismo melhor. (CHRISTOFOLLETI, CISECO Entrevistas, 2 mar 2021, 16m36s-21m47s)

Dessa maneira, a tentativa de manter um equilíbrio psicológico por parte do jornalista sofre um agravante por conta da extenuante pressão que envolve as condições de trabalho advindas da alta procura da população por informações sobre a pandemia, conforme alerta o pesquisador Thales Lelo:

É preciso levar em consideração que o histórico de descumprimento de leis trabalhistas e de degradação das condições laborais nas organizações jornalísticas cria, mesmo sem a pandemia, um ambiente insalubre para os comunicadores do ponto de vista físico e mental. A crise de saúde pública só agrava esse quadro. Mas, mesmo se pensarmos nos repórteres por notícias, especialmente em veículos que realizam cobertura factual, gera um excesso de trabalho aos profissionais em um contexto já delicado devido ao sofrimento causado pelo isolamento social. (LELO apud DANKOSKY et al., 2020, p.96).

Outro aspecto abordado pela pesquisadora é a própria atuação da mídia. Segundo a professora Helena Martins, da Universidade Federal do Ceará, a instituição midiática vive uma profunda crise, situação que se agravou durante a pandemia, em uma cobertura tensionada por grupos econômicos, que também são midiáticos, e que se posicionaram de maneira contrária ao isolamento social, diminuindo a gravidade da crise sanitária, além da disputa de sentidos e quanto à agência da comunicação por parte dos meios midiáticos tradicionais com outros atores sociais e instituições que se comunicam através de outras plataformas.

Além do processo de dispersão da audiência, também vivenciamos, como parte de uma crise política mais ampla, uma profunda crise da própria instituição midiática. Ela é bastante atacada e descredibilizada por discursos reacionários, que buscam superar a mediação de instituições por meio de um contato direto entre agente político e população. [...] Mas destaco que a crise midiática também deriva da própria atuação da mídia. Tivemos muitos exemplos de práticas tendenciosas, de invisibilização dos sujeitos, movimentos, religiões e culturas inteiras do nosso próprio país. [...] Esse caldo todo faz com que o momento de pandemia seja também uma disputa entre agentes: por um lado, meios de comunicação tradicionais querem se arvorar como donos da verdade, mais confiáveis, e muitas vezes generalizam o que existe na internet como não profissional. Por outro lado, a própria mediação da tecnologia fortalecida neste momento tem feito com que muitas atividades de trabalho e debates políticos migrem para as redes sociais. (MARTINS apud DANKOSKY et al., 2020, p.29).

Nesse sentido, um dos grandes desafios aos jornalistas e pesquisadores em comunicação é o crescente fenômeno de desinformação motivada por veículos hiperpartidários que se dizem análogos à mídia tradicional, conforme aponta a professora da Universidade Federal de Pelotas, Raquel Recuero. A pesquisadora realizou uma análise no Twitter sobre compartilhamentos de postagens sobre o coronavírus de maior repercussão, que evidenciou uma “guerrilha informativa entre Governo Federal, Estados, Municípios e o próprio Ministério da Saúde” (RECUERO apud DANKOSKY et al., 2020), produzindo e circulando desinformação em espaços que se diferem dos espaços em que se publicam os desmentidos, como o ambiente científico, por exemplo.

Dessa maneira, a pesquisadora objetiva comprovar que a participação de autoridades contagia a dinâmica da desinformação, mobilizando outras pessoas e dinamizando disputas discursivas. A pesquisadora também constatou, através de suas análises, que nas redes sociais, que são mais públicas, o que ocorre é a manipulação da informação, enquanto em plataformas como o WhatsApp há uma circulação maior de desinformação fabricada e teorias da conspiração, em grande parte por ser mais difícil de haver contraposição deste conteúdo, já que são disseminados em grupos privados. Isso ocorre, segundo Christofolletti (2021), porque estas autoridades buscam desafiar e alargar os limites das instituições democráticas, sendo uma delas, a instituição jornalística. Algumas das manifestações desse alargamento podem ser percebidas dentro das práticas jornalísticas como reforçadores desse discurso, sendo um deles a busca por publicar os “dois lados” de uma mesma questão, promovendo uma relação de falsa simetria, ou o jornalismo declaratório, que coloca entre aspas declarações absurdas, preconceituosas ou até mesmo criminosas.

Nesse sentido, a pesquisadora Márcia Franz Amaral, que se dedica a estudar coberturas jornalísticas de desastres desde 2011, afirma que os acontecimentos complexos dificilmente são narrados pelo jornalismo em sua totalidade:

Diversos fatores estão envolvidos em uma tragédia e conferem complexidade ao acontecimento, explica a pesquisadora. Os sentidos que compõem uma catástrofe modificam-se ao longo da história e “têm grande poder de afetação, pois só existem porque destroem, mas ao mesmo tempo desvelam problemas sociais, ambientais e econômicos”. É essa multiplicidade de causas que pode colidir com a lógica das rotinas jornalísticas. “A cobertura compassada com o tempo cronológico do desastre é fundamentalmente anestesiante”, sintetiza. “Nestas condições, a apuração, que é o diferencial

do jornalismo, ocorre de maneira fragilizada, superficial, em tempo real e a conta gotas". (AMARAL apud DANKOSKY et al., 2020, p.12).

Portanto, a cobertura midiática publicada pelos meios tradicionais mostra uma visão superficial do acontecimento, não levando em conta o contexto que possibilitou uma calamidade em nível mundial, o que demonstra a falta de questionamentos sobre como chegamos nessa situação. Essa distorção se torna evidente ao se verificar a cobertura da pandemia como uma tentativa de agendamento em torno de retratar o alastramento da Covid-19 como uma tragédia imprevisível. Helena Martins discorda desta perspectiva, ao afirmar que a cobertura jornalística em torno da epidemia deveria ter como eixo o questionamento acerca da ação destrutiva dos humanos sobre a natureza:

Outra questão é a forma como a pandemia é apresentada e quais saídas a ela são discutidas. Grupos midiáticos, no geral, a tratam como algo ocasional, uma tragédia não-previsível. Na minha opinião, não se trata disso. Vários estudiosos, como epidemiologistas e ambientalistas, discutem as transformações no próprio sistema capitalista a partir do avanço sobre a natureza e a destruição das áreas verdes. A crise ambiental que temos vivenciado é compreendida como fruto essencialmente da ação humana – o antropoceno. Por isso, esses pensadores e pensadoras têm alertado que a pandemia é uma expressão da própria crise do sistema capitalista, e de sua dissociação entre sociedade e natureza. A globalização neoliberal, a mistura de culturas – e, portanto, também, de alimentos, bactérias, vírus –, tudo isso precisa ser analisado como parte de uma totalidade social, e não como algo ocasional ou surpreendente. Tanto é que alguns autores também apontam para a possibilidade de outras pandemias com o passar



do tempo. Essa visão mais complexa e interrogativa sobre as origens estruturais do problema que estamos vivendo não aparece nos meios de comunicação tradicionais. (MARTINS apud DANKOSKY et al., 2020, p.27).

A superficialidade dos enunciados jornalísticos na forma de enunciados que reduzem a pandemia a uma catástrofe acidental também é motivada por uma questão econômica, já que muitos anunciantes da cadeia jornalística são empresas responsáveis por degradar o meio ambiente, como mineradoras. Há também uma questão ambígua com relação à maneira como as empresas jornalísticas enunciam a omissão do Governo Federal com relação à gestão na pandemia, muitas vezes por conta de verbas publicitárias que este mesmo governo direciona para estas empresas.

## **A delicada relação entre apuração, audiência e desinformação**

Conforme pondera a jornalista Luiza Caires, editora do Jornal da USP, houve, durante a pandemia a disseminação de conteúdos apelativos sobre a pandemia para atrair mais cliques, prática que se convencionou como clickbait. Essa maneira de agir também é muito conhecida pelos jornalistas, que muitas vezes na intenção de dar em primeira mão o "furo jornalístico", acabam publicando notícias falsas que não sofreram um adequado processo de apuração.

Um dos casos mais emblemáticos ocorridos durante a pandemia foi a denúncia através de uma reportagem<sup>3</sup> da Folha de São Paulo, com

---

3 Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/07/milhares-no-brasil-tomaram-vacina-vencida-contracovid-veja-se-voce-e-um-deles.sht> >

o título "Registros indicam que milhares no Brasil tomaram vacina vencida contra Covid; veja se você é um deles", informando que mais de 26 mil pessoas teriam recebido doses de vacinas AstraZeneca fora do prazo de validade. O equívoco aconteceu por conta de um atraso na publicação dos dados sobre os vacinados no sistema DataSus, o que induziu o jornal a sugerir que parte da população brasileira havia recebido vacinas vencidas. Essa inconsistência chamou a atenção de jornalistas e pesquisadores, que se dedicaram em verificar a apuração da notícia publicada pelo jornal, comprovando que na verdade, se tratava de um problema na publicação dos dados sistema do DataSus. Porém, na hora da retração pelo jornal, a Folha publicou uma crítica a quem apontava a inconsistência entre o que foi enunciado pelo jornal e os dados encontrados. Como o título "Jornalistas apontam falhas do sistema de vacinas e viram alvos dos 'puros'<sup>4</sup>", o texto afirmava que "subestima-se a capacidade da população de lidar com fatos comuns, como o recall de medicamentos ou vacinas, seja por falha humana ou erro técnico". Em outra reportagem<sup>5</sup>, o mesmo jornal afirmou que o sistema de divulgação do Ministério da Saúde era precário e não havia a comprovação de que as vacinas estavam sendo realmente aplicadas. Contudo, partiu da publicação a alegação de que vacinas vencidas haviam sido aplicadas, divulgando inclusive os lotes vencidos, conteúdo que foi amplamente circulado e compartilhado nas redes sociais. Essa informação equivocada foi desmentida com muito tempo de atraso, e com muitas ressalvas, o que só colabora com a própria descredibiliza-

---

[ml](#)>. Acesso em 22 ago 2021.

4 Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/07/jornalistas-apontam-falhas-do-sistema-de-vacinas-e-viram-alvo-dos-puros.shtml?origin=uol>>. Acesso em 22 ago 2021.

5 Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/07/estrutura-de-dados-no-brasil-nao-permite-verificar-se-vacinas-contra-covid-vencidas-fo-ram-aplicadas.shtml?origin=folha>>. Acesso em 22 ago 21.

ção da enunciação jornalística, como reflete o jornalista Moreno Luiz Osório:

[...] jornalismo de dados é, antes de tudo, jornalismo. E jornalismo também é discurso. A forma como o jornalismo diz as coisas também deve ser levada em consideração, às vezes tanto quanto o que é dito. A matéria da Folha, especialmente com o seu título original, pode até ter jogado luz nas inconsistências nos dados da saúde do país. Mas [...] a matéria teve pouca preocupação com as possíveis consequências daquela leitura da realidade (a análise dos dados e sua posterior comunicação). Tanto é que a Folha admitiu o erro e publicou uma correção, ainda que quatro dias depois. [...] No Twitter, Luiza Bodenmüller lembrou o que pode representar a demora da Folha em admitir o erro. "Quando a gente fala em 'crise de confiança' no jornalismo, é preciso levar em conta que boa parte dela está na demora em reconhecer e reparar erros. (OSÓRIO, 2021, online).

Por conta destas inconsistências no trabalho jornalístico, observamos o crescimento das agências de fact-checking como uma ferramenta que se coloca como necessária diante do quadro de processos de apuração negligentes ou até mesmo quando o jornalismo referenda declarações mentirosas de autoridades. Christofolletti (2021) também ressalta que a prática de desmentido, logo após a notícia ser divulgada, com o mesmo espaço e peso com que foi publicada, também é um importante instrumento de contraposição à desinformação e na construção de uma melhor relação de credibilidade entre os jornalistas e a sociedade. Porém, segundo o jornalista, há a necessidade de uma série de outras medidas conjuntas com as agências de checagem no combate à desinformação.

Eu vejo com bastante critério as agências de checagem. Elas são importantes, mas também têm muitas limitações. A primeira limitação das agências de checagem é a de escala. Nós temos hoje, a cada dia, dezenas de milhares de informações circulando por aí. E somadas às agências de checagem, nós não conseguimos checar ou re-checar todas elas. Então, há um problema de volume. Um outro problema é o estatuto dessas agências como certificadoras daquilo que é verdadeiro e daquilo que é falso. E isso pode colocar as agências de checagem por exemplo em colisão com outros operadores da informação, como os jornalistas, que estão checando as informações nas redações e convictos de que estão certos. Outra questão é que o fenômeno da desinformação precisa ter muitas outras iniciativas para além das agências de checagem, [...] iniciativas como educação midiática, programas de monitoramento da informação e de observatórios que ajudem a apontar a desinformação, assim como mecanismos jurídicos para punir quem vive do ecossistema de desinformação, mecanismos de responsabilização das big techs da opacidade algorítmica, entre outras coisas. (CHRISTOFOLETTI, CISECO Entrevistas, 2 mar 2021, 40m04s-41m53s).

Uma iniciativa inédita que se configurou como símbolo mais palpável de um diálogo entre jornalistas e sociedade foi a criação do Consórcio dos Veículos de Imprensa, que pela primeira vez reuniu, em um esforço colaborativo de apuração dos dados sobre a Covid-19, as maiores empresas jornalísticas brasileiras. Mesmo com a imprecisão por parte de instituições com relação a dados, e o desafio de driblar as campanhas de desinformações, a situação limite proposta pelo contex-

to pandêmico também demonstrou um poder de ação dos jornalistas apesar das adversidades, como reforça Christofolletti:

Três meses depois do surto global, o Ministério da Saúde não só atrasava números sobre a doença como culpava os governos estaduais pela falta de transparência desses dados públicos. Diante da necessidade de informar o alastramento da Covid diariamente, seis veículos formaram uma força-tarefa para colher junto às secretarias de saúde os dados de contaminação e mortes. G1, O Globo, Extra, O Estado de S.Paulo, Folha de S.Paulo e UOL formaram o consórcio midiático numa iniciativa rara na paisagem brasileira. Com organização e método, acertaram em três frentes: mantiveram a rotina de informar a evolução da doença; fortaleceram a credibilidade de suas marcas; e reduziram suas dependências dos dados sistematizados pelo governo federal. A lição? Se o empecilho é comum, a solução pode ser coletiva. (CHRISTOFOLETTI, 2021, online).

Outra atitude importante para contribuir na divulgação de dados científicos sobre a epidemia foi a do jornalista estadunidense Jeff Jarvis, também professor da Escola de Jornalismo Craig Newmark, da City University, de Nova York. Ele decidiu criar no Twitter a "Lista Covid-19", que reúne mais de 500 especialistas ativos nas redes sociais com relevante experiência no assunto. A lista obteve tanta repercussão, que fez com que o próprio Twitter procurasse Jarvis para obter ajuda quanto aos selos de verificação destes influencers dentro da plataforma. Segundo o pesquisador (apud DANKOSKY et al., 2020, p.77), faz parte do trabalho do jornalista estar informado e ajudar a melhorar o debate público, o que fez com que ele mudasse a sua própria definição de jornalismo para "convocar comunidades a uma conversa respeitosa, informada e produtiva", argumentando que a participação

do jornalismo na construção do conhecimento deriva de um processo. Sendo assim, sua proposta é a de que precisamos repensar o papel do jornalismo em uma nova realidade, na qual as pessoas estão obtendo informações por conta própria. Segundo Jarvis, precisamos pensar em como tornamos as informações mais abertas e transparentes, reconhecendo a nova realidade da rede, e buscando entender como podemos agregar valor às comunidades de novas maneiras. Essa proposta repercute imediatamente no diálogo com a ciência, com relação ao fato de que os jornalistas precisam desconstruir o ímpeto de buscar uma palavra final, já que o processo científico denota uma outra processualidade:

Ao cobrir ciência, os jornalistas têm o péssimo hábito de tomar a palavra mais recente como a final. Precisamos apresentar a ciência como ela é: um processo de constante descoberta. Precisamos colocar o estudo mais recente no contexto de estudos anteriores e de perguntas ainda não respondidas. É enganoso escrever uma manchete sobre um único estudo como se fosse uma resposta definitiva. Os cientistas nunca diriam que sabem tudo sobre o que precisam para chegar a uma conclusão final. Por que nós faríamos isso? Agora estamos trabalhando em um ecossistema de informações abertas. Isso é verdade não apenas para nós, cidadãos comuns. Também é verdade para os cientistas. [...] Eu celebro a internet aberta porque ela fornece um local para o público ter uma conversa aberta e um local para compartilhar informações. Novamente, nós no jornalismo precisamos aprender como agregar valor a esse novo processo. (JARVIS apud DANKOSKY et al., 2020, p.115).

## A agência da subjetividade do jornalista

Existem outras maneiras de praticar a agência jornalística com o objetivo de combater a desinformação, porém, também questionando o reforço dos estereótipos como tentativa de desumanizar outras etnias e identidades. A professora Fabiana Moraes, da Universidade Federal de Pernambuco, alerta que “atentar para a riqueza de outras narrativas também é questionar os valores tidos como supostamente universais”, um problema que ela considera urgente para a ética jornalística. Uma das maneiras de lidar com essa questão é apostar no potencial subjetivo dos jornalistas como agentes de sua própria fala. Segundo a pesquisadora, há um grande problema cometido pela imprensa de divulgar discurso de ódio ou defesa de medicamentos como a cloroquina através das aspas dos entrevistados, não levando em conta de que a publicação desse conteúdo pela mídia jornalística ajuda a reforçar esse discurso. A lógica fordista de um jornalismo objetivo, mecânico e impessoal, que apenas noticia, sem questionamentos, é contraditório ao próprio fazer jornalístico, pois a escolha do que divulgar e a quem dar voz também já se demonstra em um posicionamento político do próprio veículo jornalístico:

Se a intenção da imprensa é mostrar o absurdo da situação, sabemos que, no final, foi por falar tranquilamente sobre violência (algo entendido como “espontaneidade” ou “brincadeira” por muitos) que o candidato também se elegeu – para mais tarde atacar como nunca a própria imprensa. Se o veículo “só noticia”, então podemos pensar que as notícias, as edições, podem ser feitas por robôs, não por pessoas que podem – e muitas vezes devem – interpretar o mundo no momento em que o publicizam. Jornalistas são filtros, seres pensantes. A negação disso é a negação do próprio jornalismo. Fomos forçados nas últimas décadas a não pensar,

só fazer, e isso nos levou a um cenário catastrófico. (MORAES apud DANKOSKY et al., 2020, p.115).

A pesquisadora cita o jornalismo de subjetividade como uma ferramenta e um movimento de autorreflexão sobre as práticas, para ultrapassar os valores-notícia essencialmente hierárquicos e superar a perspectiva do fato extraordinário como noticiável, assumindo o posicionamento de quem fala, sem esconder uma fala situada, uma perspectiva que se vê como universal enquanto fala de um outro diferente. Ela exemplifica seu argumento mencionando as narrativas dominantes que associam continentes inteiros à pobreza, como o caso da África, ou da maneira com que o povo indígena ou a região do Nordeste são retratados pela imprensa brasileira de maneira estereotipada e preconceituosa.

## **Alguns apontamentos**

Portanto, com relação às práticas jornalísticas, há uma série de questões que influenciam nos seus processos, o que acaba sendo determinante na relação do jornalista com a apuração, com as fontes e com suas próprias subjetividades. Em conclusão, alertamos que o diálogo entre a sociedade e com os diversos sistemas que a compõem é vital para que possamos enfrentar as adversidades que a pandemia impôs com que nos deparássemos. Nesse sentido, a preocupação ética abrange várias camadas dentro do sistema jornalístico. Cabe aos jornalistas ampliar a sua própria maneira de ver e praticar o jornalismo, estabelecendo um diálogo mais franco e amplo com a sociedade. Precisamos sim informar, mas com qualidade de apuração. Também precisamos contar as histórias das pessoas, respeitar suas dores, questionar as instituições, procurar especialistas de referência no assunto que estamos divulgando. Precisamos de um jornalismo que ofereça ao público



mais escuta, alteridade e empatia. Mas também precisamos dessa empatia como uma contrapartida das empresas jornalísticas para com seus profissionais. Nesse sentido, é necessário oferecer aos jornalistas melhores condições estruturais de trabalho, além de um direcionamento no sentido de orientar sobre cuidados que se colocam como necessários nas práticas profissionais.

Da mesma maneira, também cabe à sociedade apoiar o jornalismo local e independente, e exigir dos jornalistas uma prática que reflita as subjetividades de cada lugar, cobrando maior responsabilidade nos processos de apuração e publicização da notícia, em uma prática jornalística que ofereça cada vez mais voz as pessoas comuns, trazendo luz às invisibilidades, aos silenciamentos, nos insurgindo contra as violências cotidianas, buscando assim construir um jornalismo que reverbere através do conhecimento o poder que a sociedade pode exercer através da coletividade.

## Referências

CHRISTOFOLETTI, Rogério. PAUL, Dairan. *Guia de cobertura ética da Covid-19* [E-book]. Florianópolis: ObjETHOS, 2020.

----- . ----- . O jornalismo cuidadoso salva vidas. *Revista Coletiva*, n.29, Fundação Joaquim Nabuco, Campinas: 2020.

----- . *O que os jornalistas aprenderam com o primeiro ano da pandemia*. Blog ObjETHOS, 01 fev. 2021. Disponível em: <<https://objethos.wordpress.com/2021/02/01/o-que-os-jornalistas-aprenderam-com-o-primeiro-ano-da-pandemia/>>. Acesso em 22 ago 2021.

DANKOSKY, Andressa Kikuti. CHRISTOFOLETTI, Rogério. PAUL, Dairan. BECKER, Denise. *Ética Jornalística e pandemia: entrevistas com especialistas* [E-book]. Florianópolis: UFSC, 2020, 134p.

NICOLETTI, Janara. *É preciso falar sobre a saúde mental dos jornalistas*. Blog ObjETHOS, 19 abr. 2021. Disponível em: <https://objethos.wordpress.com/2021/04/19/e-preciso-falar-sobre-a-saude-mental-dos-jornalistas/>. Acesso em 22 ago 2021.

ROSA, Bianca. CHRISTOFOLETTI, Rogério. CISECO Entrevistas – Bianca Rosa/ Rogério Christofolletti. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=m4LFPhHZTYs>. Acesso em 22 ago 2021.

OSÓRIO, Moreno Luiz. *Jornalismo de dados é, antes de tudo, jornalismo; e jornalismo também é discurso*. Newsletter Farol Jornalismo, Substack, 9 jul 2021. Disponível em: <<https://faroljornalismo.substack.com/p/nfj-332-jornalismo-de-dados-e-antes>>. Acesso em 22 ago 2021.

# **O novo normal na mídia brasileira:** práticas discursivas no contexto da pandemia de Covid-19

Felicia Maria Romeiro Mota Silva

Marcos Fábio Belo Matos

## **1. Introdução**

“Enquanto todo mundo espera a cura do mal  
E a loucura finge que isso tudo é normal  
Eu finjo ter paciência.”

Lenine (1999)

A canção de Lenine, cantor e compositor pernambucano, soa como um vaticínio para o momento atual em que o mundo vive. O ritmo acelerado das coisas na vida social na pós-modernidade não diminui, mesmo em meio a crises de diferentes naturezas, ao contrário, é nesse contexto que se setores da cadeia produtiva buscam investir para manter

os seus lucros, para isso, naturalizam os efeitos da crise na população, sobretudo para as classes trabalhadora e consumidora, com os discursos de uma normalidade.

A ideia de que a sociedade, não só brasileira, mas mundial, foi jogada, abruptamente, em uma nova realidade forçada pela pandemia do Novo Coronavírus (Sars-Cov-2), fez com que, de forma rápida, surgisse no tecido social a defesa da concepção de que, de uma hora para outra, estamos vivendo “um Novo Normal”. Talvez uma das faces mais visíveis para muitos desse “novo” no contexto da pandemia de Covid-19, além das evidentes máscaras no rosto, sejam o home office e o homeschooling.

Para que esse conceito “pegasse”, entrou em cena a sua incorporação pelos dispositivos de mídia, em especial a publicidade e todo o seu arsenal de estratégias discursivas e de produção de sentido. Ações que foram implementadas tanto por instituições públicas quanto por entidades do setor privado. Diversas empresas incorporaram com muito mais força a estratégia discursiva do Novo Normal para, ou reorientarem suas formas de atuação (por exemplo, passarem a atuar com delivery, drive thru ou atendimento presencial reduzido) ou para mudarem, radicalmente, de forma de atuação (deixaram de existir como espaço físico e passaram a ter existência permanente no ambiente virtual, como loja online, por exemplo), ou ainda para fortalecerem suas marcas com ações sociais/assistenciais (YUNG, 2020).

No caso das instituições públicas, a adoção desta concepção foi feita como uma tática de agir publicamente, sobretudo no atendimento (ou na redução deste atendimento) ao público, mas também com campanhas educativas, de orientação/admoestação para a tomada coletiva de medidas de proteção individual e social, como o isolamento, o distanciamento, o uso das máscaras e do álcool em gel, dentre outras.

O Novo Normal invadiu todos os sistemas de comunicação (para ficarmos no terreno que nos propomos analisar), todo o campo da mídia

– das ditas tradicionais às consideradas recentes, como as redes sociais. A produção de sentido incorporou essa terminologia, sob vários enfoques: como manchetes e títulos de jornais; como parte do texto dos gêneros jornalísticos: nota, notícia, reportagem, entrevista, perfil, editorial, artigo e outros (MELO, 2016); como quadros em programas de TV e internet nos mais diferentes segmentos, do entretenimento ao filosófico; como parte constitutiva dos anúncios de publicidade que circularam em jornais, revistas, sites, intervalos da programação do rádio e da TV; em decretos e cartilhas explicativas da esfera pública; e pelas redes e mídias sociais – Facebook, Instagram, Twitter e WhatsApp.

A academia, também. Em uma busca na plataforma Google Acadêmico, pela expressão “Novo Normal” (entre aspas, para limitar a busca), foram encontrados 2.220 resultados<sup>1</sup> de trabalhos, além de livros e e-book, webinários, congressos para debater o tema nas mais distintas áreas do saber.

A partir dessa primeira observação, sobre esse aumento repentino no uso do termo, buscou-se compreender: de que maneira o Novo Normal, na atualidade, está sendo construído discursivamente pela mídia? Para responder a essa questão norteadora, realizamos uma pesquisa com o intuito de analisar os discursos advindos da construção do conceito do referido termo em textos midiáticos e seus contextos de produção no período anterior e inicial da pandemia da Covid-19; para tanto, utilizaram-se como referenciais teóricos a Análise de Discurso Crítica (FAIRCLOUGH, 2001; 2003), a Teoria Social Crítica (THOMPSON, 2011) e outros autores que coadunam com tais concepções. É importante destacar também que o enfoque desta pesquisa já teve algumas explanações, uma delas foi realizada no dia 18 de agosto

---

1 A busca foi feita no dia 27 de março de 2021, às 17h30min.

de 2020 no projeto “Ciseco Entrevista”<sup>2</sup>, em que o professor Marcos Fábio Belo Matos entrevistou a professora Maria Felícia Romeiro Mota Silva.<sup>3</sup>

## 2. Discurso e Mídia

Já é lugar-comum afirmar (e perceber) a presença da mídia no tecido social e a sua importância como construtora da realidade. Das teorias clássicas da comunicação, em geral funcionalistas, que identificavam a influência direta, mesmo behaviorista da mídia (WOLF, 1985), passando pela constatação de que vivemos num cenário da Sociedade das Mídias e, mais recentemente, de que este cenário em que estamos imersos tem as características de uma sociedade em vias de midiatização (FAUSTO NETO, 2017; GOMES, 2017), a mídia, como instituição, nos acompanha e, em sentido mais amplo, nos atravessa as práticas de vida.

Este lugar será fundamental para podermos entender a força do discurso publicizado de constatação de que o cenário da pandemia nos impôs uma “nova realidade” de vida – a saber: o Novo Normal (com iniciais maiúsculas, neste caso, para engendrar uma identidade de nome próprio mesmo; quase uma personalização...).

O discurso do Novo Normal foi se capilarizando numa velocidade impressionante. Em primeiro lugar, foi adotado (sequestrado?) pela

---

2 O projeto Ciseco Entrevista foi uma estratégia do Centro Internacional de Semiótica e Comunicação para não deixar de empreender sua ação anual de reunir pesquisadores da comunicação para uma reflexão sobre o campo, o que é feito no âmbito do evento Pentágono, que em 2020 iria para a sua XI versão. Os vídeos que compõem este projeto, na forma de entrevistas, foram disponibilizados em formato de artigos para compor esse livro – o que já é uma prática do evento. De julho de 2020 até março de 2021, foram realizadas 51 entrevistas.

3 Essa entrevista está disponível no Youtube, no canal do Ciseco, e pode ser acessada pelo link <<https://www.youtube.com/watch?v=UGA42hjVUTM>>

publicidade, que passou a vendê-lo, enfeixado a partir dos recursos próprios da mensagem publicitária (CARVALHO, 2002), como uma necessidade de adequação a uma realidade que se instalou com a pandemia de Covid-19.

Assim, como no caso da publicidade (comercial ou institucional), o discurso que fazia a defesa de um estágio de Novo Normal ganhou o terreno dos demais dispositivos midiáticos – os clássicos (TV, Rádio, Jornal, Revista) e os mais modernos (Site, Blog, Mídia Social, Rede Social): passou a frequentar o terreno das notícias, das entrevistas e das demais produções noticiosas. Neste sentido, convém pensar, como Navarro-Barbosa (2004, p. 72), na natureza do discurso midiático, sua potência enunciativa e o caráter de “profissão de fé” da verdade que ele encerra:

O discurso que se proclama imparcial e comprometido com a apuração rigorosa dos fatos manifesta o desejo de ser aceito pela comunidade de leitores como discurso de verdade. Como esse desejo é uma imposição da ordem discursiva midiática, e tendo em vista que o real não se deixa apreender diretamente, o verossímil no jornalismo encontra-se em relação direta com o efeito de real construído discursivamente. É essa verossimilhança que irá garantir credibilidade ao jornal e, conseqüentemente, criar a imagem do enunciador midiático como aquele que sustenta um discurso verdadeiro. (NAVARRO-BARBOSA, 2004, p. 72)

Valendo-se dos atributos próprios dos dispositivos midiáticos, que forjam a informação com valor de verdade (no caso do jornalismo) ou empacotam os conceitos de maneira estilisticamente sedutora (no caso da publicidade), o discurso do Novo Normal ganhou terreno nesta sociedade pandêmica.

### 3. Ideologia e Poder

A análise empreendida do termo Novo Normal leva em conta a concepção de ideologia – categoria importante quando se pensa em discurso e sociedade. Mas ideologia não é um termo de fácil definição devido a sua complexidade e a sua utilização em diferentes contextos ao longo da história.

As vertentes críticas (adotadas por esta pesquisa) se centram nos estudos de Marx e Engels (1845), que defendem que o indivíduo constrói uma falsa consciência da realidade sociopolítico-econômica, uma vez que entendem ideologia como um instrumento de dominação, construído sócio-historicamente, que age por meio de ideia, discurso ou ação, mascarando a realidade com o intuito de alienar e explorar os indivíduos e, assim, atender a interesses das classes dominantes que querem manter-se no poder. Para esses autores, as ideologias possuem caráter dinâmico e provêm da luta de classes antagônicas.

Thompson (2011, p.76) também discute o tema, em uma perspectiva crítica, mas não acredita no caráter de uma ilusão total da realidade ou de falsa consciência; seus estudos estão centrados na discussão da construção de significados no contexto da cultura moderna e no *modus operandi* da ideologia como estratégias utilizadas para manter e reproduzir relações de dominação. Nessa perspectiva, o autor propõe cinco categorias para a análise dos modos de operação da ideologia, sintetizadas conforme breve descrição a seguir.

O primeiro modo de operação da ideologia é a **Legitimação**, que é formada por um conjunto de representações que reforçam e potencializam as relações de dominação e as tomam como verdadeiras; essa categoria pode-se realizar em três estratégias de construção simbólica: Racionalização, Universalização e Narrativização. O segundo *modus operandi* é a **Dissimulação**, que consiste em ocultar, negar ou obscurecer as relações de dominação nas representações, por meio de ideo-



logias; essa categoria pode operar por meio de: Deslocamento, Eufemização, Tropo. A **Unificação** é o terceiro modo de operação da ideologia e age na construção simbólica de uma identidade coletiva, desconsiderando as diferenças entre grupos sociais; ela pode atuar utilizando duas estratégias: a Padronização e a Simbolização da Unidade. O quarto modus operandi é a **Fragmentação**, que é a representação segmentada e pejorativa de indivíduos e outros grupos considerados de potencial ameaça pelos grupos hegemônicos; essa categoria se subdivide em: Diferenciação e o Expurgo do Outro. A **Reificação**, quinto modo de operação, consiste em representações de situações transitórias como permanentes e naturais, desconsiderando os fatores sócio-históricos; essa categoria utiliza como estratégias típicas: a Naturalização, a Eternização, a Nominalização e a Passivação (THOMPSON, 2011, p. 81-89).

O conceito de ideologia adotado pelos Estudos Críticos do Discurso também se aproxima das concepções adotadas pela teoria social crítica de Thompson. Nesse sentido, Fairclough (2001, p.117) defende que as ideologias consistem em representações particulares legitimadas pelo discurso que também determinam modos de ser e agir na sociedade. As ideologias, quando diluídas nas práticas discursivas, são muito eficazes como estratégias de manipulação e manutenção de poder nas práticas sociais, principalmente quando se naturalizam e alcançam status de "senso comum".

Gramsci (1978, p. 16) define ideologia como "(...) uma concepção de mundo que se manifesta implicitamente na arte, no direito, na atividade econômica, em todas as manifestações de vida individuais e coletivas." Para o autor, os grupos que controlam os modos de produção e distribuição de informações o fazem por meio da reprodução do discurso hegemônico. As ideologias são múltiplas, conflitantes e estabelecidas por meio do processo sócio-histórico, elas assumem um papel determinante na organização social, quer seja para manutenção das

estruturas de poder quer seja na modificação das relações de dominação (GRAMSCI, 1978).

As mudanças sociais decorrem da dinamicidade da regulação e transformação que são próprias das práticas sociais, como defende Fairclough (2001, 2003). Dessa forma, ainda que os atores sejam socialmente compelidos pelas ideologias, para esses agentes sociais pode haver algumas possibilidades, por meio de suas ações contra-hegemônicas, de estabelecer outras relações e modificar práticas de dominação estabelecidas.

#### **4. Aspectos metodológicos**

No aspecto metodológico, a abordagem aplicada nessa pesquisa segue os princípios da análise documental de natureza qualitativa, pois tem por característica central uma abordagem descritivo-interpretativa da realidade social, sob a ótica científica. Pretendeu-se estudar a questão de pesquisa localizada em um dado contexto (pandemia de Covid-19), com o intuito de compreender e interpretar os fenômenos sociais, a partir dos significados construídos e compartilhados entre os indivíduos sobre a construção/negociação discursiva do conceito "Novo Normal", difundidos pela mídia.

O levantamento de material para análise dessa pesquisa se deu em sites e plataformas digitais de maior popularidade no Brasil, considerando o número de acessos conforme o ranking da ferramenta Alexa<sup>4</sup> (2021). A primeira busca se deu no site Google.com.br, a partir da inserção das expressões: "Novo Normal"; "Novo Normal conceito"; "O que é

---

4 Alexa é uma ferramenta da Amazon Company que avalia as estatísticas de tráfego na web e analisa outros dados, tais como: engajamento social; quantidade e tempo de acesso; análise de público e conteúdo e outros.

o Novo Normal?”. No final de março de 2021, o referido site registrou aproximadamente 2.620.000 resultados (0,47 segundos) para o termo “Novo Normal”. Observando a lista, buscaram-se os textos disponibilizados nos sites Youtube; Globo.com; Uol.com.br; Metropolis.com; Yahoo.com; Terra.com.br; Folha.uol.com.br que estão entre os 45 mais acessados, e que são considerados entre os leitores como fontes confiáveis de informação. O ponto comum entre os textos é a formulação de uma definição para o termo aqui em análise.

O corpus desse estudo é formado por 15 textos, numerados de T1 a T15, de diferentes gêneros situados, publicados entre 19/10/2012 a 29/03/2021. Com exceção dos dois primeiros textos que foram produzidos antes da pandemia, os demais foram publicados no período compreendido entre a suspeita e a notificação dos primeiros casos do Novo Coronavírus no Brasil (fevereiro 2020), até o surgimento de novas cepas (janeiro 2021) e o aumento considerável dos números de infectados no país, chegando à marca de 12.748.747 casos confirmados e 321.515 mortes, em 31 de março 2021, segundo dados oficiais do Ministério da Saúde. Os textos que compõem o corpus dessa pesquisa estão elencados em ordem cronológica, na tabela 01.

**Tabela 1** – Composição do Corpus

Texto	Data de Publicação	Título	Gênero Situado	Site	Campo de Atuação
T1	19/10/2012	O 'novo normal'	Reportagem	Globo.com Valor Econômico	Política/ economia

T2	12/12/2019	Tendência na última década, trabalho remoto pode ser 'novo normal' no futuro	Reportagem	Yahoo	Negócios
T3	02/02/2020	O novo normal é o incerto	Artigo de Opinião	Globo.com G1	Política/ economia
T4	05/05/2020	O "novo normal" e o (re)propósito da casa	Reportagem	Terra Isto é	Comportamento
T5	11/06/2020	Novo normal o escambau	Crônica Jornalística	Terra Isto é	Política/ Comportamento
T6	16/06/2020	"Novo normal" com distanciamento social: qual será o futuro da gastronomia?	Reportagem	Metrópoles	Negócios
T7	23/06/2020	Nosso Normal	Publicidade	Youtube Canal Itaipaiva	Negócio
T8	10/08/2020	'Novo normal', no Brasil, é morrer ou se fingir de morto	Crônica Jornalística	Yahoo	Política

T9	20/09/2020	Em São Paulo, fotógrafa registra o tal 'novo normal' da pandemia	Notícia	UOL Folha de São Paulo	Comportamento
T10	30/09/2020	'Virtual assignment': um novo normal nos negócios internacionais?	Artigo de Opinião	UOL Folha de São Paulo	Negócios
T11	17/10/2020	"Novo normal" com jeitinho brasileiro já está aí e você precisa se adaptar	Artigo de Opinião	UOL	Comportamento
T12	06/11/2020	Primeiro residencial com Conceito Novo Normal está prestes a ser lançado em SJC	Notícia/ Publicidade	Globo.com G1	Negócios
T13	19/03/2021	Novo Normal	Música	Youtube Canal Martinalia	Artes/ Entretenimento
T14	21/03/2021	Lembra do novo normal?	Crônica Jornalística	Globo.com O Globo	Comportamento

T15	29/03/2021	O espectador que emerge do 'novo normal'	Notícia	Globo.com O Globo	Comportamento
-----	------------	--	---------	----------------------	---------------

Fonte: Elaborado pelos autores

No percurso analítico dessa pesquisa, adotou-se o enquadre teórico-metodológico da Análise de Discurso Crítica (FAIRCLOUGH, 2001; 2003), a partir do qual se avaliou a construção dos significados do discurso nas práticas sociais, e a Teoria Social Crítica de Thompson (2011), no que diz respeito aos Modos de Operação da Ideologia presentes nos textos analisados.

## 5. A mídia e o Novo Normal: a análise do *corpus*

O primeiro caso noticiado de uma pessoa contaminada pelo coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2) foi em novembro de 2019, na cidade de Wuhan, na China. O que inicialmente era considerado um surto viral, com grande potencialidade de contaminação, passou a ser tratado como uma pandemia, em 11 de março de 2020, pela Organização Mundial de Saúde – OMS, quando os números registravam 118.000 casos, em 114 países e 4.291 mortes, segundo dados dessa agência. A cada dia, crescem os números em escala global. Em 29 de abril de 2021, já se atingia a marca mundial de 149.216.984 de infectados e 3.144.028 de pessoas falecidas em decorrência da Covid-19, segundo dados oficiais da OMS (2021).

Nesse cenário de incertezas e riscos iminentes de diversas naturezas, as pessoas buscaram se informar para se situarem e compreender o que está acontecendo, o que levou os meios de comunicação de massa, especialmente os da esfera jornalística, por meio de diferen-

tes veículos, a colocarem em pauta uma agenda de discussões sobre a pandemia de Covid-19. Nesse contexto, desde 2020, são produzidos diferentes textos e discursos relativos ao tema, o que também levou o público leitor desses textos a produzirem novos padrões de comportamento e novas práticas da vida social para se recriarem rotinas baseando-se nessas informações, que muitas vezes não são questionadas.

Com a crise sanitária mundial e a econômica que afetam diretamente os fluxos de produção e de consumo, e geram significativa queda nas taxas de lucros em alguns setores, surge recontextualizado em vários segmentos da mídia, por meio de gêneros discursivos diversos, a expressão “Novo Normal” como uma tentativa de mitigar os impactos e efeitos da crise para promover uma reorganização das práticas e comportamentos de produção e consumo, a partir de projeções sobre um cenário pós-pandêmico.

Apesar de recorrente na pandemia de Covid-19, o uso da expressão “O Novo Normal” não é nenhuma novidade, o termo que é uma tradução de *New Normal*, e que foi criado a partir da junção de dois atributos, já era utilizado como jargão no campo da economia e está relacionado à busca da recuperação das atividades econômicas pós-crise, a partir da desaceleração da economia, reavaliação das estratégias de investimento e dos modos de produção e consumo em uma dimensão global. Identificou-se que os textos analisados que abordam negócios e economia, estabelecem relações intertextuais ora manifestas (T1), ora constitutivas (T2, T3) com o discurso do economista Mohamed Aly El-Erian, em suas entrevistas jornalísticas (Mohamed A. El-Erian Discusses PIMCO's Secular Outlook and Investment Strategy – 2009) e em seus artigos científicos (*A New Normal ... Morphing* - 2013), ambos os gêneros situados contêm análises sobre a crise financeira norte-americana de 2007-2008 e recessão global de 2008-2012, suas implicações e consequências.

Nos textos publicados anteriores a 2020 (T1 e T2), que reportam ao cenário financeiro e os efeitos da referida recessão econômica, o Novo Normal é conceituado como um período necessário de reavaliação das estratégias de mercado tanto na dimensão da macroeconomia, com busca por incentivos fiscais para recuperação econômica dos grandes empreendimentos e para auxiliar no controle da inflação, quanto nos aspectos da microeconomia relacionada aos comportamentos dos consumidores e nas relações de trabalho nas empresas, nesse último aspecto, termos como *home office* já eram bem recorrentes nos textos. Na contextualização e construção conceitual o “novo normal” estabelece tanto um contraponto com o “antigo normal” quanto uma projeção especulativa nas relações trabalhistas. O “novo” surge da ruptura com discursos anteriores e práticas de mercado, como se observa nos excertos a seguir:

[1] A ideia do “novo normal” **traduz** o reconhecimento de que a economia mundial passará a conviver com características inéditas bem distintas daquelas que prevaleceram até poucos anos atrás. Para recapitularmos, na visão do autor, o “antigo normal” modo de funcionamento da economia era marcado por taxas de crescimento bem mais elevadas, propiciadas por uma expansão global do crédito e por uma despreocupação com o financiamento soberano.

[2] Tendência na última década, trabalho remoto **pode ser** ‘novo normal’ no futuro.

O discurso eufemizado e naturalizado da normalidade vindo de determinados agentes econômicos, como por exemplo as instituições financeiras, e reforçado pela mídia jornalística, é uma tentativa de acalmar as incertezas dos investidores e de sinalizar para esses que as



instabilidades do mercado são momentâneas e transitórias e que os riscos podem ser controlados, conforme Thompson (2011).

Na configuração atual, o uso da expressão “Novo Normal” ressurgiu em meio a uma nova situação de crise e em um cenário de incertezas científicas, econômicas e políticas; o discurso da normalidade nessa conjectura age para produzir comportamentos em duas dimensões: na econômica e na sanitária e vem acompanhado de outras expressões também recorrentes: voltar à normalidade; retomada da economia; abertura do comércio; novo consumidor; novo empreendedor; desaceleração econômica; isso vai passar.

No que se refere à construção conceitual, nota-se que nos textos do corpus datados em 2020, principalmente os do primeiro semestre, há uma necessidade em definir o Novo Normal e de situá-lo; já nos textos de 2021 não há essa preocupação, o que denota que os/as autores/as partem do pressuposto de que a expressão já faz parte do repertório linguístico das pessoas e que elas já a utilizam com fluência. Observou-se também que nem sempre esses conceitos convergem para a mesma construção de significado, com a popularização da expressão e a sua utilização em diferentes contextos, por meio de diferentes gêneros discursivos, também se abriu espaço para discussão/negociação de sentidos, em alguns textos (T3, T4, T6, T7, T9, T10, T11, T12, T13, T14, T15), a significação remete fortemente a sua origem que é o discurso neoliberal e a valorização do mundo tecnológico, em outros (T5, T8) essa normalidade é questionada, por meio de discursos contra-hegemônicos, com críticas ao “otimismo alienante” e aos posicionamentos negacionistas frente ao grave cenário de incertezas e vulnerabilidade humana.

Outro aspecto bem produtivo nos textos são as projeções sobre o mundo pós-pandemia, que Araújo e Bernardino (2020) denominam de especulações; segundo esses autores, essas previsões imprecisas, sem marcos temporais definidos e tomando por base um presente caótico

e um desejo de retorno do “velho normal”, podem ser autorrealizáveis à medida as pessoas tomam essas informações como verdadeiras e balizam seus comportamentos nelas. Muitos pontos abordados nos textos, ainda que pareçam desenhar um futuro, já faziam parte de uma agenda liberal, muito antes da pandemia, como o home office (T2, T4, T10, T11, T12); virtual assignment (T10); coworking (T12); anywhere office (T2); home schooling (T4); entrega de delivery (T6, T12); drive-thru (T9); live (T4, T9); webconferências (T4); vendas on-line (T11); streaming (T4, T15). O contexto da pandemia popularizou o que já estava em curso. Notou-se também o uso recorrente de estrangeirismos, sobretudo o uso de termos e expressões em inglês como forma de valorizar esses modelos de trabalho.

Em uma mescla entre os discursos econômicos e sanitários, os/as autores/as discutem como a pandemia afeta as práticas e os comportamentos sociais; nos textos analisados, observou-se, tanto nas narrativas quanto na descrição dos sujeitos, uma padronização dos modos de vida da classe média urbana, público consumidor preferencial desses textos. Na reportagem (T4) e na notícia/publicidade (T12), por exemplo, esses aspectos ideológicos são naturalizados pelos autores que ressignificam o lar e o relacionam com a concepção de Novo Normal:

[3] Nesse “novo normal,” a casa nos fez encontrar, nela, as respostas para as demandas que buscávamos em lugares, sem saber que estavam ali mesmo, em casa.

[4] Primeiro residencial com conceito Novo Normal está prestes a ser lançado em SJC

De que casa está se falando? Têm-se construções narrativas que validam um estilo de vida e possibilidades de um grupo em particular e o consagram como padrão para os demais grupos, como se a crise

atingisse todas as pessoas em todos os lugares da mesma maneira, desconsiderando, assim, as necessidades individuais e as desigualdades sociais que se acentuaram nesse período. Nesse ínterim, se desenha um perfil de trabalhadores em home office, que dispõe de uma internet de qualidade, que também são consumidores de e-commerce e plataformas de streaming que, a princípio, tiveram que renunciar aos empregados domésticos e se "aventurar" na cozinha e que se divertem com as crianças nos rituais de beleza caseiros, como explorado no texto 4.

Nesse contexto, também se naturaliza o fato de a casa, anteriormente local de refúgio, ambiente de descanso e intimidade, passar a ser um ambiente híbrido - o local do trabalho e do comércio - que atende a "novas práticas e novos consumos" de conteúdo, bens e serviços para "ajudar a salvar a economia". Nesse aspecto, o Novo Normal sanitário, advindo de discursos científicos que ressaltam a importância do distanciamento, social, uso de máscaras e higienização das mãos, quando abordado na maior parte do corpus em análise, se configura como pano de fundo, para de fato se discutir o Novo Normal econômico que discursivamente se sobrepõe ao sanitário nessas representações.

Nos textos que tratam sobre atividades laborais, as relações de trabalho são romantizadas e tratadas de maneira positiva. O home office, o anywhere office e o virtual assignment são colocados como alternativas vantajosas de redução de custos para as empresas em diversos segmentos e aumento da produtividade, tendo trabalhadores disponíveis em tempo integral. Como podemos observar nos excertos a seguir:

[5] Sem dúvida, o principal ganho [com a adoção do home office] é o equilíbrio da vida profissional e pessoal dos nossos colaboradores, trazendo um

aumento na qualidade de vida e, conseqüentemente, engajamento de talentos, diz Povoá.

[6] O trabalho, finalmente, ganhou licença que precisava para adentrar a casa sem timidez. Tivemos de encontrar seu lugar ideal – já que são vários em home office e home schooling, simultâneos em lives e webconferências [...]. Daí surgem novos pactos familiares e profissionais, além de compras de produtos que nos ajudam a equacionar essa nova realidade [...]

[7] [...] a pandemia veio intensificar os contornos de um “novo normal”, no qual a mobilidade internacional, impactada pelos fechamentos de fronteiras e questões sanitárias, pode se transformar e solidificar modelos diferentes de trabalho e de se fazer negócios.

[8] o “novo normal” não é mais uma realidade pós-pandemia, mas é uma forma de conviver com o vírus nos rodando e seguir a vida e o trabalho.

O argumento é potencializado com a inserção de outras vozes por meio de citações; no excerto 5, o autor traz a fala de um chefe dos recursos humanos (descrito no texto por Chief Human Resources Officer) de uma grande corporação para ratificar seu ponto de vista. Nota-se nesse mesmo trecho que o trabalhador recebe a identidade de colaborador, e não de empregado, como consta o artigo 3 da Lei nº 5.452/43 sobre a Consolidação das Leis do Trabalho – CLT; o uso desse termo, popularizado pelas empresas nos anos 1990, busca inculcar no prestador de serviço o sentimento de pertencimento e cooperação mútua para que ele se sinta valorizado e se dedique cada vez mais do

seu tempo aos objetivos da empresa. No contexto do trabalho remoto, isso é intensificado: o pessoal e o profissional se diluem e o sujeito passa a viver diuturnamente para esse fim. A crise sanitária se mostrou uma circunstância propícia para alguns segmentos investirem nesses modelos, como demonstram de maneira reificada os excertos 6, 7 e 8.

As reportagens não esclarecem aos/às leitores/as que os custos da produção (equipamentos, energia, internet e outros) no trabalho remoto são repassados para os trabalhadores e o excesso de carga de trabalho pela flexibilização de horário faz com que o valor de seu serviço seja diminuído, conseqüentemente. Esses textos procuram convencer o público, por meio da dissimulação, das muitas vantagens, não evidenciando de que maneira os seus direitos trabalhistas estão sendo violados e como as relações patrão-empregado estão se tornando mais frágeis nesses moldes, o que contribui para a desinformação desse público que cada vez mais é manipulado por uma mídia dependente do empresariado.

Outro ponto que merece destaque é a maneira como as medidas restritivas que defendem o isolamento social e preservação da vida são questionadas em muitos textos (T3, T6, T7, T13). Os discursos presentes nesses textos buscam construir uma lógica de que o sujeito não pode parar de consumir, criam essa necessidade e põem a responsabilidade no sujeito que passa a ser "salvador da crise", quer seja o que consome, quer seja o que produz. Os efeitos disso estão na pressão do setor privado para a flexibilização da abertura do comércio, não só no Brasil, mas em vários países, o descrédito da pesquisa científica e o negacionismo ao apelo sanitário. Nesse aspecto, o discurso do Novo Normal, como se configura na atualidade, é uma tentativa de dissimular a realidade e tirar o foco, minimizando os efeitos dessa tragédia que se configurou na pandemia do Novo Coronavírus, atraindo o sujeito para aquilo que o mercado considera como normalidade, que é a prática do consumo.

## 6. Considerações Finais

O termo Novo Normal que inicialmente era utilizado em textos científicos e jornalísticos especializados em negócios e finanças, agora passou a ser de uso corrente na mídia em diferentes setores, por meio de diversos gêneros discursivos, porém a dimensão econômica associada ao conceito de origem do termo prevalece, ainda que recontextualizado para a pandemia do Novo Coronavírus.

A partir das análises dos 15 textos que compõem o corpus dessa pesquisa, pode-se perceber que, na cultura contemporânea, a mídia assume um papel importante na construção de formas simbólicas em contextos sociais estruturados que envolvem relações ideológicas, uma vez que ela é também um ator social forte e, em muitos casos, decisivo. Neste sentido, não há como não associar a ação pela consolidação da ideia de Novo Normal a uma luta, em sentido amplo, ideológica. Tal raciocínio parece fazer mais sentido, quando se percebe a rápida incorporação do sentido do Novo Normal, principalmente, na valorização das práticas econômicas em detrimento da vida humana. Para se informar e compreender a realidade, as pessoas recorrem à mídia, mas é importante considerar que esse discurso não é isento, ao contrário, é uma representação de um mundo particular e de seus interesses. Desta forma, considera-se importante que a mídia se abra para o embate do contraditório para se produzirem espaços de reflexão sobre as relações dos sujeitos sociais e as práticas de produção e consumo, no contexto da sociedade contemporânea.

## 7. Referências

ARAÚJO, U. P.; BERNARDINO, C. F. Profecia autorrealizável e o novo normal pós-coronavírus. *Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas*, [S. l.], v. 17, n. 30, p. p. 150-159, 2020. DOI: 10.22481/ccsa.v17i30.7140. Dispo-

nível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/ccsa/article/view/7140>.  
Acesso em: 24/03/2021.

BRASIL. Covid no Brasil. Brasília-DF: Ministério da Saúde, 2021 Disponível em: <[https://susanalitico.saude.gov.br/extensions/covid-19\\_html/covid-19\\_html.html](https://susanalitico.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html)> Acesso: 31/03/2021.

[BRASIL. Decreto-lei n. 5.452, de 1º de maio de 1943. Aprova a Consolidação das Leis do Trabalho. Diário Oficial \[dos\] Estados Unidos do Brasil: seção 1, Rio de Janeiro, DF, ano 82, n. 184, p. 11937-11984, 9 ago. 1943.](#)

FAIRCLOUGH, Norman. Analysing Discourse: Textual Analysis for Social Research. London: Routledge, 2003.

----- Discurso e Mudança Social. Trad. Izabel Magalhães. Brasília: UnB, 2001.

FAUSTO NETO, Antonio. Fragmentos de uma «analítica» da midiaticização. In: MATOS, Marcos Fábio Belo, GEHLEN, Marco Antonio. Comunicação, Jornalismo e Fronteiras Acadêmicas II. São Luís: EDUFMA, 2007.

GOMES, Pedro Gilberto. Dos meios à midiaticização: um conceito em evolução. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2017.

GRAMSCI, Antônio. Concepção Dialética da História. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1978.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. A Ideologia Alemã (I - Feuerbach). São Paulo, Hucitec, 1984 [1845].

MELO, José Marques de, ASSIS, Francisco de. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. Intercom – RBCC. São Paulo, v.39, n.1, p.39-56, jan./abr. 2016

NAVARRO-BARBOSA, Pedro Luís Navarro. Navegar foi preciso? O discurso do jornalismo impresso sobre os 500 anos do Brasil. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa), Araraquara: UNESP, 2004.

Paciência. Intérprete: Lenine. Compositores: Lenine e Dudu Falcão. In: Na Pressão. Intérprete: Lenine. Rio de Janeiro: Sony BMG: 1999. 1 CD (04:44 min)

[Painel do Coronavírus da OMS \(COVID-19\)](https://covid19.who.int/table). Disponível em: <<https://covid19.who.int/table>> Acesso: 29/04/2021.

Panorama Mobile Time/Opinion Box - Mensageria no Brasil. Disponível em: <<https://www.mobiletime.com.br/pesquisas>>. Acesso em 26/03/2021.

THOMPSON, Jonh. B. Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 9 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

TOP Sites in Brazil. Alexa, 2021 Disponível em: <<https://www.alexa.com/topsites/countries/BR>> Acesso: 31/03/2021.

WHO Director-General's opening remarks at the media briefing on COVID-19 – 11 March 2020. Disponível em <<https://www.who.int/dg/speeches/detail/who-director-general-s-opening-remarks-at-the-media-briefing-on-covid-19—11-march-2020>> Acesso: 29/04/2021.

WOLF, Mauro. Teorias da Comunicação. Lisboa: Editorial Presença, 1985.



YUNG, Roberto. O novo normal: o que é e como as empresas e governos estão lidando com isso? Engenharia 360. 11 de jun. 2020. 360 Explica. Disponível em <<https://engenharia360.com/o-novo-normal-o-que-e/>>Acesso em 27/03/2021.



# ***Pandemia, Imaginários e Sentidos***



# **O Maior São João Virtual do Mundo em Tempo de Pandemia**

Oswaldo Meira Trigueiro

## **Introdução**

Campina Grande fica a cerca de 130 km de João Pessoa, capital do Estado da Paraíba. É o segundo maior centro urbano, econômico e cultural do estado, com uma população estimada em 2020 de 411.807 mil habitantes (IBGE, 2020).

A sua posição geográfica privilegiada na região favorece o desenvolvimento com vocação de cidade cosmopolita. No início do século passado tornou-se um influente ponto de convergência dos negócios agropecuários (algodão, sisal, couro e gado) e do comércio varejista. A cidade cresceu em torno de uma das maiores feiras livres e de gado do Nordeste, as estradas cortam o seu território interligando o litoral ao sertão paraibano. Foi um ponto de encontro dos tropeiros, ciganos e comerciantes, importante entroncamento ferroviário e rodoviário.

Esses encontros de atores sociais externos, portadores das novidades dos grandes centros urbanos, desenvolveram a cidade com uma arquitetura moderna e importante polo econômico e cultural na Paraíba e na região Nordeste.

Em Campina Grande tradição e modernidade andam sempre juntos e ao longo dos tempos construíram a sua história e onde quase tudo que acontece é sempre com a tendência para ser grande. Portanto, não é um mero acaso a cidade ser a sede de uma das maiores festas tradicionais do calendário religioso e profano no mês de junho: O Maior São João do Mundo.

O Parque do Povo, é um polo de eventos, localizado no centro da cidade, que concentra grande número de pessoas no “Maior São João do Mundo”, evento institucionalizado pela administração municipal, nos anos 80 do século passado, com a duração de 30 dias com shows que têm a participação de artistas famosos, apresentações de grupos populares regionais, o festival de “Quadrilhas” Juninas e bailes populares.

Com uma área de 42,5mil m<sup>2</sup>, capacidade de público entre 70 e 100 mil pessoas, palcos com som e iluminação de última geração tecnológica, camarotes vips, restaurantes, barracas, quiosques para venda de comidas e bebidas, banheiros, posto médico, sistema de segurança com mais de 250 câmeras distribuídas em pontos estratégicos – BBB de Vigilância – monitorado pela Polícia Militar, civil e corpo de bombeiros.

Em 2019 passaram pelo Parque do Povo aproximadamente 1,8 milhões de pessoas, mais de 50 mil turistas brasileiros e estrangeiros visitaram a cidade no período da festa.

No mês de junho são injetados na economia da cidade cerca 300 milhões de reais, a ocupação nos hotéis e nas hospedarias alternativas aproxima-se dos 90%, no interior do parque tem cerca de 180 estabelecimentos comerciais que geram 3 mil empregos diretos e indiretos,

os negócios no setor horteleiro e gastronômico durante os 30 dias de festa chegam aos 30% do faturamento anual <https://www.jornaldaparaiba.com.br/economia/sao-joao-de-campina-grande-foi-aprovado-por-98-dos-turistas-em-2019-revela-pesquisa.html>.

“O Maior São João do Mundo” é um megaevento que movimentava diferentes cadeias produtivas na cidade de Campina Grande e circunvizinhas.

No centro do Parque do Povo um dos setores que chama muita atenção do público é a “Pirâmide” onde se apresentam os grupos tradicionais populares e se realiza o festival das Quadrilhas Juninas.

Portanto, relato aqui parcialmente as observações da festa virtual do “O Maior São João do Mundo”, como um acontecimento midiático, em escala planetária, que mesmo em época de pandemia, com o isolamento social aconteceu na cidade de Campina Grande em junho de 2020 e pela primeira vez em 30 anos com o Parque do Povo em silêncio e vazio. O objetivo foi analisar as consequências econômicas e culturais na cadeia produtiva das Quadrilhas Juninas filadas à Associação de Quadrilhas Juninas de Campina Grande (ASQUAJU) e o deslocamento da festa para os espaços digitais. Melhor dizendo: “O Maior São João Virtual do Mundo”.

## **Uma festa de conagração e de afetividade**

Os festejos juninos têm como uma das suas tradições a reunião das famílias, dos amigos que moram próximos e os que vem de lugares distantes para o reencontro nos dias de celebrações aos santos populares.

É uma festa de solidariedade e afetividade que muitas vezes reaproxima famílias e amigos que há muito tempo estavam afastados. É também nas festas que as famílias, os amigos e a comunidade têm um tempo de convivência para as interações mediadas, para solucionar

determinados conflitos, é um momento de trégua para as suas diferenças, até porque os festejos juninos no Nordeste são de conagraçamentos e acabam baixando uma espécie de “espírito natalino”. Como realizar uma festa popular tradicional que aglomera pessoas em época de recomendações para o isolamento social? É quase impossível e o impacto da pandemia inviabilizou a realização da festa, não só no Parque do Povo, em Campina Grande, mas em todas as cidades do Estado da Paraíba.

As festas populares tradicionais – sagradas e profanas – passaram e continuam passando por importantes ressignificações nos diferentes momentos da história da sociedade humana, num passado remoto com a instituição da quaresma e com as navegações dos grandes descobrimentos de novas terras. Com a chegada dos colonizadores no Brasil vieram com eles as tradições culturais e religiosas que em contato com os povos indígenas, depois com os africanos, contribuíram para a diversidade cultural brasileira. Não podemos esquecer as contribuições dos alemães, italianos, poloneses, japoneses, árabes, judeus e tantos outros povos que no final do século XIX e na primeira metade do século XX que imigraram para o Brasil, trouxeram também, suas religiões e suas festas.

Estou tratando das festas dos santos populares do ciclo junino – Santo Antônio, no dia 13, São João no dia 24 e São Pedro no dia 29 – no contexto das interações mediatizadas operadas por atores sociais como agentes intermediários ativistas culturais nas redes folkcomunicacionais nos diferentes setores da economia e da cultura nordestina e aqui especificamente do “Maior São João do Mundo” em tempo de pandemia.

São festas tradicionais que estão em processos de modernizações que se inserem nos interesses dos negócios de consumo da indústria do entretenimento, da mídia, do turismo e tantas outras instituições e organizações da exterioridade por serem polissêmicas, multicoloridas,



alegóricas e por reunirem grande números de pessoas de diferentes segmentos socioculturais e econômicos que viabilizam os negócios dos bens de consumo.

As festas juninas são cenários quase prontos para os interesses dos diversos setores do entretenimento como importantes acontecimentos midiáticos (DAYAN; KATZ, 1999). Portanto, são festas cíclicas com datas agendadas com início e final que se repetem anualmente e como tudo que se repete sempre traz algo novo, estão cada vez mais incorporando bens de consumo produzidos por instituições da exterioridade para atender os interesses de demanda da sociedade midiaticizada.

Os intermediários ativistas culturais das redes folkcomunicacionais operam estratégias de apropriação, incorporação e conversão desses bens de consumo culturais produzidos, por essas instituições e organizações da exterioridade nas negociações de uso e resignificação para o consumo dos bens culturais materiais e imateriais da modernidade. Ou seja, esses ativistas culturais, quase sempre são os operadores dos sistemas múltiplos de resistência, interpelação e de negociações com as forças hegemônicas detentoras dos poderes econômicos e políticos locais. No caso do "Maior São João do Mundo", um exemplo são as lideranças da ASQUAJU que operam como agentes intermediários ativistas culturais nas redes folkcomunicacionais nos processos de resignificação e modernização dos grupos de Quadrilhas Juninas.

## **A pesquisa empírica:** a observação da festa no campo do senso comum

Nos últimos anos venho desenvolvendo pesquisas empíricas com observações etnográficas em algumas cidades do Nordeste brasileiro e especialmente no estado da Paraíba com o objetivo de melhor compreender as resignificações das festas tradicionais vinculadas a da-

tas de celebrações aos santos do calendário religioso do catolicismo popular. Assim como a sociedade atual passa por importantes modificações em quase todos os aspectos de suas relações de sociabilidade provocadas pelos avanços das novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC), conseqüentemente, não poderiam ficar de fora dessas ressignificações as manifestações culturais tradicionais que são importantes bens culturais de um povo que vive em uma das mais carentes regiões socioeconômicas do país e ao mesmo tempo rica nas suas diversidades culturais.

Foram vários caminhos percorridos, em diferentes períodos, de chuvas e secas, o que modifica os momentos das observações de campo que possibilitaram as melhores aproximações possíveis da realidade vivida pelos portadores dos saberes populares, que são na verdade os detentores dos patrimônios tradicionais culturais do Nordeste brasileiro. São manifestações que passam por esses processos de hibridizações entre os campos de experiências tradicionais e os campos de experiências da modernidade (RODRIGUES, 1994). Ou seja, os movimentos de atualizações, entre esses campos culturais – tradições e modernização – estão em constantes conflitos, em constante tensão, porém, já não há mais espaços para o antagonismo entre culturas globais e locais no contexto da sociedade midiática, o que existe é a negociação entre esses dois campos culturais em constantes processos de invocação.

Nesses processos de atualização emergem, com maior frequência e com maior intensidade, os novos agentes intermediários culturais, que operam como ativistas midiáticos da rede folkcomunicacional, como negociadores entre os sistemas de exterioridades das instituições e organizações midiáticas (as diferentes mídias, os setores do turismo, as empresas de bebidas, dos entretenimentos etc.) e instituições e organizações da interioridade detentoras do patrimônio cultural tradicional que sempre realizaram os festejos tradicionais populares (igre-

ja, confraria, família, prefeitura, escola) e tantas outras (TRIGUEIRO, 2004a, 2008b, 2018c). Ao contrário do que apregoavam os pessimistas, que as festas populares tradicionais estavam correndo grande risco de desaparecimento com a globalização cultural, o que estamos assistindo é o surgimento de novas formas de organizações das festas entre as instituições e organizações das exterioridades e as instituições e organizações da interioridade, cujos objetivos são semelhantes, a manutenção do calendário festivo que envolve tradições e modernização.

Portanto, é nessa perspectiva que venho pesquisando as festas tradicionais populares – sagradas e profanas – na contemporaneidade e não se trata de um estudo específico de religiosidade, nem antropológico ou sociológico, poderia até ser, mas, trata-se de um estudo no campo da comunicação, especialmente para acompanhar as diferentes estratégias de interações entre os atores sociais da exterioridade e os atores sociais da interioridade nas negociações da produção de novos significados e de novos sentidos das festas para atender as demandas de consumo da sociedade midiática e ao mesmo tempo na manutenção de valores culturais das tradições religiosas e festivas locais.

Na atualidade é quase impossível realizar a pesquisa empírica sobre as manifestações culturais populares desconectadas, dissociadas das novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC), porque os mestres, os brincantes, produtores e realizadores dessas manifestações culturais estão, também, cada vez mais apropriando-se de dispositivos de acesso à Internet – Smartphone, Tablet, iPad, iPhone etc – via WhatsApp, Youtube, Blogs, Facebook, Canal de TV e de Rádio Web e tantas outras ferramentas que possibilitam a produção e veiculação dos seus conteúdos gravados e ao vivo nas redes sociais. Ou seja, já não são totalmente dependentes do apoio de instituições e organizações da exterioridade ou de profissionais autônomos contratados especificamente para registrar as suas festas, os seus eventos, as celebrações dos ritos de passagens tradicionais e tantos outros acontecimentos da

vida cotidiana. Na ambiência da festa os agentes intermediários ativistas culturais produzem, editam o documentário, veiculam os seus vídeos em redes digitais ou mesmo fazem transmissões ao vivo.

Para compreender as inserções dessas novas tecnologias para uso individual ou coletivo em comunidades de menor poder socioeconômico e, em determinadas localidades, nas periferias das grandes cidades ou de cidades menores é necessário observar os constantes movimentos da interioridade na produção e circulação de conteúdos mediados – redes de folkcomunicação – como também a movimentação da produção e circulação de conteúdos midiáticos da exterioridade – as grandes mídias e redes sociais – nos diferentes locais e lugares das realizações de festas. Portanto, acho quase impossível estudar as inserções das diferentes mídias – local e global – nessas comunidades sem uma maior aproximação com o seu espaço geográfico – localidade e lugar – aqui entendido como os espaços vividos intensamente e em constante processo de transformação (SANTOS, 1997a, 2001b). Agora estamos assistindo o surgimento de intensos processos de atualizações na vida cotidiana das comunidades portadoras desses bens culturais tradicionais com a inserção em qualidade e quantidade dos novos artefatos da TIC.

## **O cancelamento presencial do São João de 2020**

Com o impacto da pandemia do Covid-19 a programação dos festejos juninos de 2020 na cidade de Campina Grande na Paraíba, onde acontece uma das maiores festas populares do Brasil, foi cancelada para evitar aglomerações e seguir os protocolos recomendados pela comunidade científica. O prefeito da cidade, Romero Rodrigues (PDS), em entrevista coletiva no dia 16 do mês de março anunciou diversas medidas emergenciais para combater o avanço do Covid-19 suspendendo atividades culturais por 30 dias no Teatro Municipal, Centro Cultural e

Centro dos Idosos, mas mantendo a programação dos festejos juninos para o período de 5 de junho a 5 julho na expectativa que em alguns dias a situação da pandemia estaria controlada e os preparativos para da 37ª edição do “O Maior São João do Mundo” continuavam.

A prefeitura de Campina Grande anunciou por meio de um decreto as medidas emergenciais para enfrentamento do novo coronavírus, em uma entrevista coletiva na manhã desta segunda-feira (16). Entre as medidas está a suspensão por até 30 dias das atividades do Teatro Municipal, Centro Cultural e do Centro de Idosos. [...] Durante a coletiva, o prefeito Romero Rodrigues informou que a realização do São João de Campina Grande foi mantida. De acordo com o prefeito, ainda é cedo para o cancelamento do evento, que deve acontecer a partir do dia cinco de junho. A programação do São João de Campina Grande foi mantida. (<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/03/16/prefeitura-de-campina-grande-decreta-medidas-de-emergencia-contr-o-novo-coronavirus.ghtml>).

No decreto o prefeito determinou que os eventos com mais de 300 pessoas deveriam ser comunicados com 15 dias de antecedência à Secretária de Saúde do Município e apresentado um plano de contingência de saúde para evitar a transmissão do Covid-19.

A transmissão do vírus continuava avançando em toda a região nordestina e a preocupação das autoridades era a aproximação da realização dos festejos juninos no estado da Paraíba e em cidades como Campina Grande. As festas aos santos populares do mês de junho, uma das maiores tradições culturais do catolicismo popular no Nordeste, aglomeram grande número de pessoas e seria impossível controlar a circulação do Covid-19 nos locais das festas em espaços públicos e privados.

Em novo comunicado ainda no mês de março, o prefeito resolveu adiar a 37ª edição do Maior São João do Mundo de 5 de junho a 5 de julho como estava previsto e transferir para 9 de outubro a 8 de novembro. Portanto, pela primeira vez “O Maior São João do Mundo” em mais de 30 anos seria realizado fora de época. Como anuncia o título da matéria no **G1PB** em 23 de março:

**“São João 2020 de Campina Grande é adiado para outubro devido ao coronavírus:** evento está previsto para acontecer entre 9 de outubro e 8 de novembro deste ano.

O São João 2020 de Campina Grande foi adiado para evitar aglomeração de pessoas e prevenir possíveis novos casos de infecção por coronavírus. A decisão foi anunciada na noite desta segunda-feira (23) pelo prefeito da cidade, Romero Rodrigues. Com a medida, o evento está previsto para acontecer entre os dias 9 de outubro e 8 de novembro deste ano. (<https://g1.globo.com/pb/pa-raiba/sao-joao/2020/noticia/2020/03/23/sao-joao-2020-de-campina-grande-e-adiado-para-outubro-devido-ao-novo-coronavirus>).

O adiamento do “Maior São João do Mundo” para os meses de outubro e novembro seria uma das últimas tentativas de evitar o cancelamento da festa que poderia causar prejuízos nos setores econômicos direta e indiretamente envolvidos na realização do maior evento da cidade de Campina Grande, como também o desgaste político na administração municipal com aproximação das eleições municipais de 2021. O São João de 2020 foi o último organizado pelo prefeito Romero Rodrigues e o seu cancelamento, mesmo sendo por justa causa, poderia desgastar a sua imagem política e os prejuízos nas finanças do município. Mas o prefeito fez o seu sucessor e com mais de 70% de aprovação de sua gestão. Portanto, o cancelamento do “Maior São João

do Mundo" não motivou desgaste político e nem a popularidade do então prefeito de Campina Grande.

O coronavírus não deu trégua e o prefeito, no dia 31 de julho, não teve outra alternativa senão fazer novo comunicado que cancelava definitivamente os festejos juninos na cidade em 2020. A notícia já era esperada devido ao avanço do Covid-19. **O G1 PB** noticia o cancelamento com o seguinte título: **"São João 2020 de Campina Grande é cancelado devido a pandemia do coronavírus** – Evento estava previsto para acontecer de 9 de outubro a 8 de novembro deste ano. Apesar do cancelamento, a prefeitura antecipou as comemorações do Natal.

O São João 2020 de Campina Grande foi cancelado devido à pandemia do novo coronavírus. A decisão foi anunciada na manhã desta sexta-feira (31) pelo prefeito da cidade, Romero Rodrigues (PSD). O evento conhecido como "O Maior São João do Mundo" havia sido adiado para acontecer entre os dias 9 de outubro e 8 de novembro deste ano. Apesar do cancelamento, a prefeitura antecipou as comemorações do Natal na cidade. Essa seria a 37ª edição da festa junina e é a primeira vez que o evento não acontece. Em 2020, a festa contaria com shows de artistas da música sertaneja, forró e apresentações religiosas.

Os shows privados, que seriam realizados durante o período junino na cidade, também foram cancelados. Em nota oficial divulgada nas redes sociais, a organização do Spazzio e Vila Forró informaram o cancelamento do São João Premium 2020. Algumas das festas privadas canceladas tiveram versões on-line. (<https://g1.globo.com/pb/paraiba/sao-joao/2020/noticia/2020/07/31/sao-joao-2020-de-campina-grande-e-cancelado-devido-a-pandemia-do-coronavirus.ghtml>).

Estava definitivamente cancelado o evento de 30 dias de festas no Parque do Povo onde acontecem os espetáculos com artistas famosos, celebridades midiáticas, o festival de Quadrilhas Juninas, apresentações de grupos folclóricos e aglomeração de grandes públicos estava proibida na cidade. O prefeito na tentativa de minimizar a frustração com o fim do São João em 2020 antecipa a programação do "Natal Iluminado" para ter início no dia 11 de outubro quando a cidade comemora os 156 anos de sua emancipação política. O projeto é uma iniciativa recente da municipalidade com o objetivo de atrair turistas durante as festas do ciclo natalino e movimentar a economia como uma estratégia compensadora, em parte, com o cancelamento dos festejos juninos.

## **O impacto da pandemia na cadeia produtiva das Quadrilhas Juninas**

Com o surgimento dos festivais competitivos de Quadrilhas Juninas nos anos de 1990 tem início um processo mais acelerado de modernização desses grupos de danças típicas das festas em homenagem aos santos populares e migram das apresentações familiares, escolares e nas comunidades para apresentações em palcos e outros espaços com apresentações para o grande público. Os organizadores perceberam que não poderiam mais continuar brincando com quadrilheiros e quadrilheiras fazendo representações estereóticas de gente "Matuta" de gente "Jeca Tatu" na figuração de homens e mulheres da roça que, descuidados, faziam suas festas com calças remendadas, chapéus de palhas, cachimbos, barba e bigode pintados com tinta preta e com vestidos longos de chita e tranças compridas.

Nesses processos de modernização e competição nos festivais as Quadrilhas Juninas ganharam brilhos com adereços e novas composições de formas estéticas que exigiram a participação de mão de obra



especializada de voluntários e profissionais na elaboração das indumentárias e alegorias.

Em entrevista Márcio Marques<sup>1</sup>, atual presidente da Associação de Quadrilhas Juninas de Campina Grande – ASQUAJU disse:

Vêja só a questão de estilização de Quadrilha ela se deu num processo natural de evolução mesmo dos grupos, os grupos sentiam a necessidade de evoluir, de trazer algo a mais, que pudesse não só receber mais atenção do próprio público, da população em geral como também dos próprios participantes. Porque a gente sentiu que os participantes já estavam um pouco desmotivados e já estavam um pouco cabisbaixos pra participar de um espetáculo que se repetia constantemente, esse espetáculo ele só era o tradicional, que a gente chama, sempre com o mesmo molde, o mesmo formato, sempre com as mesmas músicas com o mesmo ritmo, os figurinos sempre os mesmos também, os espetáculos não tinham diferença de uma pra outra, tanto fazia você assistir a quadrilha A como B como C , todas eram iguais então a partir daí as Quadrilhas mesmo se sentiram na obrigação de modernizar, de modernizar a coisa, que pudesse trazer algo mais que pudesse impactar, que pudesse chamar a atenção do público e do próprio brincante, do próprio participante pra que ele se incentivasse a participar (MARQUES, 2021).

---

1 Márcio Marques, presidente da Associação de Quadrilhas Juninas de Campina Grande, em entrevista concedida, por WhatsApp, em novembro de 2020 e junho de 2021.

Márcio Marques, continua:

Então aí foi criado as temáticas das Quadrilhas, cada uma trazendo um tema, foi criado aí a estrutura de apresentação de Quadrilha com fumaça, com bombas, com cenografia, até com alegorias também. Aí o espetáculo ganhou outra forma, outra dimensão, outra produção bem maiores, bem mais interessante de se assistir e é justamente por isso que a própria Rede Globo Nordeste, ao contrário, a Rede Globo não influenciou isso, a Rede Globo foi também influenciada por conta disso. Se a gente tivesse naqueles moldes da Quadrilha Matuta, Quadrilha tradicional a Rede Globo jamais teria esse incentivo, esse interesse de transmitir aquilo ali, sabe. E aí quando ela viu a grandeza dos espetáculos, a modernidade dos espetáculos, a diversidade de dança num espetáculo que só você coloca 3, 4, 5 ritmos diferentes pra se dançar, às vezes dois figurinos diferentes pra se dançar no mesmo espetáculo com iluminação, com fogos in dor, com fumaça, com papel picado, todos os efeitos que a Quadrilha traz, então isso influenciou todo mundo, dançarino, o público em geral e a própria emissora também fazer, a criar seu evento a nível do nordeste (MARQUES, 2021).

Nas minhas observações no campo empírico no Maior São João do Mundo e com um olhar etnográfico as atenções estiveram quase sempre voltadas para as apresentações das quadrilhas, que se exibiam nos festivais para os jurados que escolhiam o grupo campeão. A pesquisa presencial nos enche de motivação assistindo próximo das movimentações dos seus brincantes – quadrilheiros e quadrilheiras – a preocupação do pessoal de apoio, dos familiares e das torcidas organizadas. Na concentração a ansiedade aumenta quando se aproxima a hora da exibição do grupo, uns soltam gritos de guerra, outros pedem prote-

ção ao seu santo de devoção, repassam a coreografia e tudo sob os olhares dos familiares, amigos e torcedores. São jovens entre 14 e 25 anos, a maioria moradores dos bairros da periferia de Campina Grande que, com muito sacrifício e contra todas as adversidades, organizam os grupos, assim como afirmou Márcio Marques na sua entrevista jun. 2021: "A maioria estudantes, da periferia, classe humilde mesmo, muitos desses jovens, até se livrando de drogas, tráfico, entre outros, por isso nós reconhecemos também como trabalho social".

Cada quadrilha tem o seu enredo, as suas alegorias e coreografias. Mas por que chamar de festival de quadrilha estilizada? É por que foge ao estilo considerado tradicional? Por que os seus figurinos e adereços não representam o matuto flagelado, ou o sertanejo típico Jeca Tatu? Portanto, as Quadrilhas Juninas, estão cada vez mais entrando no mundo da modernidade, conseqüentemente são maiores as responsabilidades financeiras e na organização do espetáculo. Em algumas delas como os grupos filiados à ASQUAJU são organizações jurídicas com CNPJ e nem por isso deixam de exibir as suas tradições culturais como o casamento, os enredos estão quase sempre narrando a vida do nordestino, as suas tradições e suas modernizações.

A ASQUAJU tem 24 grupos de "Quadrilhas Juninas" associadas sendo 12 na cidade de Campina Grande e 12 em cidades do Agreste paraibano. Na produção de cada grupo estão envolvidos voluntários e profissionais contratados para o planejamento de suas atividades assim como: cenógrafos, coreógrafos, maquiadores, costureiras, cabeleireiros, dançarinos, sapateiros, músicos, coordenadores de enredo temático, empresas de transportes e tantas outras atividades envolvidas direta e indiretamente na produção de cada grupo. Portanto, cada grupo de "Quadrilha Junina" gasta em média 60 a 100 mil reais na sua estrutura com 40 pares de dançarinos. Ou seja, são cerca de 150 pessoas envolvidas diretamente na estrutura de cada quadrilha.

O adiamento dos festejos afetou toda a cadeia produtiva dos grupos de Quadrilhas Juninas e principalmente os grupos filiados à ASQUAJU que tem uma organização de trabalhos desenvolvidos já no início do ano, realizam atividades para arrecadar dinheiro e para que tudo aconteça de acordo com o planejado é necessário fazer encomendas dos adereços, contratos com os profissionais nas funções essenciais, contatos com os voluntários, com os quadrilheiros e quadrilheiras e tudo isso envolve compromissos financeiros e pessoais:

Veja só, a gente já estava se preparando para o São João no mês de junho né, e aí muita quadrilha já tinha comprado, porque é assim as quadrilhas iniciam o seu trabalho bem antes, em fevereiro (2020) mais ou menos a quadrilha já está ativa, fazendo o seu figurino piloto, que é o primeiro figurino que serve de amostra pros demais, é, repertório musical, pesquisando temáticas, pra votação, pra definição daquele ano, enfim já uma estrutura nos bastidores pra isso.

Então, tava todo mundo se preparando pra isso. Há um gasto, há um custo pra se isso também, mas aí foi recebido a informação que durante o São João a gente não ia ter, não ir ter público, não ia ter São João. E, aí, esse trabalho ficou todo parado e aí pareceu realmente essa informação que poderia ser em outubro. O São João poderia ser transferido pra outubro e a gente ficou nessa expectativa se houvesse condições de ser feito em outubro MARQUES, 2021.

Em junho o calendário para a realização do Maior São João do Mundo ainda estava mantido para a festa acontecer de 9 de outubro a 8 de novembro, mas havia incerteza e desmotivação com o avanço da pandemia na região e a falta de informações pela administração municipal.

Então, chega a um determinado momento que a gente precisa de tempo pra se preparar, leva tempo, uma costura de 40 vestidos, 40 calças, 40 blusas, 40 pares de sapatos masculino, 40 pares de sapatos femininos, isso leva tempo pra ser feito. Então, chegou um determinado momento, no finalzinho de julho, mais ou menos, que a gente já tinha desistido, mesmo que a prefeitura fosse fazer **(em outubro)**, as quadrilhas não iam participar porque a gente não teria tempo hábil, a gente não recebeu nenhuma informação da prefeitura, nenhuma perspectiva nada, então a gente desistiu mesmo antes que a prefeitura no ano passado (MARQUES, 2021).

Em julho, com o isolamento social determinado pelos protocolos sanitários da pandemia, as recomendações da comunidade científica e os decretos baixados pelas autoridades, estava definitivamente cancelada a festa "O Maior São João do Mundo" e as demais celebrações juninas programadas com a presença de grande público no Parque do Povo. As festas familiares e das comunidades deslocaram-se dos bairros, das ruas, das praças, dos clubes, das casas de shows, dos demais espaços geográficos – públicos e privados - e passaram a ocupar os espaços virtuais das redes sociais, dos canais de televisão aberta e por assinatura e a televisões e rádios web.

O São João de 2020 é reinventado nas redes sociais e os agentes intermediários ativistas culturais midiáticos das redes folkcomunicacionais produziram os seus conteúdos e os veicularam nas suas lives. A produção e circulação desses conteúdos nas redes sociais e na grande mídia, não são tão recentes assim, porque mesmo antes da pandemia as festas populares já eram transmitidas pelas televisões e redes digitais. Em 2020 o que se modificou com o impacto do Covid-19 foi a ausência de pessoas nas interações das redes de sociabilidades nos diferentes locais e lugares das festas.

Com relação às lives, estamos nos preparando pra participar apenas nessas lives agora do São João que vai haver (2021). Mas vai ser também através de live, através de filmagem, nós não vamos filmar na live onde vai acontecer realmente a live que será no Sítio São João (**uma cidade cenográfica fora do Parque do Povo**). Então a gente vai filmar separadamente cada Quadrilha e eles vão ficar exibindo esses melhores momentos dessa nossa filmagem. Então as Quadrilhas vão dançar separadas pra depois ser editado esse material e exibido durante as lives do São João. As Quadrilhas vão receber um cachê pra isso, pra que participe dessas lives, esse cachê está sendo fornecido pelo patrocinador das lives., que hoje é a Caixa Econômica Federal (MARQUES, 2021).

O grupo vinculado à ASQUAJU, liderado pelo seu presidente, realizou os shows nas redes sociais em formato de live operando estratégias de jornalismo de atualidade com produção e edição de imagens gravadas recentemente e outras de arquivos para narrar o antes e o agora (2020) das festas em tempo de pandemia.

A live produzida pela ASQUAJU para a escolha da rainha das Quadrilhas Juninas 2020 é uma demonstração da capacidade de reinvenção e da apropriação das redes digitais por determinados setores das camadas populares e isso ficou evidente em tempos de pandemia (<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/06/28/festival-virtual-vai-eleger-rainha-de-quadrilhas-juninas-em-campina-grande.ghtml>). No portal do jornalista Fábio Cardoso "Turismo, Negócios & Cultura", com matéria sobre a escolha da rainha de 2020 do Maior São João do Mundo com o título: **Natielly Sousa, da quadrilha junina Flor de Lampião, é a nova majestade do Maior São João do Mundo**.

No apagar das luzes do São João 2020, a Associação de Quadrilhas Juninas de Campina Grande e Região Agreste realizou o concurso live para a

escolha da Rainha do Maior São João do Mundo. “O São João não podia ficar sem o brilho e a beleza das Quadrilhas Juninas”, afirmou Lima Filho, diretor da entidade. O evento foi realizado na noite deste sábado (06), na Vila Sítio São João. Cada Rainha candidata tinha até três minutos para realizar sua coreografia. Nove rainhas participaram do evento e, no resultado final, os jurados escolheram: a campeã Natielly Sousa, da junina Flor de Lampião; a vice-campeã, Rilavia Sousa, da Moleka Sem Vergonha. A terceira colocada foi Ana Souza, da junina Arraial em Paris (<http://turismoemfoco.com.br/v1/2020/07/05/natielly-sousa-da-quadri-lha-junina-flor-de-lampiao-e-a-nova-majestade-do-maior-sao-joao-do-mundo/>)

O vídeo promocional para a chamada de abertura do Maior São João do Mundo na sua edição virtual 2020 emociona é visualizado por mais de 30 mil pessoas e disponível no Youtube (<https://www.youtube.com/watch?v=rHO1Gin6uzc>). Os promotores do Maior São João Virtual do Mundo usam a estratégia do jornalismo de atualidade resgatando imagens das grandes festas de anos anteriores e imagens atuais com o espaço vazio e silencioso do Parque do Povo.

O importante no jornalismo é o fato do dia é o fato do ocorrido no presente, até porque o passado pertence à história e o que interessa no jornalismo é a vida cotidiana. Mas, uma data histórica tradicional popular como é a festa de São João, que está presente no coletivo de um povo e de uma região, o que aconteceu no passado histórico refloresce como retrospectiva e revive uma festa do passado para atualizar a festa do presente. Ou seja, o antes e durante a pandemia, mesmo com a ausência de pessoas e de grande público, a festa foi um acontecimento midiático com o passado, o presente e as expectativas para um futuro incerto agendado pela pandemia. Como afirma Luiz Beltrão (2006, p. 30-31): “O que é efêmero passageiro, que se dissipa de um dia para o outro no jornalismo é a forma, a exterioridade; o conteúdo, entretanto

pode permanecer, contribuindo insensível mas persistentemente para a formação da opinião pública e da consciência coletiva”

As restrições para a realização de eventos presenciais na pandemia emergem, com maior intensidade, as interações mediadas pelos agentes intermediários ativistas culturais das redes folkcomunicacionais na produção e edição dos vídeos com imagens imbricadas de arquivos da festa de São João e gravações dos momentos atuais. Portanto, é uma estratégia comunicacional operada pelos agentes intermediários em tempo de pandemia para “fazer a festa” trazendo a emoção, a afetividade, o conagraçamento, a saudade e alegria das festas juninas para o interior do espaço virtual. Ou seja, fazer o ‘São João é em Casa’ ou “Vamos afastar o sofá da sala e cair no forró”.

O impacto maior da pandemia foi no mês de março de 2020 que afetou todos os setores da sociedade na saúde, na economia, na educação e nas festas juninas tão esperadas no mês de junho no Nordeste brasileiro. Como consequência da chegada do Covid-19 nas periferias das cidades a situação foi ficando dramática cheia de incertezas do que poderia acontecer com as pessoas que moram em bairros onde são mais frágeis as estruturas sanitárias, econômicas e culturais.

A festa de São João é também um evento de bairros e as Quadrilhas Juninas são, na sua maioria, constituídas por jovens que vivem as experiências dos excluídos, dos marginalizados pela sociedade. Primeiro foi a incerteza da realização da festa e depois o deslocamento da festa para os espaços digitais e as coisas foram acontecendo através de lives festivas e de solidariedade. Também pudemos observar que em época de crise – na pandemia – as redes de solidariedade nas comunidades de bairros intensificaram e mais uma vez a importância dos agentes intermediários ativistas culturais nas redes folkcomunicacionais operam suas estratégias de interações mediadas nas campanhas de divulgação para evitar a contaminação do Covid-19 e principalmente durante e depois da festa de São João.



Portanto, observar os festejos juninos nas redes digitais foi uma experiência fascinante que possibilitou compreender o deslocamento de uma festa de conagração e de afetividade tipicamente presencial para uma festa de interações midiáticas por centenas e até milhares de pessoas através do chat na live agendada para determinado dia e hora.

## Referencias

BELTRÃO, Luiz. **Teoria e prática do jornalismo**. Adamantina: FAI/Cátedra Unesco Metodista de Comunicação para o Desenvolvimento Regional/Edições Omnia, 2006.

DAYAN, Daniel; KATZ, Elihu. **A história em direto**: os acontecimentos mediáticos na televisão. Coimbra/Portugal: Minerva, 1999.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Comunicação e cultura**: a experiência cultural na era da informação. Lisboa/Portugal: Presença, 1994.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1997.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2001.

TIRGUEIRO, Osvaldo Meira Trigueiro. **Quando a televisão vira outra coisa**: as estratégias de apropriação das redes de comunicação cotidianas em José de Espinhas/PB. Tese (Doutorado em Ciência da Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo/RS, 2004.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. Do rural ao urbano, o papel da televisão no São João de Campina Grande/Paraíba/Brasil, UFPB. Disponível em:

<http://www.bocc.uff.br/pag/trigueiro-osvaldorural-urbano.pdf>. Acesso em: 14 jun.2021.

TRIGUEIRO, O. M. Os agentes intermediários culturais e os processos de atualização na folkcomunicação, **RIF** – Revista Internacional de Folkcomunicação, Ponta Grossa, v. 16, n. 37, p. 84-100, jul./dez. 2018.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. **Folkcomunicação e ativismo midiático**. João Pessoa/PB: Editora Universitária da UFPB, 2008.

TRIGUEIRO, Osvaldo. A Transformação das quadrilhas juninas e a Folkcomunicação. Rede Folkcom. Disponível em: <<http://www.rede-folkcom.org>>. Acesso em: 14 jun. 2021.

# Morte e imaginário na pandemia da covid-19

Gustavo Said  
Camila Calado

## 1 Notas introdutórias e contextuais

Grosso modo considerada pauta de mais uma inflexão na história da humanidade, a pandemia do Sars-CoV-2 – assim declarada pela Organização Mundial de Saúde em março de 2020 – encetou uma crise generalizada, de variadas proporções e diferentes matizes, alertando para problemas que já compunham a agenda política de parte da sociedade civil, de diferentes instâncias governamentais e de órgãos supranacionais. Muitos dos primeiros ensaios e análises (cf. AMADEO, 2020) sobre o assunto apostavam, inclusive, na possibilidade de instauração de novos cenários políticos e econômicos, na criação de uma nova ordem mundial, em contraponto à globalização neoliberal e ao comunismo de mercado, os quais, segundo alguns autores, na sua sãha desenvolvimentista, têm provocado o esgarçamento das relações

entre os homens e entre estes e o meio ambiente e, por desdobramento, o surgimento de epidemias desse porte.

Não obstante a reflexão anterior, e a despeito das diferenças regionais e nacionais, o cenário que se formou a partir de fins de 2019 revelava uma aguda e desconcertante incerteza, com sinais inequívocos de que a crise era também de ordem simbólico-imaginária, expondo, por exemplo, as limitações das matrizes epistemológicas moderno-ocidentais para compreender a gênese e a dinâmica do surto viral e, mais ainda, para avaliar prospectivamente o cenário que descortinava um horizonte de iminentes ameaças e perigos. Na dimensão do imaginário, por seu turno, as diversas visadas sobre o problema revelavam a dificuldade de compreensão do que havia acontecido e a ansiedade do que estava por vir.

A lacuna compreensiva provocou uma hiperinflação da experiência imaginativa, reagrupando diferentes cadeias imagéticas e distintas constelações de sentidos na tentativa de tamponar o vazio semântico deixado pelo real pandêmico. Pura expressão da negatividade, já que a produção de imagens é uma atividade desejante induzida pela própria falta do objeto imaginado, como se fosse possível, por esse processo que traduz a economia da pulsão escópica, nutrir a presença daquilo que não conhece a imagem, mas que é garantido fantasiosamente por ela, ou seja, a ilusão de que a imagem preenche a ausência – ou unifica a diversidade – de sentidos. Se o real pandêmico excedia a compreensão, esperava-se que o imaginário subsumisse a mesma: de um lado, foram evocadas imagens ligadas aos mitos, saberes e sistemas cognitivos arcaicos e ancestrais, alguns de origem ameríndia, mas quase todos apontando para uma relação mais simétrica entre os seres vivos e dispensando a corrente separação entre cultura e natureza; do outro, cristalizado nas lógicas dos manuais científicos, proliferava um tipo de produção imaginária baseada nos fundamentos de uma ordem social regida pelos imperativos da produção e distribuição de riquezas,

pelo cálculo estatístico e pelas políticas de controle e adaptação dos sujeitos a um modelo normativo de cunho econômico. Num ou noutro caso, sinalizando para catastróficos e distópicos futuros, a situação corrente dava mostras de que o passado tinha algo a ser lembrado. O lema era pensar o novo normal, por certo, como mais uma antecipação ou projeção: normalizar o que está por vir, projetar aquilo que só se presentifica, pelo menos até ali, no pensamento imaginativo que, inevitavelmente, retraduz o passado, recuperando as temporalidades do imaginário e destacando seu aspecto explicativo sob os auspícios da sua dimensão política.

A análise da produção e circulação de imagens durante a pandemia produz correlações claras com o cenário político que, no longo prazo, vem se formando, especialmente no Brasil. No que se refere à letalidade da infecção viral e às formas de tratamento e prevenção da doença, por exemplo, sucederam às demandas sociais explicações tardias e pouco convincentes conferidas pelos agentes públicos. A ciência, de modo geral, não conseguiu acompanhar a pressa e a ansiedade que, a rigor, perfazem a dinâmica de redes de produção e circulação de dados, informações e notícias. Desvalorizados por uma ação política deliberada e insidiosa, enfraquecidos pelo desmonte do sistema público de financiamento de atividades de pesquisa, acossados por uma visibilidade midiática muitas vezes pautada em desconfianças, negacionismos e suspeitas conspiratórias, os cientistas viram suas práticas colocadas sob escrutínio. Some-se a isso, em alguns contextos, o descompasso das políticas públicas de contenção da epidemia e as campanhas para adoção de remédios de eficácia não comprovada e de um discutível protocolo medicamentoso para tratamento precoce da infecção viral. Se a ciência, sob o crivo da urgência, não era o único caminho a ser trilhado para a compreensão da crise, tampouco o poder público se mostrava capaz de apaziguar os ânimos sociais e liderar os esforços redutores do lastro negativo da virose. No Brasil, por conseguinte à controversa condução estratégica dos programas e

das ações de controle dos efeitos da epidemia, se instalou um clima de incerteza, insegurança e abandono que, somado ao declínio das funções simbólico-imaginárias, clamava por uma verdade – na forma de ideia, imagem, ação etc. – que garantisse o reestabelecimento de uma suposta normalidade. Nessa atitude valorativa que concerne ao imaginário, ao se projetar no futuro um retorno ao estado anterior, sem dúvida, está-se diante de uma utopia regressiva, de um tempo pretérito tornado perfeito, de uma apologia de temporalidades lineares e progressivas, com seu curso invertido, vistas em retrospectiva. Nunca se desejou tanto um retorno à anterior normalidade (como se o passado, sem qualquer relação com o presente, fosse quimérico e idílico e se repetisse ad eternum ou como se tudo o que fora feito até agora tivesse que dar lugar a uma nova era).

Doravante, nesse lastro de desejos, angústias, incompreensões e buscas, foram recuperados projetos e sonhos engavetados, utopias não realizadas, crenças religiosas e anímicas, e mais ainda rivalidades, medos, preconceitos, estereótipos e ódios adormecidos, quase sempre revelados numa sintomática atividade de produção e circulação de imagens, seja por meios técnicos ou não. Organizadas institucionalmente e reverberando aos poucos no imaginário, as ações políticas de produção e controle de imagens se voltaram à minimização da gravidade da infecção viral e a uma tentativa de adesão e de culto a imagens pessoais de aspecto mítico e de apelo heroico: circularidade e linearidade compunham, dessa forma, a dinâmica temporal do imaginário.

Tome-se como exemplo as primeiras demonstrações, desde teorias conspiratórias até discursos institucionais, do já conhecido sentimento imperialista de sinofobia – seja quando se desqualificavam os hábitos alimentares dos chineses (como as imagens de morcegos grotescamente manipuladas), seja quando o argumento se voltava ao suposto interesse geopolítico do Governo da China em espriar globalmente o vírus. Num caso ou noutro, estava em curso uma solução

identificatória, uma idealização baseada em antagonismos, portanto, uma aposta de ordem imaginária para encontrar um culpado ou inimigo a ser criticado ou combatido e, como contraponto, um grupo de filiação ao qual se podia fazer coro. Enfim, imagens que, ao mesmo tempo em que são pautadas por uma relação idealizante, fundam o laço social e estabelecem parâmetros para a compreensão do mundo. Um imaginário que se dirige, pulsionalmente, a um outro, a um objeto de errância, porque ilusório e perdido: “é sempre em volta da sombra errante do seu próprio eu que se estruturarão todos os objetos do seu mundo” (LACAN, 1982, p.198). Isso explica, segundo Safatle (2020), o aspecto narcísico do imaginário. E, acrescentando-se, revela a sua dinâmica pulsional: na falta do objeto – ou de sua aparência, ou de sua representação, ou de sua significação – é à imaginação que se recorre.

Arrolados numa dinâmica obsessiva de matriz narcísica e nos percursos idealizantes e identificatórios que perfazem o registro do imaginário, aos sujeitos sobravam poucas alternativas de superação do quadro catastrófico, algumas das quais baseadas na crítica aos contextos, marcos, acontecimentos e personagens históricos que, por suposto, desviaram a humanidade de seu ‘sólido’ projeto civilizatório – isto as imagens deixavam claro: para alguns, o comunismo, para outros, o capitalismo global; de um lado, as religiões monoteístas, do outro, crenças pagãs; ora a ciência, ora saberes ancestrais; no geral, uma política de identificação: eu versus o outro, nós contra eles. Em tudo, a ideia de que o presente teria sido melhor se mantivesse o seu curso ou retrocedesse.

A premissa que orienta esse texto é a de que a produção acelerada de imaginários sobre a pandemia é resultado de um processo de falência dos mecanismos de explicação da crise, que pode ser compreendida como um acontecimento que provoca um furo nos padrões de inteligibilidade, uma perda de referenciais, um trauma, na medida em que não pode ser representado, pelo menos naquele instante. Significa

que a produção de imagens pode se intensificar nos momentos de hiato simbólico-imaginário, de lacuna epistêmica, sobretudo, porque a dimensão irrepresentável do real revela as fissuras das redes de sentido que tentam apanhá-lo, contorná-lo e garantir fruição lógica ao tempo – em quaisquer direções – e estabilidade identitária aos sujeitos, num momento em que se deparam com o perigo do contágio e a iminência da morte.

É válida para esse caso a explicação de Freud (1980), ao tratar o segundo tempo do acontecimento traumático (o primeiro é o do acontecimento em si, sendo o segundo o da sua rememoração) como derivativo desse impasse simbólico ligado ao momento em que algo acontece, ou seja, é a falta de explicação ou representação para esse acontecimento, que, somente apanhado numa etapa posterior, de rememoração, produz retroativamente o trauma. Nesse sentido, o acontecimento traumático (o do segundo tempo) é acionado para preencher as lacunas interpretativas dos sistemas de significação (do primeiro tempo), que não foram capazes de provê-lo de uma representação coerente para o sujeito naquele momento. Ou seja: não há um tempo lógico e sucessivo a reger a relação entre os domínios do imaginário, do simbólico e do real. Significa que o imaginário tanto pode anteceder quanto suceder o simbólico, vis-a-vis com o real. Nos casos traumáticos, antes mesmo do imaginário ser acionado, já havia um registro ou acionamento falto da agência simbólica, que não se fez presente para nomear o real. Ao permanecer na memória sem que tenha sido semantizado, o acontecimento retornará em algum momento. A grande questão é que o modo de rememoração do acontecimento sempre esbarra na – e recupera a – dinâmica do imaginário: rememorar é imaginar; e o imaginário é da ordem das idealizações e identificações, da segurança ilusória provinda do narcisismo estrutural, das projeções de futuro.

Esse texto tem como propósito refletir sobre a produção de imaginários no Brasil no primeiro ano de pandemia. Para tanto, faz refe-



rência a dois aspectos ou conjuntos de imagens que resultam de uma análise exploratória de nível empírico: (a) imagens do e sobre o vírus; e (b) imagens da morte. Recobrando as categorias, nesse trânsito de temporalidades, ecoa uma única imagem: morte e imaginário – ou imaginário da morte.

## **2 Morte e imaginário, imaginário da morte**

Para pensar a relação entre imaginário e morte na pandemia da covid-19, tome-se como exemplo uma frase de um garoto de seis anos de família de classe média-alta de Teresina-PI. Logo no início do isolamento social, a criança disse: “Mãe, por que papai não dá um tiro e mata logo esse vírus?” Observa-se uma triangulação que conspira para um processo de identificação no qual estão imbricados o garoto, a mãe e o pai e todos os complexos emanados dessa relação. Nessa produção imaginária, tem-se de início o desejo claro da morte do vírus e, de forma sub-reptícia, uma alusão à possibilidade de controle desse desejo. As categorias de análise (imagens do e sobre o vírus e imagens da morte) se entrecruzam em torno de um sentimento de expectativa ou espera temporal que se baseia na ideia de que é preciso acabar com o vírus antes que ele acabe com todos, a qual contempla três temáticas imaginárias: o vírus, a morte e o aparato de extermínio de seres humanos e não humanos. Fica clara a articulação entre imaginário e pulsão de morte, a partir de duas vertentes inseparáveis: o sujeito, ao canalizar a libido para o objeto (pulsão de vida), assume ao mesmo tempo aspectos agressivos para com esse objeto (pulsão de morte), uma vez que, na sua gênese dual, de uma relação com a alteridade matizada pelas imagens de si e do outro, o imaginário tanto produz identificações quanto rivalidades.

Neste sentido, a ambiguidade do imaginário se articula à dualidade pulsional, pois a pulsão de morte é inerente à pulsão de vida. Júlio

César de Castro (2012) comenta que o imaginário tenta canalizar os efeitos desagregadores da pulsão de morte, mas não é impermeável a esses efeitos. Sendo assim, o imaginário pode dar vazão à cultura da pulsão de morte: "Orientando a agressividade para o outro, instilando fantasias paranóicas, o funcionamento em massa faz os indivíduos demitirem-se de seus próprios interesses e desejos em troca de acolhimento contra o desamparo, que é um estado psíquico decisivo para convocar a pulsão de morte ou para defletir-la" (DUNKER, 2021). A pulsão de morte, complementa, não deve ser compreendida como maldade; ela se tornaria perigosa apenas quando amplamente separada das pulsões de vida.

Ainda que pinçado de um estado prematuro do sujeito em comentário, o exemplo, não por acaso situado no contexto inicial da pandemia, é ilustrativo tanto das moções pulsionais que dominam os sujeitos envolvidos como também dos vetores que compõem o Complexo de Édipo, com suas idealizações e identificações e seus afetos ambíguos. Pode-se depreender que o desejo da criança é que a mãe diga que ele mesmo, garoto, pode matar o vírus com um tiro, prescindindo, portanto, da solicitação junto ao pai, ao qual ele teme, odeia e admira. Nesse contexto dialógico, se inscreve uma relação, uma trama complexa da criança com a alteridade – pai, mãe e vírus, este último tomado como uma alteridade radical, dentre tantas outras, para a qual vão se dirigir, pelo menos nesse primeiro momento da pandemia, os impulsos agressivos do imaginário.

## **2.1. Imagens do e sobre o vírus – alteridade radical**

Ao longo de um ano da pandemia, o coronavírus (imagine-se um vírus coroad!) se transmutou constantemente, assumindo variadas associações imagéticas, talvez em função do fato de que se trata de um

ente invisível a olhos nus, limítrofe, que representa um problema metafísico ainda não resolvido (GABRIEL, 2020), com estatuto indefinível (ser vivo? Não-ser?). É uma alteridade radical, que não possui desejo, a incógnita constitutiva de uma relação demandante. Essa reflexão é importante, porque, imperceptível a olhos nus e trafegando entre o limiar da vida e da morte, a imagem do vírus equivale a uma falta: um vírus é um ser faltante, a quem faltam limites claros entre viver e morrer. Como a morte, que não possui imagem porque, baseando-se na plenitude da falta, é pura negatividade, o vírus se prolifera na atividade imaginativa. Interessante paradoxo da vida: ao causar a morte do hospedeiro, o vírus também morre. Sendo a morte alteridade absoluta e negatividade plena, não é difícil perceber a associação entre as distintas imagens do vírus e a inefável imagem da morte, disso derivando a pulsão escópica do sujeito, o desejo de visualização desse ente tão difícil de imaginar e simbolizar: produzir uma imagem do vírus é como produzir a imagem da morte – delírio da pulsão escópica, retorno à origem, ao inanimado, o vírus encerra o circuito pulsional igualando morte e vida.

No geral, independentemente da associação empregada, o coronavírus assume a imagem de um inimigo insondável. Como um vilão a ser atacado e superado (ou se mata o vírus ou se pode morrer dele), bichos, figuras, desenhos, associações a seres mitológicos e a demônios são as imagens mais utilizadas. Ao mesmo tempo, verifica-se um tipo de produção imagética em oposição às destacadas vilania e letalidade do vírus: imagens de heróis<sup>1</sup> e deuses que o combatem e provocam o seu extermínio.

---

1 Em 28 de abril, dia nacional do super-herói nos Estados Unidos, a Marvel publicou uma arte comemorativa caracterizando os trabalhadores essenciais no combate a pandemia do novo coronavírus como super-heróis (ROLLING STONES, 2020).

Nessa produção imagética, verifica-se ainda uma dialética temporal. De um lado, há a atualização de imaginários de outras épocas, abastecidos por memórias individuais e coletivas, quase todos recuperando imagens de pestes, pandemias e crises sanitárias similares e em muitos casos se alimentando de narrativas e mitos religiosos arcaicos difundidos nos suportes midiáticos. Vem daí, por exemplo, a atualização das imagens da literatura científica ou de ficção sobre o fim dos tempos, o apocalipse, o Armagedom, zumbis infectados vagando pelo mundo, e também a revisitação das narrativas religiosas sobre pragas como castigos divinos, das quais a tão imaginarizada nuvem de gafanhotos proveniente do Paraguai, em julho de 2020, se tornou um exemplo.

De outro lado, essa alusão ao passado promove uma certa projeção de futuro, com imagens que se apresentam como solução da crise. No Piauí, por exemplo, circularam na mídia inúmeras correntes religiosas, imagens de santos, mitos e lendas locais, simpatias, curas milagrosas, como a venda de água exorcizada para cura da Covid-19 e também um vídeo do prefeito da cidade de Parnaíba, Mão Santa – que tem essa alcunha por ser médico e atribuir-se a realização de milagres –, no qual dizia que bastava beber água para o “vírus boiola” (em seus termos) descer para o estômago e lá sofrer mortalmente as consequências do ácido estomacal (CIDADE VERDE, 2020b).

Nesta relação com o futuro, discussões sobre o novo real, o novo normal ou uma possível revolução ocuparam grande parte dos debates das tevês, das lives e dos escritos acadêmicos. Em tais discussões, o vírus aparecia como o outro, algo que escapa, que é incapturável e indefinível. Mormente, quase sempre, a potência imagética da covid-19, entendida na sua capacidade de instaurar uma ruptura e dar vazão a um devir pleno de possibilidades, era redimensionada e às vezes reduzida a operações simbólicas de cunho político-ideológico: o vírus (perigo ou inimigo) ‘real’ é o capitalismo, o neoliberalismo, o comunismo de

mercado chinês, a globalização, a sociedade atual, enfim, os que estão do outro lado. Reatualizaram-se, dessa forma, disputas ideológicas antigas entre os imaginários de esquerda e os de direita, muito em voga no Brasil atualmente. Uns percebiam a pandemia como uma perfeita crítica ao capital, tendo o modelo econômico como inimigo. Outros acionavam políticas alternativas e cosmogonias pouco valorizadas. Alguns recuperaram o imaginário ecológico valorizando-o, enquanto outros se ativeram ao imaginário mais catastrófico de extinção da humanidade, de outras espécies e até do próprio planeta. Utopias e distopias se engendraram na produção imaginativa.

Como a dinâmica pulsional do imaginário se associa a processos complexos de produção de imagens sobre o vírus, é possível perceber as ações políticas que produzem a pregnância de certos sentidos nas imagens tão difundidas. Com efeito, pode-se citar a relação do aspecto bélico-armamentista à imagem mortífera do vírus, apontado como o grande inimigo. De maneira sintomática, isso está claro quando a criança do exemplo citado diz "mãe, por que papai não dá um tiro e mata logo esse vírus?". A criança não diz "vou matar o vírus com uma paulada ou com estilingue", o que seria típico do imaginário infantil nordestino. A criança sugere (com uma pergunta!) a possibilidade de exterminar o vírus com uma arma de fogo, em remissão à discussão recente sobre a posse e o porte de armas no Brasil e que traduz o estado bélico-armamentista do imaginário. Seja como for, o vírus impele a humanidade a olhar para si e a se deparar com sua face mortífera.

Desde algum tempo, o regime escópico, para usar um conceito de Martin Jay (1988), vem sendo permeado por objetos e imagens que traduzem um estado de guerra, de batalha, de eterno combate, de morte, mesmo que domesticada e banalizada. Na sociedade individualista do "cada um por si", é preciso eliminar o outro para ser um vencedor. No campo da saúde, a evocação e a adoção de metáforas de guerra são correntes em associação a doenças crônicas, especialmente o câncer, en-

quanto os diálogos cotidianos e as narrativas midiáticas expressam a batalha contra o câncer e descrevem os pacientes como ferozes, guerreiros, em luta. No cenário pandêmico, essa tendência é recuperada e atualizada com imagens do herói que luta contra o inimigo, sendo o herói aquele que possui as melhores armas para exterminá-lo. A presumida arma pode ser a cura milagrosa ou científica, como se pode notar na ida da ministra Damares Alves, para Floriano-PI, em maio de 2020, quando se anunciou o resultado positivo do uso da cloroquina no tratamento de pacientes da cidade. Matéria publicada no site da Prefeitura destaca o sucesso do medicamento e sua adoção como solução para o enfrentamento da pandemia. "Estamos levando oficialmente este protocolo para que seja apresentado para todo o Brasil, porque os resultados aqui apresentados são incontestáveis; esta cidade virou uma referência. É direito do paciente saber e escolher este tratamento." [...] Floriano está dando uma lição para o Brasil no combate à Covid" (FLORIANO GOV, 2020).

Nas redes sociais, verificava-se uma sensação de euforia: "agora vai!"; "enfim, está acabando o isolamento!". O fato da cloroquina ser considerada cura milagrosa sinaliza o imbricamento entre religião e política. Não se tratava de um representante do Ministério da Saúde, mas da ministra de Estado da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, que ao ser recebida pelas equipes médicas no Piauí fez referência a Deus: "Que Deus abençoe o Piauí". Adiante, reforçou a eficácia do tratamento aludindo à ciência e à religião: "O que mais querem, que desça um anjo do céu pra dizer que o remédio dá certo? São milhares de cientistas atestando no mundo, médicos do mundo inteiro atestando, que mais vocês querem?" (CIDADE VERDE, 2020a). Nessa associação entre religião, ciência e política, as armas são Deus, a prece, a crença, a fé, como se os cientistas e os médicos, referenciados sobre a cloroquina e o tratamento bem-sucedido, fossem ungidos por força superior. De alguma maneira, o herói humano é o porta-voz da vontade divina, o indicado para trazer a boa-nova. Verifica-se o uso político do imaginário

com o reforço da ideia de que apenas aqueles que possuem tais armas de combate são os heróis e estão, de alguma maneira, autorizados a defender a humanidade – ao mesmo tempo em que se fica à mercê da ação dos “eleitos e salvadores” que representam a única opção para fugir do sentimento de desproteção e desamparo. Neste sentido, a clo-roquina não é só uma arma de suposta guerra contra um vírus, é uma arma ideológica.

Num cenário de recuperação de imagens religiosas e no qual a ciência não conseguiu oferecer uma solução imediata à pandemia, observa-se a adoção de terapêuticas pré-científicas que atualizam e, às vezes, banalizam os imaginários místico e religioso. No mesmo mês de maio de 2020, o pastor Valdemiro Santiago, líder da Igreja Mundial do Poder de Deus, publicou um vídeo no Youtube prometendo a cura da covid-19 a partir de uma planta e vendendo a semente por mil reais (UOL, 2020). A música O escudo, cantada por Agnaldo Timóteo (falecido de covid em três de abril de 2021), viralizou em redes sociais. O escudo é uma arma de defesa, uma metáfora para falar da proteção divina contra todo o mal que vem de fora, como que a dizer: “não há armas para aniquilar o vírus, mas há armas – Deus, a fé – para escapar do sofrimento e da morte”.

## 2.2. Imagens da morte

A produção de imagens sobre a morte tanto pode configurar formas de controle social pela manutenção de uma ordem simbólico-hierárquica quanto contribuir para a preservação da memória coletiva (basta ver que a origem da palavra imagem, ligada à máscara mortuária dos funerais, desde os antigos egípcios, passando pelos romanos, serve aos dois propósitos). Na produção imagética sobre a morte durante a pandemia da covid-19, verificam-se duas vertentes: a primeira contempla

a morte pelo vírus e a segunda a morte do próprio vírus, já discutida no item anterior. No primeiro caso, encontram-se as imagens de covas coletivas, de corpos empilhados, dos containers com os cadáveres, as estatísticas frias e, sobretudo, as declarações e os discursos negacionistas que podem revelar a pulsão de morte, pela via da serialização, da repetição de um desejo mortífero, de um afeto agressivo – repetição pela indiferença com que a morte de milhares de pessoas tem sido tratada e mitigada através dos números. Dunker (2021) destaca que se trata da necropolítica em oposição à biopolítica e que “nada poderia exemplificar melhor os perigos da dissociação entre pulsão de morte e pulsão de vida”.

Ao estarem fusionadas, as pulsões permitem que a vida se perpetue em cada sujeito de maneira singular, não tendendo somente aos fenômenos relacionados à compulsão e à repetição. “Se a pulsão se faz presente no aparato anímico promovendo e mantendo as uniões, conjunções, ela é dita ‘de vida’; se ela se presentifica no aparato anímico disjuntivamente, ‘fazendo furo’, então ela é dita ‘de morte’” (GARCIA-ROZA, 2008, p. 160).

Sobre o enfrentamento da pandemia, Dunker (2021) afirma que o conceito de pulsão de morte ajuda a compreender que o aumento do sofrimento não necessariamente instiga os sujeitos à transformação, porque “no fundo de todo sintoma há uma paradoxal forma de satisfação [...] passamos do nível tácito, pelo qual um grupo se organiza para eliminar outro, para o nível explícito em que ‘deixar morrer’ gera uma satisfação sádica nos sobreviventes”. As célebres declarações do Presidente do Brasil “e daí?” (GARCIA, GOMES, VIANA, 2020), “não sou coveiro” (GOMES, 2020a) e “todos nós vamos morrer um dia” (GOMES, 2020b) são exemplos claros de gozo de pulsão de morte.

A morte, que é a possibilidade mais própria e insubstituível (HEIDEGGER, 2015), perde certa singularidade no enterro em covas coletivas, na apresentação de mais um dado de uma estatística, quase



numa espécie de dessubjetivação do morrer. Em tais casos, é possível observar a produção da morte em série, a reprodução do corpo inerte, num processo de desumanização no qual se tornam difíceis a simbolização e a vivência do luto. A morte continua sendo uma possibilidade individual e da qual ninguém pode ser substituído, mas, nos casos referidos, há uma perda da representação da singularidade da morte. Em seu lugar, há uma técnica generalizada e implícita de produção de cadáveres, de trato, de sanitização, de manuseio do corpo inerte, despidendo a morte de um estatuto simbólico que perfaz o processo do luto, uma vez que não há velório nem despedida. Freud, ao considerar a importância e a permanência da memória evocada por seus analisandos durante a vivência do luto, alertava que é mais fácil fugir dos vivos do que dos mortos, pois estes estão em toda parte, vez que se renovam nos meandros da atividade narrativa. Tal experiência parece ainda mais potencializada na pandemia atual, em que se vivencia um luto que se renova constantemente, com as novas mortes.

Na pandemia da covid-19, o morto desperta no vivo o afeto do medo. Todo corpo carrega dentro de si a potencialidade de expor o outro à morte. No caso da morte pelo vírus, isto aparece de modo ainda mais radical: o medo é atualizado pela permanência do vírus, inimigo invisível e insondável, no corpo morto. Mesmo na condição de morto, ainda aparece como uma ameaça e um perigo a ser evitado. Neste caso, dialogando com Heidegger (2015), o afeto medo é duplamente atualizado. Heidegger (2015) explica que é constitutivo da ideia do medo o aproximar-se e que ao longo da vida só é possível ter a experiência da morte a partir da morte do outro. Na morte pelo vírus, tem-se o medo pela morte futura e este medo pode aparecer inclusive através do contágio do corpo do morto. Pode-se pensar a relação com a alteridade diante da potencialidade de o outro conduzir à morte: o outro, morto ou doente, contaminado pelo vírus, personifica a ameaça, representando, por conseguinte, o medo da própria morte pela possibilidade do contágio.

Por outro lado, as imagens dos mortos podem ser retrabalhadas numa tentativa de recuperação do aspecto singular da alteridade, a partir da rememoração das histórias individuais. Neste caso, a morte volta a ser uma experiência coletiva, mas singularizante, pela evocação compartilhada do nome, da imagem e da história pessoais. Alguns exemplos são o projeto Inumeráveis ([inumeraveis.com.br](http://inumeraveis.com.br)) e a música dele derivada de Bráulio Bessa e Chico César. O site, conforme própria apresentação, é um memorial dedicado a contar a história de cada brasileiro vítima da covid-19. Junto ao nome, são apresentadas a idade e um pouco da história individual. Na música Inumeráveis, Bráulio Bessa compôs: "se números frios não tocam a gente, espero que nomes consigam tocar". No jornalismo nacional, o impresso O Globo e o televisivo Jornal Nacional singularizaram a morte a partir de montagens com fotos de vítimas da covid-19. Podem ser citadas ainda as homenagens às vítimas da covid nos outdoors de Teresina-PI, contendo suas fotos.

Ademais, identifica-se o sofrimento oriundo da separação do outro durante o isolamento, quase como morrer em vida. O contato entre os corpos é evitado em virtude da possibilidade do contágio e de condução à morte, mas, de outro lado, o isolamento social realça a dimensão coletiva e a necessidade de contato humano, da inter-relação e da presença do outro. Não há casa sem rua, não há dentro sem fora, não há eu sem outro. O sofrimento decorrente do isolamento social conduz à reflexão sobre sua vivência coletiva, sobre ser experienciado como uma comunhão, uma manifestação solidária.

O imaginário que reforça as medidas de cuidado de si e a necessidade de isolamento social pelo bem comum se contrapõe ao imaginário que reforça as imagens de autossuficiência social e de necessidade de preservação da economia. O embate entre economia e saúde que se delineou claramente no Brasil, como destaca Dunker (2021), exemplifica a dissociação invertida entre pulsão de morte e pulsão de vida, com a defesa da vida deslocada para o lado da economia.

## 4 Considerações finais

A produção acelerada de imaginários na pandemia da covid-19 resulta das dificuldades de explicar a crise de diferentes matizes que se instalou em nível global. Pode-se aventar a possibilidade de que, na medida em que o aspecto ôntico, o próprio real, se apresenta de modo a suplantando a compreensão corrente que se tem sobre ele, o imaginário é convocado para suprir esse hiato semântico e para conferir ao sujeito uma identificação que lhe sirva de suporte para situar-se e mover-se nessa densa nuvem de indefinições e novas possibilidades interpretativas. Nesse ponto, reside o aspecto disruptivo do acontecimento, na sua fugaz intempestividade: em sendo novidade, tão logo irrompa no cenário, o imaginário se nutre do passado para se lançar sobre ele, na tentativa de capturá-lo e dotá-lo de sentido e, ao mesmo tempo, fazendo frente às opções simbólicas que em breve serão novamente acionadas.

O problema é que, ao ultrapassar o regime simbólico-imaginário então fraturado, esse novo estatuto imagético, baseado em memórias que se atualizam e presentificam, se coloca na posição de um suposto real mais real que qualquer forma de representação sobre ele: o sujeito narcísico acredita nas idealizações e nas identificações partilhadas, gera laços sociais e dá um sentido ao 'real caótico'. Como diz Zizek (2010), comentando Lacan, algumas imagens se esforçam para levar a imaginação até a fronteira do irrepresentável. Assim, na pandemia, há uma recuperação do aspecto de inteligibilidade do imaginário, como se as imagens fossem capazes de promover uma compreensão da crise de sentidos que se gerou, bem como um conforto identitário ao sujeito, de fundo narcísico. Resultam desse processo as categorias antes discutidas: imagens do e sobre o vírus e imagens da morte, bem como a subversão do tempo lógico que elide, nos processos de produção do imaginário, as bordas entre passado, presente e futuro.

Na produção do imaginário, antigos conteúdos ideacionais podem ser acionados pelas dinâmicas pulsionais em suplência dos padrões semânticos vigentes, quando estes se mostram ineficientes para fazer frente ao real caótico – ressalte-se que, uma vez que o aspecto caótico é constitutivo do real, pretende-se aludir com essa afirmação à ideia de que os momentos de crise, falência ou insuficiência dos sistemas de significação, de desamparo simbólico e imaginário, tanto podem gerar uma plurivocidade ou abertura semântica, como, na forma de um contraponto, uma urgência explicativa cristalizada em respostas que advirão da atualização dos próprios regimes de compreensão, como o imaginário, que garantem, pelo menos em tese, uma fixidez explicativa.

A expressão 'real caótico' alude ao real que ainda não foi significado, que não conseguiu passar pelo crivo da imaginarização ou simbolização ou que se submete à plurivocidade do sentido. Uma vez que é próprio do real transmutar-se e, assim, resistir e escapar às modelizações interpretativas estanques, um novo contexto emergente pode provocar a irrupção de um sem-número de imagens com função explicativa. Que fique claro, contudo, como diz Safatle (2020) ao comentar a noção de Real em Lacan, que não há equivalências entre as imagens e o real, pois não se trata de perceber o real como uma descrição objetiva de um estado de coisas, mas como um campo de experiências subjetivas que não podem ser simbolizadas ou colonizadas por imagens – nem por símbolos, enfatize-se. O real pandêmico, trazendo a morte para tão perto, é tão inescrutável quanto o vírus da covid-19, o que quer dizer que é um acontecimento aberto à plurivocidade imagética, ao cruzamento de temporalidades e ao devir. O que o imaginário da morte expressa na pandemia da covid-19 é aquilo que traduz o seu aspecto pulsional, ligado ao desejo: a morte e o vírus são uma negatividade plena. De suas imagens, só se podem depreender a falta e a equivocidade.

## 5 Referências

AMADEO, Pablo (ed.). Sopa de Wuhan: pensamento contemporâneo em tiempos de epidemia. ASPO, 2020.

CASTRO, Julio Cesar Lemes de. Psicanálise & Barroco em revista, v.10, n.1, p. 122-138, jul.2012.

DAMARES se diz "impactada" com protocolo e garante visita de Bolsonaro a Floriano. *Cidade Verde*, 13 mai. 2020a. Disponível em: <<https://cidadeverde.com/coronavirus/107353/damares-se-diz-impactada-com-protocolo-e-garante-visita-de-bolsonaro-a-floriano>>. Acesso em 13 de abril de 2021.

DUNKER, Christian. Freud explica Bolsonaro na pandemia com conceito de pulsão de morte. *Folha de S. Paulo*, 20 mar. 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2021/03/freud-explica-bolsonaro-na-pandemia-com-conceito-de-pulsao-de-morte.shtml>>. Acesso em 20 mar. 2021.

FREUD, Sigmund. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

GABRIEL, Markus. El virus, el sistema letal y algunas pistas... In: AMADEO, Pablo (ed.). Sopa de Wuhan: pensamento contemporâneo em tiempos de epidemia. ASPO, 2020.

GARCIA, Gustavo, GOMES, Pedro Henrique, VIANA, Hamanda. 'E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê?', diz Bolsonaro sobre mortes por coronavírus; 'Sou Messias, mas não faço milagre'. *G1*, 28 abr. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/28/e-dai-lamento-quer-que-eu-faca-o-que-diz-bolsonaro-sobre-mortes-por-coronavirus-no-brasil.ghtml>>. Acesso em: 14 abr. 2021.

GOMES, Pedro Henrique. 'Não sou coveiro, tá?', diz Bolsonaro ao responder sobre mortos por coronavírus. G1, 20 abr. 2020a. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/20/nao-sou-coveiro-ta-diz-bolsonaro-ao-responder-sobre-mortos-por-coronavirus.ghtml>>. Acesso em: 14 abr. 2021.

GOMES, Pedro Henrique. Brasil tem de deixar de ser 'país de maricas' e enfrentar pandemia 'de peito aberto', diz Bolsonaro. G1, 10 nov. 2020b. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/11/10/bolsonaro-diz-que-brasil-tem-de-deixar-de-ser-pais-de-maricas-e-enfrentar-pandemia-de-peito-aberto.ghtml>>. Acesso em: 14 abr. 2021.

HEIDEGGER, Martin. Ser e tempo. Petrópolis: Vozes, 2015.

JAY, Martin. Scopic Regimes of Modernity. In: \_\_\_\_\_. Vision and Visuality. Seattle: Bay Press, 1988.

LACAN, Jacques. Séminaire II. Paris: Seuil, 1982.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. Introdução à metapsicologia freudiana. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

MÃO Santa defende que beber água combate o coronavírus; assista vídeo. Cidade Verde, 23 mar. 2020b. Disponível em: <<https://cidadeverde.com/coronavirus/104710/mao-santa-defende-que-beber-agua-combate-o-coronavirus-assista-video>>. Acesso em: 10 abr. 2021.

MARVEL transforma em super-heróis trabalhadores essenciais ao combate ao novo coronavírus; veja. Rolling Stones, 29 abr. 2020. Disponível em: <<https://rollingstone.uol.com.br/noticia/marvel-transforma-em-super-herois-trabalhadores-essenciais-ao-combate-ao-novo-coronavirus-veja/>>. Acesso em: 10 abr. 2021.

MINISTRA Damares visita Floriano para conhecer protocolo de combate à Covid. Floriano gov, 14 mai. 2020. Disponível em: <<https://www.floriano.pi.gov.br/noticia.php?id=1696>>. Acesso em 13 de abril de 2021.

UOL. Valdemiro Santiago vende semente a R\$ 1 mil prometendo falsa cura da covid. UOL, 07 mai. 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/05/07/pastor-valdemiro-santiago-vende-sementes-prometendo-a-cura-da-covid-19.htm>>. Acesso em 14 abr. 2021.

SAFATLE, Vladimir. Introdução a Jacques Lacan. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

ZIZEK, Slavoj. Como ler Lacan. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.





# **Em tempos de pandemia:** estratégias de resistências em uma comunidade quilombola da Paraíba

Marco Antônio de Oliveira Tessarotto  
Maria Devani Freitas Rodrigues Heberlê

Este artigo deriva da entrevista promovida pelo Centro Internacional de Semiótica e Comunicação (CISECO) com o tema "Pandemia e Produção de Sentido, que concedemos em outubro de 2020 à jornalista Deva Heberlê, mestra em Ciências da Comunicação pela UNISINOS. Na ocasião<sup>1</sup>, mediada pelas tecnologias, discutimos sobre o cenário da pandemia e quais foram as principais afetações ocorridas no tecido social de uma comunidade quilombola, escolhida para a observação

---

1 Entrevista concedida ao canal do Youtube do CISECO, disponível em: <https://youtu.be/QH5uU1odmxU>, acesso em 01 abr. 21.

do fenômeno. Os dados da Fundação Palmares<sup>2</sup> divulgados em dezembro/2020 revelaram a identificação de 3.447 Comunidades Remanescentes de Quilombos no Brasil. A maior parte delas, 2.494 estão localizadas nas regiões Norte e Nordeste, em locais afastados dos centros urbanos e que possuem uma relação mais próxima com o contexto rural. Estes territórios constituem-se espaços de intensas sociabilidades e de povos mobilizados em ações coletivas que visam o direito à terra e à cidadania.

É neste cenário que as comunidades tradicionais mobilizam saberes ancestrais como forma de resistência contra os tempos de distopia e de intensa produção de sentidos (GOMES, 2006) impulsionadas pelas mídias contemporâneas e seus dispositivos interacionais (FAUSTO NETO, 2008; FERREIRA, 2009). Estas lógicas foram acopladas na comunidade tradicional por intermédio de políticas públicas de inclusão digital. Nos interessa, neste ponto, apresentar os modos e operações pelos quais uma comunidade denominada Comunidade Remanescente de Quilombo do Matão revestiu suas práticas sociais e simbólicas com a força deste "totem território quilombo" (TESSAROTTO, 2021) na pandemia do Covid-19.

**Palavras-chave:** Pandemia; Quilombolas; Mídiação; Modos e Operações

---

2 Segundo dados da Fundação Palmares em 2020, no Brasil existem mais de 3.447 Comunidades Remanescentes de Quilombos identificados. Na Paraíba, o número de Comunidades totaliza 43, devidamente reconhecidas. Dados disponíveis em: <https://bit.ly/3bM15Yr>. Acesso em 15 mar. 2021.

## 1. Situando a complexidade do fenômeno

Para entendermos a complexidade do fenômeno observado, lembremos que, para a História, os conflitos se estruturaram a partir dos processos de exploração pelo sistema e modo de produção colonial. No Brasil, a divisão de terras em sesmarias e, em capitanias hereditárias propiciaram um cenário ideal para a implementação da monocultura da cana-de-açúcar, modelo produtivo e propulsor do sistema servil expresso na relação da casa grande e senzala. Nesta divisão social, a figura do negro africano surge como alternativa de mão-de-obra acessível ao empreendimento colonialista.

Deva Rodrigues (2015) esclarece que “a ideia da chegada dos africanos na formação do Brasil colônia, em uma das maiores imigrações forçadas na violência do qual se tem notícias na história da humanidade. Falamos do desembarque de homens e mulheres que desembarcaram no Brasil na condição de escravos” (RODRIGUES, 2015, p. 10). As engrenagens deste processo e maquinário colonial “(...) não havia preocupação com pessoa, mas com processos e concertação de mercados” (RODRIGUES, 2015, p. 46). Diante deste mecanismo de extrema desumanidade, o Quilombo surge na condição de espaço territorial onde o negro africano e seus descendentes realizam este reencontro consigo mesmo e com África, transformando estes espaços em locais de refúgio, e de organização destes regimes coletivos e de comunhão de bens. Por isso, as “terras de pretos” são testemunhas vivas das lutas de resistência transmitidas de geração em geração por estas comunidades remanescentes de quilombo.

## 1.1. Os sujeitos e o local do estudo de caso: quem são?

O foco deste artigo é a Comunidade Remanescente de Quilombo do Matão, que se originou em meados do final do século 19, quando em 1875, ali se estabeleceram seus primeiros habitantes em uma área de mata virgem entre os municípios de Gurinhém e Mogeiro, cidades situadas no agreste paraibano, distantes 80Km da capital João Pessoa.

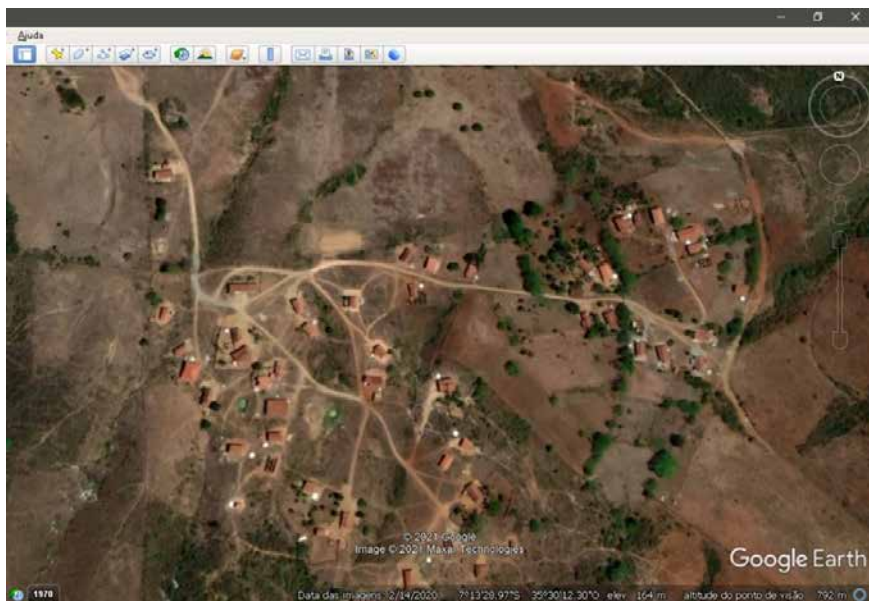
Conforme a tradição oral, os moradores do Matão têm sua origem a partir de três irmãos, Manoel Rufino, Antônio e Edwiges<sup>3</sup> e sua formação se articula com a história do município de Mogeiro (PB) que reconta a formação do quilombo e de seus moradores: “em uma terra, situada nas fraldas da Serra do Matão, no município de Mogeiro, habitam aproximadamente 100 famílias, de negros, precedentes da Fazenda dos João Ludovico de Melo Azedo, denominados Fazenda do Mata Negro” (BATISTA; SOUZA, 2018, p. 7).

A estrutura social e de posse da terra no Matão é coletiva desde sua fundação, com conforme as narrativas que destacam o fundador Manoel Rufino, “sempre trabalhando, criando gado, plantando algodão, negociando, tornando-se personagem central” (BATISTA; SOUZA, 2018, p. 378). Merece destaque que, desde sua criação e formação, as mulheres zelam pela dinâmica familiar e as decisões comunitárias a serem desenvolvidas pelo grupo.

---

3 Fato este narrado em entrevistas com os moradores durante a elaboração do Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID) que, posteriormente é analisado para elaboração do título de imissão e posse da terra. Disponível em: <https://bit.ly/3c-dCPPr>. Acesso em: 22 maio 2020.

**Figura 1** - Imagem de satélite da Comunidade Quilombola do Matão  
(14/02/2020)



Fonte: Google Earth. Google, 2020.

A busca por trabalho promove um ciclo migratório para os centros urbanos, principalmente nos períodos de seca. Esse fenômeno trouxe profunda mudança nas interações sociais da comunidade, uma vez que, retornados da ambiência urbana com suas dinâmicas, os choques culturais se tornavam cada vez mais latentes.

## 1.2. Os atravessamentos da midiaticização nas práticas sociais de uma comunidade tradicional

Entre os anos 2000 e 2010, a comunidade tradicional<sup>4</sup> vivenciava os contatos com este mundo externo através das antenas parabólicas. Esta influência com o “exógeno” decorre do fato de que a mídia massiva espelha uma programação televisiva dos seus centros geradores, das grandes redes, a exemplo do Rio de Janeiro (Globo, Record) e São Paulo (Bandeirantes, SBT, RedeTv). Tal fenômeno é favorecido porque as barreiras geográficas impedem os sinais das emissoras locais, o que gera ruídos e não encontra, na comunidade, convergência com as informações acerca da realidade da pandemia nos eixos de João Pessoa ou Campina Grande que são as retransmissoras mais próximas. Neste aspecto, continuam os quilombolas desta comunidade recebendo informações da pandemia do eixo sul/sudeste.

O cenário apresentado revela uma tecnologia abarcada nos dispositivos que integram uma ambiência que trabalha na construção dos sentidos, induzindo uma forma de organização social simulada, muito diferente da realidade do quilombo. O ordenamento ético está essencialmente ligado a esse processo de midiaticização do social, significando uma nova forma de “(...) estar e de ser no mundo” (GOMES, 2006). Assim, a vida cotidiana permanece regrada e organizada pelos sistemas de informação que foram desenvolvidos e estruturados

---

4 O decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007, no Art 3º do primeiro parágrafo afirma que: “Povos e Comunidades Tradicionais: grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição”. Íntegra do documento disponível em: <https://bit.ly/3ogetXK>. Acesso em: 05 ago. 2020.

tecnologicamente desfocados da realidade e das necessidades deste grupo social.

Outra fonte de informação recorrida pela comunidade é o uso das redes sociais. Em 2014, o governo federal implementa o projeto de inclusão digital do Governo Eletrônico de Serviços ao Cidadão (GESAC). Este serviço de internet via satélite foi um importante passo para a imersão, principalmente dos jovens às redes, ocasionando um movimento de deslocamento do tempo e do espaço naquela comunidade. O poder/conhecimento no passado, centralizado na figura do ancião, passa a ser agenciado pelos jovens que acessam a uma variedade de fontes informacionais, modelando e atualizando as práticas sociais deste espaço e tecido tradicional.

Deste lugar, a dinâmica da temporalidade do processo comunicacional midiaticizado, do tempo vinculado, constitui-se a partir da questão da construção das mensagens e dos sentidos, ou seja, os sujeitos (jovens quilombolas) estão imersos nos fluxos ditados pelos dispositivos sociotécnicos. Desta linha de raciocínio, a problemática da técnica passou a operar formas de "escravização" destas mediações, utilizando, para tanto, a "falácia" do acesso "irrestrito" à essa ambiência informacional.

O salto do analógico para o digital e o ritmo das interações foram sendo acelerados com os atravessamentos dos dispositivos interacionais que passaram a intercambiar esta relação da comunidade, espaço mundo e, este outro lugar exógeno, do digital. O desafio consiste em perceber os modos pelos quais o "ser negro/quilombola" no agreste paraibano é forjado para interagir e demonstrar quem são e a produzir endereçamentos de mundo a partir de seus locais de fala.

**Figura 2** - Os atravessamentos dos dispositivos interacionais na comunidade do Matão



Fonte: TESSAROTTO, 2019. Termos de consentimento da pesquisa autorizados.

A comunidade e suas interações mesmo no contexto da pandemia revelam uma teia complexa de elementos e disposições sociais que vão das relações familiares às comunitárias. Nestes dispositivos, o conflito é acionado pelos rastros recuperados deste passado (eu-coletivo experiência, pré-pandemia) com a representação deste presente (a ser experienciado pelo contexto pandêmico e de distanciamento social).

A midiaticização com seus ritmos é responsável pela alteridade que forma o "eu-identidade" diante deste olhar 'estranho' que observa o cotidiano destes jovens quilombolas pelas redes sociais. O cenário de distopias revelado pela pandemia, descreve a ocorrência de duas camadas



interacionais divergentes na comunidade quilombola: uma de ordem dos processos de "desconexão" – do espaço mundo (das resistências, coletividades) e uma outra que se revela "conectada" e ampliada na ambiência dos dispositivos móveis dos jovens quilombolas, de interface exógena.

## **2. Juventudes em busca de reconhecimento: ruralidades e protagonismos**

Neste ponto, destacamos o papel dos jovens na condição de portadores deste saber, no sentido da divulgação das informações sobre a pandemia para todos no quilombo. Mas afinal, quem é este jovem negro/a quilombola morador/a do agreste paraibano? A resposta nos direciona para a compreensão dos conceitos de ruralidades, do reconhecimento e de juventude que expressam uma problemática da "complexificação dos lugares" onde as redes digitais acionam outras ubiquações nos territórios ou nos locais de fala onde os indivíduos partilham subjetividades.

As afetações destes contatos e interações põe esta cidade digital em ruptura com o território e o modo de vida tradicional. Na atualidade, as redes digitais e a ampliação das esferas interacionais evidenciam que estes jovens estão praticando suas 'expectativas de cidade' em condições de presença no quilombo. As noções de "isolamento e distanciamento social" preconizadas pelas autoridades sanitárias e difundidas pelas mídias massivas ou digitais possuem sentidos esvaziados, uma vez que, este território porta consigo um sentimento de pertença, de trocas, lutas e resistências de seus antepassados. Com isso, fica evidente que as estratégias mobilizadas por estes quilombolas retroalimentam ações deste espaço "desconectado" dos dispositivos e das redes digitais, partilhado de forma restrita entre os membros da comunidade.

A própria narrativa e historicidade da comunidade quilombola permite que algumas latências e demandas coletivas permaneçam em modo "off-line", ou seja, em modo de espera, transmitidas via oralidade entre seus membros. Para Maria de Nazareth Wanderley (2007), os estudos voltados para juventudes no contexto rural deixam claro essa:

(...) dupla dinâmica social. Por um lado, uma dinâmica espacial que relaciona a casa (a família), a vizinhança (a comunidade local) e a cidade (o mundo urbano-industrial). Mais do que espaços distintos e superpostos, trata-se essencialmente dos espaços de vida que se entrelaçam e que dão conteúdo à experiência dos jovens rurais e à sua inserção na sociedade. Por outro lado, nestes espaços, a vida cotidiana e as perspectivas para o futuro são imbuídas de uma dinâmica temporal: o passado das tradições familiares – que inspira as práticas e as estratégias do presente e do encaminhamento do futuro; o presente da vida cotidiana – centrado na educação, no trabalho e na sociabilidade local e o futuro, que se expressa, especialmente, através das escolhas profissionais, das estratégias matrimoniais e de constituição patrimonial, das práticas de herança e sucessão e das estratégias de migração temporária ou definitiva. As relações sociais se constroem no presente, inspiradas nas tradições familiares e locais – o passado e orientam as alternativas possíveis ao futuro das gerações jovens e à reprodução do estabelecimento familiar. Estas dinâmicas se interligam e, através delas, emerge um ator social multifacetário que pode ser portador, ao mesmo tempo e paradoxalmente, de um ideal de ruptura e de continuidade do mundo rural. (WANDERLEY, 2007, p. 23-24).

Destacamos neste ponto que, as ações e reações da comunidade frente à emergência da pandemia fortaleceram-se entre seus membros, como um movimento de busca e de reencontro com seus sentidos identitários e de pertencimento ao território. Esse encontro com as raízes se traduz pela expressão do “aquilombar-se<sup>5</sup>” que não se perde na pandemia.

Na pandemia, os sentidos do “aquilombar-se” encontram em Honneth (2003) uma visada para o reencontro do “eu” dentro do “nós”, perspectiva esta, geracional onde as “identidades coletivas voltadas à autorrealização e ao reconhecimento” (BARGAS; CAL, 2018, p. 484). A igualdade entre sujeitos é uma ação conquistada gradativamente pelas lutas por reconhecimento de grupos e por parcelas sociais historicamente silenciadas. O acesso à internet possibilitou uma “autorrelação positiva” entre pares sociais e o encurtamento da distância entre o urbano e o rural quilombola. Na comunidade do Matão, alguns membros da comunidade contraíram o Covid-19, mas sem a necessidade de internação hospitalar, apenas de isolamento/quarentena na própria comunidade, certo modo, fortaleceu os laços de ajuda e de solidariedade entre eles.

---

5 O conceito e movimento do “aquilombamento” expressa o reencontro do negro com suas raízes ancestrais. A fragmentação e a diáspora fomentada pelas lógicas da modernidade apartaram o negro de suas raízes simbólicas. Os sentidos do “aquilombar-se” se dá pelo reencontro com o passado, refletindo sobre suas ações políticas no presente, organizando e definindo futuros alternativos.

## 2.1. O cenário deslizando da pandemia: notas sobre a realidade dos povos quilombolas

O movimento dos direitos das comunidades quilombolas tem se organizado em diversas formas, sob coordenações e associações que objetivam valorizar o sentido da coletividade, “da garantia de reprodução social, de uma busca por justiça a partir das suas formas de existência e de redes de solidariedade” (BARGAS; CAL, 2018, p. 493-494). Na Paraíba, as associações presentes nas comunidades quilombolas estão articuladas às ações da Associação de Apoio às Comunidades Afrodescendentes (AACADE), órgão deliberativo vinculado à Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ).

O papel da AACADE continua a ser o localizar e identificar comunidades negras no estado da Paraíba, formalizando e apresentando à Fundação Palmares subsídios para autoidentificação na condição de território remanescente de quilombo, prestando assistência e sinalizando aos órgãos competentes nas diversas esferas federal, estadual e municipal, com vistas ao direcionamento das políticas públicas de assistência social, conforme previsto no ordenamento jurídico. O contexto de pandemia acionou um sinal de alerta nas entidades do terceiro setor (ONGs) que vem denunciando este “novo silenciamento” para as condições precárias no acesso ao sistema básico de saúde no entorno destas comunidades tradicionais.

Em 10 de maio de 2020, a matéria publicada no portal “Terra de Direitos”, escrita por um coletivo de mulheres jornalistas e pesquisadoras, Lizely Borges, Kel Baster, Selma Dealdina, Iara Moura e Camilla Nobrega revelava, em determinado trecho que: “dado o contexto, a construção de redes offline de confiança é uma importante via para a circulação de informação dentro das comunidades. Para a maioria dos participantes da pesquisa são os agentes de saúde as principais refe-

rências no atendimento às dúvidas sobre a Covid-19<sup>6</sup>". A referida citação colabora para pensarmos na importância das redes de solidariedade articuladas nas superfícies desconectadas desta ambiência digital.

A segunda referência da Flávia Ribeiro, no Portal "Alma Preta", retrata a situação das comunidades quilombolas no Estado do Pará<sup>7</sup>. Em determinado trecho descreve que: "as comunidades estão afastadas dos centros urbanos e isso implica ainda a dificuldade em acessar a internet para ter acesso ao auxílio emergencial". A matéria ali publicada expõe as lacunas do processo de inclusão digital que, na atual crise sanitária, se tornou o único caminho para acesso aos benefícios sociais, a exemplo do auxílio emergencial e seu trâmite administrativo exclusivamente digital, via plataformas.

Em outra matéria publicada em 11 de julho de 2020<sup>8</sup> no site "Carta Capital", os jornalistas Ari Xavier e Bruna Hercog fizeram referências sobre as discrepâncias no acesso à informação, quando se trata de pandemia e as informações que chegam às comunidades tradicionais. Nesta revista, os autores comentam que, "quando há o acesso, ele é precarizado, com limites de franquia de dados, baixa qualidade de sinal que muitas vezes só permite o uso do WhatsApp para troca de mensagens. Nas comunidades quilombolas e indígenas o cenário é ainda mais crítico". Essas notícias nos fornecem elementos para discussões sobre as promessas não cumpridas das políticas públicas de inclusão

---

6 BORGES Lizely. Como os quilombolas estão atravessando a pandemia no Brasil. In: Terra de Direitos, 15 maio 2020. Disponível em: <https://bit.ly/2YghMnp>. Acesso em: 07 ago. 2020.

7 RIBEIRO, Flávia. Quilombolas do Pará promovem ação na internet para denunciar desamparo. In: Alma Negra, 26 maio 2020. Disponível em: <https://bit.ly/2Yj8fvC>. Acesso em: 07 ago. 2020.

8 XAVIER, Ari; HERCOG, Bruna. Pandemia, desigualdades raciais e acesso à internet: e eu com isso? In: Carta Capital, 11 jul. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3ab31Yi>. Acesso em: 07 ago. 2020

digital, porque se há acesso, ele é precário ou interpretado/decodificado incorretamente.

O atual cenário das redes e da pandemia fragilizou os saberes e o conhecimento, especialmente porque abriu espaço para a desinformação (fake news) que passaram a disputar referencialidades com um direito fundamental, que é o direito à informação e à vida.

### **3. Os atravessamentos do “ser quilombola” e as redes**

O fenômeno da midiaticização na comunidade quilombola encontrou no meio Facebook não apenas uma “zona de inscrição” dos jovens, mas ao “sair da comunidade” vimos este jovem adentrando uma zona conflituosa de lógicas e de camadas de sentido que se afetam e se atravessam constantemente (FAUSTO NETO, 2009).

No presente texto, em se tratando de cenário da pandemia, percebemos que as mulheres quilombolas ao acionarem o Facebook encontraram um local para ressoar suas vozes em outras câmeras de eco, expandindo e burlando as chancelas do território físico ali vinculado a uma tradição dos antepassados. A plataforma Facebook ao proporcionar esses espaços de aconselhamentos, atua na condição de “sistema algoritmo de resposta” naquilo que convencionamos de “sentimentos em oferta” que bem observamos no momento pré-pandêmico.

Em plena ascensão da digitalização da vida, os jovens quilombolas conectados em rede reconheciam que, nem todos os assuntos/problemas da comunidade são encaminhados para o debate público das mídias sociais. Neste sentido, verificamos a figura e presença do “totem território quilombo<sup>9</sup>” (TESSAROTTO, 2021) que se intercambia e se

---

9 TESSAROTTO, Marco Antônio de Oliveira. *Nas dinâmicas do Facebook: experimentações, usos e apropriações por jovens quilombolas do Matão*. Tese (doutorado) – Uni-

interpõe contra as dispersões dos tempos deslizantes na comunidade quilombola.

A mobilização do "totem território quilombo" atua como uma forma de resistência ao processo histórico de extermínio simbólico e material destes jovens. A ocorrência deste intenso trabalho criativo busca desconstruir uma espécie de "sombra" da lógica da máquina colonial (RESENDE, 2019) onde os jovens negros lutam contra seu próprio apagamento que, mesmo tentando se estabelecer nas redes, sua condição de "cidadania na ambiência digital" é atravessada pela condição de ser/sujeito "forasteiro, outsider" nas redes sociais. Neste espaço de inseguranças/instabilidades, os vínculos são constantemente retroalimentados pelas interações "desconectadas" das redes, fortalecidas por este "ir adiante" no espaço físico da comunidade.

**Figura 3** - Modos de "ser" quilombola em uma midiaticização de choque cultural



Fonte: TESSAROTTO, 2020.

A representação deste "ser e estar quilombola" é permeada por intensos processos de reconhecimento intra e extracomunitário onde, está em jogo, a dádiva de se abrir para o mundo, de poder representar

---

versidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, São Leopoldo, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3kQLefD>. Acesso em 30 set. 2021.

este “eu” constituído por uma coletividade tradicional, de modo a forjar individualidades, narrativas próprias deste “eu” em construção e interação com o outro.

#### **4. O “totem quilombo território” revestindo sentidos ao Projeto “Escrilendo” na pandemia**

No cenário da pandemia, na Comunidade Quilombola do Matão, destacamos o projeto de letramento infanto juvenil chamado “Escrilendo”. O projeto foi responsável por mediar saberes e formas de prevenção da covid-19 entre as crianças e adolescentes da comunidade<sup>10</sup>. Os vídeos publicados no Youtube foram produzidos pelas professoras/mediadoras e com a participação ativa dos estudantes envolvidos. A iniciativa do Projeto “Escrilendo” implementada na comunidade atua como estratégia de combate à desinformação sobre a pandemia nas comunidades quilombolas.

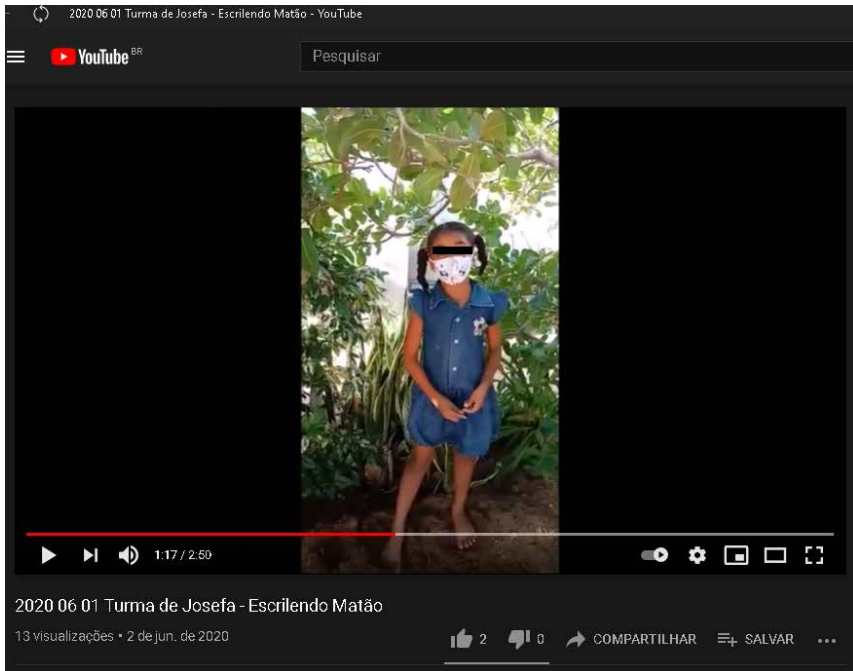
Para tanto, observamos evidente que o “totem território quilombo” aparece evidenciado quando em um dos vídeos publicados no YouTube, destaca a criança em seu aprendizado onde protagoniza “o uso correto das máscaras e da higienização com o álcool em gel”, ao tempo em que realiza uma reverência à este totem: pés descalços e o contato com o solo físico do território, ato este, de conexão do espaço físico ao espaço sagrado, da ancestralidade, do simbólico e das afetividades simbólicas.

---

10 Escrilendo quilombola e o trabalho de conscientização de crianças e jovens da comunidade do Matão. Disponível em: <https://escriendo.blogspot.com/2020/06/2020-06-01-escriendo-matao-cuidado-com.html>. Acesso em 01 abr. 21.



**Figura 4** – Latências e conexões com o totem território quilombo (Escrilendo)



Fonte: Youtube, 2020. Projeto Escrilendo (01/06/2020)

Ao observarmos as experiências vivenciadas pelos moradores da Comunidade Remanescente de Quilombo do Matão, percebemos o poder e mistério deste “totem território quilombo” que atravessa as disjunções dos tempos, reorganiza as práticas sociais da comunidade e retoma importantes questões sobre a solidariedade orgânica presente nesta comunidade tradicional.

**Figura 5** – Resistências do totem território quilombo em cenários de distopia



Fonte: TESSAROTTO, 2020.

A imagem registrada no mês de agosto de 2020 apresenta um breve retrato da pandemia e das interações sociais na comunidade quilombola. Na imagem à esquerda, observamos um grupo de jovens e adultos que trabalham coletivamente na construção de cisternas, para o armazenamento de água das chuvas e posterior aproveitamento no período de estiagem. Na imagem à direita, o jovem da comunidade presta assistência para transporte de cestas básicas distribuídas pela associação da comunidade.

## Considerações finais

O cenário da pandemia do Covid-19 demandou novos e outros fazeres da pesquisa e, acompanhando este cenário, o Centro Internacional de Semiótica e Comunicação (CISECO) realizou uma série de entrevistas em mediação tecnológica com o objetivo de elaborar um apanhado de relatos, experiências científicas e estudos de casos com o objetivo de descrever as afetações ocorridas durante a pandemia e as pesquisas em curso.

Por esta razão, o presente artigo se compôs de traços da entrevista e de fragmentos da tese por mim defendida em fevereiro de 2021, no Programa de Ciências da Comunicação pela UNISINOS. Esclarecemos que a entrevista ocorreu durante a escritura final da tese que também descreveu a ocorrência do "totem território quilombo" aqui referenciado, em rápidas pinceladas.

Por ocasião da entrevista foi necessário revisitar os materiais e relatórios de visitas à comunidade em 2020, pois, o contexto da pandemia fizera com que outras questões ressurgissem. De fato, estamos diante de uma comunidade quilombola que se constitui na condição de uma coletividade de afetos cujas dinâmicas interacionais, ordenadas em lógicas da "desconexão" jamais cessarão. As duas esferas midiáticas, intra (totem território quilombo) e extra (dos dispositivos técnicos/ambiências) duelam pelas referencialidades e sentidos, entretanto, em cenários deslizantes (de distopias), o "totem território" é um importante filtro para atenuar os ruídos exógenos que se deparam com este "mistério" energético, de barreira intransponível.

## Referências bibliográficas

BARGAS, Janine; CAL, Danila. Luta por reconhecimento, identidades e relações de poder: as mulheres no movimento quilombola. Revista Observatório, v. 4, n 6, p. 475-505, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3cdrA9K>. Acesso em: 20 set. 2020.

BATISTA, Mércia Rejane Rangel; SOUZA, Vanessa Emanuele. História e Memória no Quilombo do Matão-PB. In: XXVII Simpósio Nacional de História – ANPUH. Natal, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/2OlcyWo>. Acesso em 03 abr. 21.

BORGES Lizely. Como os quilombolas estão atravessando a pandemia no Brasil. In: Terra de Direitos, 15 maio 2020. Disponível em: <https://bit.ly/2YghMnp>. Acesso em: 07 ago. 2020.

FAUSTO NETO, Antônio. Olhares sobre a recepção através das bordas da circulação. In: Compós, Encontro da Compós, 18., Belo Horizonte, 2009. **Anais [...]. São Paulo, 2009. Disponível em:** <https://bit.ly/3ph-3q1P>. Acesso em: 20 set. 2020.

GOMES, Pedro Gilberto. Filosofia e Ética da Comunicação na Mdiatização da Sociedade. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2006.

RESENDE, Fernando; ROBALINHO, Roberto; AMARAL, Diego Granja. Quando a imagem é corpo: modos de sobreviver à máquina colonial. Revista Comunicação, mídia e consumo, v. 16, n. 47, 2019. Disponível em: <http://bit.ly/384vgI1>. Acesso em 23 fev. 2021.

RIBEIRO, Flávia. Quilombolas do Pará promovem ação na internet para denunciar desamparo. In: Alma Negra, 26 maio 2020. Disponível em: <https://bit.ly/2Yj8fvC>. Acesso em: 07 ago. 2020.

RODRIGUES, Maria Devanir Freitas. O desembarque do Brasil na África: o caso Embrapa em Moçambique. Dissertação de Comunicação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, São Leopoldo, RS, 2015, pg. 10; 46. Disponível em: <https://bit.ly/3s43q6U>. Acesso em 17 mar. 2021

TESSAROTTO, Marco Antônio de Oliveira. Nas dinâmicas do Facebook: experimentações, usos e apropriações por jovens quilombolas do Matão. Tese (doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, São Leopoldo, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3kQLefD>. Acesso em 30 set. 2021.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. Jovens rurais de pequenos municípios de Pernambuco: que sonhos para o futuro. In: Juventude rural em perspectiva, organizadoras Maria José Carneiro, Elisa Guaraná de Castro. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

XAVIER, Ari; HERCOG, Bruna. Pandemia, desigualdades raciais e acesso à internet: e eu com isso? In: Carta Capital, 11 jul. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3ab31Yi>. Acesso em: 07 ago. 2020



# **La irrupción de los fantasmas en estos tiempos de pandemia**

## **Conversación alrededor de un café entre Armando Silva y Pedro Russi**

Pedro Russi  
Armando Silva

...nunca pude estudiar nada —fuera matemáticas, ética, metafísica, gravitación, termodinámica, óptica, química, anatomía comparada, astronomía, psicología, fonética, economía, historia de la ciencia, juegos de naipes, hombres y mujeres, vino, o meteorología—, salvo como un estudio de semiótica

(Peirce SS 85-86, 1908)

Lo que sigue, fue hace un tiempo, en una de las tantas lecturas que hacemos sobre el caminar de los tiempos o, de aquellos senderos que al decir de J. L. Borges, se bifurcan. Pero, también es posible entenderlos como separación, y al mismo momento como conjunción. No obstante,

hay una tercera opción, considerar ese punto como explosión. Explosión de nuevas experiencias de sentido, expectativas que virtuosamente se proponen para circular intensamente cada vez más. La semiosis continua que se proyecta bifurcando y juntando y estallando.

No es casual que ese punto, el diálogo en conversación, nos junta- ra para intercambiar sobre algo tan intenso como los imaginarios en estos tiempos que nos desafían por varios lados; por varias ventanas circulan vientos que nos sacan del lugar, nos desplazan de dónde tranquilamente pensamos que estábamos. Tal vez el acontecimiento esté de incognito todavía y tengamos que mirar, oler, saborear, imaginar para y desde otras ventanas. ¿qué nos preguntamos en estos tiempos? ¿de qué tipo de preguntas hablamos? ¿habrá cafés que estén dispues- tos a entrelazar todas estas preguntas?... creemos que sí, que los cafés están para eso, son el tiempo para perder el tiempo, diría E. Galeano.

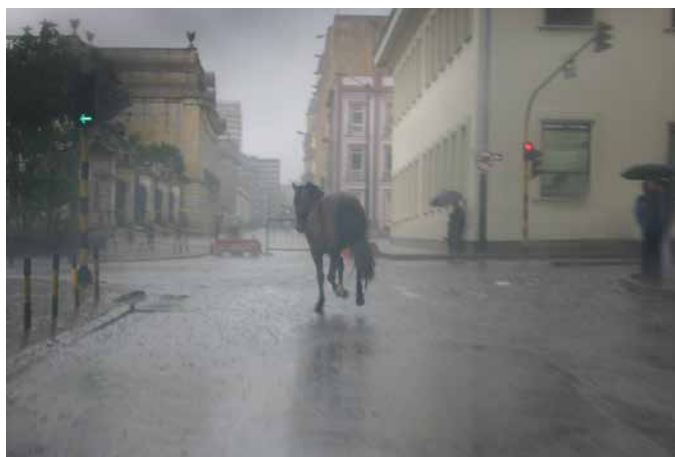
Por eso, hemos conversado con Armando, hemos entablado algo tan especial para los ambientes que transcurren hoy en día. No por las peripecias virulentas del hoy. Hemos entablado, o mejor, reivindicado el derecho a pararnos y conversar, de sospechar de lo que tenemos al lado y se muestra como natural o naturalizado. O como despegado de tal forma que nada tiene de utilidad dedicarse un segundo del costoso tiempo en la era de circulación de sentidos capitalistas que se debru- zan acaloradamente sobre los tiempos denominados improductivos.

Esta conversación entre dos interesados por las ciudades, por el caminar entre ciudades, entre experiencias y colocarse en el flujo nar- rativo de los imaginarios con sus preguntas y pensamientos... un andar a contrapelo. Gestos semióticos que, "sin miedo de ser feliz", o sin mie- do de jugar como niños, irrumpen en la cotidianidad apaciguada y la asaltan como aquellos grafitis que se presentan sin ser llamados ni al banquete, ni a la puerta del Edén. El café está servido...



**PR** [Pedro Russi] - Como te lo he mencionado en otras oportunidades, hay una imagen fotográfica muy intensa en uno de tus libros, que es un caballo, en medio de la neblina y en medio de una calle solitaria, y no dejo de pensar al menos en dos cosas: en un signo de presagio y, la otra, en cuál sería la metáfora de ese caballo hoy en el actual escenario de la pandemia, dónde la circulación de los sentidos son otras.

**AS** [Armando Silva]



Si Pedro, quizá no haya una imagen más poderosa en los inmensos archivos de los imaginarios urbanos que ese caballo, por su expresa condición de enigma. Como lo he dicho en varios de mis textos los imaginarios estudian los fantasmas, no las personas sino sus enigmas en la vida diaria: los olores que no existen en la realidad empírica, los miedos, los presagios. Pero no como algo único pues vivimos en cada momento con nuestros fantasmas y a lo que creo he contribuido con la metodología de los imaginarios es a dar pistas para captar esos fantasmagorías en cada urbe, esos cruces de realidad subjetiva que conllevan a que la vida social no sea solo decirnos lo que nos permite funcionar,

sino vivir lo enigmático que convive con lo ordinario. En esto mi deuda con el psicoanálisis; pero no se trata, de ninguna manera, de análisis de los inconscientes individuales sino de observar la irrupción en lo social del fantasma; ese caballo vale por que fue captado por su fotógrafa María Adelaida López Restrepo en ese ejercicio de revelación, parece un sueño, una fantasía, una pintura, pero no, es un caballo real que circulaba por las calles de Bogotá quizá sin ninguna dirección y la fotógrafa lo pilló en esa irrupción. Eso hacemos en los estudios de las ciudades imaginadas, captar y registrar fantasmas urbanos. Si me preguntas sobre la pandemia, te cuento que vengo archivando muchas imágenes fantasmales en memes, caricaturas canciones, videos... Mira esta imagen del papel higiénico que circuló ampliamente en redes y se constituyó en un emblema de los primeros meses de la pandemia



El fantasma aparece en que la gente compraba más papel higiénico que alimentos; las filas de los supermercados para pagar estos rollos acosaron el sistema de compra por su gran volumen y por su pedido (distinto al posible real consumo) desmesurado.

**PR** – Sabes Armando, ahora que observo detalladamente esa imagen pienso en la esfera del imaginario del desespero al perder las referencias y encuadres que organizan el cotidiano delante de lo inesperado, aunque ficcionalmente previsible. Algo surgió, se presentó sin ser invitado —no me interesa en este momento su intencionalidad u origen—, se exhibe un “convidado de piedra”, es decir, un invitado que no se espera que venga porque no se le invitó o viene colado con alguien invitado. Ese “convidado de piedra” irrumpe y nos dice que somos falibles, no en el sentido mortal que ya conocemos, sino que somos falibles en la comprensión de los signos que señalan y establecen las referencias, los parámetros de localización simbólica (quiénes somos). Sucede lo que podemos entender como un punto de explosión que nos desborda —nos saca de los bordes—, de los límites acomodados del cotidiano, lo normal es cuestionado y de esa forma somos puestos a prueba. Ahora, cruzar una calle, abrir una puerta, sacar la basura, ir al mercado, al trabajo, a la escuela, tocarse, besarse, abrazarse, etc., etc., fortalece el sentir falible sobre lo que sucede. Las referencias de las distopías literarias que nos han hecho tanto bien, no consiguen colaborar en la comprensión. Los imaginarios son abrumados con datos que nos ponen dentro de un algoritmo en el cual restamos o sumamos, y así nos dicen desde distintos circuitos mediáticos que somos binarios (0;1). Frente a ese binarismo el mundo se lee desde el tener o no tener (o en *To be, or not to be...*), así el papel higiénico trae a la superficie la lectura dicotómica o determinista de las vivencias. Parece gracioso, pero es papel higiénico, el signo de vida/muerte, clase social y dignidad de cierta sobrevivencia aferrada en las compras a la Pantagrúel y

Gargantúa. Aquí los imaginarios permiten avanzar intensamente en las inferencias sobre lo que nos hace y deshace cotidianamente. Porque eso me hace pensar, en otra esfera también algorítmica, sobre las maneras en que podemos pensar los desafíos actuales, en pandemia, en una saturación de las imágenes y pantallas que suplantán los encuentros donde los marcos del encuadre son más amplios

**AS** - Si, Pedro, la pandemia puede definirse como una saturación de imágenes. Es como una invasión en la que una tapa la siguiente, pero también hay una matriz que permanece, el número de contagiados, los muertos y desde el 2021 el número de vacunados y los antivacuna. Entonces mira la paradoja: abundan imágenes y hay una severa reducción de las representaciones. Si uno mira el noticiero, casi igual en cualquier país. él mismo desde cuando empezó la pandemia se constituye en una contabilidad de contagiados con sus variables que dije. La variación y otras representaciones más originales ha estado en la producen ciudadana: en memes, posts etc. usando redes, en especial. Ahí he encontrado poesía, creatividad y mucho humor. Mire esta imagen tan inteligente y creativa en la que el deseo de comer carne en el encierro hace que el espectador alucine y se confunda un lavado de ropa con una vaca, lo que da cuenta del encierro de modo creativo y humorístico



**PR** – Sí, pensando en lo que decís sobre la ironía y humor, no puedo dejar de recordar el libro del "Decamerón" de Giovanni Bocaccio, que a mediados del siglo XIV nos llamaba para estos confines. Los del humor creciente, cada día más pujante y ardiente, en el sentido de forzar las fronteras que fueron impuestas de una u otra forma. Quiero pensar con esto en la forma de saltar el muro, de arremeter contra lo que nos encierra, hay una tensión entre lo dispuesto a los cuerpos y los cuerpos en sí, buscando extrapolar, por la imaginación el confinamiento. es muy fuerte la tensión y relación entre aquel fantasma-caballo en la ciudad que mencionamos hace unos instantes y los cuerpos del Decamerón que huyendo de una plaga (peste bubónica) se refugian en las afueras de la ciudad de Florencia. Me imagino, el entre acto de los 10 cuerpos que, en movimiento escurridizo, vagan por las calles en peste y con peste. Como ese caballo, son un punto de explosión. Esto que

menciono me hace pensar en las representaciones de la enfermedad, de la muerte, de los encierros, de las tensiones vividas. Así como también en la reducción dualista que mediáticamente se ha dictaminado: ¿usted está a favor o en contra?, parece que no habría otra posibilidad que el determinismo. ¿En qué espacios se construyen complejidades analíticas, como las de la imagen? Hay, en esa imagen de la vaca alucinada, un juego de complejidad que nos permite entrar en la dinámica de la alucinación de lo que estamos viviendo. En ese sentido, de lo que imaginamos sobre lo que fuimos, somos y seremos. De las normalidades en juego y en disputa. Las inadaptaciones de hoy eran lo verdaderamente normal de ayer, y ese cambio es tan grosero y exótico que podríamos hablar de alucinaciones bruscamente provocadas. Los sentidos son puestos a circular con aceleración atroz, inhumana. Y si avanzamos un poco más por esta senda que venimos tejiendo, pongo sobre la mesa, la pregunta de: cómo entender la vitalidad de las interacciones si consideramos que el ambiente digital es anestésico de los signos, o dicho de otra manera al pensar junto con Goffman la transpiración de los signos se reducen en su percepción que ahora queda restringida a un espacio cuadrangular

... Dos cafés más, por favor...

**AS** - En ensayo que me pidieron en la U de NY y la UNAM titulado "donde está lo real del virus" llego a esta conclusión. En esta contemporaneidad el mundo real es cada vez más imaginado y menos físico. Quizá mejor explicar mi enunciado diciendo que, dada la naturaleza de la evolución urbana, en especial luego de la modernidad y de la llegada de las llamadas cuarta y quinta revoluciones industriales, el mundo físico se empobrece frente a la potenciación de la valoración imaginaria de los objetos y de las realidades. Una casa, un coche, el mobiliario, una oficina o los senderos o rutas de una urbe, participan in crescendo de

una desmaterialización de sus facturas en la medida en que los valores agregados de su funcionamiento se imponen sobre el objeto material base, si es que lo tiene. El celular en las nuevas generaciones inalámbricas 5G se convierte en un dispositivo de conectividad interfaz con los entornos de cada quien, como la casa, la oficina, el deporte, la salud, desde cualquier sitio del planeta donde se localice su dotado propietario conectado. De la misma manera, pasamos del mapa de la ciudad que se parecía al territorio, a la guía de instrucciones que recibe cada conductor desde el Waze para dirigirlo aun sin conocer el sitio o el entorno dentro del cual se conduce como un ciego; pero todavía más: llegan ahora las nuevas intervenciones en las que el mismo conductor desaparece de los vehículos auto-conducidos, como lo presentó Uber ya en 2016. Y la conclusión es la misma: el aumento de las interacciones mentales aprovecha nuevas tecnologías para mover el mundo cada quien sin pasar por experiencias realistas. Por esto creo ese espacio rectangular del que hablas es restringido en su formato, pero no en la conectividad trans, pues sale de allí, pero se extiende a todo el mundo físico y lo afecta.

**PR** – Todo ese tema de lo real o irreal del virus, no deja de sorprenderme por lo dicotómico de la cuestión. Es interesante cómo intentamos darle una dualidad a un virus que nos sorprende por su vital movilidad y adaptación. Tengo la leve impresión de que nos hemos entendimos aquello que Maturana y Varela nos proponían con la autopoiesis. Cuando necesitamos dicotomizar para entender, creo perdemos la potencia creativa, la potencia interpretativa que nos permite la resignificación continua. Más para lo virtuoso que para lo vicioso. Hay un desafío que es cómo ampliar nuestra visión de lo que es un virus, no en el sentido biológico o carga viral que también es importante, sino en lo que es el juego desde y para el imaginario. Las mediaciones que allí se establecen para que el virus se haga como tal un operador de senti-

do de nuestro tejido social. Porque creo que en eso está la tensión de lo que se potencia o empobrece del mundo físico, como pienso ahora con lo que decías de las instrucciones a los conductores. ¿cuál es el mapa?, o mejor, ¿cuáles son los mapas? Recuerdo, en este preciso instante, dos cuentos cortos muy intensos de J. L. Borges, "Los dos reyes y los dos laberintos" de 1944 y "Del rigor en la ciencia" de 1946. Los recuerdo porque los relaciono con esto que estamos conversando, lo material, lo físico, lo imaginado, lo real y lo otro... sea el mapa del mismo tamaño que la ciudad o del laberinto "sin" paredes. Interacciones mentales decías antes. La materialización de las vivencias, como los cuerpos de los muertos y de esa manera cómo los imaginarios de lo finito se presentan o cómo, mediáticamente, son ofrecidos en el banquete discursivo. Ahora recuerdo, que en alguna oportunidad conversamos sobre los muertos, los cuerpos, los cadáveres... por eso pienso en los sentidos de los signos de intensidad viva que encierran esos números de decesos, que se completan con esas imágenes hemos mencionado.

**AS** - Si, como lo conversamos, los medios en especial la TV y más en particular los noticieros nos llenaron de cadáveres. Si uno examina las noticias desde el inicio, en marzo del 2020, el tema era el cadáver, no la muerte pues esta última relaciona el morir con contextos y con afecto, quizá como parte de un duelo social. El cadáver, al contrario, es un muerto sin identidad, sin contextos y se vuelve un número. Las noticias de las pandemias se fueron cambiando en la medida que aparece la vacuna y nacen otras confrontaciones. Mostrar el cadáver o los cadáveres como en abril 2020 en los que camiones llevaban NN muertos y los lanzaban a parques funerales improvisados para su posterior incineración producen una desazón, algo cercano al terror. Entiendo también que es algo que debemos aprender pues la pandemia nos ha sorprendió a todos. Pero en todo caso los noticieros de tv, en especial, no son ajenos al espectáculo y es su actitud desde antes de la pande-



mia. Así que muerte, violencia, deportes y belleza y moda de modelos constituyen paradigmas de esa espectacularidad hecha mercancía

**PR** – Y aquí hay algo que querría retomar, y es la necesidad de disponer de cuerpos para hablar de “la” muerte, o de una determinada forma de morir. La materialidad de la muerte, me hace volver a la idea (no es inocente la palabra idea) de Borges del mapa del mismo tamaño que la ciudad. Porque al presentar la muerte como muerte, no se entiende como tal, sino que simplemente se ejemplifica. Podemos hablar de una caricatura de la muerte, porque no deja de ser una distorsión reconocible de la misma. Por eso es que el cadáver toma fuerza en este escenario de los discursos mediáticos, es como una forma de dar identidad u otorgar alguna identidad a lo identificado. El imaginario de la muerte, en ese sentido, tiene que ser incorporado en algo o alguna cosa. Porque al mismo tiempo los rituales de pasaje, sea en la esfera que sea, no son permitidos y esa energía que es la muerte no está siendo correspondida como tal. Nos movemos entre la muerte que se despidе o es despedida y los cadáveres que la (de)anuncian constantemente. No deja de resonarme una pregunta, ¿qué se muestra al mostrar un cadáver? Cómo juega la sorpresa frente a algo, la muerte, que no debería sorprendernos. Algo tan cotidiano. Pero creo que aquí es dónde se instalan otros signos, como la plaga y sus fantasmas. Nos desafía la “invisibilidad” de un virus que reordena el cotidiano porque lo resignifica. La pandemia informativa ha sido el vector más intenso en la propagación del imaginario de la plaga y la plaga en sí. Hemos quedado en los modelos más básicos de las interacciones (causa-efecto) sin entrar en otros más complejos o complejizados. El virus como idea(s) que un grupo social se hace, es necesariamente incorporado por determinadas materialidades para que sea visualmente comprendida. Pienso esto también en sus antagonistas, las vacunas. Me pregunto, en ese sentido, la necesidad de materializar la vacuna, “el brazo en plena

vacunación", es una mejor comprensión o una mejor materialización de lo que no se ve, en tiempos de tanta visualidad. Cómo actúan allí los poderes de la (auto)vigilancia que relata hasta el mínimo detalle lo que hacemos, hicimos y haremos. Es hacernos espectaculares, ofrecernos al espectáculo, a que espectadores pasen y vean, como en aquel circo de los horrores. Ahora el horror está, creo, en que todo puede ser visto y seguido, en que todo es visualizado porque es necesariamente monitoreado. Uno de los grandes enclaves interpretativos puede estar allí, en la necesidad de mostrar algo (virus) que o se ve directamente. Es crear las alternativas para que se vea, sea visto y compartido, hay expansiones del virus que no son estrictamente biológicas, como la que se ha dado en las diversas plataformas comunicativas. Podemos hablar de la expansión del imaginario que se ha construido del virus, es decir, las sociedades, colectivos, comunidades, construyen imaginarios para establecer lazos del tejido social. El imaginario de salud colectiva está en medio del juego, y si avanzamos un poco más podemos decir, imaginario de salud pública. Sobre la peste hay tirantez entre estética y anestesia y, en ese sentido, retomo aquí el Decamerón. Pero, reanudando algo que quedó en el tintero, pienso en lo lúdico de las imágenes hoy en una abundancia de las mismas, la saturación como signo de nuestros días, saturación de información, de números muertos, la saturación que no deja espacio para los ruidos constituyentes de la comunicación

**AS** - Estamos saturado de pantalla, es cierto. Zoom se volvió nuestra aula de clase o sala de la casa y el celular la llave que abre y cierra. Pero creo que ello iba a suceder y la pandemia lo aceleró, como dije antes el mundo es cada vez más imaginado en la contemporaneidad y creo interesante en ese sentido establece la relación entre lo digital y lo imaginado. Lo primero es asunto el formato y el segundo del pensamiento. Expresar el pensamiento por vías digitales es por el momen-

to lo que nos sucede en varios aspectos incluyendo la comunicación académica. La lucha por la desconexión irá aumentando y quizá allí surjan algunas utopías antitecnológicas. Es posible que se vayan dando "nuevas didácticas" para la de desconexión...pero reconozcamos: la pandemia fue el plato exquisito para "enredarnos en las redes" y para alejarnos del mundo presencial.

**PR** – La saturación de la pantalla y del recuadro, de las aristas e imágenes en pequeñas pantallas, se presentan como un centro de control que se va naturalizando. Aquí las distopías vividas en la literatura o en las proyecciones futuristas como las de I. Assimov, J. Verne, A. Huxley, A. Radebaugh, H. Gernsback, se revelan intensamente. Reflexiono sobre la pasividad de ser masivamente observado que eso acarrea, de no importarse con eso donde lo privado, íntimo, público de mezclan. Me pregunto sobre la necesidad y cómo recuperar algunos análisis como los del panoptismo de M. Foucault, acrecentando a eso la autovigilancia. ¿cuál es la didáctica en todo eso? ¿qué estamos aprendiendo, más allá de determinados contenidos?, aprendiendo en el marco de las interacciones, de lo que llamamos sociedad. Hablar de circulación de sentidos nos lleva para estos cuestionamientos, frente a la comprensión de los imaginarios que erguimos para comprendernos colectivamente

Lo que estamos conversando, para comprender la vivencia de nuestro cotidiano en la creciente tecnologización, me lleva a pensar en el "transhumanismo" (H+), movimiento que tiene como objetivo transformar la condición humana. Es decir, que hay una exigencia u obligación de optimizar las capacidades mentales y físicas a través de las tecnologías, por lo tanto, superar los límites hasta la posibilidad de crear cyborgs. Algo ya presente en el siglo XX y antes también en la literatura evocando majestuosas epopeyas. Entonces, podemos pensar en un aceleramiento viral de esta vivencia y característica atribuida a

una determinada evolución o progreso humano, donde la tecnología tiene un destaque opulento, como suntuosa es su visión sobre la eliminación de los límites humanos, como el rediseño del envejecimiento —según sus manifiestos de 1978 y 1999. Compartiendo este café no puedo dejar de pensar en ese imaginario de lo ilimitado, que se va construyendo en el cotidiano mismo del control ilimitado de nuestras acciones y decisiones que entran en un algoritmo vivo. Un feliz control ejercido por nosotros mismos. Todo esto, nos desafía en lo metodológico y epistemológico, de cómo debemos construir posibilidades de estudio de lo que está sucediendo.

... Armando ha sido muy bueno poder compartir este momento y café, entrelazando conversaciones que nos han permitido caminar y despegarnos de nuestros respectivos cotidianos, en medio de todo este momento que estamos viviendo. No es casualidad que estemos compartiendo este encuentro en momentos de desencuentros. Esto puede ser un acto de resistencia frente a la naturalización de las distancias y desagregaciones, al individualismo impuesto como éxito social en perjuicio de las experiencias colectivas de pensamientos y reflexiones... creo que uno de los caminos está en la reflexión sobre la circulación de los sentidos e imaginarios para comprendernos un poco más en este siglo XXI... salud y hasta el próximo café...

## **Sugerencias Bibliográficas Conversadas**

ASIMOV, I. Cuentos completos 1. Argentina: Sudamericana, 2019.

ASIMOV, I. Cuentos completos 2. Argentina: Sudamericana, 2019.

BOCCACCIO, G. El Decamerón. Madrid: Alianza Editorial, 2016.

BORGES, J. L. Obras Completas. Argentina: Emecé, 1989.

FOUCAULT, Michel. Vigilar y castigar. Madrid: Siglo XXI Editores, 1986.

HUXLEY, A. Un mundo feliz. Colección Letras Populares. Madrid: Editorial Cátedra, 2013.



# **A Arca das Sacristias de Minas:** um romance à margem das veredas do Grande Sertão

Sergio Dayrell Porto

'A arca das sacristias de Minas', romance base da entrevista do autor com os profs. Antonio Fausto Neto e Ana Lúcia Medeiros Batista, em 11/12/2020, You-Tube – Ciseco, 'Pandemia e Produção de Sentido'.

Brasília, 14/03/2020 a 14/03/2021 – 1 ano de peste

## **Apresentação**

Uma saga de sobrevivência protegida pelas arcas, igrejas e sacristias de Minas.

A leitura deste romance reaviva a angústia de que estamos muito separados da natureza e de Deus. Estaríamos chegando próximos do

fim? Optamos por uma narrativa religiosa explicitando a nossa condição de criaturas, seres finitos e incompletos. Entretanto, acreditamos que Deus não gostaria de se desfazer de sua obra criadora, ainda mais que sacrificou seu próprio filho para nos salvar. E a natureza nos diz que as flores que nascem em nossos jardins, radiantes, coloridas, perfumadas e belas, trazem a mensagem de que há um pacto celebrado entre a natureza, Deus e nós mesmos. A primavera confirma o esplendor do universo, assim como o outono se cobre de cores para exercer suas funções. Basta contemplar o multicolorido hemisfério norte. O inverno fica sendo o período penitencial, para todos nós e em todos os lugares, uns mais do que os outros. Por tudo na vida há que se pagar um preço.

## **Travessias e viagens: chegando na vila Por que Sagarana?**

Antes mesmo de começar a escrever este romance, fazia questão de que tudo começasse em Sagarana, pequena vila do noroeste de Minas Gerais, bem pertinho das águas do rio Urucúia. Eu já conhecera a cidade vizinha de Buritis, em viagem que fiz em tempos de pesquisa de minha tese de doutorado. Ficara hospedado na casa da mãe de colega meu e na oportunidade, fiz questão de beber da água do rio Urucúia, na palma de minha mão, rio da predileção de João Guimarães Rosa, suporte afetivo e literário para escritura destas linhas. Por isso, digo logo ao título do romance que ele se conduziu inspirado em Guimarães Rosa, em particular em 'Grande Sertão: Veredas'. Não por motivo outro, os trechos que aparecem entre aspas duplas são, no mais das vezes, transcrição de Rosa.

Guimarães Rosa dizia que o título primeiro que pensou para seu Sagarana fora 'Sezão', certamente inspirado em 'Sarapalha', uma das 12



histórias do livro, em que retrata o clima da malária que afetou seus personagens e, por extensão, a febre generalizada e intermitente que atinge o sertão das Gerais. Seção é mesmo aquela febre alta e intermitente para os que foram picados pelo mosquito.

“Sarapalha. Tapera de arraial. Ali, na beira do rio Pará, deixaram largado um povoado inteiro: casas, sobradinho, capela; três vendinhas, o chalé e o cemitério; e a rua, sozinha e comprida, que agora nem mais é uma estrada, de tanto que o mato a entupiu.

Ao redor, bons pastos, boa gente, terra boa para o arroz. E o lugar já esteve nos mapas, muito antes da malária chegar. Ela veio de longe, do São Francisco. Um dia, tomou caminho, entrou na boca aberta do rio Pará, e pegou a subir. Cada dia avançava um punhado de léguas, mais perto, mais perto, pertinho, fazendo medo no povo, porque era seção da brava – da ‘tremedeira que não desamontava’ – matando muita gente.”

Apeguei-me à vila Sagarana, pois se estamos fugindo da peste que ora assola todo o mundo, esta região do noroeste de Minas já foi vítima da seção, da malária, mas acabou depois de bom tempo, livrando-se dela. E vejam por que Guimarães Rosa escolheu o local para contar as histórias de Sagarana:

“Àquela altura, porém, eu tinha de escolher o terreno onde localizar as minhas histórias. Podia ser Barbacena, Belo Horizonte, o Rio, a China, o arquipélago de Neo-Baratária, o espaço astral, ou mesmo, o pedaço de Minas Gerais que era mais meu. E foi o que preferi. Porque tinha muitas saudades de lá. Porque conhecia um pouco melhor, a terra, a gente, bichos, árvores.

Porque o povo do interior – sem convenções, ‘poses’ - dá melhores personagens de parábolas: lá se vêem bem as reações humanas e a ação do destino: lá se vê bem um rio cair na cachoeira ou contornar

a montanha, e as grandes árvores estalarem sob o raio, e cada talo do capim humano rebrotar com a chuva ou se estorricar com a seca.

Bem, resumindo: ficou resolvido que o livro se passaria no interior de Minas Gerais (...) e, a 31 de dezembro de 1937, entreguei o original, às 5 e meia da tarde, na Livraria José Olympio”.

E outras razões de ordem sentimental, psicológica e já nem sei de que outras me levaram a começar a minha história, a minha narrativa em Sagarana, e terminá-la lá mesmo, no noroeste de Minas Gerais. A palavra, o nome Sagarana é mágico, implica movimento, luta. E não estamos fugindo da peste?

Sagres, Sagarana, promontório sagrado, fim do mundo, um dia chegaremos de volta a Sagarana.

‘A vila de Sagarana fez parte de um processo de colonização agrícola de efeito social promovido pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) na década de 70, sendo, então, o segundo projeto de Assentamento Rural de Reforma Agrária do Estado de Minas Gerais. Localizada no cerrado, nesse sertão de veredas e matas, Sagarana apresenta uma enorme biodiversidade de fauna e flora, além de nascentes e veredas que formam cursos d’água relevantes para a região.

## **“Seja bem-vindo ao distrito de Sagarana ”**

O médico, diplomata e escritor João Guimarães Rosa inscreveu Contos num concurso em 1938, livro que viria a ser a primeira versão de Sagarana, coletânea com novas histórias publicada em 1946. O nome remete a ‘saga’ – algo heroico, uma lenda – somado a ‘rana’, termo que remete à semelhança, ou seja: Sagarana, numa definição direta e reta, seria ‘tipo uma coisa muito intensa’.

No noroeste das Minas Gerais, nos anos 1970 e, portanto, com Rosa já morto, o INCRA definiu um assentamento a cerca de 300km de Brasília, numa área que pega parte do município de Arinos. Sabe-se lá se leitor voraz do mineiro ou só um apaixonado pela sonoridade do termo-homenagem, um técnico, no vai-e-vem da demarcação ou do preenchimento de um formulário qualquer cravou:

Estação Ecológica Sagarana. Estava forjado o encantamento. Se o cenário de Rosa é o Gerais, Sagarana toma para si a referência poética do livro primeiro.

E a comunidade que mora em Sagarana criou e mantém o CineBaru, que é uma entidade que reúne todas as manifestações culturais de Sagarana, tendo como leitmotiv a exibição de filmes importantes da cinematografia mundial, que as famílias locais gostam de assistir. Há, portanto, um trânsito de pessoas que faz de Sagarana um centro cultural de importância nacional e quem sabe, até mesmo internacional. Basta acreditar: é uma boa política, os pequenos povoados surpreendem e criam condições de acolhimento que as cidades grandes não conseguem mais oferecer. E Minas Gerais é toda ela acolhimento. Foi no CineBaru que conhecemos nossas futuras mulheres, Maiana e Lucinha, que aí atuavam como promotoras culturais.

Professor Arcado Amarelo e eu, Frei Antonino, resolvemos então mudar completamente o leque de nossa proposta de viagem, a partir do momento em que lemos as seguintes coordenadas propostas pelo CineBaru, que deseja mostrar o sertão mineiro ao mundo, o mundo ao sertão mineiro:

“Desejamos uma imersão no sertão tanto quanto local de encontro cinematográfico quanto diante da formação de um novo público na agenda de festivais de cinema, fortalecendo a rede de realizadores, moradores, pesquisadores e produtores. Promover a convivência cultural, social, política e artística por meio da produção e exibição de filmes que tenham como intuito inaugurar um novo olhar sobre o

ambiente audiovisual. Fazer, exhibir e viver cinema no Sertão mineiro e partir de suas inquietações, saberes, dificuldades e valores”.

## **O nosso transporte**

Sagarana é assim o nosso lugar de encontro fundamental, de onde parte e aonde chega a arca de Diadorim. Esta é a delimitação de nossa travessia no sertão, lugar, ao que tudo se espera, está sendo imunizado e protegido da peste. Fomos em busca do milagre e parece que encontramos a luz.

A arca de Diadorim é o nosso transporte, construída na Lagoa das Almas, entre às cidades de Sagarana, Riachinho e Urucúia. Navegamos até o rio São Francisco nas cidades de São Francisco, São Romão e Januária. Depois subimos o rio Urucúia até a cidade de Buritis, próximo da divisa de Minas com Goiás. Nos deslocamos também para Serra das Araras, São Joaquim e Chapada Gaúcha. A arca foi construída pelo amigo Seu Barba, cujo hobby é construir embarcações, barcos, enfim, tudo aquilo que navega nas águas, principalmente as fluviais.

## **A Travessia do Liso do Sussuarão: o primeiro grande obstáculo**

Em Chapada Gaúcha visitamos o Parque Nacional Grande Sertão Veredas e fomos até a entrada do Liso do Sussuarão. Fizemos então a tentativa de atravessá-lo até o vale do rio Carinhanha, bem na divisa do noroeste de Minas com o sudeste da Bahia. Mas não passamos do ‘Vão do Buraco’, voltamos logo. O lugar, ainda hoje, é estigmatizado como esconderijo de jagunços perigosos, como foi o caso de Antonio Dó e outros, que fugiam dos soldados da polícia, ocupados em limpar o sertão de malfeitores. Antonio Dó era natural de Pilão Arcado, na

Bahia, vivia no sertão de Serra das Araras e com seu bando armado, invadiu a cidade de São Francisco. Hoje está enterrado na Chapada Gaúcha. Dó só tinha no nome, mas esta foi sua história de vida.

O Liso do Sussuarão parecia ser um lugar inóspito pela pintura ou escritura de Guimarães Rosa, ou pelos comentários de quem conhecia o lugar. Um lugar onde faltava tudo, principalmente água, tal qual vivemos hoje, onde falta o ar puro que precisamos respirar.

“Só Saiba: o Liso do Sussuarão concebia silêncio e produzia uma maldade (...) nem menos sinal de sombra. Água não havia, capim não havia (...). Se ia, o pesadelo. Pesadelo mesmo, de delírios. Os cavalos gemiam descrença. E nós estávamos perdidos. Nenhum poço não se achava ”

Mas, passados muitos anos, as coisas mudaram de alguma forma na região do Liso. Recorrendo a novas informações, e tendo como ponto de partida para se chegar ao Liso a cidade de Chapada Gaúcha, onde se localiza a sede do Parque nacional Grande Sertão: Veredas, vemos que o Liso hoje é um lugar de enormes fazendas com plantação de soja, feno, semente de capim e feixes de capim para serem vendidos às indústrias. Agora o Liso não nos parece totalmente inóspito, e se há plantações de soja e capim, se existem sedes de fazenda, é sinal de que existe água. O que não vimos foi sombra, roubada que foi pela vegetação rasteira da soja.

Diante desta impossibilidade de atravessar o Liso do Sussuarão, por suas condições ainda inóspitas, onde falta ar e água em abundância, e também por medo da narrativa de banditagem, voltamos ao rio São Francisco nas cidades de São Francisco, Januária, São Romão e Manga. A nossa Arca de Diadorim nos esperava atracada na terceira margem do velho Chico na cidade do mesmo nome. A terceira margem é uma variação hipotética e poética entre esses portos, mas o ponto de embarque real e concreto era no porto do rio São Francisco, em São Fran-

cisco. Tomamos a direção da divisa de Minas com Bahia e navegamos até Bom Jesus da Lapa.

## O vão dos buracos

Voltando ainda ao Liso, a proposta inicial era começar a viagem à tarde, por volta das 5 ou 6 horas, para podermos ter à nossa frente o pôr do sol, recebendo em nossos olhos a luminosidade do Liso. Chegamos até o alto deste platô e pudemos contemplar o imenso 'Vão dos Buracos', de uma grande beleza, local preferido antigamente pelos jagunços que aí fugiam da polícia.

Diante do 'Vão dos Buracos' e ao contemplar a imensidão do Liso que ia até o vale do Carinhonha, resolvemos voltar para a cidade de Chapada Gaúcha, pois, como disse, não tínhamos condição de ir a pé ou a cavalo em meio àquelas terras arenosas e de vegetação rasteira.

Prestamos, no Vão dos Buracos, homenagem especial a Antonio Dó, que aí muito frequentou, fugindo da polícia. Antonio Dó tinha este apelido porque merecia dó, pelas péssimas condições de sobrevivência que ele tinha, sem deixar de ser um bandido bom, fazedor de inúmeras caridades ao povo humilde do sertão. Era conhecido como o Roben Wood do sertão. Outros bandidos ruins aí estiveram no Liso, como Hermógenes, Ricardão e os Judas, o primeiro tendo assassinado Diadorim.

## A peste

Um ar rarefeito e uma sensação sufocante. Tristeza no coração. Na televisão internacional um repórter chorou. A vida perdendo seus encantos, seus esconderijos sendo invadidos. Estar à margem não é mais uma opção de validade. Tempo de pandemia. Mais do que nunca, todos

estamos neste mesmo barco. Os cartões de crédito de salvamento, invalidados. Uma peste – todos condenados à morte, certamente que prematura. O recolhimento em casa implica conviver com ruídos e temores. E até quando? Será verdade que o tempo está passando, mesmo que seja lentamente? O ar não nos faltará, há que não se infectar. Teremos ar suficiente para sobreviver nessa briga de vírus contra todos nós, os meses de março de 2020 a março 2021 passaram, e as perspectivas ainda não são boas. Fala-se em uma 3ª onda do vírus, suas mutações, e reinfecções. Pela leitura da mídia atual, faltam cilindros de oxigênio pelo país a fora. O mundo está precisando de um milagre. Quem sabe Nossa Senhora de Fátima? Foi ela, dizem os religiosos, que deu cabo da gripe espanhola, de 1918 a 1920, logo após o fim da 2ª. Guerra mundial. Já estamos em meados de junho de 2021, mais de 1 ano e 3 meses de agonia, as primeiras vacinas chegando, mas o Brasil já coleciona mais de 450 mil mortos, e o presidente insiste em dizer tratar-se de uma gripezinha e que nós somos uns bananas, uns maricas... Estou pensando que ele é um anjo exterminador, tal e qual o filme de Luiz Bunuel. Para todos aqueles que se sentem presos em casa, numa festa de comemoração ou em qualquer outra situação, o que os impede de sair do ambiente é o vírus, é a falta de ar, por que não, a falta de fé na salvação da vida. Daí a necessidade de uma arca que tenha capacidade de fazê-los evadir do ambiente hostil.

Dias de ira, dias de ira, 3ª. Lamentação do profeta Jeremias. Lembro-me cantando em cantochão: "De profundis clamavi a te Domine. Domine quae sustinebit"

"Eu invoquei o teu nome Iahweh, do mais profundo do fosso. Ouviste o meu grito, não feches teus ouvidos à minha oração, a meu apelo. Aproximaste-te no dia em que te invoquei, disseste: "não tema"... "Pois o Senhor não rejeita para sempre: se ele aflige, ele se compadece segundo sua grande bondade. Pois não é de bom grado que ele humilhe e que aflige os filhos do homem!"

Está mesmo na hora de arranjar uma vaga na nova arca de Noé que ora se chama 'Arca das Sacristias de Minas'. Desejo conseguir lugar para minha família e meus paroquianos, assim como para todos aqueles que pertencem à nossa diocese de Nossa Senhora da Abadia. Frei Antonino é o organizador da Arca das Sacristias, e, devido à escassez de espaço, está cobrando ingressos muito caros. Até neste momento de angústia, as diferenças sociais prevalecem, ganha vaga quem tem maior poder aquisitivo.

## **A Chapada Diamantina**

Tão logo deixamos a cidade de Bom Jesus da Lapa, onde nos casamos - professor Arcado Amarelo e Mariana, Frei Antonino e Lucinha, demos início a uma longa travessia, com a Arca de Diadorim navegando pelo médio-baixo São Francisco, tendo à nossa direita as maravilhas da Chapada Diamantina, pleno sertão baiano. Dentre as cidades que escolhemos para nossa lua de mel - exigência de nossas mulheres Mariana e Lucinha, estava "Lençóis". Não se trata dos Lençóis maranhenses, tampouco paulistas. Mas o nosso circuito era interno, fluvial e entre a cidade de Ibotirama – onde atracamos a Arca na 3<sup>a</sup>. Margem do São Francisco, e Lençóis – a cidade mais prestigiada da Chapada, fomos no jeep da Mariana, que viajava conosco na garagem da Arca do Diadorim.

Antes de iniciarmos a viagem em direção a Lençóis, passamos a primeira tarde/noite em Ibotirama para presenciarmos o belíssimo pôr do sol visto da ponte monumental sobre o rio São Francisco.

No dia seguinte, a viagem durou quase o dia todo, saindo cedo de Ibotirama e chegando a Lençóis no meio da tarde. Embora estivéssemos no interior da Bahia, Lençóis, apesar de ser mais nova, lembra muito as pequenas cidades históricas do interior de Minas. Fundada no século XIX, mais precisamente em 1844, a cidade também foi pal-



co da exploração do diamante, como se estivéssemos na Diamantina mineira.

Escolhemos o Hotel Canto das Águas, com paisagem unindo as montanhas da Chapada Diamantina e o rio Lençóis, que passa no centro da cidade. Procuramos em seguida a central de informações turísticas da cidade, pois gostaríamos de fazer pelo menos um passeio/excursão às montanhas e cânions da região, algo que nos fizesse sentir que estávamos numa região de 'chapadas' do interior do Brasil.

## **Em busca da represa de Sobradinho**

De volta a Ibotirama e ao rio São Francisco, em direção à Barra do rio Grande e Xique-Xique na Bahia, sempre a caminho do norte e da represa de Sobradinho, a viagem se tornou mais monótona, não só pelo término dos festejos das núpcias em Lençóis e na Chapada Diamantina, mas também pelo percurso do rio São Francisco, mais pobre de águas e de peixes. A própria vegetação em volta das margens do rio era mais pobre, dando ideia de que, naquele momento, o percurso é que contava, não tanto os ambientes em sua volta, mais pobres, menos bonitos e um tanto ou quanto abandonados pelas comunidades ribeirinhas e pelas ações do governo. Havia a marca de uma pobreza contagiante. Nas poucas paradas que fizemos com a Arca de Diadorim, tanto na Barra do Rio Grande quanto em Xique-Xique, a conversa que mantivemos com os pescadores foi sempre no mesmo tom: o rio estava empobrecendo, com pouca água, devido à seca, e com poucos peixes, pois já se sentia o efeito perverso das barragens, mormente depois da represa de Paulo Afonso.

Olhando o mapa que envolve os estados da Bahia, Pernambuco e Paraíba, fazendo com o rio a curva à direita em busca de sua foz entre os estados de Sergipe e Alagoas, demos uma parada na pequena barragem de Itaparica, na cidadezinha de Rodelas, antes de chegarmos

às Usinas de Paulo Afonso e Xingó e à cidade de Penedo, Alagoas. À esquerda ficava a marca da transposição do rio São Francisco, na Chapada do Alto Grande, em Pernambuco, e na Serra do Catolé, na Paraíba.

Logo em seguida, num lugarejo chamado Brejo Grande, em Sergipe, o rio São Francisco é engolido pelo oceano Atlântico. Que sensação fulminante! Para quem estava esperando um espetáculo promovido pelo encontro de duas poderosas águas, o que se viu e se sentiu foi o mar, o Oceano Atlântico, devorando a parte que restava das poucas águas do rio São Francisco, já enfraquecido pela ação de tantas barragens e obras de engenharia promovidas pelos políticos regionais e federais do país.

A entrada da Arca de Diadorim nas águas do Oceano Atlântico foi assim um pouco melancólica. Para compensar aquela certa tristeza, tomamos o rumo norte do mar de Alagoas ao invés de nos encaminharmos diretamente para o sul, para o estado de Sergipe e depois Bahia e Espírito Santo. Este certo desvio ao Atlântico norte nos levou até às praias de Japaratinga, Maragogi, Porto das Pedras, São Miguel dos Milagres, Barra de Santo Antonio, todas ao norte de Maceió. Em seguida, mais ao sul, chegamos à Praia do Francês e à Barra de São Miguel.

## **De volta aos rios do Espírito Santo e Minas Gerais**

Navegamos pelo rio Doce e rio Piracicaba. O nosso destino era chegar ao Santuário de Nossa Senhora da Piedade, em Caeté. Fizemos também uma visita à Serra do Caraça, onde fica o Santuário de Nossa Senhora Mãe dos Homens. Na Serra da Piedade nos consagramos à Padroeira do Estado de Minas Gerais. Depois nos dirigimos a Ouro Preto, à Matriz de Nossa Senhora do Pilar, onde registramos a escritura dos relatos de nossa viagem.

## Já que falamos em Paredão de Minas

Mais à frente, já no fim do percurso, tivemos que enfrentar um segundo grande desafio – o reencontro do Paredão de Minas, onde se deu a batalha final e a morte de Diadorim.

Depois do retorno de Ouro Preto, Serra da Piedade e Serra do Caraca chegamos no rio das Velhas e pegamos novamente a Arca de Diadorim. Encontramos o Alto do rio São Francisco até Pirapora, Buritizeiro e Paredão de Minas. Passando pelo rio do Sono e retomando ao rio São Francisco fomos até o rio Urucúia na cidade de São Romão e voltamos até Sagarana, nosso local de partida.

“Assim, feito no Paredão. Mas a água só é limpa é nas cabeceiras. O mal ou o bem, estão em quem faz, não é no efeito que dão. O senhor ouvindo o seguinte, me entende. O Paredão existe lá. Senhor vá, senhor veja. É um arraial. Hoje ninguém mora mais. As casas vazias. Tem até sobrado. Deu capim no telhado da igreja... Aquele arraial tem um arruado só: é a rua da guerra... do demônio na rua, no meio do redemoinho... O senhor não me pergunte nada. Coisas dessas não se perguntam bem”

Naquela época de pandemia era difícil conviver com a nova normalidade da vida, que era bem diferente de tudo o que antes fora normal. Frei Antonino se irritava com as notícias trágicas das inúmeras mortes durante a pandemia. Professor Arcado achava o contrário, que era importante conviver com aquele tipo de acontecimento e notícia – o sentido de então era conviver com o trágico e dramático. No sertão não seria assim?

O momento da crucifixão de Cristo, a consumação de sua paixão. A morte de Jesus na cruz é o momento de expressão máxima da tragédia da religião cristã, é o gesto de entrega total de Jesus que se deixa crucificar pela salvação de toda a humanidade. Guardadas as devidas proporções, e com todo o respeito, o Paredão é o Gólgota, o lugar onde

Jesus morre, é o lugar onde Diadorim foi sacrificado, o lugar que guarda as caras das caveiras daqueles que ali foram sacrificados, a vítima que explica a razão de ser e de significação trágica do romance Grande Sertão: Veredas. Diadorim é figura catártica do romance de Rosa e sinal do resignado mineiro que prefere guardar seus tesouros nas sacristias de Minas. Outro lugar não haveria.

O nosso pequeno grupo de viajores se sentiu como se estivesse em plena sexta-feira da paixão, encenação já usual pelo mundo a fora que, perto de Brasília, acontece no Morro da Capelinha, em Planaltina, Goiás, e, em Pernambuco, em Nova Jeruzalém. Desta vez o grupo cultural do CineBaru, saiu de Sagarana e foi até Buritizeiro, às margens do rio do Sono, representar a morte de Jesus. Mariana e Lucinha fizeram os prévios contatos com o grupo, encontrando plena receptividade à ideia de deslocamento cultural.

A evidência de que Diadorim era mulher é a tragédia consumada para Riobaldo Tatarana e o ponto de choque para todos os leitores e expectadores da obra de Rosa. A morte do personagem principal, ou quase principal, frustra a identificação de leitores e expectadores quando leva a todos o sentimento de que tudo aquilo poderia ser evitado, não fosse a fragilidade do ser humano, principalmente daqueles que vivem em situações adversas de qualidade de vida. Numa tragédia que se passa num deserto, o bode expiatório morre necessariamente. Não há como evitar.

Reviver ou vivenciar novamente a morte de Diadorim com a consequente revelação de que seu sexo era outro – era mulher, funciona na cabeça de todos leitores/expectadores como um pesadelo, diferenciando-o do simples sonho. No pesadelo o sentimento ruim ou o mal-estar acontece, mesmo tendo-se consciência de que se trata uma representação. Esta consciência acontece quando se acorda do pesadelo, desfazendo o seu impacto. Esta aproximação entre os sentimentos bons e ruins fazem parte da função tragédia no romance de Rosa. A catarse vem depois, pagando-se um tributo ao que poderia ser o inverossímil

da vida. A morte de Jesus na cruz é mais do que uma tragédia, é mais do que um pesadelo para a cristandade, a morte de Jesus é muito mais do que uma catarse, a morte de Jesus é a significação do drama da redenção humana.

Não só a nossa leitura longe do sertão, em país longínquo, se frustrou diante da morte do quase protagonista quanto termos passado pelo local da tragédia, no rio do Sono, na vila de Paredão de Minas, representando o pagamento de um tributo para quem faz uma travessia penitencial. Não há como ser mineiro sem que paguemos um tributo pesado ao fato de termos sido escolhidos por Deus e pela natureza como guardadores de segredos e mistérios. A própria mineiridade tem o seu mistério.

A maior recompensa de ser mineiro é ser depositário fiel do sentimento de compreensão das misérias do mundo, da fragilidade do ser humano, é saber guardar consigo o sentido mais profundo da simbólica da vida e do mal. Por ser mineiro paga-se um preço alto pela ciência que temos da existência de coisas não visíveis e que merecem ser creditadas e acreditadas.

Passamos pelo Paredão de Minas, pagamos o preço de estarmos próximos de um dos momentos dolorosos de significação da vida humana – é preciso saber pagar este tributo. Reunimo-nos na terceira margem do rio do Sono, antes de adentrar de novo no rio São Francisco. A encenação foi feita pelo grupo cultural do CineBaru de Sagarana – leitura dramática do final do romance Grande Sertão: Veredas, sendo personagens convidados, frei Antonino interpretando ou sofrendo o personagem Riobaldo; Professor Arcado vivendo Diadorim enquanto jagunço/homem; Mariana vivendo Diadorim como Maria Deodorina, e Lucinha sendo a mãe de Hermógenes, que lava o corpo de Diadorim.

“Por que é que todos não se reúnem, para sofrer e vencer juntos, de uma vez? Eu queria formar uma cidade da religião. Lá nos confins do Chapadão, nas pontas do Urucúia. O meu Urucúia vem claro, entre

escuros. Vem cair no São Francisco, rio capital. O São Francisco partiu minha vida em duas partes.”

## **O retorno a Sagarana**

Do Rio das Velhas fomos ao Rio do Sono, rio São Francisco e Rio Urucúia e regressamos a Sagarana, com intenção de posterior entrega da arca na terceira margem do Paranoá em Brasília, onde o construtor Seu Barba receberia a embarcação vitoriosa de volta. A arca iria ser alugada e, a partir daí, passando a ser usada como veículo de turismo cívico e religioso na capital federal do Brasil. De Sagarana ao lago Paranoá, passaríamos pelo rio Urucúia, rio Preto, rio São Bartolomeu e Rio Paranoá, numa navegação com passagens mais estreitas e pouco navegáveis.

Em Sagarana nossas famílias foram reconstituídas, tanto a do Professor Arcado quanto a do frei Antonino. O Professor se encontrou ao vivo com todos os membros de sua extensa família, muitos irmãos, e frei Antonino finalmente encontrou seu pai, há muitos anos não o via. Esta foi a maior recompensa de sua viagem, depois de passadas as provas do Liso do Sussuarão e do Paredão de Minas.

E a cidadezinha de Sagarana assumiu as características da terra prometida, espelhada na fazenda do Pinhém:

“No Urubuquaquá, não. Ali havia riqueza, dada e feita. A casa – avandada, assobrada, clara de cal, com barras de madeira dura nos janelões – se marcava.” (Cara-de-bronze)

“Mas ali, no ribeirão do Pinhém, e no São-Bento, era a felicidade do torrão e relva, em ilha farta – capões de cultura alternando com pastagens de chão fosfado, calcáreo, salitrado – quase tão rico quanto as do Urubuquaquá, e do Peixe-Manso. Tanto, que as vezes seo Senclér se

reanimava, no entusiasmo de que dela pudesse tirar a salvação de seus negócios". (A estória de Lélío e Lina)

"A fazenda do Pinhém é um pouco ilha e um pouco universo, ela tanto se isola, como um lugar florescente no meio de um deserto ruinoso, como se basta, quase fechada, aparentemente independente de contatos, embora estes existam e a ameçam. Ela contrasta com relação aos restos das gerais, onde tudo é bruto e pobre, tanto o lugar como os seres que sobrevivem nele.

Nesse meio o Pinhém é um lugar abençoado, tudo nele, naturalmente é fecundo e propício à vida, liberando assim o homem para outras preocupações além do trabalho, como o prazer e o amor".

E a terra prometida estava ali, entre Sagarana e o Pinhém. Muita fartura, muito gado, muito ar, muito amor. Uma verdadeira cidade abençoada.

## **A Arca das Sacristias de Minas** – uma narrativa documentada

O título deste romance – A arca das sacristias de Minas – revela uma das marcas indeléveis de sua narrativa, reconstruir e regravar a história dessa nova travessia e andança de alguns mineiros pelos territórios próprios de Minas e adjacências, navegando pelos rios e pelo oceano que envolvem essa extensa região do sudeste brasileiro. Essa travessia traz também a sua parte terrestre, por dentro do sertão do noroeste de Minas, mais propriamente, pelo Liso do Sussuarão e pelo Paredão de Minas, terras antes visitadas pelo romance Grande Sertão: Veredas, de João Guimarães Rosa. Algumas fugas foram dadas aos santuários de Ouro Preto, Serra da Piedade e Serra do Caraça, em Caeté, centro de Minas. Assim, ao mesmo tempo em que se desenrolava a trama desses viajeros, uma escrita foi sendo feita paralelamente, uma ata foi

lavrada, texto guardado na sacristia do Santuário de Nossa Senhora do Pilar, em Ouro Preto, bem perto do museu de arte sacra da cidade, em cuja cripta teria havido uma mina de ouro, como afirmam os historiadores da região e da época. Assim, linguagem e metalinguagem caminharam juntas neste romance.



# ***Pandemia e Sentidos em Circulação***



## **O cientista e a mídia:** sentidos que se enunciam e circulam na pandemia

Ricardo Z. Fiegenbaum

A pandemia de COVID-19<sup>1</sup> colocou a ciência como um dos temas centrais do debate público e fez dos cientistas fontes obrigatórias da pauta jornalística diária. "Especialistas", particularmente da área da saúde, foram chamados a "esclarecer" a pandemia em termos compreensíveis para a sociedade. Aparentemente, essa exposição midiática valorizou a ciência no mercado discursivo operado pela mídia e deu maior visibilidade ao fazer científico, afirmando o seu protagonismo na busca por

---

1 A Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global. Até a conclusão deste texto, em 30 de junho de 2021, o Brasil já contava mais de 520 mil mortes pela doença, segundo dados do Ministério da Saúde. Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br/>>. Acesso em: 30 jun 2021.

soluções para os problemas da sociedade. Assim, ao passo em que a sociedade global sofria os efeitos da emergência sanitária, e os gestores buscavam respostas para o seu enfrentamento, o jornalismo elaborava o discurso de referência para esta sociedade e suas lideranças a partir da verdade referenciada pela prática científica.

É a este processo de mediação da ciência que se dirige a nossa análise com o objetivo de compreender como se processa a dinâmica pela qual a ciência se media e produz sentidos em meio à pandemia. Em outras palavras, buscamos analisar como o discurso científico produzido com base em uma prática social peculiar – a pesquisa científica – passa a circular na sociedade a partir de operações discursivas organizadas no âmbito da mídia pelo jornalismo. Para isso adotamos dois movimentos de reflexão complementares: um indutivo e outro dedutivo.

O primeiro é realizado a partir da entrevista concedida ao autor em 2020 pelo coordenador da Pesquisa Epicovid-19<sup>2</sup>, o epidemiologista do Centro de Pesquisas Epidemiológicas (CPE) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Pedro Curi Hallal, para o Centro Internacional de Semiótica e Comunicação (CISECO)<sup>3</sup>. Trata-se de um trabalho de sistematização das respostas do cientista às questões formuladas para a entrevista, inferindo daí pistas para compreendermos o fenômeno da mediação da ciência em meio à pandemia.

---

2 O EPICOVID-2019 é o primeiro estudo brasileiro que investiga o número de infectados pelo novo coronavírus. O levantamento teve início no Rio Grande do Sul em abril de 2020 e contou com a parceria de outras universidades gaúchas. Iniciativa do governo do estado, teve a participação do Ministério da Saúde para sua replicação em nível nacional (Epicovid-BR).

3 FIEGENBAUM, R. HALLAL, P. CISECO Entrevistas - Ricardo Fiegenbaum / Pedro Hallal - Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=31C-KzyG4zk&t=625s>>. Acesso em: 30 jun 2021.

O segundo movimento volta-se para as respostas do Dr. Hallal no sentido inverso, tomando como base o conceito de midiaticização como um processo social e discursivo, em que instituições não midiáticas, instituições midiáticas e atores individuais operam uns sobre os outros, produzindo socialmente os sentidos (Verón). Analisa, assim, a produção de sentidos como resultado das interações entre estas instâncias, refletindo sobre as ações e os discursos produzidos em operações que, partindo de um lugar institucional definido, buscam transcender as suas fronteiras tanto da ação (campo social) como do discurso (sistema). Para isso e à sua maneira, ciência e jornalismo, ao produzirem o discurso sobre a prática científica, buscam reduzir a complexidade do tema, colocando na comunicação a informação que faz sentido para o sistema midiático enquanto meio entre a ciência e a sociedade. O sentido da ciência, portanto, deriva desse trabalho de redução da prática científica ao discurso midiático e das apropriações que os atores individuais fazem dessa narrativa. Depreende-se, portanto, desse processo, que se, de um lado, o discurso jornalístico opera sobre a prática científica produzindo socialmente os efeitos de sentido sobre a pandemia, o discurso científico atua sobre o discurso jornalístico, produzindo o efeito de cientificidade e de verdade, dando sustentação também para as ações políticas no enfrentamento do Coronavírus.

## **1. A midiaticização da ciência – modos de circulação e relações de poder**

Este primeiro ponto trata de analisar os efeitos de sentido produzidos pelo processo de midiaticização da ciência na pandemia de Covid-19 a partir das respostas do Dr. Hallal às questões propostas na entrevista para o projeto do CISECO. Hallal é um dos epidemiologistas mais

importantes na sua área<sup>4</sup> e coordenou o maior estudo epidemiológico sobre Covid-19 realizado no Brasil, o Epicovid, que teve grande repercussão na imprensa nacional. Portanto, sua entrevista se insere neste contexto no qual a pandemia produz seus efeitos de sentido por meio de processos midiáticos que envolvem ciência, jornalismo e sociedade.

Nossa análise iniciou com uma escuta panorâmica da totalidade da entrevista, seis meses após a sua gravação. Em seguida, fizemos uma segunda escuta, desta vez anotando palavras e expressões chaves que nos chamaram a atenção. Depois disto, transcrevemos a entrevista e, a partir da leitura das respostas em associação com as notas que fizemos anteriormente, realizamos um movimento metódico de organização e sistematização dos dados, que nos levou a dois temas centrais: 1. Ciência, pandemia e relações de poder; 2. Ciência, mídia e sociedade. A partir disso, elaboramos algumas hipóteses sobre os dados sistematizados buscando identificar como o pesquisador elaborou teoricamente o processo de midiaticização da ciência, a partir de sua experiência e observação.

## 1.1 Ciência, pandemia e relações de poder

Este primeiro tema contempla as respostas do Dr. Hallal relacionadas com a gestão da pandemia pelas instâncias políticas no contexto em que a mídia dá visibilidade para o discurso científico, colocando a ciência como valor referencial no enfrentamento do Coronavírus. A notoriedade do estudo epidemiológico Epicovid autorizou Hallal e seus colegas cientistas a falar sobre a pandemia em diferentes contextos e

---

4 UFPel tem treze cientistas na lista dos mais influentes do mundo. Disponível em: <<https://ccs2.ufpel.edu.br/wp/2020/11/20/ufpel-tem-treze-cientistas-na-lista-dos-mais-influentes-do-mundo/>>. Acesso em 30 jun 2021.

para diferentes atores, entre os quais os gestores. Na relação entre atores políticos e cientistas, Hallal reconhece lugares de fala diferentes, sem que um seja melhor que outro. Contudo, sublinha que os gestores esperam dos cientistas as orientações referenciadas na ciência para tomar suas decisões, ainda que não sigam todas as recomendações.

Eles (gestores) efetivamente não sabiam o que fazer, então, eles precisavam de nós (cientistas) para dar uma posição lúcida e embasada cientificamente de como agir (CISECO Entrevistas - Ricardo Fiegenbaum / Pedro Hallal: 10m31s-10m44s<sup>5</sup>).

Hallal não caracteriza esses lugares de fala, mas depreende-se de sua entrevista que, enquanto aos gestores cabia decidir onde aplicar os recursos públicos – se em leitos hospitalares, testes de Covid, renúncia fiscal, auxílio emergencial ou políticas de distanciamento, etc. –, dos cientistas esperava-se a definição dos parâmetros científicos e racionais que sustentassem as decisões dos gestores. Assim, ainda que os cientistas não fossem os únicos interlocutores dos agentes públicos, as ações realizadas por eles sem base científica podiam ser objeto de crítica. Desta forma, na pandemia, a razão científica passa a ser condicionante das boas políticas de enfrentamento do Coronavírus. Por isso, Hallal projeta nos pesquisadores a necessidade de serem colaborativos e critica a posição dos cientistas "comentaristas":

Os pesquisadores não eram para atuar só como comentaristas do trabalho dos gestores nesse momento.

---

5 FIEGENBAUM, Ricardo. HALLAL, Pedro. CISECO Entrevistas - Ricardo Fiegenbaum / Pedro Hallal -Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=31C=-Kzy4Gzk&t=625s>>. Acesso em 30 jun 2021. Doravante utilizaremos apenas - CISECO Entrevistas-acrescentando a minutagem, considerando que todas as citações se referem a esta entrevista.

[...] E muitos pesquisadores optaram por seguir sentados do trono, que historicamente alguns pesquisadores sentam, e fazer o papel de “ah eu vou comentar sobre o que ele fizer. Ele ou ela que faça e eu comento”. Não dava para ser assim.

[...] O cientista que nesse momento se colocou numa posição de isentão, na minha opinião, não fez seu papel (CISECO Entrevistas - 9m56s-10m00s; 10m44s-10m58s; 12m56s-13m05s).

Contudo, Hallal também identifica a dificuldade dos gestores de seguirem todas as recomendações científicas, em especial a pauta da aplicação dos testes de Covid para identificar os casos e isolá-los para conter a propagação do vírus.

[...] a coisa da importância de testar, identificar rápido e ir atrás dos contatos sempre foi uma pauta meio turbulenta pros gestores. Os gestores tinham muita dúvida de “qual teste eu compro? Como é que eu faço?” Era uma pauta difícil mesmo. Mas essa é uma pauta que os gestores me ouviram menos. Eles me ouviram muito mais em termos de distanciamento, em termos de necessidade de leitos, em termos de previsão de datas, em termos de reabertura de comércio, de escolas. Em tudo isso os gestores recorreram muito para tomar suas decisões. Em termos de testagem eles recorreram, eu recomendei, mas nenhum deles seguiu (CISECO Entrevistas - 12m06s - 12m46s).

Uma das razões para isso talvez seja o fato de que a mídia também valorizou muito mais a pauta do distanciamento social, da higienização e do uso de máscaras do que a política de testes. Em suas respostas, Hallal deixa claro isso:

[...] a minha avaliação do trabalho da mídia é muito positivo. Eu acho que em geral foi um trabalho responsável, foi um trabalho de muita comunicação



sobre o mantra do “fica em casa” que lá no começo era efetivamente a prioridade (CISECO Entrevistas - 16m10s-16m35s).

Portanto, os gestores parecem aceitar as recomendações científicas que estão mais alinhadas com o discurso científico midiático mais consolidado. De outro lado, a inserção da ciência nos processos de decisão política afirma a atividade científica como sendo também política:

Qualquer atividade científica também é política, não necessariamente a ideológica.

[...] Dá para dizer que o saldo tem sido mais positivo do que negativo nessa negociação, nesse diálogo dos pesquisadores, que têm um caráter político, com os gestores que obviamente também tem seu lado político (CISECO Entrevistas - 13m08s-13m15s; 14m16-14m29s).

O que permanece tensionando a política e a ciência no Brasil, contudo, segundo Hallal, é a polarização:

[...] a polarização que existe no país tem atrapalhado muito, e eu até vou dizer que para mim são múltiplas polarizações. O que existe mais é uma necessidade de polarização – porque não é uma polarização única. Por que que eu digo que não é uma polarização única? Porque quando a gente discute em quem o cara votou na última eleição, se foi no Bolsonaro ou Haddad no segundo turno, é uma polarização. Só que não é essa mesma polarização de quem acha que a Terra é plana e de quem acha que a Terra é esférica. Não. Aí tem mais gente de um lado. Tem gente que votou no Bolsonaro e não acha que a Terra é plana. Depois, tem gente que votou no Bolsonaro e não acha que a cloroquina vai salvar o mundo.

[...] Nosso problema hoje é essa necessidade de polarizar não necessariamente sendo todos do mesmo lado em todas as polarizações. E aí, como é que está, atrapalha a pesquisa (CISECO Entrevistas - 06m08s-07m00s; 07m07s-07m16s).

O exemplo de como a polarização afeta a ciência vem do estudo Epicovid-BR, que foi interrompido depois que o Ministério da Saúde suspendeu o financiamento da pesquisa:

O Epicovid era um o estudo aqui no Rio Grande do Sul, um estudo relativamente modesto, bem interessante e tudo. O Ministério da Saúde pediu para esse estudo ir para o Brasil inteiro e depois de três fases, o Ministério da Saúde cancelou o financiamento. Então, acho que esse é um exemplo concreto, assim, de como que a polarização pode prejudicar o avanço da ciência. Não tem nenhuma limitação metodológica do Epicovid que justifique que o ministério pare de financiar a pesquisa. Só sobra para nós acreditar que o ministério cancelou a pesquisa por questões dessa polarização, basicamente me tratando, eu e os demais pesquisadores, como se fôssemos do lado do muro diferente do governo. E, efetivamente, isso é uma pena porque a ciência perdeu de continuar com o Epicovid na mesma frequência que estava acontecendo antes (CISECO Entrevistas - 07m20s-08m18s).

Recentemente, em depoimento à CPI da Covid no Senado Federal<sup>6</sup>, falando sobre esse episódio, Hallal disse que ficou sabendo da suspensão do financiamento da pesquisa pela imprensa, o que revela que a radicalização das posições atrapalha não só a ciência como o diálogo.

---

6 CPI da Pandemia ouve Jurema Werneck e o epidemiologista Pedro Hallal - 24/6/2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7BsmifsZLDc>>. Acesso em: 30 jun 2021.

Nesse contexto, a mídia consolida-se como lugar de circulação dos discursos polarizados, ainda que sob certas condições.

Outro resultado desta polarização é a redução do financiamento das atividades de pesquisa e a conseqüente subvalorização da ciência. A pandemia acabou reafirmando a importância da atividade científica para a sociedade:

O investimento em ciência e tecnologia no Brasil vinha decrescendo de forma muito marcante. [...] Não era só que a ciência estava sendo subfinanciada, ela também vinha sendo subvalorizada, tanto que, de uma hora para outra, começou-se a achar natural algumas pessoas dizerem que a Terra era plana. [...] Quando chegou a pandemia, mesmo com essas dificuldades de financiamento e dificuldade de valorização, a ciência mostrou seu valor. A população brasileira toda viu que se vai ter vacina, se vai ter estudo epidemiológico, se vai ter estudo para avaliar eficácia de medicamento, tudo isso é a ciência que está fazendo. [...] Eu não sei se acredito que, ou torço que a ciência passe a ser mais valorizada no Brasil, porque não dá para valorizar ciência só na hora da pandemia. Tem que valorizar a ciência continuamente (CISECO Entrevistas - 04m26s-05m46s).

Portanto, em parte, o reconhecimento da importância da ciência nesse contexto se deve ao processo pelo qual ela ingressa no campo midiático, dando respostas para o enfrentamento desta emergência sanitária global, cuja trágica excepcionalidade e largo alcance são diuturnamente apresentados no noticiário. Em outras palavras, a pandemia produziu como efeito colateral a reafirmação da necessidade da ciência para a solução dos problemas da sociedade, mas tão somente a partir do momento em que as pesquisas científicas passaram a integrar a agenda midiática em busca de respostas objetivas e racionais para o enfrentamento político do Coronavírus. O fenômeno da circu-

lação do científico na sociedade por meio da mídia é um dos efeitos da pandemia.

## 1.2 Modos de circulação do científico na sociedade

Como observado no tópico anterior, as decisões políticas – que envolvem o financiamento de pesquisas, o investimento em instituições de pesquisa como as universidades públicas, a valorização dos pesquisadores – impactam sobre a produção científica, e a produção científica, por seu lado, tem efeitos sobre as decisões políticas, especialmente em situações de emergência sanitária como se observou na Covid-19. Esta relação de mútua afetação torna-se evidente a partir do momento em que o campo midiático opera a mediação entre os processos de governança da pandemia, a racionalidade científica e a sociedade. Ao assumir o discurso científico como avalista das medidas de enfrentamento da Covid-19, a mídia – tratemos aqui especificamente do jornalismo – recoloca a ciência como a instância capaz de explicar a doença e estabelecer racionalmente o modo de superá-la. Neste sentido, o discurso científico fornece os conceitos a partir dos quais o jornalismo irá produzir a narrativa da Covid-19 no Brasil. Na visão do cientista Pedro Hallal, o trabalho da mídia foi bastante positivo:

[...] Foi um trabalho de muita comunicação sobre o mantra do “fica em casa” que lá no começo era efetivamente a prioridade. [...] A questão de mostrar a evolução da pandemia, embora algumas pessoas têm uma crítica de que era uma coisa meio assustadora demais, e era cemitério e era número de mortos, era número de mortes, por outro lado era uma atitude responsável. Eu acho que também está sendo responsável quando a mídia fala do excesso que tem acontecido agora na reabertura. A reabertura é necessária, sim, mas tem algum excesso e esses excessos estão sendo bem mostrados pela mídia (CISECO Entrevistas - 16m24s-17m12s).

Ele também destacou a ampliação e diversificação das fontes ouvidas pela mídia em se tratando de Covid-19, mas identificou a ausência do contraditório:

Houve uma questão aí de necessidade. Durante a pandemia [...] teve momentos em que eu recebia 50 ligações diárias para pedir entrevista, e muitas vezes eu indicava outros colegas. [...] Tem um pouco dessa coisa de eles (os jornalistas) esgotarem muito as mesmas fontes, por motivos quaisquer que sejam. Porque acham que a pessoa comunica bem ou por qualquer motivo. Mas por outro lado eu acho que se procurou muita gente e se ouviu muita gente. Eu te admito que em algum momento lá no começo da pandemia, eu senti uma certa desproporção tendendo pro mesmo lado que eu estava, que era daqueles que defendiam o distanciamento. Então eu acho que naquela época poderia ter ouvido mais os colegas que defendiam o contrário. Obviamente, eu acho que eles iam sucumbir no argumento. Mas eu acho até que poderia ter ouvido mais eles (CISECO Entrevistas - 19m08s-20m19s).

Depreende-se da observação do pesquisador que o contraditório, que é intrínseco ao trabalho científico e um valor importante na ética profissional jornalística, não foi valorizado nas matérias jornalísticas sobre a pauta do distanciamento social. Esta escolha na cobertura da pandemia revela um posicionamento do jornalismo francamente alinhado com uma determinada narrativa sobre a Covid-19, promovendo o apagamento de quaisquer outras diferentes. O efeito de verdade que daí deriva vem justamente da valorização do discurso científico sem distorções a partir da utilização de um maior número de fontes especializadas que, no entanto, convergem nos aspectos centrais da narrativa midiática. É um ponto positivo da cobertura da imprensa na pandemia a valorização da ciência e de uma diversidade de fontes

científicas. Mas ao sugerir que essa valorização é pontual, o próprio Hallal cobra continuidade:

[...] uma sugestão para mídia é que o engajamento tão maravilhoso que se teve com a ciência no momento da Covid-19 não encerre na Covid-19. [...] Tem muitas vezes, sobre temas muito importantes, que os pesquisadores são menos ouvidos do que deveriam.

[...] Com a Covid-19 a mídia usou muito a voz da ciência, da racionalidade, e eu acho que poderíamos expandir isso para outras questões do nosso dia a dia, seja a questão qualquer. [...] Eu acho que esse contato que foi estabelecido entre a comunidade científica e a mídia deve ser expandido no pós pandemia (CISECO Entrevistas - 17m31s-18m24s).

Certamente isso teria efeitos sobre a qualidade das informações que chegam à população, considerando que o jornalismo opera a mediação entre a ciência e a sociedade, produzindo os efeitos de cientificidade e de racionalidade pela apropriação do discurso científico. Contudo, essa mediação, ainda que se mostre predominante, não é uniforme nem no tempo histórico da atuação da imprensa (diacrônica) nem na cobertura dos fatos jornalísticos enquanto ocorrem (sincrônica). As meias-verdades e a circulação de informações falsas (fake news) revelam que a disputa pelos sentidos vai além do jornalismo de referência e têm ressonância em processos de comunicação que envolvem outras instâncias e questões comunicacionais que acabam competindo com a narrativa hegemônica que a imprensa busca consolidar. No episódio em que os pesquisadores do Epicovid foram impedidos de atuarem em algumas cidades selecionadas para o estudo, isso ficou evidente. Hallal atribui à comunicação entre o Ministério da Saúde e os municípios os problemas enfrentados pelas equipes de coleta:

[...] Foi culpa da comunicação do Ministério com a Secretaria de Saúde. Então uma parte do problema

foi que em algumas cidades não estavam informados sobre a pesquisa. E aí, quando os pesquisadores chegaram lá, foi mais fácil disseminar Fake News, porque, obviamente, se chega um grupo de pesquisadores no meio da pandemia numa cidade que está praticamente fechada, entrevistam o prefeito ou secretário de saúde e ele diz “não sei quem são”, a chance de gerar Fake News rápido é muito grande. [...] Parte dessa falha de comunicação foi intencional. Sim, foi intencional. Tem um pouco da tentativa de desacreditar o exercício epidemiológico da pesquisa (CISECO Entrevistas - 21m19s-22m14s).

A “resiliência e resistência dos pesquisadores”, como ressaltou Hallal, contribuiu significativamente para que a pesquisa continuasse. Mas para ele a repercussão na mídia nacional é que foi decisiva para o êxito da pesquisa:

Quando saíram as reportagens, especialmente a reportagem aquela do Fantástico<sup>7</sup>, começou a ficar chato para cidades não querer nem receber as equipes. Tanto que nas últimas fases todas as cidades participaram e nós atingimos o tamanho de amostra desejado (CISECO Entrevistas - 22m50s-23m03s).

Certamente outros fatores devem ter contribuído para a superação dos entraves à realização da pesquisa nestas cidades, mas não deixa de ser notável que o pesquisador ressalte o papel do jornalismo nesse episódio, por valorizar a pesquisa e desqualificar as ações que a impediram. Por outro lado, observamos que o discurso científico sobre a

---

7 Pesquisadores de estudo sobre a Covid no país são ameaçados por moradores ou pela polícia. Disponível em: <<https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2020/05/17/pesquisadores-de-estudo-sobre-a-covid-no-pais-sao-ameacados-por-moradores-ou-pela-policia.ghtml>> Acesso em: 30 jun 2021.

pandemia veiculado na mídia tem seus limites. Há níveis de saber e de linguagem que se impõem ao pesquisador e ao jornalista. Isto implica reconhecer que há uma dinâmica social e de saberes populares heterogênea que é apagada pelo jornalismo e, em alguns casos, pela própria ciência, o que dificulta e até mesmo impede a comunicação:

Essa é uma pauta muito mais profunda do que especificamente a discussão da pandemia. Eu acho que a gente como sociedade e nós como pesquisadores em geral – e é óbvio que eu não tô generalizando –, nós utilizamos muito menos os saberes populares do que deveríamos. Se a gente tivesse uma penetração maior na comunidade por meio ou com acesso às lideranças da cultura popular, teria sido muito mais fácil enfrentar a pandemia, muito mais fácil. E eu vou falar de uma coisa bem específica de comunicação, tenho outros itens sobre os quais eu podia falar, mas eu acho que a questão da comunicação é central (CISECO Entrevistas - 23m50s-24m45s).

Hallal explica que não tem um jeito de dar uma entrevista a um veículo de imprensa qualquer que chegue bem em todas as populações, porque não há uma linguagem única:

Não dá para imaginar [...] falar sobre o “fica em casa” de um jeito que chegue bem para a população de classe média do interior de São Paulo, para a população Ribeirinha do Amazonas ou para a população do centro de Porto Alegre. Não tem uma linguagem que chegue para eles todos perfeitamente. Então a gente teria que trabalhar de forma muito mais próxima dos saberes populares e das lideranças reconhecidas pelas comunidades para que a mensagem chegasse muito bem lá. Não é por acaso que a covid-19 se distribuiu de forma desigual pelo país. Os grupos mais vulneráveis com os quais a nossa capacidade de comunicação é menor



são os grupos que tiveram mais infecção. [...] Se nós tivéssemos lidado melhor com os saberes populares, talvez a gente tivesse conseguido proteger mais os grupos mais vulneráveis da população (CISECO Entrevistas - 24m47s-25m43s).

Revela-se, assim, os limites do discurso jornalístico e seus efeitos sobre a informação que circula na sociedade, especialmente considerando a sua diversidade e, sobretudo, as desigualdades. Estes limites também são internos ao jornalismo na medida em que ele não apenas seleciona a informação como também estabelece os modos de torná-la compreensível para uns e não para outros. Ou seja, o jornalismo elege o seu leitor. Nesse sentido, a midiaticização da ciência é um fenômeno de classe e seus efeitos de sentido circulam entre os atores individuais que podem ter acesso às mensagens e são capazes de interpretá-las em seus contextos de vida.

Por outro lado, para o pesquisador, a pandemia foi uma oportunidade para os cientistas aprenderem a se comunicar.

A pandemia foi uma oportunidade para os pesquisadores aprenderem a se comunicar melhor com a comunidade através da mídia. [...] Se tu comparar as minhas entrevistas de março e abril com a minha entrevista de ontem no Jornal Nacional, é outra linguagem. A pessoa vai aprendendo que não adianta falar na linguagem que eu tô acostumado que não tem efeito nenhum. Então, [...] nós pesquisadores que quisemos aprender, nós aprendemos a nos comunicar de uma forma muito mais efetiva com a população através da mídia (CISECO Entrevistas - 15m05s-15m47s).

Este aprendizado empírico, oriundo da experiência de cada cientista com a mídia, não deve ser a única forma e nem a mais recomendável de aproximar a ciência da sociedade. É preciso investir na formação

em comunicação dos pesquisadores. De acordo com Hallal, este investimento não só é desejável como necessário.

Eu quero dar sugestões bem práticas. [...]. A primeira delas é esse modelo que a gente adota na Epidemiologia (UFPel). Eu acho que deveria ser obrigatório aos Programas de Pós-Graduação do Brasil – e isso é uma política que a Capes pode implementar, e acho que seria super bem aceita – de que todo o trabalho de pós-graduação precisa vir acompanhado, para ir à banca, de um release curto no formato para ser enviado para a mídia.

[...] A segunda é a oferta de cadeiras sobre comunicação científica de forma transversal nas universidades brasileiras. As cadeiras de comunicação científica não pertencem a um programa de pós-graduação. Elas têm que ser ofertadas para todos, e os alunos devem, aqueles que quiserem ou idealmente todos ou quase todos deveriam participar, fazer uma formação específica e aprender com vocês (jornalistas) (CISECO Entrevistas - 29m22s-29m59s; 30m40s-31m05s).

Para Hallal, portanto, formar cientistas é também qualificá-los para se comunicarem com a sociedade. Esta comunicação, no entanto, não é direta e nem com a totalidade da sociedade. Ela é midiaticizada e segmentada. Em outras palavras, é da atividade científica realizar a divulgação dos seus resultados, dirigindo-se para os públicos que são por ela impactados, como explica o epidemiologista:

Não quer dizer que, de todas as teses, os releases serão publicados na Folha de São Paulo ou G1, só para citar alguns. E não precisa. Tem alguns trabalhos que, se forem publicados na imprensa local, numa rádio local, vão ter até mais impacto. Então eu acho que a questão [...] (é) ter o release e talvez apontar dois ou três órgãos de imprensa para os quais aquele release é mais interessante. Então,

é todo uma construção de uma aproximação entre o resultado da pesquisa e aquele que precisa dela que é a comunidade (CISECO Entrevistas - 33m00s-33m43s).

Ao midiaticizar o resultado de sua atividade de pesquisa, o cientista valoriza o seu trabalho e a sua comunidade. Mas assim como as pesquisas são diferentes, as comunidades às quais elas impactam também o são. Por isso, como foi colocado acima por Hallal, a linguagem com que se fala com uma não é necessariamente a mesma ou a mais adequada para falar com outra comunidade. Então, aprender a expor em termos de um release os resultados de uma pesquisa é apenas um primeiro passo – importante e necessário – mas não o único para que a ciência se comunique melhor e qualifique o senso comum desta sociedade.

## **2. Pandemia e produção de sentidos:** a ciência midiaticizada

Aqui nos encontramos com nosso segundo movimento de análise, tomando como base o conceito de midiaticização como um processo social e discursivo, em que os sentidos são produzidos socialmente por meio das mútuas afetações que instituições não midiáticas, instituições midiáticas e atores individuais realizam na interação (Verón). O estudo dessas interações midiaticizadas levanta questões importantes em relação aos processos pelos quais a ciência encontra espaço na mídia em meio a pandemia de Covid-19. Sendo o discurso científico e o discurso midiático constituídos em lugares institucionais próprios, perguntamos: como a ciência se apresenta atravessada pela mídia? O que resta de científico no enunciado midiático sobre a prática discursiva científica? Qual é o objeto do discurso midiático sobre ciência? Quem é o sujeito institucional que enuncia: a ciência ou a mídia? Quais são os conceitos que se apresentam nos enunciados da mídia? Como se rea-

lizam as estratégias discursivas do discurso midiático sobre a ciência? Qual é o valor científico que se visibiliza na mídia?

Quando analisamos as respostas do Dr. Pedro Hallal e nos detemos na relação da ciência com a mídia, podemos observar que a prática social (o fazer científico) e a prática discursiva (o modo como a ciência se constitui discursivamente), cujo lugar institucional de produção é o campo científico, são atravessadas, ambas práticas, pela institucionalidade midiática, ou seja, apropriadas pelo discurso jornalístico, constituindo-se como práticas midiáticas. Sendo prática discursiva o "conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa" (FOUCAULT, 1986, p. 136), isso significa dizer que essas práticas estão inscritas no interior de formações discursivas e se conformam a certos princípios valorativos que obedecem a um conjunto de regras instituídas historicamente a partir de relações de saber e poder.

Há que considerar, ainda, que há uma prática social realizada no interior de um campo social, a partir da qual se produzem os discursos institucionalmente referenciados. Bourdieu trata disso quando elaborava a sua teoria dos campos sociais e a relação com o habitus, estrutura estruturada e estruturante das práticas sociais e da percepção dessas práticas (discurso) (BOURDIEU, 2007). Esses campos sociais, que se constituem historicamente a partir da modernidade pelo processo de especialização do saber humano, são responsáveis pela elaboração de suas próprias normas de funcionamento e regras performáticas (as formas de fazer e poder) e pelos discursos que as convalidam e qualificam (RODRIGUES, 2000; ESTEVES, 2004). Esse conjunto de características dos campos são reprisadas nas respectivas instituições e, estas, por sua vez, estabelecem os valores que são referenciais para sua atuação. Aceitando-se que as instituições detêm o monopólio dis-

cursivo do campo, ao tornarem esse discurso público, ao inseri-lo no mercado discursivo, estabelecem aí o princípio de que aquele valor expressa o sentido último e “correto” do discurso válido – o estatuto de verdade – sobre determinado enunciado que é posto em circulação.

Rodrigues (2000) afirma que, diferente de outros campos sociais, o campo dos media se caracteriza pelo predomínio das funções discursivas sobre as funções pragmáticas, fazendo a gestão dos discursos dos demais campos sociais. Quando, portanto, a ciência é provocada para a interação com a sociedade, a mídia se encarrega de dar visibilidade aos seus valores, mas em termos que são estabelecidos pela mídia. Esse processo impõe a realização de estratégias de dizer e não dizer (DELEUZE, 2005), ou seja, de dar visibilidade para alguns aspectos e ocultar outros, visando o estabelecimento de vínculos. No final da entrevista, Hallal revela uma parte destes termos, quando agradece a oportunidade de poder falar de “forma tão descontraída, tranquila, mais calma, sobre esses assuntos que normalmente a gente fala e a nossas falas são resumidas em quinze, dez segundos” (CISECO Entrevistas - 34m14s-34m23s).

Assim, a midiáticação promove a relativização da hegemonia da produção de valor – crenças, verdades, sentidos – deslocando parte dessa produção das instituições não midiáticas – até então detentoras da verdade sobre suas práticas – para as instituições midiáticas. A perda do monopólio, no entanto, não as exclui da circulação de sentidos, mas relativiza seu protagonismo. Portanto, ao deixar de apresentar o contraditório no que se refere ao distanciamento social, por exemplo, o jornalismo reduz a complexidade do tema a uma oferta de sentido que deve predominar. Não é uma produção isenta, porque ali no campo do jornalismo há um habitus estruturando práticas e obras e a percepção delas (BOURDIEU, 2007).

Luhmann (2005; 2006) toma como objeto da Sociologia a sucessão de atos comunicativos que estabelecem ou não conectividade. Para ele, os sistemas são autopoieticos (produzem a si mesmos) e se constituem

pela comunicação. Estas e outras características contribuem para entender a complexidade das relações entre os campos sociais e os processos midiáticos. Tudo o que está fora do sistema é ambiente e é a partir dessa noção que podemos observar a relação entre a mídia e a ciência.

O jornalismo trabalha com fatos e com eles constrói a notícia. Os fatos constituem ambiente para o sistema jornalístico. A irritação que os fatos provocam no sistema se dá pela diferenciação que, no sistema jornalístico, se realiza pela aplicação de certos critérios de noticiabilidade que funcionam como essas estruturas internas do jornalismo (TRAQUINA, 2004). A partir das possibilidades do ambiente (a existência dos fatos), o sistema realiza a seleção de elementos (os acontecimentos que serão noticiados), de acordo com o sentido atribuído pelo sistema (não pelo ambiente) a tais elementos, com base em critérios, como as condições de apuração, a linha editorial, o público, o impacto da informação, a abrangência, a proximidade, o interesse, o tempo ou espaço disponível, os patrocinadores, entre outros. Um fato científico é notícia na medida em que o sistema jornalístico atribui sentido jornalístico ao acontecimento. "Esse sentido depende da função do sistema. Por isso, as informações são sempre construtos internos" (KUNZLER, 2004, p. 128). Os sistemas sociais e psíquicos selecionam através do sentido. O que não faz sentido para o sistema é descartado, remanescendo na complexidade do ambiente como potencialidade do futuro. Isso explica porque o jornalismo – e também os gestores – valorizou mais o distanciamento social do que a aplicação dos testes.

O processo pelo qual o jornalismo encontra na ciência a referência para a produção de sentidos sobre a pandemia é um processo que valoriza a ciência, mas apenas e enquanto servir para dar sentido ao sistema. Por isso, a formação do pesquisador para a comunicação implica em compreender esse funcionamento da mídia, de modo que aprender a linguagem midiática é mais determinante para os cientistas do que falar a linguagem das comunidades.

O sentido da ciência, portanto, deriva desse trabalho de redução da prática científica ao discurso midiático e das apropriações que os atores individuais fazem dessa narrativa, como observamos na relação dos cientistas com os gestores. O discurso jornalístico opera sobre a prática científica produzindo socialmente os efeitos de sentido sobre a pandemia. De outro lado, como fica claro na entrevista de Hallal, o discurso científico atua sobre o discurso jornalístico, produzindo o efeito de cientificidade e de verdade. A midiatização, neste contexto, impõe o aprendizado de novos habitus para os agentes do campo científico, coloca em relevo o problema das especificidades das instituições midiáticas e não midiáticas e dos atores individuais e aponta para os coletivos como resultado de um processo de tentativa de homogeneização dos sentidos a partir da redução da própria oferta de sentidos pela mídia.

## Referências

BOURDIEU, Pierre. *A Distinção. Crítica social do julgamento*. Tradução de Daniela Kern e Guilherme J. F. Teixeira. S. Paulo: Edusp, Porto Alegre: Zouk, 2007.

\_\_\_\_\_. *Razões Práticas. Sobre a teoria da ação*. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas: Papyrus, 1996.

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. Tradução de Claudia Santana Martins. S. Paulo: Brasiliense, 2005.

ESTEVES, João Pissarra. *A formação dos campos sociais e a estrutura da sociedade moderna*. In: FAUSTO NETO, Antônio. *A Igreja doméstica: Estratégias televisivas de construção de novas religiosidades*. São Leopoldo: Cadernos IHU, ano 2, n. 7, 2004.

FIGENBAUM, Ricardo. HALLAL, Pedro. CISECO Entrevistas - Ricardo Fiegenbaum / Pedro Hallal – Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=31C-KzyG4zk&t=625s>>. Acesso em 30 jun 2021.

FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

GONÇALVES, Sérgio Campos. O método arqueológico de análise discursiva: o percurso metodológico de Michel Foulcault. História e-História. Campinas/SP: NEE-UNICAMP, v. 1, 4 de fevereiro, p. 1-21, 2009.

KUNZLER, Caroline de Moraes. A teoria dos sistemas de Niklas Luhmann. Estudos de Sociologia, Araraquara, 16, p.123-136, 2004.

LUHMANN, Niklas. A improbabilidade da comunicação. Tradução de Anabela Carvalho. 4. ed. Lisboa: Vega, 2006.

\_\_\_\_\_. A realidade dos meios de comunicação. São Paulo: Papyrus, 2005.

RODRIGUES, Adriano Duarte. A gênese do campo dos media. In: SANTANA, R. N. (org.). Reflexões sobre o mundo contemporâneo. Teresina: Ed. Renan, 2000, p. 201- 214.

TRAQUINA, N. Teorias do Jornalismo. Porque as notícias são como são. Volume 1. Florianópolis: Insular. 2004.

VERÓN, E. Esquema para la análisis de la mediatización. Revista diálogos, n. 37, Lima, 1987.



# **Fundamentalismo religioso-político em circulação na Pandemia da Covid-19**

Catiane Rocha Passos de Souza

## **Introdução**

Cerca de dezesseis meses depois da instauração de isolamento social e de outras medidas de prevenção contra a proliferação do Coronavírus no Brasil, ainda verificamos a circulação midiática de fake news sobre o assunto. Pesquisa realizada em maio de 2021, pelo Instituto DataSenado, indica que a maioria dos brasileiros (58%) afirmam ter identificado alguma notícia falsa sobre a vacina contra a Covid-19 nas redes sociais e 44% dizem ter recebido alguma notícia de que a vacina pode trazer prejuízo à saúde. Segundo a pesquisa, para 85% da população, a divulgação de notícias falsas prejudica muito o combate ao corona-

vírus e 92% dos brasileiros acham que quem divulgar notícias falsas sobre a vacina deve ser punido.

Chama a atenção o fato dessas notícias falsas, em boa medida, serem direcionadas ao público conservador, sobretudo cristão. No dia 07 de junho de 2021, o texto “Lideranças religiosas seguem publicando conteúdo falso contra prevenção à covid-19”, de Magali Cunha, publicado no site do Coletivo Bereia<sup>1</sup> revela que, apesar dos alertas e campanhas das mídias tradicionais e dos órgãos de saúde, o comportamento desses religiosos no processo de disseminação das desinformações não sofre alteração:

Pela intensidade do trabalho do Coletivo Bereia com o tema, pode-se afirmar que grupos religiosos colaboram com esta disseminação de conteúdo falso, o que é base para mais contaminação e mortes. Apesar de algumas pessoas apagarem as postagens depois de questionadas em público, o ato isolado não é suficiente para corrigir o mal semeado. Uma análise do perfil das postagens destes religiosos revela que eles/elas não mudam de atitude quanto à postura negacionista diante da pandemia e no próximo acesso a postagens como esta verificada aqui pelo Bereia, o conteúdo deverá ser replicado. (CUNHA, 2021)

A manutenção dessa postura entre os grupos religiosos deve-se, principalmente, aos valores fundamentalistas que embasam discursos

---

1 Com o objetivo de combater a fake news no meio cristão, em outubro de 2019, foi apresentado o Coletivo Bereia: uma iniciativa de organizações, profissionais, pesquisadores e estudantes de comunicação vinculados ao contexto da fé cristã. O Coletivo acompanha plataformas de notícias gospel, notícias de políticos e autoridades cristãs, verificando se seus conteúdos são verdadeiros, imprecisos, enganosos, inconclusivos e/ou falsos.

e práticas de grupos cristãos no Brasil, com destaque para lideranças midiáticas famosas. Além de incentivar a disseminação de fake news, durante a crise sanitária, líderes religiosos, não apenas evangélicos, insistiram contra as medidas de isolamento, a exemplo do Pastor pentecostal Silas Malafaia, do Bispo neopentecostal Robson Rodovalho, do Rabino brasileiro Nilton Bonder, do Pastor pentecostal Abner Ferreira e do Cardeal católico Dom Odilo<sup>2</sup>.

Nas redes sociais dos líderes midiáticos mais seguidos, o negacionismo se apresentou desde rejeição às medidas protetivas até a promoção de práticas curativas sem comprovação científica. O episódio, que resultou numa ação do Ministério Público Federal de São Paulo, foi o vídeo do Pastor Valdemiro Santiago (líder da Igreja Mundial do Poder de Deus) comercializando sementes milagrosas de feijões pelo valor de R\$ 1.000,00 (mil reais).

Muito além do objetivo de tensionar a dicotomia razão/fé, o fundamentalismo se apresenta, no contexto da crise sanitária no Brasil, com uma função agregadora entre diferentes grupos conservadores, principalmente religiosos, em torno de posições políticas com tendências antidemocráticas. Para exemplificar a articulação dos discursos fundamentalistas com os interesses político-econômicos no cenário brasileiro atual, vejamos a publicação de conteúdo falso citada por Magali Cunha, no site do Coletivo Bereia:

---

2 MELLO, Bernardo. Líderes religiosos afirmam que fechamento de igrejas e templos traz impacto financeiro. O Globo Brasil. 7 de abril de 2021. Disponível em <https://oglobo.globo.com/brasil/lideres-religiosos-afirmam-que-fechamento-de-igrejas-templos-traz-impacto-financeiro-24958858> / Acesso em 13, jun. 2021

**Figura 01:** Fake news divulgada por religiosos em junho 2021



Fonte: <https://coletivobereia.com.br/liderancas-religiosas-seguem-publicando-conteudo-falso-contra-prevencao-a-covid-19/>. Acesso em

13, jun. 2021.

A publicação circulou na primeira semana de junho de 2021 após live onde o Presidente Jair Bolsonaro negou a eficiência do uso da máscara, fazendo menção a e-mail, datado em fevereiro de 2020 (informação omitida na postagem), do diretor do Instituto Nacional de Alergia e Doenças Infecciosas dos Estados Unidos Dr. Anthony Fauci, no qual o médico afirma que máscaras devem ser usadas apenas por pessoas infectadas com o coronavírus. Sobre o uso da hidroxicloroquina para tratamento da Covid-19, comunidades médicas e científicas enfatizam que não há comprovação de eficácia. Apesar da investigação da Comissão Parlamentar de Inquérito do Senado (CPI da Covid), o Governo Federal continua com a postura negacionista. Em 10 de junho de 2021, o Presidente declarou solicitar ao Ministro da Saúde um “parecer” para desobrigar o uso de máscaras para vacinados e para quem já foi infec-

tado<sup>3</sup>. O negacionismo científico é uma estratégia de funcionamento do fundamentalismo desde sua origem.

## 1. **Fundamentalismo:** origem e convergências

Apesar da imensa diversidade do Cristianismo no Brasil, inclusive o ativismo político dos evangélicos se compõem de distintas estratégias e de variados repertórios simbólicos, o fundamentalismo religioso se apresenta como um elemento de convergência política entre parcelas significativas das correntes cristãs no país, incluindo o Catolicismo. Para entender a convergência mobilizada pelos discursos fundamentalistas, especialmente dos que emergem na circulação midiática, faz-se importante compreender a origem e as ressignificações do termo fundamentalismo ao longo da história:

A origem do termo remonta à tendência ultra-conservadora de um segmento protestante dos Estados Unidos, na virada do século 19 para o 20, enraizado na interpretação literal da Bíblia, classificada como inerrante, em reação à modernidade, (encarnada na teologia liberal e no estudo bíblico contextual com mediação das ciências humanas e sociais), em defesa dos fundamentos imutáveis da fé cristã. De lá para cá, a perspectiva fundamentalista foi se transformando, no interior do evangelicalismo mesmo, e ultrapassou as fronteiras da religião. Torna-se uma matriz de pensamento, uma postura, ancorada defesa de uma verdade e na imposição dela à sociedade. (CUNHA, 2020, p.5)

---

3 GOMES, Pedro Henrique Gomes et all. Bolsonaro quer desobrigar uso de máscara por vacinados; para especialistas, é uma temeridade. 10 de junho de 2021. Disponível em <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/06/10/bolsonaro-quer-desobrigar-uso-de-mascara-por-vacinados-para-especialistas-e-uma-temeridade.ghtml/> Acesso em 12, jun. 2021.

O fundamentalismo que surge no início do século XX nasce reacionário aos pressupostos do Iluminismo, antagonista às ciências e ao intelectualismo. O fundamentalismo surge como defesa da interpretação literal dos textos sagrados. O termo remete sua origem à obra "The Fundamentals", conjunto de noventa ensaios<sup>4</sup>, escritos por sessenta e quatro autores de diferentes denominações cristãs protestantes, distribuído em doze volumes publicados entre 1910 e 1915 em Chicago. A defesa da inerrância bíblica tornou-se um movimento mais organizado na década de 1920, especialmente entre batistas e presbiterianos dos Estados Unidos (EUA).

O termo "fundamentalismo" foi formalmente conceituado pela primeira vez em 1920 por um pastor americano da Igreja Batista: "num encontro da Northern Baptist Convention, em 1920, Curtis Lee Laws definiu 'fundamentalista' como alguém que está disposto a recuperar territórios perdidos para o Anticristo e 'lutar pelos fundamentos da fé'" (ARMSTRONG, 2009, p.157). Uma das principais campanhas fundamentalistas visava a crítica aos protestantes que faziam abertura aos discursos científicos, como a teoria da evolução das espécies, de Charles Darwin.

Em 1979, no contexto da Revolução Islâmica que transformou o Irã numa República teocrática, onde festas foram proibidas e as mulheres foram obrigadas a cobrir o corpo e o rosto em público, o termo "fundamentalismo" foi ressignificado pela mídia para representação do processo, no qual os dogmas da religião islâmica foram estabelecidos acima de todos os valores democráticos defendidos pela maioria dos países ocidentais. A partir dos anos 2000, o termo é apropriado pela

---

4 A obra foi enviada gratuitamente para ministros, missionários, professores de teologia e de escola bíblica, dentre outros trabalhadores protestantes nos Estados Unidos e em outros países de língua inglesa. Foi financiada anonimamente pelos presbiterianos Milton e Lyman Stewart, e teve mais de três milhões de volumes (250.000 conjuntos) distribuídos.

mídia, em geral, em referência ao radicalismo islâmico nas notícias de atentados terroristas, principalmente, sobre os ataques do 11 de setembro de 2001. Vale destacar que as ressignificações do termo fundamentalismo se efetuam pelas apropriações expressivamente feitas nas mídias, mais especificamente pelo jornalismo.

Com a ascensão de grupos conservadores e religiosos na política em diversos países, dentre eles os EUA e o Brasil, nas últimas eleições, o termo volta à circulação midiática em alusão a ocupação desses grupos na esfera pública. Assim, a significação do termo passou a relacionar defesas religiosas e interesses políticos, ou seja, os fundamentalistas, encontrados entre religiosos diversos, não apenas pregam que os dogmas de seus livros sagrados sejam seguidos à risca, mas posicionam-se numa postura em que os valores religiosos aparecem interseccionados a posições políticas, sobretudo, com viés autoritário, pautadas em interesses econômicos. Em diferentes facetas do capitalismo, valores e discursos religiosos aparecem como mecanismos de aparelhamento. No contexto contemporâneo, princípios defendidos pelo fundamentalismo notadamente se articulam aos preceitos do neoliberalismo: defesa de uma verdade atemporal e da família tradicional, prosperidade como resultado de sacrifício pessoal, problemas sociais concebidos como batalha espiritual, criação e demonização de inimigos, dentre outros.

Fundamentalismos (no plural, portanto) são aqui compreendidos como uma visão de mundo, uma interpretação da realidade, com matriz religiosa, combinada com ações políticas decorrentes dela, para o enfraquecimento dos processos democráticos e dos direitos sexuais, reprodutivos e das comunidades tradicionais, políticas de valorização da pluralidade e da diversidade, num condicionamento mútuo. Não são homogêneos, são diversificados, formados por diferentes grupos que têm em comum inimigos a combater com ações distintas

no espaço público. Por isso, o caráter basilar dos fundamentalismos é o oposicionismo. (CUNHA, 2020, p. 26)

## 2. Estratégias do fundamentalismo religioso-político-econômico na pandemia

Um dos principais discursos amparados nos princípios do fundamentalismo é o de oposição às mudanças. Nessa visão, a Bíblia não é considerada conforme as condições de produção de seus textos, os quais são usados como recortes para justificar posturas conservadoras e ortodoxas.

O olhar fundamentalista divide o mundo em dois: sagrado-profano, bem-mal, certo-errado, levando a excluir física e/ou simbolicamente a todo aquele que ameace essa compreensão ou não pense e sinta dessa maneira. É o dualismo que impregna a concepção da vida do indivíduo, do grupo e do movimento fundamentalista, não aceitando meio-termo ou outras formas de moral e tradição. (CARRANZA, 2008, p. 150)

Formas de moral e tradição que diferem do patriarcalismo dominante são compreendidas como abominações. Sendo assim, o fundamentalismo subsidia desrespeito e violências às religiões não cristãs, principalmente de matrizes africanas, não reconhece às lutas e conquistas dos direitos civis das populações LGBTQIA+, de movimentos feministas e raciais. Vinculadas à compreensão dualista da realidade, no contexto da crise sanitária no Brasil, circularam nas redes sociais mensagens diversas que apontaram a pandemia da Covid-19 como castigo divino às transformações sociais dos últimos tempos.



Na figura abaixo, os motivos apontados para o castigo divino estão estreitamente vinculados à moral sexual conservadora que traduz a homossexualidade como perversão. Conforme os sentidos na sequência das imagens (Figura 02), associar símbolos e personagens do Cristianismo, principalmente à homossexualidade, nas expressões artísticas aludidas, teria provocado a fúria divina resultando na pandemia do Coronavírus. Na visão fundamentalista, o Deus cristão é vingativo, violento e rancoroso.

**Figura 02:** Postagem sobre a pandemia como castigo divino



Fonte: Twitter

Outra peculiaridade fundamentalista no contexto da pandemia no Brasil foi a oposição ao fechamento dos templos como medida de prevenção para a transmissão do vírus. O discurso fundamentalista foi subsídio na defesa de que “a casa de Deus” não poderia ser regulada pelos decretos humanos. Um dos exemplos dessa defesa circulou no vídeo intitulado “Coronavírus! Querem fechar as igrejas que sou pastor? Recorram à justiça!”, do pastor Silas Malafaia (Igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo) publicado em 23 de março de 2020<sup>5</sup> no YouTube.

A terceira estratégia, usada desde os primórdios do fundamentalismo no início do século XX, é a criação de inimigos que supostamente ameaçam os valores religiosos. O fundamentalismo é reação em oposição às mudanças em geral e, conseqüentemente, seus agentes propulsores. Durante a pandemia, essa estratégia ganha peculiaridades. Nos primórdios, a defesa era contra o desenvolvimento científico, na seqüência contra o comunismo, depois contra o Islamismo, todos compreendidos como inimigos da humanidade e, portanto, de Deus. Mais recentemente, a defesa volta-se à família tradicional, considerada ameaçada pelos avanços das pautas defendidas pelos movimentos feministas e LGBTQIA+. Além desses, na pandemia, acentuaram-se a oposição a outros agentes: a mídia tradicional e a ciência.

A crise sanitária no Brasil acentuou a ascensão do pensamento fundamentalista que vem ganhando visibilidade desde às manifestações de rua em 2013 em oposição ao governo do Partido dos

---

5 Dois dias após o vídeo polêmico do pastor, o Presidente da República Jair Bolsonaro publicou o Decreto 10.292, de 25 de março de 2020, incluindo atividades religiosas de qualquer natureza como atividades essenciais para pleno funcionamento no período da pandemia. Entretanto, governadores e prefeitos ganharam a prerrogativa sobre o funcionamento dos serviços nos territórios de suas responsabilidades, a partir de ação do Supremo Tribunal Federal (STF) deliberada em 15/04/2020.

Trabalhadores (PT). Desde então, um somatório de discursos moralistas, sobretudo fundamentados por expressões religiosas ultraconservadoras, fortaleceram a emergência de um governo com tendências antidemocráticas, que faz oposição à mídia e à ciência, anunciadas como inimigas do governo e da nação. (SOUZA & CHÉQUER, 2020, p. 126)

A criação de inimigos é uma das principais estratégias na mobilização dos projetos de "politização" nas instituições cristãs, sobretudo a partir da redemocratização do país nos anos 80. Uma dessas batalhas, talvez a mais emblemática nas diversas igrejas no século XX, foi contra a mídia secular, da qual resulta numa espécie de aparelhamento midiático nas igrejas e instituições cristãs. No atual cenário brasileiro, essa batalha ganha forças na instância da circulação midiática. Assim como o voto corporativo, há um impulso para mobilizar os fiéis no campo da circulação midiática como estratégia bélica, direcionada pela militância política.

No contexto da pandemia, nas plataformas digitais, além da maior presença das igrejas na realização do serviço religioso, os fundamentalistas, sobretudo, se empenham na oposição às orientações da Organização Mundial de Saúde (OMS) e de outros órgãos especializados. Importante destacar o papel dos cristãos progressistas, apesar de estarem em menor número no país, pois também passaram a estar mais presentes na circulação midiática no período da pandemia, inclusive, provocando debates quanto às pautas problematizadas pelos grupos conservadores. Esses cristãos progressistas vêm se articulando, sobretudo pelas plataformas digitais, em prol da desconstrução dos discursos fundamentalistas, dentre eles podemos citar: "Evangélicas pela Igualdade de Gênero", "Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito", "Cuxi -Coletivo Negro Evangélico", "Coletivo Bereia" e outros que apontam a heterogeneidade do universo cristão no Brasil.

### 3. Negacionismos e *fake news* na pandemia

Durante as eleições de 2018, os discursos da “moralidade ressentida” foram os que mais reverberavam nas *fake news*, por exemplo, distribuição de mamadeiras eróticas, livro infantil sobre incesto e de kit satânico para crianças. No período da pandemia, os discursos negacionistas e suas derivações foram os maiores mobilizadores de desinformação. Neste texto, empregamos a concepção de negacionismo enquanto formação discursiva de oposição, por interesses político-ideológicos, ao conhecimento objetivo e às evidências empíricas. Essa formação discursiva tem raízes históricas no pensamento teocêntrico medieval que alimenta, por exemplo, o movimento terraplanista<sup>6</sup>. Na atualidade, o negacionismo vai da rejeição de fatos históricos à recusa dos dados que indicam a degradação ambiental e seus efeitos no cenário contemporâneo: “O princípio que rege a corrente negacionista é o irracionalismo fundamentado na valorização das emoções, na devoção às paixões, na recuperação de algo perdido no passado, no retorno a um sagrado que na verdade é idealizado, nunca existiu.” (SOUZA & CHÉQUER, 2020, p. 131)

Nos primórdios do século XX, a oposição à ciência pelos fundamentalistas religiosos não se estabelecia de modo geral, quer dizer, a oposição se dava àquilo que se concebia como ameaça aos valores pregados pela religião. Na pandemia, a oposição à ciência também não é generalizada, observamos que nas postagens negacionistas há alusão ou referência a falas de especialistas para legitimar determinadas informações. Em alguns casos, há comparações de dados da Covid-19 com os de outras doenças, dentre outras estratégias apropriadas do discurso científico.

---

6 11 milhões de brasileiros acreditam que a Terra é plana, diz Datafolha. Istoé. 12 de maio de 2021. Disponível em <https://istoe.com.br/para-milhoes-de-brasileiros-a-terra-e-plana/>. Acesso em: 13 jun. 2021.

Vale ressaltar que a desinformação não necessariamente é uma notícia falsa, pois muitas dessas postagens possuem conteúdos verdadeiros, mas retirados de contexto. Por exemplo, informações e fatos ultrapassados reaparecem na circulação midiática como atuais ou trechos de entrevistas circulam de maneira isolada, dentre outras formas. No contexto da pandemia, o acelerado fluxo de desinformação foi intitulado de "infodemia", conceito apresentado no Folheto Informativo "Entendendo a infodemia e a desinformação na luta contra a COVID-19" da Organização Mundial da Saúde (OMS), voltado para saúde digital:

A palavra infodemia se refere a um grande aumento no volume de informações associadas a um assunto específico, que podem se multiplicar exponencialmente em pouco tempo devido a um evento específico, como a pandemia atual. Nessa situação, surgem rumores e desinformação, além da manipulação de informações com intenção duvidosa. Na era da informação, esse fenômeno é amplificado pelas redes sociais e se alastra mais rapidamente, como um vírus. (OMS, 2020, p.02)

A infodemia dos dias atuais é fruto do crescente número de pessoas com acesso à Internet paralelo a interesses político-econômicos voltados ao controle e manipulação desse acesso. A conexão por celulares, principalmente, nas últimas décadas, ampliou significativamente o uso das mídias sociais, as quais incentivam a produção e a circulação de conteúdo, oferecendo novos meios de adquirir informações.

No Brasil, os representantes e apoiadores do Governo Bolsonaro<sup>7</sup> formaram os principais negacionistas da quarentena e de outras me-

---

7 Em 13 de abril de 2021 foi instalada uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI), investigação conduzida pelo Poder Legislativo, em andamento, para apurar omissões e irregularidades nos gastos do governo federal durante a pandemia de COVID-19 no

didadas protetivas durante a pandemia da Covid-19, com isso observa-se a vinculação política aos negacionismos materializados na crise sanitária atual.

O Centro de Pesquisas e Estudos de Direito Sanitário (CEPEDISA) da Faculdade de Saúde Pública (FSP) da Universidade de São Paulo (USP) e a organização Conectas Direitos Humanos realizaram uma pesquisa das normas federais e estaduais referentes ao Coronavírus. A pesquisa indica estratégias institucionais de propagação do coronavírus, executadas pelo governo Bolsonaro: 1) atos normativos da União, incluindo a edição de normas por autoridades e órgãos federais e vetos presidenciais; 2) atos de obstrução às respostas dos governos estaduais e municipais à pandemia; e 3) propaganda contra a saúde pública, desde o discurso político que mobiliza argumentos econômicos, ideológicos e morais, às notícias falsas e informações técnicas sem comprovação científica, buscando proliferar incredibilidade às orientações das autoridades sanitárias, promovendo ativismo político contra essas orientações necessárias para conter o avanço da Covid-19. (BRUM, 2021)

Como uma grande parcela de cristãos, principalmente evangélicos, constitui um dos grupos que elegeu e continua apoiando o Governo Bolsonaro, há uma incidência de produção de desinformação direcionada especificamente a esses religiosos. Os dados de pesquisa realizada pelo Instituto Datafolha informam que, sobre a pandemia, as opiniões dos evangélicos se distinguem do resto da população: 6% de Católicos e 3% de Espíritas afirmam que não pretendem se vacinar, entre evangélicos esse percentual é de 14%. Sobre o fechamento de espaços de aglomeração, a maioria dos evangélicos foram contrários

---

Brasil. Além do comportamento negacionista do Presidente, há indícios de negligência quanto a compra e distribuição de equipamentos, oxigênio, medicações, vacinas, dentre outros.

ao fechamento das igrejas (59%), sendo que em relação aos outros espaços (bares, estádios, áreas de lazer etc.) estes acompanham a média da população: cerca de 30% são contrários aos fechamentos.

#### **4.1. Fake news e Cristianismo**

Uma das bases principais do fundamentalismo é a criação de batalhas simbolicamente espiritualizadas nas quais os inimigos são demonizados. Nesse sentido, os religiosos são convocados a guerrear como soldados obedientes em defesa das causas apresentadas como necessárias para a manutenção e proliferação de valores compreendidos como verdades universais. Na atualidade, quando a principal arena se faz nos circuitos midiáticos, fazer circular informações em defesa de tais valores torna-se uma das principais estratégias bélicas, ou seja, postar e/ou repassar informações que representam a posição ideológica é mais representativo do que a própria imagem física do religioso com a Bíblia na mão indo à igreja numa manhã de domingo.

Esses religiosos, por entenderem que a defesa dos valores fundamentalistas é uma missão, tornam-se alvos fáceis dos produtores e manipuladores de desinformações. As desinformações voltadas a esses religiosos, na maioria, propagam a ideia de pânico moral, afirmando que as famílias serão destruídas e que os comunistas vão dominar o mundo. Os religiosos, em boa medida, possuem boa vontade e acreditam que precisam disseminar essas mensagens para que as pessoas saibam o que está acontecendo. Assim, em geral, esses religiosos são usados como disseminadores das desinformações. O fenômeno das fake news atinge significativamente, principalmente, os evangélicos. Nesse contexto, observamos manifestações de algumas instituições quanto à preocupação com esse fenômeno, por exemplo, a Convenção Batista Brasileira publicou em seu site o texto "Cuidado com a fake news gospel" com o intuito de alertar os fiéis.

Devido a interrelação dessas desinformações com os interesses eleitorais, o site do Coletivo Bereia possui uma seção intitulada “Torre de vigia”, cujo objetivo é checar notícias e pronunciamentos de pessoas com filiação religiosa que possuam mandato ou ocupam cargos de confiança na gestão pública, por exemplo, os parlamentares da Frente Parlamentar Evangélica e da Frente Parlamentar Mista Católica Apostólica Romana. Essa agência de checagem, assim como outras que operam no Brasil, configuram algumas lideranças religiosas e portais de conteúdo gospel como disseminadores de desinformações, sendo os principais portais: Gospel Prime, Gospel Mais, Pleno News e Conexão Política. Em 01 de abril de 2021, foi lançado o “Projeto Mentiras do Éden”, parceria entre a Frente de Evangélicos pelo Estado Democrático de Direito/Núcleo Minas Gerais e o Coletivo Bereia, em defesa da democracia e do direito à informação, propondo ações educativas sobre o uso de redes sociais pelos cristãos, especialmente pelos evangélicos.

No período da crise sanitária instaurada pela pandemia da Covid-19, aumentou muito o tipo de desinformação com conteúdo negacionista, sobretudo, com apelo religioso. Mensagens de receitas milagrosas continuam a circular apesar das mídias jornalísticas tradicionais debaterem o assunto com frequência, alertando dos riscos dessas receitas. O telejornalismo, radiojornalismo e o jornalismo impresso têm feito um grande trabalho durante a pandemia, promovendo esclarecimentos e orientação à população. Desde junho de 2020, foi criado um consórcio de mídias, formado por UOL, G1, Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo, O Globo e Extra, com objetivo de colher os dados sobre casos e mortes pela Covid-19, diária e diretamente com as Secretarias de Saúde estaduais. A ação foi necessária devido à falta de transparência do governo federal quanto aos dados, inclusive, sobre os números de vítimas da pandemia.

O senso comunitário entre os cristãos evangélicos é um fator que contribui para que a circulação de informações tenha um fluxo acele-



rado e, conseqüentemente, reações mais imediatas. Os sentimentos de exclusão e de abandono nas populações periféricas reforçam esse senso de comunidade entre esses religiosos. Nessa configuração, validar e legitimar uma mensagem encaminhada por alguém do mesmo grupo significa um ato de confiança e, portanto, compartilhar a mesma mensagem com outras pessoas representa um serviço prestado ou representa fazer o papel na missão evangelística.

## **5. Como promover as fissuras no fundamentalismo**

Inicialmente, vale lembrar da necessidade de ações pedagógicas voltadas para as populações de periferias e de camadas sociais menos favorecidas, pois o acesso ao conhecimento científico, em geral, concentra-se nas academias e entre os intelectuais, não alcançando a população em geral. Nesse sentido, o conhecimento científico carece de ser mediado por uma linguagem mais próxima a essas populações e por meios mais acessíveis.

Quando se trata de grupos religiosos é importante destacar o papel das lideranças como legitimadores ou não das desinformações. A obediência cega às lideranças leva os fiéis a seguirem orientações sem sequer questioná-las. Na verdade, a fé ingênua é uma marca da maior parte dos grupos evangélicos. Não há uma reflexão profunda sobre essas orientações, fruto de uma educação cristã voltada, principalmente, a subserviência aos líderes apenas. As lideranças de boa vontade, comprometidas com a comunidade, precisam realizar um trabalho voltado ao processo educativo para que as pessoas não sejam usadas como mecanismo dessa indústria de fake news. Quando as pessoas ganham consciência de que são usadas ou manipuladas, elas passam a refletir e mudam o comportamento.

A educação cristã na atualidade não atua no sentido de orientar as comunidades para o exercício consciente da cidadania, da reflexão

crítica da realidade. Infelizmente, quase sempre, essa educação está voltada para a manutenção dos discursos do fundamentalismo, para a veiculação de ideologias que circulam e para o consumo de bens e serviços, visando o atendimento ao mercado estruturado para/pelas religiões. A crise da liderança cristã observada nas últimas décadas no Brasil afeta o Cristianismo como um todo, pois a promoção de discursos intransigentes e intolerantes como os do fundamentalismo afasta esses religiosos dos princípios cristãos originários, assim como a produção e/ou propagação de fake news não condiz com a moral cristã.

Outro ponto importante é a punição legal para os produtores de desinformação, também para os que a disseminam conscientemente. Quanto à denúncia dos produtores e propagadores de fake news, vale destacar o papel das agências de checagem. A partir das checagens é possível mapear quem são esses agentes, principalmente lideranças, influenciadores e veículos midiáticos, qual a frequência dessas produções, em quais períodos mais circulam, podendo até alcançar os desmembramentos dessa circulação midiática. Tornar público quem são esses agentes colabora no processo educativo das comunidades. Recentemente, a empresa Google enviou à CPI da Covid 385 vídeos de 34 canais identificados como disseminadores de notícias falsas no Brasil, mostrando que canais no Youtube ganharam dinheiro disseminando notícias falsas sobre a pandemia. O jornalista Alexandre Garcia é citado como um dos que mais lucraram com notícias falsas durante a pandemia do novo coronavírus. Além das agências de checagem das informações, as pessoas podem denunciar nas próprias plataformas midiáticas ou nas delegacias especializadas em crime digital que expõem boletim de ocorrência, visto que, muitas vezes, são postagens que trazem calúnia contra alguém ou evidências de enganação às pessoas.

As manifestações do fundamentalismo, alinhadas aos projetos políticos de lideranças cristãs, funcionam como propulsoras para o projeto político conservador inconformado com as transformações sociais

das últimas décadas. Esse projeto político encontra nos religiosos fundamentalistas um terreno fértil para projeção de seus ideais. Essa situação atrelada à aceleração da capacidade de circulação midiática revela novos aspectos da realidade. Nesse sentido, se fazem necessárias novas pesquisas voltadas a entender as relações entre fundamentalismo religioso e política no Brasil. É preciso considerar de forma preponderante as reverberações desse entrecruzamento na produção de sentidos, nos universos evangélicos e católicos, para compreender melhor a política e a circulação midiática no país.

## Referências

ALEXANDRE Garcia lucrou quase R\$ 70 mil com notícias falsas, diz relatório. UOL. 12 de junho de 2021. Disponível em <https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2021/06/12/alexandre-garcia-lucrou-quase-r-70-mil-com-noticias-falsas-diz-relatorio.htm> Acesso em 12, jun. 2021.

ARMSTRONG, Karen. Em nome de Deus – o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, 527p.

BRUM, Eliane. Pesquisa revela que Bolsonaro executou uma "estratégia institucional de propagação do coronavírus. El País Brasil. 21 de janeiro de 2021. Disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-01-21/pesquisa-revela-que-bolsonaro-executou-uma-estrategia-institucional-de-propagacao-do-virus.html><https://brasil.elpais.com/brasil/2021-01-21/pesquisa-revela-que-bolsonaro-executou-uma-estrategia-institucional-de-propagacao-do-virus.html>. Acesso em 11, jun. 2021

CARRANZA, Brenda. O Brasil, fundamentalista? Revista Encontros Teológicos. n° 52. Ano 24 / número 1 / 2009, p. 147-166.

CUIDADO com a fake news gospel. Convenção Batista Brasileira. Disponível em [http://convencaobatistabrasileira.com.br/siteNovo/pagina.php?ART\\_ID=38](http://convencaobatistabrasileira.com.br/siteNovo/pagina.php?ART_ID=38). Acesso em: 13, jun. 2021.

CUNHA, Magali do Nascimento. Lideranças religiosas seguem publicando conteúdo falso contra prevenção à covid-19. Coletivo Bereia. 7 de junho 2021. Disponível em <https://coletivobereia.com.br/liderancas-religiosas-seguem-publicando-conteudo-falso-contra-prevencao-a-covid-19/> Acesso em 12, jun. 2021.

CUNHA, Magali do Nascimento. Fundamentalismos, crise da democracia e ameaça aos direitos humanos na América do Sul. Salvador: Koinonia, 2020, 62 p.

DATAFOLHA Instituto de Pesquisas. Pandemia e Vacina. 15 e 16 de março de 2021. Disponível em <http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2021/03/22/6v879812aac6be2ac83138hf6379eif571n1cd.pdf> Acesso em 11, jun. 2021.

ENTENDENDO a infodemia e a desinformação na luta contra a COVID-19 – Folheto informativo. OMS. OPAS. 2020. 06 p. Disponível em [https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic\\_por.pdf?sequence=14&isAllowed=y](https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf?sequence=14&isAllowed=y) Acesso em 09, jun. 2021.

GOMES, Pedro Henrique Gomes et all. Bolsonaro quer desobrigar uso de máscara por vacinados; para especialistas, é uma temeridade. 10 de junho de 2021. Disponível em <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/06/10/bolsonaro-quer-desobrigar-uso-de-mascara-por-vacinados-para-especialistas-e-uma-temeridade.ghtml/> Acesso em 12, jun. 2021.

INSTITUTO de Pesquisa DataSenado. Secretaria da Transparência. Senado Federal. Maio 2021. Disponível em <https://www12.senado.leg.br/institucional/datasetado/arquivos/65-dos-brasileiros-sabem-que-a-cpi-da-covid-19-esta-em-funcionamento/> Acesso em 12, jun. 2021.

MELLO, Bernardo. Líderes religiosos afirmam que fechamento de igrejas e templos traz impacto financeiro. O Globo Brasil. 7 de abril de 2021. Disponível em <https://oglobo.globo.com/brasil/lideres-religiosos-afirmam-que-fechamento-de-igrejas-templos-traz-impacto-financeiro-24958858/> Acesso em 13, jun. 2021.

11 milhões de brasileiros acreditam que a Terra é plana, diz Datafolha. Istoé, 12 de maio de 2021. Disponível em <https://istoe.com.br/para-milhoes-de-brasileiros-a-terra-e-plana/>. Acesso em: 13, jun. 2021.

SOUZA, Catiane & CHÉQUER, Priscila. Fundamentalismo religioso e político na pandemia: "é isso mesmo", "e daí?". Caderno Teológico. PUC- PR. Curitiba, v 5, n 2, p. 123-137, jul.- dez., 2020. Disponível em <https://periodicos.pucpr.br/index.php/cadernoteologico/article/view/27225/24799>. Acesso em: 13, jun. 2021.



# **A circulação de desinformação e o fundamentalismo religioso**

Magali do Nascimento Cunha

O Dicionário Oxford (Oxford Dictionaries) escolheu post-truth, "pós-verdade", como palavra internacional de 2016, para significar o que chamou de 12 meses "politicamente altamente inflamados", "uma das palavras que definem nosso tempo". O dicionário define "pós-verdade" como um adjetivo "relativo a ou que denota circunstâncias nas quais fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que apelos à emoção e à crença pessoal" (COMO TRUMP... 2016). 2016 foi o ano do Brexit (a campanha, durante a consulta pública na Grã-Bretanha, para a retirada daquela nação da União Europeia) e o ano das eleições que levaram Donald Trum à Presidência dos Estados Unidos. Ambos os episódios foram marcados por campanhas políticas que mudaram o curso da história de países, baseadas em fatos manipulados pelo que passou, fortemente, a se denominar "pós-verdade".

O fenômeno levou a Comissão Europeia a criar, em 2018, um “Plano de Ação contra Desinformação”. Para além de pós-verdade e fake news, o Plano avalia o que se viveu no Brexit como um sistema maior, de desinformação, que define como: “Informação comprovadamente falsa ou enganadora que é criada, apresentada e divulgada para obter vantagens econômicas ou para enganar deliberadamente, podendo prejudicar o interesse público” (COMISSÃO EUROPEIA, 2018).

A propagação de conteúdo desinformativo que interfere em temas de interesse público tem sido destaque não apenas nos estudos em comunicação, também em diferentes áreas do conhecimento, e, para além da academia, é objeto de análise de organismos políticos, como a Comunidade Europeia e a Organização das Nações Unidas. As empresas de aplicativos de comunicação como Facebook, Twitter e Whatsapp também têm dedicado esforços de pesquisa sobre a temática, dado o seu envolvimento direto.

Os episódios que envolveram a votação do Brexit, em 2016, na Grã-Bretanha, os processos eleitorais dos Estados Unidos, naquele mesmo ano, e os do Brasil, em 2018, têm sido objetos de análise que demonstram como a produção de desinformação interferiu prejudicialmente na formação da opinião pública e em ações políticas. Silverman (2016 apud VENTURINI et al, 2020) constata que nos três últimos meses da campanha presidencial dos Estados Unidos, em 2016, os conteúdos falsos (fake news) sobre as eleições geravam mais engajamento no Facebook do que as histórias mais lidas produzidas pela imprensa tradicional. O Intervezes – Coletivo Brasil de Comunicação Social (2019) cita, em publicação informativa sobre fake news e desinformação, que 90% das pessoas entrevistadas em levantamento do Ibope Inteligência em 2018 afirmaram ter recebido algum tipo de notícia falsa naquele ano.

Nestas abordagens, emerge o lugar da religião como componente de conteúdos desinformativos amplamente propagados, bem como de grupos e pessoas religiosos, predominantemente cristãos, como públi-



co-alvo. Identificam-se conteúdo e público-alvo ajustados ao conservadorismo político e teológico como alimentadores da disseminação de desinformação. Amplas parcelas deste segmento não só tiveram papel importante na dinâmica que levou à vitória de Donald Trump, nos Estados Unidos da América (EUA), e de Jair Bolsonaro, no Brasil, como revelaram-se receptores e propagadores de fake news que alimentaram estas disputas.

Este capítulo busca refletir sobre o fenômeno da circulação de desinformação entre grupos religiosos evangélicos no Brasil, a partir da perspectiva do enfrentamento desta anomalia social, e localiza o lugar do fundamentalismo político-religioso como elemento destacado neste fenômeno.

## **1. A relação igrejas e mídias no século 21**

As igrejas em geral nunca rejeitaram as mídias, pelo contrário (CUNHA, 2019). Na virada para o século XXI, enquanto grupos católicos investiam em maior presença na TV e nas mídias digitais, pastores e líderes evangélicos, primordialmente do ramo pentecostal, tornavam-se empresários de mídia e detentores, do que se poderia chamar, "verdadeiros impérios" no campo da comunicação, buscando competir até mesmo com empresas não-religiosas historicamente consolidadas (caso das Igrejas Universal do Reino de Deus, Renascer em Cristo e Internacional da Graça de Deus). A ponto de alguns desses grupos religiosos já nascerem midiáticos – isto é, a interação com as mídias serem parte da sua própria razão de ser.

Um dos elementos que sinalizam o processo de midiatização das igrejas é o surgimento de igrejas que têm as mídias como parte do seu projeto de criação/existência e como essência de suas práticas. A religião sempre foi mediada, mas cada vez mais depende em menor ou maior grau das mídias. Isso não diz respeito a uma questão puramente

técnica, pelo contrário, a partir do momento em que o campo religioso reestrutura a sua prática e o seu discurso são gerados distintos sentidos. Portanto, estamos diante de uma nova religião que carrega simbólicas e marcas das lógicas da mídia e de seu processo de produção de sentidos (BORELLI, 2010, p. 17).

Nesse sentido, as igrejas midiáticas são caracterizadas por localizarem nas mídias o canal de comunicação por excelência e o seu próprio projeto pastoral. No próprio funcionamento dessas igrejas, é possível identificar marcas dessa característica. Por exemplo, os espaços de culto, os templos, não existem sem equipamentos midiáticos como sistemas de som sofisticados, aparelhos de projeção de textos e imagens, telões, sistemas integrados para transmissão dos conteúdos websites, rádios, canais de TV. Tempo e espaço ganham outras significações.

A midiaticização destas igrejas passa pelo controle de múltiplas mídias (publicações impressas, rádios e canais de TV convencionais e via web, produções fonográficas e em vídeo, portais na internet). Este processo tem, como consequência, o lobby político no Parlamento, da parte destas igrejas, já mencionado.

Dando sentido a esses aparatos tecnológicos estão as dinâmicas (lógicas midiáticas) que envolvem discursos e atos religiosos baseadas em fluidez, imediatismo, privilégio à imagem, espetacularização das práticas, fragmentação, esvaziamento da espontaneidade, distanciamento/virtualidade, relacionamento com grandes audiências (KELLNER, 2011).

Podem ser identificadas como midiáticas as igrejas classificadas como neopentecostais: Universal do Reino de Deus, Internacional da Graça de Deus, Renascer em Cristo, Sara a Nossa Terra, Mundial do Poder de Deus.

A midiaticização das igrejas evangélicas contribui para o que Joaão Burity (2016) denomina "desprivatização dos evangélicos". Este

segmento religioso saiu da condição de minoria invisível para uma visibilidade publicizada por meio de estreita relação com as mídias e de participação política com a realização de projetos sociais em parceria com o poder público, com voz nos debates de temas amplos e na mediação de conflitos sociais, com profissionalização da atuação política e estabelecimento de estratégias.

Esta nova postura e imagem se localiza no contexto da cultura gospel (CUNHA, 2007), com a recriação da identidade religiosa evangélica e o alargamento das fronteiras delineadas no passado entre sagrado e profano baseadas numa relação em torno da tríade música-consumo-entretenimento. E a participação política em interação no espaço público é elemento fundamental neste processo.

O conceito de espaço público está aqui relacionado ao de pólis, tal como recuperado da filosofia grega e ressignificado por Hanna Arendt. É uma compreensão que transcende a noção geográfica e territorial relacionada ao espaço público da cidade, do Estado e da Nação, e, também, à visão que a vincula ao Estado moderno, à cidadania, à democracia, à mobilização, ao engajamento e à participação na política, ao discurso e à opinião pública (HABERMAS, 1984). Arendt refere-se à pólis como um lugar de aparição e de interação, "não importa onde [as pessoas] estejam":

A rigor, a polis não é a cidade-estado em sua localização física; é a organização da comunidade que resulta do agir e falar em conjunto, e o seu verdadeiro espaço situa-se entre as pessoas que vivem juntas com tal propósito, não importa onde estejam. 'Onde quer que vás, serás uma polis': estas famosas palavras não só vieram a ser a senha da colonização grega, mas exprimiam a convicção de que a ação e o discurso criam entre as partes um espaço capaz de situar-se adequadamente em qualquer tempo e lugar. Trata-se do espaço da aparência, no mais amplo sentido da palavra, ou seja, o espaço no qual eu apareço aos outros e os outros a mim; onde os homens assumem uma apa-

rência explícita, ao invés de se contentar em existir meramente como coisas vivas ou inanimadas. (ARENDDT, 2009, p. 211).

É aqui que o lugar das mídias e do processo da sociedade em midiaticização se destaca. Reconhecemos que não é possível compreender a desprivatização dos evangélicos brasileiros e a construção da religião pública por este segmento cristão, sem se considerar a dinâmica acelerada e diversa de formas de interação dos diferentes grupos evangélicos entre si e com outros (religiosos e não-religiosos) por meio das diferentes mídias. Parafraseando José Luiz Braga (2012, p. 37), assim vemos os processos de internacionalidade midiaticizante estimulando os modos pelos quais os evangélicos se comunicam e, em consequência, tentativamente se organizam no espaço público, em um movimento que os tira da reclusão dos templos à visibilidade da pólis midiaticizada.

Este processo se dá no contexto da dinâmica da sociedade em midiaticização. Roger Silverstone (2006, p. 168-169, tradução livre) contribui com a compreensão de que a midiaticização é "um processo fundamentalmente dialético, ainda que não sempre igual, mediante o qual os meios de comunicação institucionalizados formam parte da circulação geral de símbolos dentro da vida social". Identificamos, portanto, que novos fluxos comunicacionais – a circulação de sentidos e valores pelas fronteiras religiosas porosas – passam a dar novo significado às experiências e práticas e às doutrinas enraizadas nas tradições religiosas evangélicas brasileiras, dando forma a fundamentalismos político-religiosos, conforme trataremos a seguir.

## **2. O avanço dos fundamentalismos político-religiosos**

O fundamentalismo religioso surgiu nos primórdios do século XX, entre protestantes dos EUA, como uma reação contra os valores da

modernidade iluminista e humanista, que colocaram em xeque a centralidade do Cristianismo na cultura ocidental, provocando o processo de secularização. Este clima social promoveu também o diálogo da teologia com as ciências humanas e sociais e o surgimento das ciências bíblicas e da teologia liberal, elementos inaceitáveis para os defensores dos fundamentos da fé pela revelação do texto sagrado literal (MARDEN, 1991).

Característica comum deste posicionamento religioso é a revelação como princípio estruturante da organização da sociedade em todas as suas dimensões. A revelação é ligada à escritura, à Bíblia, onde se encontram os fundamentos da fé, cuja leitura deve ser feita por meio de interpretação literal, supostamente, sem mediação, como base para a organização da vida social e política.

Estes fundamentos da fé promovem a construção de toda compreensão da vida com base em dualismos: bem-mal, certo-errado, pecado-salvação, sagrado-mundano. E com isto se estabelece fronteiras religiosas em relação do que deve ser apoiado e praticado e o que deve ser abandonado e recusado. Tendo como âncora a defesa do mito da civilização cristã ocidental, corporificada na cultura dos países protestantes dominantes, o fundamentalismo evangélico pleiteia para si o cristianismo verdadeiro recusando o diálogo ecumênico.

Em diferentes épocas e lugares, o fundamentalismo ganha novas formas sem deixar de manter estas bases atreladas à sua vocação de reação ao novo e à contextualização. É neste sentido que, de um modo geral, evangélicos fundamentalistas reagem à modernidade representada nas novas formas de família, à educação sexual e à autonomia das mulheres sobre seu próprio corpo, principalmente na questão do aborto, que são avaliadas como práticas contrárias aos valores cristãos contidos nas escrituras sagradas. Com isso advogam a defesa do que chamam de "família tradicional", formada por marido, mulher e filhos e a autoridade do homem como chefe desta família. Alguns grupos de-

fendem ainda o ensino da Bíblia nas escolas, especialmente na oposição à negação das ciências à ação de Deus no mundo (Criacionismo x Evolucionismo, por exemplo) (BRONSTEIN et al, 2019).

O fundamentalismo e seus valores pela verdade, pela família, questionadores da ciência e da imprensa, adquiriu, nos anos 1980, contornos de uma religiosidade partidária, com a Maioria Moral nos EUA, se refez nas eleições presidenciais de 2016, e ganhou versão brasileira, 40 anos depois, com o bolsonarismo. No Brasil, as novas expressões fundamentalistas emergem como reação às transformações socioculturais que o país tem experimentado, em especial a partir dos anos 2002, com a abertura e a potencialização de políticas voltadas para direitos humanos e gênero (CUNHA, 2020b).

São novas por conta da forma como as lideranças evangélicas que as defendem se apresentam: como pertencentes aos novos tempos, em que a religião interage com o mercado, as mídias e as tecnologias – mas que se revelam defensoras de princípios fundamentalistas, com discursos de rigidez moral, visando à conquista de poder no espaço público.

Pesquisa promovida pelo Fórum América do Sul da ACT Aliança América Latina (FESUR) (CUNHA, 2020a), identificou o fortalecimento e a visibilidade de fundamentalistas católicos-romanos e evangélicos no espaço público na última década. A pesquisa construiu, com base no material empírico, uma compreensão do que se tornou o fundamentalismo político-religioso:

uma visão de mundo, uma interpretação da realidade, com matriz religiosa, combinada com ações políticas decorrentes dela, para o enfraquecimento dos processos democráticos e dos direitos sexuais, reprodutivos e das comunidades tradicionais, políticas de valorização da pluralidade e da diversidade, num condicionamento mútuo. Não são homogêneos, são diversificados, formados por

diferentes grupos que têm em comum inimigos a combater com ações distintas no espaço público. Por isso, o caráter basilar dos fundamentalismos é o oposicionismo. (CUNHA, 2020, p. 25).

No Brasil isto pode ser identificado nos discursos de evangélicos e católicos que predominam nas mídias tradicionais e nas mídias digitais e pela articulação da Bancada Religiosa (Evangélica e Católica) no parlamento. Isto se dá em um cenário construído na última década, que favoreceu a articulação entre políticos conservadores não vinculados às igrejas, lideranças políticas evangélicas e católicas e lideranças religiosas midiáticas, compondo um quadro de reverberação de pautas fundamentalistas, com amplo apoio do eleitorado nacional (CUNHA, 2020b).

Neste quadro, um aspecto novo, é a visibilidade alcançada pelas lideranças conservadoras evangélicas (pastores, cantores gospel, blogueiros, Youtubers) na esfera pública com projetos de articulação e acúmulo de forças no campo político. Isto foi potencializado com a eleição do capitão reformado Jair Bolsonaro à Presidência da República, em 2018, que, em aliança com setores políticos evangélicos e lideranças eclesiásticas, alçou os evangélicos a uma esfera de poder por muito tempo almejada no segmento com a nomeação de ministros de Estado relacionados às igrejas Batista e Presbiteriana, primordialmente, entre outras.

Ao mesmo tempo, o Poder Judiciário também se torna espaço ocupado por lideranças religiosas alinhadas ao fundamentalismo, o que passa a ser observado a partir da messianização do procurador evangélico Deltan Dallagnol na Operação Lava Jato e a atuação de juizes federais, como no caso do Juiz Marcelo Bretas do Rio de Janeiro, evangélico.

Estes elementos compõem o quadro que hoje coloca os evangélicos como grupo religioso protagonista no processo político em curso no

Brasil, o que resulta na intensa visibilidade da Bancada Evangélica no Congresso Nacional, e também o surgimento de lideranças religiosas ativistas políticas não institucionais, com forte presença nas redes sociais digitais. A relação entre cristãos e política no tempo presente, no Brasil, é uma relação midiaticizada, estruturada pela mediação das mídias. As mídias tornam-se uma "arena de visibilidade" e colocam especialmente os cristãos em uma "esfera de visibilidade pública". É no espaço das mídias digitais que a discussão política se tem desenvolvido com mais intensidade e paixão entre cristãos, com construção e re-construção das visões de mundo (imaginários), com discursos tornados públicos e chamamento a ações coletivas (CUNHA, 2019).

Neste cenário há um predomínio da corrente fundamentalista no Brasil nos espaços midiáticos religiosos e não-religiosos tradicionais e digitais, como um reflexo da hegemonia que os grupos conservadores religiosos alcançaram no espaço político partidário. A ação midiática promove a invisibilidade de outros grupos religiosos e de evangélicos mesmos, de vertente progressista.

A hegemonia dos fundamentalismos político-religiosos é alcançada por conta destes grupos atuarem fortemente nas mídias por meio do pânico moral, da retórica do medo, para gerar insegurança e promover afetos. Pânicos morais são fenômenos que emergem em situações nas quais sociedades reagem a determinadas circunstâncias e a identidades sociais que presumem representarem alguma forma de perigo. São a forma como a mídia, a opinião pública e os agentes de controle social reagem a determinados rompimentos de padrões normativos e, ao se sentirem ameaçados, tendem a concordar que "algo deveria ser feito" a respeito dessas circunstâncias e dessas identidades sociais ameaçadoras. O pânico moral fica plenamente caracterizado quando a preocupação aumenta em desproporção ao perigo real e geral (MISKOLCI, 2007)



Há em curso um pânico moral em torno da “defesa da família” e dos filhos das famílias, como núcleos da sociedade que estariam em risco, por conta agenda de igualdade de direitos sexuais. Mensagens alarmistas apresentam esta agenda como de destruição e de ameaça à sociedade com base na noção de que se a família e as crianças estão em risco toda a sociedade está em risco. Para isso, os grupos recorrem às mídias em todos os formatos, tradicionais e digitais, com farto uso de desinformação, em especial de fake news, para alimentação do pânico moral e para interferência nas pautas políticas. Há também a disseminação de discursos de ódio contra movimentos sociais e contra ativistas diretamente.

### **3. Fundamentalismos e desinformação**

O extremismo conservador das campanhas de Donald Trump e Jair Bolsonaro, citadas neste trabalho, tem raízes religiosas vinculadas ao fundamentalismo. O pesquisador de Literatura Americana e Religião da Universidade de Victoria (Inglaterra) Christopher Douglas, por exemplo, indica que a cultura fundamentalista é base para que fake news se espalhem facilmente entre cristãos conservadores por meio das seguintes características:

1. negação da ciência (especialmente da teoria da evolução e da leitura contextual da Bíblia) e desqualificação da informação pelas mídias;
2. criação de fontes alternativas para conhecimento e informação: suas próprias universidades, museus e mídias;
3. formação cognitiva para rejeitar conhecimento especializado e buscar alternativa – geração de incapacidade de pensamento e análise críticos, é base para que fake news se espalhe facilmente entre cristãos conservadores. (DOUGLAS, 2017)

Isto ganha força, no espaço público, segundo Douglas, para além da religião, com o fortalecimento de uma religiosidade partidária entre fiéis (afinidade eletiva com a direita política) e uma aproximação aos extremismos conservadores.

Um exemplo que é marca de conteúdo falso disseminado por cristãos fundamentalistas pelas mídias é a chamada "ideologia de gênero". Esta pode ser classificada como a mais bem-sucedida concepção falsa criada no âmbito religioso. Surgida no ambiente católico e abraçada por grupos evangélicos distintos, que reagem negativamente aos avanços políticos no campo dos direitos sexuais e reprodutivos, o termo trata de forma pejorativa a categoria científica "gênero" e as ações distintas por justiça de gênero, atrelando-as ao termo "ideologia", no sentido banalizado de "ideia que manipula, que cria ilusão". A "ideologia de gênero" nesta lógica, é apresentada como uma técnica "marxista", utilizada por grupos de esquerda, com vistas à destruição da "família tradicional". (CUNHA, 2020a).

O fato de pessoas acreditarem e ainda ajudarem a divulgar e a consolidar desinformação pela internet encontra explicação na Psicologia Social: ainda que constatem que acreditaram numa mentira, pessoas não renunciam a ela pois ela é coerente com seu jeito de pensar, de agir, de estar no mundo, ou lhe traz alguma compensação, conforto. Isto é o que se chama "dissonância cognitiva". Ela acontece quando pessoas têm necessidade de estabelecer uma coerência entre suas cognições (seus conhecimentos, suas opiniões, suas crenças), que acreditam ser o certo, com o que se apresenta como opção de comportamento ou de pensamento. Para superar a dissonância, e buscar consonância, há duas atitudes: aceitar o que está sendo oferecido e refletir no que deve ser mudado ou rejeitar a opção em nome do que pensam ser "o certo" (BRONSTEIN et al, 2019; ROCHA, 2019; POR QUE... 2019).

É aqui que se situa a perspectiva da religião e como os grupos religiosos, especificamente os conservadores, estão propensos não só a

assimilar as notícias e ideias mentirosas que circulam pela internet, coerentes com suas crenças, como também a fazer a propagação, uma espécie de “evangelização”, disseminando estas notícias e ideias para que convertam pessoas ao mesmo propósito.

Não são apenas pessoas e grupos conservadores que propagam desinformação. A disseminação de falsidades ocorre entre diferentes grupos ideológicos, intensificando polarizações. No entanto, grupos cristãos conservadores parecem ser os mais propensos à propagação, por conta de maior exposição à “dissonância cognitiva”. Tais grupos são interpelados pelas transformações sociais e políticas que colocam em xeque boa parte de suas convicções alimentadas por uma leitura descontextualizada da fé, e, conseqüentemente, do mundo.

#### **4. Uma ação de enfrentamento:** o Coletivo Bereia – Informação e Checagem de Notícias

Um grupo de jornalistas e voluntários interessados na relação desinformação-religião foi estimulado, em 2019, pela organização Paz e Esperança Brasil, para o desenvolvimento de uma ação específica. O grupo se reuniu e criou o Coletivo Bereia – Informação e Checagem de Notícias que atua por meio do site Bereia ([www.coletivobereia.com.br](http://www.coletivobereia.com.br)), dedicado à verificação de notícias e produção de conteúdo com foco em religião.

A apresentação do site explica que o nome Bereia é simbólico para cristãos. Faz referência a uma cidade grega, localizada na região da Macedônia, citada no livro da Bíblia dos Atos dos Apóstolos, no Novo Testamento. O texto registra um elogio aos judeus de Bereia, que participavam das reuniões promovidas por cristãos, não apenas por sua abertura para ouvir os novos ensinamentos. Os bereanos foram reconhecidos no texto bíblico porque eles mesmos examinavam as Es-

crituras, diariamente, para verificar se o que o apóstolo Paulo e seus companheiros diziam estava correto.

O Coletivo afirma ter consciência de que são muitas as várias iniciativas de agências, sites e coletivos que prestam serviços de verificação diante da realidade tão desafiadora da propagação intensa de desinformação. No entanto, Bereia oferece uma especialidade ainda não desenvolvida por outro grupo: a checagem de notícias veiculadas nos espaços digitais de mídias e lideranças religiosas, que têm o público cristão como alvo (seção "Checamos"). O Coletivo atua ainda na verificação dos pronunciamentos dos políticos que se identificam como religiosos e que estão tão em evidência no cenário político hoje (seção "Torre de Vigia").

A equipe do Bereia, formada por jornalistas, estudantes de comunicação e outros voluntários interessados na busca de superação da desinformação, acompanha, diariamente, mídias de notícias cristãs e pronunciamentos e declarações de políticos e autoridades cristãs de expressão nacional, veiculados pelas mídias noticiosas e pelas mídias sociais. É verificado se os conteúdos propagados são informativos (verdadeiros) ou desinformativos (imprecisos, enganosos, inconclusivos ou falsos).

Além da verificação de conteúdo, o Coletivo Bereia tem a seção "Areópago", que oferece a leitores/as textos para estudo e reflexão que tratam de informação e desinformação e, também, de temas da conjuntura presentes nas seções "Checamos" e "Torre de Vigia".

A iniciativa é apoiada pelas organizações Agência Latino Americana e Caribenha de Comunicação (ALC); Associação Católica de Comunicação - Brasil (SIGNIS); Associação Mundial para a Comunicação Cristã - América Latina (WACC-AL, na sigla em inglês); Grupo de Pesquisa Comunicação e Religião da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (GP Comunicação e Religião - Intercom); e Paz e Esperança Brasil. Integra a Rede Nacional de Combate à Desin-

formação (RNCD). O Coletivo tem, ainda, parceria com a Rede Católica de Rádio, por meio da veiculação do quadro semanal "Joio ou Trigo?" no jornal Brasil Hoje da rede, e com o Projeto Comprova, por meio do Comprova + Comunidades, no acompanhamento do processo das eleições municipais de 2020.

Uma observação sintética do site para elaboração desta descrição, mostra que, em atuação nos primeiros 12 meses do projeto, de outubro de 2019 a setembro de 2020, o Bereia realizou 92 verificações, 20 delas referentes à Torre de Vigia (cobertura política). Deste total, outras 27 verificaram conteúdos sobre saúde, o tema de maior incidência, por conta da pandemia de covid-19 como destaque; 17 sobre perseguição religiosa; 13 sobre sexualidade; 11 sobre política internacional e as demais sobre temáticas variadas.

Nesse sentido, uma vez que a covid-19 se apresenta como tema de saúde intensamente politizado, a política nacional é indicado como o grande tema desinformativo entre grupos cristãos, seguido de perseguição religiosa e sexualidade, o que corrobora a compreensão afirmada neste capítulo, de que a assimilação de desinformação entre cristãos tem forte relação com passionalidade (pânico moral em torno de inimigos da fé e tabus sexuais).

As verificações são classificadas pelo Coletivo Bereia por meio de cinco categorizações de conteúdos: verdadeiro, falso, enganoso, impreciso, inconclusivo. O coletivo compreende como "Falso" uma informação incorreta ou sem substância factual; "Enganosa", a informação apresentada para confundir; "Impreciso", o conteúdo que tem dados verdadeiros mas não são substanciais ou comprováveis; "Inclusiva", a informação que não apresenta dados suficientes para ser avaliada. Das 92 verificações, 77 não são verdadeiras, sendo, entre estas, 45 de conteúdo falso e enganoso.

Os veículos mais citados na propagação de desinformação são sites de notícias gospel: Pleno News (11 notícias), Gospel Mais (sete notícias)

Gospel Prime e CPAD News (seis notícias cada). Mídias sociais abrangem uma grande fatia das verificações: 42 notícias. As demais 26 notícias verificadas estão distribuídas em 13 diferentes veículos.

Chama a atenção a densidade das matérias de verificação com a ampliação das temáticas e aprofundamento do que é comumente tratado de forma superficial pelas fontes checadas, o que fica aqui indicado como elemento que pode ser objeto de futuras pesquisas e análises, tendo em vista a dimensão formativa da informação, que deve ser desenvolvida pelo jornalismo (MAFFESOLI, 2003).

## **A título de conclusão**

O fenômeno comunicacional da desinformação tem forte assimilação entre grupos cristãos no Brasil, como se pode observar na observação da ação de enfrentamento desenvolvida pelo Coletivo Bereia, acima apresentada. É intensa a circulação de conteúdos desinformativos de cunho falso e enganoso, o que corrobora a conclusão dos estudos sobre a relação entre fundamentalismo e desinformação e a compreensão de que o que se propaga de forma falsa, enganosa, imprecisa e inconclusiva, como verdade, tem sucesso porque se adequa mais a crenças e valores e menos a fatos propriamente ditos.

A iniciativa do Coletivo Bereia não é apenas importante porque se soma aos demais projetos de verificação de notícias que têm prestado serviço à população no enfrentamento da desinformação. O ineditismo e o relativo sucesso desta experiência especializada em conteúdo de cunho religioso e/ou que circula em ambientes digitais religiosos, revelado nas parcerias descritas, indica que qualquer empreendimento com o objetivo de denunciar desinformação e informar, deve levar em conta o ecossistema da informação e sua complexidade. Isto significa não apenas checar, desmentir, oferecer dados ou complementá-los, mas produzir conteúdo a partir "do mundo" dos receptores e

desenvolver, também, conteúdo que leve em conta sua lógica e sua linguagem. Por certo, este é um indicativo para novos estudos e pesquisas nesta temática.

## Referências

ARENDDT, Hannah. A condição humana. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

BRONSTEIN, Michael V. et al. Belief in fake news is associated with delusionality, dogmatism, religious fundamentalism and reduced analytic thinking. *Journal of Applied Research in Memory and Cognition*, 8, p. 108-117, 2019. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2211368118301050>>. Acesso: 30 jun 2021.

BORELLI, Viviane. "Dispositivos midiáticos e as novas 'formas' do fenômeno religioso". In: \_\_\_\_\_. *Mídia e religião: entre o mundo da fé e do fiel*. Rio de Janeiro: E-Papers, 2010. p. 15-30.

BRAGA, José Luiz. "Circuitos versus campos sociais". In: MATTOS, M.A., JANOTTI JUNIOR, J., JACKS, N. (Orgs). *Mediação & midiatização*. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 29-52

BURITY, Joanildo. "Religião, cultura e espaço público: onde estamos na presente conjuntura?". In: MEZZOMO, Frank Antonio, PÁTARO, Cristina Satiê de Oliveira, HAHN, Fábio André (Orgs.). *Religião, Cultura e Espaço Público*. São Paulo/Campo Mourão: Olho D'Água/Fecilcam, 2016. p. 13-50

COMISSÃO EUROPEIA. Plano de Ação contra a Desinformação. Bruxelas, JOIN (2018) 36 final. Disponível em: <<https://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=JOIN:2018:0036:FIN:PT:PDF>> Acesso: 30 jun 2021.

COMO TRUMP E o Brexit ajudaram a cunhar a 'palavra do ano' escolhida pelo dicionário Oxford. BBC News Brasil, 16 nov 2016. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-37998165>> Acesso: 30 jun 2021.

CUNHA, Magali N. *Fundamentalismos, crise da democracia e ameaça aos direitos humanos na América do Sul: tendências e desafios para a ação*. Salvador: Koinonia, 2020. Disponível em: <<https://kn.org.br/wp-content/uploads/2020/10/FundamentalismosPT-1.pdf>> Acesso: 30 jun 2021.

CUNHA, Magali N. Religião e política no Brasil nas primeiras décadas dos anos 2000: o protagonismo dos evangélicos. *Fronteiras*, v.3, n. 1, p. 40-65, 2020b. Disponível em: <<http://www.unicap.br/ojs/index.php/fronteiras/article/view/1622>>. Acesso: 30 jun 2021.

CUNHA, Magali N. *Do púlpito às mídias sociais. Evangélicos na política e ativismo digital*. Curitiba: Appris, 2019.

CUNHA, Magali N. *A Explosão Gospel. Um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico contemporâneo*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

DOUGLAS, Christopher. The religious origins of fake news and "alternative facts". *Religious Dispatches*, 23 Feb 2017. Disponível em: <<http://religiondispatches.org/the-religious-origins-of-fake-news-and-alternative-facts/>>. Acesso: 30 jun 2021.

HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Biblioteca Tempo Universitário, 1984.

HOOVER, Stewart. *Mídia e religião: premissas e implicações para os campos acadêmico e midiático*. *Comunicação & Sociedade*, vol. 35, n.



2, p. 41-68, 2014. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/4906>> Acesso: 30 jun 2021.

KELLNER, Douglas. A cultura da mídia. Estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru: EDUSC, 2001.

MAFFESOLI, Michel. A comunicação sem fim (teoria pós-moderna da comunicação). *Famecos*, n. 20, p. 13-20, abr 2003. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/download/3198/2463/>> Acesso: 30 jun 2021.

MARSDEN, George. *Understanding Fundamentalism and Evangelicalism*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1991.

MISKOLCI, Richard. Pânicos morais e controle social: reflexões sobre o casamento gay. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 29, p. 101-128, jan.-jun. 2007. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332007000100006&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332007000100006&script=sci_abstract&tlng=pt)> Acesso: 30 jun 2021

POR QUE é tão difícil combater a crença em fake news, segundo a psicologia social. *Política na cabeça*. Blogs da Unicamp, Campinas, 22 jul 2019. Disponível em <<https://www.blogs.unicamp.br/politicanacabeça/2019/07/22/por-que-e-tao-dificil-combater-a-crenca-em-fake-news/>> Acesso: 30 jun 2021.

PUNTEL, Joana Teresinha; Sbardelotto, Moisés. Da Reforma histórica à "Reforma Digital": desafios teológicos contemporâneos. *Estudos teológicos*, v. 57, n. 2, p. 350-364, 2017. Disponível em: <[http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos\\_teologicos/article/view/3114](http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/3114)>. Acesso: 30 jun 2021.

SILVERSTONE, Roger. La moral de los medios de comunicación: Sobre el nacimiento de la polis de los medios. Madrid: Amorrortu Editores, 2010.

VENTURINI, Tommaso.; BOUNEGRU, Liliana; GRAY, Jonathan. 'Fake news' as infrastructural uncanny. *New Media & Society*. Vol 22, n 2. 2019. p.317-341. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/1461444819856912>> Acesso em: 30 jun 2021.

## **Midiatização da religião e pandemia:** interfaces da Covid-19 em ambientes midiático-religiosos

Moisés Sbardelotto

Viviane Borelli

A conjuntura do período da pandemia da Covid-19 revelou uma grande complexidade, dado o ineditismo do processo que a sociedade experienciou: um vírus que se espalhou rapidamente e afetou todos os países do globo. Nesse contexto, percebemos uma reconfiguração de práticas religiosas no ambiente digital, mediante a circulação do Sagrado em outros espaços e ambientes, no qual produtores e receptores conversam, trocam ideias e discutem os mais distintos temas que dizem respeito às religiosidades em tempos de pandemia (ADAM, SBARDELOTTO, 2020; BARROS, VELOSO, 2020; SANTOS, 2020; SBARDELOTTO, 2020a, 2020b, 2020c, 2021; CARLETTI, NOBRE, 2021; BORELLI; REGIANI, 2020). Tudo isso, do ponto de vista da comunicação, desperta muito mais questionamentos do que certezas.

Neste texto, refletimos sobre alguns aspectos que mais se destacaram ao longo do período da pandemia do coronavírus, ligados ao fenômeno da midiaticização da religião. Entendemos por midiaticização da religião um fenômeno histórico e complexo que surge no interstício comunicacional entre processos midiáticos e práticas religiosas. Com isso, as mídias e os dispositivos midiáticos emergem como ambientes de percepção, organização e expressão da experiência socioindividual do Sagrado, ressignificando e transformando as práticas religiosas. Em midiaticização, surge um “novo modo de ser religioso”, em uma ambiência midiático-religiosa emergente (cf. SBARDELOTTO 2017; BORELLI, 2010).

Entre as inúmeras interfaces da Covid-19 em ambientes midiático-religiosos, destacaremos aqui três processos principais: os sentidos religiosos que a sociedade como um todo foi construindo para tentar entender a pandemia à luz das várias fés e se orientar nesse período; as práticas religiosas desenvolvidas particularmente no ambiente digital, em um momento de fechamento dos templos e de proibição de ritos públicos; e, por fim, as novas formas de autoridade religiosa que se manifestaram socialmente ao longo da pandemia, como os chamados “leigos-amadores”, que deslocam o eixo simbólico de interpretação religiosa sobre o mundo e a realidade. Por fim, como conclusão, indicamos alguns aspectos que o período pandêmico trouxe à tona como possíveis questões para futuras pesquisas na interface entre o comunicacional e o religioso.

## **Sentidos religiosos emergentes**

Durante o período da pandemia, houve uma relevante disputa de sentidos tanto no campo religioso como um todo, quanto nos campos religiosos específicos, na busca de entender a própria Covid-19 e suas consequências à luz das várias fés. Trata-se de um processo

complexo, pois os discursos emergentes sobre a pandemia, no âmbito das diversas religiosidades, eram os mais variados.

Como se deu essa construção de sentidos sobre o “religioso” frente ao coronavírus? Como as tradições religiosas ressignificaram o “caos pandêmico”, seja do ponto de vista da saúde, do jogo político-econômico, das relações interpessoais, à luz de suas várias fés? Como situar um vírus letal, que atinge o planeta inteiro, segundo as diversas leituras religiosas? Tais disputas de sentido ocorreram, por um lado, em um âmbito institucional, oficial, formal das várias tradições religiosas ou dentro de cada uma delas, como as “Igrejas”; por outro, entre sujeitos individuais ou coletivos religiosos difusos e heterogêneos em rede.

No contexto pandêmico mais amplo, observamos que houve uma pulverização e circulação de sentidos construídos no contexto religioso sobre o que vinha a ser esse vírus e o que a pandemia representava para a sociedade. Destacaremos aqui três universos de sentido que foram surgindo e que estão mais diretamente vinculados com os campos religioso e comunicacional: os sentidos que permearam a construção simbólica do que constitui uma pandemia; a ressignificação da própria experiência religiosa; e uma tensão entre fé e saúde. Tais polos de debate foram emergindo na ampla circulação de sentidos sociais, e as interpretações não ficaram restritas nem ao campo religioso nem às mídias, mas foram se desenvolvendo em complexos processos interacionais que eram acionados pelos distintos sujeitos sociais e suas práticas.

O primeiro universo está ligado ao modo como as religiões produziram sentidos sobre a pandemia e o próprio vírus, isto é, a forma como foi feita uma primeira leitura da pandemia, compreendida como um processo social, histórico e complexo, à luz das várias fés e crenças religiosas. Onde os diversos olhares religiosos situavam esse vírus letal, que atingiu o planeta inteiro? Uma primeira interpretação mais trágica reconheceu no vírus um castigo divino e uma punição

de Deus: "Foi Deus quem mandou o coronavírus". Tratava-se de uma leitura apocalíptica, catastrófica, de que o vírus foi o preço a ser pago pelas culpas e pecados da humanidade. Sob esse ponto de vista, Deus, o Sagrado, o Divino – seja qual for a nomenclatura utilizada – teria mandado o vírus como uma punição pelo modo como a humanidade estava vivendo no período pré-pandêmico.

Havia outra posição intermediária, que não considerava o vírus como uma punição divina, mas como algo que, mesmo assim, contou com a sua condescendência: "Deus pode até não ter mandado o coronavírus, mas o permitiu". Nesse sentido, não foi Deus que mandou o vírus, mas teria permitido que este viesse à tona e ceifasse tantas vidas no mundo inteiro. A perspectiva não era tanto de punição, mas de "ensinamento": segundo essa leitura, Deus teria permitido que o vírus viesse à tona para ensinar a humanidade que é preciso rever seus valores, repensar seu caminho. Mesmo assim, embora não tão apocalíptica quanto a primeira, tal leitura ainda percebe uma certa ação de Deus ao não impedir a ocorrência do vírus.

E havia ainda uma terceira interpretação, mais complexa e desafiadora do ponto de vista das várias religiões. Tratava-se de uma leitura do "silêncio" e talvez até da "impotência de Deus" diante da pandemia. Nesse contexto, as várias religiões e experiências de fé mais se fizeram perguntas do que ofereceram respostas: onde está Deus diante de uma pandemia assim? Como reconhecer a onipotência divina frente a uma pandemia dessas dimensões, quase incontrolável?

Outro universo de sentidos que foi sendo moldado no período de pandemia envolveu a própria experiência de fé. Como cada religião experimentou a sua prática religiosa, em um contexto em que os vários templos e centros religiosos precisaram se fechar para conter a disseminação do coronavírus? Nesse âmbito, também houve disputas de sentidos. As religiões precisaram não só ressignificar suas próprias lógicas religiosas, mas também as das outras religiões, em um momento

em que os diversos centros religiosos não podiam abrir suas portas. Houve um amplo debate, gerado por fluxos comunicacionais diversos, sobre aquilo que podemos chamar de "confinamento litúrgico" (SBARDELOTTO, 2020a). Com a proibição das celebrações públicas, como as religiões poderiam sobreviver, inclusive do ponto de vista comunicacional? Como se daria a relação entre a liderança religiosa e o seu grupo religioso? Como viver a experiência comunitária e as relações entre fiéis de uma mesma religião, se era preciso se distanciar e se confinar?

O fechamento dos templos e as práticas religiosas "caseiras" levaram os atores sociais a ressignificar não só a relação entre templo e casa, mas também entre religiosidade (mais ligada a práticas rituais e formais) e espiritualidade (mais ligada a gestos comuns e singelos); espaço religioso (o templo) e tempo sagrado (a vida cotidiana). Observamos, portanto, que emergiram questões comunicacionais muito significativas do ponto de vista religioso.

Por fim, houve ainda um universo de disputas de sentidos ao mesmo tempo entre o valor da fé e o da saúde. Por um lado, havia a necessidade do fiel de ir ao templo e ao culto. Mas, ao mesmo tempo, havia a necessidade de zelar pela saúde própria e alheia. Como ressignificar esses tensionamentos? Emergia, assim, um paradoxo: ao mesmo tempo em que era preciso alimentar a fé e cuidar da "saúde da alma", também era preciso preservar a "saúde do corpo", afastando-se da prática ritual coletiva.

Esse suposto "dilema" entre fé e saúde se soma a um contexto de polarização, no qual as questões políticas em torno da pandemia também foram sendo travestidas de uma certa religiosidade. Do ponto de vista da comunicação, em nível brasileiro, pôde-se perceber um "revestimento" religioso que o governo do presidente Jair Bolsonaro tentava colocar sobre si mesmo e seu governo, para defender uma maior importância da economia frente à saúde, durante a crise pandêmica. Embora não houvesse nenhuma política pública concreta, cla-

ra, eficaz e coordenada que defendesse a vida dos brasileiros e brasileiras contra o coronavírus, o discurso era de que era preciso seguir trabalhando normalmente, pois “o Brasil não pode parar”. Era preciso alimentar a fé em um Deus que estaria “acima de tudo”, inclusive do coronavírus. Tais discursos religiosos do presidente articulavam-se com os posicionamentos públicos de padres e pastores que também minimizavam as dimensões da pandemia e suas consequências. Além disso, havia distintas construções simbólicas que se davam no fluxo da circulação e que permearam uma grande quantidade de grupos, no sentido da defesa de que o presidente é cristão e que o seu governo atua seguindo os valores cristãos.

Observamos que havia aí também um viés econômico e financeiro muito preocupante e que está diretamente ligado com a questão midiática, porque, em geral, a preocupação das Igrejas é como manter seus espaços midiáticos, que são caros. E, ao mesmo tempo, como manter vivas as suas próprias Igrejas, que muitas vezes são Igrejas efetivamente midiáticas: sem mídia, tais Igrejas morrem, e suas lideranças religiosas desaparecem do cenário social.

Trata-se de uma articulação bastante complexa que a pandemia exponenciou: política, economia, religião e comunicação. Tal articulação veio fortemente à tona logo no início da pandemia, em uma reunião do presidente da República com um grupo de donos de emissoras auto-denominadas como católicas, para pensar formas de parceria em um momento de prejuízo financeiro para elas,<sup>1</sup> e depois em outro encontro com pastores evangélicos pentecostais, também com uma pauta de or-

---

1 Cf. “Por verbas, TVs católicas oferecem a Bolsonaro apoio ao governo”, Estadão, 06 jun. 2020. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,por-verbas-tvs-catolicas-oferecem-a-bolsonaro-apoio-ao-governo,70003326526>. Acesso em: 30 jun. 2021.



dem econômica.<sup>2</sup> Nesse cenário de imbricações entre questões do âmbito da comunicação, da religião e da política em meio a uma pandemia, emergiram interesses escusos, para os quais a religião é pensada em um viés empresarial, mercantilista, de concorrência entre as Igrejas, vistas como empresas que precisam se autossustentar. Nessa visão utilitarista, compreendem que, quando não recebem a verba do governo, devem exigir tal sustento. Com isso, o aspecto espiritual, do Sagrado vivido e da experiência de fé fica à deriva.

Diante da postura de tais grupos, ocorreram diversas manifestações, entre as quais destacamos a da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), que lançou uma nota pública depois da reunião de tais representantes da mídia católica com o presidente. Na nota, afirma-se que "a Igreja Católica não faz barganhas. Ela estabelece relações institucionais com agentes públicos e os poderes constituídos pautada pelos valores do Evangelho e nos valores democráticos, republicanos, éticos e morais".<sup>3</sup>

Em relação a isso, surgiu outra questão importante nesse contexto da pandemia e as relações entre o midiático e o religioso sobre a qual refletiremos agora: a transformação das práticas religiosas do ponto de vista das instituições.

## **Práticas religiosas emergentes**

Pelo processo crescente de midiaticização da sociedade, observamos que as práticas institucionais das Igrejas têm se alterado ao longo do tempo. Algumas Igrejas vêm fazendo experimentações mais rela-

---

2 Cf. "Quando líderes religiosos barganham no mercado político", IHU On-Line, 13 jun. 2020. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/599923>. Acesso em: 30 jun. 2021.

3 Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/a-igreja-catolica-nao-faz-barganhas-afirma-nota-de-esclarecimento>.

cionadas aos “usos” dos meios de comunicação enquanto outras promovem uma religiosidade mais profundamente marcada por lógicas midiáticas. As Igrejas – por mais que já viessem transformando suas práticas, experimentando outras estratégias de contato, formando midiaticamente novas comunidades, ressignificando o próprio conceito religioso de comunidade, de estar junto, de contato, de encontro – precisaram se reconfigurar e se transformar ainda mais diante de algo inesperado como o fechamento dos templos por causa da pandemia.

Um fenômeno interessante, no âmbito da experiência religiosa, foi a necessidade de contato em tempos de distanciamento. Não só com o “Outro” (o Sagrado), mas também com o “outro” (o humano). Ou seja, como continuar sendo comunidade, sem poder se encontrar com um irmão ou irmã de fé fisicamente? Houve, com isso, um florescimento de iniciativas, para além das questões mais concretas de solidariedade e de ajuda, no sentido mais efetivo de combate à Covid-19. Trata-se de outras formas de relação e de contato, novos modos de presença, em que, por meio das plataformas digitais – seja por transmissões ou videoconferências –, a pessoa podia alimentar a sua fé e seu vínculo comunitário.

Dentro da variedade de respostas das religiões frente à pandemia, algumas delas, do ponto de vista institucional, partindo do cristianismo e, dentro do cristianismo, do catolicismo, especificamente, envolveram a “aposta”, de algum modo, em novas formas de presença e de contato por meio das várias mídias. Entretanto, ficou também evidente uma concepção muito mais “transmissional” dos processos, em que a comunicação religiosa foi pensada como mera transmissão, como uma relação linear entre alguém que fala e outro que escuta.

A Igreja Católica, por exemplo, também recorreu a novas formas de presenças e de contato com seus fiéis. O próprio Papa Francisco ficou “impedido” de aparecer publicamente na Praça de São Pedro, que ficou fechada devido ao confinamento na Itália, no início de 2020. Suas

Audiências gerais, às quartas-feiras, e também o momento de oração do Ângelus, aos domingos, que normalmente enchem a praça vaticana, não deixaram de ocorrer, porém. Eles passaram a ser transmitidos a partir do escritório privado do pontífice, veiculados ao vivo pelas mídias da Santa Sé para o mundo inteiro.

Um marco histórico foi o momento de oração pelo fim da pandemia, realizado no dia 27 de março de 2020, em uma Praça de São Pedro totalmente vazia, apenas com a presença do Papa Francisco. Nesse gesto inédito, uma imagem icônica e muito significativa do ponto de vista comunicacional e religioso do momento pandêmico foi a travessia da praça por parte de Francisco, que caminhava solitariamente em oração, debaixo de uma leve chuva. O ato foi transmitido ao vivo ao mundo inteiro pelo aparato comunicacional da Igreja. A Páscoa, festa central do cristianismo, tanto em 2020 quanto em 2021, também teve que ser celebrada à distância, pelos meios de comunicação. Não deixou de ser festejada, mas precisou ser pensada mediante novas lógicas midiáticas, para possibilitar uma forma de participação dos fiéis a partir de suas casas.

Os presbiterianos, por exemplo, também precisaram repensar suas expressões religiosas durante a pandemia, revelando indícios do processo de mediatização na transformação das próprias práticas de fé. Tradicionalmente, em seus cultos nos templos, eles celebram a Ceia do Senhor, com um momento de partilha do pão e do vinho. Todos reunidos ao redor do altar, comungam o pão e o vinho, para simbolizar e rememorar aquilo que Jesus fez na sua última ceia. Em 2020, com o início da pandemia, a Assembleia Geral, o órgão máximo de deliberação da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos, autorizou, especificamente no período pandêmico, a chamada "Comunhão virtual". Um comunicado da Igreja afirmava que, em circunstâncias de emergência, pode haver situações em que as necessidades pastorais do momento exijam que a Igreja tome ações que vão contra a prática normal. Por

isso, afirmava-se, "durante uma emergência ou uma pandemia em que a Igreja é incapaz de se reunir ou é aconselhada a não se reunir pessoalmente por razões de saúde pública, a sessão de uma congregação pode determinar a observância da comunhão online." Ainda segundo o comunicado, "estes são tempos realmente difíceis no nosso mundo hoje, de uma forma que nunca experimentamos antes".<sup>4</sup>

Portanto, como não era possível ir aos seus templos fisicamente, a Igreja permitiu que cada fiel participasse do ritual, conectado pelas várias plataformas sociodigitais. E, no momento da comunhão, cada fiel, em sua casa, prepararia o seu pão e o seu cálice de vinho, e comunharia, então, nessa comunhão online. Com isso, no período da pandemia, dadas as condições extremas e o ineditismo desse momento, os presbiterianos puderam viver essa prática mediada pela tecnologia. A compreensão deles é que esse ato não envolve um aspecto meramente tecnológico, já que houve uma ressignificação da prática religiosa e dos sentidos que são dados aos símbolos religiosos: o pão, o vinho, o estar em contato com os demais fiéis. Trata-se de uma reconfiguração significativa, que envolve a liturgia, o rito religioso, a simbólica. Por se tratar de algo disruptivo em relação à tradição religiosa, essa prática ritual não foi aceita em outras denominações cristãs.

Outras religiões responderam à pandemia de formas inovadoras também. No Islamismo, por exemplo, a festa do Hajj, a peregrinação à Meca que todo muçulmano deve fazer ao menos uma vez na vida, foi repensada em sua estrutura por causa da pandemia, para evitar a aglomeração de fiéis ao redor da Caaba, o centro da fé muçulmana. Assim, começaram a surgir outras formas simbólicas de vivenciar essa prática religiosa para evitar o contato físico, como peregrinações *online* até Meca, o que gerou um grande debate entre os muçulmanos: até que

---

4 Disponível em: <https://www.pcusa.org/news/2020/3/25/virtual-communion-church-leaders-say-it-can-be-don/>.

ponto isso era válido ou não? Sendo uma fé múltipla em seu interior, sem uma autoridade máxima para definir pontos gerais, as várias lideranças muçulmanas e cada linha dentro do Islamismo definiam se tais ritos *online* tinham o seu valor como fé praticada ou não. Tais práticas religiosas passaram a estar muito ligadas com a experiência midiático-comunicacional.

Em tempos pandêmicos, portanto, observa-se a reconfiguração do próprio contato com o Sagrado. Essas distintas leituras sobre a reconfiguração dos ritos e das práticas religiosas trouxe à tona uma tensão muito grande entre os atos realizados no templo e nos ambientes construídos por meio de plataformas digitais (SBARDELOTTO, 2020c). Alguns fiéis optaram por continuar indo à igreja física, aquelas que permaneceram abertas, e defendiam sua postura arduamente para além das questões sanitárias. Outros não: por causa das questões sanitárias, defendiam a sua prática de fé dentro da própria casa, independentemente do sacerdote, da comunidade local e da igreja de pedra. Esses debates internos a cada Igreja envolviam o fato de justificar e de defender a própria decisão diante da disseminação do vírus.

Em relação a tais tensionamentos, identificamos a emergência de algumas polaridades. A primeira delas se manifestava entre religiosidade versus espiritualidade: entre quem defendia a religiosidade *strictu sensu*, no sentido de praticar ritos, de seguir normas, de obedecer às autoridades religiosas para além das demais, em práticas de fé ligadas a materialidades bem concretas e restritas, e que, em tempos de pandemia, sentia-se afetado negativamente; e quem defendia a vivência da fé a partir da espiritualidade, não tão ligada a uma religiosidade formal, mas com experiências individuais ou coletivas de relação com o Sagrado, uma fé mais fluida, mais autônoma, em que o sujeito assume um papel mais preponderante, para além das autoridades religiosas, ressignificando as práticas de fé inclusive dentro dos contextos possíveis em tempos de pandemia.

Outra polaridade, interligada à anterior, é entre espaço versus tempo. Ou seja, aqueles que veem a fé a partir de um olhar mais espacial, em que o espaço tem um sentido fundamental – o templo como lugar sagrado – e aqueles que pensam a fé a partir do ponto de vista temporal, para além dos espaços, em que o que importa é a própria trajetória de vida, o modo como a fé vai significando os momentos históricos pessoais, os instantes de vida, o cotidiano. Nesse sentido, a pandemia trouxe à tona uma série de rupturas. Por exemplo, observamos a formação de grupos religiosos que passaram a praticar a fé por meio de novas processualidades durante a pandemia, em grupos no WhatsApp ou via plataformas de videoconferência, como Zoom ou Google Meet, para continuarem rezando juntas. Essas novas dinâmicas de estar juntos e de experienciar a fé ocorrem a partir do surgimento de novos coletivos que se formam e se constituem em outras experiências de comunidade religiosa na ambiência da midiaticização (SBARDELOTTO, 2021).

Em relação a isso, em função da necessidade sanitária de fechamento dos centros religiosos e da revalorização da vida cotidiana, houve ainda uma polaridade entre templo versus casa. Alguns diziam: “É um absurdo que as igrejas fechem, porque o templo tem um sentido essencial para a minha prática de fé”. E outros replicavam: “Não, não me interessa se o templo está fechado, porque a minha casa, o lugar onde eu habito pode ser também um espaço sagrado de vivência da fé”.

Com isso, o período de pandemia também colocou em xeque o olhar comunicacional sobre a religião, porque pensar a religião do ponto de vista comunicacional é pensar uma relação que se institui com “Outro” – o Sagrado, Deus (ou outras formas de nomear essa transcendência) – e também com o “outro”, o irmão e irmã de fé ou talvez, até, o inimigo de fé, o fiel de um credo concorrente. Nesse sentido, outra polaridade que veio à tona é entre comunidade versus imunidade. Isto é, a necessidade de vínculo com o meu irmão e irmã de fé ou, por outro

lado, a desconfiança trazida pela própria pandemia em relação ao outro, mesmo quem vive a mesma fé, mas que pode estar “contagiado” e, portanto, passa a ser alguém de quem devo me imunizar.

No catolicismo, por exemplo, houve uma campanha de repercussão nacional, que tinha como slogan: “Sem sacramento, sem dízimo”, enunciando um viés mercantilizado da fé. Ela foi criada por católicos que diziam aos seus bispos: “Se vocês não reabrirem as igrejas, se não continuarem celebrando missas, se não tivermos acesso aos sacramentos, não vamos pagar o dízimo e contribuindo financeiramente”. Notamos que esse tipo de prática remete a uma fé que tem de suprir as necessidades pessoais, a despeito do sentido do comum e da constituição de uma comunidade.

Essa ampla construção de sentidos na circulação comunicacional em tempos de pandemia foi sendo operacionalizada por atores sociais diversos, para além das autoridades religiosas oficiais e também dos profissionais da comunicação e das mídias em geral. Trata-se de formas de autoridade religiosa emergentes, que agora analisaremos.

## **Formas de autoridade religiosa emergentes**

Durante a pandemia, diante do fechamento dos templos e da proibição de ritos públicos, os ambientes digitais se converteram em um lócus propício para a prática religiosa, incluindo a reflexão sobre a emergência do coronavírus à luz da fé. Em tais conexões, as autoridades religiosas oficiais eram apenas “uma voz a mais” no debate religioso, já que os atores sociais também produziam sentidos religiosos sobre a pandemia em suas conversações e postagens públicas em rede.

Do ponto de vista das práticas religiosas ao longo do “confinamento litúrgico”, destaca-se o papel que os leigos-amadores (SBARDELOTTO, 2017) assumiram durante o período pandêmico. O próprio processo de midiaticização da religião traz à tona sujeitos, indivíduos, grupos que

emergem na complexidade da discursividade social e no processo de circulação, ganhando até um status de autoridade religiosa – para o bem e para o mal. No processo comunicacional, eles vão adquirindo essa autoridade no campo religioso para além da instituição religiosa – da qual não têm a chancela – e também das instituições comunicacionais – das quais não detêm a mesma expertise.

Assim, em nosso caso específico, passaram a constituir uma “palavra social” sobre a própria pandemia à luz da fé, sem todo o “aparato” tecnológico ou religioso das instituições estabelecidas no campo da comunicação e da religião, a partir das disputas de sentidos comentadas anteriormente. Tais sujeitos constituíam esses espaços midiáticos em um processo de circulação não só nas redes, mas também para além delas, ressignificando os sentidos religiosos em jogo nas respectivas comunidades e para além de suas fronteiras. Com isso, as plataformas sociodigitais se converteram em um espaço alternativo para agentes sociorreligiosos ativos, que passaram a “tomar a palavra” publicamente sobre a interface “pandemia e religião”, erigindo-se socialmente como especialistas religiosos no seu âmbito local de interação. Nesse processo, o aparato das instituições religiosas e de suas autoridades formais se mostra cada vez menos capaz de regular e controlar as práticas dos fiéis, que passam a validar mutuamente, mediante processos comunicacionais complexos, as suas experiências religiosas (cf. HERVIEU-LÉGER, 2008).

As práticas de tais leigos-amadores, particularmente no caso da pandemia, vinculam-se também a fenômenos complexos e preocupantes como a chamada infodemia (OPAS, 2020; CINELLI et al., 2020). Ou seja, a propagação em massa, de forma rápida e incontrolável, de informações sobre a pandemia do coronavírus, muitas delas imprecisas ou falsas. Nesse processo de poluição do jogo informacional, dissemina-se o “vírus” da desinformação, muitas vezes a partir de lentes religiosas, dificultando o acesso a fontes confiáveis, causando confusão, desorien-



tação e inúmeros prejuízos à vida das pessoas. No caso brasileiro, tal polarização religiosa em torno da pandemia também se deu em um contexto histórico que é fruto das últimas eleições presidenciais de 2018 e do governo Bolsonaro, como dizíamos. Com a difusão do coronavírus, houve um agravamento dessa polarização, envolvendo os âmbitos comunicacional, religioso e político.

Mas por que "leigo" e por que "amador"? Justamente porque se trata de sujeitos, grupos, coletivos que não têm o endosso e o respaldo das instituições religiosas, sendo, portanto, "leigos", "não clérigos". São sujeitos autônomos ou até independentes de tais instituições – embora façam referência a elas publicamente. Na autonomização possibilitada pela midiaticização digital, tal sujeito comunicacional desponta como uma figura midiaticamente emancipada, uma hibridação entre o "leigo no assunto" e a "autoridade especialista", que, no caso da pandemia, gerava sentidos sociais a partir de sua prática discursiva e simbólica digital.

E, por outro lado, são amadores porque não desempenham sua atividade comunicacional na qualidade de profissionais, não fazem parte nem têm o respaldo de nenhuma corporação midiática (a chamada "grande mídia"), mas são pessoas que constituem seu reconhecimento e sua autoridade midiaticamente, como os chamados youtubers, instagrammers etc. Para Flichy (2010, p. 11, trad. nossa), o amador é alguém que "se mantém a meio caminho entre o homem ordinário e o profissional, entre o profano e o virtuoso, entre o ignorante e o sábio, entre o cidadão e o homem político", situando-se "no coração do dispositivo de comunicação" contemporâneo (ibid., p. 7, trad. nossa).

Comunicada em rede, a palavra dos leigos-amadores deixa de ser "palavra pessoal" para ser "palavra social", entrando no fluxo da circulação comunicacional midiática. Promove-se, com isso, uma multiplicação das zonas de contato (FAUSTO NETO, 2018) entre as instituições religiosas e a sociedade. Em distintos ambientes midiáticos e redes co-

municacionais, fiéis, não fiéis, candidatos a fiéis ou infiéis constroem o reconhecimento de sua credibilidade dentro e fora do âmbito religioso (BORELLI, 2010), buscando aprofundar ou reverter as práticas em vigor na instituição eclesial, como no caso das respostas religiosas à pandemia.

O leigo-amador, portanto, se manifesta como um interagente comunicacional não revestido pela oficialidade religiosa nem pela institucionalidade midiático-corporativa – ou, se investido de tais competências, é alguém que age em rede propositalmente desprovido de tais qualificações, sem manifestar publicamente o seu saber-fazer reconhecido pela instituição/autoridade midiática ou religiosa. Isso não significa ausência de competência teológica ou comunicacional, mas sim outra forma de engajamento nas práticas midiáticas que é perpassada pela autonomização e pela conectivização das ações de construção de sentido em rede, gerando desdobramentos complexos para as instituições religiosas na sua tentativa de controle dos discursos sobre as religiões e as doutrinas.

No fenômeno da midiática da religião, para além da “produção” midiática das instituições e autoridades religiosas, a “produção” ubíqua dos leigos-amadores se faz notar não apenas pelas suas maneiras de empregar o que já está “produzido” midiaticamente sobre a religião pela ordem institucional, mas também pelas suas produções próprias, que circulam em rede. Surgem assim “bricolagens da fé”, em que “o próprio indivíduo produz, de maneira autônoma, o dispositivo de sentido que lhe permite orientar sua vida e responder às questões últimas de sua existência” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 156), estabelecendo, com isso, um vínculo mais livre entre sua posição pessoal e a tradição religiosa instituída. Particularmente o período pandêmico levou a um aumento significativo de tal fenômeno, dadas as incertezas e as dúvidas geradas pela crise do coronavírus.

## Conclusões

O período de pandemia levantou muitas questões acerca das relações complexas entre comunicação e religião no contexto do processo de midiática da sociedade e que poderiam render olhares mais aprofundados por parte de distintas pesquisas. Aqui, detivemo-nos em três aspectos centrais, dentre inúmeros outros possíveis: os sentidos religiosos emergentes sobre a pandemia; as novas práticas religiosas que foram se desenvolvendo, especialmente no contexto do “confinamento litúrgico”; e a emergência de formas de autoridade que complexificam o cenário comunicacional e religioso hoje.

Para além de tais aspectos, cremos que a pandemia, como verdadeira “crise de crises”, traz à tona uma série de outras questões comunicacionais ligadas à midiática da religião que se apresentam como possíveis problemas a serem mais profundamente investigados. Uma possibilidade seria refletir sobre a religião do ponto de vista comunicacional como uma rede de relações – seja com o Sagrado, o “Outro”, seja com o humano, o “outro”. E, mesmo quando tal comunidade de fé não pode se reunir presencial e fisicamente, ela passa a construir uma relação à distância por meio de processos comunicacionais. Nesse sentido, como se dá a construção dessas relações? Que complexidades emergem a partir dessas transformações? Que sentidos são construídos pelos atores sociais acerca dessa experiência?

Observamos ainda que essas relações também se dão e podem se dar por meio de mediações tecnológicas, inclusive com respeito ao Sagrado, particularmente quando as pessoas não podem ir aos templos. A sociedade recorre, assim, a uma série de mediações, que, em distintos níveis e de variadas formas, passam pela tecnologia (como os vídeos, as transmissões, as lives etc.). Trata-se de uma questão central, porque, muitas vezes, no discurso religioso, o tecnológico acaba sendo quase rejeitado, negado, subestimado, subvalorizado. Nesse sentido,

como a distância é ressignificada do ponto de vista da comunicação e das mediações tecnológicas e simbólicas? Como os interagentes não humanos (máquinas, plataformas, interfaces, protocolos etc.) afetam o processo religioso, a relação com o Sagrado e com outros seres humanos na prática religiosa?

A pandemia revelou-se como a ponta de um “iceberg” tecnocomunicacional muito relevante do ponto de vista da pesquisa, que evidenciou mais claramente que a própria comunicação religiosa sempre se deu historicamente por algum tipo de mediação. Ao trabalhar uma perspectiva histórica longa da mídiatização, Verón (2013) apresenta-a como um processo que constitui o próprio homo sapiens. Assim, também é possível pensar que a própria religião se constitui ao longo da história por meio de um processo de mídiatização. Esse fenômeno se complexifica com o passar dos anos e dos séculos por meio de ações e atividades dos sujeitos que produzem distintos sentidos, chegando aos níveis de complexidade observados no período pandêmico.

Entram em xeque também conceitos importantes para a experiência religiosa, como o de presença e participação. No período de pandemia, no âmbito católico, muitas dioceses e paróquias emitiram notas para informar sobre as missas transmitidas pelas mídias, dizendo que elas seriam celebradas “sem a presença de fiéis”. Emerge aí uma questão relevante do ponto de vista religioso, que também afeta a comunicação: que tipo de presença e de participação os processos midiáticos possibilitam e trazem à tona?

Enfim, é preciso dizer que há, ainda, uma grande leva de questões a serem exploradas e mais bem aprofundadas sobre as afetações e transformações das relações entre comunicação e religião. O que a pandemia explicitou é que o processo de mídiatização da sociedade e a emergência da circulação nos desafia a compreender esses fenômenos de forma complexa diante de tantos fluxos que ocorrem de forma circular e retroativa, bem distante de linearidades outrora imaginadas.

## Referências

ADAM, Júlio Cesar; SBARDELOTTO, Moisés. Online Liturgy in the Pandemic: Reflections on Religious Practices of Catholics and Lutherans in Brazil. In: FEULNER, H.-J.; HASLWANTER, E. (orgs.). Gottesdienst Auf Eigene Gefahr? Die Feier der Liturgie in der Zeit von Covid-19. Münster: Aschendorff Verlag, 2020, pp. 467-481.

BARROS, Cezar Macedo; VELOSO, Maria do Socorro Furtado. A centralidade da mídia para a vivência da fé católica em tempo de pandemia: dispositivos que propiciam reconexões. Comunicação & Inovação, v.21, n. 47, set.-dez. 2020, pp. 250-266. Disponível em: <https://bit.ly/3gC9AII>. Acesso em: 30 jun. 2021.

BORELLI, Viviane. Mídia e religião: entre o mundo da fé e do fiel. Rio de Janeiro: E-Papers, 2010.

BORELLI, Viviane; REGIANI, Herivelton. O humor na pandemia: efeitos de sentidos do riso na circulação de discursos religiosos. Artigo apresentado no GP Comunicação e Religião, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2020. Anais Intercom. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/sis/eventos/2020/resumos/R15-2151-1.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2021.

CARLETTI, Anna; NOBRE, Fábio. A Religião Global no contexto da pandemia de Covid-19 e as implicações político-religiosas no Brasil. Revista Brasileira de História das Religiões, vol. 13, n. 39, jan.-abr. 2021, pp. 295-319. Disponível em: <https://bit.ly/32Lnfpf>. Acesso em: 30 jun. 2021.

CINELLI, M. et al. The COVID-19 social media infodemic. Scientific Reports, 10, 6 out. 2020. Disponível em: <<https://www.nature.com/articles/s41598-020-73510-5>>. Acesso em: 30 jun. 2021.

FAUSTO NETO, Antônio. Circulação: trajetos conceituais. *Rizoma*. V. 6, n. 2, p.08-40, 7 jul. 2018. Disponível em <https://online.unisc.br/seer/index.php/rizoma/article/view/13004/7731>. Acesso em: 30 jun. 2021.

FLICHY, Patrice. *Le sacre de l'amateur: Sociologie des passions ordinaires à l'ère numérique*. Paris: Éditions du Seuil, 2010.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Petrópolis: Vozes, 2008.

OPAS – ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE. Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a Covid-19. Institutional Repository for Information Sharing, Washington, 30 abr. 2020. Disponível em: <https://is.gd/TEEqkf>. Acesso em: 30 jun. 2021.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. Romarias in lives: ciberdevoções e santuários virtuais em tempo de pandemia. *Horizonte*, v. 18, n. 57, pp. 1305-1333, set.-dez. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3dOWPbH>. Acesso em: 30 jun. 2021.

SBARDELOTTO, Moisés. *E o Verbo se fez rede: religiosidades em reconstrução no ambiente digital*. São Paulo: Paulinas, 2017.

\_\_\_\_\_. O digital e a vivência da fé: (re)descobertas em tempos de pandemia. *Teopraxis*, vol. 37, n. 129, nov. 2020a, pp. 157-171. Disponível em: <https://bit.ly/3dQ3tOR>. Acesso em: 30 jun. 2021.

\_\_\_\_\_. The (Re)Discovery of the Digital Environment for Living and Communicating the Faith. In: CAMPBELL, H. (org.). *The Distanced Church: Reflections on Doing Church Online*. College Station: Digital Religion Publications, 2020b, pp. 75-77. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1969.1/187891>. Acesso em: 30 jun. 2021.

\_\_\_\_\_. Virtualização da fé? Reflexões sobre a experiência religiosa em tempos de pandemia. *Annales Faje*, vol. 5, n. 4, 2020c, pp. 98-110. Disponível em <https://bit.ly/32KRcVo>. Acesso em: 30 jun. 2021.

\_\_\_\_\_. Ecclesia Digitalis: Communicational Reflections on Ecclesial Religious Experience in Times of Pandemic. In: CAMPBELL, H. (org.). *Revisiting the Distanced Church*. College Station: Digital Religion Publications, 2021, pp. 87-96. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1969.1/187891>. Acesso em: 30 jun. 2021.

VERÓN, Eliseo. *La semiosis social 2: ideas, momentos, interpretantes*. Buenos Aires: Paidós, 2013.





# **A circulação da Covid-19 e a produção do sentido no tecido social luso-africano:** Relatos sobre os níveis de afetação, impactos e estratégias sociopolíticas e ideológicas de enfrentamentos

Bantu Mendonça Katchipwi Sayla

## **Introdução**

A convite do Centro Internacional de Semiótica e Comunicação (CISECO), na transversalidade entre os diferentes campos epistemológicos, sobretudo, nas interfaces da Comunicação Social e da Saúde, este texto traz as vozes luso-africanas acerca da circulação da Pandemia da COVID-19 e a construção de sentido. De longe, essas vozes ofertam ao texto uma abordagem de cunho qualitativo, pelo facto de proporcionar uma ambiência que possibilita realização da investigação dos sentidos e das significações produzidas e reproduzidas nos comportamentos e interações sociais através da articulação aspectos intersubjetivos e

intrapésíquicos. Por essas angulações, cremos que a investigação escolha como objeto de estudo algo que, na complexidade, emerge dos aspectos intersubjetivos e intrapésíquicos, o que exige do pesquisador uma atitude clínica de escopo transmetodológico.

Parafrazeando autores como Braga, Daltro, Danon (2012) e Katchipwi Sayla (2020) diríamos que essa atitude clínica consiste, fundamentalmente na escuta atenta e no olhar para as múltiplas e interligadas sensibilidades em interações com seus conhecimentos teórico metodológicos de investigação do objeto de estudo (TURATO, 2013). Para o efeito, como técnica de mapeamento, levantamento e lapidação arqueológico e topográfico dos dados usamos as entrevistas, via ZOM, com perguntas aberta, com um profissional da área de saúde de cada um dos cinco países da África lusófona. Feitas o conteúdo (vídeos) de cada uma das entrevistas foi disponibilizado e compartilhados na página do CISECO (YouTube) onde mantem em circulação. Após esse processo, passamos para a transcrição dos conteúdos (vídeos) e ao processo de lapidação criteriosa a ponto de serem transformados no presente texto.

Portanto, assumindo como objeto de estudo as interações e manifestações sobre a Pandemia da COVID-19 nos cinco países de língua oficial portuguesa (PALOPs), nomeadamente Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, no âmbito da circulação midiática, objetivamos perceber os sentidos que se enunciam e ressignificado no tecido social, observar e identificar os elementos ou questões convergentes no contexto africano e mundial. Ou seja, o nosso campo de observação e escuta são dados divulgados pela Organização Mundial da Saúde e os pareceres dos profissionais de Saúde de cada um dos cinco países, este artigo pretendeu colher e valorizar indicações teóricas, metodologias e hipóteses de trabalhos sobre manifestações midiáticas, segundo lógicas circuitos e angulações interpretativas em diferentes espaços, práticas e campos sociais no conti-

nente africano. É a isso que denominamos de circulação midiática da pandemia e da produção do sentido da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2) – COVID-19.

Em termos cronológicos, com bases científicas dos dados da OMS, estamos falando daquela doença que foi identificada na cidade Wuhan, na província de Hubei, República Popular da China, no dia 1 de dezembro de 2019, cujo primeiro caso foi reportado em 31 de dezembro do mesmo ano. Desde lá, o vírus tem assumido um papel preponderantemente exterminador e vem derrubando as fronteiras territoriais, desafiando os profissionais da área da Saúde, os sistemas e poderes políticos governamentais, as instituições econômicas e financeiras, fazendo vítimas fatais incalculáveis em todos os países do mundo.

## **1 A CIRCULAÇÃO DO VÍRUS DA COVID-19 SOB A PERSPECTIVA DA MIDIATIZAÇÃO E DOS PROCESSOS SOCIAIS**

Na perspectiva da circulação midiática, os desdobramentos mundiais e frenéticos autorizaram-nos a fazer uma investigação do Vírus da COVID-19 e concebê-lo como um objeto, que nas bordas da circulação midiática (FAUSTO NETO, 2010; KATCHIPWI SAYLA, 2020) trafega por todos campos e práticas causando impactos e circuitos sociais canhestros (BRAGA, 2012) através das pessoas infectadas. Por sua vez, sob a égide dos processos comunicacionais midiáticos, as pessoas infectadas, ao se deslocarem de um lugar para o outro, passam a ser assumidas como sujeitos-consumidores, coprodutores e inseminadores na lógica da recepção de atividades discursivas midiáticas do vírus da COVID-19. Ou seja, como defende Dalmonte (2014b), os sujeitos passam a organizar as múltiplas infecções e reinfeções, permitindo a circulação, o surgimento de leituras e discursos “outros” sobre a pandemia em diferentes contextos sociais. Fundamentamos a nossa tese na

possibilidade de desarticulação entre essas lógicas e contextos sociais, por suas diferenças, coloca-se a questão de contratos para "descrever as possibilidades de construção de vínculos entre produção/recepção" (FAUSTO NETO, 2010, p. 10). Em nossa pesquisa propomos a pergunta sobre como as sociedades africanas de língua oficial portuguesa percebem e reagem às diferenças entre as lógicas da produção e as da recepção (infecção) visando a compreensão acerca da circulação do vírus da COVID-19 no continente. Por essas angulações, a circulação do vírus é, então, "transformada em lugar no qual transmissores (produtores) e infectados (receptores) se encontram em jogos complexos de oferta e reconhecimento" (FAUSTO NETO, 2010, p. 11).

Portanto, usando metáforas e analogias, a nossa pesquisa partiu do pressuposto de que da circulação do vírus da COVID-19, instaura um discurso onde as "lógicas dos contratos, são subsumidas por outras lógicas de interfaces [...]". Os receptores do vírus, bem como o próprio vírus, "perambulam por várias mídias", provocando múltiplas afetações entre os sujeitos. Essas múltiplas afetações permitem as transmutações do vírus e acabam por quebrar as "zonas clássicas de fidelização". Ou seja, por força dos circuitos sociais, dos fluxos e contrafluxos da pandemia, assumido como o produto midiático de produção chinesa, suscita entre os atores sociais, "novas condições de circulação que afetam as lógicas de instituições produtoras e sujeitos-receptores" (FAUSTO NETO, 2010, p. 12-14). É, sob a lógica da produção e da recepção que balizamos o nosso entendimento a respeito da circulação do vírus, e nos aproxima da teoria ator-rede (TAR) que se consolidou a partir dos aportes de Latour (2008), Callon (1986) e Law e Hassard, (1999). Dessa teoria importamos o princípio da simetria generalizada, segundo a qual o conhecimento e o significado não são uma propriedade exclusiva dos seres humanos; são efeitos ou produtos de redes heterogêneas de materialidades e socialidades. Porém, baseados nas reflexões que enfatizam mais a performatividade do que a estabiliza-

ção, o Vírus apresenta uma performance circulatória que nos leva a pensar na circulação em rede.

Desta forma, usando analogias, já não se trata mais de acompanhar a forma como a COVID-19 se estabiliza em termos locais, mas sim, em como as sociedades estão lidando com os impactos dos desdobramentos processuais, considerado os seus contextos sócio-históricos e culturais. Além do mais, a performance do vírus da COVID-19 apresenta uma tessitura revestida de mutações (GRUBAUGH; PETRONE; HOLMES, 2020) que, por sua vez, dificulta e desestabiliza os níveis de compreensão do aspecto relacional entre os infectados, extrapola as interações face a face devido ao fluxo contínuo, fluido e circunstancial, dependendo dos contextos sociais e geográficos em níveis sanitários.

Portanto, embora o nosso objeto de estudo esteja situado no campo e na área da saúde, os seus fluxos contínuos nos autorizam pensar na existência de um processo de relações diretas entre os sujeitos infectados ao circularem de um lugar para o outro. Porém, amparados pelas lógicas e gramáticas da circulação midiática, não para por aí. Esses fluxos contínuos do vírus da COVID-19 permitiram-nos conceber os sujeitos infectados como seus produtores e reprodutores ao estabelecerem contatos com os sujeitos não infectados e ao permitirem que ele siga fluxo adiante (BRAGA, 2012). Destarte, o processo da circulação do vírus decorre não apenas da presença dos meios de contágios ou de infecção, mas também de que os sujeitos infectados são produtos circulantes da "mídia de massa", e são retomados em outros ambientes, que ultrapassam a situação de recepção. E, então o estudo sobre as infecções e reinfeções do vírus da COVID-19 passa a situar-se nas interfaces e interações dos sujeitos infectados, cuja funcionalidade se configura como uma porta de entrada das novas trajetórias, mutações e percursos discursivos pandêmicos. Nesse sentido, o nosso objetivo aqui foi dar ênfase aos diferentes contextos sócio-históricos, culturais, econômicos e políticos de cada país da África lusófona.

Para tanto, reconhecemos o processo circulatório da pandemia da COVID-19 como aquele atrelado à uma ação e lógica discursiva realizada por atores no universo narrativamente midiático. A nosso ver, esse reconhecimento, instaura uma série de protocolos interativos, entendido por Fausto Neto (2010, p. 64) como “injunções circulatórias” que “não deixam de ser novas formas de situar” a pandemia, no âmbito do próprio sistema de produção tecno-discursivo das mídias. Dessa maneira, no contexto dos objetivos do Centro Internacional da Semiótica e Comunicação (CISECO), o reconhecimento dessas injunções circulatórias, ao transcender o campo da comunicação, forçou-nos a convocar os profissionais da área da saúde a fazer uma contextualização sócio-histórica e geográfica da pesquisa.

Assim, objetivando observar e perceber como ocorrem as injunções circulatórias e os impactos sociais da pandemia da COVID-19, na visão dos profissionais luso-africanos da saúde, estruturamos algumas perguntas em forma de entrevistas. Fundamentalmente essas entrevistas consistiram em saber sobre: a percepção dos primeiros casos da circulação do vírus da COVID-19; os dados estatísticos de infecções; os aspetos que sinalizam os impactos da COVID-19; a adoção social das medidas e estratégias de prevenção da OMS; os dados científicos sobre a pandemia; os recursos governamentais de apoio para pesquisas científicas; os recursos governamentais para o apoio da população durante a pandemia; notícia sobre a vacina; e por último, mensagem e recomendações científicas, no caso o CISECO. Para os desdobramentos do processo da realização das entrevistas e do presente artigo apresentamos os seguintes passos: a concepção do tema e dos objetivos da pesquisa pela coordenação do CISECO e o convidado (pesquisador/entrevistador); a localização e contato por e-mail, WhatsApp e Facebook com os profissionais de cada país; a oficialização do convite através do envio da carta convite; o agendamento da data e do horário da entrevista; a realização da entrevista; a postagem e a circulação das entrevistas nas redes sociais (Facebook e Youtube) do CISECO; a

transcrição das entrevistas; e por fim, a transformação das entrevistas em forma de artigo. Em termos cronológicos, as entrevistas foram realizadas nos dias a seguir e com os profissionais de saúde dos cinco países lusófonos que passamos a destacar: 21 de novembro de 2020 - República Democrática da Guiné Bissau: Alade Baldé<sup>1</sup>; 24 de novembro de 2020 - República de Angola: Dr. Jeremias Agostinho Júnior<sup>2</sup>; 27 de novembro de 2020 - República Democrática de São Tomé e Príncipe: Dra. Feliciano Souza Pontes<sup>3</sup>; 24 de dez. de 2020 - República de Cabo

---

1 Aladje Baldé, é doutor em Biologia Molecular e Biotecnologias, Reitor da Universidade Jean Piaget de Guiné - Bissau e Diretor Técnico dos laboratórios de testes do Coronavírus na República da Guiné - Bissau. O vídeo da entrevista encontra-se disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=3ZJv2mDGsMk&t=1208s>.

2 Dr. Jeremias Agostinho Júnior, licenciado em Enfermagem e Medicina, com especialização em pediatria. Como médico Dr. Jeremias trabalha na Clínica Multiperfil, na cidade de Luanda em Angola. É professor titular da cadeira de Saúde Pública na Universidades de Belas e no Instituto Superior Politécnico Alvorecer da Juventude. No início da circulação do Vírus da COVID-19 em Angola fez parte da comissão da Comunicação Social sobre a mobilização e conscientização sócio política e estratégica do combate à COVID-19 do Ministério da Saúde. Atualmente se dedica aos estudos e análises sobre políticas e estratégias do combate ao COVID-19 na TV ZIMBO. O vídeo da entrevista está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=K2HzlIHx-F9o&t=32s>

3 Dra. Feliciano Souza Pontes é médica pediatra e exerce a função de Diretora Nacional dos cuidados de Saúde e Porta voz da Pandemia do Coronavírus na República Democrática de São Tomé e Príncipe. Entrevista pode ser acessada através do link disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=F21\\_-NwBqk8](https://www.youtube.com/watch?v=F21_-NwBqk8).

Verde: Dr. José Rui Ramos Moreira<sup>4</sup>; e no dia 12 de janeiro de 2021- República de Moçambique: Dr. Sérgio Chicumbe<sup>5</sup>.

Orquestrados pela estrutura norteadora das entrevistas passamos agora em forma de tópicos a apresentação dos resultados apurados:

## **2 SINALIZAÇÃO DA CIRCULAÇÃO DOS PRIMEIROS CASOS NO CONTINENTE LUSO-AFRICANO**

Segundo o Dr. Alade Baldé<sup>6</sup> a sinalização da circulação do primeiro caso em Guiné-Bissau remonta depois na primeira quinzena de março de 2020, quando os serviços de saúde colheram as amostras e o PCR

---

4 Dr. José Rui Ramos Moreira é formado em Análises Clínica e em Medicina Geral em Cuba com estágio em Barcelona. Após a formação trabalhou por 10 anos no hospital Agostinho Neto na cidade da Praia. De 2007 a 2007 frequentou a Kaplan Medical School nos Estados Unidos de América. Regressado a Cabo Verde, foi Delegado de Saúde de São Domingos na Ilha de Santiago até 2013, quando partiu para a especialização em Medicina da Família e Comunidade pela UFC no Brasil. Coursou citopatologia oncológica, epidemiologia e preceptoria. Deste 2016 exerce as funções de delegado de Saúde na ilha do Sal, a capital turística de Cabo Verde. Com o início da circulação da Pandemia do Coronavírus em fevereiro de 2020, encabeça a lista dos profissionais de Saúde de luta contra a COVID-19, na República de Cabo Verde. O vídeo da entrevista pode ser acessado através do link <https://www.youtube.com/watch?v=Xo1H0w2dO-1c&t=355s>

5 Sérgio Chicumbe é médico pela Universidade moçambicana Eduardo Mondlane em 2004, Pós-graduado em Saúde Pública e Medicina Tropical pela Universidade James Cook em Townville na Austrália. Desde 2008 trabalha para o Instituto Nacional de Saúde em Moçambique onde atualmente exerce as funções de Diretor para a área de observação de saúde e inquéritos. O vídeo da entrevista pode ser acessado através do link <https://www.youtube.com/watch?v=zpujte6IJGQ>.

6 Aladge Baldé, é doutor em Biologia Molecular e Biotecnologias, Reitor da Universidade Jean Piaget de Guiné - Bissau e Diretor Técnico dos laboratórios de testes do Coronavirus na República da Guiné – Bissau. O vídeo da entrevista encontra-se disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=3ZJv2mDGsMk&t=1208s>.



(sigla inglesa - Reação em Cadeia da Polimerase) conseguiram diagnosticar dois casos importados. O primeiro deles estava relacionado diretamente com um cidadão indiano que atravessou vários países europeus e chegou em Guiné Bissau. O outro é um congolês que depois de passar por Marrocos chegou a Guiné-Bissau. E a partir daí foram surgindo casos esporádicos até atingir o pico mesmo no mês de abril.

Já para a República de Angola, os primeiros casos da COVID-19 foram identificados no dia 23 de março de 2020, e foi justamente nesse período que o país decretou o estado de emergência porque foram identificados três casos importados de Portugal, da China e da África do Sul devido às trocas comerciais entre esses países. Mais tarde surgiram 39 casos oriundos da Rússia. Eram estudantes angolanos que residiam na Rússia, no Brasil dos Estados Unidos de América e de Cuba. E depois desses casos importados deu-se o início ao círculo de transmissão local e comunitária até chegar a toda extensão territorial angolana.

No caso da República Democrática de São Tomé e Príncipe, segundo a Dra. Feliciano Souza Pontes, após o anúncio dos primeiros casos na China em dezembro de 2019, as autoridades sanitárias contataram a OMS, para se inteirarem sobre a pandemia e traçar estratégias e planos de contingência para um possível enfrentamento. Feito esse preparo técnico sanitário ao longo do mês de abril, foi detectado o primeiro caso associado as pessoas que vieram da Europa que apresentavam alguns sintomas e depois apareceram mais dois casos até chegar à contaminação local e comunitária no país.

Para o Dr. José Rui Ramos Moreira, as autoridades sanitárias da República de Cabo Verde, ao tomarem conhecimento do que ocorreu na China, fizeram uma incursão no sentido de informar a população para evitar que o vírus chegasse e se instalasse no arquipélago. Todavia, no dia 19 de março, na Ilha de São Tiago, um turista estrangeiro vindo da França testou positivo, o caso do inglês na ilha de Boa Vista,

e daí apareceram mais casos até atingir todas as 9 ilhas habitadas de Cabo Verde.

Quanto ao que diz respeito ao primeiro caso na República de Moçambique, o Dr. Sérgio Chicumbe relatou que esse teria ocorrido em torno de 20 de março e teria ligações internacionais. Trata-se de um indivíduo que depois de ter estado na Europa, contactou a unidade de saúde ao retornar à Moçambique. Esse caso só foi possível detectar devido a uma plataforma tecnológica de rastreio, de testagens laboratoriais e de vigilância de infecções respiratórias montada pelo Instituto Nacional de Saúde.

## 2.1 Total de fluxos de casos na África Lusófona

Segundo os dados da Universidade Johns Hopkins, tornados públicos pelo G1<sup>7</sup> até o dia 11 de janeiro de 2021, o número de casos confirmados do novo coronavírus no mundo já havia ultrapassado os 90 milhões, e o total de vítimas mortais da Covid-19 chegava a 1,9 milhão de pessoas. Naquela altura os Estados Unidos lideravam a lista dos países mais infectados com 22.406.747, seguidos da Índia com 10.466.595, do Brasil com 8.105.790, Rússia com 3.366.715 e Reino Unido com 3.081.368. Com base nesses dados estatísticos procuramos saber dos nossos entrevistados sobre o número das pessoas infectadas, e destas quantas vieram a óbito, quantos recuperados e quantos permaneciam no ativo. Após as entrevistas apresentamos os resultados em forma de tabela com os dados coletados.

---

7 Plantão de Notícias da Globo. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/01/11/casos-de-coronavirus-no-mundo-passam-de-90-milhoes-diz-levantamento.ghtml>. Data de acesso 05 de Abril de 2021.

**Tabela 1 – Casos luso-africano de coronavirus**

	País	Data	Infeções	Óbitos	Recuperados	Ativos
1	Angola	24/11/2020	14.634	337	7.351	6.946
2	Cabo Verde	24/12/2020	11.669	112	11.307	244
3	Guiné-Bissau	21/11/2020	2.500	41	2.000	459
4	S.T. e Príncipe	25/11/2020	985	17	928	40
5	Moçambique	11/01/2021	21.305	197	17.623	3.485
	Total de casos luso-africano	11/01/2021	50.108	704	39.209	11.174

Fonte: Elaborada pelo autor.

### **3 PERCEPÇÕES DOS IMPACTOS DA CIRCULAÇÃO DO VÍRUS DA COVID-19 E REAÇÕES ÀS MEDIDAS DE COMBATE RECOMENDADAS PELA OMS NO CONTEXTO LUSO-AFRICANO**

Considerando as especificidades de cada um dos cinco Países Africanos de língua Oficial Portuguesa (PALPs), apresentamos de forma cronológica as entrevistas, os diferentes pontos de vista dos profissionais da saúde a respeito dos impactos sociais e econômicos. Contudo, todos os seus discursos, a vulnerabilidade do tipo de modelo da geração do capital econômico, em ambos os países, foi destacada como sendo o comércio informal. Originário dos estudos realizados pela OIT (Organização Internacional do Trabalho), o conceito, segundo (CACCIAMALI 1994, p. 217), designa as formas heterogêneas de “atividades, trabalhos e rendas realizadas desconsiderando regras expressas em lei ou em procedimentos usuais”. Trata-se daquele modelo onde o processo da produção, circulação e consumo dos produtos não é regulado e reconhecido pelo estado. Ele tipo de modelo tem a sua gênese a partir do desemprego e “reflete as dificuldades que as organizações, os indivíduos e o coletivo social vêm enfrentando para superar, com as regras legais vigentes ou os procedimentos-padrão, as mudanças estruturais econômicas, políticas e sociais em andamento” (CACCIAMALI 2000, p. 153) nos países luso-africanos. Nesse contexto a economia informal, compreende as demandas legítimas de trabalhar hoje para consumir hoje, e encaminha possíveis soluções no âmbito da nova ordem econômica e social, sobretudo, em países com um índice de corrupção e desigualdades sociais.

Na percepção de todos os entrevistados, as recomendações de higiene básica (lavar as mãos com água e sabão, álcool em gel de 70% e uso de máscaras) e outras medidas (fique em casa, distanciamento físico e não aglomeração) protagonizadas pela OMS desde o início como

forma de conter circulação e a expansão da pandemia da COVID-19, foram assumidas pelas autoridades governamentais e sanitárias lusso-africanas. Porém, na opinião deles, elas escancararam a perversa desigualdade social e econômica entre as classes sociais ao ser aceita e naturalizada por grande parte das sociedades e das instituições dos Estados.

A partir do momento em que o comércio informal fechou as portas e se decretou o confinamento geral, a população mais vulnerável começou a enfrentar uma situação dramática e caótica em todos os níveis. As famílias de baixa renda ou que vivem na extrema pobreza deixaram de ter o necessário para sua sustentabilidade diária. Dessa forma, cumpri-las escrupulosamente têm sido um grande desafio e um grande quebra-cabeças. Isso porque mais da metade da população lusso-africana vive abaixo do limiar da pobreza e dependem diretamente dos produtos que são comercializados para o consumo diário. É verdade, revelam os entrevistados, que os governos dos 5 países lusófonos, têm atendido os alertas da OMS, sobre a necessidade de especial proteção a grupos em situação de vulnerabilidade econômica, financeira e aos trabalhadores do mercado informal para evitar a fome e a pobreza.

No contexto moçambicano, o elenco governativo foi a disponibilização do auxílio emergencial ou social através do Instituto Nacional de Assistência Social que recebeu verbas e mandato para auxiliar as famílias carentes. Esse auxílio emergencial teve como critério: os níveis da capacidade produtiva e disponibilidade de recursos econômicos e financeiros por familiar, seguido do recenciamento e identificação das famílias vulneráveis, e dentre essas famílias aquelas muito mais vulneráveis em termos de questões econômicas e financeiras por meio da transparência eletrônica. Todavia, em termos econômicos e sociais, os valores monetários disponibilizados pelo Estado foram relativamente ínfimos para as necessidades familiares, por um lado devido ao alto custo de vida no país. Por sua vez, São Tomé e Príncipe, criou progra-

mas de distribuição de cestas básicas para as populações mais carentes e fragilizadas por meio do Ministério de Solidariedade e Família com o apoio dos parceiros. Porém, esses programas não têm conseguido dar respostas às demandas dos impactos provocados pela pandemia.

O Dr. Aladje Baldé aponta que na área da Saúde, por exemplo na República de Guiné Bissau, no que diz respeito aos doentes pobres e aqueles de baixa renda com comorbidades, eles ficaram sem assistência médica e medicamentosa e acabaram indo à óbito. Porque a paralisação dos transportes públicos os impediu de deslocar-se diária, semanal ou mensalmente a procura de assistência médica e medicamentosa gratuita no hospital. E para agravar a situação, todo o esforço governamental e dos parceiros foi direcionado para o combate ao COVID-19 e outras áreas foram simplesmente deixadas de lado. Na mesma linha segue o Dr. Jeremias Agostinho. Segundo ele, alguns programas sociais do Governo angolano foram cancelados. Os recursos que o Orçamento Geral do Estado havia destinado para a construção de escolas, construção de centros e postos de saúde, para o fomento do emprego, acabaram por ser direcionados ao combate da pandemia. Essas medidas não só provocaram o fechamento das empresas ligadas a esses setores como também aumentaram os níveis das taxas de desemprego e de pobreza e o alto do custo vida no país. Estamos a falar, por exemplo, do elevado preço dos produtos da cesta básica que sofreram alteração e superaram a inflação aproximadamente de 300%. Por sua vez, os países como Cabo Verde e São Tomé e Príncipe, que por sua localização geográfica e estrutural não se dispõem de recurso autossustentáveis salvo do turismo e do tráfico aéreo e marítimo, com o fechamento das fronteiras territoriais, viram a sua economia encolhendo drasticamente. Os profissionais entrevistados revelaram que os setores turístico e hoteleiro mantêm, em ambos os países, o capital econômico de mais de 25% do PIB.

Uma outra ponta do iceberg das desigualdades sociais despertadas pela pandemia do coronavírus está na educação de modalidade virtual. Os entrevistados reconhecem os esforços dos governos de seus países no sentido de reorganizar este setor, oferecendo os serviços de aulas on-line. Mas em se tratando de países onde os acessos a tecnologia de informação e comunicação são limitados cresceu o índice de exclusão social, de modo que somente os professores e alunos dos grandes centros urbanos podem continuar a prover os serviços de aulas e o acompanhamento aos estudantes à distância.

Por essas angulações pensamos que, ao tratar-se de países com gritantes índices de desigualdades sociais, julgamos ser extremamente difícil falar do cumprimento das medidas da OMS. Só para citar um exemplo, segundo os dados estatísticos angolanos, o país tem cerca de 32 milhões de habitantes (2019), dos quais 9 residem só na capital em Luanda. Do ponto de vista territorial, Luanda com uma área territorial de 18.826 km<sup>2</sup>, é a menor província do país e contraditoriamente a mais populosa e densamente povoada de Angola. Como fazer valer as medidas da OMS? Dr. Jeremias, chega a firmar não ser fácil acatar determinadas medidas. A população se encontra numa situação de desequilíbrio social. Até certo ponto podemos afirmar que o povo foi forçado a tomar uma decisão: se não cumpre as medidas e recomendações da OMS corre o risco de ser infectada pelo coronavírus e perde a vida, ou então obedece à risca, ficando em casa e perde a vida pela fome, pela pobreza extrema e outras situações.

Portanto, nos discursos dos entrevistados percebemos uma certa coerência que aponta para as formas não apropriadas e contextualizadas de boa parte das medidas e recomendações da OMS. Esse parecer fez-nos concluir que muitas das medidas podem ser até eficientes quando são aplicadas na América, na Europa e em alguns países da Ásia. Na África essas medidas não têm efeito desejado e nem são aconselháveis. Agora, digno de destaque são os apoios de incremento

de as políticas públicas e ações integrativas de promoção de emprego, de trabalhos autossustentáveis. Ou seja, políticas que garantam a assistência social nos seus diversos níveis como forma de garantir os mínimos direitos fundamentais e diminuir as desigualdades entre as classes sociais desses países.

#### **4 VOZES LUSO-AFRICANAS SOBRE LEITURAS "OUTRAS" DA CIRCULAÇÃO E DA VACINA DO VÍRUS DA COVID-19**

Em termos gerais, devido à falta de formação e informação a respeito das consequências das infecções causadas pelo vírus, somada ao fato de que algumas pessoas eram assintomáticas, levaram uma boa parte da população a desacreditar naquilo que fosse veiculado pelas autoridades de saúde. Apenas tomavam consciência da existência e da seriedade do vírus quando viam ou ouviam que algum parente ou amigo tinha testado positivo para COVID-19, e/ou tinha morrido em decorrência do agravamento pela doença. Outro dado de descrédito reside nos elevados números de mortes verificados na Europa e na América que obrigou os Estados para a necessidade de construção de valas comuns para se proceder o inteiro dos corpos. Para alguns, o fato de não se registrar muitas mortes em seus países as pessoas se tornaram incrédulas e outras afirmavam tratar-se de uma doença só para os países ricos e não para os pobres. E ao perceberem alguém infectado vindo da Europa ou de um outro país, na maioria das vezes as pessoas diziam, e com justa razão, era a doença dos que gostam de viajar para fora do país (Portugal, USA, África do Sul e China) que trouxeram essa doença para o nosso país. Essa doença que está com eles não vai ficar conosco que somos pobres. A nossa doença, a doença dos pobres é a malária e a COVID-19 não. Então são essas crenças que a população tem que também dificultam o combate à COVID-19 nos países luso africanos.



Por outro, as vozes luso-africanas revelam reações sociais com marcas culturais fortes. Os entrevistados relataram que muitas pessoas ainda continuam presas aos seus ritos culturais em caso de manifestações de sintomas do vírus, ao invés de procurarem os serviços de saúde recorriam às plantas medicinais e aos chás de ervas que apanhavam aqui e acolá. Portanto, muitas pessoas, acreditando no poder dos líderes tradicionais ou dos provedores da saúde tradicionais, recorrem as plantas medicinais e pelo seu uso não só superaram os sintomas como também ficaram curadas da enfermidade.

Quando o assunto é vacina, tomamos como ponto de partida o que a World Health Organization descreve como a pandemia da SARS-CoV-2. Segundo esse organismo mundial, a enfermidade apresenta características patogênicas de consequências diversas (WHO, 2020). Todavia, é possível afirmar-se que tais consequências incidem todas sobre a dimensão biológica, que em termos de verossimilhança nos aproximam dos vírus já investigados e, portanto, conhecidos. Contudo, sob o ponto de vista fisiopatológico de um vírus cuja consequência se manifestaria em forma de uma enfermidade respiratória simples, ao sofrer mutação sistemática heterodoxal, o vírus submete às pessoas infectas uma série de sintomas prodrômicos respiratórias gravíssimos. Epidemiologicamente falando, se comparada com a experiência de outras epidemias virais, esta série de sintomas, em um fluxo contínuo e rápido, derruba todo estado imunológico na maioria das pessoas não portadoras de anticorpos. Isso nos leva a pensar nas políticas e estratégicas da saúde preventiva coletiva (PAIM, 1982), segundo as quais a produção de uma vacina implica tempo e compreende um longo processo de investigação das variantes e dos determinantes da produção social das doenças e da organização dos serviços de saúde. Este não é o caso da pandemia pelo coronavírus devido a sua complexa amplitude.

O espectro da COVID-19, sob a perspectiva da mediatização e dos processos sociais, apresenta a estrutura de um objeto que se consti-

tuir nas interfaces dos limites do biológico e do social. No contexto luso-africano, onde inexistem investigações de produção sociocientífico devido a pouca abertura e liberdades políticas, onde a fonte de sustentabilidade se baseia na economia informal (produzir para o consumo imediato) por conta dos elevados índices de pobreza e; onde os aspectos culturais ainda jogam um papel preponderante na vida das pessoas, a notícia de uma produção de uma vacina que seja técnica e cientificamente eficaz pode suscitar opiniões divergentes. Até porque tal procedimento estaria nas bordas das políticas e estratégias da saúde preventiva coletiva.

Portanto, em termos gerais, no início as reações sobre a vacina do vírus na sociedade luso-africana foram bastante críticas, porque as pessoas trouxeram mais os aspectos antropológicos do período da escravatura, das acusações que circulam pelas redes sociais, as organizações filantrópicas com à organização de BILIN MIRINDA GETES<sup>8</sup>. Segundo essas informações, a vacina no continente africano e nos países pobres era feita para o controle de natalidade. Então havia um

---

8 A Fundação Bill e Melinda Gates ou simplesmente FG é uma instituição filantrópica criada por Bill Gates, fundador e ex-presidente da Microsoft, e a sua esposa, Melinda Gates em janeiro de 2000. Os fundos desta organização sem fins lucrativos provêm de doações de privados, sendo as principais da parte de Bill e Melinda Gates e de Warren Buffet. Com sede em Seattle, Washington, nos Estados Unidos com escritórios regionais em Washington, DC; Londres, Inglaterra; Nova Deli, Índia; Pequim, China; Addis Ababa, Etiópia; Joanesburgo, África do Sul; e Abuja, Nigéria, apresenta como objetivos: Enfrente os problemas e desafios difíceis: extrema pobreza e problemas de saúde nos países em desenvolvimento e as falhas do sistema educacional da América. Para cada questão em que trabalhamos, financia ideias inovadoras que podem ajudar a remover barreiras: novas técnicas para ajudar os agricultores em países em desenvolvimento a cultivar mais alimentos e ganhar mais dinheiro; novas ferramentas para prevenir e tratar doenças mortais; novos métodos para ajudar alunos e professores em sala de aula. O papel essencial é fazer apostas em soluções promissoras que governos e empresas não podem pagar.

conjunto de informações relativas à vacina que não foram bem aceitas pela população e por pouco atrapalhavam o programa nacional de vacinação.

## **5 POLÍTICAS GOVERNAMENTAIS LUSO-AFRICANAS DE INCENTIVO E APOIO EM PESQUISAS DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA**

Em uma perspectiva mundial, a circulação da pandemia pelo coronavírus submete todos os países a situações sociais flutuantes e de instabilidades econômicas constantes que, nos países pobres, se agravam à medida em que o vírus sofre mutações e transmutações. Para fazer frente tanto às flutuações dos sistemas sociais quanto às crises provocadas pelas instabilidades econômicas, oriundas não só da circulação do coronavírus, mas também de outras enfermidades, é preciso a implementação de políticas que incentivem as pesquisas em todas às áreas do saber social científico. Parafraseando Max Weber (1989), inferimos que o grande mérito do incentivo à pesquisa científica, além de contrapor o senso comum, formular teorias, identificar correlação entre causas e efeitos, é buscar respostas para problemas que afetam a relação do homem com o seu meio. Desta forma, com investimentos na área da Saúde ou outras áreas é possível estabelecer correlações entre a cultura intelectual de um povo e os seus mais elevados níveis de desenvolvimento econômico, social e de produção científica. Quando falamos da cultura intelectual e dos elevamos níveis do desenvolvimento socioeconômico e científico estamos fazendo alusão às respostas e reações rápidas que possam impedir, por exemplo, uma segunda vaga da doença, o achatamento da curva, ou a sua desaceleração, como ocorre em várias partes do mundo. Nessa ordem de raciocínio, questionados sobre possíveis investimentos governamentais na área da saúde em

pesquisa científica e percebemos nos discursos dos entrevistados alguns indícios tentativos apontado em seus relatos.

Segundo o Dr. Aladje Baldé, o Estado guineense, por meio de um empréstimo internacional de cerca de 15 milhões, investiu na compra de equipamentos para apetrechar os laboratórios e hospitais para o enfrentamento da pandemia e melhorar as condições de diagnóstico e tratamento à nível dos hospitais. Já no caso de Angola, o Dr. Agostinho Jeremias destaca o apoio que o Ministério do Ensino Superior de Ciência e Tecnologia em inovação recebeu da União Europeia, equivalente a 1 milhão de dólares para estudos relacionados à COVID-19. Por sua vez, o Dr. Ramos Moreira alude ao documento do qual são signatários os países africanos, sobretudo da Costa Ocidental, segundo o qual todos os governos deveriam alocar 2% do seu orçamento para as pesquisas na área da saúde. A partir dos relatos do Dr. Moises Tchicumbe, ficamos sabendo que em Moçambique existe o Fundo Nacional de promoção, apoio e financiamento aos projetos de pesquisa e investigação, ligado ao Ministério da Ciência e Tecnologia.

Os relatos aqui apresentados levantam suspeitas acerca das políticas e dos sistemas governamentais luso-africanos de incentivo, apoio e investimento na área da pesquisa e iniciação científica. Em sua maioria elaboraram e apresentaram projetos de pesquisa ao Governo. Como exemplo, citamos o projeto da faculdade de medicina e o instituto superior de ciências da saúde da Universidade Agostinho Neto, cujo objetivo era identificar a estirpe viral do coronavírus que circula em Angola. Embora em quase todos os relatos os entrevistados confirmem a existência de centros universitários dos quais alguns receberam autorização governamental para pesquisas e investigações, tudo indica que algo precisa ser apurado e revisto.

Os discursos dos entrevistados sugerem-nos a apropriação, em termos metafóricos, da aplicação de um modelo político idêntico ao da economia informal entre os governos luso-africanos em matéria de

pesquisa e investigação científica. E, a partir do uso dessa metáfora, estabelecemos contratos de leitura da situação social no continente. Assim como a viralização da máxima "fique em casa" tornou a vida da população de baixa renda que vivia à base do produzir hoje para consumir hoje, assim também se torna impossível a implementação de projetos de pesquisa e investigação sustentados através de uma economia informal. Ou seja, os bolos de financiamento para as investigações são de consumo imediato, ficam aquém das necessidades daquilo que são os acordos regionais e internacionais. E por isso, apesar de haver estruturas físicas e o potencial humano, do ponto de vista financeiro os países luso-africanos não estão em condições de por si custear as despesas de pesquisas e investigações científicas. O Dr. Aladje Baldé aponta como saída a organização de uma política internacional de apoio à pesquisa e investigação criando grandes laboratórios como os que existem em Daka, o laboratório PASTEL, e Costa de Marfim, o laboratório PASTEL, deixados pelos colonizadores (anglófonos e francófonos) e assumidos pelos respectivos governos. Logo em seguida fala do laboratório criado e financiado pelos dinamarqueses. Segundo ele, apesar de estar localizada na República da Guiné Bissau, a sua produção científica não está ligada à Guiné-Bissau.

De comum acordo em seus discursos, os entrevistados reconhecem as terríveis dificuldades em obter autorizações e apoio financeiro em seus países para fazer estudos que mexam com situações tão sensíveis, tais como os problemas sociais, políticos, econômicos e sanitários. Falar dessas questões nos ambientes acadêmicos e universitários, na visão dos que detêm o poder político, ainda continua um grande tabu. Tratando-se de dados científicos sobre a circulação do vírus, apuramos entre os entrevistados um discurso generalizado que aponta para ausência de liberdade de expressão e de uma jovem e débil democracia institucional. Habitualmente os dados relativos a COVID-19 são transmitidos numa cadeia de cima para baixo, ou seja, da autoridade estatal para a população. Não existe no seio da população instituições que

tenham a liberdade e que tenham a capacidade de fazer estudos mais profundos para encontrar dados que em alguns momentos possam ser confrontados com os dados transmitidos pelas entidades oficiais. E existe, a nível do continente, muitas interferências do ponto de vista político na estratégia de combate à COVID-19. Em muitas situações, no continente a COVID-19 é utilizada para coarctar a liberdade e garantida dos cidadãos. Isso faz com que as entidades locais tenham o interesse de manter para si aquilo que elas pensam que deve ser os números e o comportamento da doença à nível do continente. Desta forma, torna-se extremamente difícil falar de dados científicos já que a democracia e liberdade de expressão não são devidamente salvaguarda em todos os territórios africanos.

Por outro lado, pelo fato de não haver a liberdade de expressão, também não há, à nível da população, a nível da mídia, quer na mídia estatal, quer na privada, uma liberdade suficiente para poder falar sobre a COVID-19 com dados que possam ser confrontados com os estudos feitos. Os institutos locais, os centros universitários de pesquisa e investigação de cada um dos países no continente, ao fazer esses estudos e apresentar os seus resultados ajudariam os governos a traçar estratégias tanto de enfrentamento quanto de prevenção de eventuais surtos pandêmicos futuros. Mas, infelizmente a publicação de eventuais estudos, de eventuais previsões dos institutos e universidades locais, poderia acarretar consequência de represálias do ponto de vista político muito grande. E então nem todos os pesquisadores têm a coragem e a ousadia de contrariar determinados números. Como resultado, todos os dados e números da COVID-19, à nível do continente, são sempre postos em causa porque não existem instituições com uma certa liberdade para falar sobre eles, sob a pena de ser vistos como cidadãos não patriotas.

Portanto, esta situação assombra e dificulta toda e qualquer iniciativa de pesquisa sociotécnica, tecnológica, científica e midiática, o que

por sua vez, sujeita os pesquisadores dos países luso-africanos a uma situação de reboque e a consumir dados produzidos por outros países, e sem em troca compartilharmos a nossa produção científica local, continental e internacional sobre a circulação do vírus da COVID-19.

## Conclusão

Em suma, como o vírus da COVID-19 não só está no fluxo adiante (BRAGA, 2012), mas está em constante mutações, apartamos ao conceito de circulação midiática que abarca e visa compreender a lógica de uma mensagem menos presa às dinâmicas unidirecionais de produção-recepção (DOVER, 2007; FAUSTO NETO, 2010). A finalidade nossa foi justamente de, na perspectiva da circulação midiática, por meio de entrevistas apresentar vozes e relatos sobre os fluxos circulatórios e os níveis de afetação, os impactos e as estratégias, as políticas e ideologias de enfrentamentos sociogovernativas no continente africano lusófono.

Ou seja, o foco nas nossas entrevistas está na circulação em si da pandemia, nas possibilidades dos impactos que pela resignificação podem sofrer modificações discursivas, agregando intencionalidades particulares. Mas é, sobretudo, no componente ativo de interação sociomidiática da COVID-19, que permite a construção do sentido coletivo que, usando analogias e citando Braga (2006), comparamos ao que ocorre na lógica da circulação dos conteúdos midiáticos, por meio da ampliação do escopo e da abrangência, tornando-os diferidos e difusos. Depois de ouvidas as vozes dos profissionais luso-africanos sobre a circulação da COVID-19 em seus países ficamos com as seguintes impressões:

1. Verificamos uma certa unanimidade entre os entrevistados à satisfação pela iniciativa científica do CISECO ao colher vozes dos profissionais da saúde luso-africanas acerca da circulação

do vírus da COVID-19 e a produção do sentido. Tal satisfação força-nos a sugerir à diretoria do CISECO a implementação de mais pesquisas que estabeleçam interfaces, nas suas agendas investigativas transversais, com outros campos e práticas sociais também com os países africanos de língua oficial portuguesa. Percebemos uma certa redescoberta da inadiável e fundamental apropriação das lógicas e gramáticas dos processos midiáticos nas suas práticas profissionais, tendo como objetivo principal a partilha e universalização do conhecimento no campo da Saúde, haja visto que a agenda dos processos da midiatização atravessa todos os campos e práticas sociais. Ou seja, a apropriação configura-se como um dispositivo que, nos aréopagos discursivos sobre os problemas sanitários, tenham um carácter transversal e internacional, como é por exemplo, o caso da pandemia da COVID-19.

2. No contexto dos países luso-africanos os fluxos circulatórios da pandemia COVID-19 revelaram o quanto são frágeis os seus sistemas de saúde. E para tanto, a implementação de políticas governamentais que priorizem e disponibilizem verbas orçamentárias destinadas às pesquisas e investigações científicas na área da saúde, pois constitui um imperativo categórico. Para além do discurso dos entrevistados, percebemos uma certa urgência na formação e capacitação de profissionais da saúde e nas diversas especialidades para dar resposta pontual a qualquer eventual ataque viral que ameace a saúde do continente. Por fim, como entrevistador e associado aos entrevistados, creio que a pandemia deixa para o continente luso-africano e não só para também para o mundo muitas lições.
3. No contexto dos sistemas e regimes políticos luso-africanos, devem optar pelo apressa a "estruturas flexíveis". Estamos usando a expressão "estruturas flexíveis" de forma metafórica para sig-



nificar todos os sistemas e estruturas governativas de carácter ditatorial vigentes ainda em pleno século XXI. Os sistemas ditatoriais ao não permitirem a flexibilidade de políticas, ideias, e projetos, dificultam a mudança e a democratização sociotécnica, tecnológica e científica que são, a nosso ver, uma grande valia para a superação de crises. Sobretudo, os investimentos na democratização do saber e do conhecimento instauram um processo que permite a reinvenção social, frente às situações que estejam fora do controle, como pandemia do coronavírus e dar continuidade às práticas sociais em todas as áreas. Ou seja, só assim, será possível a construção de pontes entre os diferentes campos do saber e possibilidade de proporcionar uma ambiência social que permita a elaboração de estratégias e políticas interplanetárias comuns entre os países pequenos e grandes, entre os países ricos e pobres onde os países africanos estão enquadrados.

4. Percebemos ainda, no discurso dos entrevistados, uma certa dificuldade de planejamento a curto e a longo prazo nos sistemas e regimes de governação dos países luso-africanos. Trata-se aqui daquelas dificuldades em traçar metas, estratégias e políticas governativas capazes de gerenciar de forma eficiente as crises sociais e econômicas. Destarte, julgamos que um bom planejamento, que nada mais seria senão o traçar metas, definir os caminhos a serem tomados para se chegar a um determinado objetivo (saúde, educação, emprego, segurança, democracia, liberdade) e estabelecer planos de contingência. Dito de outra forma, a visão macro do gestor público (presidente, deputado, governador, administrador) ou privado (diretor, chefe) de um país, de uma província, município ou comuna e mesmo de uma empresa, será determinante na hora de tomar decisões e posicionamentos em um momento de crise. Foi justamente o que já sugeria em 1987, um estudo patrocinado pela ONU que propõem

às sociedades uma mudança nos seus padrões de produção e consumo. Naquela altura defendia-se a preservação dos recursos e serviços ambientais necessários à sobrevivência humana, envolvendo governos, empresas e ONGs em busca de parâmetros para o desenvolvimento de projetos, políticas sociais de autossustentabilidade. Em meio aos impactos da pandemia da COVID-19, estamos assumindo o conceito de autossustentabilidade como caminho que os sistemas de governação dos países do terceiro mundo, sobretudo, africanos devem trilhar em busca de melhores soluções para os problemas de ordem econômicos e sociais. Inferimos que a incorporação desse conceito nas esferas públicas e privadas permite a independência e o equilíbrio sociocultural, promove a liberdade expressão e a autonomia financeira, incrementa a igualdade econômica e financeira entre os cidadãos e, por último, transforma os cidadãos em sujeitos fraternos em tempos de crises como na era da pandemia.

5. Paralelo à ausência, os sistemas governamentais, de políticas que promovam projetos de autossustentabilidade, também verificamos nas falas dos entrevistados que os governos de ambos os países têm dificuldade em acionar o conceito de adaptação como um dispositivo de sobrevivência em meio a crises. Adaptação dentro da administração de empresas é um conceito que desde a Revolução Industrial resulta da mecanização do trabalho nas fábricas, passando para a explosão tecnológica que transforma as sociedades em digitais por meio dos processos midiáticos. Assim, o conceito de adaptação em tempos de pandemia, passa a funcionar como dispositivo que, uma vez acionado, oferta novos conhecimentos, faz repensar nas estratégias e traçar metas que mantenham quaisquer engrenagens em funcionamento.

Portanto, a nossa sugestão é de que aqueles que detém o poder tanto executivo quanto legislativo e judicial, em todos os campos e prá-

ticas sociais usem como "instrumentum laboris" estruturas que promovam políticas de uma economia autossustentável. Que os governos desses países usem de políticas que transformem o comércio informal em pequenas empresas capazes de se adaptar a qualquer situação, que façam bons planejamentos e promovam políticas e estratégias que ajudem o povo a sobreviver em qualquer situação.

## Referência Bibliográficas

BRAGA, A. A. N. M., DALTRO, M. R., & DANON, C. A. F. A escuta clínica: um instrumento de intervenção do psicólogo em diferentes contextos. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, 1(1), 2012, p. 87-100.

BRAGA, José L. Circuitos versus campos sociais. In: MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, Jeder; JACKS, Nilda (Org.) *Mediação & Miatização*. Salvador – Brasília: UDUFBA - COMPÓS, 2012.

----- . A Sociedade enfrenta sua mídia: Dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo: Paulus, 2006.

CACCIAMALI, M. C. A economia informal vinte anos depois. *Revista Indicadores Econômicos FEE*, v. 21, n. 04, 1994. Disponível em: <http://revistas.fee.tche.br/index.php/indicadores/article/viewFile/626/871>. Data de acesso em 2 de abril 2021.

----- . Globalização e processo de informalidade. In. *Revista Economia e*

*Sociedade*. Campinas: UNICAMP, jun. 2000.

CALLON, M. The sociology of an actor-network: the case of the electric vehicle. In: CALLON, M.; RIP, A.; LAW, J. (Eds.). *Mapping the dynamics*

of science and technology: Sociology of Science in the Real World. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 1986. p. 19-34.

DALMONTE, Edson. Relações Interdiscursivas: os paratextos como modos de existência dos textos contemporâneos. Anais do XII Congresso da Associação Latino-americana de Investigadores da Comunicação. Universidade Católica do Peru, Lima, 2014b.

DOVER, Caroline. Everyday talk: Investigating media consumption and identity amongst school children. *Particip@tions*, v. 4, n. 1, s/p., 2007.

FAUSTO NETO, Antonio. As bordas da circulação. *Revista Alceu*, Rio de Janeiro, jan. jun. 2010, pp. 55-69.

GRUBAUGH, Nathan D.; PETRONE, Mary E.; HOLMES, Edward C. We shouldn't worry when a virus mutates during disease outbreaks. *Nature*, [S. l.], ano 2020, n. 5, p. 529-530, 18 fev. 2020. DOI <https://doi.org/10.1038/s41564-020-0690-4>. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41564-020-0690-4>. Data de cesso em 12 abr. 2022.

LAW, J.; HASSARD, J. (Org.). *Actor network theory and after*. Oxford: Blackwell, 1999.

LATOURETTE, B. *Reensamblar lo social: una introducción a la teoría del actor-red*. Buenos Aires: Manantial, 2008.

KATCHIPWI SAYLA, B. M. A circulação da agressividade em adolescentes angolanos sob a perspectiva da midiaticização: disputas interacionais como busca de reconhecimento nas esferas de consumo e produção dos bens da indústria cultural. Tese de Doutorado em Ciência da Comunicação. RDBU| Repositório Digital da Biblioteca da Unisinos. Disponível em <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/9450>. Data de acesso em 25 de Março de 2021.

PAIM JS. Desenvolvimento teórico-conceitual do ensino em saúde coletiva. In: Abrasco. Ensino da saúde pública, medicina preventiva e social no Brasil. Rio de Janeiro: Abrasco, 1982. p. 4-19.

TURATO, E.R. Tratado de metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas. 6<sup>a</sup> ed., Petrópolis, Vozes, 2013.

WEBER, M. Sobre a Universidade: O poder do Estado e a dignidade da profissão acadêmica. São Paulo: Cortez, 1989.

World Health Organization (WHO). Draft landscape of COVID-19 candidate vaccines. 21 July 2020. Geneva: WHO. [cited 2020 Jan 30]. Disponível em: <https://www.who.int/publications/m/item/draft-landscape-of-covid-19-candidate-vaccines>. Data de acesso em 13 de Abril de 2021.



## **Pandemia, questões raciais e circulação de sentidos pelas lentes de três intelectuais**

Maria Aparecida Moura  
Rosane Borges  
Claudia Bernard  
Laura Guimarães Corrêa

Neste capítulo, organizamos as principais – e mais instigantes – ideias apresentadas por Maria Aparecida Moura, Rosane Borges e Claudia Bernard<sup>1</sup> em entrevistas realizadas por Laura Guimarães Corrêa<sup>2</sup> com essas proeminentes intelectuais negras sobre acontecimentos

---

1 A ordem dos nomes segue a ordem cronológica em que as entrevistas foram realizadas e publicadas.

2 Caroline Marques e Mariane Rodrigues Marques, graduandas em Iniciação Científica Voluntária do Coragem (Grupo de Pesquisa em Comunicação, Raça e Gênero UFMG), trabalharam na transcrição das entrevistas e colaboraram na organização/redação do texto e suas conexões. Gabriela Corrêa Vidigal, graduanda em História na UFMG, traduziu, transcreveu e legendou a entrevista de Claudia Bernard.

e questões que surgiram com muita força no primeiro semestre do ano de 2020. Nessas conversas, destacam-se alguns temas principais: a pandemia de Covid-19, que evidenciou nossa fragilidade como seres humanos e deu a ver desigualdades em escalas nacionais e internacionais; e o assassinato de George Floyd e a repercussão desse fato para a discussão sobre questões raciais. As autoras pensam a comunicação, a mídia, o jornalismo, analisando reflexiva e semioticamente sobre processos, principalmente aqueles mediatizados, de produção de sentidos (e também de disputas de sentidos) na contemporaneidade, defendendo a potencialidade de novas epistemologias que partam de indivíduos e grupos sociais das margens

As três entrevistas foram realizadas em julho de 2020 e publicadas no canal do YouTube do Ciseco no mesmo mês. Mesmo tendo acontecido poucos meses depois do início da pandemia, as conversas com Moura, Borges e Bernard trazem conexões, insights, conceitos e proposições que demonstram, com lucidez, que estamos em crise há mais tempo, e que os acontecimentos de 2020 nos provocam a pensar em alternativas, em quebras, em reconstruções, em novas epistemologias para entender e para transformar a realidade.

Para a organização deste texto, buscamos aproximar tematicamente as falas das entrevistadas, realizadas em conversas separadas, em diálogo neste capítulo. Muitos pontos estão em consonância, apesar de partirem de abordagens, lugares, e filiações teóricas diferentes. As entrevistas com Cida Moura e Rosane Borges, brasileiras, foram feitas em português; a conversa com Claudia Bernard, britânica, em inglês. Como característica identitária comum às três intelectuais, está o fato de serem pesquisadoras negras de destaque nas áreas em que atuam. Também como ponto comum, as três intelectuais pensam e falam do seu lugar de mulheres negras, atentas aos desafios que atravessam sua experiência na sociedade de modo geral e no meio acadêmico, de forma mais específica.



## A pandemia de Covid-19 e a semiose das asfixias coloniais

Para pensar as crises que se intensificaram a partir do ano de 2020, a semioticista Maria Aparecida Moura propõe a ideia de uma semiose das asfixias coloniais. No início de sua fala, a autora aponta a importância de trazer a semiótica cada vez mais para o mundo da vida. Moura conta que vem de movimentos sociais organizados, trabalhando especificamente com culturas populares, com comunicação popular e também com o movimento social negro. Assim, ela afirma que se viu desafiada a “pensar formas de discutir questões sociais pela lente da semiótica” e, pensando nos conceitos de Peirce, mostrar que, “para além da diferença do modo de denominar os fenômenos, era importante percebermos que essas categorias, esses conceitos, essa forma de olhar para os processos de significação eram formas que poderiam nos auxiliar.” Ela afirma que esse desafio faz parte de seu trabalho desde sempre.

Refletindo sobre a pandemia de Covid-19 e a “intensa explosão semiótica” que se deu desde o início da circulação do vírus, Moura afirma que

neste momento em que estamos vivendo exatamente algo que poderíamos chamar de extraordinário, pela surpresa e pelo modo que pegou o planeta inteiro, eu comecei a pensar, primeiro, os efeitos disso. O primeiro movimento (...) foi uma expressão de enorme xenofobia. “De onde teria partido esse vírus?” “Quais seriam as razões inconfessáveis de surgimento desse vírus?” “Ele teria sido estruturado em um laboratório?” “Como é que teria sido isso?” (...) essa intensa explosão semiótica — podemos chamar assim —, trouxe esse cenário, no sentido de que, cada um em seu

modo, em função da sua crença, do seu referencial teórico, do bairro onde mora, sua condição social, tentou explicar e tentou reagir a esse fenômeno de uma determinada maneira. (MOURA, 2020)

Provocada pelas questões colocadas, a pesquisadora Cida Moura traz reflexões muito ricas para pensarmos as construções de sentido em torno da pandemia, com uma mirada para o contexto global e o caráter colonial de organização do mundo:

(...) os mecanismos que coordenam o planeta, que são absolutamente coloniais do ponto de vista do conhecimento que é produzido, do modo de organizar quem entra e quem sai dos lugares, e de organizar também quem vive e quem morre, esses mecanismos são absolutamente pautados em uma compreensão de humanidade que "nós somos e vocês não são", "nós e os outros". Me pareceu que esse processo acabou por intensificar ou exacerbar o nosso olhar, nós que estamos nas fronteiras, nós que estamos no Sul (...). Ao olhar para esse marcador ainda maior, de uma necropolítica, começou-se a criar um conjunto de categorias para determinar quem pode viver ou quem pode morrer. (MOURA, 2020)

Nesse momento da entrevista, Moura apoia sua discussão no trabalho do pensador camaronês Achille Mbembe, especialmente os livros "Necropolítica", "Brutalismo" e o artigo "O direito universal à respiração". A autora destaca que Mbembe não fala especificamente de semiótica, mas ela, enquanto semioticista, percebe conexões imediatas com a área. Moura empreende um esforço de captar a realidade a partir do lugar que ocupa na sociedade. Nesse sentido, a pensadora chama a atenção para a pertinência da ideia de semiótica regional para explorar sentidos do termo asfixia, que diz de um efeito / sintoma da Covid-19 e que pode ser expandido para a violência racial, traçando um instigante paralelo entre as duas acepções do termo.

É importante que a gente, cada vez mais, aproxime a semiótica naquilo que ela tem de geral, de potencialidade para nos explicar os fenômenos num ponto de vista mais amplo; ela está associada à possibilidade de dialogarmos com outras áreas do conhecimento que têm potência também para nos auxiliar. (...) Quando a gente fala dessa asfixia colonial, tem a ver com um processo de significação, eu falo como uma mulher negra que vive no Brasil, (...) que olha para os processos de racialização e as violências associadas ao nosso pertencimento étnico. Quando vamos falar dessa asfixia colonial, é difícil não pensar nesses processos de violência que reiteradas vezes acontecem no Brasil e no mundo, e nós tivemos recentemente mostras disso, em que a ideia de respirar está presente ali, a ideia de respirar associada a violência, uma violência que foi televisionada. (MOURA, 2020)

Moura aqui traz para a conversa a relação entre a doença e a violência, falando do quanto a imagem de Floyd a afetou: "Por um momento essa imagem do George não sai da minha cabeça, a imagem dele e a expressão que ele traz. Então, a expressão que ele traz também vai nos colocar nessa reflexão, o que está por trás do eu não consigo respirar?" Com esse paralelo, a pensadora pergunta: "Quais são as coisas que têm impedido a gente de respirar, do ponto de vista acadêmico e do ponto de vista social, de uma maneira mais ampla? Eu ando pensando muito nisso, escrevendo sobre isso, tentando ler coisas que me auxiliem em compreender e colocar a semiótica a serviço dessa compreensão." (MOURA, 2020)

## **A pandemia e as crises entrelaçadas**

A pesquisadora Rosane Borges propõe pensar a pandemia através do pensamento de crise, considerando o fato inédito de paralisação da

economia global. Borges fala do impacto dessa crise que reverbera em vários países e destaca o fato de o Brasil ser o quarto país mais desigual do mundo, afirmando que

a pandemia revelou esse Brasil indigente, um Brasil miserável, literalmente. (...) O Brasil voltou para o mapa da fome! Eu acho que a Covid materializa isso para a gente de forma muito brutal, e aí não tem como a gente pensar que é um problema apenas econômico. É uma crise civilizatória; os estados não estavam preparados para a paralisação da economia brusca da forma que a gente teve, (...) é uma crise civilizatória sem precedentes. (BORGES, 2020)

Borges chama a atenção ainda para o agravante do contexto de uma crise institucional e política no Brasil: "desde 2016, estamos sem institucionalidade (...), com um o governo acéfalo, sem cabeça, sem comando. E isso tem um impacto terrível no campo da educação, da cultura e das existências, porque o próprio governo negou o que é a Covid". Considerando as crises concomitantes e entrelaçadas, assim como as desigualdades e violências que tiveram visibilidade no emblemático ano de 2020, a entrevistada ressalta ainda um problema persistente, "que é o racismo antinegro no mundo". Ao estabelecer conexões entre os acontecimentos que culminaram no ano de 2020, Borges defende que, "se a Covid inaugura o século XXI, o devir negro no mundo também o faz."

A autora costura essa relação entre as crises, lembrando que o assassinato de George Floyd, em maio de 2020,

convocou o mundo, em plena crise da pandemia, a pensar como o racismo é um operador de desigualdade, de morte, ele nos asfixia de várias formas. Ele convidou as pessoas não negras a pen-

sarem isso. Eu acho que a gente tem momentos na história, como foi a Rosa Parks, que detonou o movimento de direitos civis; a morte da Marielle, que teve uma sensibilização um pouco maior da sociedade brasileira. (...) é um momento realmente difícil para todos nós e há um reposicionamento da questão racial negra aí. Sob vários pontos de vistas, porque são os corpos precarizados que estão morrendo pela Covid; são as pessoas que estão passando fome porque não estão conseguindo trabalhar; são as empregadas domésticas que foram consideradas, em vários estados brasileiros, serviço essencial, (...) tem sempre o fundamento racial, um eco da escravidão. Essa crise está nos revelando isso, (...) que nós vivemos um passado que não passa. (BORGES, 2020)

Inserida em contexto diferente, a pesquisadora britânica de origem caribenha Claudia Bernard também estabeleceu, na entrevista, relações entre a pandemia, a desigualdade e o racismo em Londres, cidade em que vive e leciona. Ela destaca que cerca de 47% das pessoas que moram na cidade são negras e de minorias étnicas, para dar uma ideia de como Londres (assim como outras cidades da Inglaterra como Manchester e Birmingham) é racialmente diversa. Ela salienta que a pandemia desmascarou e expôs o fato de que, no contexto inglês,

desproporcionalmente, as pessoas que têm sido mais afetadas, que têm morrido, têm sido negras e de minorias étnicas, negras e de ascendência asiática. (...) o número de agentes na área da saúde, enfermeiros(as), médicos(as), equipe de limpeza, aqueles que estão na linha de frente, motoristas de ônibus, tem se destacado o número desproporcional de mortes nessas comunidades, porque... (...) em certos ofícios, é mais provável que sejam tra-

balhadores negros ou de minorias étnicas. Então os riscos são maiores para eles. (BERNARD, 2020)

Bernard conta, na entrevista, que essa desproporção estimulou os debates públicos sobre as desigualdades existentes que aumentaram os riscos para certos grupos de pessoas. Ela afirma que "as pessoas têm acesso a serviços de saúde<sup>3</sup>, mas o que tem sido destacado são as maneiras pelas quais a pobreza e as desigualdades contribuem para que pessoas que não têm acesso a comida saudável (o que leva a diabetes, obesidade, hipertensão etc.), o que as tornam mais vulneráveis à Covid-19." A pesquisadora destaca a pressão que vem da mídia, especialmente de jornalistas negros(as) que estão escrevendo e dando visibilidade a essas questões, "então tem sido mais difícil evitar reconhecer que a raça e o racismo fazem parte do problema."

Londres entrou em lockdown no dia 23 de março de 2020. Diferentemente do caso do Brasil, no Reino Unido houve / tem havido um controle intenso quanto à movimentação das pessoas, o que contribuiu em parte para a redução da disseminação do vírus. Segundo Bernard, "não podíamos ir para muito longe de casa, só podíamos sair de casa uma hora por dia para nos exercitar, comprar comida, ou receber assistência médica. Não podíamos estar fora de casa sem motivo." Ela relata que uma infração foi criada para que a polícia pudesse prender as pessoas se considerassem que elas estavam fora de casa sem um bom motivo. As medidas são compreensíveis dada a gravidade e o risco da doença. Entretanto, a pesquisadora ressalta que os tratamentos conferidos às pessoas diferiam muito:

(...) as pessoas que estavam sendo paradas, revistas e interrogadas pela polícia eram negras, em

---

3 O NHS (National Health Service) tem caráter público e oferece acesso gratuito aos serviços de saúde no Reino Unido. O sistema inspirou a criação do SUS (Sistema Único de Saúde) no Brasil.

comparação com a população do país, reforçando outros processos que sabemos que acontecem: pessoas negras, especialmente homens jovens negros... é muito mais provável que sejam parados pela polícia. Então a Covid-19 estava elucidando outras questões que têm sido trazidas à tona há muito tempo. Então em muitos pontos isso chamou a atenção e tornou essas questões mais visíveis, de modo que se tornou mais difícil para o governo negar a presença da raça. Como resultado, houve muita pressão para que o governo fizesse uma pesquisa, sobre os fatores e problemas que levam esses grupos a serem desproporcionalmente afetados pela Covid-19. Essa pesquisa está em curso. (BERNARD, 2020)

Além das questões de raça e classe exacerbadas pela pandemia, Bernard afirma que, no contexto de um lockdown, há também questões de gênero a serem observadas. Além de citar o aumento da violência doméstica, que é um problema gravíssimo, ela lembra que "mais mulheres estão responsáveis pelos cuidados com as crianças, com a educação das crianças em casa." Além disso, a pesquisadora destacou que

desigualdades entre os gêneros trarão impactos a longo prazo. Considerando mulheres na vida acadêmica, vai haver um efeito a longo prazo no progresso das mulheres, porque, particularmente para mulheres no início de sua carreira acadêmica, o que está acontecendo agora, como resultado da COVID-19, tem impactado muito mais a sua capacidade de trabalhar, de escrever, de pesquisar, porque as mulheres estão se ocupando com o trabalho doméstico. A Covid-19 (..) nos afetou de uma que é difícil ignorar que o gênero é um fator a ser considerado. (BERNARD, 2020)

A seguir, apresentamos as principais reflexões de Moura, Borges e Bernard sobre a comunicação e a mídia. Elas falam sobre jornalismo, semiótica, redes sociais, vínculo e trazem ideias para pensarmos a circulação midiática principalmente a partir dos eventos que marcaram o início do ano de 2020.

## **Vínculos, comunicação e jornalismo em tempos de pandemia**

Também com vistas à compreensão dos turbulentos tempos atuais, a pensadora Rosane Borges reflete sobre a circulação midiática de sentidos sobre a pandemia e suas interrelações com o contexto brasileiro, acionando a ideia de vínculo.

A comunicação está no epicentro, na sua modalidade técnica, midiática e computacional, pois dá visibilidade a essa fratura do contemporâneo (...). Temos uma crise na comunicação, no sentido de que, se temos uma sofisticação tecnológica capaz de nos integrar, de proporcionar que nós estejamos ao vivo fazendo lives, por outro lado, eu acho que a gente tem também um sacrifício do que é a comunicação, pensando nos termos do Muniz Sodré, que é a construção do vínculo.

Borges relembra que, "quando a internet surgiu, muita gente apostava que a grande commodity da internet seria a informação e o saber (...)." A autora afirma que, entretanto, "a internet e particularmente as redes sociais acabaram priorizando a opinião e crenças. (...) Temos um presidente que foi eleito com base em fake news e vem desdenhando da ciência, do argumento, da informação e do saber." Borges pondera que, "no início da pandemia, tivemos na mídia uma consideração importante pela ciência; o jornalismo recorreu muito aos dados científi-



cos, às informações.” Entretanto, ela aponta que a ideia do laço social tem sido sacrificada na comunicação e propõe que repensemos o jornalismo:

(...) o jornalismo vive uma crise, nós que somos jornalistas vivemos uma ferida narcísica, que não conseguimos curar. Qual é a ferida narcísica do jornalismo do século XXI? É que nós, profissionais deixamos de ser mediadores exclusivos dos acontecimentos sociais. Hoje, as pessoas têm acesso ao que acontece no mundo por meio das câmeras das pessoas. (...) O mundo não é mais algo que passa pelo nosso crivo, pelo nosso olhar, pela nossa escrita. Eu acho que essa ferida narcísica atingiu em cheio o coração da atividade jornalística. Então, de certa forma, pra reagir a isso, o quê que se tem? Um jornalismo que também fica muito refém das redes sociais (...), reverbera o que se tem nas redes sociais, e acaba não cumprindo o (...) princípio da transparência; da esfera pública; do debate. (O jornalismo) está muito ligado ao interesse do público e não ao interesse público. (...) É preciso exercitar esse compromisso da informação, do conhecimento, do saber, com uma comunicação que não arrede desse princípio de promoção do vínculo, de construir sentidos que emancipem e que não sacrifiquem a condição humana. (BORGES, 2020)

Ainda sobre o vínculo, Rosane Borges pergunta: “como a comunicação pode (...) reorganizar essa temática do vínculo, do ódio ao outro, a partir da questão racial? Porque é o racismo que faz com que a gente não construa vínculo com o outro. O laço social e os sentidos ficam fraturados.” (idem).

Perguntada na entrevista sobre a diferença que pode fazer, para o jornalismo, a presença de pessoas negras e de outras minorias étnicas na produção da mídia, considerando o contexto britânico, Claudia Bernard responde que, pelas experiências que atravessam, jornalistas negros(as) podem ter uma capacidade maior de “entender, escrever sobre e dar voz aos problemas do racismo. Uma vez que se tem mais jornalistas nesses espaços, eles(as) contarão uma história diferente”. Ela defende que “temos que contar contra-narrativas (...), pois a narrativa na mídia, com frequência, retrata pessoas negras como desviantes, criminosas, com viés negativo etc.” e que, quando outras experiências são representadas, “isso é feito de uma maneira que não compreende o privilégio branco e o racismo institucional, (...) pois são os mesmos grupos de pessoas falando entre si. E esse é só um lado de uma história”. (BERNARD, 2020).

Bernard relata que, no Reino Unido, jornalistas negros(as) muito bons e reconhecidos conseguiram se organizar rápida e coletivamente frente aos acontecimentos e fatos que afetaram grupos minoritários durante a pandemia, escrevendo artigos, cartas, dando declarações na mídia. Ela defende que “é desse tipo de coisa que precisamos, para representarmos todo o tipo de experiência, experiências que normalmente não seriam representadas na mídia. E, quanto mais jornalistas, especialmente jornalistas competentes e analíticos(as) que podem trazer análises aprofundadas sobre questões raciais, melhor.” A pesquisadora completa fazendo um paralelo com o saber construído nas universidades: “e eu acho que é parecido quando penso na vida acadêmica, onde é preciso fazer outros tipos de perguntas sobre o conhecimento, trazer outras histórias, e só se tem isso quando temos vozes diversas o fazendo.” (BERNARD, 2020).

Em uma pandemia mundial, o assassinato de George Floyd, um homem negro asfixiado por um policial branco nos Estados Unidos, fez com que os olhos do mundo se voltassem para as vidas negras. Alguns

meses depois, um hipermercado no sul do Brasil foi cenário do homicídio de João Alberto Freitas, um homem negro que fazia compras com a esposa. Ele foi equivocadamente identificado, seguido, intimidado, reagiu, foi imobilizado e agredido. Após vários minutos de agressão, João parou de se mexer. O socorro foi tardio, e o homem já estava morto com a chegada do serviço de emergência. O fato precedeu o Dia da Consciência Negra, e conectou a realidade do racismo antinegro nos Estados Unidos e no Brasil, desvelando pontos em comum.

O acontecimento ocorrido no Brasil, pela distância do norte Global e pela repetição com que acontece, não teve a comoção mundial do caso Floyd, que repercutiu em muitos países. Claudia Bernard fala das reverberações do acontecimento estadunidense e dos protestos do movimento Black Lives Matter no Reino Unido:

Então tem sido muito interessante ver tudo isso, na publicidade, de diversas maneiras, realmente fazendo pronunciamentos sobre antirracismo de um modo nunca visto antes. Sempre foi dito (...): «Nós apoiamos diversidade e inclusão, blábláblá...» E nada além disso. Ao passo que desta vez... Em muitos dos eventos esportivos, integrantes do partido Labour, no Parlamento, várias pessoas se ajoelharam em solidariedade. Então, a diferença que podemos ver, é que, na mídia, grandes instituições estatais da educação, programas de assistência social, a igreja, a polícia, uma grande variedade de atores sociais... Todos tiveram de fazer pronunciamentos sobre o movimento Vidas Negras Importam. Tiveram que dar declarações sobre antirracismo de uma forma que não acho que teria acontecido sem o assassinato de George Floyd e os protestos subsequentes. (BERNARD, 2020).

Bernard percebe que, quando do assassinato de Floyd, houve algo de diferente, o momento era diferente e também a maneira como o caso foi narrado, retratado. Ela destaca a presença e a circulação de

notícias sobre o acontecimento nos mais diversos meios e plataformas como jornais, programas de TV, rádio, mídia online, entendendo o momento como "decisivo", e que mostra que "precisamos fazer um trabalho melhor quanto à raça." (BERNARD, 2020). A pesquisadora britânica percebe uma mudança, mas destaca que, "no Reino Unido, pessoas negras e de minorias étnicas têm lutado por isso por muito, muito tempo. Não é só o movimento Vidas Negras Importam e a morte de George Floyd que nos uniram e estimularam para isso, nós estamos lutando há 50 e tantos anos, quando falamos de igualdade. Parte dessa luta só está sendo levada a sério agora."

Laura Corrêa comenta que o fenômeno está acontecendo também no Brasil, e que pessoas que nunca haviam tratado do racismo agora estão começaram a falar sobre o tema. De maneira geral, apenas as pessoas negras, que se interessavam pelas discussões sobre questões raciais, apareciam. Depois do caso Floyd, as pessoas estão sendo solicitadas para falar, bem como companhias, corporações, e a mídia brasileira mainstream se pronunciam sobre o problema. Entretanto, algumas pessoas do movimento negro no Brasil estão dizendo que a grande onda estaria diminuindo e se achatando, e dando espaço a outros assuntos, e estão perguntam: "Qual a mudança efetiva que vai acontecer depois de tudo isso?" Bernard comenta que

essa é a questão relevante que está sendo perguntada por aqui também. (...) Se olharmos para a maioria das maiores instituições, nos setores público e privado, a BBC, muitos dos museus, como a Tate Modern, esses todos, se entrar nos seus sites, você verá algum tipo de pronunciamento dizendo: "Nós apoiamos o movimento Vidas Negras Importam... e toda vida negra importa. E isso é o que estamos fazendo para apoiar..." (BERNARD, 2020).

Além do debate nessas instituições, Bernard relata que as discussões estão muito mais presentes também nas universidades, inclusive naquela em que trabalha:

Essa conversa está acontecendo na Goldsmiths, porque um dos prédios principais tem estátuas de pessoas que eram ligadas à escravidão. Então essa conversa está acontecendo: “como nos livramos disso?” Então a discussão tem se expandido além do esperado, para mim, se destaca que seja um momento diferente de como já foi, quando vimos duas semanas de muita cobertura da mídia, e depois diminui e voltamos ao normal. O sentimento agora é que não voltaremos ao normal, em parte por causa da Covid-19, em parte por causa do Vi-das Negras Importam. (BERNARD, 2020).

## **O olhar a partir das margens e o desafio de novas epistemologias**

A entrevistadora perguntou às três pesquisadoras sobre o que pensavam sobre a produção de conhecimento vinda das margens, dos grupos mais vulneráveis, e se isso pode trazer contribuições (ou soluções, ou alternativas) para o momento em que vivemos e para o futuro. Rosane Borges responde que sim, e justifica sua posição com exemplos. Ela começa por citar uma frase de que gosta: “as pessoas que estão na margem conseguem ver catástrofes bem antes do que quem está no centro”. Ela diz que isso acontece por uma questão simples, físico-geográfica mesmo:

por uma questão de lógica, na margem você tem uma visão panorâmica dos fenômenos que acontecem no mundo, quem está no centro não tem.

Normalmente, a gente pensa na margem como o lugar da falta, o lugar da destituição, o lugar das ausências. bell hooks vai dizer que não é só isso. Da margem, a gente pode elaborar projetos que são emancipatórios, exatamente porque nós estamos na margem. (BORGES, 2020)

A autora oferece o exemplo das mulheres negras brasileiras “que marcharam em 2015 para dialogar com a presidenta Dilma Rousseff contra um projeto desenvolvimentista (...) que asfixia a cultura, que asfixia saberes, que não promove os grupos vulneráveis a uma condição de autonomia e emancipação.” Borges entende que, naquele momento, mulheres negras brasileiras viam “o que poderia acontecer no Brasil, como aconteceu em 2016 e em 2018. Nós fomos o único grupo que foi para a rua falando: ‘estamos correndo perigo’”. Segundo a pesquisadora, esse grupo de mulheres anteviu as tragédias, propondo “uma outra gramática política para o Brasil.” defendendo que, da margem, há possibilidades, e que

é preciso que os saberes subalternizados, que culturas negras, culturas indígenas, sejam vistas como projetos civilizatórios e que o mundo precisa ouvi-los. (...) Eu acho que quem tem a possibilidade de oferecer outro processo de produção são os povos originários e as pessoas negras. Como a gente pode pensar nisso no campo das ciências, das ciências duras? Como é que a gente pode construir outras epistemologias? (...) a gente tem uma oportunidade ímpar de, neste momento, pensar (...) em como a margem pode ensinar a ciência, como a margem pode aportar saberes para nossas metodologias. (BORGES, 2020)

Borges argumenta, assim, que a pandemia de Covid-19 pode nos ensinar. Ela nos lembra de que, "quando os ecologistas diziam que era preciso construir outro tipo de relação com a natureza, com a biosfera, foram duramente criticados pelos globalistas, pelos financistas; que diziam que o mundo não poderia ser feito de outra forma". Entretanto a Covid-19 "diz": "Outras pandemias virão se não tivermos outra relação com a biosfera, e quem tem uma outra relação com a biosfera historicamente são os povos indígenas. É preciso que a gente aprenda com eles; com comunidades quilombolas." Borges finaliza assertivamente, afirmando que "as pessoas que habitam as margens (têm) projetos de um outro mundo. É preciso que a gente acolha nesse novo normal essas outras gramáticas políticas, essas outras cosmovisões, porque, essa (do presente) é um projeto falido." (BORGES, 2020).

Maria Aparecida Moura cita uma dessas epistemologias como uma potencialidade: "eu diria que o feminismo negro hoje está sendo convocado para ser também essa semiótica regional, no sentido de que nos ajuda a pensar de um lugar, um lugar específico. (...)". Ela estabelece uma relação com o pensamento de Peirce, dizendo que

há uma potência de conexão, então é como se o processo abduativo e a abdução conectassem planetariamente as mulheres negras; no sentido peirciano do termo, em que há conexões entre as questões das mulheres que estão mundo afora. É como se estivéssemos também acordando de um grande sonho: porque eu não estava falando sobre isso? porque eu não estava tematizando deste modo? porque eu não estava nomeando, colocando os nomes tais como eles devem receber? (MOURA, 2020)

Sobre a criação do conceito que propõe, o das asfixias coloniais, Moura reflete sobre a necessidade de se inventar nomes para as coisas e fenômenos, também apoiada na semiótica:

(...) Peirce diz que, ao invés de provocar aproximações, devemos ir na radicalidade da coisa e nomear; nomear e tentar a partir dali estabelecer semioses acerca daquilo que estamos propondo como um conceito novo, uma categoria nova. Eu não tenho ideia de onde vou chegar com essa asfixia colonial, mas eu gostaria de dizer que não se trata apenas de uma adjetivação da asfixia, mas sim um tipo real de asfixia; eu não estou só criando um nome novo, mas tentando pensar o que está contido aí nessa asfixia reiterada e colonial; então é um pouco esse o esforço, (...) é bem semiótico o esforço de caminhar nessa direção (MOURA, 2020)

Quando do início da pandemia, muitos de nós pensávamos que esse período excepcional duraria menos tempo do que tem durado<sup>4</sup>, que estávamos passando por um período de anormalidade (o tal novo normal) e que rapidamente voltaríamos à normalidade. Borges nos convida a considerar que “nós vivíamos a anormalidade absoluta, (...) a pandemia nos revelou como a gente estava cheio de anormalidade.” (BORGES, 2020)

## **Considerações sankofas (à maneira de Cida Moura)**

Cida Moura defende que “pensarmos outras epistemologias é fundamental e que nós temos toda a potência para fazer isso, mas que isso requer que pensemos fora das caixinhas que nós previamente criamos para pensarmos”. Ela entende que a semiótica

---

4 Finalizamos este texto em setembro de 2021 e, apesar de avanços na vacinação, ainda não se pode dizer que a pandemia de Covid-19 está sob controle, por motivos diversos.



é uma área que potencializa muito isso, pois nos convida a pensar na fronteira das coisas. Então assim, eu me sinto semiótica desde quando eu nasci, no sentido de que muito cedo eu tentei buscar isso; ao mesmo tempo que eu estudo cultura digital, eu estudo as culturais tradicionais, e não vejo contradição. Penso que a semiótica pode nos ajudar, a mostrar quando dizemos que tudo é signo; então acho que abrimos muitas possibilidades de pensar diferente; se dissermos que tudo é signo, não só os signos coloniais são signos. (...) Temos um grande desafio pela frente, mas também um bom caminho para se trilhar. (MOURA, 2020)

Perguntada sobre o significado de “considerações sankofas”, a autora responde que “sankofa é a imagem de um pássaro que faz referência a uma tradição africana, que quer dizer ‘volte e pegue’”. Ela entende que passamos apressadas para conquistar nosso lugar na academia e que a imagem desse pássaro nos diz que,

(...) se você deixou de pegar algo no caminho por pressa (é o sentido que tem para mim), se você nesse caminho de se tornar inteligente pela rota colonial, e se isso não te é suficiente nesse momento, se você sente que está esvaziado de sentido, sua vida, suas produções.... volte e pegue. Então voltar e pegar, no meu caso, é voltar e pegar na tradição afro-brasileira, para fazer sentido e fazer força, ser força e potência nesse momento. (MOURA, 2020)

Finalizamos o capítulo assim como nas três entrevistas, sem muitas certezas em tempos de crises, no sentido de que, como disse Moura, “não tenho nada para concluir, eu estou voltando e bebendo na fonte da minha tradição para significar esse tempo tão maluco, de que as lógicas e as concepções coloniais não dão conta.” Ela finaliza afirmando que as “considerações sankofas são o momento do desencaixe, de falar

'olha, nós temos um modo de pensar, nós temos uma cosmovisão que é distinta, e necessária e potente, então volte e pegue. É isso!"

## **Referências**

Entrevistas disponíveis no canal do Ciseco no Youtube:

Maria Aparecida Moura: [https://www.youtube.com/channel/UCVLbTU5SFB9YPn8\\_1ThDPCQ](https://www.youtube.com/channel/UCVLbTU5SFB9YPn8_1ThDPCQ)

Claudia Bernard: [https://www.youtube.com/channel/UCVLbTU5SFB9YPn8\\_1ThDPCQ](https://www.youtube.com/channel/UCVLbTU5SFB9YPn8_1ThDPCQ)

Rosane Borges: [https://www.youtube.com/channel/UCVLbTU5SFB9YPn8\\_1ThDPCQ](https://www.youtube.com/channel/UCVLbTU5SFB9YPn8_1ThDPCQ)

# **Leituras**



# **Semioses cicloturísticas em tempos de pandemia**

## *Cyclotourism semiosis in times of pandemic*

Demétrio de Azeredo Soster

### **Palavras iniciais**

Este artigo nasce com um duplo propósito: ampliar, e sistematizar, as reflexões realizadas durante a entrevista concedida à jornalista Aline Weschenfelder, pesquisadora e secretária executiva do Centro Internacional de Semiótica e Comunicação (Ciseco), no dia 20 de outubro de 2020<sup>1</sup>, tendo como tema gerador o papel desempenhado pela Covid-19 na ressignificação do tecido social. Abordou-se, nos 44' de duração do referido diálogo, em síntese, como a pandemia afetou o ciclismo; nele, o cicloturismo, reconfigurando lugares e modos de oferta de sentidos.

---

1 Disponível em: <https://youtu.be/LvZsb-GagjE>

A temática não foi despropositada: já há alguns anos temos observamos, academicamente, seja na perspectiva empírica, ou reflexiva, por meio do estudo do que chamamos de semioses cicloturísticas (SOSTER, 2018, 2019, 2020), como a mediação afeta as narrativas de bicicleta, ou cicloturísticas, mediando-as. E, agora, provocados pela referida entrevista, tentamos compreender o que se reconfigura neste cenário do ponto de vista de uma pandemia mundial e tendo como foco principal o cicloturismo. O recorte empírico será, portanto, nossa vivência como cicloturista, atividade que desenvolvemos desde 2006, pelo menos, mas, também, as reflexões que temos realizado desde então em torno do tema.

A título metodológico, começaremos por realizar uma revisão bibliográfica dos principais conceitos que escudam nossa reflexão, a começar pelo que entendemos por cicloturismo, narrativas cicloturísticas e semioses cicloturísticas, necessários à nossa compreensão. O conceito de cicloturismo está relacionado ao uso que se faz da bicicleta para fins turísticos, lazer ou entretenimento (SOSTER, 2018, 2019, 2020). Ou seja, quando um ciclista se utiliza de sua bicicleta para, por meio dela, viajar, conhecer lugares e pessoas com fins de entretenimento, estará fazendo cicloturismo, à revelia da qualidade de sua bicicleta, dos equipamentos que use, tempo de viagem, equipamento, performance, percurso etc.

Já a reflexão sobre o tema a partir de uma visada narrativa nos leva a pensar, com Motta (2012, 2013), e em uma livre apropriação, por outro lado, no uso de dispositivos (palavras, áudio e som) de tal forma que, organizados discursivamente, emprestem “sentido à vida” ao que está sendo relatado pelos cicloturistas. Em palavras mais simples, nas histórias que os ciclistas narram com a ajuda de redes sociais, celulares etc. e no que emerge delas, caso, por exemplo, das transformações pessoais (SOSTER, 2020) decorridas do uso da bicicleta para estes fins.

Narrativas de bicicleta, ou cicloturísticas, são, portanto, e atualizando conceito desenvolvido ao longo de nosso percurso de pesquisa (SOSTER, 2018, 2019, 2020), "(...) relatos textuais, imagéticos ou sonoros estruturados a partir de viagens de bicicleta, portanto fáticos, com fins turísticos, que relatam, em essência, viagens de bicicleta; ao fazê-lo, instauram inteligibilidades distintas no tecido social". Com este temos, até aqui, então, dois conceitos importantes – cicloturismo e narrativas cicloturísticas – à nossa tentativa de compreender como a pandemia afeta o ciclismo e o que isso significa do ponto de vista sistêmico, mas é preciso delimitar ainda mais o recorte, sob o risco de dispersão.

O conceito de "semioses cicloturísticas" talvez seja útil a nossos propósitos, em especial de considerarmos que estamos transitando, epistemologicamente, entre os estudos de recepção e dos usos.

No primeiro caso, porque procuramos compreender o fenômeno em análise por meio de pistas discursivas dispersas ao longo dos relatos; no segundo, porque o fazemos considerando o objeto técnico (a bicicleta) e a relação que se estabelece com este. Neste sentido, e seguindo a reflexão com Proulx (2016), ampliamos o sentido de uso e consideramos, a partir dele, tanto a utilização quando a apropriação do objeto técnico pelo que dele se vale (os cicloturistas). Em palavras mais claras, não apenas o uso técnico de uma tecnologia de baixo impacto ambiental (porque não usa combustíveis, mas sim tração humana) para um determinado fim (as ciclovias), mas o que ocorre quando de sua apropriação para este fim: (SOSTER, p.115-116, 2020)

Dito isso, e pensando na dupla articulação proposta acima em torno do que é da ordem do simbólico e do material, é preciso delimitarmos o que são semioses cicloturísticas. Um rápido exercício hermenêutico nos mostrará que, por “semioses” podemos compreender a formação de complexas redes interdiscursivas de produção de sentido (VERÓN, 1980, 2004, 2013). Estamos falando de sentidos que se realizam a partir do momento em que a processualidade da mediação passa a interferir de forma mais significativa no tecido social; neste caso, quando, neles, encontra-se envolvido o cicloturismo, nos moldes descritos acima.

As semioses dirão respeito ao cicloturismo, já o dissemos (SOSTER, 2017, 2018, 2019), quando se estabelecem a partir do momento em que ciclistas relatam suas vivências, antes, durante ou depois de realizadas, em dispositivos como livros, sites, redes sociais, podcasts, videocasts, documentários etc. Transformam-se, dessa forma, as narrativas, em fenômenos midiáticos à medida que, uma vez materializadas em dispositivos, passam a dispor de autonomia e persistência, gerando historicidade (VERÓN, 2004, 2013).

Ter autonomia significa existência descolada do processo comunicacional. Tome-se como exemplo a fala: ela será autônoma em relação ao emissor quando for gravada, por exemplo, em um dispositivo eletrônico, caso de um gravador. Persistência é uma decorrência dessa condição; ou seja, uma vez gravada ela passa a existir pelo tempo que o arquivo, ou aparelho, durar. A historicidade tem a ver com os sentidos que são criados sempre que alguém acessa o arquivo, no exemplo proposto; ou seja, com o que se transforma no momento em que isso ocorre.

## **Eixos estruturantes**

Em nosso percurso de pesquisa, é sempre prudente lembrar, compartimentalizamos as semioses cicloturísticas em quatro eixos estruturantes: 1) acadêmico, 2) estético, 3) orgânico e, finalmente, 4) sistêmico



como forma de melhor tentar compreender o fenômeno. Mais que reificar um objeto complexo, ou mesmo compartimentalizá-lo, busca-se, aqui, criar conceitos guarda-chuva capazes de abrigar, em seu escopo, outros conceitos de natureza semelhante, evitando-se fragmentações excessivas e reificações, sempre prejudiciais à compreensão. Reunidos por semelhança temática, permitem que ampliemos nosso ângulo de visão, sem, com isso, anular suas particularidades. São, portanto, conceitos complexos que requerem explicitação, a começar pelo (1) eixo acadêmico.

As semioses cicloturísticas serão acadêmicas quando emergirem de esforços reflexivos em torno do cicloturismo. Ou seja, quando reflexões mais aprofundadas forem realizadas em torno do tema respeitando os cânones acadêmicos. É o que estamos fazendo neste momento ao propormos sistematizar, por meio de artigo científico, as discussões realizadas durante uma entrevista em torno do impacto da pandemia sobre o ciclismo; nele, o cicloturismo. Ou o que fizemos em outros momentos, quando participamos de seminários e escrevemos artigos e capítulos de livro sobre este assunto (SOSTER, 2017, 2018, 2019). Mais que descrever um fenômeno, importa-nos, com esta visada, refletir academicamente sobre ele tendo por base o conhecimento estruturado desenvolvido até então, permitindo que o mesmo avance a partir de sua especificidade e o diálogo com outras formas de conhecimento.

Neste sentido, importante observar que o simples registro em um livro, por exemplo, estabelece as bases para a formação de semioses, mas não necessariamente acadêmicas, nos modelos que estamos pontuando. Elas terão esta característica (acadêmicas) quando cumprirem os requisitos formais necessários para serem considerada como tal, comparti mentalizá-lo da área de conhecimento a que se filiem; ou seja, especificidade linguística, referencial bibliográfico, rigor conceitual, escopo teórico, objetividade, problematização, formulação de hipóteses, metodologia, forma de abordagem, vínculo institucional etc.

Pensar as semioses cicloturísticas pelo eixo estético (2), por sua vez, diz respeito a considerar que sentidos que emergem das semioses decorrentes da produção de livros, filmes, fotografias, mostras etc. O caracterizador, aqui, é a fruição estética, ou seja, tanto a produção quanto a leitura, assistência ou audiência por motivos outros que não o aprimoramento do conhecimento, ainda que isso também ocorra.

É o que acontece, por exemplo, quando um cicloturista fotografa uma paisagem com seu celular com o objetivo de perpetuar o vivido por considerá-la muito bonita, transformando-a, dessa forma, em fenômeno midiático. Mas, também, para postá-la em suas redes sociais, e, mais tarde, utilizá-la para ilustrar um livro que escreverá sobre a viagem, ou as páginas de alguma revista. Ele considera, no exemplo hipotético, naturalmente, questões técnicas como angulação, iluminação, composição etc., mas, e aqui sem formalismos, também a beleza do momento; o que torna a paisagem, ou registro, em questão digno de ser lembrado.

O eixo orgânico (3) diz respeito ao uso que se faz das bicicletas propriamente dito, neste caso, às viagens e passeios que os ciclistas realizam com elas. Nesse sentido, toda a narrativa que descreva uma viagem cicloturísticas será orgânica a priori. Pensar as semioses por esta perspectiva implica considerar, necessariamente, como sugerimos no exemplo acima, igualmente, as narrativas cicloturísticas como fenômenos midiáticos. Ou seja, relatos que, dotados de autonomia e persistência, geram historicidade (VERÓN, 2004, 2013), o que implica o uso de dispositivos tecnológicos em sua apreensão. Isso se dá desta forma porque dificilmente conseguiríamos apreendê-las, as semioses cicloturísticas em essência, ou orgânicas, sem as pistas discursivas que deixam em dispositivos como redes sociais, sites, livros, fotos, filmes etc. por ausência de materialidade discursiva.

Aqui caberia perguntar o que distingue, ao fim, uma semiose estética de uma orgânica ou mesmo acadêmica, considerando que todas

elas, apesar de geneticamente distintas só podem ser pensadas como tal a partir de uma espécie de materialidade de segunda ordem. A orgânica, já o dissemos, é comum a todos os eixos. E quanto às demais? Dentre as respostas possíveis, e aqui com Luhmann (2009), o olhar do observador; ou seja, daquele que, munido de critérios e especificidades, fez suas escolhas na hora de selecionar esta ou aquela opção no lugar de outra. É evidente que haverá diferenças entre um discurso acadêmico e um estético (linguagem, objeto, angulação etc.), é verdade, mas sua distinção residirá, antes, nos critérios de quem distingue que eu suas características propriamente ditas.

É o que acontece, por exemplo, quando ficamos sabendo que alguém está viajando, ou concluiu uma viagem, por meio de um site de rede social, livro, filme etc. O que temos, ali, não é mais a viagem em essência, ou seja, seu significado primeiro, mas um fenômeno midiático, que é, em primeiro lugar, orgânico – a viagem propriamente dita – mas também estético, pois se trata, hipoteticamente, de um livro contando sobre determinado plano. Ou, ainda, conter estes dois elementos e mais um terceiro, acadêmico, à revelia da área do conhecimento que estejamos nos referindo. É o que acontece, por exemplo, com os livros de Guilherme Cavallari<sup>2</sup>, que trazem, consigo, viagens cicloturísticas, mas, também, conhecimento histórico obtivo a partir de pesquisa bibliográfica. Mais que certezas, ou compartimentalizações, interessa perceber que acessamos os relatos por meio de um dispositivo; ao fazê-lo, ele passa a ser o que emerge, simbioticamente, na relação entre o objeto e quem o acessa. Não mais o objeto, ou quem o acessa, mas o ser-com do qual falava Heidegger.

O eixo sistêmico (4) das semioses cicloturísticas interessa particularmente aos nossos propósitos e se insere dentro do mesmo contexto da reflexão do parágrafo anterior, por ser possível reconhecer, nele,

---

2 <https://www.kalapalo.com.br/>

todo os demais eixos. Relaciona-se, o eixo sistêmico, com os movimentos que, ao fim, ajudam-nos a identificar as viagens de bicicleta como atividades a um tempo interligadas e distintas de todas as demais atividades que digam respeito ao uso da bicicleta; ou seja, como integrantes de um sistema. Vamos chamar, na falta de uma opção melhor, este sistema de ciclístico. Utilizaremos o conceito de sistema, aqui, na perspectiva de Luhmann (2009), ou seja, como uma diferença resultante da diferença entre sistema e meio, mas, também, como uma diferença entre sistema e demais sistemas e meio.

Por este viés, a título de exemplo do que estamos defendendo, um livro sobre uma viagem de bicicleta se insere no sistema ciclístico por estar ligado, por exemplo, ainda que indiretamente, a um post em uma rede social sobre uma competição de bicicleta; uma matéria em uma revista especializada; uma livraria especializada no assunto; um artigo científico que discorra sobre mobilidade urbana a partir do uso de bicicletas; e assim sucessivamente. O que une um ponto ao outro, sem desconsiderar suas diferenças, é a tematização; ou seja, o tema “bicicleta”.

Pensando-se por este viés, o cicloturismo, pode ser categorizado como um subsistema do sistema ciclístico; em o sendo, e agora com Bertalanfy (2013), o sistema não pode ser pensando sem ele, mas ele carrega consigo, antes, sua especificidade sistêmica que as características gerais do sistema. Em outras palavras, todo cicloturismo é uma forma de ciclismo, mas nem todo o ciclismo pode ser considerado cicloturismo.

As semioses cicloturísticas serão sistêmicas quando se inserirem, portanto, dentro de um contexto sistêmico, ou seja, quando nos permitiram identificá-las como integrantes de um sistema, o que se dá pelo viés da tematização. Diferença e identidade são conceitos centrais nessa perspectiva. A primeira, a partir de Bateson (1985), considerando que sistemas são diferenças que geram diferença. Ou seja, as opera-

ções internas do sistema ciclístico, autorreferenciais e redutoras de complexidade, são as que, ao fim, permitem-nos reconhecer o subsistema cicloturístico como aquele que é formado em torno de narrativas sobre viagens de bicicleta, à revelia do dispositivo que se utilizem para realizar suas ofertas de sentido. Em o sendo, produz uma diferença, que o distingue dos demais sistemas e meio (não se pode pensar sistema sem meio). Ao fazê-lo, torna-se autônomo em relação a esses, porque a lógica operacional dos sistemas é autorreferencial.

Em todos os tipos de autorreferência nos encontramos diante de uma circularidade fechada, que não nega a existência do entorno: este é o pressuposto das seleções do sistema. (...) O conceito de autonomia não indica independência do entorno, mas um fechamento autorreferencial: o entorno pode limitar ou ampliar o âmbito de possibilidades operativas do sistema, porém isso não anula o fato de que as operações sejam produzidas e conectadas somente pelo e no sistema. (BARALDO; CORSI; ESPOSITO, 1996, pp. 36-37)

O conceito de identidade é pensado aqui na perspectiva sistêmica e decorrente desse processo de diferenciação. Ou seja, à medida que o sistema se diferencia dos demais sistemas, e do meio em que se insere, sua constituição passa a dispor de nuances identitárias, que nos permitem reconhecê-lo em sua especificidade, no caso, tematicamente ligada ao ciclismo. Se isso ocorre em nível de sistema, é natural pensarmos que o mesmo se dê com seus subsistemas; em nosso caso, o cicloturístico.

## A pandemia e as viagens de bicicleta

Feitas as necessárias delimitações conceituais, analisaremos, a seguir, de que forma a pandemia afetou o ciclismo de um modo geral, e, mais especificamente, o cicloturismo. Faremos isso, metodologicamente falando, por meio da análise de pistas discursivas deixadas na superfície de relatos realizados em sites de redes sociais como facebook, Instagram e youtube. A delimitação tem razão de ser: não obstante os ciclistas se valerem de outras redes para narrar suas vivências, estas três são as mais utilizadas; servem, portanto, de objeto para a análise proposta. O caráter qualitativo da abordagem, nos moldes de Demo (2000), por outro lado, busca "(...) salvaguardar o que a metodologia dura joga fora, por não caber no método, sendo isso por vezes o mais importante na realidade." (2000, p. 152)

Sigamos as pistas, então.

Pensando-se especificamente em termos de semioses cicloturísticas, quer nos parecer, já o dissemos, que o eixo sistêmico é o que melhor se presta para nos ajudar a compreender o que houve com o ciclismo durante a pandemia de Covid 19. Isso porque, e este foi o tom da entrevista com a jornalista e pesquisadora Aline Weschenfelder, ao menos em termos de Brasil, o sistema ciclístico, e seus subsistemas, ao serem irritados pelas notícias dando que um vírus estava exigindo o isolamento social, parecem ter reagido de forma distinta dos demais sistemas com os quais dialoga em suas operações frente à pandemia.

É dizer, por outras palavras, que, ao transformar a irritação em diferença, tornou-se mais visível, identitariamente, frente ao meio em que se insere e demais sistemas. Em palavras mais simples, se, de um lado, a pandemia fragilizou de forma significativa sistemas como o de educação e econômico, para ficarmos em dois, em larga escala, acabou por dar mais visibilidade e este que estamos chamando de ciclístico, em especial o cicloturístico, objeto de nossa atenção.

Antes de prosseguirmos, no entanto, e retomando Luhmann (2009), é preciso dizer que toda a operação sistêmica é autorreferencial, ou seja, voltada à redução de complexidade interna do sistema como forma de viabilização de suas operações. O mecanismo por meio do qual isso se dá é pelo viés da irritação, por meio do qual o sistema dialoga com o meio em que se insere e com os demais sistemas, transformando e sendo transformado neste movimento. "Irritar", neste caso, é o mesmo que ver sua atenção despertada por algo que está fora – seja no meio ou em outros sistemas – e, em seguida, por acoplamento, absorver esta irritação e incorporá-la em suas operações internas. Para quê? Em primeiro lugar, como dito, para reduzir sua complexidade, viabilizando operações; mas, também, por meio desta, estabelecer identidade e diferença.

Vejam os alguns exemplos de como isso se aplica ao subsistema cicloturismo.

A 24 de fevereiro de 2021, o site da editoria de viagem do jornal Folha de São Paulo, um dos principais do país, veiculou matéria com o título "Busca por natureza na pandemia põe rotas de cicloturismo em alta"<sup>3</sup>. Nela, como o título sugere, e depois de um ano de isolamento, a partir de entrevista com Luiz Del Vigna, diretor-executivo da Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura, é sustentado que o cicloturismo estava crescendo no Brasil em decorrência da pandemia. Ou seja, esgotadas pelo isolamento social, e sem possibilidades de viajar para fora do Brasil, os ciclistas passaram a optar cada vez mais por roteiros dentro do País.

Este movimento, ainda pouco quantificado, mas visível nas pistas deixadas nas superfícies discursivas das redes sociais, pode ser identi-

---

3 Disponível em: [<https://www1.folha.uol.com.br/turismo/2021/02/busca-por-natureza-na-pandemia-poe-rotas-de-cicloturismo-em-alta.shtml>] Acesso em: [28 de maio de 2021]

ficado, igualmente, pela abertura, ou ampliação, de associações e rotas cicloturísticas ao longo de todo o país desde que a pandemia se iniciou. É o caso, por exemplo, da recente Associação Gaúcha de Cicloturismo (Agacitur), criada durante a pandemia e em fase de implantação, cujo objetivo é ajudar os municípios gaúchos a implantar novas rotas cicloturísticas no Rio Grande do Sul.

Ou, ainda, das rotas já existentes que estão ganhando especial visibilidade no cenário de pandemia como uma importante alternativa de turismo ao isolamento social. Sobre estas, hoje, no Brasil, segundo o site Aventrilha<sup>4</sup> – uma referência no assunto, existem pelo menos nove rotas cicloturísticas consolidadas no país: 1 O caminho da fé<sup>5</sup> (entre São Paulo e Minas Gerais); 2 Circuito Vale Europeu<sup>6</sup> (Santa Catarina); 3 Estrada Real<sup>7</sup> (Rio de Janeiro a Minas Gerais); 4 Circuito das Araucárias (Santa Catarina)<sup>8</sup>; 5 Caminho do Sol<sup>9</sup> (São Paulo); 6 Caminho de Cora Coralina<sup>10</sup> (Goiás); 7 Caminho da Luz<sup>11</sup> (Minas Gerais); 8 Circuito de Cascatas e Montanhas<sup>12</sup> (Rio Grande do Sul); e, finalmente, 9 Volta das Transições<sup>13</sup> (Minas Gerais).

---

4 Disponível em: [<https://www.aventrilha.com.br/rotas-cicloturismo-brasil/>] Acesso em: [28 de maio de 2021]

5 CaminhoDaFe.com.br

6 cicloturismo.circuitovaleeuropeu.com.br

7 institutoestradaareal.com.br

8 CircuitoDasAraucarias.com.br

9 CaminhoDoSol.org.br

10 CaminhoDeCoraCoralina.com.br

11 CaminhoDaLuz.org.br

12 CascataseMontanhas.com.br

13 VoltaDasTransicoes.com



Estamos sustentando, com base nestes exemplos, que o subsistema cicloturismo brasileiro, ao ser irritado pela pandemia, fortaleceu-se significativamente, e não apenas do ponto de vista formal, ligado às empresas e associações. Os cicloturistas, individualmente, também souberam se reinventar. É o que sugerem as pistas discursivas deixadas em alguns sites de redes sociais especializados em cicloturismo, caso do Cicloturismo Brasil, um grupo privado com 30,9 mil membros.

Uma rápida análise do mesmo nos permite observar que mudou em pelo menos em um aspecto o perfil de seus relatos de viagens cicloturísticas: se, até 2019, antes da pandemia, eram comuns as narrativas de viagens para outros países, agora elas parecem se dar hegemonicamente em território brasileiro, considerando as dificuldades de se viajar para fora do país dado às restrições sanitárias. É o que se observa, por exemplo, neste post da cicloturista Fernanda Rizini<sup>14</sup>, que fez um percurso "aleatório" de três dias por municípios catarinenses; o relato foi feito no Facebook com link para o Youtube.

---

14 Disponível em: [<https://www.facebook.com/groups/cicloturismobrasil/permalink/4022521381202496/>] Acesso em: [28 de maio de 2021]

### Imagem 1: Cicloturismo no Brasil

 **Fernanda Rezini** compartilhou um link.  
24 de maio às 21:02 · 🌐

Fiz um circuito aleatório na região de Timbó e postei os vídeos no Youtube, são 3 vídeos na sequência. Dá uma olhada lá, já aproveita pra se inscrever no canal e curtir todos os meus vídeos 😊



YOUTUBE.COM

**Cicloturismo Região de Timbó, Alto Benedito e Rodeio**  
No carnaval de 2021 resolvemos fazer uma programação "diferent...

  11

1 comentário

Fonte: Facebook

Ou neste registro do Instagram, assinado por Olinto e Rafaela Cicloturismo<sup>15</sup> – referências em viagens internacionais de bicicleta, mas que, por ocasião da pandemia, relatam suas vivências o trailer em que moram a partir de outras perspectivas – no post em questão, enfati-

---

15 <https://www.olinto.com.br/>

zando as vantagens de se viver com economia de recursos. “A vida moderna tem-nos dirigido a excessos, desperdícios, o que pode resultar numa falsa sensação de escassez. Nesse sentido, viver com limitação de recursos pode nos devolver à nossa essência ativa, tanto fisicamente, quanto intelectualmente”, relatam.

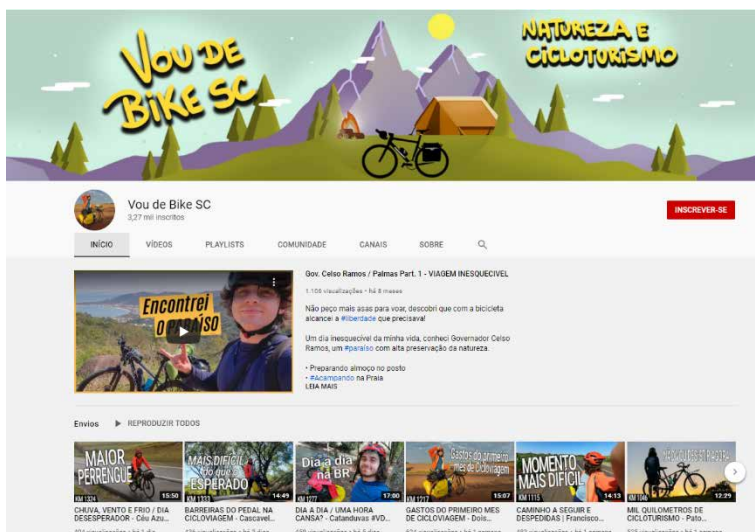
### Imagem 2 – Olinto e Rafaela



**Fonte:** Instagram

Um último exemplo, agora por meio da plataforma Youtube, caminha na direção que estamos propondo. Nele, o cicloturista de Santa Catarina Daniel Luiz Mendes registra, por meio de vídeos, a cicloviagem que está realizado pelo Brasil desde Florianópolis, em Santa Catarina, e que iniciou há oito meses – o objetivo é percorrer nove estados, ou 6 mil quilômetros de bicicleta.

### Imagem 3 – A primeira viagem



Fonte: youtube

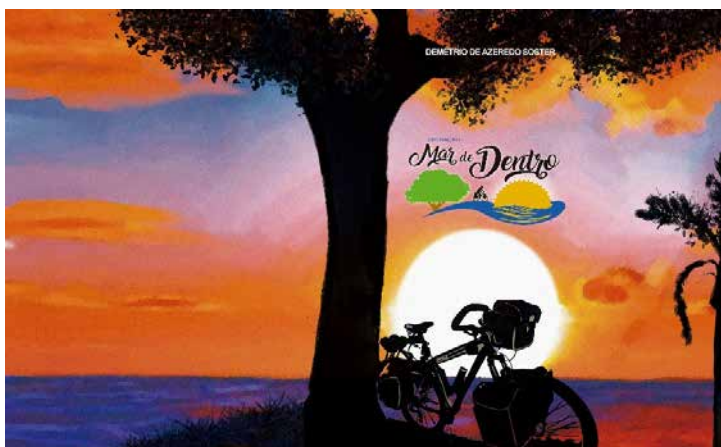
Há muitos outros exemplos, naturalmente. Mas estes os permitem inferir que a pandemia afetou o cicloturismo, a exemplo das demais formas de ciclismo, e que este, ao reagir aos seus efeitos, reconfigurou-se, ganhando mais visibilidade que antes por meio de sua constituição identitária. Ou seja, a atividade passou a ser reconhecida como tal em um cenário em que predominavam outras formas de turismo e a ganhar mais adeptos. A face mais visível dessa reconfiguração, podemos dizer, é o fato de a atividade, de um lado, ter ganhado uma visibilidade diferenciada desde que os primeiros relatos de cicloviagens começaram a chegar até nós, ainda na década de 80<sup>16</sup>.

16 Disponível em: [<http://www.clubedecicloturismo.com.br/artigos-1/55-filosofando/530-breve-historico-do-cicloturismo-no-brasil#:~:text=Se%20levarmos%20em%20conta%20estes,por%20mulheres%20da%20alta%20sociedade.>] Acesso em: [20 de maio de 2021]

Um indicativo que isso se dá dessa forma também são as rotas cicloturísticas, que ganharam mais evidência desde que a pandemia se instaurou, a julgar pelas notícias que chegam até nós. Mesmo a impossibilidade de se viajar para fora do País desde o ano passado não se mostrou de todo ruim para o cicloturismo, haja vista o crescimento de viagens realizadas em território brasileiro no período. É o que fizemos, a título de ilustração, ainda, em janeiro de 2021, por meio de uma cicloviagem de pouco mais de dez dias, ou cerca de 900 km, no entorno da Lagoa dos Patos.

A cicloviagem, conhecida como “Operação Mar de Dentro” – em referência à forma por meio da qual os antigos navegadores chamavam a Lagoa dos Patos, ao Sul do Brasil, tornou-se documentário na plataforma youtube, exposição de imagens e também livro impresso, homônimo. A opção por uma cicloviagem em território brasileiro se deu diante da impossibilidade de viajarmos para a Colômbia devido à pandemia, como pretendíamos.

**Imagem 4** – Operação Mar de Dentro



**Fonte:** acervo do autor

Como dissemos, a título de encerramento, a pandemia afetou o sistema ciclístico, incluindo, nele, o subsistema cicloturístico e os demais subsistemas – comércio, serviço, demais categorias etc. – também o foram. É o que sugere, por exemplo, matéria veiculada no site da revista *Veja*<sup>17</sup>, veiculada em 2020, primeiro ano da pandemia: o texto informa que o ciclismo foi um dos esportes que apresentou maior crescimento nesse período de pandemia.

Em São Paulo, a maior cidade do país, por exemplo, o aumento na prática foi de 11%, segunda pesquisa realizada pela Semexe, empresa especializada na venda de bicicletas seminovas. Total aproximado de 89% dos entrevistados, segundo a mesma fonte, consideravam a bicicleta um transporte seguro em tempos de pandemia e 58% pretendiam incorporar as bicicletas em suas rotinas diárias.

Dito isso, passemos às considerações interpretativas.

## **Considerações interpretativas**

Acreditamos que o principal mérito da reflexão realizada com a jornalista e pesquisadora Aline Weschenfelder, ainda em outubro do ano passado, foi nos permitir tanto observar como refletir sobre um fenômeno de certa forma paradoxal nos dias que se seguem, de pandemia. Ou seja, sobre a forma como a Covid 19 afetou o ciclismo, em particular, o cicloturismo. Paradoxalmente, e este foi nosso ponto de partida, o sistema ciclístico tornou-se vigoroso por estes dias, ao passo que os demais sistemas – econômico, financeiro etc., passaram, e ainda passam, por sérias dificuldades, reconfigurando-se constantemente.

---

17 Disponível em: [<https://veja.abril.com.br/blog/radar/no-ano-da-pandemia-ciclismo-se-consolida-como-opcao-de-mobilidade/>] Acesso em: [27 de maio de 2021]

Todos os sistemas, é preciso que se diga, responderam da mesma forma ao serem irritados pelas notícias dando conta de uma nova pandemia. Ou seja, transformaram a irritação em informação e, por meio dela, trataram de reduzir suas complexidades internas, viabilizando suas operações. Estes movimentos significam, na perspectiva que estamos pensando, sistêmica, sempre um conjunto de operações que visam, ao fim, fortalecer os sistemas do ponto de vista identitário, criando diferenças em suas relações com o meio em que se inserem e demais sistemas. Ou seja, os sistemas sempre mudam quando de novas irritações; a diferença, na perspectiva que estamos sugerindo, é o que muda necessariamente e o que emerge dessas operações.

No caso do sistema cicloturístico, a julgar pelo que foi dito acima, ganha visibilidade um sistema que antes não era reconhecido como tal, e que estamos chamando, no momento, de sistema ciclístico, onde se inserem subsistemas como o cicloturístico. Parte da explicação para este fenômeno reside no fato de que a bicicleta, pensada aqui antes como objeto simbólico que tecnológico, representa, por suas características, nos dias que se seguem, uma alternativa saudável ao isolamento – permite a prática de exercícios físicos, não exige proximidade, possui baixo impacto ambiental etc. Compreender o que isso significa doravante é o desafio que se nos impõe doravante.

## **Referências**

BATESON, Gregory. Steps to na ecology of mind. Chicago, EUA: University of Chicago Press, 2000.

BERTALANFY, Ludwig von. Teoria geral dos sistemas. Petropolis, RJ: Vozes, 2013.

BARALDI, Cláudio; CORSI, Giancarlo; ESPOSITO, Elena (orgs). Glossário sobre la teoria social de Niklas Luhmann. México: Anthropos, 1996.

DEMO, Pedro. Metodologia do conhecimento científico. São Paulo: Atlas, 2000.

LUHMANN, Niklas. Introdução à teoria dos sistemas. Petropolis, RJ: Vozes, 2009.

MOTTA, L. G. Análise crítica da narrativa. Brasília (DF): Editora UnB, 2013.

MOTTA, L. G. Por que estudar narrativas? In: MOTA, C. L.; MOTTA, L. G.; CUNHA, M. Narrativas midiáticas. Florianópolis: Editora Insular, 2012.

SOSTER, Demétrio de Azeredo. A midiaticização das narrativas de bicicleta. In: Revista Intercom. São Paulo, v. 43, n. 2, p.113-132, maio/ago. 2020

SOSTER, Demétrio de Azeredo. O cicloturismo e a transformação por meio das narrativas de bicicleta. In: PASSOS, Mateus Yuri. SOSTER, Demétrio de Azeredo. (orgs.) Narrativas de Viagem/Travel Narratives. Santa Cruz do Sul: Editora Catarse, 2019.

SOSTER, Demétrio de Azeredo. O cicloturismo, o jornalismo e a midiaticização das narrativas de bicicleta. Campina Grande (PB): Eduepb, 2018. E-pub

VERÓN, E. La semiosis 2: ideas, momentos, interpretantes. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Paidós, 2013.

VERÓN, E. Fragmentos de um tecido. São Leopoldo: Editora da Unisinos, 2004.

VERÓN, E. A produção de sentido. São Paulo: Cultrix, 1980.



# Los gestos en la comunicación en pandemia

Silvia Ramírez Gelbes

“Príncipe, préstame tu caballo para huir a Ispahán. Me acabo de encontrar con la Muerte, que me hizo un gesto de amenaza”. Habiéndole prestado el caballo al jardinero, el príncipe buscó a la Muerte para increparla: “¿Por qué le has hecho un gesto de amenaza a mi sirviente?”. “¡No fue un gesto de amenaza!”, dijo la Muerte. “Fue un gesto de sorpresa. Porque lo vi por aquí y debo tomarlo, esta misma noche, en Ispahán”.

(Jean Cocteau, “El gesto de la muerte”)

## 1. Introducción

La pandemia de COVID-19, que se esparció por el planeta a principios de 2020, trajo aparejada una serie notable de cambios en las rutinas de los seres humanos: sanitarias, laborales, sociales. Entre esas rutinas debe incluirse la comunicación interpersonal. En efecto, desde el saludo hasta la proxemia en general, casi todo contacto comunicativo

cara a cara se ha visto desafiado por la situación. Y es que, barbijo o tapabocas mediante y con distancia social, la comunicación no verbal reduce sus posibilidades y las lecturas concomitantes.

En este trabajo, me propongo revisar algunas particularidades de la gestualidad y, en especial, de las expresiones faciales en tiempos de pandemia, cuando solo los ojos quedan al descubierto.

## **2. Una visión de la comunicación:**

### la teoría de la relevancia

Como es bien sabido, en distintos momentos del siglo XX, se ofreció una descripción de la comunicación como una especie de circuito en el que participan distintas entidades. En principio, Karl Bühler (1934) consideró –aunque con el fin de reflexionar sobre las funciones del lenguaje desde su modelo de *órganon*– que los elementos presentes en la comunicación son el emisor, el receptor, y los objetos y relaciones. Ya en 1948, C. E. Shannon ofreció un modelo más refinado, con fuente y destino como procesos de pensamiento, y transmisor y receptor como capacidades lingüísticas, e incluso concibió en el aire –en tanto canal– una fuente de ruido. Roman Jakobson (1963), por su parte, retomó el modelo de Bühler, al que le sumó tres componentes; así, al emisor (que denominó *destinador*), al receptor (que denominó *destinatario*) y a los objetos y relaciones (que denominó *contexto*), sumó el canal, el código y el mensaje; y los propuso, al igual que Bühler, en orden a describir las funciones del lenguaje. Finalmente, en una crítica a la propuesta de Jakobson, Catherine Kerbrat-Orecchioni introdujo una dimensión que me resulta útil aquí: “Nos parece imposible disociar las competencias lingüística y paralingüística (mímica y gestos) en la medida en que, por lo menos oralmente, la comunicación es ‘multicanal’” (1997: 27). En ese esquema que revisa teoría previa, además de contemplar condiciones inherentes (mentales, psicológicas) al emisor y al receptor, la autora

francesa verbaliza –en definitiva– la concepción de comunicación que estos cuatro autores manifiestan. Comunicar, para ellos, consiste en poner en funcionamiento un proceso de codificación de un mensaje desde una fuente, orientado a que la meta lo decodifique.

A diferencia de estos enfoques, para la teoría de la relevancia (TR) (Sperber; Wilson, 1994), la comunicación humana debe ser vista como un procedimiento falible, no demostrativo. En primer lugar, la TR se opone a la simplificación de que la comunicación consiste solo en un proceso de codificar el mensaje por parte del emisor y de decodificar el mensaje por parte del receptor. No niega que parte de ese proceso de comunicación consista efectivamente en codificar y decodificar. Pero afirma que, de manera simultánea a este proceso de codificación y decodificación, existe un segundo proceso que se solapa con el primero y que radica en un procedimiento de ostensión y de inferencia.

Ostensión es la conducta por la cual el ser humano hace manifiesta su intención de hacer manifiesto algo en la comunicación y trae siempre consigo una garantía de relevancia, porque nadie se molestaría en atraer la atención de otro hacia algo si no supusiera que ese algo merece la pena de recibir atención. La ostensión, entonces, proporciona dos niveles de información que concretan las intenciones informativa y comunicativa del emisor: la información señalada o contenido informativo (que encarna la intención informativa) por un lado y, por el otro, la información de que esa información fue señalada intencionalmente (lo que encarna la intención comunicativa). Para dar un ejemplo concreto, un tic puede ser leído inicialmente como una información, pero el reconocimiento de que el movimiento facial que se realiza es involuntario (no tiene intención comunicativa) llevará al destinatario a descartar toda búsqueda de información (no existe allí, en consecuencia, la intención informativa).<sup>1</sup>

---

1 Ver también, al respecto, las observaciones de Eckman & Friesen (1969, p.55).

En cuanto a la inferencia, proceso por el que se produce la interpretación, se puede decir que es no demostrativa, ya que el destinatario no puede ni decodificar ni deducir la intención comunicativa del emisor, solo puede construir un supuesto sobre la base de las pruebas que ofrece la conducta ostensiva del emisor (pues las personas no se comunicarían de manera ostensiva, como queda dicho, si no quisieran que se reconocieran sus intenciones). Y, de hecho, cualquier información conceptualmente representada a la que tenga acceso el destinatario puede ser usada como premisa en este proceso de inferencia, proceso mediante el cual un supuesto se acepta como verdadero o probablemente verdadero basándose en la verdad o probable verdad de otros supuestos. Es conveniente agregar aquí que el proceso de comprensión inferencial actúa de manera global, es decir, tiene libre acceso a toda la información conceptual de la memoria. Si el emisor le guiña el ojo al destinatario, este hará uso de su conocimiento de mundo para interpretar que el emisor lo está ubicando –es muy probable que de modo pícaro– en el lugar de “cómplice”.

Por todo esto, Dan Sperber y Deirdre Wilson (1994) hablan de la comunicación ostensivo-inferencial: el emisor produce un estímulo que hace mutuamente manifiesto para sí mismo y para el destinatario que, mediante dicho estímulo, el emisor tiene intención de hacer manifiesto o más manifiesto para el destinatario un conjunto de supuestos.

Así, Sperber y Wilson (1994, p. 29) afirman que un emisor que pretende que su enunciado sea interpretado de cierta manera, debe pretender también que su destinatario sea capaz de proveer el contexto que permite que esa interpretación sea recuperada. Desde luego, el error de cálculo en relación con los supuestos que son accesibles al destinatario es el origen de muchos malos entendidos.

De cualquier manera, debe quedar claro que, en términos de Sperber y Wilson, “contexto” es siempre ‘contexto psicológico’ o espacio mental. Es decir, se trata de un contexto en el que lo fundamental es

la noción de “manifiesto”, en tanto inferible o perceptible, más allá de la efectividad (y de la precisión) de esa inferencia o de esa percepción, esto es, más allá de que el destinatario haya concretamente inferido o percibido el contexto manifiesto; y más allá, aun, del universo de conocimiento que comparten emisor y destinatario. Y es que el contexto está constituido no solo por todos los hechos de los que ambos son conscientes en el intercambio lingüístico presente, sino también por todos los hechos de los que pueden llegar a estar conscientes.

Es por ello que, para estos autores, existe

...un continuo de casos de ostensión, que abarcan desde ‘mostrar’, donde se proporcionan fuertes evidencias directas para el nivel básico de información [la indicación déictica, por ejemplo], hasta ‘decir que’, donde todas las evidencias son indirectas. (Sperber & Wilson, 1994, pp. 71-72)

Dicho de otro modo, la comunicación lingüística no se restringe a las palabras: existe también una comunicación –aunque mucho menos estandarizada, por cierto– que se funda en la gestualidad.

### **3. La comunicación no verbal**

Quienes se ocupan de estudiar estos fenómenos suelen señalar la coexistencia de tres sistemas de comunicación oral, sistemas que operan de manera simultánea y complementaria: el lingüístico (lo que se dice con palabras), el paralingüístico (la entonación, el ritmo, la velocidad, la intensidad) y el kinésico o sistema del movimiento corporal y facial (Cestero Mancera, 2014; Calsamiglia y Tusón, 1999; entre muchos otros). Ahora bien, resulta necesario destacar que, a pesar de que se le haya otorgado mucho mayor interés que a los otros sistemas en

los estudios científicos, el mensaje lingüístico constituye solo una pequeña porción de lo que se comunica, tal y como diversos estudiosos han señalado hasta aquí.

Mehrabian et al. (1971, en Vinciarelli, 2008 y en Cestero, 2014), por dar un simple ejemplo, señalan que el lenguaje verbal comporta no más del 7% de lo que se interpreta. Al sistema kinésico, foco central de este trabajo, Cestero Mancera (2014, p. 126) le adjudica entre un 60% y un 80% de la carga comunicativa efectiva. Este sistema, como queda dicho, se constituye por medio de los gestos corporales y faciales.

Sin olvidar que fue, probablemente, Darwin (1872) el primer investigador que se interesó en las expresiones gestuales –expresiones que el autor asocia a las emociones y relaciona con la herencia y con los hábitos–, parece pertinente apuntar que el tema fue abordado por estudiosas y estudiosos de la antropología a lo largo del siglo XX, pero, particularmente en las últimas décadas, en función de la enseñanza de lenguas extranjeras –en reconocimiento de la influencia de la gestualidad cuando se trata de comunicarse– y de las relaciones interculturales (ver, por ejemplo, Lundmark, 2009). En los últimos años, de todos modos, hay un interés particular en estos temas con el objetivo de brindar información precisa a la ciencia de la computación que se ocupa de la producción de imágenes digitales.

Hall et al. (2019, p. 275) elaboran un resumen sobre el tema, que esquematizan en un gráfico de dos ejes: un eje horizontal que va de lo estático a lo dinámico y un eje vertical que va de lo inconsciente a lo consciente. Los gestos se ubican, en este marco, en el cuadrante que queda determinado por el espacio dinámico e inconsciente. Y los autores incluyen en él, como necesarios, tanto los factores situacionales (el momento de producción del gesto) cuanto los históricos (la cultura a la que pertenece el emisor y las costumbres gestuales, ya sean so-

ciales como personales).<sup>2</sup> No debería soslayarse, de cualquier modo, la influencia que el trabajo seminal de Eckman & Friesen (1969) tienen sobre esta interesante descripción.

En cuanto a la interpretación, debe consignarse que Goffman (1967), desde una perspectiva teórica no experimental, acertaba al sostener que la primera impresión es la más importante. De hecho, investigaciones experimentales posteriores muestran que 100 milisegundos son suficientes para decodificar los rasgos del emisor y evaluarlos a veces con mucha exactitud (Hall et al., 2019) y distintos trabajos han mostrado que los primeros minutos de una entrevista laboral definen su resultado: incluso los profesionales se hallan inducidos por la intuición, a la que explican racionalmente *ex post* (v. Curhan; Pentland, 2007).

En suma, las posturas y gestos del cuerpo son, al igual que las expresiones faciales, señales sociales (Vinciarelli et al., 2008) que permiten la comunicación interpersonal, aun cuando su estandarización sea escasa y su investigación no resulte definitivamente conclusiva todavía. Tan señales sociales son que la ausencia de gestos también comunica, de modo similar a como comunica el silencio en una conversación.

#### **4. La comunicación en las expresiones faciales**

Toda persona puede cambiar su peinado y el color de su cabello, someterse a cirugías que le modifiquen el rostro o la figura, enmascararse o camuflarse de algún modo. Pero la corporalidad, en el encuentro cara a cara, tiene una contundencia definitiva, el cuerpo y el rostro trans-

---

2 Los otros cuadrantes quedan representados por lo dinámico y consciente (los gestos del teatro), lo estático consciente (por ejemplo, la vestimenta) y lo estático inconsciente (por ejemplo, la etnia).

miten una gran cantidad de información: la etnia, la etapa de la vida, quizás el género y muy probablemente las emociones.

Puesto que la cabeza concentra la mayor parte del aparato sensorial —los ojos, la boca, la nariz, las orejas—<sup>3</sup> se entiende que esta sea tanto emisor cuanto receptor multiseñal, capaz de una enorme flexibilidad y una fina especificidad (Vinciarelli, 2008). Dicho en otras palabras, fuera del componente lingüístico y del paralingüístico, la cabeza es asiento de buena parte del componente kinésico de la comunicación.

Existe consenso explícito acerca de que los rostros humanos manifiestan seis emociones de manera congénita y más o menos idéntica, como una forma de asociación biológica entre el sentimiento o emoción y la expresión facial: la alegría, la sorpresa, la tristeza, el disgusto, el miedo y el enojo. Estas expresiones, de hecho, se evidencian en bebés, que las exteriorizan del mismo modo que los adultos, y también en personas no videntes de nacimiento, que no pueden haberlas aprendido por imitación.

La alegría, la sorpresa y el disgusto se reconocen particularmente por la expresión de la boca y los músculos que la rodean, en tanto el miedo se ve claramente en la apertura de los ojos. Y la tristeza y el disgusto se leen en el ceño y en la frente, si bien el gesto de disgusto se completa con el frunce de la nariz y la elevación del labio superior (Jack; Schyns, 2017; ver, también, Cunningham et al., 2004). Por su parte, el movimiento de los ojos y de las cejas contribuyen con la expresión de la sorpresa placentera; el ceño fruncido, con la expresión de la confusión (Cunningham et al., 2004; cf. Chen et al., 2018).

Pero la investigación con imágenes fijas ha mostrado asimismo que el receptor o interpretador concentra su mirada, particularmente, en el punto que se encuentra debajo de los ojos e, incluso, realiza un re-

---

3 Esto es, los sentidos de la vista, el gusto, el olfato y el oído.



corrido en forma de "T" desde los ojos hasta la boca deslizándose por la nariz (Peterson; Eckstein, 2012). Estos hallazgos coinciden con lo que puede verse en neonatos, pues todos los estudios enfocados en el tema señalan que los bebés miran a los ojos e interactúan con la mirada de los rostros que se les ponen delante.

En cualquier caso, se entiende que la expresión facial acompaña la oralidad o que, sin palabras, transmite –al modo de lo que concibe la teoría de la relevancia– información poco estandarizada (como queda dicho), pero interpretable. Es más, las personas aseguran, en general, que los gestos faciales son más honestos que las palabras, porque tienden a ser más inconscientes, menos deliberados, porque no se los puede controlar fácilmente (Vinciarelli, 2004).

Merece insistirse, de cualquier manera, en que algunos gestos faciales suelen catalogarse como universales. Aun así, la investigación muestra que la cultura y el entorno social intervienen en su producción y en su recepción.<sup>4</sup> De hecho, y aunque formen parte del repertorio de señales que se manifiestan en los bebés, algunas expresiones faciales básicas pueden no resultar exteriorizadas por ciertas comunidades. En consonancia, algunas culturas pueden ser menos sensibles a señales que son definitivamente ostensibles para otras culturas (v. Jack; Schyns, 2017). En un estudio –realizado con imágenes intervenidas digitalmente– sobre las señales percibidas como disímiles entre los gestos de dolor y los de placer por un orgasmo (que la actuación en el teatro y el cine suele emparentar hasta confundirlos), se ha visto que los occidentales y los asiáticos difieren (Chen et al., 2018).

---

4 Puede recordarse el modo inexpresivo en que las familias reales europeas transitan el duelo en público.

## 5. La comunicación interpersonal en pandemia

A partir de lo considerado hasta aquí, quisiera concentrarme brevemente en la importancia del tercio superior del rostro, es decir, los ojos, las cejas, la frente, la mirada –el espacio liberado de embozos en pandemia– en la comunicación interpersonal. Para comenzar, parece oportuno referir que los gestos faciales no son imperiosamente intencionales, al menos en el sentido de acarrear voluntad consciente de quien los produce.

Aun así, dichas expresiones –que exteriorizan las emociones, como apuntaba Darwin ya en el siglo XIX– resultan altamente informativas y, por ello mismo, comunicativas. En cierto modo inverso a lo que proponen Sperber y Wilson (1994), incluso confirmando su teoría, la intencionalidad explícita (voluntaria, consciente) se verificaría en la supresión deliberada de esas expresiones, o sea, en la simulación de la ausencia de emoción. Y es que los seres humanos no pueden evitar informar y comunicar la información (v. Verón, 1993).

En otras palabras, existan o no la intención consciente y la voluntad deliberada del emisor, los gestos cumplen con la función informativa y cumplen con la función comunicativa: ofrecen un mensaje y expresan que lo ofrecen. Como tales, consciente o inconscientemente también, los interpreta quien los recibe. Y esto es parte de la razón por la cual la comunicación oral es tan compleja y tan rica.

Sin muecas con los labios ni mohínes, sin mejillas ruborizadas, la comunicación interpersonal gestual en pandemia exige competencias, adquiridas o por adquirir, que se relacionan con la capacidad de interpretar lo que dicen los ojos y las cejas, el espacio facial liberado –como digo– del tapabocas o del barbijo. Esas competencias, debe decirse, no son nuevas en absoluto. La propia lengua española las registra con precisión.

Se dice que alguien muy enojado "echa chispas por los ojos", como si los ojos pudieran convertirse en una especie de fragua en la que se funde la ira. Se dice que alguien "se come con los ojos" eso que le gusta mucho, como si la voracidad material pudiera proyectarse con la mirada y apropiarse de lo querido. Se dice que alguien "le clava la mirada" a eso que desea o que lo contraría, como si los ojos pudieran lanzar flechas que dieran en el blanco. Se dice que alguien le "echa un ojo" a todo lo que tiene que cuidar, como si pudiera dejar sus ojos en un lugar fijo fuera del cuerpo con el fin de vigilar eso que le incumbe. Y no parece ocioso recordar la frase "los ojos son el espejo del alma", que pone de manifiesto la potencia de la mirada en la producción de información y la concomitante comprensión intuitiva que reclaman de la recepción.

Para dar solo un ejemplo, ya en 1862, el médico francés Guillaume Duchenne mostraba que los movimientos musculares generados por una sonrisa genuina (a la que los fisiólogos han nombrado sonrisa de Duchenne en su honor) implica no solo la contracción de los músculos que rodean la boca, sino también la de los que rodean los ojos. Correspondientemente, las arrugas que se forman a los lados de los párpados con este tipo de sonrisas son interpretadas como un rasgo fuerte de autenticidad, sin importar que esta interpretación pase por el tamiz de la cognición.

En línea con estas verificaciones, y tal como parece sugerir la investigación, los ojos siempre están implicados en la expresión manifiesta de una emoción espontánea. Por eso mismo, la comunicación interpersonal cara a cara en pandemia, con el rostro semicubierto, requiere quizás apelar a intuiciones más que a conocimientos efectivos y explicitados, como si uno de los efectos colaterales de este COVID-19 universal fuese la necesidad de aprender –o reaprender– a leer los ojos de las personas con las que nos encontramos.

Aunque sin estandarización manifiesta, los gestos del tercio superior de la cara brindan información y la brindan en función de que sea

comprendida. Dicho de otro modo, incluso cuando se trata de señales biológicas inconscientes (las cejas que se enarcan en un gesto de sorpresa, el ceño que se frunce en un gesto de disgusto), estas expresiones están codificadas (se repiten) y resultan ostensibles (se muestran). Quienes las reciben, incluso cuando no puedan verbalizar lo que perciben, decodifican esas señales e infieren un significado, es decir, hallan un contexto (mental) que les da sentido y que se traduce, muy habitualmente, en una sensación o una impresión.

Retomando, entonces, los axiomas de la teoría de la relevancia, debe decirse que este tipo de comunicación, la que se corresponde con el sistema kinésico y, particularmente, con la gestualidad facial, cumple (exactamente como ocurre con los sistemas lingüístico y paralingüístico) con los principios iniciales: la intención informativa y la intención comunicativa.<sup>5</sup> Los gestos comunican información, en especial (aunque no exclusivamente), relativa a las emociones o estados psicológicos. Asimismo, provocan como efecto que el destinatario las interprete inferencialmente, a partir de un supuesto que toma como verdadero o probablemente verdadero, dado el contexto mental que tiene disponible.

Es necesario avanzar con la investigación en este campo para entender la comunicación propia de estos tiempos. Y en cuanto al período de pandemia, son diversos los interrogantes que se abren hacia el futuro y que requerirán atención. Para empezar, no sabemos qué impacto sufrirán los bebés acostumbrados a ver rostros semiocultos: ¿serán quizás más expertos en la lectura de las miradas, en la interpretación de los gestos del tercio superior de los rostros? Y, para continuar, ¿cómo

---

5 Recuérdese que, al hablar aquí de intenciones, me refiero a impulsos informativos y comunicativos y no a la voluntad deliberada como componente ineludible para producir la comunicación.

registrará la memoria –ya sea de niños, ya sea de adultos– las caras vistas solo con barbijo, qué tipo de archivo de memoria se conservará?

Tal vez tengamos algunas respuestas en los años venideros.

## 6. Referencias

Bühler, Karl. (1934). *Teoría del lenguaje*. Madrid: Alianza Editorial, 1985.

Cestero-Mancera, Ana. Comunicación no verbal y comunicación eficaz. *ELUA*, v. 28, pp. 125-150, 2014.

Chen, Chaona, et al. Distinct facial expressions represent pain and pleasure across cultures. *PNAS*, v. 115, n.43, pp. E10013-E10021, 2018.

Cunningham, Douglas, Kleiner, Mario & Wallraven, Christian. The components of conversational facial expressions, *AMC*, pp. 143-150, 2014.

Curhan, Jared & Pentland, Alex. Thin Slices of Negotiation: Predicting Outcomes From Conversational Dynamics Within the First 5 Minutes. *Journal of Applied Psychology*, v. 92, n.3, pp. 802–811, 2007.

Darwin, Charles. *The expression of the emotions in man and animals*. London: John Murray, 1872.

Duchenne, Guillaume. *The Mechanism of Human Facial Expression*. New York: Cambridge University Press, 1990 [1862].

Ekman, Paul & Friesen, Wallace. The Repertoire of Non-Verbal Behavior: Categories, Origins, Usage and Coding. *Semiotika*, v. I, n.I, pp. 49-98, 1969.

Goffman, Erving. *La presentación de la persona en la vida cotidiana*. Buenos Aires: Amorrortu, 1997 [1959].

Hall, Judith, Horgan, Terrence & Murphy, Nora. Non verbal communication. *Annu. Rev. Psychol.*, v. 70, pp.271–294, 2019.

Jack, Rachael & Schyns, Philippe. Toward a Social Psychophysics of Face Communication. *Annu. Rev. Psychol.* V. 68, pp.269–297, 2017.

Jakobson, Roman. (1963). *Essais de linguistique générale*. París: Minuit, 1963.

Jones, Stanley & LeBaron, Curtis. Research on the Relationship Between Verbal and Nonverbal Communication: Emerging Integrations. *Journal of Communication*, pp. 499-521, 2002.

Kerbrat Orecchioni, Catherine. *La enunciación*. Buenos Aires: Edicial, 1997 [1980].

Lundmark, Torbjörn. *Tales of Hi and Bye. Greeting and parting rituals around the world*. Cambridge: CUO, 2009.

Mehrabian, Albert. *Silent Messages*. Belmont, CA: Wadsworth, 1971. (Apud Cestero Mancera, 2014 y Vinciarelli, 2009).

Peterson, Matthew & Eckstein, Miguel. Looking just below the eyes is optimal across face recognition tasks. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, v. 109, n. 48, E3314–E3323, 2012.

Shannon, Claude Elwood. *A Mathematical Theory of Communication*. *The Bell System Technical Journal* v. XXVII, n. 3, pp. 379-423, 1948.

Sperber, Dan & Wilson, Deirdre. *La relevancia*. Madrid: Visor (1994).

Verón, Eliseo. *La semiosis social. Fragmentos de una teoría de la discursividad*. Barcelona: Gedisa, 1993.

Vinciarelli, Alessandro, Pantic, Maja & Bourlard, Hervé. Social signal processing: Survey of an emerging domain. *Image and Vision Computing*, v. 27, pp. 1743–1759, 2009.





# **Do medo à reinvenção:** relatos de experiência de mulheres na pandemia

Ana Lúcia Medeiros<sup>1</sup>

Angélica Lúcio<sup>2</sup>

Maria José Soares Béchade<sup>3</sup>

Durante a Pandemia da Covid-19, jornalistas paraibanas se uniram para pensar o mundo do trabalho. Para concretizar a ideia, quatro profissionais de comunicação decidiram reunir em livro relatos de expe-

---

1 Jornalista e pesquisadora, doutora em Comunicação (UnB/Université de Rennes-1); estudos pós-doutorais na Universidade Federal da Bahia. Autora dos livros “Sotaques na TV” (Annablume, 2006) e “Noticiador-Noticiado – Perfis de jornalistas numa sociedade em midiatização” (Insular, 2015).

2 Jornalista e poeta, com mestrado em Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e MBA em Gestão Empresarial pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). Jornalista concursada do Hospital Universitário Lauro Wanderley (HULW-UFPB), mantém uma coluna semanal no jornal *A União*.

3 Jornalista, mestre em Ciências Jurídicas/Direitos Humanos, com experiência em redação de jornais impressos, TV e assessoria de imprensa e comunicação. É uma das organizadoras do livro “Isolamento Social: Relato de Mulheres Jornalistas” (CCTA, 2021).

riência de 64 mulheres jornalistas sobre os desafios enfrentados nos primeiros meses da quarentena e as reinvenções possíveis.

Este artigo traz os depoimentos de duas dessas mulheres: as jornalistas Angélica Lúcio e Zezé Béchade. Angélica Lúcio apresenta o emocionante relato “Da impermanência dos dias” sobre a vivência no interior de um hospital para o qual presta assessoramento. Em seu depoimento, Angélica Lúcio conta o que significa estar no front da informação durante os primeiros seis meses movidos pelos dramas da Covid-19 e o enfrentamento da morte de pessoas próximas. Já Zezé Béchade conta como foi o processo de produção da obra “Isolamento Social: Relato de Mulheres Jornalistas” (CCTA, 2021), lançada um ano após o início da pandemia. Coorganizadora da obra, Zezé Béchade mostra como o ambiente de circulação de informações na internet possibilita reinvenções. Exemplo disso são entrevistas realizadas com especialistas, criação de sites e diversos movimentos que levam a novas formas de desdobramentos da obra.

A partir dos relatos das duas jornalistas, apresentados a seguir, observamos casos de como a produção de sentidos se enuncia e circula em um cenário tão desafiador. São mulheres jornalistas construindo um novo jeito de ser e estar no mundo, seja no trabalho remoto, seja enfrentando o risco de contágio nas ruas durante a Pandemia da Covid-19. Um misto de angústia, medo e solidão, mas também de amor, força e fé.

## **Da impermanência dos dias**

(Depoimento de Angélica Lúcio)

Para todos os lugares que olho, há lacunas. Mas também há presenças. João Lúcio, presente! Adelson Barbosa, presente! Ana Virgínia, presente! Eduardo Carneiro, presente! Mais de um ano de pandemia. A Co-

vid-19 se sentou em minha sala de estar. Não pediu licença. Tampouco tirou os sapatos e os deixou encostados na entrada de casa. Antes, arrombou a porta. E colocou atestados de óbito sobre a mesa.

No primeiro semestre de 2020, fui convidada a participar de um e-book que reuniria mulheres jornalistas que estavam trabalhando em home office – o isolamento social como liga, a cola que costura uma e outra história de medo, tristeza, dor. Sou jornalista de batente, mas que hoje atua na área de comunicação social em um hospital-escola de uma universidade federal. Um hospital que acolhe pacientes vítimas do Sars-CoV-2; o maldito coronavírus que até hoje nos obriga a respirar usando máscara.

Entre uma e outra demanda do hospital (melhor dizendo, entre as muitas demandas que se multiplicavam), protelei a entrega do texto para o e-book. Até que meu pai morreu. E tudo se fez mais difícil. Não é fácil deixar alguém partir, mesmo acompanhando tantos relatos de mortes pela mídia. Eu também não estava preparada para partir, ou para ver tantas pessoas próximas indo embora. Na verdade, tinha certeza de que o novo coronavírus (como até então era chamado) chegaria por aqui, no ponto mais Oriental das Américas, mas não tão rápido ou com tanta virulência.

## **“Se eu estiver viva, não é”**

Recordo-me que, logo ao ler as primeiras notícias sobre um vírus misterioso detectado em Wuhan, na China, publiquei uma mensagem em um grupo de jornalistas no WhatsApp, indagando (quase como uma sugestão de pauta) quantos paraibanos teriam relações com a China, que medidas seriam tomadas no aeroporto etc. Comentei que o jogador de futebol Hulk, que é da Paraíba, morava na China, e alguns colegas fizeram piadas: – Você acha que Hulk frequenta esse mercado em Wuhan? Eu ri por meio de emojis, mas só pensava na forma como

algumas doenças se disseminam e nos filmes a que já havia assistido sobre pandemias.

Sim, eu tinha ciência da gravidade do vírus, mas ainda não havia me dado conta do perigo. Sabia que o Sars-CoV-2 chegaria por aqui, mas imaginava que o País estaria preparado. Minha ficha caiu no dia 12 de março de 2020. No dia anterior, a Organização Mundial da Saúde (OMS) havia declarado, oficialmente, que havia uma pandemia de covid-19. Eu estava no quarto andar do hospital onde trabalho. Conversava com duas médicas infectologistas, logo após tratar sobre uma pauta relacionada ao novo coronavírus. Foi ali que tudo mudou, quando identifiquei o medo nos olhos e na voz de uma das médicas.

Enquanto interagia com as profissionais, fiz uma pergunta a uma das infectologistas, já acertando a produção de outra pauta a ser divulgada para a imprensa. Uma matéria para “quando tudo se acalmar”, eu cheguei a dizer. A médica olhou para mim e disse: Se eu estiver viva, não é? Essa frase definiu minha relação com a covid-19 a partir de então. Era a especialista temendo pela própria vida. Por alguns segundos, o tempo ficou em suspensão.

Se eu estiver viva. A frase não saía mais da minha mente. Se a médica que era especialista (e acabara de me contar que estava indo dormir às 3h, para se manter atualizada lendo os artigos internacionais mais recentes sobre o vírus) estava assustada, a situação era séria. Não se tratava de uma “gripezinha”. Meu medo, antes fazendo fronteira com Wuhan, tornou-se meu vizinho. Passou a tirar meu sono. Vi que poderia perder amigos – ou morrer. Se eu estiver viva. Não usei mais o elevador do hospital a partir daquele dia. Voltei para a sala da Comunicação pelas escadas.

O novo coronavírus prendia toda a minha atenção. Era uma ameaça real. Não se tratava apenas de uma pauta que alimentava o noticiário. O tema era onipresente. Estava em todos os lugares. Dominava demandas profissionais no hospital. Dominava o dia a dia do grupo de

comunicadores da empresa pública que administra 40 hospitais universitários por todo o País. Dominava conversas entre amigos.

O primeiro caso de Covid-19 foi confirmado na Paraíba no dia 18 de março de 2020. A partir daí, as pautas sobre o tema cresceram em intensidade. O novo coronavírus estava nos textos que eu produzia como jornalista de uma unidade de saúde. Estava ali, olhando para mim, todas as vezes em que ligava a TV e não conseguia sair da frente da tela. Globo News, CNN Brasil, Band News. Eu mudava de um canal para outro, sempre à procura de novas informações.

Adiava meu encontro com Morfeu até a exaustão. Dormia tarde da noite. E a pandemia ainda invadia meus sonhos. O negacionismo de governantes deixando marcas. Sonhava com perseguições. Via-me em sonhos escondendo livros debaixo de mesas. "Livros proibidos". Já acordava cansada. Mas ainda ligava o rádio em emissoras que apenas transmitem notícias. O tempo passava e eu vivia em loop infinito. Notícia, notícia, notícia. Como assessora de imprensa em um hospital que recebia pacientes contaminados pelo Sars-CoV-2, eu não admitia que pudesse ignorar o noticiário sobre o tema. Se eu estiver viva. Comecei a pensar se estaria viva em abril, quando faria aniversário. Um dia, até cheguei a reunir meu filho e marido, um adolescente então com 15 anos, para dizer o que deveriam fazer se eu fosse contaminada pela Covid-19 (mesmo em home office, às vezes minha presença física no hospital era necessária). Será que eu iria morrer antes do meu aniversário? Cheguei a pensar nisso várias vezes.

## **Feliz aniversário para mim**

Eu sobrevivi. Mas João Lúcio, meu pai, partiu uns dez dias depois do meu aniversário, data que eu tinha planejado passar ao lado dele e de minha mãe. Devido à pandemia, infelizmente, havia dois meses que eu não ia ao sítio onde eles moravam, em Patos, cidade localizada no

Sertão paraibano a 300 Km de João Pessoa-PB. No dia 22 de abril, data do meu aniversário, agradei aos céus. Eu estava viva! Na época, porém, mais de 2,5 mil pessoas já haviam morrido no Brasil por causa da doença.

Liguei para minha mãe, para ela me dar os parabéns. Perguntei sobre a saúde do meu pai, que se recuperava de uma infecção urinária, e ouvi que ele estava bem. Conversamos trivialidades. Dois dias depois, numa sexta-feira pela manhã, meu pai foi internado em um hospital público de Patos. Foi a última vez que minha mãe se encontrou com meu pai. Depois, só o viu no caixão. Na hora do velório. Tal hiato ocorreu porque minha mãe estava com 76 anos. Devido à idade e ao risco de contaminação pela Covid-19, não pôde ficar no leito hospitalar como acompanhante do meu pai. A unidade de saúde onde meu pai ficou internado em Patos era referência para casos suspeitos ou confirmados da doença no Sertão. O que também nos assustava, mas estávamos confiantes de que ele logo voltaria para casa – o que nunca ocorreu.

No dia 1º de maio, comemoramos no grupo de WhatsApp da família quando minha irmã disse que meu pai teria alta médica no domingo. Ele estava bem. Aparentava estar forte. Conversava direito. Estávamos contando as horas para que voltasse ao sítio. Aguardávamos apenas mais alguns exames para sua liberação. A família inteira estava aliviada e feliz. Por isso a morte do meu pai foi uma surpresa para todos nós.

Ainda na sexta-feira, por volta das 22 horas, recebi uma ligação via WhatsApp de uma das minhas irmãs. Num áudio truncado, ela demonstrava nervosismo. Aos poucos, entendi que queriam transferir, para o quarto onde meu pai estava internado, um paciente com suspeita de Covid-19. Falhas na mensagem. Confusão de áudios entre João Pessoa e Patos. Frases desconexas que iam e vinham entre alguns irmãos. Mas ainda não era meia-noite, quando tudo parecia ter se resolvido. Além disso, de longe, eu não teria muito o que fazer. Coloquei o celular para carregar e fui dormir. Pouco depois, após algumas horas

de sono, acordei com uma nova ligação. Era por volta de 1h30. Do outro lado da linha, Guto, um dos meus irmãos, foi direto: Pai teve um problema no coração e, infelizmente, faleceu.

Eu não entendi. Não queria entender. Mas me sentei na cama, respirei fundo e liguei para outro irmão, para lhe dar a notícia. Minha gata, talvez sentindo algo diferente, na mesma hora pulou em meu colo. Não chorei naquele momento. Não daria tempo. Havia combinado com outros irmãos que iríamos juntos a Patos. Seria no mesmo carro, com uma certa aglomeração, mas todos de máscara. Tomei um banho rápido, escovei os dentes, joguei umas roupas numa bolsa, acordei meu filho que faria aniversário dali a dois dias, dei a notícia, parei. E fiquei tonta. Precisei me sentar. A notícia da morte do meu pai começava a afetar meu corpo. Mas não havia tempo para isso. Dali a pouco segui para Patos, junto de mais dois irmãos e duas irmãs. Teríamos poucas horas para enterrar meu pai.

## **Tengo, lengo, tengo**

Meu pai não morreu de Covid-19. Foi vítima de uma parada cardiorrespiratória, registra a declaração de óbito. Um teste rápido, feito ainda no hospital, deu negativo para a doença. Mas um exame havia mostrado manchas no pulmão. Será que havia sido contaminado pelo novo coronavírus? Essa dúvida ainda iria perdurar. Eu pensava muito nisso. Mas passou. É um questionamento que não vai trazer meu pai de volta. Meu pai já está morto.

Sem a confirmação de Covid-19, houve velório e enterro, numa cerimônia restrita a poucas pessoas – não tão poucas; só de filhos somos 13. Antes do velório, logo que entrei no carro a caminho do cemitério, ouvi no rádio o anúncio da morte do meu pai. A nota fúnebre (daqueles avisos comuns a que tanto estamos acostumados a ler/ouvir) foi um tapa na minha cara. Um soco no estômago. Uma joelhada no meio dos

seios. Ouvi o aviso lido por um locutor desconhecido no rádio e tive certeza: meu pai estava morto. Ali doeu de verdade. Meu pai estava morto. Deu no rádio. Não havia mais o que fazer. Meu pai estava morto.

Além dos familiares, alguns poucos amigos estiveram no cemitério. Seguimos as recomendações estabelecidas pelo município em função da pandemia. Pouca gente, álcool em gel (um produto de má qualidade oferecido pela funerária) à disposição de todos, caixão aberto. Meu pai havia morrido de uma parada cardíaca, não de Covid-19. Pude pegar em suas mãos e alisar seu rosto. Na hora do sepultamento, fizemos uma homenagem a ele. Meu pai era bancário aposentado e vaqueiro de coração. Ao som de Luiz Gonzaga, cuja voz saía de um celular, balançamos antigos chocalhos. Cantamos. "Numa tarde bem tristonha/ Gado muge sem parar/ Lamentando seu vaqueiro/ Que não vem mais aboiar/ Não vem mais aboiar/ Tão dolente a cantar". Durante o sepultamento, também relembramos nomes de vacas e bois que haviam lhe pertencido: Gasolina! Lenço Branco! Cadê Bolinha? "Ei, gado, oi/ Tenho, lengo, tengo, lengo/ Tengo, lengo, tengo".

## **Quatro páginas e uma dor sem fim**

Logo após a morte do meu pai, uma das organizadoras do e-book me lembrou do prazo de entrega do meu relato para o livro. Informei que meu pai havia morrido, mas que entregaria mesmo assim. Eram só quatro páginas. Como eu, jornalista, não conseguiria escrevê-las? Não eram só quatro páginas. Era desânimo, dor, lacuna em carne viva, vontade de escrever nada. As demandas da pandemia no hospital me esgotavam.

Trabalhando de casa, havia a vantagem de não estar muito exposta ao vírus da Covid-19. Logo percebi, no entanto, que não seria possível cumprir a jornada formal de trabalho estabelecida por lei. Sempre passava da hora. A todo momento, chegavam demandas: internas e da



imprensa. Na teoria, meu expediente começava às 12h e encerrava às 17h15. Na prática, colegas jornalistas entravam em contato comigo às 21h, 22h. Ou me ligavam antes das 7h para checar alguma informação. Até as 4h, 5h me enviavam mensagens. Como deixar de atender? Eu já estivera, por anos e anos, do outro lado. Sabia muito bem como é a rotina de quem está nas redações. Por isso, sempre que possível, fazia o meu trabalho: e tentava colaborar para o êxito da pauta.

Sim, eu estava cansada. Triste. Abatida pela morte do meu pai. E não tinha um pingote de vontade de escrever sobre minha experiência no isolamento. Olhava para a tela do computador, colocava um título. E nada. "Tristeza não tem fim, felicidade sim". Na véspera do aniversário de meu pai, menos de um mês e meio da sua morte, um primo faleceu em decorrência do novo coronavírus. Era o mesmo primo que perdera a esposa ainda em abril. Mais um baque.

E outros viriam: menos de 15 dias depois, um colunista amigo, que trabalhara comigo no Jornal da Paraíba, foi encontrado morto em casa. Um infarto fulminante o levou a outras paragens. Cinco dias depois, nova paulada: Adelson Barbosa, grande amigo dos tempos do Correio da Paraíba, encerrava uma luta de dois anos contra um câncer. Fui ao velório de Adelson em um domingo pela manhã. De coração gigante e um profissional maravilhoso, ele reuniu muitos amigos que lá estavam para homenageá-lo. No cemitério, encontrei várias outras mulheres jornalistas que já haviam produzido seus relatos para o e-book. Perguntaram pelo meu texto. Disseram que seria importante a minha participação. Prometi que enviaria.

Entre um release e outro. Entre tantas demandas "urgentes" de colegas de redação. Entre um e outro projeto como freelancer. Entre uma louça e outra empilhada na pia. Entre banheiros sujos e roupa acumulada aos pés da máquina de lavar. Entre uma dor e outra, consegui redigir meu texto para o e-book. Não foi fácil. Meu relato foi escrito sem leveza. Aos trancos e barrancos. Em meio à poeira acumulada nos

livros, ao marido com sintomas gripais (me deixando assustada e em alerta) e a uma gata no cio querendo fugir de casa. O texto saiu quase à força. Menos por vontade e mais pelo senso de obrigação com a história.

## **Todo cambia... ou não**

Perto do lançamento do e-book, participei de um bate-papo sobre o livro, falando sobre a minha experiência como autora, dentro do projeto CISECO Entrevistas. Enquanto me preparava para a entrevista, lembrava-me que tudo estava muito igual, mas também muito diferente de quando havia escrito aquelas quatro páginas. Entrei na entrevista atrasada, porque havia acabado de enterrar um dos filhotes da minha gatinha. Sim, ela fugiu no cio (também não aguentou o isolamento social) e virou mãe. Cambia, todo cambia. Escuto na voz de Mercedes Sosa. O medo de que meu marido (hipertenso!) tivesse a Covid-19 agora era realidade. Enquanto conversava sobre meu relato no e-book, ele estava deitado, recuperando-se. Eu e meu filho tínhamos medo de também ser contaminados. Passei um mês dormindo no escritório.

Cambia, todo cambia. Depois de meu pai, perdi primos. Amigos partiram. Alguns direta ou indiretamente afetados pela crise mundial de saúde pública. Uma colega jornalista, da minha turma de graduação, cometeu suicídio. Professora universitária lutando contra a depressão, teve o acesso à medicação e ao tratamento dificultado pela Covid-19. Com a pandemia, sei que a pressão aumentou para todos. Também para ela, que se viu tendo que produzir aulas para o ambiente virtual, em ter que produzir conteúdo em home office, para fazer a roda girar – e de repente percebo que todos nós somos hamsters correndo, correndo, correndo... De certa forma, a pandemia também levou essa minha amiga que optou pela morte autoinfligida. E fiz questão de citar

seu nome, como uma forma de homenagem, nos comentários durante a live no YouTube que marcou o lançamento do e-book.

Com a chegada de 2021, eu esperava (acho que todos nós) que a pandemia virasse história. Fosse parte do nosso passado. Em janeiro, no entanto, o hospital onde trabalho voltou a entrar em ebulição ao aceitar receber pacientes do Amazonas contaminados pela Covid-19 e que não haviam encontrado a devida assistência em seu Estado. De novo, o excesso de trabalho. Boletins diários para a imprensa, relatando o estado de saúde dos amazonenses. Produção de releases, fotos, vídeos... sobre as altas médicas, celebrando a vida. Colegas em redação precisando de informações. Manhã, tarde, noite. O hamster continuava fazendo a roda girar.

No primeiro fim de semana de maio, fui para Patos. Queria passar com minha mãe o domingo, data que marcaria um ano sem meu pai. Aproveitei uma folga para compensar horas extras e fui de ônibus para o Sertão. No sábado à tarde, ao consultar as atualizações do WhatsApp, descubro que o jornalista Eduardo Carneiro se tornou mais uma vítima da Covid-19. Profissional mais ético, competente e generoso que até hoje conheci, Dudu, como era chamado pelos amigos, partiu após dezenas de dias internado em um hospital. No fim de semana que marcava um ano da morte do meu pai, estava com a alma novamente de luto, agora pelo meu amigo.

Eduardo Carneiro faria aniversário no dia 7 de maio, um mês após o lançamento do e-book "Isolamento Social – Relatos de Mulheres Jornalistas", do qual fiz parte. Até hoje, além do meu, li apenas um dos textos do livro. Minto: passei os olhos. Não consigo. É começar a ler e sentir coração acelerado, palpitações. Sinto o mesmo ao me deparar com qualquer notícia referente à Covid-19. Saí da maioria dos grupos de WhatsApp com jornalistas pelo mesmo motivo. O desrespeito das outras pessoas (fazendo aglomerações e não utilizando máscara) me

deixa perplexa. Tudo recende a descaso, enquanto o Brasil chega a quase meio milhão de mortes provocadas pela doença.

Os discursos, atos e omissões do mandatário maior do País também me afetam. Vão e vêm na minha mente. "E daí?", "gripezinha", "não sou coveiro", "país de maricas", "o vírus está indo embora", "(a morte) é o destino de todo mundo", "até quando vão ficar chorando?". Tenho raiva, muita raiva. Mas aí respiro fundo e relembro um ensinamento do meu pai sobre quando algo não merece nossa atenção. "Faça como eu: entra por um ouvido e sai pelo outro".

(...)

Relato concluído no dia 14 de junho de 2021, aniversário de nascimento de João Lúcio de Souza. Bença, pai!

\*\*\*

## **Um livro, 64 relatos femininos sobre jornalismo e pandemia**

(Por Zezé Béchade)

### **A organização do e-book**

O livro digital "Isolamento Social – Relatos de Mulheres Jornalistas" é uma coletânea de textos escritos por 64 mulheres jornalistas relatando os primeiros meses de isolamento social da pandemia do novo coronavírus, elaborados entre os meses de agosto e dezembro do ano de 2020. A sua organização partiu da vontade de quatro amigas jornalistas em registrar o momento pandêmico do novo coronavírus como

forma de contribuição para a memória histórica desse tempo, que seria a maior “peste” vivenciada pela humanidade no século XXI.

A ideia inicial era registrar nossos próprios sentimentos, olhares e realidades vivenciadas naquele momento, mas se estendeu a outras mulheres jornalistas, especificamente as que se encontravam em isolamento social e trabalhando em home office.

A partir de um grupo de WhatsApp, onde nos falávamos regularmente, as quatro organizadoras do e-book, Kíara Fialho, Sandra Moura, Sônia Lima e Zezé Béchade, passaram a experienciar uma preocupação umas com as outras diante da chegada da Síndrome Respiratória Aguda Grave do Coronavírus 2 (Sars-CoV-2.) ao Brasil. Naquele momento, tínhamos muito medo de sermos contaminadas, de adquirirmos a Covid-19. Tudo era muito novo. A informação que circulava era de que havia um alto risco de contaminação, o que muito nos assustava.

A partir desses cuidados, iniciamos um debate em torno da necessidade de registrar a situação que vivenciávamos coletivamente. Passamos a discutir o formato, as narrativas e as plataformas que iriam ser utilizadas para a realização do registro histórico.

Antes do período de pandemia, já falávamos da possibilidade de produzir um trabalho no âmbito da Comunicação, a exemplo de um programa em podcast, a criação de um blog ou um livro. A chegada da pandemia e o isolamento social contribuíram para fecharmos na ideia proposta pela professora Sandra Moura, do curso de Comunicação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), de produção de um e-book, o que prontamente foi acatado pelas colegas jornalistas.

O fato de organizar e editar um e-book foi como abrir um lugar de fala para as quatro jornalistas. Uma forma de registrar preocupações, angústias, medos e trabalhos nesse período tão crítico para a humanidade, o da pandemia do Sars-CoV-2.

Senti crescer o sentimento de responsabilidade de estar escrevendo a história de uma terrível crise sanitária global, que atingiu e mudou a vida de populações inteiras, em vários aspectos, como o social, o cultural, o econômico, a vida familiar, a saúde, a educação. O senso jornalístico me levava a acreditar que poderíamos elaborar um conteúdo importante para mostrar às gerações futuras os fatos ocorridos nesse período.

Começamos a nos organizar e tínhamos consciência do papel que iríamos exercer. Com perfil e bagagem profissional diferenciados, estávamos empenhadas em expressar e registrar o que nós e nossas colegas jornalistas sentíamos sobre a pandemia, dos fatos narrados pela imprensa, do período de confinamento e do distanciamento social.

Optamos pelo relato, em que nós mulheres, profissionais da Comunicação, pudéssemos contar histórias reais do que estaria acontecendo. Das mudanças em nossas vidas enquanto mulheres e jornalistas, de como nossas colegas jornalistas estavam vivenciando o momento em que ocorria a disseminação do vírus, as contaminações, as mortes anunciadas e enumeradas cotidianamente pelos veículos de imprensa, a preocupação de como estavam as outras pessoas, a família, os colegas de trabalho.

Visitar os perfis de mulheres jornalistas nas redes sociais foi a primeira tarefa de investigação informal para detectar quem estaria em isolamento social e trabalhando em home office. Após isso, foi feito um contato direto para certificação do distanciamento social e, em seguida, o convite para a participação no e-book. Surpreendentemente, 60 mulheres jornalistas aceitaram escrever os seus relatos.

## As escritas

Os relatos foram escritos de forma livre, em vários estilos, alguns em formato jornalístico, outros em forma de prosa ou crônica. Porém, todos relatando histórias de vida carregadas de medos, ansiedades, angústias, incertezas, descobertas e resiliências.

Para algumas jornalistas convidadas, o fato de escrever um livro, mesmo sendo em formato digital, foi a realização de um sonho. Outras, assoberbadas de trabalhos que se acumulavam entre o home office, os afazeres domésticos e os cuidados necessários para a não contaminação pela Covid-19, sentiram-se como se tivessem encontrado uma válvula de escape para expressar os momentos tristes ou de tensões que naquele momento só estavam iniciando. Para mim, foi o reencontro com o fazer jornalístico, da escrita. Uma redescoberta, uma forma de exercício da profissão de forma reinventada.

Os textos chegavam em nossas mãos e era hora de partir para o trabalho de leitura, triagem e edição do e-book. Após isso, as organizadoras observaram que alguns sentimentos eram relatados de forma mais constantes nos textos das autoras convidadas e optaram por dividir o livro em três eixos: **Medo, Esgotamento e Ressignificação**.

A percepção era de que esses sentimentos também retratavam o que todas as pessoas estavam passando naquele momento, principalmente as mulheres, não somente as mulheres jornalistas.

O **medo** era relatado pelo estado de angústia, de ansiedade, de preocupação e pelo receio de se contaminarem ou de que algum familiar se contaminasse ou viesse a morrer. Algumas jornalistas chegaram a ser medicadas e acompanhadas por psicólogos e/ou psiquiatras.

O **esgotamento** era descrito pelo acúmulo de trabalho em casa. A rotina doméstica e os trabalhos em home office foram se misturando

com a vida privada, não havia mais distinção de horário para o trabalho, para a alimentação, para o descanso, o lazer ou para a vida familiar.

A pandemia realmente mexeu com o cotidiano, os sentimentos e a realidade de muitas mulheres jornalistas. Além da aproximação maior com a família, algumas passaram a dispensar cuidados com pessoas idosas, com as crianças, que já não frequentavam as salas de aula devido ao isolamento. Por outro lado, a disseminação do vírus, também, trazia para si os cuidados com familiares e amigos acometidos pela Covid-19.

Como consequência dos momentos de medo e angústia, de todo um processo de perdas, veio o momento da **resiliência**. Era preciso um disciplinamento, uma mudança de hábito. Apesar de quase todos os relatos perpassarem por sentimentos de medo e de esgotamento físico ou mental, muitas mulheres jornalistas encontraram razões para ressignificarem suas vidas.

A partir de um certo momento do distanciamento social, essas mulheres buscaram se disciplinar, separar os sentimentos, as ocupações, para dividirem o tempo com outras atividades que lhe trariam mais leveza, mais prazeres e menos tensões e medos. Algumas profissionais optaram pela leitura, por aprenderem ou se aperfeiçoarem em aspectos relacionados à comunicação, à escrita, escolheram um hobby, fizeram cursos pela internet ou desenvolveram outras habilidades e trabalhos.

Afora os eixos escolhidos, outros temas permeiam as narrativas cotidianas das profissionais no livro: a maternidade recente – algumas jornalistas pariram ou engravidaram durante a pandemia; a maternidade mesclada com o lado profissional e trabalhos domésticos, já que muitas crianças passaram a ter aulas em casa pelo computador; a dificuldade de trabalhar em home office, devido ao espaço e equipamentos divididos com outras pessoas da família; a crítica ao Governo Federal, por sua incapacidade ou falta de vontade política em criar um plano



eficaz de vacinação e de combate à pandemia do novo coronavírus; a preocupação com a saúde mental.

## **Desdobramentos**

Após as leituras, revisões e correções, o e-book estava pronto! Uma live marcou o lançamento, por meio do serviço de streaming da Sala Zoom com o YouTube, no dia 7 de abril de 2021, Dia do Jornalista. Participaram do evento 45 autoras e a professora /doutora em Comunicação Glória Rabay, que prefaciou o e-book e fez a apresentação da obra na atividade.

O lançamento da obra repercutiu na cena literária e jornalística do estado. Algumas profissionais de imprensa nos procuraram expressando a sua decepção por não terem sido convidadas a colaborar com a obra. Esse fato e a proposta anterior de criar um blog provocaram em nós, organizadoras, a iniciativa de investir em mais uma ferramenta de comunicação para registro de relatos da pandemia. Criamos o blog, transformamos em site e posteriormente em plataforma.

Ampliamos o trabalho para "Projeto Relatos da Pandemia". O blog, que nasceu com o intuito de abrir espaço de colaboração para mulheres e homens, não somente jornalistas, a relataram a sua vivência durante a pandemia do novo coronavírus e abrigar o arquivo do e-book "Isolamento Social – Relatos de Mulheres Jornalistas", transformou-se em uma plataforma.

Passou a ser também espaço de jornalismo colaborativo, por meio de relatos e de matérias postadas de sites com credibilidade científica, e ganhou uma sessão de entrevistas gravadas na sala Zoom pelas editoras.

Personalidades e especialistas em assuntos relacionados à pandemia estão sendo convidados a falarem sobre sua visão, vivência pes-

soal e profissional do momento pandêmico, a exemplo do jornalista Caco Barcellos; do escritor e professor Muniz Sodré, que narrou a sua experiência de ter contraído a Covid-19 e fez uma análise sociológica do momento; do senador e membro da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Covid, Humberto Costa, que comentou sobre sua experiência pessoal do isolamento social e sobre o desenrolar e bastidores da CPI.

As mais novas ferramentas e linguagens adotadas pelas organizadoras do projeto são as páginas e as lives nas redes sociais. Estão sendo espaços para o compartilhamento e aprofundamento dos conteúdos relacionados à pandemia, por meio de conversas com convidados especializados, como a ocorrida com a psicóloga e doutora Eugênia Correia, que debateu sobre “Saúde Mental na Pandemia”.

Além disso, as lives abrem espaço para que as autoras colaboradoras do e-book continuem produzindo conteúdos após seus relatos para o livro e falem de seus cotidianos durante e pós o isolamento social.

O Projeto Relatos da Pandemia já se encontra em fase de reorganização. Passará por uma mudança de layout no site, mostrará com mais ênfase as entrevistas gravadas, colocará em evidência o chamado para a colaboração em formato de relatos e estudará a possibilidade de outros tipos de linguagens, a exemplo de podcast, colunas e reportagens próprias.

O e-book “Isolamento Social – Relatos de Mulheres Jornalistas” e o “Projeto Relatos da Pandemia” começam a se afirmar como ferramentas para produção de conteúdo e registro histórico do período da pandemia de Covid-19, mas também, como forma de construir linguagens e ressignificações do fazer jornalístico, criando espaços de trabalho e de colaboração.

## 1. capa do livro



## 2. Entrevista com Muniz Sodré



## 3. Entrevista com Caco Barcellos



#### 4. Live com Eugênia Correia



### **Que efeitos de sentido esses relatos geram?**

A experiência dessas mulheres jornalistas durante a pandemia da Covid-19 revela que, além da mudança de comportamento que o momento exige, a circulação de informações se intensifica, gerando novos movimentos. Além da troca de informações sobre o livro, em si, outras dinâmicas se desenham nesse processo.

Assim, surgem novos depoimentos sobre a pandemia. E agora, diferentemente da proposta do livro, se dá voz não só às mulheres. Homens também relatam seus medos, inclusive como enfrentam o medo da morte, o isolamento e os desafios da nova rotina. Especialistas analisam as consequências da pandemia sob diversos ângulos, seja em quem foi acometido pela doença, seja em quem sofreu perdas importantes no período de um ano de enfrentamento à doença.

Um aspecto relevante a ser considerado no processo de produção da obra e, principalmente nos desdobramentos, é a necessidade de reinvenção. Isso se manifesta no campo profissional e também no âmbito pessoal, familiar, afetivo.

O livro "Isolamento Social – Relatos de Mulheres Jornalistas" revela que pensar a própria condição em um momento tão singular quanto uma pandemia exige uma observação atenta do contexto, exercitar a resiliência e ressignificar as perspectivas sobre o mundo. Já os desdobramentos pós-produção da obra, revelam a capacidade de reinvenção que se faz necessária. Especialmente em tempos desafiadores quanto uma pandemia em um contexto sócio-econômico-político-social tão complexo quanto o que o Brasil e o mundo enfrentam neste século XXI.



# **A semiosfera pandêmica como agenciamento de sentido, formas de vida e turbossemiose**

Rocco Mangieri

## **1. A pandemia como semiosfera e modo de vida**

Este texto foi elaborado a partir de uma conversa virtual com Pietro Russi (Universidad de Brasilia) no âmbito das atividades do CISECO no mês de outubro de 2020<sup>1</sup>. Na ocasião orientamos nossa discussão para a questão das inter-relações entre corpos, figuras, sensibilidades e redes hiperconectadas de contágio viral em a semiosfera pandêmica<sup>2</sup>.

---

1 Programa de encontros virtuais de semiótica organizado pelo CISECO, Centro de Estudos da Comunicação, fundado por Eliseo Veron e um destacado grupo de pesquisadores do Brasil e Latinoamerica.

2 O autor deste texto inseriu uma série de imagens digitais criadas pela artista Tatiana Plakhova com base no conceito lotmaniano de semiosfera e suas relações dinâmicas e estruturais entre ordem e caos. A artista, por meio dessas obras de arte e design, faz uma articulação entre a física, matemática e semiótica da cultura. Para nós, eles

Entendemos a pandemia como um fato sociocultural, sócio-semiótico e antropológico. Nesse sentido, o virológico deve ser diferenciado da pandemia. A pandemia é o efeito global e explosivo nos mesmos termos de Juri Lotman (2010), que é produzido ou gerado em uma semiósfera cultural e socioantropológica, a partir de um fenômeno biológico e epidemiológico de natureza viral: Covid-19, um fenômeno viral expansivo que pertence ao mundo da matéria, a substância biológica dos seres vivos, e que, em todo caso, também poderia ser descrito a partir da perspectiva de uma biosemiótica expandida das substâncias vivas de nosso planeta.

A pandemia, ou melhor, o pandemico configurou-se como uma forma de vida (a forme de vie, no sentido de Jaques Fontanille e outros semiólogos franceses)<sup>3</sup>, mas também como uma macro-semiosfera (seguindo o modelo de Juri Lotman) que possui a forma semiótica e figura de uma mitologia de narrativas, histórias, diários pessoais e íntimos, movimentos sociais, redescobertas de espaços e tempos cotidianos, recodificação de gestos e ações, contratos fiduciários ou polêmicos entre agentes semiológicos e atuantes, cenários de conflito entre a programação dos governantes e os protestos dos actantes e atores sócio-coletivos. Covid-19 é um nível pré-semiótico, a pandemia é uma macrossemiótica de discursos, textos, signos, estratégias e práticas ainda abertas à busca de seu sentido e significado.

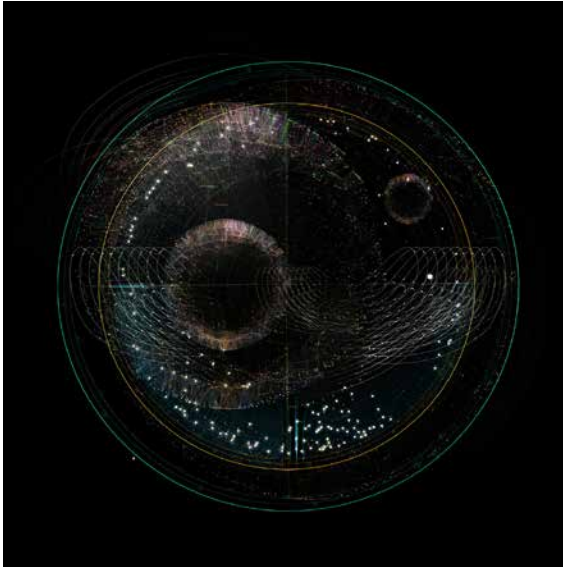
---

têm sido uma metáfora epistemológica para para uma visualização e compreensão atualizada das transformações topológicas do modelo Lotman. Todas as imagens foram reproduzidas com a permissão do artista.

3 Os estudos semióticos sobre as formas de vida foram iniciados, dentro da semiótica francesa, por Jacques Fontanille. O modo de vida tem sido considerado como o nível dimensional mais alto dentro do qual ocorrem signos, textos, discursos, objetos e práticas semióticas abertas. O conceito de forma de vida está próximo do conceito de semiósfera de Juri Lotman e também (pensamos) do ecossistema semiótico. (Fontanille, 2015).



**Fig.1** Semiosphere, Order and Chaos.Tatiana Plakhova <http://complexity-graphics.com>



## **2. Ipervelocidade, assincronismos e desfagem sociosemiótico**

Ao longo de nossa conversa, a figura da hiper-velocidade de contágio dos signos emergiu por meio de uma análise da dinâmica da rede global e das redes sociais. Ao mesmo tempo, comparamos a hiper-velocidade dos signos e mensagens através da rede com a velocidade de expansão biológica do vírus.

O primeiro é uma expansão da mídia, uma expansão e remediação de signos, textos e práticas abertas (uma virologia da mídia). A segunda é uma expansão material, viva e biológica. Ambas as velocidades

foram diferentes, assíncronas<sup>4</sup>. Finalmente, Russi e eu achamos que a velocidade de transmissão da mídia foi muito maior do que a velocidade de transmissão da Covid-19. Há uma defasagem significativa e intensa entre a transmissão biológica e a transmissão pela mídia<sup>5</sup>.

O assincronismo entre essas duas velocidades pode ser descrito por meio do modelo Lotmaniano (1985,1998). É uma característica fundamental do funcionamento de uma semiosfera e que garante a riqueza e a variedade das traduções intersemióticas das culturas. Percebemos também que a pandemia, como espaço-tempo semiótico globalizado que produzia traduções em alta velocidade, inclui também um espaço semiótico que corresponde a traduções de ciência, epidemiologia, estatística, ciências positivas baseadas fundamentalmente no risco calculado e na programação de códigos e signos para evitar o contágio dos corpos. Mas também notamos que a diferença pandêmica interna entre essas duas semiosferas aumentou progressivamente.

### **3. Explosao, contagio e turbosemiosis**

Partindo de uma descrição diacrônica, primeiro há um fenômeno de contágio não semiológico entre os corpos, depois um fenômeno explosivo (semiológico de primeiro grau de intensidade) ainda irreconhecível e intraduzível, e finalmente um processo semiótico de segundo nível de intensidade: os primeiros processos de reconhecimento e tradução epidemiológica do vírus, a passagem de uma matéria a uma

---

4 A assincronicidade, entendida como a diferença de velocidade e modo de tradução semiótica entre as diferentes zonas e níveis, é uma das características fundamentais e estruturais de uma semiosfera,

5 As intertraduções (respostas, reações, infodemias, etc.) no nível da rede global e das redes sociais têm sido mais numerosas, intensas e mais rápidas do que as traduções ou respostas pré-migratórias das semiosferas institucionais centrais.

substância e a uma forma de expressão. Progressivamente (dentro da dinâmica da macrosemiosfera cultural) temos observado um processo controverso ou contratual entre tres semiosferas:

- (1) A semiosfera científico-epidemiológica que traduz o vírus dentro de uma estratégia de produção global**
- (2) A semiosfera política que responde e traduz o vírus em relação à sua própria dinâmica local**
- (3) As outras semióticas que o traduzem e interpretam o espaço da vida quotidiana e, sobretudo, no espaço virtual e digital das redes, o vasto espaço-tempo das mídias sociais: o lugar semiótico privilegiado dos processos de mediação**

O domínio da velocidade das redes sociais nos processos de tradução e intertradução semiótica de Covid-19 é um fenômeno de grande relevância para a semiótica actual, mas também para todas as outras ciências sociais, especialmente a sociologia e a antropologia. Pensamos em criar temporariamente o termo *Turbosemiose pandêmica*<sup>6</sup> para estabelecer um espaço teórico que possa abrigar os processos de criação, transmissão, recepção, mistura, contágio e armazenamento de signos, textos e práticas em altíssima velocidade.

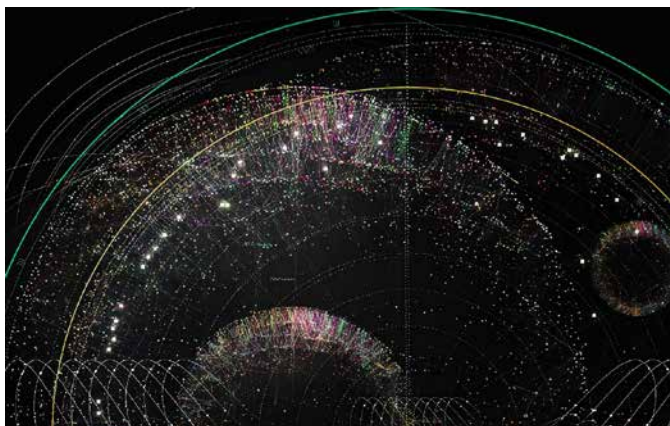
Se tentarmos conduzir ou levar esse processo dentro do modelo de Eliseo Veron (1997,1999,2001) estaríamos falando de produção, circulação e reconhecimento de signos e textos, mas também da desfasamento fundamental entre produção e reconhecimento. Mas o que pensamos é que, no nível da semiosfera da rede global, devido à instantaneidade e fluidez do contágio, a distância entre produção e reconhecimento tem se tornado cada vez menor: logicamente estamos falando

---

6 A figura da turbosemiose, exposta durante a conversa com Pietro Russi, surge de uma conexão teórica entre as teorias da aceleração cultural do espaço-tempo (Rosa,2016) e a figura da semiose ilimitada (Eco,1975).

sobre o que é produzido é reconhecido-interpretado dentro da semiosfera virtual e digital. Pudemos observar essa redução da defasagem durante os processos narrativos e discursivos da pandemia. Em certas fases ou períodos de tempo, a velocidade de tradução e resposta da semiosfera científica oficial e autorizada tem sido muito menor do que as respostas e ações de outras semiosferas menores (mais periféricas), mas que, apesar de seu menor peso institucional, têm mobilizado com mais sucesso a opinião pública, gerando espaços semióticos polêmicos e resistência social. A rede global tem sido o cenário desses confrontos, acordos e contratos fiduciários temporários, suspensões de crenças, lutas sociais e processos de resistência dos corpos<sup>7</sup>.

**Fig.2** Semiosphere, Order and Chaos. **Tatiana Plakhova** <http://complexity-graphics.com>



---

7 Temos preferido falar, além de processos de ajustamento (Landowski, 2016), de processos de resistência dos corpos.

## 4. Pandemia e semiose social

A pandemia é também uma semiose social que é produzida, circulada e consumida como um enorme processo sociocultural de midiaticização. Nesse sentido, o modelo de semiose de Eliseo Veron é muito eficaz. Podemos dizer, sem medo de errar, que além de ser um exemplo pleno e perfeito de uma mediaticização, é, ao mesmo tempo, um exemplo de mediação e processos de mistura e hibridização de mensagens, sinais, discursos e práticas. Mas são processos de midiaticização e intermedialidade que ocorrem fundamentalmente no espaço rizomático da rede global, por meio das figuras semióticas de contato permanente e conectividade tecnológica de natureza essencialmente metonímica<sup>8</sup> (referindo-se às ideias de Veron sobre as relações dos corpos)(1974), na fluidez e remediaticização de mensagens e signos entre os usuários (ou prossumidores) e, por fim, por meio de processos de reconhecimento e resposta social que já não apresentam uma defasagem muito intensa em relação à produção.

Essa redução ou encurtamento extremo da efasagem temporal e espacial (no espaço de midiaticização digital de redes) entre produção e reconhecimento tem sido um processo chave durante narrativas e discursos pandêmicos.

---

8 Durante a pandemia, pessoas, grupos e coletivos sociais intensificaram os processos de contato e circulação de signos e segmentos metonímicos de comunicação. É um imenso ecossistema semiótico ligado à forma de um rizoma que se organiza por meio de agenciamentos ou ensablagement temporais de produções de sentido.

## 5. Algumas figuras fundamentais

Cinco figuras isotópicas têm sido fundamentais: distância, contágio, isolamento, incerteza, cálculo e risco. Figuras que compõem uma pequena constelação semântica que se expande, se multiplica mas, ao mesmo tempo, tenta encontrar (através de práticas e transformações sócio-coletivas) um equilíbrio entre a programação rígida de governos e cientistas, e o ajuste ou reposicionamento do atores sociais que moldam a dinâmica de nosso cotidiano. Assim, percebemos que, enquanto de um lado dos espaços pandêmicos as ações são propostas a partir do risco zero e do cálculo máximo, do outro os sujeitos semióticos propõem e reivindicam o fato (reconhecido socialmente, psicologicamente e antropologicamente) de assumir o risco em algumas de suas modalidades: de um risco puro a um risco calculado<sup>9</sup>(Landowski,2016).

Lembrando Michel de Certeau (2009), sabemos que pessoas, cidadãos, grupos e coletivos, as pessoas que produzem e trocam os signos e textos do cotidiano, buscam por meio de táticas e derivas o caminho para modular e decair formas, os sentidos e a eficácia da programação rígida. A pandemia serviu para destacar esses processos. Foi o que aconteceu com os dispositivos de programação: a máscara, as tecnologias da distância dos corpos, a rejeição da política de lockdown.

---

9 Geralmente e por definição, governos e aparatos de estado não arriscam muito, a tendência é correr riscos calculados (no sentido de Max Weber). En quanto as pessoas correram riscos cegos ou cálculos muito baixos. Os poderes jogam na reprogramação com risco calculado (Angela Merkel, Mario Draghi, Boris Johnson, etc.), as pessoas assumem risco de identidade ou carnal, no sentido de George Simmel quando se trata de regimes sociais de construção de confiança. Desta forma, existe uma forte ligação estrutural entre os figuras pandêmicas da confiança, crença e risco.

## 6. Risco

Os governos têm reprogramado agendas previamente estabelecidas apenas com o conselho de cientistas e epidemiologistas. Uma espécie de “passo para trás” como o que tem sido dado hoje em dia por vários chefes de governo. Nessa perspectiva de uma polêmica pandêmica, assistimos à transição da programação rígida baseada no medo e na incerteza para a reprogramação baseada no risco calculado, passando por um estágio intermediário de jogos fiduciários instáveis. Mas pensamos que existem processos semióticos latentes ou potenciais baseados exclusivamente no risco puro.

As pessoas. Os grupos culturais, os cidadãos transformados em actantes sócio-coletivos têm se mostrado dispostos não apenas a assumir um risco puro ou cego, mas também a organizar cenários intensamente polêmicos para pressionar mudanças nas políticas de lockdown. Neste ponto da semiosfera pandêmica, parece altamente improvável que retorne a uma política deste tipo. Nesse sentido, os governos continuam falando em estados de exceção, estados de “co-prifucoco” como se costuma dizer na Itália, ou “toques de recolher” na América Latina, mas isso é apenas para manter as regras formais do discurso político. Têm sido “estados de exceção” muito elásticos, fruto de reescalamentos e ajustes repentinos devido ao forte crescimento das reivindicações e protestos sociais (Agamben, 2004).

## 7. Incerteza

Além das figuras discursivas mencionadas, outra figura globalizante da semiosfera pandêmica tem sido a incerteza. Um alto estado de incerteza que ainda vive ao nível do imaginário sócio-coletivo e dos atores, agentes e dispositivos governamentais. A pandemia também foi uma oportunidade para aprender a conhecer e lidar com estados de alto nível de incerteza.

Incluimos as outras figuras em uma rede semântica em que o centro é a incerteza. Outros também foram associados ou agregados como o medo, a falta de confiança, as ambivalências da decisão e as figuras somáticas do corpo isolado. O traçado de uma rede rizomática aberta, onde essas figuras se distribuem, nos dá uma imagem provisória dos signos fundamentais da semiosfera pandêmica<sup>10</sup>.

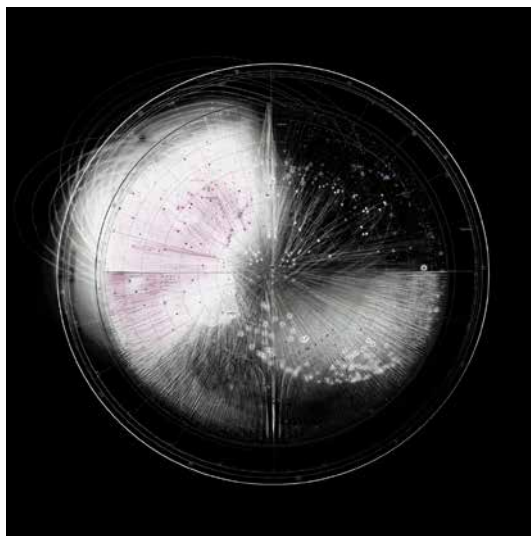
Mas acreditamos que "retornar aos estados normais" é apenas um estereótipo tranquilizador ou catacrese linguística. A pandemia ficará arquivada, organizada ou codificada nas memórias centrais das semiosferas culturais, mas deixará rastros, ou mesmo incisões e marcas vivas que modificarão os sistemas estruturados antes de seu aparecimento. Nos termos de Lotman, é um fenômeno semiótico explosivo global que modifica as estruturas anteriores. Sobretudo porque foi a primeira pandemia (como modo de vida, discursos, narrativas e sobretudo práticas abertas) socialmente construída através de uma rede global de comunicação e trocas permanentes, em alta velocidade e contágio viral. Essa pandemia foi, mais do que outras, construída por pessoas que usam e vivem interconectadas em um macrosistema de comunicação e troca. Um macroprocesso metonímico de mediações e intermedialidades.

---

10 Pensamos que o modelo da semiosfera deve ser articulado com os esquemas visuais e conceituais do rizoma (Deleuze e Guattari, 2013) e seus princípios de funcionamento: conexão, heterogeneidade, multiplicidade, ruptura a-significante, de-calco-mania, cartografia.



**Fig.3** Semiosphere, Order and Chaos. **Tatiana Plakhova** <http://complexity-graphics.com>



## **8. A semiosfera pandêmica como uma rede rizomática produtora de significado**

Cada um dos princípios fundamentais do rizoma pode ser articulado com um modelo reconfigurado da semiosfera. Vamos fazer um tour comparativo de cada um deles. A comparação homeomórfica nos permitirá observar e perceber as analogias, mas também (e é o que mais nos interessa) os elementos e processos que devem ser introduzidos no modelo de semiosfera de Lotman: pelo menos no que chamamos de semiosfera de primeira classe ou geração<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> Consideramos como primeira fase do desenho do modelo as propostas topológicas dos anos 70, referenciadas no teorema da curva de Jordan, e que reduzem a com-

**Conexão:** "Qualquer ponto do rizoma pode ser conectado a qualquer outro ponto."

**Heterogeneidade:** "O rizoma é uma unidade heterogênea. Enquanto a árvore como imagem do mundo invoca uma lógica binária onde as relações entre os pontos obedecem sempre a uma ordem intrínseca e homogeneidade".

**Multiplicidade:** "O rizoma é sempre multiplicidade que não permite que se reduza nem ao Um nem ao Múltiplo; não é feito de unidades, mas de dimensões atribuídas e subjetivas, de direções quebradas. natureza, pois isso aumenta suas conexões " (agênciamento)

**Ruptura A-significativa:** "O rizoma está sujeito às linhas de segmentação e fuga, que apontam sempre para novos rumos, que podem ser rompidos, interrompidos em qualquer lugar e a qualquer momento e ressurgir com novas alianças. Expandir o nosso território até que gere para englobar todo o plano de consistência em uma máquina abstrata. " (desterritorialização)

**De-calcomania:** "A árvore responde ao modelo estrutural cuja lógica é o traçado e a reprodução."

**Cartografia:** "O rizoma é um mapa que se constrói. Um sistema fundamentalmente aberto, suscetível a constantes modificações; pode ser alterado e adaptado de acordo com as necessidades ou desempenho ".

O princípio da conexão, a nosso ver, não tem uma correspondência direta e explícita com as características da semiosfera e deve ser incorporado, tomando como referência os processos de interconectividade e transformação da rede que ocorreram durante a pandemia

---

plexidade a um esquema que separa o espaço interior do exterior por meio de uma fronteira ou limite entre a cultura e não-cultura.

como forma de vida. Os princípios de heterogeneidade, ruptura, multiplicidade, calco e mapa têm correspondências mais perceptíveis e visíveis com a semiosfera Lotmaniana, especialmente em relação às características de heterogeneidade sistêmica, assincronismo entre ou limites de intertradução e explosão<sup>12</sup>.

## **9. O corpo como lugar de articulação e deslocamentos metonímicos: os corpos pandêmicos**

A proposta teórica de ver o corpo como lugar de articulação e circulação de metonímias pode ser aplicada à semiosfera pandêmica. Principalmente ao nível dos processos semióticos que ocorrem na rede global baseados fundamentalmente numa troca de signos e sinais a uma velocidade muito elevada. Se assim for, cada signo ou prática simbólica e discursiva da rede global pode ser descrito como um processo muito rápido de armazenamento e circulação: nessas condições, os corpos sendo o lugar por onde passam os signos de ordem metonímica continuamente deslocados por outros. Os corpos da pandemia (como semiose social e como macro-semiofera cultural) foram interligados por uma rede metonímica complexa. Seguindo Veron e Cingolani (2018), o corpo alheio à possibilidade de ser codificado (é a posição de Veron) só pode viver e se interconectar por meio de processos contínuos de deslocamento<sup>13</sup>.

---

12 Jaques Fontanille (2019), em ensaio crítico sobre a semiosfera, levantou a possibilidade de uma abordagem mais determinada do modelo da semiosfera aos princípios do rizoma.

13 Esses deslocamentos contínuos são intensificados no uso da rede global. Temos que analisar e aprofundar sobre as táticas e estratégias de construção do vínculo social e corporal durante a pandemia (pandemia como macronarrativa e semiose social aberta).

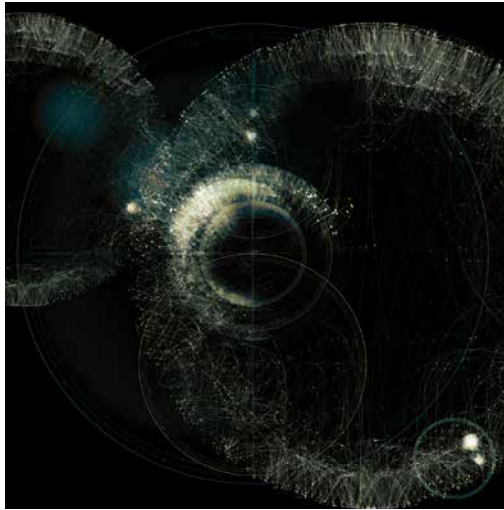
Esse processo semiológico pode ser percebido e descrito observando as práticas de comunicação que as pessoas criaram e mantiveram durante a pandemia. O infodêmico bem como flashmobs, re-mix e processos de hibridização icônica, podem ser descritos como um processo muito intenso de deslocamento contínuo de textos e imagens. Um jogo semiótico que (com todas as suas implicações políticas, éticas e culturais) se baseia numa espécie de circulação contínua de metonímias, de "fragmentos de agenda", como disse Veron, uma agenda de fragmentos de sentido que, outrora marcada pelo sujeito-em-rede e colocado em uma complexa rede de circulação (fortemente anônima e líquida), deve continuar sua jornada, sua jornada de expansão e contágio pelos outros corpos pandêmicos<sup>14</sup>.

Um corpo pandêmico não pode ser completamente descrito por um sistema de códigos, um repertório paradigmático, um sistema de diferenças (no mesmo sentido da semiótica estrutural da primeira e segunda geração), mas por um *fluxo de passagens metonímicas* de significado. Essa tem sido de fato a modalidade de produção de sentido quando nossa corporeidade está envolvida em um processo semiótico e muito mais quando os corpos analógicos devem organizar e produzir seus *vínculos* por meio de dispositivos, artefatos e redes midiáticas. A Pandemia é um enorme cenário de *produção somática de metonímias*. Mas também, uma produção em enorme velocidade.

---

14 Do nosso ponto de vista, os contatos dos corpos em rede são produzidos fundamentalmente por meio de segmentos parciais de sentido, metonímias verbais, icônicas e híbridas. A pandemia, considerado sobretudo como um macrodiscurso, como um fenômeno social com distância ou lacuna muito menor entre a produção e o reconhecimento, é uma complexa rede global por onde circulam metonímias de corpos pandêmicos. Uma referência importante sobre este aspecto encontra-se em um texto de Eliseo Veron (1974).

**Fig.4** Semiosphere-Orden and Chaos. **Tatiana Plakhova.** <http://complexity-graphics.com>



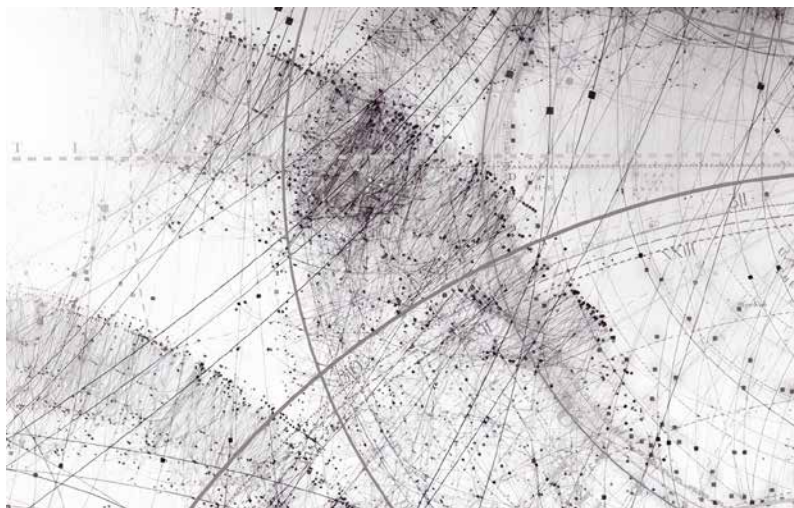
## **10. Pandemia, mediação e mediatização**

Esse tipo de processo de semiose social existe desde que culturas antigas produziram objetos, dispositivos e artefatos que atuam como signos de mediação entre o corpo e o meio sociocultural. Então, historicamente, com o surgimento de "mídias" de outra natureza (imprensa, imagens, livros, TV, sistemas digitais) acessamos as midiatizações propriamente ditas. Nesse sentido, os corpos pandêmicos envolvidos e rearticulados nos atuais processos semióticos de midiatização, têm intensificado a produção-circulação-reconhecimento de signos como uma rede ou tecido (termo preferido por Veron), interconectividade, fluidez e troca em alta velocidade de segmentos metonímicos: é o que chamamos turbossemiose social.

A turbossemiose social se baseia em um deslizamento contínuo a uma velocidade muito alta e intensa de metonímias, traços e trajetórias que produzem sentido em ipervelocidade e seguindo as leis do caos. É muito provável (mas seria necessário fazer pesquisas a respeito) que a semiosfera pandêmica tem sido um exemplo de produção-circulação-consumo de segmentos metonímicos em uma hipervelocidade de recepção, armazenamento temporário e envio de fragmentos de um tecido que não parou de ser refeito, fragmentado, recomposto e reconfigurado. Parafraseando Eliseo Veron: um cruzamento polêmico entre processos de produção e reconhecimento por meio de múltiplos efeitos de agenda que circulam e modificam o tecido social

Este último se explica pelo fato de que, do ponto de vista sociosemiótico, a discursividades são produzidas e deslocadas em relação a diferentes agentes e atores sociais que ocupam diferentes posições no tecido social: além disso, lembrando novamente Veron, o a tipologia, a consistência e a energia do vínculo social não são uniformes, mas dependem das posições que os sujeitos semióticos ocupam no espaço-tempo do tecido: pensemos, por exemplo, nas tensões semióticas produzidas durante a pandemia entre governantes e governados. entre epidemiologistas formalmente reconhecidos e grupos que negam o uso de vacinas, ou ainda nas tensões dioscursivas entre usuários de redes digitais e dispositivos virtuais, no violento choque entre as práticas de ajuste e os rígidos programas de lockdown.

**Fig.5** Semiosphere, Order and Chaos. **Tatiana Plakhova** <http://complexitygraphics.com>



## 11. Contato e circulação somática de metonímias

Estamos falando aqui do fenômeno socioemótico de uma redução significativa da desfagem espaço-tempo. Se assim for, seguindo algumas das propostas de Cingolani ( sobre a inclusão da dimensão dos corpos (inter-corporeidade) no esquema de Veron, a turbo-semiosfera pandêmica tem se caracterizado por um intenso processo intercorporal e metonímico de cuja aceleração e multiplicação ela tem , por fim, sobredeterminou a dimensão espaço-temporal das midiatizações tradicionais e também, levando a velocidade e intensidade das redes sociais a um limite histórico, em relação à sua eficácia comunicacional: especialmente por meio dos signos, traços e discursos de contato.

Contatos e recirculação de metonímias somáticas e emocionais em altíssima velocidade. As representações visuais e infográficas online da ciência formal, como painéis instalados na web, eram continuamente superados por traduções, respostas, reações ou pelo infodêmico generalizado.

Os programas de governo foram relativamente reprogramados em diversas ocasiões por pressões das redes sociais, mas quando as pessoas começaram a ocupar o espaço público e os sujeitos adotaram uma postura de resistência, muitos países deixaram de lado a possibilidade de retornar ao estado de lockdown. Esse aspecto, embora aparentemente simples e óbvio, parece muito relevante para nós. Revela que, ainda hoje, o uso e a ocupação dos espaços públicos como cenário político não desapareceram. Dentro da semiosfera pandêmica, muitos movimentos sociais aconteceram e as mídias digitais serviram como dispositivos para os agenciamentos u ensablagement coletivo de os corpos sociais: corpos em resistência.

## **12. Ecosemiosis, mundo e ciências da vida**

O contágio global e a pandemia como macronarrativa em rede, criaram a consciência semiológica que deve se aproximar progressivamente de uma nova epistemologia baseada na existência referencial de um macrossistema semiológico. Nesse sentido, precisamos de novas abordagens para as ciências biológicas, geográficas e ambientais (ciências da vida) capazes de gerar modelos híbridos de análise, percepção e compreensão do mundo em que vivemos. Queremos reiterar que, nesse processo de hibridização de dispositivos e práticas teóricas, os princípios do rizoma devem ser levados em consideração, especialmente para articulá-los com os esquemas ou modelos das Formas de Vida, da Semiosfera lotmaniana e da Semiose Ilimitada.



Unimos a ideia de criar ou desenhar novos modelos semióticos descritivos (mas ao mesmo tempo sensíveis e fenomenológicos) concebidos e desenhados a partir do conceito de ecossistema e de biosfera. A teoria da cultura de Lotman e seus primeiros modelos topológicos (inspirados na teoria matemática de Jordan)<sup>15</sup> foram construídos sobre a imagem da biosfera de Vernadsky, mas devemos expandir seu campo de extensão e escopo além do que entendemos como “cultura”, a semiósfera como um conjunto de textos sistêmicos ou extra-sistêmicos. Os novos modelos e conceitos da semiótica contemporânea devem buscar uma articulação entre o que entendemos, por um lado, como “cultura” e o que entendemos como “mundo da vida”. Parece, então, que devemos revisitar as relações semióticas entre a biossemiótica e a semiótica do texto, do discurso, de artefatos e dispositivos tecnológicos e da cultura.

### **13. Abordagens teórico-metodológicas e trans-disciplinaridade: mudar os limites**

Não voltaremos a um “estado de normalidade”. E isso ocorrerá tanto no nível da ciência e das práticas de vida, quanto no nível dos modelos, conceitos e teorias semióticas. A rede global de contágio e sua tradução cultural e semiológica, a pandemia como sistema complexo de ações, respostas sociais, narrativas e agenciamentos de enunciação coletiva, terão um efeito intenso na forma de construção de nos-

---

15 Para elaborar o modelo topológico da semiósfera, Lotman realiza sua própria versão das propriedades da Teoria da Curva de Jordan: uma topologia baseada na relação topológica entre o interior e o exterior (a solução visual é uma linha que ondula no plano). Mas consideramos que este modelo deve ser atualizado e renovado, pois não nos permite visualizar a enorme complexidade de uma macro-semiosfera como a atual (Mangieri, 2020). Para uma leitura da Curva de Jordan: [https://it.wikipedia.org/wiki/Teorema\\_della\\_curva\\_di\\_Jordan](https://it.wikipedia.org/wiki/Teorema_della_curva_di_Jordan), <https://www.emis.de/journals/DM/v61/art6.pdf>

sos métodos, conceitos e elementos de leitura, percepção e análise do mundo. O mundo dos signos (segundo um esquema de Umberto Eco) vai deslocar seus limiares, alargando o campo e até questionando a relevância teórica de seus próprios objetos de estudo, embora isso implique um processo transversal e transdisciplinar capaz de produzir um novo ajuste. O olhar semiótico se aproximará cada vez mais do olhar voltado para a compreensão e percepção de um ecossistema semiótico altamente complexo. Nesse sentido, a análise estruturalista (de primeira e segunda geração) voltada quase exclusivamente para o conceito de textos completos, fechados e com limites precisos, vai dando lugar progressivamente ao estudo, compreensão profunda e percepção sensível do mundo como macro-*-semiosfera* e um ecossistema aberto de signos, vestígios e índices numa tensão permanente entre o caos e a estrutura. Observamos que desde este século XXI o olhar semiótico vem integrando e expandindo (talvez de forma muito tímida) os princípios da indeterminação, da incerteza e da complexidade sistêmica, do olhar atento à mudança e do deslocamento dos limites disciplinares. Falamos do efeito de transbordamento dos limites como uma característica essencial e semiológica do mundo entrelaçado dos signos e da vida. A pandemia pode ser lida como uma semiose que ultrapassa os limites e que manifesta (de forma intensa e com a figura semiótica do excesso e do contágio) as formas elementares de vida. Assim, se devemos sempre de alguma forma construir nossos modelos com base em alguma homologia (entre o mundo semiótico e o mundo da vida), é lógico supor uma transformação progressiva da semiótica: como semiótica do mundo natural, como *semiosfera* ou como semiose ilimitada.

**Fig.6** Semiosphere. Inside complexity portrait. **Tatiana Plakhova.** <http://complexitygraphics>



## 14. Algumas conclusões

Uma das conclusões a que chegamos é que, quando nos deparamos com fenômenos de complexidade semiótica tão elevada quanto a pandemia, é necessário construir meta-discursos teóricos híbridos. A articulação ou combinação de uma metodologia mais híbrida que permite analisar, perceber e descrever a complexidade da pandemia. A pandemia (e concordamos com isso) é um processo de intensificação da complexidade sistêmica que é a característica fundamental de todos

os sistemas de seres vivos. A pandemia é, portanto, uma expressão da complexidade caótica de um ser vivo que entra em contato explosivo com o ecossistema planetário. Mas também concordamos fortemente com os semiólogos que finalmente começaram a considerar os polisistemas das redes sociais como um ecossistema vivo, dinâmico e em mutação. O que é relevante, para nós, é estabelecer por enquanto um isomorfismo estrutural entre um ecossistema semiótico virtual-digital e um ecossistema biosemiótico<sup>16</sup>.

O vírus é uma matéria viva (ainda pré-semiótica) do ecossistema vivo. A pandemia é um ecossistema sociocultural e discursivo que tenta manter uma certa ordem interna, um *equilíbrio homeostático*, um controle cultural e científico sobre o caos e a incerteza: por isso tem que se reaprender no decorrer dos acontecimentos. O vírus é uma entidade da *biosfera*. A pandemia é um polissistema dinâmico vivo (Even-Zohar 1990, 2005), uma *macrosemiosfera* e, ao mesmo tempo, o espaço-tempo de intensas mediações, deslocamentos metonímicos e somáticos rápidos de sentido. A semiosfera pandêmica também tem sido uma *arte do motor* (Virilio 1995, 2005).

Ainda não sabemos se o COVID-19 como sistema de contágio vivo poderia ser finalmente traduzido e interpretado pela macro-semiosfera pandêmica e (se isso ocorrer) armazenado, filtrado e organizado em

---

16 Os estudos e propostas de um ecossistema mutante e midiático foram realizados por vários pesquisadores italianos: Nicola Dusi, Guglielmo Pescatore, Claudio Bioni, Veronica Innocenti, Ruggero Eugeni e outros (ver referências bibliográficas). Pensamos ser necessário transferir metodologicamente essa posição teórica para as culturas entendidas como semiosferas mutantes, adaptativas, homeostáticas, um jogo constante entre a ordem o caos. O leitor deste ensaio também pode observar as obras visuais e digitais da artista Tatiana Plakhova. Inserimos algumas de suas obras neste texto como metáfora visual para nossa pesquisa. <http://complexitygraphics.com> . O uso das imagens foi autorizado pelo artista.

<https://designcollector.net/likes/information-diving-by-tatiana-plakhova>

*centros de memória histórica e cultural*. Este processo apenas começou a se definir e mostrar seus sinais e traços de reconhecimento.

Parece-nos que, se pensarmos em um dispositivo teórico eficaz que possa perceber, sentir e descrever um fenômeno como a pandemia por meio de conceitos e *modelos híbridos*, (Mangieri 2006, 2020) o resultado da pesquisa será mais consistente com a complexidade de sua campo de estudo. A hibridização em que estamos pensando deve articular pelo menos cinco meta-discursos principais: (1) Um modelo revisado e atualizado da *semiosfera* que inclui a relevância semiótica das redes globais, (2) O modelo de *semiose social* de Eliseo Veron, mas atualizando a questão da desfaseagem entre a produção e o reconhecimento, (3) O modelo geral das *Formas de Vida* de Jaques Fontanille e o semiótica do risco de E. Landowski, (4) A teoria dos *sistemas complexos* de Edgar Morin (2004,2010) (5) A teoria do *rizoma* e os agenciamentos de Deleuze e Guattari.

Universita di Modena, Reggio Emilia

## **Bibliografia**

AGAMBEN, Giorgio (2004). Estado de excepcion, Valencia, Pre.textos.

BISONI Claudio, INNOCENTI Veronica, PESCATORE Guglielmo (2013). Media Mutations: gli ecosistemi narrativi nello scenario mediale contemporaneo. Modena, Mucchi editore

CINGOLANI, David (2018). Cuerpos y Redes. Una lectura de las teorías de la discursividad y de la mediatización de Eliseo Veron, en Designis 29, Buenos Aires, La Crujia ediciones.

DE CERTAU, Michel (2009). L'invenzione del quotidiano, Roma, Edizioni Lavoro

DELEUZE, Gilles ; GUATTARI, Félix (2013). Mille plateaux, Paris, Minuit

DUSI, Nicola (2019). Confini di genere, Perugia, Morlacchi editore

ECO, Umberto (1975). Trattato di semiotica generale, Milano, Bompiani

\_\_\_\_\_ (2007). Dall'albero al labirinto, Milano, Bompiani

EVEN-ZOHAR, Itamar (1990). Polysystem Studies". Poetics Today 11:1]. Durham: Duke University Press.

\_\_\_\_\_ (2005). Polysystem Theory revised", Papers in Culture Research. Tel Aviv: Porter Chair of Semiotics.

<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/summary?doi=10.1.1.112.4768>

FONTANILLE, Jacques (2015) Forme de vie, Liege, Press Universitaire

\_\_\_\_\_ (2019). Semiosphere Challenged by Anthro-Se-miotic Enunciation / La sémiosphère mise à l'épreuve de l'énonciation anthropo-sémiotique. Bakhtiniana, São Paulo, 14 (4): 61-82, Oct./Dec. 2019. Available: <http://dx.doi.org/10.1590/>.

LANDOWSKI, Eric (2016). Rischiare nelle interazioni, Milano, Francon Angeli editore

LOTMAN, Juri (1985). La semiosfera. L'asimmetria e il dialogo nelle strutture pensanti, Venezia. Marsilio

\_\_\_\_\_ (1998 ) La semiosfera II, Catedra, Madrid

\_\_\_\_\_ (2010) Culture and Explosion, Berlin., Mouton de Gruyter editors

MANGIERI, Rocco (2006). Tres miradas, tres sujetos: Eco, Lotman, Greimas. Madrid, Biblioteca Nueva

\_\_\_\_\_ (2020). Pandemics Semiosphere and global network: the space turn in Juri Lotman Model of Culture. Amir Biglari editor, Open editions Journals, Paris, Harmattan (en prensa)

MORIN, Edgar (2004). Il metodo II: La vita della vita, Firenze, Raffaello Cortina editore.

\_\_\_\_\_ (2010). Pensar la complejidad: crisis y metamorfosis. Valencia, Universidad de Valencia ed.

ROSA, Hartmut (2016). Alienación y aceleración: Hacia una teoría crítica de la temporalidad en la modernidad tardía, Buenos Aires, Katz Editores

VERON, Eliseo (1974). "El cuerpo significante", en Semiotica y Educacion, Barcelona, Paidos

\_\_\_\_\_ (1977). La semiosis social, Barcelona, Gedisa

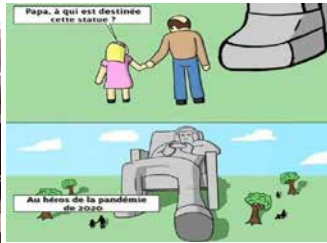
\_\_\_\_\_ (1999). Efectos de agenda I, Barcelona, Gedisa

\_\_\_\_\_ (2001) Espacios mentales: Efectos de agenda II, Barcelona, Gedisa

VIRILIO, Paul (1996). El arte del motor, Buenos Aires, Editorial Manantial (2020). The Great Accelerator. London, Polity Press







# Antropología Cultural del Meme Covid 19

## Estrategias de comunicación entre epidemia y pandemia

Lucrecia Escudero Chauvel

### 1. Introducción

Durante la gran epidemia de Sida de finales de los años ochenta que explotó en el momento bisagra del paso a la sociedad global -que es como decir, de un mundo a otro- con la industria de las comunicaciones organizando la convergencia tecno-económica que conocemos como globalización, realicé junto a Eliseo Veron una investigación pionera sobre el tratamiento del Sida en los medios franceses para el Consejo Nacional del Sida presidido por la antropóloga Françoise Héritier (Escudero Chauvel-Veron et a. 1993). Hay diferencias y similitudes con esta pandemia.

La primera es sin duda la forma de transmisión y contagio, circunscrito a prácticas específicas -el sexo y el intercambio de jeringas - en el Sida y difuso en el Covid-19. Si bien el preservativo y la máscara son los dos antihéroes designados, esta última no ha sufrido las anatemas papales que vivió la prevención sexual. La diferencia es crucial porque una cosa es saber cómo protegerse - sexo seguro con preservativo en las llamadas prácticas a riesgo, uso único e individual de jeringas - y otra muy diferente es tener que llevar una máscara en la vida cotidiana. Si el espacio privado era potencialmente peligroso en el primer caso, ahora estamos frente a un espacio público amenazante con posibilidades de contagio.

También afecta a los colectivos discursivos de identificación necesarios para organizar una campaña de prevención eficaz: ¿quién es el que habla y a quién se dirige? Si bien todas las campañas de salud pública tienen como referente la población en general, muy tempranamente el virus HVI se fue perfilando dentro de un universo de prácticas sociales restringidas. Recordemos la célebre campaña SI-Da/ NO-Da del gobierno español, con su música pegadiza y sus muñequitos que decían Sí y No sobre las formas del contagio, que se volvió paradigmática para el mundo en lengua española, o la fotografía de la Princesa de Gales tomando la mano de un enfermo terminal de SIDA, ¡sin guantes! Las campañas Covid19 mostraron un único modelo de comunicación vertical subrayando más que la forma del contagio (las gotas que emite la respiración) las formas de la prevención.

Se ha comparado a la pandemia actual con dos fenómenos que la preceden: la gripe española de 1918 por la virulencia y el número de muertos y el Sida por la complejidad del virus, la incertidumbre inicial sobre las formas de propagación y el desafío científico en la búsqueda de una vacuna. Si el Sida ha sido por excelencia la epidemia de entrada en la postmodernidad mediática - los medios adquieren una hiper-visibilidad que los hace centrales en la construcción de las formas de

percepción de los problemas de interés público y en la construcción del lazo social-, el Covid19 interroga profundamente a la sociedad en la era de la globalización: desplazamientos, flujos, contaminaciones, desigualdades económicas y culturales, manipulaciones políticas se despliegan sobre un fondo de crisis del modelo de desarrollo neoliberal. El hecho que se trate de una zoonosis, una enfermedad transmitida por los animales, como el ESB y el SRAS disparó la alerta ecológica y nuestras prácticas individuales, individualistas y colectivas en el cuidado de lo común, nuestro planeta, discutiendo en el fondo sobre la ética ciudadana.

Complejo revelador de los elementos positivos de este periodo de la mediatización, como es la rapidez no solo del contagio sino de la información -siempre en tiempo presente y en continuado- y la existencia de una comunidad global de científicos abocados a la búsqueda de una vacuna, muestra también sus aspectos negativos: las sociedades han descubierto con estupor la falta de prevención de sus clases dirigentes, abocadas a políticas cortoplacistas que excluyeron, como es el caso francés, hipótesis de crisis a largo plazo. El concepto de "soberanía sanitaria" se abrió así camino para señalar la importancia fundamental de políticas de seguridad y de educación a la salud pública, que se habían dejado peligrosamente de lado.

El Sida como ninguna otra enfermedad lo había hecho precedentemente, contribuyó a interrogar a la sociedad en sus prácticas individuales más íntimas, el Covid19 se vuelve la pandemia de la paradoja de la globalización restringiendo la circulación de las personas y su contacto.

## 2. Acuerdos y desacuerdos

Históricamente las emisiones de televisión abierta sobre el Sida aparecieron en la Unión Europea cuando este empezó a ser percibido como una amenaza para el conjunto de la sociedad(1986), hasta ese momento era considerado un "cáncer gay" con todo lo peyorativo y discriminatorio de la carga semántica de esta nominación. Analicemos las principales diferencias con el tratamiento mediático<sup>1</sup> del Covid19:

### a. *Los colectivos de identificación*

Entre 1985 y 1986 salen al aire los primeros programas en EEUU acompañando las interrogaciones que se hacia la opinión publica americana porque, identificado inicialmente con la comunidad homosexual, el Sida se fue transformando paulatinamente en una enfermedad que "todo el mundo podía atrapar" como afirmabantos participantes de las emisiones francesas (Escudero Chauvel 1997). Dos elementos iniciales del plano del contenido que permiten una primera comparación conel tratamiento mediático del Covid19: la formación de un colectivo de identificación, es decir la nominación determinativa de población homosexual frente a un colectivo difuso, indeterminado, como es el de población en general . Esta diferencia enunciativa determinado/indeterminado tiene consecuencias directas en la aplicación de programas de prevención y educación pública.

Es muy diferente tratar, desde el punto de vista de una estrategia de comunicacion, con "poblaciones a riesgo" especificas (los ho-

---

1 Para ambos casos utilizo a las cadenas abiertas de televisión y posteriormente un corpus de memes específicos al Covid19 circulando en las redes sociales.

mosexuales y los toxicómanos) es decir caracterizadas a partir de prácticas sociales concretas, que dirigirse a segmentos estadísticos generales de población civil: la "población a riesgo" del Covid19 son los mayores de 70 años, pero nada nos dice de las practicas intimas de ese fragmento etario. De hecho una colección completa de memes humorísticos sobre la tercera edad y el virus han circulado por las redes.

#### b. *La temporalidad*

Enfermedad a "largo plazo" entre su declaración y la muerte, el Sida tiene una temporalidad vital diferente al tiempo de los medios, mientras que el Covid19 es inicialmente violentamente mortal entre la aparición de los síntomas y las estadísticas de las muertes. Efectivamente durante la década de los años noventa del siglo pasado el Sida se va instalando en los medios como una enfermedad crónica que puede ser tratada -pero no curada- como la diabetes. Acompaña esta transformación del orden delo científico -no hay vacunas pero si triterapias- la desaparición del concepto de "urgencia" que había sido hegemónico durante los primeros años, reemplazado por un recordatorio ritual el primero de diciembre de cada año como el Día Mundial de la lucha contra el Sida. Si bien las fronteras de la enfermedad explotaron en la siguiente década, no afecto a Europa que controlo parcialmente la propagación, sino al África Subsahariana, con la secuela alucinante de niños huérfanos y por consiguiente se relega noticia al espacio de lo típico, con ese cinismo utilitario que acompaña a menudo a las políticas de programación de la televisión tradicional. Esta transformación temporal y temática se compensa en el Covid19 por una extensión territorial, de allí que la OMS habla de "pandemia", reservando la nominación "epidemia" para el Sida. Estos regímenes de temporalidad diferentes afectaran la construcción de la informacion y las agendas.

c. *El encuadre de la información*

La prensa fue la primera en hacerse eco de la aparición del HVI y las investigaciones sobre su rol muestran hasta qué punto el Sida se fue metamorfoseando de scoop en continuous news a medida que las formas de encarar científicamente la enfermedad se iban transformando a su vez, hasta desaparecer completamente de la superficie de los medios al entrar en el siglo XXI, no porque la enfermedad haya desaparecido -como lepra en la Unión Europea- sino porque dejó de ser noticiable (Escudero Chauvel 2005). La categoría de continuous news implica un tema de interés social recurrente, lo que los americanos llaman issues, como por ejemplo la guerra Palestino-Israelí, que siempre estará allí como telón de fondo de la crisis en el Medio Oriente, o actualmente el Sida que entro en el panteón de las grandes enfermedades del siglo XX. La gripe española, al que el Covid19 ha sido frecuentemente comparada por ser ambos virus respiratorios, deja de ser noticia con la aparición de la penicilina y de los antibióticos en general. La gripe española ha pasado a la categoría de Historia de la Medicina y como tal es llamada en causa en documentales específicos como efecto colateral de la guerra 14-18.



Meme argentino



Primer meme que recibí en marzo 2020 desde Italia

Por su parte el Covid19 salto de scoop (descubrimiento) para rápidamente pasar a developing news, es decir aquellas noticias cuyo tópico principal se va enriqueciendo con nuevas informaciones, lo que transforma la orientación original de la noticia y la percepción del fenómeno. Es en este terreno de representación donde se inserta la interrogación sobre el contagio: siendo un virus difuso ¿por qué no podemos tocar a nuestros ancianos y niños? ¿Se puede hacer el amor con su pareja cuando no sabemos si es positiva? ¿Qué hacemos con la ropa cuando volvemos a casa del mercado? ¿Los alimentos pueden contagiarnos? ¿Por qué en Lombardía? Podría tratarse de un déficit importante de las campañas de comunicación institucional, pero me resulta claro que aquí la forma de transmisión no está circunscripta a un grupo de riesgo específico sino que se difunde como una mancha de aceite en todos los estratos sociales. Un virus globalmente amenazante. Las campanas y las informaciones se desarrollaron entonces en el eje de interiorizar las practicas sociales del lavado exhaustivo de manos, uso de barbijos, limpieza con lavandina etc.

#### d. *Individualismo vs colectividad*

Cuando se venció el tabú de la declaración de ser portador del VIH-1 -lo que era implícitamente salir del closet y reconocer su homosexualidad – y aparecieron los primeros enfermos famosos, como Rock Hudson y Rudolf Nureyev, seguidos de intelectuales como Michel Foucault o escritores como Manuel Puig, la comunidad homosexual se abroqueló en su dignidad y contraatacó con un tam-tam que atravesó el planeta creando organizaciones de lucha, defensa e investigación. El Sida se volvió así una causa política, marcando los hitos de la lucha por los derechos igualitarios que culminan con el cambio de legislaciones, homologando los matrimonios y la paternidad. Una transformación social y de costumbres siguió la apa-

rición del virus y sus muertos no fueron en vano. La comunidad homosexual se cuidó colectivamente a partir de un cambio de práctica individual. Nada de esto sucede con el Covid19 dondese parte de una injuncion colectiva "Quédese en su casa" que vuelve pasivo al ciudadano y el repliegue sobre sí mismo es caución de salvación colectiva. No es casual el debate sobre los alcances y la legalidad de mantener a las personas en confinamiento indefinido.



e. La metáfora de la guerra

La metáfora "estar en guerra", causa colectiva por excelencia, fue casualmente usada en el "combate" contra el Sida y en la alocución presidencial del presidente francés Emmanuel Macron cuando declaró el confinamiento en el mes de marzo 2020 de un día para otro, justificando que se estaba "en guerra". Otros países como España la habían usado (Peñamarin2020). En el caso del Sida tuvo una funcionalidad específica como fue reforzar la dimensión pragmática que recorría los programas de talk-show y las variedades, los panelistas y los periodistas llamaban a la acción en la lucha contra el Sida, señalando la inacción de las autoridades. Recordemos que



en el pico más alto de la epidemia, tuvo lugar en Francia el escándalo de las transmisiones sanguíneas infectadas con HIV en los hospitales públicos causando la contaminación y muerte de más de mil casos, todas las clases etarias confundidas. La opinión pública estuvo en estado de moral panic y fueron procesados y condenados los responsables, entre ellos el ministro de Salud Laurent Fabius que renunció a su cargo. Con el caso del Covid19 la metáfora aparece en un marco institucional: emana de la más alta autoridad del Estado, asegurando que se darían todos los medios económicos para la prevención, la investigación y la cura. Si bien la sociedad francesa tardó un tiempo en ajustarse no salió de su casa y se respetaron las consignas esperando el desconfinamiento. La metáfora de la guerra trae reminiscencias en el imaginario colectivo, de cuando caían las bombas durante la WWII y había que refugiarse en búnkeres o subterráneos. Es la primera vez que cuatro generaciones comparten el tiempo y el espacio de esta pandemia y nos traen con sus recuerdos, imágenes de otros confinamientos y de otras claustrofobias. Un virus que, como con las bobinas de las películas de celuloide o el comando a distancia, puede acelerar o retardar las imágenes, un mix de experiencias colectivas pasadas y compartidas, un imaginario también heroico.



Estación Aldwych del subterráneo londinense durante uno de los bombardeos durante la WWII

f. Confrontados a la lógica de los medios

El estudio pionero en televisión al que hice referencia tuvo como objetivo analizar como la enfermedad se instaló en el corazón del debate social y hasta qué punto los medios contribuyeron al diseño de las representaciones sociales. Tratando de ver el rol de los géneros televisivos, las relaciones entre géneros y formatos y las modalidades discursivas, nuestra hipótesis fue que los individuos no están solamente relacionados con una única lógica de información – en el sentido de atentos a las campañas de prevención – sino que los medios ayudan a la construcción del tejido de representaciones sociales pero sobre todo a las segmentaciones e identidades de sus públicos y del contrato enunciativo que se establece (Escudero

Chauvel 2000). El talk-show, formato específico de la televisión y de la radio -pero no de la prensa ni del cine- fue funcional al virus y este fue funcional al formato.

Es imposible comparar desde el punto de vista de una lógica de los medios una epidemia que tuvo lugar históricamente en un periodo de producción de sentido como fue la postmodernidad, con una pandemia instalada en el corazón de la hipermediatización y la explosión de las redes sociales como canal hegemónico y popular del estado de la opinión. Para avanzar en nuestra comparación entre el VIH-Sida y el Covid19 es importante introducir dos elementos fundamentales en la producción informativa: los géneros y los formatos, pero, son todavía operativas las clásicas categorías de género y formato?

Definir la noción de género – uno de esos conceptos migratorios entre la historia del arte y la literatura- ha sido uno de los grandes problemas tradicionales del análisis de la comunicación de masas ya sea para refutarlo o proponer transformaciones. (Veron 1988, 1999; Steimberg 1993). Esta importancia reside a mi modo de ver en el hecho que los géneros y los formatos que se diseñan en su interior estructuran los hábitos de consumo, diseñan esquemas de percepción a partir de los cuales interpretar lo social, pero sobre todo son históricos, de allí el borramiento y contaminación actual de sus fronteras. Los géneros están en la base del contratemediático, sea este ficcional o veredictivo como por ejemplo el que se encuentra en la base del género informativo.

Si el Sida se transformó con el paso del tiempo de breaking news al género documental, el Covid19 ocupa centralmente la información de los noticieros o de cadenas de información como BFM que llegó a transmitir en continuado al inicio de la pandemia, en un verdadero monopolio de la agenda televisiva – y un extraordinario esfuerzo de producción y cobertura- y los talk-shows. Aquí no hay hibridación genérica que es típica de la mediatización contemporánea. Mientras que el HIV

atravesó todos los géneros, inclusive los programas de Variedades, el Covid19 es estrella de los programas de discusión donde se presentan siempre los expertos, algún miembro del gobierno o del staff sanitario, encuestadores y periodistas. Es curioso porque mientras el humor circula en las redes sociales el Covid19 está responsablemente asentado en los géneros canónicos, y a la inversa: el Sida no penetra jamás los formatos lúdicos y sobre todo nadie se reía de esta epidemia. Volveremos sobre el tema cuando analizaremos la enorme profusión de memes sobre la pandemia.

Cuando analizamos en 1993 el corpus de 800 emisiones de los diferentes canales de la televisión abierta francesa comprobamos que hubo una gran estabilidad durante toda la década de los Noventa. Por ejemplo una emisión feroz del canal estatal FR3 La Marche du Siècle, conducida por el emblemático periodista Jean María Cavada, o emisiones de variedades como Ciel mon Mardi animado por el periodista Christophe Dechavannes en el canal abierto privado TF1, emisiones de reportajes como Envoyé Spécial en el canal público France2 o de salud como Santé à la Une en TF1 que se mantienen aún hoy en la parrilla de programación. Se confirma la hipótesis de Eliseo Veron para quien el Sida era la enfermedad mediática por excelencia (Veron 1992).

Para encontrar diferencias interesantes en el tratamiento de ambos fenómenos mayores en la historia de la salud pública mundial, tenemos que introducir dos elementos metodológicos al análisis: los formatos y las dimensiones discursivas.

El formato define el contexto de enunciación de una emisión, es el marco en el que se produce el contrato mediático, por ejemplo las modalidades de la puesta en escena, de la toma de la palabra, las rupturas de la temporalidad, los aspectos plásticos son todos elementos que organizan lo televisivo determinando la discursividad de los actores sociales (de Signis n°7/8 2003). Cada formato comporta una estrategia hegemónica o determinante, una utilización particular de un cierto

tipo de decorado (exterior/interior), de manipulación de la luz, del sonido, pero sobre todo un cierto tipo de circulación de la palabra. Si se había considerado que el formato talk-show había caído en desuso como productor de sentido de la actualidad (el ágora democrática) (Escudero Chauvel 2000), el COVID19 lo resucita y lo coloca como el formato faro de la pandemia.

Nunca se discutió tanto sobre salud en TV, nunca se le dio tanto espacio a la toma de la palabra en ensayos periodísticos y hasta en colecciones editoriales ad hoc. Importantísimos centros de docencia e investigación como Sciences Po y la Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales organizaron debates en zoom, video conferencias, o carnets de notas y hasta colecciones on line al servicio de la expresión de la comunidad científica nacional e internacional. La dimensión cognitiva ha sido la dominante con el uso del discurso científico y la palabra del experto. Todo punto de vista ha sido bienvenido<sup>2</sup>. Al contrario, durante el tiempo que el HIV Sida ocupó los medios franceses, el formato dominante fue el montaje-documental intimista y testimonial: diálogos, relatos en off, confesiones, construcción de la intersubjetividad a flor de piel, coming out de jóvenes frente a sus padres, relatos de vidas truncadas "hasta que me contagié" porque siempre hay un relato específico sobre la forma del contagio y el espectador imagina los contextos de vida, los escenarios de recorridos vitales. La dimensión patémica, de empatía e identificación fue central.

Es cierto que con el Covid19 también hemos asistido a testimonios de sobrevivientes, pero como con los muertos en la televisión americana una especie de tabú hace que no se vean los enfermos y menos aún los decesos que pasan a ser una serie de números en la back-off de la pantalla, aquí el héroe no es el enfermo, como en el caso del Sida, sino el personal de salud.

---

2 Consultar la lista de una selección de sitios en esta Bibliografía

Postcuarentena: me acostumbre a pagar todo con aplausos



Una oposición productora de sentido como la de paciente/medico/ sociedad se diseña tanto en el Sida como en el Covid19. En este último caso culmina con una acción colectiva -es decir, en términos peirceanos se produce un hábito - como fue el aplauso global y planetario entre las 20-21HS en todos los balcones europeos como homenaje al personal de salud pública. Y habiéndose que: años de desfinanciamiento, de sueldos exigüos en relación con las responsabilidades asumidas, de falta de personal pero con una carga agobiante de burocracia administrativa volvieron al hospital público francés en un lugar inviable. De hecho, durante ocho meses este mismo personal aclamado hoy estuvo en huelga denunciando las condiciones de la salud pública en Francia, para enfilarse y levantar la huelga -en un acto ético sin precedentes- apenas se declaró la emergencia sanitaria, poniéndose en primera fila en la lucha contra la pandemia aun en condiciones de riesgo mayor como lo testimonian las numerosas muertes del personal hospitalario. Paradoja macabra, porque si algo ha hecho el neoliberalismo planetario de estos treinta años es desarmar pacientemente pero sin

pausa, implacablemente, el sistema de salud pública construido luego de la Segunda Guerra Mundial.

## 7. Semiosis del Meme

Pero la gran diferencia cualitativa entre las formas de comunicar el Sida y el Covid19 no reside tanto en el funcionamiento discursivo de los medios tradicionales que como hemos visto, mantienen sus formatos y programaciones, es decir, no alteran la lógica del medio con la llegada del virus, sino que reside en la circulación de material audiovisual en las redes sociales, memes, videos a menudo caseros, informaciones de todo tipo en las redes, plataformas de expresión que no existían cuando el Sida tuvo lugar. Frente al virus biológico, el meme, mensaje virósico por excelencia, héroe de Whatsup.

Si el Sida había generado por parte de los enfermos una respuesta colectiva política creando asociaciones, grupos de presión y activismo cultural, nada de eso sucede con el COVID-19, hijo de las sociedades del hiperconsumo, la hiper modernidad y el hiperindividualismo. Y de hecho no habrá una respuesta política sino individual pero de circulación virósica, basada en la poderosa defensa que suministra el humor. Porque durante el periodo de confinamiento yo recibía cada mañana y esperaba la serie de memes, minivideos y testimonios graciosos que me envían mis amigos, con los que me río mientras tomo el desayuno, aislada en mi cocina mirando a mi vecino de enfrente que está haciendo exactamente lo mismo, como una forma de vacuna que me permite afrontar el día. El humor es el antídoto individual de circulación colectiva que nos queda, hasta ahora, frente a la impotencia de los poderes públicos.

Nadie se reía ni osaba reírse del Sida, pero todos nos reímos con el Covid-19. ¿Por qué? Porque la situación trágica que se haya parado la economía del planeta y la casi totalidad de la población esta confinada

en sus casas o con circulación restringida se presta a la transformación humorística en la transgresión de la regla y de su puesta en discusión en sordina, mecanismo de base del humor. Hay que llenar este tiempo suspendido en un mundo que nos había acostumbrado al valor de la circulación y la rapidez del intercambio, y que se encuentra de golpe, de un día para otro, en suspenso. Y el humor contribuye a construir pequeños mundos posibles, fácilmente circulables, fragmentos de circunstancias de vida.

Si la situación trágica puede discutir la regla pero no la elimina, la situación cómica se basa en la transgresión de las reglas de la interacción simbólica que se supone conoce el cuerpo social (Eco 1983). Esto explicaría según Umberto Eco la razón por la cual el universo de los medios sea al mismo tiempo un universo de control y de regulación del consenso y un universo fundado sobre el comercio y el consumo masivo de los esquemas cómicos (Eco 1983:258). Una cultura global cuyo mecanismo de base sería el *entertainment*, el *amusement*.

Los memes son artificios semióticos, son las monedas de sentido puestas en circulación para ser intercambiadas. La naturaleza misma de la memesidad es la proliferación y el repique. El meme funciona en el doble plano del contenido (transmite un mensaje) y de la expresión (una imagen o un breve audiovisual). En cuanto a la forma del contenido está sometido a reglas de interacción simbólica que se violan o acatan según el contexto. En cuanto a la forma de la expresión es un formato breve con reglas de producción de base. Es por esta estructura interna que se presta al metalenguaje del humor por excelencia.



Plano del Contenido	Norma "No mataras"
Forma del Contenido	Mensaje " No aguanto a mi mujer"
Forma de laExpresión	Viñeta " Gordo alcázame el secador de pelo!"
Plano de laExpresión	Imagen Marido que entrega un revolver



Pero el meme no sería tal sin la dimensión contextual: "en el 5to día de la cuarentena". Al encuadrar un fragmento de la información del mundo real, lo transforma en artefacto discursivo y lo devuelve al receptor como instrucción de lectura que a su vez lo incita a renviarlo, ya sea por lo original, lo útil -tanta militancia memésica!- o simplemente lo cómico en una verdadera semiosis de renvíos.

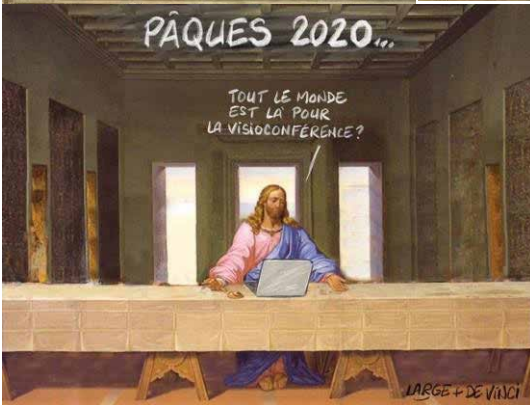
Porque como bien lo había señalado Bergson, para suscitar el efecto cómico, la conducta o la imagen recortada debe tener una amplitud social, existir una intención manifiesta, y existir reglas productivas (Traversa, 2014 citando a Bergson 1900).

Recibí innumerables memes fijos, tipo viñetas y memes en forma de videos como el célebre del perro que se asusta escuchando toser a su amo, el del italiano en slip de baño nadando sobre una patineta

alrededor de la cocina o el del viajero nostálgico de los aeropuertos caminando con una valija en la cinta de ejercicios de su casa. He seleccionado algunos que permiten ilustrar los mecanismos de la producción del efecto cómico como la incongruencia, el desplazamiento, la parodia ec. Pero sobre todo la amplitud del humor popular que produjo la pandemia. Desde el punto de vista de su producción encontramos memes artesanales o caseros y profesionales, y memes producidos como originales y los producidos por bricolaje. En orden alfabético:

a. Arte

Memes de circulación básicamente italiana, responden al mecanismo clásico del desplazamiento, el texto ilustra la imagen y el efecto es el anacronismo y distopia



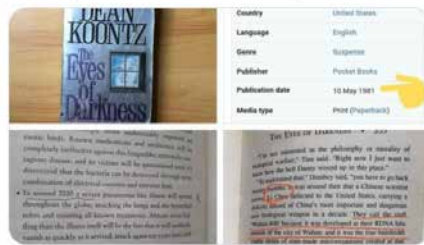
b. Complot y ciencia ficción



Dato paranormal y escalofriante: Esto no puede ser una mera coincidencia

En el año 1981 Dean Koontz escribe una novela de suspenso llamada "The Eyes of Darkness".

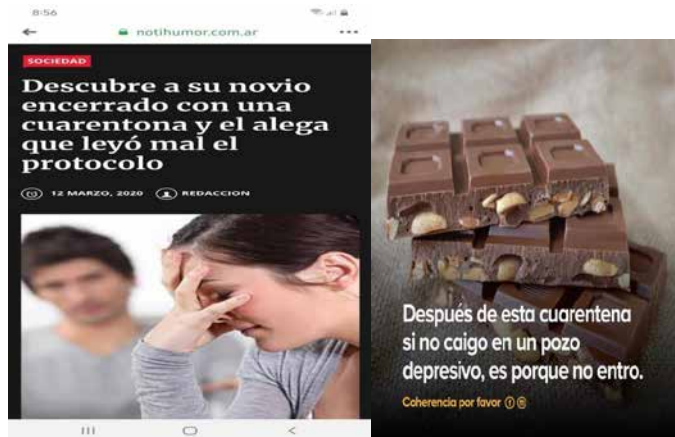
En ella describe cómo en el año 2020 surgirá en la ciudad de #Wuhan un nuevo virus que afectará a todo el planeta.



No podían estar ausentes la teoría del complot en sus diferentes variables y la representación de un mundo en una ucronía. El efecto cómico en el meme del Papase produce en el implícito en relación con el origen del virus pero sobre todo a la forma lingüística que tienen los argentinos para imitar el "habla" china (parodia).

### c. Cotidianidad

Esta categoría puede subdividirse en comida/bebida, estado físico/engordar, aburrimiento y rutinas. Muestran la banalidad de la vida cotidiana, las obsesiones más comunes (papel higiénico). Se les puede aplicar -siguiendo a Eco – las reglas del intercambio conversacional de Grice: el malentendido, la cantidad, la calidad, el modo y la intertextualidad



Violación de las reglas de intercambio conversacional



Parodia de la vida cotidiana, de las sesiones de gimnasia y de los sitios de encuentros

#### d. Desconfinamiento

Fuente inagotable de memes, el efecto se da en el desplazamiento entre la esperanzada salir algún día y la realidad. El mundo posible del meme recrea un espacio fueradel tiempo del confinamiento



Cuando tenés el habito de las reuniones por zoom!! El 11 de Mayo en el metro hace alusión a la fecha del desconfinamiento francés luego de 55 días.

e. Híbridos

Implica el borramiento de fronteras entre un género y otro, generando un producto diferente pero que guarda elementos de los géneros puestos en contacto: por ejemplo el discurso político o el ecológico. El efecto cómico se da por la estabilidad de ambos mundos y el dislocamiento que produce el absurdo. En el meme de la izquierda el preconstruido cultural es la palabra “gorila” aplicada en Argentina a los antiperonistas. En el de la derecha, el tigre blanco alude a las especies en vía de extinción. Estos ejemplos implican hibridación de discursos. Circularon innumerable cantidad de memes y videos sobre la libertad de los animales durante el confinamiento cuando el hombre se había retirado del territorio, que el animal vivía como propio.









**Sacaron a todos los viejos a la calle en plena pandemia. Ni Mengele se animó a tanto.**



g. Intertextuales

Más que una categoría es un mecanismo del humor. Se apoya en un mundo posible muy estable y apela al imaginario colectivo que comparte el mismo saber. Fraticelli (2019) ve en la intertextualidad un rasgo característico del humor hipermoderno, en su parodia de géneros. Desde mi punto de vista se imita a un texto tomado como modelo (el film) que se refiere a un mundo fuera del meme y se lo declina adecuándolo al contexto de la pandemia. El efecto es la incongruencia entre la forma de la expresión y del contenido.



#### h. Medios

Para el lector argentino Mirtha Legrand con la longevidad de su programa "Almorzando con Mirta" (50 años en el aire) es la heroína absoluta de los memes dedicados a los medios. Mecanismo de intertextualidad y juegos de palabras (Confinopolitan) aquí se trata de la transgresión a la regla de modalidad: lo longevo, la transmutación de las palabras



## Intertextualidad a partir de los medios

### i. Políticos

Categoría de contenido, tiene sus estrellas en Trump y la Reina Elizabeth II declinada contodas las máscaras posibles en colores diferentes haciendo juego con sus sombreros, y por el invicto de longevidad con Mirta Legrand en un preconstruido cultural sobre el enfrentamientoentre UK y Argentine. El meme más emblemático sobre la Reina es en el que exhorta a quedarse en sus castillos, paralelo del meme italiano del pobre sin domicilio fijo, que duerme en la calle cuando la comunicación oficial lo obliga a quedarse en su casa. Trump ha sido objeto desde su llegada a la presidencia de un sin número de chistes de todos los calibres. Referidos a la pandemia, porque es una condensación de su torpeza e ignorancia, es el dialogo con Angela Merkel, su interlocutor europeo obligada a escucharlo. En ambos casos el mecanismo es el mismo, la comicidad surge desplazamiento de la situación. Dos memes para terminar este panorama, el de agradecimiento al presidente argentino Alberto Fernández y el de las declaraciones del portavoz sanitario de EEUU.

En conclusion el meme en situación de pandemia permea las redes sociales, hemos visto ejemplos de Twiter, Facebook, Instagram o Wasup, y se vuelve universal en su vocación de unacomicidad que interroga la norma social (quédese en su casa) desplazándola hacia situaciones paradójales o claramente imposibles y porque otorga visibilidad a los preconstruidos culturales más arraigados. El meme es, en realidad, el primer formato específico de producción de sentido discursivo de las redes sociales. Y este mecanismo de circulación de mensajes no existía durante la epidemia del Sida.



## Condensaciones



El mundo posible del meme choca con el mundo real de la pandemia y el virtual de la comunicación "sin contacto", otra paradoja de este momento que pone a prueba la teoría de la comunicación cuanto a la Semiotica.

**Lucrecia Escudero Chauvel** es PHD en Semiotica, profesora de Teoria de la Comunicación en la Universidad de Lille3 y directora de deSignis, la revista de la Federación Latinoamericana de Semiotica. Actualmente es investigadora asociada del CERMA MOAM de la EHESS y del laboratorio LAPREC de la Universidad Autonoma de Barcelona.

## Bibliografía

AAVV (2020) Tracts de crise. Un virus et des hommes. 18 mars-11 mai 2020. Paris : Gallimard.

AAVV (2020) Sopa de Wuhan. Ediciones ASPO (e-books). Bergson, H. [1900] (2003) La risa. Buenos Aires: Losada

Eco,U. [1981](1983) "Il cómico e la regola". En Sette anni di desiderio. Milano: Bompiani. PP253-260.

Escudero Chauvel, L. (1997) « Aids on Television". En Rauch,I y Carr,G (eds) Semiosis Around the World: Synthesis and Diversity. Berlín, New York: Mouton de Gruyter. PP. 704- 708.

Escudero Chauvel, L. (2000) "Le Sida en réception : identités des publics ». Spirale n°25 Education pour la Santé. Lille: Presses de Septentrion. PP.201-215.

Escudero Chauvel, L. (2005) "Formato y discursividad. El caso del Sida en la televisión francesa". deSignis n°7-8 Los Formatos de la Television. Barcelona: Gedisa. PP.171-187 Escudero Chauvel, L (2020) « Semiosis del tiempo suspendido. En Hipermediaciones 28 marzo2020. <https://hipermediaciones.com/2020/03/28/semiosis-del-tiempo-suspendido/>

Escudero Chauvel, L.- Eliseo Veron et alii (1993) Le Sida à la Television française.

Déontologie, représentations médiatiques, enjeux de la prévention. Paris : Conseil Nationaldu Sida.

Fratlicelli, D. (2020) "La pandemia del humor". En #Hipermediaciones El humor comodefensa natural ante el #COVID19 #mediatizaciones <https://buff.ly/2VHpQgi>

Fraticelli, D. (2019) El ocaso de los programas cómicos. Buenos Aires: Teseo. Morin, E. (2020) "Festival de incertidumbres". En Tracts de crise n°54. Paris: Gallimard.

Peñamarín, C. (2020) "La imaginación post-pandemia y el peligro de las metáforas". Enrevista digital CTXT <https://ctxt.es/es/20200401/Firmas/31917/covid-19-imaginacion-metaforas-guerra-cristina-penamarin.htm>

Revista deSignis n°7/8 (2003) Los formatos de la televisión. Número coordinado porCharo Lacalle.

Steimberg, O. (1993) Semiotica de los medios masivos. Buenos Aires: Atuel.

Traversa, O. (2014) Inflexiones del discurso. Cambios y rupturas en la trayectoria del sentido. Buenos Aires: Santiago Arco Editor/SEMA.

Veron, E.(1988) « Presse écrite et théorie des discours sociaux : production, réception, régulation ». En AAVV La Presse. Produit, production, réception. Paris : Didier Erudition.

Veron, E. (1992) Le Sida, une maladie d'actualité. Paris : Conseil Français pour la Santé. Veron, E. (1999) Efectos de agenda. Buenos Aires: Gedisa.

## **Sitios en Línea**

Le Monde à l'épreuve du Covid-19. Paris : CERI-Sciences Po.

Coronavirus, néo-conservatisme et totalitarisme : le cas de la Chine

par Jean-Louis Rocca

Des récits politiques multiples, nourris des incertitudes scientifiques

par Karoline Postel-Vinay

La situation en Amérique latine. Entretien avec Olivier Dabène et Román Perdomo

par Olivier Dabène et Román Perdomo (École doctorale de Sciences Po, stagiaire à l'OPALC)

Coronavirus. Regards de l'École des Hautes Etudes en Sciences Sociales. [Ehess.fr/fr/echos-recherche/coronavirus-regards-ehess](https://ehess.fr/fr/echos-recherche/coronavirus-regards-ehess).

Les pandémies, moteur de l'Histoire ? Revue de Presse.

« Les maladies infectieuses ne disparaissent-elles vraiment jamais ? », Patrice Bourdelais, France Info, 29/07/2020

« Épidémies : il était une fois la maladie », Anne Rasmussen, France Culture, 11/06/2020

« Avec le coronavirus, notre vision du monde s'est rétrécie comme jamais », Didier Fassin, Le Monde, 24/05/2020

« La pandémie marquera-t-elle un tournant dans notre histoire, ou une simple parenthèse ? », Pierre-Cyrille Hautecour, Le Monde, 14/05/2020

« Méditations saturniennes », Sylvain Piron, AOC, 27/04/2020

« Mémoires du confinement : les archivistes déjà à l'œuvre pour documenter cette période inédite », Arlette Farge, Sud-Ouest, 26/04/2020



« Déconfinement : "Notre quotidien va être totalement bouleversé", explique un historien », Georges Vigarello, RTL, 25/04/2020

« L'humanité a toujours vécu avec les virus », Anne Rasmussen, Le Journal du CNRS, 17/04/2020

« Coronavirus : «Avec cette crise, il y a un danger mondial de mettre de l'irrationnel au cœur du politique" », Pierre Judet de la Combe, La Croix, 15/04/2020

« Cette pandémie est le signe que l'espèce humaine peut disparaître », Frédéric Keck, L'Humanité, 03/04/2020

« Covid-19 : le regard de l'historienne Anne Rasmussen », Anne Rasmussen, Arte, 28/03/2020

« Emanuele Coccia : "Le virus est une force anarchique de métamorphose" », Emanuele Coccia, Philosophie Magazine, 26/03/2020

« Covid-19, Ebola, peste noire... nos sociétés face aux maladies, avec l'historien Frédéric Vagneron », Frédéric Vagneron, GEO, 18/03/2020

Jacques Rancière / Andrea Inzerillo

« Viralité/Immunité: deux questions pour interroger la crise » - Institut français

### **Sitio Mediapart**

« L'épreuve politique de la pandémie » Mediapart 19 mars 2020 <https://www.mediapart.fr/tools/print/863296>

### **Sitio Lundi matin**

« Des chauve-souris et des hommes : politiques épidémiques et covid19 »  
»<https://lundi.am/Des-chauve-souris-et-des-hommes-politiques>

Entretien avec l'anthropologue Frédéric Keck paru d lundimatin#234 (16-mars), le 21mars 2020

### **Sitio Gallimard**

<https://tracts.gallimard.fr/fr/products/tracts-decrise-n-54-un-festival-d-incertitudes>. 21avril 2020

### **Sitio Le Monde**

[https://www.lemonde.fr/planete/article/2020/08/04/covid-19-le-conseil-scientifique-appelle-a-se-preparer-a-une-deuxieme-vague-a-l-automne\\_6048101\\_3244.html](https://www.lemonde.fr/planete/article/2020/08/04/covid-19-le-conseil-scientifique-appelle-a-se-preparer-a-une-deuxieme-vague-a-l-automne_6048101_3244.html)

### **Sitios de Memes**

Coronavirus : des "memes" pour en rire malgré le confinement  
[www.neonmag.fr › coronavirus-des-memes-pour-en-rir...](http://www.neonmag.fr/coronavirus-des-memes-pour-en-rir...)

16 avr. 2020 - ... une règle immuable de l'humanité, depuis l'invention d'internet : un drame, un **meme**. Et sur le **Covid-19**, il y a encore de quoi faire. Florilège.

Coronavirus : top 40 des memes sur la quarantaine et le ...  
[hitek.fr › top-meme-coronavirus-confinement-quaranta...](http://hitek.fr/top-meme-coronavirus-confinement-quaranta...)

Notre sélection des memes sur le coronavirus - Petit Paumé  
[petitpau-me.com › article › top-meme-confinement](http://petitpau-me.com/article/top-meme-confinement)

Notre sélection de memes sur le coronavirus (Volume 2) [petitpaume.com](http://petitpaume.com) › article › selection-memes-coronaviru...

The best coronavirus memes :) [Memedroid fr.memedroid.com](http://Memedroid.fr) / memes / tag / coronavirus

Coronavirus: les meilleurs blagues sur le professeur Didier ... [www.mariefrance.fr](http://www.mariefrance.fr) › psycho › ca-fait-du-bien › chlor...

Les mêmes à l'ère du coronavirus - Journal Métro [journalmetro.com](http://journalmetro.com) › local › verdun › les-memes-a-l'ère...

15 mai 2020 - Les **mêmes** à l'ère du **coronavirus** ... de la pandémie,

le **coronavirus** monopolise l'actualité et les **mêmes** sur internet vont dans le **même** sens.

16 avr. 2020 - ... une le immuable de l'humanité, depuis l'invention d'internet : un drame, un **memes**. Et sur le **Covid-19**, il y a encore de quoi faire. Florilège.

Coronavirus : top 40 des memes sur la quarantaine et le ... [hitek.fr](http://hitek.fr) › top-meme-coronavirus-confinement-quaranta...



# **Signos sociais como ponto de encontro entre a Semiótica e Psicanálise**

Manoella Neves

## **Apresentação do caso**

O artigo a seguir apresenta-se como um ensaio – apesar de não ter sido escrito em primeira pessoa - onde se busca uma aproximação entre a concepção de signo, nas Semióticas sobretudo de Peirce e Bakhtin, com a Psicanálise lacaniana. O exercício aproximativo se deu a partir da entrevista concedida pela médica e psicanalista, Maria Carolina Marques ao Ciseco Entrevistas com o tema: 'Psicanálise, pandemia e hibridização da verdade'.

A partir do tema da entrevista que traz a questão da pandemia e da verdade em jogo nos tempos vividos, considerou-se então os assuntos

como signos sociais, de modo que, sem prescindir dos estudos semióticos de Peirce, a concepção de signo bakhtiniano se mostra em maior evidência nesse texto.

Cientes sobre as peculiaridades de cada área, a breve produção a seguir foca nos possíveis pontos de encontro entre Semiótica e Psicanálise, cuja entrada se dá pela Linguagem.

É por Santaella que se tem o ponto de partida ao explicar que a psicanálise transforma os conceitos linguísticos em semióticos, até o ponto de se poder afirmar que é, na psicanálise, especialmente a de Freud e Lacan, onde mais perfeitamente se realiza a semiótica do verbal, isto é, daquilo que há de não verbal no verbal (SATAELLA 2016).

O caminho apontado é por meio da Linguística pela qual se entra nos escritos lacanianos e logo depara-se com a semiótica. Para fazer falar o inconsciente, a própria psicanálise acessa a linguagem – que é permeada de signos, cujo campo é o da Semiótica. Talvez seja por aí que se dê este encontro entre as duas áreas. A Semiótica abrange os processos de signos, verbais e não verbais, linguístico e extralinguísticos, e é na interação entre os atores individuais e instituições que um signo recebe e gera sentidos, portanto, um signo interpela e é interpelado - não necessariamente de modo simultâneo – constituindo-se.

O signo está no lugar de alguma coisa para além de si mesmo, fora da esfera concreta do signo. Não há uma regra básica para a conexão entre o signo e um significado, estando um signo no lugar de alguma coisa.

O signo é alguma coisa. Dada a flutuação de significado da definição, pode-se inverter o fator de definição e dizer que qualquer coisa pode ser um signo. A rigor, qualquer objeto, palavras, gesto, marca gráfica, som, ruído ou até mesmo, em última análise, ação ou manifestação pode ser um signo (MARTINO, 2014, p. 117).

De acordo com a concepção de Bakhtin (1992), o essencial na tarefa de compreender os signos que estão dispersos, não é o reconhecimento de um objeto em si, mas a compreensão do seu contexto, de como o objeto é usado socialmente, entendendo-se aí sua significação, o que ele está propondo, respondendo positiva ou negativamente a esta proposta. A compreensão se dá quando o sinal subsume-se ao signo, afirma o autor (BAKHTIN,1992). O que era apenas um objeto passa a ter, para quem o observa, um significado, e assim, ao dele se aproximar, o objeto lhe produz algum sentido, transformando-se em signo. "O significado é limitado pelo contexto, mas o contexto é ilimitado" (CLARK & HOLQUIST, 1998, p.239)

Um signo social precisa ser compartilhado e revela um entendimento, reflexo da realidade, refletida ou refratada, através de um prisma de significações e de princípios elaborados socialmente, adquirindo particularidades diversas, segundo condições da vida da sociedade onde está inserido e transformando-se na sequência de desenvolvimento das suas relações. Um signo emerge no processo de relação entre os indivíduos, interpelados como sujeitos ativos.

A compreensão de um signo está relacionada ao horizonte social definido e estabelecido, que identifica o grupo social e a época a que pertence. A compreensão é uma forma de diálogo, é pôr a palavra a uma contra palavra. O ato de compreender traz em si também um acento de valor apreciativo. North (in SANTAELLA; HISGAIL 2016), entende que a teoria lacaniana é uma psicanálise semiótica porque Lacan interpreta a psicanálise freudiana como um sistema de signos e observa na psique humana processos cuja análise solicita a interpretação de signos e das leis que determinam as suas estruturas.

Dito isto, entra-se propriamente na discussão feita durante a entrevista com a médica psiquiatra e psicanalista, Maria Carolina Marques, intitulada: "Psicanálise, pandemia e hibridização da verdade". Maria Carolina Marques abordou sobre a diferença entre isolamento social,

solidão e solidude, experiência do outro e a minha experiência, mentira e verdade e indeterminação do desejo.

A ação do signo é a de ser interpretado, gerar um outro signo que gerará outro, num movimento similar ao das coisas vivas, ensinam Santaella e Nöth (2004) sobre o signo em Peirce. É processo de semiótica esta continuidade infinita de signos se desenrolando em outros, aproximando-se a objeto dinâmico e cuja leitura para compreendê-lo é difusa. Na sociedade contemporânea, e em especial, no momento de pandemia, a solidão é signo constituinte.

Na tentativa de compreender alguns signos dispersos e difusos na sociedade contemporânea e em espacial no momento de pandemia, a entrevista com Maria Carolina Marques traz questões que tocam o tempo vivido. Com a pandemia, o isolamento social se fez necessário. Com este novo código de comportamento os indivíduos buscaram formas de estarem em conexão, interagirem de alguma forma, o que não afastou alguns de uma sentimento de solidão.

Quanto aos sentidos entre solidão e solidude, Maria Carolina Marques (2020) explica que, a solidão é a condição estrutural do humano. O homem vem ao mundo numa situação de desamparo absoluto e nesse sentido, uma absoluta dependência do outro, uma dependência tanto biológica como subjetiva. Isso quer dizer que para se constituir como sujeito da linguagem, o homem não pode prescindir do outro. Porém, esse outro não o atende completamente, restando sempre uma insatisfação.

Marques (2020) ilustra essa situação se referindo à mãe da primeira infância. Ela não está o tempo todo com o bebê, ela se ausenta, e o bebê precisa dar conta dessa falta. Felizmente, em dado momento dessa constituição, em que alguém vai se instalando no simbólico e no laço social, e a partir do simbólico ele pode simbolizar a falta do outro. De modo que essa falta não é mais vivida como um desamparo absoluto, e aí ele pode suportar a própria solidão. É uma solução singular de um



sujeito, simbólica e criativa, mas não suficiente para superar completamente a solidão, e por isso, para o resto da vida é preciso inventar para dar conta disso. E que é algo que alguém conquista em uma análise. Então poderíamos dizer que seria esse estado de solidão, o que seria mais da ordem de uma solidão voluntária, em que alguém pode se servir da própria solidão e criar a partir dela. Isso é uma conquista do sujeito.

No isolamento social em tempos de pandemia, a situação coloca o sujeito novamente diante do desamparo que é estrutural, porém com a queda das soluções simbólicas estabelecidas até então para a humanidade. Foi preciso reinventar, e com isso estar próximos uns dos outros sem o contato direto. Os relacionamentos, as trocas são continuados por meio de uma solução criativa da humanidade que é o meio virtual. Isso possibilitou suportar melhor a solidão. De modo que, o isolamento social não é sinônimo de solidão, mas evidencia uma solidão fundamental e exige a invenção (MARQUES, 2020).

Se se compreende a interação como contexto de comunicação (BRAGA, 2012), a interação é acionada para sair de alguma forma do isolamento – pelo menos interagindo virtualmente. A comunicação é um processo voltado para reduzir o isolamento independente de quais sejam os objetivos e os modos de fazer (BRAGA, 2010). E é na interação que se dá o diálogo.

## **Diálogo, Relações Sociais e Psicanálise**

O diálogo é o espaço de interação que proporciona uma abordagem das condições de existência da sociedade e de exercício do poder (LANDOWSKI, 1992). E é, deste modo, Bakhtin que diz

[...] não basta colocar face a face dois homo sapiens quaisquer para que os signos se constituam. É fundamental que esses dois indivíduos estejam socialmente organizados, que formem um grupo (uma unidade social) só assim um sistema de signos pode constituir-se (1992, p.35).

O conhecimento é constitutivo do diálogo. Em boa medida, o conhecimento e o caso a outras culturas dá a partir da troca entre signo e discurso. Pluralidade e multiplicidade são requeridas no diálogo, no dialogismo.

Quanto à multivalência das palavras (ou dos sentidos) Clark e Holquist (1998) explicam que Bakhtin compreende e apresenta a concepção de quem não sabe explorar a capacidade das palavras de significar coisas diferentes em diferentes camadas epistemológicas de seus sistema de cultura achando-se condenados a viver sem liberdade porque localizado no espaço pequeno de camadas, de modo que Bakhtin entende a linguagem não é uma prisão; é um ecossistema.

Esta visão de signo em Bakhtin é diferente em Peirce, uma vez que na perspectiva deste pensador o signo se constitui na relação interpretante x objeto cujas manifestações estão associadas a estados mentais, que não são signos, tornando-os apenas quando postos no movimento de processo semiótico (VERÓN, 2013), em terceridade. Dos processos da consciência – lugar onde interagem formas de pensamento – Pierce aponta três modalidades de operação do pensamento-signo que se processam nas mente (SANTAELLA, 1994), são elas: **primeridade**, qualidade da consciência imediata; **secundidade**, qualidade encarnada, sentida numa matéria e **terceridade**, pensamento em signo, relação signo e interpretante. Ou seja, em Pierce, o signo se constitui na relação direta com o indivíduo e para Bakhtin, somente na relação entre indivíduos organizados socialmente.

No entanto, dois pontos parecem aproximar os dois pensadores, um é o valor do signo estar além do objeto que ele representa. Corroborando com o que já foi explicitado, Santaella (1994, p.58) explica sobre a compreensão de signo a partir de Peirce: "O signo é uma coisa que representa uma outra coisa: seu objeto. Ele só pode funcionar como signo se carregar esse poder de representar, substituir uma coisa diferente dele. Ora, o signo não é o objeto. Ele apenas está no lugar do objeto." Já Clark e Holquist (1998, p. 245) apontam sobre o conceito bakhtiniano de signo dizendo que este "é sempre uma unidade inseparável composta de duas partes: uma marca, que é apenas um indicador, o significante, e um conceito, que é assim indicado, um significado", e este, dado a partir do que socialmente é compartilhado.

Um signo é algo, qualquer coisa de qualquer espécie que é determinado e, por isso, representa, indica ou apresenta outra coisa, não importa de que tipo seja, de modo a produzir um efeito.

A outra aproximação entre os teóricos refere-se à concepção de signo vivo, frente à interação que lhe produz movimento. Bakhtin compreende que na interação entre os sujeitos em sociedade o signo ganha vida. Peirce, ao abordar a ação de ser interpretado como movimento auto-gerativo do signo, confere-lhe movimento, portanto, vida.

Para Bakhtin (1992), o domínio do signo está na esfera da ideologia, e neste domínio existem representações, símbolos religiosos, fórmulas científicas, jurídicas. Cada signo ideológico é um fragmento material da realidade, cujo signo é reflexo. Compreender um signo consiste em aproximá-lo de outro já conhecido.

A compreensão é uma resposta a um signo por meio de outro. Em Peirce este processo de um signo gerando outro seria o que ele chama de semiose – como já foi referido. Pensa-se este processo na forma de um diálogo e o sendo compõe-se essencialmente de signos.

O que Peirce chama de semiose aproxima-se do que Bakhtin denomina dialogismo ou polifonia. Clark e Holquist (op.cit., p.261) dizem que "o que Bakhtin chama 'polifonia' é simplesmente aquele fenômeno cujo outro nome vem a ser dialogismo." Quanto às concepções de Bakhtin e Peirce, Santaella e Nöth (2004, p.188) indicam a possibilidade desta aproximação, 'o princípio dialógico de Bakhtin aponta para paralelos surpreendentes com Pierce, que descreve o processo de semiose como diálogo ilimitado.'

Para Bakhtin, o dialogismo está na brecha entre dois sistemas de valores entre eu e o outro. Sobre esta concepção do autor, Clark e Holquist explicam que

Há um conjunto de valores que eu aplico por mim mesmo a mim mesmo e o outro que eu aplico a todos os outros que não são eu. Eles, por sua vez, fazem a mesma distinção entre si próprios e os outros. E na brecha entre os dois sistemas de valores está o espaço onde o diálogo é buscando em seu nível mais profundo (1998, p.261).

A partir desta perspectiva, entende-se que valores estão em jogo na comunicação/interação. Estes valores são compartilhados e tensionados por meio da linguagem que é a instância que organiza o trabalho enunciativo dos sujeitos em produção e em recepção (FAUSTO NETO, 2013).

O dialogismo mostra que nenhum texto é autônomo completamente. A concepção de dialogismo de Bakhtin considera que o diálogo se constitui por meio de uma teoria da dialogização interna do discurso.

O ser humano vive se apropriando e refazendo discursos já existentes, criando novos signos a partir

de textos conhecidos, retornando para a sociedade textos que, por sua vez, se recombinaem com outros em uma cadeia infinita [...] Há poucos limites para o discurso (MARTINO, 2014, p.126).

As palavras são, sempre e inevitavelmente, as palavras dos outros. Toda palavra é carregada, ocupada, habitada, atravessada pelos discursos nos quais viveu sua existência socialmente sustentada. Sempre sob as palavras, "outras palavras" foram ditas.

Da concepção semiótica de semiose ou dialogismo, evidencia-se mais uma tentativa de aproximação com o pensamento psicanalítico apresentado na entrevista com Marques (2020) quando abordado sobre a realidade de cada um e até que ponto esta realidade por ser uma experiência, uma reflexão para um outro.

Marques explica que a realidade apreendida é uma construção simbólica e imaginária que um sujeito percebe durante a sua constituição. Em laço social se faz parte do discurso, e se compartilha muitos elementos da realidade uns com os outros, mas a forma de construir essa realidade é singular. E isso só pode ser construído a partir do outro.

O outro enquanto alteridade serve tanto como um espelho, em que nos identificamos, e a partir do outro formamos um eu, como também como lugar simbólico de onde provém nossas determinações de linguagem. Nesse sentido, o outro pode servir para formar a minha realidade, mas não há somente uma identificação, é preciso uma mediação de linguagem, ou então fica-se alienado a esse outro, colado a ele, e me afasto da minha condição de sujeito (MARQUES, 2020).

Na interação há critérios de valor e de eficácia que precisam ser negociadas através de processos comunicacionais.

O modo como o sujeito cria a si mesmo é o meio de uma busca, saindo de encontro ao outro para voltar com um self, não se devendo fundir-se inteiramente com o outro para não ficar preso as limitações do horizonte deste outro, explicam Clark e Holquist apoiando-se na concepção de Bakhtin nos estudos sobre os meios pelos quais são produzidas as relações entre o self e o outro<sup>1</sup>.

O signo resulta de um 'acordo invisível' entre indivíduos socialmente organizados e em processo de interação, sendo por isto marcado pelo horizonte social de uma época e de um grupo social determinado.

No entanto, o signo não é determinado apenas pelas formas da interação social, mas também é pelo conteúdo que apresenta e pelo seu valor, que afeta o conteúdo. Bakhtin (1992) explica que os signos têm valor social e apresentam um índice deste valor, com características ideológicas, com pretensão ao consenso - sendo em nome dele que os índices se exteriorizam no material ideológico. Cada grupo social se apropria do signo conforme seu índice de valor. E diante da possibilidade de entrecruzamento destes índices, pode-se afirmar a sua pluralidade, vivacidade e mobilidade. Então, ao mesmo tempo em que o signo reflete o objeto que representa, ele poderá deformá-lo, refratá-lo, haja vista que o objeto não tem total domínio sobre o signo.

Entende-se então que os signos não existem fora das relações sociais, estando dentro do tempo e da história. A produção dos signos está ligada à vida social e o discurso é uma produção gerada a partir dos signos, é texto produzido em um lugar específico que carrega as marcas das condições de produção. "As palavras, os signos, o pensa-

---

1 No capítulo do livro dos autores, esta discussão foi denominada de A Arquitetônica de Responsabilidade (Clark e Holquist, 1998)

mento são dotados de vínculos sociais; o discurso é a manifestação desses vínculos na comunicação” (MARTINO, 2009, p.122).

Numa rede interdiscursiva de produção social de sentido, constitui-se uma semiose discursiva. Verón (2005) vai ensinar que analisá-la implica um certo dispositivo que é fragmento de tecido semiótico ‘arrancado’ do fluxo de produção social de sentido. Gerado a partir do signo, o discurso é o conjunto de pensamentos de uma sociedade resultante da relação entre signo e condições de produção específicas. Verón (op. cit.) afirma que para que algo seja designado como condição de produção de um discurso ou de um tipo de discurso, é preciso que tenha deixado rastros no discurso.

As relações de interação são do campo da ideia.

A ideia é um acontecimento vivo, que irrompe no ponto de contato dialogado entre duas ou várias consciências. Neste sentido a ideia é semelhante ao discurso, com o qual forma uma unidade dialética. Como discurso, a ideia quer ser ouvida, entendida, e “respondida” por outras vozes e de outras posições (BAKHTIN, 1997, p.87).

Ferrara (2015) entende que a interação é uma possibilidade, um prognóstico comunicativo de complexas e inusitadas dimensões culturais. Interação é um espaço e como tal viabiliza a comunicação, sendo seu contexto, neste são encontrados também a espacialidade midiática. Comunicação é da ordem do movimento, momento de costura, de construção, de transição, da marcação daquilo que se é e de sua diferença. Comunicar é espaço da diferença, diz a autora.

No entanto é necessário compreender que

A comunicação só é possível na ocorrência concreta de interações – trata-se então de perceber ocorrências e “lógicas” das interações na prática social, como lugar de realização do comunicacional. O valor humano da comunicação depende de como tais ocorrências e lógicas são socialmente produzidas (BRAGA, 2012b, p.4).

Pelos modos de interação podem-se entender as mudanças sociais e as novas formas de manifestação frente à política, por exemplo. Desse modo, aproxima-se de outro ponto abordado na entrevista com Maria Carolina Marques (2020) que se referiu às questões sobre verdade e mentira, tratadas através do viés da compreensão de política. Esta, em seu sentido primeiro, determina as nossas vidas, no entanto, sua prática tem sido permeada por mentiras. Frente a este ponto, a psicanalista explica que a mentira não é a simples negativa da verdade. A mentira é condição de linguagem, e desse modo, uma parte essencial da verdade. A realidade é uma construção do sujeito, permeada pelo simbólico e indissociável do imaginário, ou seja, não é a pura ilusão, mas composta também pelas ilusões de cada um. A realidade engana imaginariamente e o simbólico, no seu caráter de ambiguidade, sempre remete ao equívoco.

Lacan (1969) diz que a verdade é um semi-dizer – o que não significa dizer que esse dizer é falso, mas apenas que não é possível dizer toda a verdade. Se há uma verdade absoluta, não se consegue dizê-la, pois faltariam palavras para isso – é isso que Lacan se refere a verdade como um semi-dizer. Ele diz também que a verdade tem estrutura de ficção. A ficção não é meramente o ilusório, é uma construção simbólica, sempre por se completar, e dessa forma, ele coloca uma dialética entre o factual e o ficcional, e isso implica um cuidado muito grande com a dimensão da verdade. No texto “Formulações sobre a causalidade psíquica” (1946) ele diz: “antes de fazer os fatos falarem, convém,



com efeito, reconhecer as condições de sentido que os dão a nós como tais." Ou seja, só se pode tomar um fato como um fato, se temos um compromisso dialético com o que atribui aquele fato como um fato, os paradigmas envolvidos etc. (MARQUES, 2020).

A verdade enquanto construção epistemológica do humano é movida pelo desejo de saber (alienação), e é uma preocupação de filósofos, cientistas, intelectuais, desde a antiguidade. Ignorar essa construção é o que pode fazer com que se caia facilmente no engodo, na imagem enganadora do que se poderia conceituar como mentira (MARQUES, 2020).

A entrevistada explicou que Lacan aborda que a ignorância é uma paixão, tanto quanto o amor e o ódio. Existe em cada um dos sujeitos um não querer saber nada sobre a verdade si mesmos, sobre a verdade inconsciente e a sua condição de desamparo, duras de se lidar. Porém é claro que também os sujeitos são movidos por um desejo de saber, e quando este não supera a paixão pela ignorância, tende-se à negação, e a acreditar somente no que convém e o que corrobora com as certezas de que se tem. Esse é o perigo de não se tomar a verdade como algo da ordem da ficção e sempre parcial, pois assim, se corre o risco de tomar qualquer coisa como verdade absoluta, e se alienar àquilo, sem espaço para questionamentos e discussões.

Tal ponto remete à ciência que, enquanto signo social vivo, precisa ser compreendida, compartilhada e acreditada. Os movidos pelo desejo de saber, os intelectuais, os cientistas, artistas, pesquisadores, devem fazer resistência ao ataque à ciência, não cedendo do compromisso ético com a verdade. Isso implica de cada um tenha o cuidado com a verdade estando cientes de que, uma vez que não é possível chegar

a toda a verdade, aquilo que faz semblante de verdade totalitária sempre é da ordem do engodo, da enganação. É preciso que cada um seja questionador, duvide, só assim não se cederá ao compromisso com a verdade.

## **Do encontro Semiótica e Psicanálise**

Deste modo, volta-se ao apresentado inicialmente neste texto, os signos estão dispersos e carecem de compreensão. O essencial na tarefa de compreendê-los está na compreensão do seu contexto, de como o objeto é usado socialmente, entendendo-se sua significação e o que ele está propondo, podendo se responder positiva ou negativamente a esta proposta. Para tanto, buscar compreender é decifrar o código para uma interação mais possível, cuja Semiótica e a Psicanálise podem dar o suporte.

Dos pontos de contato entre Semiótica e Psicanálise, a entrada se dá pela linguagem, por ele busca-se a compreensão de um signo - que está relacionada ao horizonte social definido e estabelecido, que identifica o grupo social e a época a que pertence.

O isolamento interacional (diferente do social) e as estruturas rígidas de codificação podem dificultar a compreensão, portanto, o diálogo, pois retome-se aqui o que foi dito: a compreensão é uma forma de diálogo, pondo a palavra a uma contra palavra. Importante destacar que isto deve ocorrer mediante o respeito à interlocução e com argumentação dialética.

## **Referências**

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1992, 196 p.

BAKHTIN, M. **Problemática da poética de Dostoiévski**. 2.ed.. Rio de Janeiro: ForenseUniversitária, 1997.

BRAGA, J. L. Interação como contexto da Comunicação. **Matrizes**. Ano 6 – nº 1 jul./dez. 2012, São Paulo, p. 25-41.

BRAGA, J. L. Nem rara, nem ausente – tentativa. **Matrizes**. Ano 4 – Nº 1 jul./dez. 2010, São Paulo, p. 65-81

CLARK, K.; HOLQUIST, M. **Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

HISGAIL, Fani; SANTAELLA, Lúcia (organizadoras). **Semiótica psicanalítica: clínica da cultura**. São Paulo: Iluminuras, 2016.

LANDOWSKI, E. **A sociedade refletida: ensaios de sociossemiótica**. São Paulo: Educ/Pontes, 1992.

LACAN, J. Formulações sobre a causalidade psíquica (1946). In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, J. **Seminário 17: O avesso da psicanálise (1969-1970)**. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

MARQUES, Maria Carolina. Psicanálise, pandemia e hibridização da verdade. [Entrevista concedida a] Manoella Neves. Ciseco. 06 de novembro de 2020. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=xiAzdGsHeQM> > Acesso em 30 de junho de 2021

MARTINO, L. M. S. **Teoria da comunicação: ideias, conceitos e métodos**. 5.5d., Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.

PEIRCE, C. S. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

SANTAELLA, L. **O que é semiótica.** 12. ed., São Paulo: Brasiliense, 1994.

SANTAELLA, L.; NÖTH, W. **Comunicação e Semiótica.** São Paulo: Hacker Editores, 2004.

VERÓN, E. **Fragmentos de um tecido.** São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS, 2005.

VERÓN, E. **La semiosis social, 2:** ideias, momentos, interpretantes. Cidade Autónoma de Buenos Aires: Paidós, 2013.

# **Quadros de Relevância na Pesquisa em Grupos de WhatsApp: enquadres sobre Coronavírus**

Fernando Nobre Cavalcante  
Marcelo El Khouri Buzato

## **1. Introdução**

Compreender uma política midiaticizada sugere observar o espectro da opinião pública tensionado pela interdependência das pessoas em seus repertórios de onde estas buscam informações sobre uma determinada temática, a partir de um ângulo ou ponto de vista definido, um enquadre. É considerá-la em configuração e figuração ante a dadificação de tudo, hipermidiaticizada como uma política-mídia (CAVALCANTE, 2019) em alusão à deep mediatization (COULDRY; HEPP, 2018), sob tradução no Brasil pela Editora UNISINOS, literalmente, como “midiaticização profunda”. Nesse sentido, a mídia tanto atua como mediadora de cidadãos e instituições de governo e grupos, bem como midiaticamente tencionadora da realidade em sua constelação de atores que fulguram em temas e repertórios de mídia.

A midiatização é um conceito orientado a processos que se concentram em debater a influência da mídia, em sua lógica radial, que atravessa condições de produção de significado no tempo de relação e espaço difuso (VERÓN, 2014). Além da força da institucionalidade e de um tipo de manipulação sistêmica de forças específicas, este capítulo considera transição dos conceitos de mídia desde considerações sobre lógica midiática (KROTZ, 2018). As instâncias de figuração (e configuração) dos campos teóricos da midiatização constituem-se como um conceito mais abrangente do que a mediação. Especialmente, quando se considera a elaboração midiatizada da realidade no entrelaçamento entre indivíduos e infraestruturas de informação, aglutinado na expressão **midiatização profunda (hipermidiatizada)**, defendida pela rede de pesquisa Figuração Comunicativa<sup>1</sup>. Levando em consideração o paradigma da dadificação da comunicação em grupo, voltada primordialmente para a publicidade direcionada, pergunta-se se os aparelhos metodológicos da investigação dos discursos hipermidiatizados via estruturação de dados linguísticos são passíveis, também, de ajudar os pesquisadores a definir quadros de relevância de modo a estruturar suas análises qualitativas. Neste estudo, discute-se que a definição de quadros relevantes debatidos em grupos forja os quadros de experiência da comunicação presencial, simulados pela funcionalidade técnica dos aplicativos de mensagens instantâneas (MI). Aplicando métodos de Ciências de Dados, Processamento de Linguagem Natural (PLN ou NLProc, acrônimo em inglês) e sob inspiração do conceito de ancoragem de interação de Erving Goffman, busca-se detectar a rede semântica de grupos de imigrantes africanos que vivem no Brasil, sujeitos a enquadres de tópicos sobre coronavírus em sua vida cotidiana figurada em grupos.

---

1 Disponível em: <<https://www.kommunikative-figurationen.de/>>.

No dia 20 de agosto de 2020, em uma entrevista<sup>2</sup> para o vice-presidente da CISECO, Antônio Heberlê, um dos pesquisadores deste estudo discorreu sobre o projeto Qualichat<sup>3</sup>, que iniciava seus primeiros passos em seu primeiro ano de pesquisa pós-doutoral no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade de Campinas. Esforço prático-computacional para pesquisa em Humanidades Digitais dos grupos de pesquisa do CNPq LiTPos (Linguagens, Tecnologias e Pos-humanismo/humanidades), MiDiTes (Mídia, Discurso, Tecnologia e Sociedade) e do Ernest Manheim Laboratório de Opinião Pública, o projeto segue em 2021 sem financiamento público por agência brasileira.

Compila-se, neste capítulo, um artefato metodológico centrado nos estudos de frames, de enquadramentos temáticos, a serem conduzidos por meio de redes acadêmicas frente aos monopólios do armazenamento, tratamento e processamento das informações públicas de um grupo de WhatsApp que somente o âmbito privado dos gigantes da Comunicação e Informação detêm. Exercita o trabalho por pares entre Humanas e Exatas, entrelaçando saberes de cientistas de dados quantitativos e de mídia, qualitativo, na primazia ética de questionar a observação participante no fazimento dos corpora da pesquisa útil para linguística computacional e etnografia da mídia. Trata-se aqui dos primeiros testes de Qualichat em utilizar pacotes já em curso na programação Python, o que posteriormente, em 2021, se consolidou em funcionalidades, já disponibilizados para comunidade acadêmica com pesquisas aprovadas em Comitê de Ética.

---

2 Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=Nm\\_a9ODvezE](https://www.youtube.com/watch?v=Nm_a9ODvezE). Acesso: 06/06/21.

3 Qualichat está disponível para toda a comunidade acadêmica gratuitamente na plataforma GitHub: <https://github.com/qualichat/qualichat/commits>. É um pacote computacional na linguagem de programação Python, que permite fazer etnografia linguística em grupos de WhatsApp.

Com o consentimento de todos os membros participantes, foram elegidos<sup>4</sup> grupos de WhatsApp de estudantes imigrantes de países da África durante o primeiro semestre de 2020, quando decorreu o primeiro ápice da pandemia coronavírus SARS-CoV-2. Objetivou-se encontrar quadros relevantes para adensamentos etnográficos posteriores. Ante inúmeras mensagens trocadas em grupos mediados como os do WhatsApp, de que modo encontrar enquadramentos temáticos com o auxílio computacional? Faz-se, então, da pesquisa de Mídia adjacente à Linguística Computacional, ao instruir caminhos de utilização das mesmas técnicas que os impérios da comunicação utilizam, sendo aqui open source (código aberto): a vedete febre do “processamento da linguagem natural”.

## **2. A rede semântica de quadros de relevância, transpondo o do conteúdo**

O semiopragmatismo de pesquisadores latino-americanos, representado por Eliseo Véron, aponta a inclinação desses países, juntamente com França, Espanha e Itália, ao foco semiótico nas áreas de Ciências da Comunicação e Estudos de Mídia. Uma divisão com a semiótica ocorre na Alemanha desde os anos de 1970, priorizando uma visão interdisciplinar do funcionalismo com os estudos culturais como um abraço ao conceito institucional da mídia endossado pelo prisma sociodiscursivo (AVERBECK-LIETZ, 2015a, 2015b). A prioridade das disciplinas História, Economia e Sociologia em relação à Semiótica resultou na distinção formal de estudos midiáticos/estudos de comunicação, explícitos pelos órgãos governamentais do País, como o

---

4 Assentou-se o critério de conveniência pela proximidade de um dos estudantes participantes dos grupos a um dos pesquisadores. Testou-se a identificação de frames de relevância sem requer observação participante.



Conselho Alemão de Ciências e Humanidades (Wissenschaftsrat). As razões idiomáticas para a produção em espanhol dos textos de Eliseo Verón também apontam para outro fator do desinteresse de seus estudos na comunidade acadêmica alemã. Talvez o mesmo elemento possibilite o resultado oposto da aproximação dos pesquisadores brasileiros e latinos às suas obras. Como exemplificado pelos seguidores dos estudos latinos guiados pelas raízes inauguradas por Jesús Martín-Barbero, que detalhou a institucionalidades no campo das práticas das “mediações culturais da comunicação”, Eliseo Verón representa principalmente a perspectiva semioantropológica. Ao discutir a produção de significado, considerando os efeitos das “forças da mídia”, especialmente no que diz respeito à “aceleração do tempo histórico”, os conceitos de ruptura entre o espaço e o tempo começaram a ver a abordagem nos entendimentos sobre midiatização latina.

Verón deixa isso claro quando aponta que a Linguística, por muito tempo, considerou a escrita como um parasita da oralidade, subtraindo a discussão sobre suas respectivas especificidades e deixando de lado a reflexão discursiva; abandonando a leitura e a escrita a uma funcionalidade cinza e estreita despojada de suas qualidades materiais fundamentais, eventualmente responsáveis por sua diversidade e persistência histórica (TRAVERSA, 2019). Uma parte invariável de seu pensamento também tem sido sua “luta” contra análises subjetivas que estão localizadas do ponto de vista da ação orientada ao ator e consciência intencional. Nesse sentido, o problema do “lugar do observador” e os níveis de análise foi uma preocupação recorrente do teórico argentino (DIVIANI, 2019).

O ponto de observação define, assim, uma rede semântica, seguindo a proposta veronziana. “[...] Quero dizer que o projeto de escrita que às vezes nos habita dificulta diferenciar a experiência do discurso, pensar que o primeiro precede o segundo”. (Ford e Verón 2006, traduzido) – lembra Verón, em uma curta viagem ao rio El Tigre, com

Anibal Ford, debatendo sobre a constituição do discurso. Tanto o en-dereçado quanto o objeto funcionam de modo diferente para cada uma das tríades na proposta de rede semântica de Verón. Em razão das diferenças nas gramáticas e sua lógica, é impossível pensar que o significado era ornamento das operações de cálculo entre produção/re-cepção. Tal ênfase também é considerada no funcionamento da comunicação midiática (FAUSTO NETO, 2016). Incrementando os modelos de Gregori Bateson e Charles Sanders Peirce, Verón conclui em seu modelo triangular que longe de ser aquele que corresponde isolado do discurso que o faz falar, o objeto só existe como tal, dentro e através dessa rede interdiscursiva.

Pensar nos quadros temáticos dentro de uma rede de interação midiaticizada baseada em grupos requer, dessa maneira, pensar que a mudança de posição dos objetos da rede semântica polivalente do discurso parece exigir considerar os sujeitos como atores de um jogo de dados emoldurado representacional. Na verdade, o vocábulo "data-dificação"<sup>5</sup> (datafication) refere-se ao crescimento da digitalização da mídia com tecnologia baseada em software. Hepp (2019) atualiza os estudos de midiaticização na proposta de investigar os "rastros digitais" de dados que podem ser agregados e processados de modo automatizado com base em algoritmos provenientes do termo. As tecnologias de big data contextualizam a base das recentes tecnologias de computação de aumento de velocidade, processamento e armazenamento de dados que impactam diretamente nas novas formas de lidar e priorizar as informações. Considerando o paradigma das relações agrupadas na intensificação das mensagens recebidas por vários dispositivos, incluindo os de grupos de WhatsApp, este capítulo reconsidera as contribuições de Verón às de Erving Goffman, ao tentar incluir

---

5 Optou-se pela tradução de Buzato (2018).

quadros de relevância, sob a óptica do pesquisador imerso no campo, como frames de uma rede interdiscursiva.

Tomando como concretude a profunda recursividade da ampliação institucionalizadora, e intensificada à reflexividade, pensando em um estágio de mediação como midiaticização profunda, requer a compreensão dos entrelaces das constelações dos atores, especialmente por análises dos quadros temáticos por seus repertórios midiáticos (HEPP; HASEBRINK, 2014). Sendo esta meta, buscar um tema relevante, portanto, é entender como um grupo, a exemplo do de imigrantes africanos aqui discorrido, retrata suas realidades sobre a pandemia do coronavírus, não por meio de entrevistas ou pesquisas censitárias, mas, sobretudo, observando as nuances de seus formatos de comunicação; convém observar pela óptica dos enquadres de quem os formula, e não de quem interage em grupo. Com vistas a contextualizar as modalidades de comunicação, impõe-se encontrar a posição dos participantes no jogo de interação, tomando sua posição sob a rede semântica intercambiável de significados compartilhados em um grupo WhatsApp, examinando seus traços digitais, sem experienciá-lo<sup>6</sup>.

As fronteiras entre os modos de organização do “mundo” das experiências cotidianas e o “mundo dos sonhos” empreendido por James e Schutz na visão de Goffman, embora fossem fundamentais para distinguir seus distintos domínios da realidade, estavam faltando em termos do plano metodológico para abordar as regras constitutivas da atividade cotidiana. As atividades servem de modelo para as transformações que Goffman vê em ideias sobre “literalidade”. A compreensão

---

6 Os pesquisadores não estiveram imergidos nos grupos analisados. Tratou-se de uma coleta de dados viabilizado por um informante. Relevância como rede semântica interdiscursiva, portanto, aparece como latências quantitativas possibilitada por cálculos de linguística computacional.

desse conceito com apoio nos quadros de análise situa em contexto a ideia de transformações como um processo em que uma atividade cotidiana está associada a um modelo primário de quadros, trocados em "cópias" submetidos a modalização e remodelação. Em um esquema primário, Goffman exemplifica que certos quadros sociais, decorrentes de cenas cotidianas de surpresas, feitos, percalços, recalques e piadas, são transformados ao toque do encontro interativo, ou seja, eles mesmos "literalizam-se", figuram em cópias da realidade, mantendo quadros de interação transformados. (CAVALCANTE; HANKE, 2020). Os formatos dessas cópias de realidades são aderidos nas ancoragens das interações dos sujeitos, nos parênteses que levam os indivíduos a se encaixarem: - "o que estou fazendo aqui?". Se para Verón a relevância é revelada na posição dos sujeitos antes dos objetos discursivos, então para Goffman a relevância está ancorada na experiência representada nas forças modulares de um quadro: ritualidade e vulnerabilidade. Assim, o ponto de fulcro deste capítulo é: ante as milhares de mensagens trocadas em grupos, que ferramentas os pesquisadores do campo da Comunicação e Estudos da Mídia são passíveis de utilizar-se para enquadrar o fazimento dos grupos de WhatsApp? Adicionalmente: como utilizar-se de enquadres relevantes, sem experienciar as interações figuráveis em um grupo que tematicamente debate sobre um determinado assunto? Traduz-se essas perguntas, neste caso, por "como diagnosticar uma rede semântica sobre coronavírus em grupos de jovens estudantes imigrantes africanos?"

### **3. Processamento de Linguagem Natural nas Ancoragens de Interação**

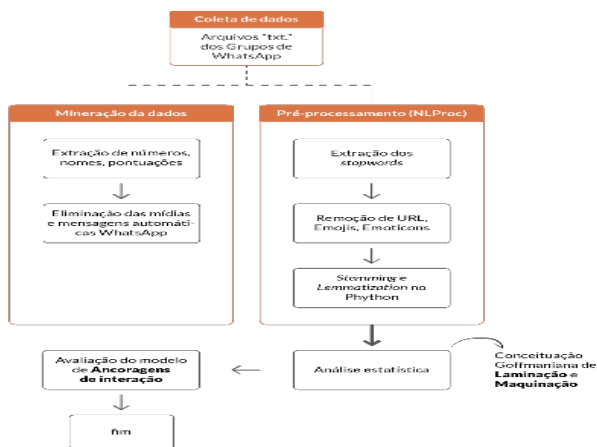
As esquinas das ruas que cochicham sobre o encontro do um com outro, vinculados pelas redes semânticas de "máscaras", "auxílio emergencial", "morte", "dor", "cloroquina" ou "Bolsonaro" encontram nos gestos, pausas e sons elementos adicionais para um enquadre definível: coro-

navírus. Também topam na ordem sequencial, na ritualidade do acontecimento e na vulnerabilidade do “adeus” similitudes nas análises de quadros aqui proposta nos grupos de WhatsApp quando ponderadas as ancoragens de interação como marcadores de um vislumbre comparativo de uma comunicação face a face midiaticizada. Goffman utilizou da observação participante e oculta como estratégias de apuração dos elementos que compõem uma análise de quadros. Ao inverso, pela impossibilidade e somente por não ter tido acesso a um grupo fechado de amigos de WhatsApp, este estudo se faz. Sem adensamento etnográfico, buscou-se pela decomposição de elementos textuais coletados computacionalmente como proposição metodológica.

Criado por Guido van Rossum, um programador no final dos anos de 1980, o Python foi projetado para ser o sistema operacional predecessor da linguagem computacional ABC. Python foi lançado sob uma licença certificada pelo movimento Open Source, considerado como redes de resistências dos impérios do copyright (CHALLENGER-PÉREZ; DÍAZ-RICARDO; BECERRA-GARCÍA, 2014). Para os cientistas sociais, significa maior liberdade no uso de pacotes de programação, criados coletivamente, sem a necessidade de pagar royalties em benefício de ferramentas de pesquisa. Os cientistas já usaram o Python em suas pesquisas bibliométricas que enfrentam a crescente quantidade de arquivos pelo volume, variedades, velocidade e veracidade dos dados, que devem ser processados para obter um determinado valor (AJIBADE; MUTULA, 2020). Selecionar documentos de uma base com foco em seu conteúdo, agrupá-los em categorias ou classes, e extrair certos conjuntos de informações, são algumas das etapas do intitulado **Natural Language Processing** (NLProc). Os substantivos de “reconhecimento” e nomes próprios, bem como frases de comando, pertencem hoje ao arsenal de ferramentas clássicas, utilizadas na implementação de softwares específicos, destinados ao processamento de informações baseadas na linguagem humana (BARANOW, 2004).

É semelhante, assim, ao entendimento de Eliseo Verón, ao conceber o termo *mediatização*, mas de modo mais simplista. Para identificar quadros de relevância em grupos de WhatsApp, propõe-se usar o NLProc à luz não de "positivos" ou "negativos", mas de composições fragmentadas (ou fragmentáveis) de uma interação: as âncoras de interação de Erving Goffman, como mostrado nos passos da Figura 1. Limitar-se às ancoragens de interação de um grupo mediatizado é entender que um simples "olho no olho", "frases de efeito", "desvio de face", "coçar da cabeça", ou tantos dos sinais do início de uma interação face a face, são marcadores que compõem mimeses que as funcionalidades técnicas de grupos privados propõem à comunicação cotidiana de cada qual.

**Figura 1:** Modelo Goffmaniano de Processamento da Linguagem Natural no Python



Fonte: Desenvolvida pelos autores.

Funcionalidades técnicas que mimetizam a comunicação face a face como emojis, chamadas de hiperlinks, links, gargalhadas, entre outras, são ancoragens de vulnerabilidades e ritualidades de interação. Compõem as estruturas de manutenção de enquadres temáticos. Uma análise linguística deve considerar que estes componentes subtraem o teor síncrono do textual, na transcrição literal da oralidade. Frame Analysis (1986 [1974]) permite ampliar o entendimento de interação face a face às redes dos grupos midiáticos como os do WhatsApp, no âmago das articulações dos sujeitos aos processos figurados de ancoragem, estatutos de participação, funções no grupo e canais de atividade exercidos pelos membros de uma interação midiática (CAVALCANTE, 2019). A compreensão de ancoragens midiáticas, marcos de chamamentos e entrelaçados que atraem os participantes a uma interação, é a proposta central a ser debatida nesta seção, atualizando-as nos procedimentos de NLProc. Se na Linguística Computacional "Lemmatization" (Lematização) é um agrupamento de formas flexionáveis de uma palavra a ser analisada como uma única categoria, foram acrescentados ao modelo proposto os conceitos goffmanianos de laminação e maquinação. Por laminações prevê-se a profundidade transformacional de quadros, preservando sua corpora textual e eliminando "caracteres de chamada", "caracteres de links"; "caracteres de e-mail; e "caracteres de símbolos". Por maquinações preserva-se a liquidez textual das laminações e subtrai-se manipulações de "caracteres de risos", "caracteres pontuação" e "caracteres números".

Ao se utilizar o pacote computacional Natural Language Tool Kit (NLTK), foram aproveitadas as metodologias já empregadas para análise textual de arquivos, "txt", ao "exportar" o histórico de mensagens dos grupos de WhatsApp analisados. "Stemming" é o ato de inflexão das palavras às suas formas de raiz. Procedimentos similares constaram na proposta de Ancoragens de Interação, ao selecionar, inicialmente, apenas os corpora textuais das mensagens de uma interação, sendo que, desde então, outros dois conceitos foram empregados.

A gestão de elementos expressivos, como pistas diretivas ou ocultas, permite considerar em ambiente de interação o espaço propício para a manipulação, maquinação e laminação dos participantes como figuras em cena. As gargalhadas, os sinais de pontuação, diversificação de símbolos de expressão, como os emojis (emoticons), as pausas e o silêncio, contextualizam em um grupo midiaticizado artifícios empíricos propícios para comparação com as pistas de atividades da comunicação cotidiana empreendida por Goffman. Eliminar os fragmentos de representatividade do jogo interacional é a meta exposta na Figura 1.

Reporta-se à preparação do jogo figurativo pelo vetor de mudanças de rounds associadas às ancoragens da laminação. Laminar é preparo do ato a ser posto posteriormente, o arranjo à incorporação. Questionando sobre a própria ideia de laminação como a camada antecessora ao jogo de incorporação, Goffman (1987, p.17; 2012a; p. 236) sugere que, permeada de uma profunda estratificação à imersão em uma interação, o fio da laminação corta a condução da representação da realidade. Ou seja, para diagnosticar as mudanças de rounds, de atos figurados em um grupo midiaticizado, parece essencial examinar as ações de preparações para as transformações. Quantas laminações seriam necessárias para a constituição dos frames? Nessa autopromoção do questionamento similarmente levantado, Goffman dá brechas ao que foi exemplificado: "Não perguntamos quantas laminações podem acumular-se antes que ocorra a suspeita generalizada ou se torne provável o descrédito, mas antes, se o propósito dos personagens envolvidos é cooperar para a realização de tal espetáculo [...]" (GOFFMAN, 2012a, 236; grifou-se).

Ratifica-se que, para apurar os quadros temáticos sobre coronavírus em grupos de imigrantes de forma automatizada, foram dadas as autorizações prévias dos membros e a formalização oficial de um dos pesquisadores para coleta de dados. A Figura 1 ilustra os passos e procedimentos computacionais de Python para a técnica de



NLProc associado ao que foi exposto sobre ancoragens, laminações e maquinações.

A coleta de dados consistia em conversas em grupo do WhatsApp, exportando "arquivo txt" em quatro grupos diferentes (imagem, som, texto e mensagens do sistema). Optou-se por trabalhar apenas com mensagem textual. Este capítulo não se propõe fazer uma análise de conteúdo desses grupos isoladamente. Ainda assim, ao analisar um grupo no banco de dados como um todo, ele fornecerá uma melhor oportunidade para generalizar conclusões sobre a forma de interação. No decurso de seis meses, foram coletadas mensagens de estudantes de Língua Portuguesa de grupos de WhatsApp compostos por imigrantes africanos da Universidade Federal de Roraima (**UFRR**) - **22 participantes (Grupo 1)**; a Universidade Federal do Ceará (UFC) - **31 participantes (Grupo 2)**, a Universidade Federal de Roraima (UFRR) - **26 participantes (Grupo 3)** e da Universidade Federal de Tocantins (**UFT**) - **17 participantes (Grupo 4)**. Os arquivos coletados foram exportados por um dos participantes de cada grupo, sem o anexo de mídia (fotos, vídeos, stickers, gifs). Assim, os arquivos exportados foram marcados com as dicções "imagem oculta", "imagem omitida" ou "sem mídia", indicando a exportação do conteúdo de mensagens de sistemas, atores uma perspectiva latouriana (aqui não explorado). O processamento de conteúdo refere-se apenas aos componentes textuais, incluindo emojis.

Laminações são a preparação do jogo internacional, detectando-se por ancoragens relacionadas a palavras-chave específicas sobre um tema, adicionando as chamadas diretas, links, chamada por "@Contato" e símbolos. Ou seja, e-mails, links ("www"), símbolos (emojis/stickers), chamadas de contatos "@Nome", neste estudo, são combinados como elementos de laminações. São classificadas como internas, chamando para intensificações dos jogos, ou, externas, para as variáveis não controláveis pelos participantes.

Maquinações benignas (fabricações) são simbolizadas pela quantidade de risos e ênfase nas posições figurativas no jogo interativo, por pontuação ou ordem de numeração. A quantidade de caracteres líquidos (laminações), um assunto a seguir, exclui chamadas, links, e-mails e caracteres ou símbolos de emojis. A quantidade de caracteres de texto (maquinações) aprofunda a "pureza" de uma mensagem – isto no sentido de excluir as marcas de maquinações benignas, especificamente os enganos jocosos, e as tonalizações alegadas referentes às brincadeiras, ambas pertencentes à concepção goffmaniana das ancoragens de quadros de interação. Na análise estatística realizada, decidiu-se agrupar cada uma das mensagens em fabricações (0) e laminações (1), qualquer um dos elementos motivou o processamento automatizado após o algoritmo embutido em Python. Para isso, foram utilizados alguns pacotes computacionais, sugerindo a importância da comunidade de código aberto para os estudos das Ciências Humanas e Sociais, mostrados na próxima seção.

## 4. Resultados

A mineração de dados (etapa do quadrante esquerdo da Figura 1) permite que os pesquisadores da Ciências Humanas e Sociais exercitem o ato de qualificar os próprios dados. Excluir componentes da mensagem que retratem os avanços de uma posição no jogo ritualístico da interação (laminação) ou dissimulações de vulnerabilidade de possíveis manutenções ou rompimentos dos quadros (maquinações) é o que sintetiza a proposta relida de Goffman a ser aplicada na NLProc. Foi limitador nesta pesquisa não fazer um estudo etnográfico, mas válida parece ser a proposta de estudar relevância, pelo procedimento de framing. A descrição das etapas abaixo é uma continuação da explanação da Figura 1

A operação de pré-processamento foi realizada em três níveis: a primeira consistia em remover as palavras não analisáveis como preposições, artigos e pronomes (Stop Words, inglês). Na segunda e terceira etapas, foram eliminadas URLs, emojis e emoticons, bem como os sufixos e prefixos foram removidos. Durante as etapas de mineração e pré-processamento de dados, foram utilizados os seguintes pacotes computacionais (bibliotecas) do Python:

- 1 Pandas e Numpy - distintas bibliotecas para maior representatividade (funcionalidades) de banco de dados. Os dados são manipulados com maior flexibilidade.
- 2 Scikit learn - é uma das bibliotecas indispensáveis do Python para análise de dados. Contém ferramentas estatísticas para criar modelos de aprendizado de máquina. Esta biblioteca foi utilizada nas etapas de processamento para criar um modelo que classificasse adequadamente o tipo de linguagem e avaliá-lo pelo método de validação cruzada.
- 3 NLTK - é uma biblioteca de processamento de palavras. Esta biblioteca contém estruturas para processamento de linguagem natural. Tem sido usado nas etapas de mineração e pré-processamento de dados.
- 4 Matplotlib - é uma biblioteca para criar gráficos. Foi usada para gerar os gráficos deste papel.
- 5 Wordcloud – pacote para exibir as palavras mais usadas em corporas textuais, aqui provenientes de conversas em grupo do WhatsApp.

O resultado é visto na Figura 2, na relação entre Maquinações e Laminções como uma média dos quatro grupos analisados. Afirma-se



A Figura 3 expressa os modelos treinados e suas respectivas avaliações de quadros por laminações. Os tons laranjas representam a união semântica mais próxima da palavra **coronavírus** na visão dos autores, tons amarelos sobre política e tons cinzas de tratamento pessoal. O nome do presidente Bolsonaro teve relevância semelhante, em termos de frequência, às citações sobre o Ministro da Saúde (possivelmente Dr. Luiz Henrique Mandetta) que rompeu com o Presidente no início da pandemia. A palavra "auxílio" (azul-lilás), referindo-se a um programa de subsídios de custo distribuídos aos afetados pela crise, também aparece como a mais discutível das palavras lamináveis. Além disso, pode ser hipoteticamente implicado que os grupos não fizeram muitas referências a Bolsonaro, falando mais sobre laminações de saúde. Prediz-se, assim, que há uma certa tendência de ter sido analisado um grupo não ter uma ideologia discursiva de extrema direita.

**Figura 3:** Etiquetas de laminações



Fonte: Desenvolvida pelos autores.

Como não se pretende aqui explorar uma análise comparativa quantitativa ou qualitativa, mas sim focar nas possibilidades metodológicas em etapas, conforma ao estudo para a elaboração visual feita. No universo de mais de 1.100 mensagens trocadas em seis meses em quatro grupos, considera-se que não houve uma grande velocidade de troca de



## 5. Conclusão

Pequenos grupos de WhatsApp vinculam-se a determinadas ideias e deslocam funcionalidades ou disfuncionalidades em esferas de opinião pública. Ecoar estudos por uma análise de frames aplicados a estes grupos midiaticizados conforma esta investigação. Na busca de um quadro relevante, não à visão do programador, mas na forma da interação de um grupo midiaticizado, pouco se conclui por não ter associado enquadres qualitativos, mas caminhos são abertos. Sem vivenciar a experiência completa de interação, não usando uma etnografia midiática, é supostamente o chamado para estudos que se baseiem nas etapas metodológicas aqui descritas. O capítulo apresentou contrastes com a comparação relativamente à interação presencial e midiaticizada no prisma das ancoragens, os parênteses dos enquadres temáticos. Os grupos de jovens imigrantes africanos residentes no Brasil não ocupavam seu tempo debatendo literalmente sobre o coronavírus, mas, ao discuti-lo, mostraram uma preocupação sobre frames de política e do cotidiano educacional impactado pela pandemia do coronavírus. A pesquisa mostrou-se eficiente em relacionar elementos de NLProc aos marcadores de interação nas forças transformadoras das estruturas interacionais. Abre caminho para pesquisas com bem mais dados e uma perspectiva comparativa com maior lastro sobre quando considerar relevância.

A correlação entre os elementos que compõem ritualidade e vulnerabilidade de quadros de interação, por seus elementos excluídos e preservação do interior textual, a saber laminações (link, contatos, emails e símbolos) e maquinações (risos, pontuação e números), evidencia como a aplicação de NLProc pode proceder no tratamento de uma pureza e continuidade textual, mimese da oralidade. Os estudos de rede semântica interdiscursiva podem ponderar elementos excluídos dos cálculos de quantidade de caracteres de textos e líquidos para identificação de ancoragens de enquadramentos temáticos, frames

of relevance. Nos grupos analisados, o maior número de laminações atestou a presença de elementos maquináveis, como gargalhadas, pontuações (interrogações e exclamações) e números. Assim, padrões humanos de jogos representacionais, como "polidez" por risos, podem ser balizadores nas investigações futuras sobre supostas existência de bots (robôs) nestes tipos de grupos.

Após um ano da aplicação dos primeiros testes de NLProc à luz goffmaniana, constada neste primeiro estudo, Qualichat mostrou-se eficiente aos pesquisadores que não possuem instrumentos de análise de grande quantidade de dados. Laminações e maquinações continuam sendo cerne nas funcionalidades disponibilizadas, sendo forma de analisar elementos puramente textuais centrando-se em conteúdo semânticos. Destaca-se que as funcionalidades de levantamentos de notícias mais compartilhadas e as iminências planejadas de se detectar bots, presença de atores não-humanos em grupos de WhatsApp, está na agenda do pacote computacional gratuito.

## Referências

AJIBADE, P.; MUTULA, S. M. Big Data Research Outputs in the Library and Information Science: South African's Contribution using Bibliometric Study of Knowledge Production. **African Journal of Library, Archives & Information Science**, v. 30, n. 1, 2020.

AVERBECK-LIETZ, S. **Soziologie der Kommunikation: die Mediatisierung der Gesellschaft und die Theoriebildung der Klassiker**. [s.l.] Walter de Gruyter GmbH & Co KG, 2015a.

AVERBECK-LIETZ, S. Eliseo Verón leído desde la perspectiva de los estudios en comunicación alemanes: Semio-pragmática, comunicación e



investigación en mediatización. **Estudios: Centro d Estudios Avanzados**, n. 33, p. 151–164, 2015b.

BARANOW, U. G. Natural language processing for online applications; text retrieval, extraction and categorization. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, v. 9, n. 2, p. 94–99, 2004.

BUZATO, M. E. K. Dadificação, visualização e leitura do mundo: quem fala por nós quando os números falam por si? **Revista Linguagem em Foco**, v. 10, n. 1, p. 83–83, 2018.

CAVALCANTE, F.; HANKE, M. Ancoragens de interação em grupos mediatizados: proposta quantiqualitativa. **Comunicação, Mídia e Consumo**, v. 17, n. 50, p. P. 537-5, 8 dez. 2020.

CAVALCANTE, F. L. N. **Vínculos de ancoragens e enquadramentos temáticos: olhares itinerantes às interações mediatizadas em grupo**. Tese (Doutorado em Estudos da Mídia)—Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2019.

CHALLENGER-PÉREZ, I.; DÍAZ-RICARDO, Y.; BECERRA-GARCÍA, R. A. El lenguaje de programación Python. **Ciencias Holguín**, v. 20, n. 2, p. 1–13, 2014.

COULDRY, N.; HEPP, A. **The mediated construction of reality**. [s.l.] John Wiley & Sons, 2018.

DIVIANI, R. La producción temprana de Eliseo Verón: de la Revista CENTRO a LENGUAjes. 2019.

FAUSTO NETO, A. O conceito de recepção na obra de Eliseo Verón: 1968–2013. **Galáxia (São Paulo)**, n. 33, p. 63–76, 2016.

FORD, A.; VERÓN, E. Sobre experiencia y discurso. **Revista de Estudios Sociales**, n. 24, p. 33–37, 2006.

HEPP, A. **Deep Mediatization: Key Ideas in Media & Cultural Studies**. [s.l.] Routledge, 2019.

HEPP, A.; HASEBRINK, U. Human interaction and communicative figurations: The transformation of mediatized cultures and societies. **Mediatization of communication**, p. 249–272, 2014.

KROTZ, F. Media Logic and the Mediatization Approach: A Good Partnership, a Mésalliance, or a Misunderstanding? In: **Media logic (s) revisited**. [s.l.] Springer, 2018. p. 41–61.

TRAVERSA, O. El origen y el cambio en la obra de Eliseo Verón. **La Trama de la Comunicación**, v. 23, n. 2, p. 75–89, 2019.

VERÓN, E. Teoria da midiatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. **Matrizes**, v. 8, n. 1, p. 13–19, 2014.

# ***In Memoriam***



## Oscar Traversa, la voz impregnada en la letra

Gastón Cingolani

Cuando conocí a Oscar Traversa (probablemente, en 1994), su figura se adivinaba entre páginas de textos que leía, subrayaba y anotaba cuando yo era un joven estudiante de Comunicación lleno de intrigas. Traversa era solo un autor: un nombre sin rostro ni otra fuerza más que la elaboración fina y a la vez precisa de cuestiones sobre cine desde una perspectiva semiótica (Traversa, 1984). Poco después (1997), el autor se me apareció bajo la forma de unos Cuerpos de papel, análisis de las siluetas publicitarias que materializaban los puntos de apoyo sobre los que una sociedad montaba su confianza en productos de aseo personal, de embellecimiento o medicamentosos.

En ese momento, yYo ya estaba poseído por la semiótica y entonces fui en busca de más Traversa, así como fui por más Verón y más Steimberg. Esos autores, esos nombres-textos se corporizaron en voces, en clases y en gestos generosos también de acompañamiento y de conversación con sus estudiantes de Maestría, con intercambios tre-

مندamente inspiradores. Mi decisión de ir a conocerlos me premió: Verón fue mi director de tesis, y Traversa mi inolvidable evaluador. Recuerdo que la defensa se hizo en Rosario. Ellos me invitaron a viajar en el mismo auto que los trasladaba desde Buenos Aires ida y vuelta. El punto de partida era la casa de Oscar, donde me recibió en su estudio cuya biblioteca impactaba a cualquiera que tuviera la suerte de ser recibido por su conversación maravillosamente atenta. Compartimos unos mates antes de partir y ahí comenzó una relación de casi veinte años de conversaciones entre un maestro y su alumno.

Quise asegurarme de que la situación de encuentro con Oscar se pudiera repetir, incluso prolongar en el tiempo. Gracias a un amigo, me incorporé a su equipo de investigación. Pagaría lo que no tengo por poder volver a esas reuniones de trabajo, donde todos compartíamos lo que estudiábamos y Oscar acompañaba la escena como esos directores de orquesta que saben hacer surgir la mejor expresión de cada uno de los músicos. Esta situación se producía en los distintos espacios institucionales. Oscar era un extraordinario director de equipos (de investigación, de cátedras, de gestión universitaria), siempre enseñando a partir de lo que cada uno puede dar, con las virtudes y las limitaciones individuales intactas, sin forzar ni demorar las pulsiones.

Los encuentros en Japaratinga para los Pentálogos de Ciseco eran una hermosa oportunidad para las conversaciones con Oscar. Yo me sentía muy afortunado por compartir viajes en avión, esperas en aeropuerto, desayunos, cervejas e caipirinhas após palestras, cenas, envuelto en charlas con colegas y amigos argentinos, brasileños, latinoamericanos, europeos, y siempre Oscar. Se lo podía escuchar comentar sobre política, sobre economía regional, sobre comidas, sobre filmes, sobre experiencias aventureras, con la misma fruición y calidad humana que enhebraba al dirigir un equipo sin parecer jamás que lo estaba dirigiendo. ¿Qué hacía Oscar? ¿cuál era su magia? Nunca lo supe. Pero diría que una de sus destrezas era el manejo del tiempo. O, quizás

mejor: de la cadencia, del ritmo que organiza los intercambios, las escuchas, las pausas, y donde el marcador era su pensamiento conversacional, material y social a la misma vez.

En Japaratinga me regaló su último libro, *Inflexiones del discurso*. El tiempo de leerlo y releerlo me generó algo que no me había ocurrido antes con Traversa autor, quizás incluso con nadie más. Me costó descubrir (solo ahora puedo advertirlo) que, en realidad, lo leía con su voz. Lo escuchaba imaginariamente, como en esas conversaciones con él en las que el tiempo desaparecía como dimensión y todo se convertía en su pensamiento resonando mientras se desplegaban detalles, conexiones, iluminaciones. La voz impregnada en la letra, recién ahora lo veo: una curiosa manera de interpretar -memoria intercorporal y temporalizada mediante- la fantástica figura de los cuerpos de papel, de los dispositivos, de las inflexiones de su discurso.

**Gastón Cingolani**

8 de septiembre de 2021

Traversa, O. (1984). *Cine: el significante negado*. Buenos Aires: Edicial.

Traversa, O. (1997). *Cuerpos de papel. Figuraciones del cuerpo en la prensa, 1918-1940*. Barcelona: Gedisa.

Traversa, O. (2014). *Inflexiones del discurso*. Buenos Aires: Santiago Arcos.





## **Sobre os autores**

**Alejandra Do Santos** é Maestra en medio rural durante los años 1996 y 1997. En 1998 radico la efectividad en una escuela urbana en el turno matutino, comenzando a trabajar en doble turno en un colegio privado en la tarde. En el año 2005 la escuela en la que trabajo es nombrada "Habilitada de Práctica", comenzando mi profesionalización en dicha área. En el año 2007 realizo el curso de Maestros Adscriptores, que me permite al año siguiente efectivizarme en el área de Práctica, trasladando mi cargo a una escuela de contexto crítico. En el año 2010 comienzo a trabajar en ambos turnos en el sistema público. Concurso por Dirección de Escuelas de Práctica en el año 2016, logrando puntaje de efectividad, la cual radico en la subdirección de la Escuela de Práctica N° 8 "John F. Kennedy" de la ciudad de Paysandú-Uruguay, en la cual me desempeño actualmente como Directora desde el año 2018, trasladando mi efectividad a dicho cargo en el año 2020. Cargo que me habilita a desempeñar el rol de Profesora de la unidad Didáctica-Práctica en el Instituto de Formación Docente.

**Aline Weschenfelder** é Jornalista pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS e tem mestrado e doutorado em Ciências da Comunicação pela mesma Universidade. Atua na secretaria executiva do Centro Internacional de Semiótica e Comunicação – CISECO desde 2009.

**Ana Lúcia Medeiros** é Jornalista e pesquisadora, doutora em Comunicação (UnB/Université de Rennes-1); estudos pós-doutorais na Universidade Federal da Bahia. Autora dos livros “Sotaques na TV” (Anablume, 2006) e “Noticiador-Noticiado – Perfis de jornalistas numa sociedade em midiaticização” (Insular, 2015).

**Ana Paula da Rosa** é jornalista, mestre em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP) e doutora em Ciências da Comunicação pela Unisinos. Pós-doutora pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Atualmente é docente e coordenadora do PPG em Ciências da Comunicação da UNISINOS. Líder do grupo de Pesquisa Laboratório de Circulação, Imagem e Midiaticização (LACIM). E-mail [anaros@unisinos.br](mailto:anaros@unisinos.br)

**Angélica Lúcio** é Jornalista e poeta, com mestrado em Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e MBA em Gestão Empresarial pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). Jornalista concursada do Hospital Universitário Lauro Wanderley (HULW-UFPB), mantém uma coluna semanal no jornal A União.

**Antônio Albino Canelas Rubim** Pesquisador do CNPq e do Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura (CULT). Professor do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade (Pós-Cul-

tura) da Universidade Federal da Bahia. Ex-Presidente do Conselho Estadual de Cultura da Bahia. Ex-Secretário de Cultura da Bahia.

**Antônio Fausto Neto** é graduado em Jornalismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora (1972), mestre em Comunicação pela Universidade de Brasília (1977), doutor em Sciences de La Communication Et de L'information - Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales - França (1982) e estudos de pós-doutorado na UFRJ - RJ (1990). Pesquisador 1A do CNPq; membro do Comitê Científico do CNPq (área de comunicação); Consultor ad hoc: CAPES, CNPq, Fundação Carlos Chagas. Professor titular da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS); ex-professor na UFRJ, UFPb, UnB e PUC-Minas. Professor Colaborador do Mestrado Profissional em Jornalismo da UFPB Campus João Pessoa. Presidente do Centro Internacional de Semiótica e Comunicação (CISECO). Co-fundador da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação - Compós. Autor de livros "Mortes em derrapagem" (1991); "O impeachment da televisão" (1995); "Ensinando à TV Escola" (2001); "Desconstruindo os sentidos" (2001); "Lula Presidente - Televisão e política na campanha eleitoral" (2003); O mundo das mídias (2004).

**Antônio Heberlê** Possui graduação em Comunicação Social-Jornalismo pela Universidade Católica de Pelotas-UCPel (1982), mestrado em Comunicação Social pelo Instituto Metodista de Ensino Superior (1986) e doutorado pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2005). Desde 1986 é pesquisador da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, junto à Embrapa Clima Temperado, em Pelotas, onde desenvolve quatro projetos de pesquisa relacionados à transferência de tecnologia e comunicação. Professor da Universidade Católica de Pelotas desde 1988, ministra disciplinas de pesquisa, telejornalismo e semiótica. Dirigiu por duas oportunidades a Escola de Comunicação Social

da UCPel e por mais de 10 anos a Área de Comunicação Empresarial da Embrapa Clima Temperado. Atualmente dirige a TV Universitária (TV UCPel). Tem experiência na área de videodifusão e edição de jornal impresso. Suas áreas de interesse em pesquisa estão voltadas principalmente para os seguintes temas: jornalismo científico, divulgação científica, comunicação social e semiótica.

**Armando Silva** é PhD em Filosofia e Literatura Comparada pela Universidade da Califórnia. Autor de vários livros, entre eles: *Imaginários Urbanos* e *Family Photo Album*, ganhador do prêmio de melhor tese doutoral nas universidades da Califórnia (UMI, Califórnia, 1996). Também já foi convidado a participar de grandes eventos mundiais de arte e cultura como "Documenta 11 em Kassel", Alemanha (2002) publicando "Urban Imaginaires from Latin America" (Hatje Cantz, 2003); Bienal de São Paulo (2004); Bienal de Veneza (2006). Enquanto ensaísta, o investigador teoriza sobre arte contemporânea, urbanismo e meios. Também é Pesquisador Emérito da Universidade Nacional da Colômbia e Diretor do Doutorado em Estudos Sociais da Universidade Externado da Colômbia; e professor convidado em universidades da América e Europa. Várias de suas publicações tem tradução em inglês, português, italiano, francês e alemão.

**Bantu Mendonça Katchipwi Sayla** é sacerdote católico de Rito Romano. Graduado em Filosofia (1995) e em Teologia respectivamente pelo Seminário Maior do Bom Pastor, Benguela / Angola (1999); em Comunicação Social - Rádio e TV pela UNIFATEA, Lorena / SP (2009); possui especialização em Psicopedagogia e Psicomotricidade pela UNISAL, Lorena / SP (2008); é Psicanalista Clínico pelo Instituto de Educação Brasileira / SP (2014); Mestre em Ciências de Educação pela UNISUL, Tubarão / SC (2012). É doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale dos Sinos - UNISINOS (2020) e, doutorando

em Psicologia pela Universidad del Ciencias Empresariales y Sociales, Buenos Aires, Argentina. Atua nas seguintes áreas: Religião, Psicologia, Comunicação, Educação e Sociologia.

**Beatriz Quiñones Cely** é Doutora em Ciências da Informação e da Comunicação e Mestre em Meios pela Universidade de Paris 8; Especialista em Televisão pela Universidade Javeriana. Atua como professora associada na Universidad Nacional de Colombia (UNAL), junto ao Instituto de Estudios en Comunicación y Cultura (IECO). Fundadora e docente no Mestrado em Meios no IECO/Facultad de Ciencias Humanas. Atualmente é responsável pela formação do doutorado interdisciplinar em Comunicação e Imagem que reúne as Faculdades de Artes, Ciências, Engenharia, Economia, Ciências Humanas e Medicina da UNAL, sede Bogotá.

**Bianca Rosa** é jornalista, mestre em Comunicação e doutoranda em Ciências da Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (PPGCOM-Unisinos), inserida na linha de pesquisa MídiaTização e Processos Sociais. Sua experiência no campo da comunicação abrange as áreas de rádio, produção textual e mídias digitais e suas áreas de interesse como pesquisadora são crítica jornalística, ética e mídiatização.

**Camila Calado** é pós-doutora em Filosofia pela PUC-Rio, doutora e mestre em Comunicação e Cultura pela UFRJ. Atualmente, é pesquisadora de pós-doutorado da Escola de Comunicação da UFRJ e professora colaboradora do PPGCOM-UFPI.

**Catiane Rocha Passos de Souza** é Doutora pelo Programa Multidisciplinar em Cultura e Sociedade na Universidade Federal da Bahia (2017). Cursou Doutorado Sanduíche no PPGCOM da Unisinos - São Leopoldo – RS (2017). Mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (2012). Especialista em Língua Portuguesa (UESB), Especialista em Metodologia do Ensino Superior (FACE). Graduada em Letras pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (2004). É professora do Departamento de Linguagens do Instituto Federal da Bahia (IFBA) - Campus Salvador. Tem livro, capítulos de livro e artigos publicados nos temas: religião, humor, mídia e moral. Pesquisadora e líder do Grupo de Pesquisas em Educação, Cultura e Processos Sociais (GPEC) [catirochapassos@gmail.com](mailto:catirochapassos@gmail.com).

**Claudia Bernard** é professora titular no curso de Serviço Social, é coordenadora de Pesquisa em Pós-Graduação no Departamento de Estudos Sociais, Terapêuticos e Comunitários da Goldsmiths University of London, Reino Unido. Autora de artigos e livros sobre interseccionalidade, a pesquisadora é referência em sua área, principalmente na articulação gênero, raça e classe. Bernard lançou recentemente o livro *Intersectionality for Social Workers: Theory and Practice for a Super-Diverse Society* pela editora Routledge.

**Demétrio de Azeredo Soster** é pós-doutor pela Unisinos. Organizador de 13 obras acadêmicas nas áreas de Comunicação e Letras e autor de outras 11 na área de literária. Coordena a Rede de Pesquisa em Narrativas Midiáticas Contemporâneas (Renami), ligada à SBPJor. É diretor-editorial da Editora Catarse. Sua pesquisa se divide entre os eixos de Midiatização, Jornalismo e Narrativas.

**Deriky Pereira** é Graduado em Jornalismo pela Universidade Federal de Alagoas (2016). Entre os meses de março de 2012 e abril de 2016, foi bolsista na Assessoria de Comunicação (Ascom) da mesma instituição, com a produção de matérias para os portais da Universidade, edição e revisão dos textos, além de clipping e mensuração de resultados. Tem passagem pela Superintendência Municipal de Transportes e Trânsito (SMTT) de Maceió, também na área de Assessoria de Comunicação e realizou algumas colaborações para o portal de notícias Natelinha/UOL. É bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (Fapeal), atuando como editor-chefe da Fapeal em Revista desde dezembro de 2017.

**Édison Gastaldo** é antropólogo, nascido em Porto Alegre, 1965. Graduado em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda (UFRGS, 1992), Mestre em Antropologia Social (UFRGS, 1995), Doutor em Multimeios (Unicamp, 2000) e com pós-doutorados na Universidade de Manchester (2001) Museu Nacional UFRJ (2009) e Universidade de Macau (2018/2019). Foi Professor da Unisinos (1995-2010), UFRRJ (2010-2014) e desde 2014 é docente e pesquisador no Centro de Estudos de Pessoal e Forte Duque de Caxias, no Rio de Janeiro. Autor dos livros “Pátria, Chuteiras e Propaganda: o brasileiro na publicidade da Copa do Mundo” (AnnaBlume/Unisinos, 2002), “Erving Goffman, desbravador do cotidiano” (Tomo Editorial, 2004), “Nações em Campo: Copa do Mundo e identidade nacional” (com Simoni Guedes, Intertexto, 2006) “Publicidade e Sociedade: uma perspectiva antropológica” (Sulina, 2013), Etnometodologia & Análise da Conversa” (com Rod Watson, Vozes, 2015) e “Copa do Mundo 2014” (com Ronaldo Helal, Lamparina, 2017).

**Fábio Fonseca de Castro** é Doutor em Sociologia. Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia (PP-GCOM/UFFPA) e do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará. Professor da Faculdade de Comunicação da UFFPA. Email: fabio.fonseca.decastro@gmail.com.

**Felícia Maria Romeiro Mota Silva** é licenciada em Letras pela UNEB e Doutora em Linguística pela UNB, atualmente é professora da UFOB, onde atua no ensino, em pesquisas com os temas: Letramento Acadêmico; Discursos, Identidades e Mídia e em projetos de extensão voltados à arte e educação; também faz parte do Núcleo de Estudos Discursivos do Oeste da Bahia – NEDOB.

**Fernando Luiz Nobre Cavalcante** é investigador de pós-doutoramento no Departamento de Linguística Aplicada da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Brasil. Cavalcante trabalha com interações em grupos midiáticos aplicando técnicas de Processamento de Linguagem Natural (NLProc). É o criador do Qualichat, um pacote de programação disponível em Python para análise de quadros de interação em grupos WhatsApp. Cavalcante investiga temas relacionados à midiatização profunda, enquadramentos temáticos e opinião pública sobre políticas na América Latina centrando-se no interacionismo simbólico de grupos midiáticos. É fundador do Ernest Manheim Laboratório de Opinião Pública. Em 2020, foi Pesquisador Visitante do ZeMKI na Universidade de Bremen (Alemanha) e no Max Kade Center na Universidade de Kansas (EUA) em 2018.



**Gastón Cingolani** es Doctor de la Universidad de Buenos Aires (especialidad Lingüística), Magister en Diseño de Estrategias en Comunicación por la Universidad Nacional de Rosario (UNR), y Licenciado en Comunicación Social por la Universidad Nacional de La Plata (UNLP). Es profesor de grado y posgrado em comunicación, semiótica y medios en el Área Transdepartamental de Crítica de Artes, Universidad Nacional de las Artes (UNA), en la Facultad de Periodismo y Comunicación Social (UNLP), y en la Universidad de San Andrés (UdeSA). Es Director del Instituto de Investigación y Experimentación en Arte y Crítica (IIEAC, UNA) y desde 2007 dirige proyectos de investigación sobre mediatización y experiencia estética. Publicó como editor el libro *Discursividad Televisiva* (EduLP, 2006), además de numerosos artículos en publicaciones periódicas y libros.

**Gilson Luiz Piber da Silva** é Doutor em Ciências da Comunicação pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), de São Leopoldo. Mestre em Ciências da Linguagem pela Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul), de Tubarão. Jornalista concursado da Coordenadoria de Comunicação Social da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), com lotação no Núcleo de Rádios (Universidade AM e UniFM). Foi professor por 15 anos do curso de Jornalismo, da Universidade Franciscana (UFN), nas áreas de rádio, jornalismo esportivo e jornalismo comunitário. É autor de *Análítica da midiatização esportiva: estratégias discursivas das colunas/istas Juca Kfoury e Tostão sobre a Copa do Mundo de 2014* na Folha de São Paulo. Com Tiago Nunes, escreveu *Migração no Rádio - No ar, Imembuí FM!* e, com Sergio Carvalho, *O futsal em Santa Maria - Fragmentos históricos*. E-mail: gpiber@gmail.com.

**Giovana Borges Mesquita** é Professora adjunta do curso de Comunicação Social do CAA-UFPE e do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Vice-coordenadora do PPGCOM /UFPE. Integrante dos Grupos de Pesquisa Jornalismo e Contemporaneidade (UFPE), Rádio e Política no Maranhão (UFMA), Grupo de Estudos em Convergência e Narrativas Audiovisuais (UFRN), Jornalismo Audiovisual (UFSE). Coordena os projetos de extensão "Radionovela: literatura nas ondas do rádio", "Solte Sua Voz: os invisíveis midiáticos". É vice-coordenadora do projeto "Rádio Cordel: na frequência do Agreste". Doutora em Comunicação (UFPE), com estágio doutoral na Universidade Pompeu Fabra, em Barcelona.

**Gustavo Said** é doutor em Ciências da Comunicação pela Unisinos, Mestre em Comunicação e Cultura pela UFRJ, professor do mestrado em Processos Midiáticos da UFPI e coordenador do Grupo de Pesquisas e Estudos em Comunicação, Identidades e Subjetividades.

**Ivone de Lourdes Oliveira** é Professora adjunta do Departamento de Comunicação Social da PUC-Minas e do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social. Pós-doutorado pela Université Paul Sabatier Toulouse, França. Doutora em Comunicação e Cultura pela UFRJ. Líder do Grupo de Pesquisa Dialorg- Comunicação no Contexto Organizacional: aspectos teórico-conceituais (PUC Minas/CNPq). Coordenadora do GT Comunicação, ética e alteridades em processos relacionais de subjetivação e conflitos no ambiente organizacional da ABRAPCORP - Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação Organizacional e Relações Públicas. E-mail: [ivonepucmg@gmail.com](mailto:ivonepucmg@gmail.com)

**João Vicente Lima** possui graduação e mestrado em Sociologia pela Universidade de Brasília e doutorado na mesma área pela Federal do Ceará. É pesquisador na confluência entre as Sociologias Ambiental, Econômica e do Desenvolvimento Humano e Sustentável. Coordenou os programas de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Federal de Santa Maria e da Pós em Sociologia da Ufal, de onde também é docente. Desde 2015 atua como diretor científico de Ciência, Tecnologia e Inovação da Fundação de Amparo à Pesquisa de Alagoas (Fapeal) e de 19 de outubro de 2020 a 3 de maio de 2021 esteve como diretor-presidente interino da fundação.

**José Luiz Braga** é Professor Titular no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos desde 1999. É Pesquisador PQ 1A do CNPq. Doutor pela Université de Paris II, Institut Français de Presse. Mestre em Educação pela Florida State University (1972). Especialização em Ciências Políticas pela Université de Toulouse, França (1965) e em TV Educativa, Produção e Direção de TV pelo Instituto de Pesquisas Espaciais (INPE, 1970). Graduado em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Vale do Paraíba (1962). Foi professor na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e na Universidade de Brasília (UnB). Foi presidente da Compós, gestão 1993-95. Coordenou o PPG em Ciências da Comunicação da Unisinos (2002-2004). Áreas de interesse: métodos de pesquisa em comunicação; crítica mediática; midiaticização e processos sociais.

**Laura Guimarães Corrêa** é professora associada no Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais e docente permanente no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFMG. Doutora em Comunicação pela mesma instituição, fez pós-doutorado na LSE, Reino Unido. É líder do CORAGEM (Grupo de Pesquisa em Comunicação, Raça e Gênero da UFMG), desde 2018.

Integra a diretoria do CISECO desde 2014. É patrona da associação Black British Academics desde 2020. Coorganizou os livros “Mídia, Instituições e Valores” (Autêntica, 2012) e “A rua no século XXI: materialidade urbana e virtualidade cibernética” (Edufal, 2014). É organizadora do livro “Vozes negras em comunicação: mídia, racismos, resistências” (Autêntica, 2019). Pesquisa, orienta e publica principalmente sobre os temas: comunicação visual, raça, gênero, interseccionalidade, intervenções urbanas, publicidade.

**Lucrecia Escudero Chauvel** es PHD en Semiotica, profesora de Teoria de la Comunicación en la Universidad de Lille3 y directora de deSignis, la revista de la Federación Latinoamericana de Semiotica. Actualmente es investigadora asociada del CERMA MOAM dela EHESS y del laboratorio LAPREC de la Universidad Autonoma de Barcelona.

**Luiz Artur Ferraretto** é Doutor e mestre em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), de Porto Alegre, mesma instituição onde atua como professor no curso de Jornalismo e no Programa de Pós-graduação em Comunicação. Responsável pelo Núcleo de Estudos de Rádio, grupo de pesquisa certificado pela UFRGS junto ao CNPq. Autor dos livros Rádio – O veículo, a história e a técnica, Rádio no Rio Grande do Sul (anos 20, 30 e 40), Rádio e capitalismo no Rio Grande do Sul: as emissoras comerciais e suas estratégias de programação na segunda metade do século 20 e Rádio – Teoria e prática. Com Elisa Kopplin Ferraretto, escreveu Técnica de redação radiofônica e Assessoria de imprensa – Teoria e prática e, com Fernando Morgado, Covid-19 e comunicação, um guia prático para enfrentar a crise e Dez passos para o ensino emergencial no rádio em tempos de covid-19. E-mail: luiz.ferraretto@ufrgs.br.

**Luiz Felipe Stevanim** é Doutor em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Jornalista (UFJF) e editor do Programa Radis – Comunicação e Saúde, vinculado à Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (ENSP/Fiocruz). Também possui mestrado em Comunicação UFRJ. Integrante do Grupo de Pesquisa em Economia e Políticas da Informação e da Comunicação (PEIC/UFRJ). É professor permanente da Especialização em Informação Científica e Tecnológica em Saúde (ICTS) do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (Icict/Fiocruz) e professor convidado da Especialização em Comunicação e Saúde (C&S) do mesmo instituto. E-mail: [lfstevanim@gmail.com](mailto:lfstevanim@gmail.com)

**Luiz Marcelo Robalinho Ferraz** é Professor Adjunto do Curso de Jornalismo do Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Arte da Universidade Federal de Alagoas (Ichca-UFAL), doutor em Informação e Comunicação em Saúde da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz-RJ), com estágio doutoral no Centre d'Analyse du Discours/Université Paris XIII, e-mail: [marcelo.robalinho@ichca.ufal.br](mailto:marcelo.robalinho@ichca.ufal.br).

**Magali do Nascimento Cunha** é Doutora em Ciências da Comunicação com estágio pós-doutoral em Comunicação Política. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Comunicação e Religião da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM), pesquisadora do Instituto de Estudos da Religião (ISER) e editora-geral do Coletivo Bereia – Informação e Checagem de Notícias.

**Manoella Neves** é professora adjunta da Universidade Federal de Alagoas, nos cursos de relações públicas e jornalismo. Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Mestrado em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do

Rio Grande do Sul. Graduação em Relações Públicas pela Universidade Federal de Alagoas. Líder do Grupo de Estudos em Relações Públicas (GERP).

**Manuela Callou** é professora da Universidade Federal de Alagoas – Ufal, do curso de Relações Públicas. Possui graduação em Comunicação Social - Hab. Relações Públicas pela Universidade Católica de Pernambuco (2000), mestrado em Ciências da Comunicação e Jornalismo pela Universitat Autònoma de Barcelona (2008) e doutorado em Jornalismo e Ciências da Comunicação também pela Universitat Autònoma de Barcelona (2010). É Coordenadora do Curso de Graduação de Relações Públicas da Ufal, Coordenadora do Projeto de Extensão “Bureau de Comunicação Comunitária on-line no combate à Covid-19” e Coordenadora da Agência Experimental de Relações Públicas – Agerp, além de ter pesquisas na área de comunicação, saúde e cidadania do Grupo de Estudos em Relações Públicas-CNPQ.

**Marcelli Alves** é Doutora em Comunicação pela Universidade de Brasília – UnB. Professora adjunta do curso de graduação em Jornalismo na Universidade Federal do Maranhão – UFMA e professora permanente no mestrado em Comunicação na mesma instituição. Participa dos Grupos de Pesquisa GCiber/ UFMA e do grupo Ciberjornalismo/ UFMS. E-mail: [Alves.marcelli@yahoo.com.br](mailto:Alves.marcelli@yahoo.com.br)

**Marcelo El Khouri Buzato** é professor livre-docente do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp e bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq. Possui mestrado (2001) e doutorado (2007) em Linguística Aplicada pela Unicamp. Realizou estágio pós-doutoral na Universidade da Califórnia - San Diego (2015). É membro do grupo de trabalho de Linguagens e Tecnologias da Associação Nacional de Pós-

-graduação em Letras e Linguística do Brasil. Coordenou o Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Unicamp (2017-2021). Lidera o grupo de pesquisa LiTPos - Linguagens, Tecnologias e Pós-humanismo/humanidades da Unicamp/CNPq.

**Marco Antônio de Oliveira Tessarotto** é Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) na área de concentração da Mídia e Processos Sociais (2021); é Mestre em Sociologia da Mídia pela Universidade Federal da Paraíba (2009); Especialista em Gestão Escolar pelo SENAC/SP e graduado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Estadual da Paraíba (2006). Possui experiência em projetos educacionais de correção de fluxo e atuou na condição de tutor virtual a distância no Curso de Aperfeiçoamento de EJA na Diversidade - UFPB/Virtual (2014-2015). Lecionou Filosofia, Sociologia e Língua Inglesa no Ensino Fundamental e Médio pela Secretaria de Estado da Educação e da Cultura do Rio Grande do Norte (2010-2012). Tem atuado nas áreas de Comunicação e Sociologia para as mídias com ênfase nos estudos de impactos midiáticos em comunidades tradicionais.

**Marcos Fábio Belo Matos** é Pós-doutor em Comunicação pela Unisinos, professor associado do Curso de Jornalismo e colaborador do mestrado em Comunicação, ambos da Ufma Imperatriz. Vice-coordenador do Grupo de Pesquisa em Linguagem, Discurso, Mídia e Educação (LIDIME) e membro do Núcleo de Estudos em Estratégias de Comunicação (NEEC). Autor de várias obras, nos campos da literatura e comunicação, entre elas: "...e o cinema invadiu a Atenas: a história do cinema ambulante em São Luís (1898 a 1909)", ganhadora do Concurso Literário e Artístico Cidade de São Luís (2001), publicada em 2002 e de "Ecos da Modernidade: uma análise de discurso sobre o cinema ambulante em São Luís", publicada em 2016, com apoio da Fapema.

**Maria Aline Fidelis de Moura** é professora da Universidade Federal de Alagoas - Ufal, do curso de Farmácia. Possui graduação em Farmácia/Bioquímica, pela UFAL (2003); Mestrado em Química e Biotecnologia pela UFAL, com estágio junto ao PPG em Química/UNICAMP e Doutorado em Ciências (2008), pela UFAL, com estágio junto ao PPG em Farmacologia/UFC. É Docente do Programa da PósGraduação em Ciências Farmacêuticas da UFAL, modalidade Mestrado, além de ser Coordenadora do Programa Centro de Informações Toxicológicas da UFAL, líder do Grupo de Pesquisa em Toxicologia - GPTox (CNPq/PRO-PEP/UFAL) e Coordenadora do Laboratório de Toxicologia do Instituto de Ciências Farmacêuticas da UFAL.

**Maria Aparecida Moura** é professora titular da UFMG, é doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, tem pós-doutorado em Semiótica Cognitiva e Novas Mídias pela Maison des Sciences de L'Homme (França), atuando nos programas de pós graduação em Comunicação Social e Ciência da Informação, É pesquisadora documentarista das culturas digitais e tradicionais, sendo também integrante do Coragem, grupo de pesquisa em Comunicação, Raça e Gênero da UFMG. Dirige a Universidade dos Direitos Humanos, ligada à PROEX-UFMG.

**Maria Devanir Freitas Rodrigues Heberlê** é Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade Vale do Rio do Sinos (UNISINOS), na área de concentração Processos Midiáticos (2015); Especialista em Relações Internacionais pela Universidade Católica de Brasília (2008) e possui graduação em Jornalismo pela Universidade Católica de Pelotas (1983). Atualmente, é jornalista na Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) desde 1997. Tem experiência em jornalismo científico se dedicando à divulgação científica. Foi assessoro de imprensa em Comunicação para o Desenvolvimento de projetos em Co-



operação Técnica para países em desenvolvimento na área de Comunicação Internacional, atuando em diversas secretarias e parcerias, a exemplo da Agência Brasileira de Cooperação do Ministério das Relações Exteriores (ABC) e a Agência Americana de Cooperação (USAID). Foi editora do jornal Folha da Embrapa e supervisora de Divulgação Interna (intranet) responsável pela cobertura jornalística de eventos internacionais da Embrapa. Atualmente, é colunista no site Inconformidades ([www.inconformidades.com](http://www.inconformidades.com)) que reflete sobre o ser mulher na contemporaneidade.

**Maria José Soares Béchade** é Jornalista, mestre em Ciências Jurídicas/Direitos Humanos, com experiência em redação de jornais impressos, TV e assessoria de imprensa e comunicação. É uma das organizadoras do livro "Isolamento Social: Relato de Mulheres Jornalistas" (CCTA, 2021).

**Moisés Sbardelotto** é Mestre e doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), com estágio doutoral (bolsa PDSE/Capes) na Università di Roma "La Sapienza", na Itália, e estágio pós-doutoral (bolsa Fapergs/Capes) na Unisinos. Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É membro do Grupo de Reflexão sobre Comunicação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (Grecom/CNBB) e, desde 2008, colaborador do Instituto Humanitas Unisinos (IHU). É autor de "Comunicar a fé: por quê? Para quê? Com quem?" (Vozes, 2020). E-mail: [m.sbar@yahoo.com.br](mailto:m.sbar@yahoo.com.br).

**Nick Couldry** é professor titular de Mídia, Comunicação e Teoria Social no Departamento de Mídia e Comunicações da London School of Economics and Political Science. Ele aborda a mídia e a comuni-

cação a partir da perspectiva do poder simbólico que historicamente se concentrou nas instituições midiáticas. Sua análise da mídia como “prática” tem sido amplamente influente. Nos últimos sete anos, seu trabalho tem se concentrado cada vez mais em questões de dados e ética, política e as profundas implicações sociais do Big Data. Ele é autor ou editor de 15 livros e muitos artigos em periódicos e capítulos de livros. Cofundador do site Tierra Común, que estimula a criação de redes com e entre acadêmicos e ativistas latino-americanos interessados no colonialismo de dados.

**Oswaldo Meira Trigueiro** é professor doutor Associado (aposentado) e Pesquisador do Departamento de Comunicação e Turismo da Universidade Federal da Paraíba, onde também atua como Professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Tem Graduação em Jornalismo pela Universidade Católica de Pernambuco; é Mestre em Comunicação Rural pela Universidade Federal Rural de Pernambuco; e Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. É especialista em Etnomusicologia y Folklore, pelo Instituto Interamericano de Etnomusicologia y Folklore – INIDEF/O.E.A, em Caracas Venezuela; e também em Política Cultural: formação de recursos humanos em política e administração cultural/Fundação Nacional Pró-Memória/FUNARTE/UFPB/O.E.A. Presidente de Honra da Rede de Estudos e Pesquisa em Folkcomunicação/REDE FOLKCOM. Diploma Jubileu de Prata pelos 25 anos de contribuição para o fortalecimento da INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Intercapilares de Comunicação. Membro Diretor da Comissão Nacional de Folclore e Presidente de Honra da Comissão Paraibana de Folclore.

**Paulo Henrique Leal Soares** é Doutorando em Administração da PUC Minas, Mestre em Comunicação Social pela PUC Minas. Diretor de Comunicação do Instituto Brasileiro de Mineração - Ibram. Professor de Comunicação nos cursos de pós-graduação lato sensu. Coautor do livro "Sem megafone, com smartphone – práticas, desafios e dilemas da comunicação com empregados". Está entre os "100 Comunicadores Mais Influentes do Mundo" segundo o PRovoke (The Holmes Report) por seis anos consecutivos (2015 – 2020). É Faculty Member do Centre for Strategic Communication Excellence (CSCE) baseado na Austrália. E-mail: Paulo.soares@ibram.org.br

**Pedro Gilberto Gomes** Possui graduação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1973), especialista em Teologia pela Pontifícia Universidad Católica de Santiago, mestrado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (1987) e doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (1991). Atualmente é Vice-reitor e professor titular da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Jornalismo e Editoração, atuando principalmente nos seguintes temas: comunicação, comunicação cristã, comunicação, cultura e mídia. Membro e Presidente do Conselho Superior da FAPERGS (Fundação de Amparo à Pesquisa do estado do Rio Grande do Sul. Exerce o cargo de Vice-Reitor da Unisinos e é Diretor da Editora da mesma Universidade.

**Pedro Russi** és Doctor y Magister en Comunicación UNISINOS-Brasil, Postdoctorado en Filosofía Universidad de Navarra-España; Licenciado en Ciencias de la Educación; Docente e Investigador, Profesor Agregado Grado 4 en la Universidad de la República (UDELAR-Uruguay); Investigador Asociado Nivel 1 – Sistema Investigadores Agencia Nacional de Investigadores en Uruguay; Director del CISECO, Profesor en Postgra-

do-Comunicación/Universidad de Brasilia (UnB) en la línea de Investigación «Imagen, Estética y Cultura Contemporánea», y en Graduación de la Facultad de Comunicación / UnB; Coordinador del Grupo METICs (Modos Epistemológicos, Teorías Interdependientes y Complejidad Social) UDELAR / Grupo Integrante de la Red AMERICA LATINA; Coordinador del NESECOM (Núcleo de Estudios de Semiótica en Comunicación);| Áreas de Actuación como docente, investigador y publicaciones de artículos científicos, capítulos y libros: Intervenciones Urbanas, Semiótica, Procesos Comunicacionales, Epistemología, Latinoamérica.

**Ricardo Zimmermann Fiegenbaum** é Doutor e Mestre em Ciências da Comunicação – Processos Midiáticos pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos (2010/2006). Graduado em Comunicação Social - Habilitação Jornalismo pela mesma Universidade (1994). Docente do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas desde 2010, onde atua especialmente nas disciplinas de radiojornalismo, jornalismo esportivo e processos editoriais. É Coordenador do Grupo de Pesquisa Discurso e Práticas Sociais Mediatizadas e tem como temas de estudo a mediação e dispositivos e processos midiáticos relacionados às operações sociodiscursivas de produção e circulação de sentidos que envolvem o jornalismo, instituições não midiáticas e atores individuais.

**Rocco Mangieri:** Arquiteto e semiólogo (Univesita di Bologna). Ele estudou semiótica geral e semiótica das artes com U. Eco, O. Calabrese e P. Fabbri. Doutorado em Ciências Sociais e Filologia (Universidad de Murcia). Bolsista da Universidade de Urbino. Membro da Staff do IASS e FELS. Membro do CISECO. Ele dirige o laboratório de semiótica e socioantropologia da Universidad de Los Andes. Atualmente é professor visitante da Universidad de Modena (Reggio Emilia). Muitos de seus textos estão disponíveis em academia.edu

**Rodrigo Murtinho** é Doutor em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Pesquisador do Laboratório de Pesquisa em Comunicação e Saúde (Laces) e Diretor do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica da Fundação Oswaldo Cruz (Icict/Fiocruz), onde também exerceu, entre 2013 e 2017 a vice-Diretoria de Informação e Comunicação do ICICT. Produtor editorial (UFRJ), também possui mestrado pela UFF. Professor permanente do curso de Especialização em Comunicação e Saúde (C&S/ICICT/Fiocruz). Integrante dos Grupos de Pesquisa do CNPq Comunicação e Saúde (Fiocruz) e Políticas e Economia da Informação e da Comunicação (PEIC/UFRJ). Participa do Grupo de Trabalho de Comunicação e Saúde, da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (GTCom/Abrasco). Atualmente, coordena o projeto Proteção de dados pessoais nos serviços de saúde digital, o Portal Porto Livre e a Coleção Memória Viva. E-mail: rodrigo.murtinho@icict.fiocruz.br

**Rosaly de Seixas Brito** é Doutora em Ciências Sociais/Antropologia. Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM/UFPA) e da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Pará. Email: [rosaly@ufpa.br](mailto:rosaly@ufpa.br).

**Rosane Borges** é doutora em Ciência da Comunicação pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, pesquisadora do COLABOR - USP e atua como articulista da Revista Carta Capital Digital e do Site Jornalistas Livres. É coorganizadora de Espelho Infiel: O Negro no Jornalismo Brasileiro; autora do perfil do biográfico Sueli Carneiro; de Mídia e Racismo; e de Esboços de um tempo presente. Borges é jornalista e tem forte presença nas redes sociais, onde analisa questões contemporâneas. É conselheira de honra do Conselho Internacional Reinventando a Educação.

**Sergio Dayrell Porto** é mineiro de Belo Horizonte, nascido em 01/02/1941. Bacharel em Direito pela UFMG, Mestre em Comunicação pela UnB, Phd. em Comunicação pela McGill University, Montreal, Canadá, com estágio sênior no CNRS – Centre National de la Recherche Scientifique, Paris, França. Professor Titular e Emérito da Universidade de Brasília, ex-diretor e ex-coordenador do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação da UnB. Ex-pesquisador 1-A do CNPq e ex-consultor ad-hoc da Capes-MEC. Autor do romance 'A volta do capitão florzinha', editora Rio Fundo, Rio de Janeiro, 1991 – Menção honrosa da Secretaria de Estado da Cultura do Paraná. Co-autor com Maurice Mouillaud, e organizador de 'O Jornal – da forma ao sentido, Editora UnB, 3ª, edição, 2012. Autor do livro 'A nova opulência das Geaes', Editora Cortez, 1982.

**Sergio Endler** é jornalista, nascido em Porto Alegre, 1955. É graduado em Comunicação Social – Jornalismo Audiovisual (UFRGS, 1982). Desde 1986, é professor no Curso de Comunicação Social na Unisinos. É doutor pela mesma instituição, com pesquisa sobre a Rádio Continental, juventude e cultura em Porto Alegre. É Mestre em Teoria da Literatura pela PUC/RS, com pesquisa sobre jornalismo literário e Lima Barreto. Tem publicado textos sobre Teoria da Comunicação, Rádio e Esporte. É autor de biografia sobre jogador Tesourinha, pela editora Tchê/RBS. Trabalhou nas Rádios Gaúcha, Guaíba, Band e Sucesso. E nos jornais Zero Hora e Correio do Povo. Foi colaborador do Caderno Ideias do Jornal do Brasil. É um dos mentores da Rádio Estação Democracia, em Porto Alegre.

**Sheila Borges de Oliveira** é Professora adjunta do curso de Comunicação Social, do Núcleo de Design e Comunicação, do Centro Acadêmico do Agreste (CAA), da UFPE. Jornalista, publicitária, especialista em História Contemporânea, mestra em Comunicação e doutora em

Sociologia. Integrante dos grupos de pesquisa Laboratório de Análise de Imagem e Som do Agreste (Laisa) e Sociedade, Cultura e Comunicação, ambos da UFPE. Desenvolve pesquisas e projetos nas áreas de mídias digitais, redes sociais, mídias sonoras, política e sociologia. É coordenadora do projeto Rádio Cordel: na frequência do Agreste e vice-coordenadora do projeto Radionovela: literatura nas ondas do rádio. É vice-coordenadora do laboratório Observatório da Vida Agreste.

**Silvia Ramirez Gelbes** é professora e diretora do Mestrado em Jornalismo na Universidade de San Andrés e professora adjunta em Filosofia e Letras na Universidade de Buenos Aires. Doutora em Linguística, tem várias publicações científicas em revistas nacionais e internacionais como "Romanische Forschungen", "Estudios Filológicos", "Analec-ta Malacitana", "Espacios Nueva Serie", entre outras. Também é autora de "Cómo escribir un paper"

**Tiago Quiroga** é Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília (UnB). Linha de Pesquisa: Imagem, Estética e Cultura Contemporânea. E-mail: [tiagoquiroga109@gmail.com](mailto:tiagoquiroga109@gmail.com).

**Viviane Borelli** é Professora associada do Departamento de Ciências da Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Realizou estágio pós-doutoral (2016) com bolsa Capes na Universidade Nova de Lisboa. Doutora em Ciências da Comunicação pela UNISINOS, mestra em Ciência do Movimento Humano e jornalista pela UFSM. Coordena o projeto de pesquisa "A circulação discursiva no contexto de midiatização da sociedade". É autora de "Mídia e religião: entre o mundo da fé e do fiel" (E-Papers, 2010). E-mail: [viviane.borelli@ufsm.br](mailto:viviane.borelli@ufsm.br).

**Wilson Couto Borges** é Doutor em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Pesquisador em Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz. Coordenou o Laboratório de Pesquisa em Comunicação e Saúde (Laces/ICICT/Fiocruz) entre os anos de 2013 e 2017, do qual também faz parte do grupo de pesquisadores. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Informação, Comunicação e Saúde do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde/Fundação Oswaldo Cruz (PPGICS/ICICT/Fiocruz), o qual também coordenou entre os anos de 2018 e 2020. Jornalista, especialista em História do Brasil e mestre em Ciência Política, também pela UFF. É pesquisador associado ao Grupo de Pesquisa Laboratório Cidade e Poder (LCP/UFF) e vice-líder do Grupo de Pesquisa Núcleo de Estudos em Comunicação, História e Saúde (Nechs/Fiocruz). E-mail: [wilson.borges@icict.fiocruz.br](mailto:wilson.borges@icict.fiocruz.br)







## SOBRE O LIVRO

---

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO

*Arão de Azevêdo Souza*

CAPA

*Alejandra Suárez - Universidad de la  
República - UdelaR, CENUR - Litoral  
Norte, Sede Paysandú, Uruguay*

TIPOLOGIAS UTILIZADAS

*Zila Slab 11 pt*

